UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA – UNESP

Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas

Campus de São José do Rio Preto

Ana Ligia Scaldelai Salles

EXPRESSÕES IDIOMÁTICAS INTENSIFICADORAS DE BASE CORPORAL NO PORTUGUÊS BRASILEIRO E NO PORTUGUÊS EUROPEU SOB A PERSPECTIVA CONSTRUCIONAL

São José do Rio Preto
2025

Ana Ligia Scaldelai Salles

Expressões idiomáticas intensificadoras de base corporal no português brasileiro e no português europeu sob a perspectiva construcional

Tese apresentada à Universidade Estadual Paulista (UNESP), Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, Campus de São José do Rio Preto, para obtenção do título de Doutora em Estudos Linguísticos.

Área de Concentração: Análise Linguística

Orientador: Prof. Dr. Edson Rosa Francisco de Souza

São José do Rio Preto
2025

S281e

Scaldelai Salles, Ana Ligia

Expressões idiomáticas intensificadoras de base corporal no português brasileiro e no português europeu sob a perspectiva construcional / Ana Ligia Scaldelai Salles. -- São José do Rio Preto, 2025

415 p. : il., tabs.

Tese (doutorado) - Universidade Estadual Paulista (UNESP), Instituto de Biociências Letras e Ciências Exatas, São José do Rio Preto

Orientador: Edson Rosa Francisco de Souza

1. expressões idiomáticas. 2. português brasileiro. 3. português europeu. 4. corpo humano. 5. metáfora. I. Título.

Sistema de geração automática de fichas catalográficas da Unesp. Dados fornecidos pelo autor(a).

IMPACTO POTENCIAL DESTA PESQUISA

Esta tese apresenta um impacto potencial relevante nos âmbitos científico, pedagógico e sociocultural. No plano teórico-descritivo, ao articular a Fraseologia e a Abordagem Construcional na análise de expressões idiomáticas intensificadoras de base corporal no português brasileiro e no português europeu, o estudo contribui para o aprofundamento da compreensão sobre os mecanismos cognitivos, semânticos e pragmáticos envolvidos na intensificação linguística, bem como para o mapeamento sistemático de padrões construcionais e de suas redes de relações. No âmbito pedagógico, os resultados podem subsidiar práticas de ensino de língua materna e de línguas adicionais mais sensíveis ao uso real da língua, à variação e à expressividade idiomática, favorecendo uma abordagem que integre gramática, léxico e discurso. Já no plano sociocultural, ao evidenciar semelhanças e assimetrias entre o português brasileiro e europeu, a pesquisa contribui para reflexões mais amplas sobre identidade linguística, variação e convencionalização, reforçando a importância de uma ciência linguística comprometida com a diversidade de usos, com a descrição empiricamente fundamentada e com a valorização das diferentes variedades do português.

POTENTIAL IMPACT OF THIS RESEARCH

This thesis presents a relevant potential impact in the scientific, pedagogical, and sociocultural domains. On a theoretical and descriptive level, by articulating Phraseology and the Constructional Approach in the analysis of body-based intensifying idiomatic expressions in Brazilian Portuguese and European Portuguese, the study contributes to a deeper understanding of the cognitive, semantic, and pragmatic mechanisms involved in linguistic intensification, as well as to the systematic mapping of constructional patterns and their relational networks. In the pedagogical domain, the findings may support mother-tongue and additional-language teaching practices that are more sensitive to actual language use, variation, and idiomatic expressivity, fostering an approach that integrates grammar, lexicon, and discourse. At the sociocultural level, by highlighting similarities and asymmetries between Brazilian and European Portuguese, the research contributes to broader reflections on linguistic identity, variation, and conventionalization, reinforcing the importance of a linguistic science committed to usage diversity, empirically grounded description, and the valorization of different varieties of Portuguese.

ANA LIGIA SCALDELAI SALLES

EXPRESSÕES IDIOMÁTICAS INTENSIFICADORAS DE BASE CORPORAL NO PORTUGUÊS BRASILEIRO E NO PORTUGUÊS EUROPEU SOB A PERSPECTIVA CONSTRUCIONAL

Tese apresentada à Universidade Estadual Paulista (UNESP), Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, Campus de São José do Rio Preto, para obtenção do título de Doutora em Estudos Linguísticos.

Área de Concentração: Análise Linguística

Data da defesa: 12/12/2025

Banca Examinadora:

_____

Prof. Dr. Edson Rosa Francisco de Souza

UNESP – Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas – Campus de São José do Rio Preto

_____

Profa. Dra. Mariangela Rios de Oliveira

UFF – Universidade Federal Fluminense – Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas

_____

Profa. Dra. Solange de Carvalho Fortilli

UFMS – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul – Câmpus de Três Lagoas

_____

Prof. Dr. Fábio Henrique de Carvalho Bertonha

UNESP – Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas – Campus de São José do Rio Preto

Prof. Dr. Oto Araújo Vale
UFSCar – Universidade Federal de São Carlos – Departamento de Letras

Ao meu Senhor, meu Deus, pois para Ele nada
é impossível

AGRADECIMENTOS

Agradeço, inicialmente, a Deus e a Nossa Senhora, por terem me conduzido ao longo destes anos de estudo, abrindo portas e caminhos que tornaram possível a conclusão desta jornada.

Ao meu marido, Marcos, companheiro constante e porto seguro, por estar sempre ao meu lado, com apoio, compreensão e amor.

Ao meu filho Ulisses, hoje no céu, que esteve presente em meu ventre e participou deste percurso, ainda que por um breve instante, deixando uma marca eterna em minha vida. À minha filha Luisa, que, ainda em meu ventre, acompanhou-me durante nove meses nas longas horas diante do computador e nas muitas jornadas de escrita, estando presente desde a qualificação e defesa até a entrega da versão definitiva deste trabalho.

Aos meus pais, Atílio e Laildes, e ao meu irmão, Ricardo, que sempre confiaram em mim e nunca mediram esforços para apoiar minha trajetória acadêmica.

Ao meu orientador, Prof. Dr. Edson Rosa Francisco de Souza, pela amizade construída desde a graduação até o doutorado, pelos ensinamentos constantes, pela dedicação e pela paciência ao longo de todo o processo.

À Prof. Dra. Renata Enghels, da Universidade de Gante, na Bélgica, que gentilmente acolheu minha estadia institucional nos anos de 2023 e 2024, sempre solícita e disposta a colaborar com meu trabalho.

Ao Prof. Dr. Pedro Sena Lino, pela valiosa contribuição nas discussões relativas à listagem das expressões idiomáticas.

Às Profs. Dras. Mariangela Rios de Oliveira e Solange de Carvalho Fortilli e aos Profs. Drs. Fábio Henrique de Carvalho Bertonha e Oto Araújo Vale, pela leitura atenta do texto e pelas contribuições criteriosas que muito enriqueceram esta pesquisa.

À minha estimada amiga Jaqueline, responsável pelo incentivo e pelo meu “sim” ao doutorado.

À minha querida prima Rafaela, pelo auxílio fundamental na catalogação dos dados.

Por fim, agradeço a todos que, direta ou indiretamente, estiveram presentes ao longo deste percurso e contribuíram para a realização deste trabalho.

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 88887.891430/2023-00.

"Acordamos para uma língua e, antes de sermos capazes de ler ou escrever o alfabeto, estamos já mergulhados num conjunto de sentimentos, crenças e valorizações. Acordamos para uma língua sem saber ainda como articulá-la. A língua antecipa-se-nos, construindo o nosso referencial. Não são as nações nem os povos que criam as línguas. Da tribo à nação, são as línguas que contêm dentro de si os povos que as falam. A sua identidade é-lhes dada, em primeiro lugar, pelo meio de expressão linguística."

(Madeira, 2003, p. 4)

RESUMO

As expressões idiomáticas (EIs), descritas como lexias complexas, indecomponíveis, conotativas e cristalizadas (Xatara, 1998a), configuram-se como estratégias discursivas altamente expressivas devido à sua complexidade estrutural e ao sentido metafórico construído socio-historicamente. Na perspectiva da Abordagem Construcional, aproximam-se da noção de construção enquanto sequências de *chunks* linguísticos – ou seja, encadeamentos estáveis de palavras que ocorrem juntas com frequência e adquirem significados específicos ou propriedades distintas daquelas que teriam se usadas isoladamente. Fundamentada na Linguística Funcional Centrada no Uso (Bybee, 2016 [2010]; Furtado da Cunha; Bispo; Silva, 2013), na Abordagem Construcional (Goldberg, 1995, 2006, 2019; Traugott e Trousdale, 2021, [2013]) e nas definições de Nunberg *et al*. (1994); Xatara (1998a, 1998b) e Keizer (2016), esta tese analisa EIs intensificadoras no português brasileiro (PB) e europeu (PE) que envolvem partes do corpo humano, como *a plenos pulmões* (intensidade), *de mão cheia* (grande quantidade), *uma pilha de nervos* (cólera), *até o pescoço* (totalidade), *falar pelos cotovelos* (excesso de fala), entre outras. A partir dos parâmetros analíticos propostos por Keizer (2016) e Traugott e Trousdale (2021 [2013]), investigam-se esquematicidade, composicionalidade e produtividade e aspectos pragmático-semânticos e morfossintáticos que favorece(ra)m a fixação dessas construções. Também são examinadas semelhanças e diferenças entre PB e PE, com atenção a influências culturais e sócio-históricas. O *corpus* utilizado provém do C*orpus do Português* – subamostra *Web/Dialects* – organizado por Davis e Ferreira (2015-2016). A hipótese central sustenta que, embora PB e PE compartilhem um repertório comum de EIs intensificadoras de base corporal – o que indica a presença de esquemas construcionais de base semelhantes –, podem divergir quanto aos significados culturalmente atribuídos, à frequência, à produtividade e ao grau de esquematicidade. Os dados mostram que no PB, observa-se maior diversidade e vitalidade idiomática, com predomínio de expressões coloquiais e inovadoras em contextos informais e afetivos; no PE, prevalece um repertório mais estável e conservado, marcado por usos moderados e maior regularidade lexical. Essas diferenças revelam modos distintos de mobilizar a expressividade e a intensidade no discurso, confirmando a interação entre padrões construcionais amplos e mediações culturais específicas em cada comunidade de fala.

Palavras-chave: expressões idiomáticas; português brasileiro; português europeu; corpo humano; metáfora; Abordagem Construcional.

ABSTRACT

Idioms (IEs), described as complex, non-decomposable, connotative, and crystallized lexemes (Xatara, 1998a), constitute highly expressive discursive strategies due to their structural complexity and the socio-historically constructed metaphorical meaning they convey. From the perspective of the Constructional Approach, they approximate the notion of construction understood as sequences of linguistic chunks – that is, stable chains of words that frequently co-occur and acquire specific meanings or properties distinct from those they would have if used in isolation. Grounded in Usage-Based Functional Linguistics (Bybee, 2016 [2010]; Furtado da Cunha; Bispo; Silva, 2013), in the Constructional Approach (Goldberg, 1995, 2006, 2019; Traugott and Trousdale, 2021 [2013]), and the definitions proposed by Nunberg *et al*. (1994), Xatara (1998a, 1998b), and Keizer (2016), this thesis examines intensifying idioms in Brazilian Portuguese (BP) and European Portuguese (EP) that involve parts of the human body, such as *a plenos pulmões* (intensity), *de mão cheia* (large quantity), *uma pilha de nervos* (anger), *até o pescoço* (totality), *falar pelos cotovelos* (excess of speech), among others. Based on the analytical parameters proposed by Keizer (2016) and Traugott and Trousdale (2021 [2013]), the study investigates schematicity, compositionality, productivity, and the pragmatic-semantic and morphosyntactic aspects that favor(ed) the consolidation of the constructions. It also examines similarities and differences between BP and EP, considering cultural and socio-historical influences. The corpus used derives from the *Corpus do Português – Web/Dialects* subcorpus – organized by Davis and Ferreira (2015-2016). The central hypothesis is that, although BP and EP share a common repertoire of body-based intensifying IEs – indicating the presence of similar underlying constructional schemas – they may diverge in terms of culturally attributed meanings, frequency of use, productivity, and degree of schematicity. The findings show that BP displays greater idiomatic diversity and vitality, with a predominance of colloquial and innovative expressions used in informal and affective contexts, whereas EP exhibits a more stable and conservative repertoire, characterized by more moderate use and greater lexical regularity. These differences reveal distinct ways of mobilizing expressiveness and intensity in discourse, confirming the interaction between broad constructional patterns and culturally specific mediations within each speech community.

Keywords: idioms; Brazilian Portuguese; European Portuguese; human body; metaphor; Constructional Approach.

LISTA DE FIGURAS

3. REFERENCIAL TEÓRICO

Figura 1 – Modelo simbólico de uma construção 48

Figura 2 – Relações de hierarquização referentes aos subesquemas intensificadores [podre de X] e [morto de X] 55

4. DOMÍNIO FUNCIONAL DA INTENSIFICAÇÃO

Figura 1 – Definição preliminar de hipérbole 83

Figura 2 – Escala gradativa com três graus 84

Figura 3 – Ampliação da escala gradativa 85

Figura 4 – Escala gradativa dos advérbios 86

Figura 5 – Tirinha *Peanuts* 90

7. DESCRIÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS

Figura 1 – Rede construcional do esquema [PREP [X]] 203

Figura 2 – Rede construcional do esquema [VERBO [X]] 235

Figura 3 – Rede construcional do esquema [NOME [X]] 273

Figura 4 – Rede construcional do esquema [CONJ [X]] 274

Figura 5 – Rede construcional do esquema [ADV [X]] 280

Figura 6 – Rede construcional do esquema [DET N [X] 291

8. DO DADO LINGUÍSTICO AO PADRÃO: O QUE REVELAM AS EIs NO PB E NO PE

Figura 1 – *Continuum* das EIs 299

Figura 2 – Relação de herança do subesquema intensificador [$N_{\text{parte do corpo}}$ PREP N] 305

Figura 3 – Processo analógico da EI *nariz de tucano* 306

Figura 4 – Relação de herança do subesquema intensificador [V PREP N] 308

Figura 5 – Processamento analógico do subesquema [$N_{\text{parte do corpo}}$ de N] 309

Figura 6 – Processamento analógico do subesquema [V PREP $N_{\text{parte do corpo}}$] 310

Figura 7 – Porcentagem dos elementos corporais 313

LISTA DE GRÁFICOS

7. DESCRIÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS

Gráfico 1 – Escopo da EI *de cabeça quente* por variedade do português 187
Gráfico 2 – Escopo da EI *de mão cheia* por variedade do português 192
Gráfico 3 – Campo semântico da EI *comer com os olhos* por variedade do português 213
Gráfico 4 – Sentido semântico-pragmático veiculado pela EI *couro e cabelo* 258

8. DO DADO LINGUÍSTICO AO PADRÃO: O QUE REVELAM AS EIs NO PB E NO PE

Gráfico 1 – Frequência de uso dos elementos corporais nas duas variedades do português 312
Gráfico 2 – Quantidade dos domínios experienciais 316

LISTA DE QUADROS

2. PB E PE: HISTÓRIA, LÉXICO E IDENTIDADE

Quadro 1 – Comparativo das EIs do PE e do PB 39

3. REFERENCIAL TEÓRICO

Quadro 1 – Dimensão das construções 56
Quadro 2 – Gradiência das propriedades das construções 64

5. EXPRESSÕES IDIOMÁTICAS

Quadro 1 – Comparação entre a Fraseologia e a Abordagem Construcional 118
Quadro 2 – Traços principais da EI 123

6. UNIVERSO DE INVESTIGAÇÃO E PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Quadro 1 – Listagem das EIs 147
Quadro 2 – Classificação das EIs conforme padrão construcional 148

7. DESCRIÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS

Quadro 1 – Sistematização do esquema construcional [ATÉ (PREP) DET(s) $N_{\text{parte do corpo}}$(s) (MOD(s))] 167
Quadro 2 – Sistematização do subesquema construcional [PREP $N_{\text{parte do corpo}}$ e $N_{\text{parte do corpo}}$] 180
Quadro 3 – Comparação da forma lexical da EI no PB e no PE 181
Quadro 4 – Sistematização do esquema construcional [com (DET) N LOC] 184
Quadro 5 – Comparação da forma lexical da EI no PB e no PE 190
Quadro 6 – Sistematização do padrão construcional [PREP N MOD] 195
Quadro 7 – Comparação da forma lexical da EI no PB e no PE 199
Quadro 8 – Sistematização do subesquema intensificador [PREP DET $N_{\text{parte do corpo}}$ MOD] 199
Quadro 9 – Comparação da forma lexical da EI no PB e no PE 203
Quadro 10 – Comparação da forma lexical da EI no PB e no PE 210
Quadro 11 – Comparação da forma lexical da EI no PB e no PE 216
Quadro 12 – Perfis de uso da EI *olhar para o (próprio) umbigo* por variedade do português 217
Quadro 13 – Sistematização do padrão construcional [V PREP DET (próprio) $N_{\text{parte do corpo}}$] 218
Quadro 14 – Comparação da forma lexical da EI no PB e no PE 224
Quadro 15 – Comparação da forma lexical da EI no PB e no PE 230

Quadro 16 – Sistematização do padrão construcional [V PREP N] 234
Quadro 17 – Sistematização do padrão construcional [$N_{\text{parte do corpo}}$ PREP LOC] 248
Quadro 18 – Sistematização do padrão construcional [$N_{\text{parte do corpo}}$ MOD] 256
Quadro 19 – Sistematização do esquema construcional [$N_{\text{parte do corpo}}$ e $N_{\text{parte do corpo}}$] 260
Quadro 20 – Sistematização do padrão construcional [$N_{\text{parte do corpo}}$ PREP N] 269
Quadro 21 – Comparação da forma lexical da EI no PB e no PE 279
Quadro 22 – Comparação da forma lexical da EI no PB e no PE 286
Quadro 23 – Sistematização do padrão construcional [DET N PREP $N_{\text{parte do corpo}}$] 286
Quadro 24 – Comparação da forma lexical da EI no PB e no PE 290

8. DO DADO LINGUÍSTICO AO PADRÃO: O QUE REVELAM AS EIs NO PB E NO PE

Quadro 1 – Esquemas no PB e no PE: frequência e propriedades semânticas predominantes 300
Quadro 2 – Grau de (des)motivação das EIs intensificadoras de base corporal 303
Quadro 3 – Valores expressivos das EIs 321

LISTA DE TABELAS

6. UNIVERSOS DE INVESTIGAÇÃO E PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Tabela 1 – Informações da subamostra *Web/Dialects* 152

7. DESCRIÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS

Tabela 1 – Frequências de uso da EI *até o osso* por variedade do português 161
Tabela 2 – Frequências de uso da EI *até o pescoço* por variedade do português 162
Tabela 3 – Frequências de uso da EI *até os dentes* por variedade do português 164
Tabela 4 – Frequências de uso da EI *até a raiz dos cabelos* por variedade do português 166
Tabela 5 – Frequências de uso do subesquema de intensificação [ATÉ (PREP) DET(s) $N_{\text{parte do corpo}}$(s) (MOD(s))] por variedade do português 168
Tabela 6 – Frequências de uso da EI *a plenos pulmões* por variedade do português 170
Tabela 7 – Frequências de uso das EIs *num piscar de olhos* e *num estalar de dedos* por variedade do português 172
Tabela 8 – Frequências de uso da EI *com unhas e dentes* por variedade do português 175
Tabela 9 – Frequências de uso das EIs *de corpo e alma* e *de alma e coração* por variedade do português 177
Tabela 10 - Frequências de uso do subesquema intensificador [PREP $N_{\text{parte do corpo}}$ e $N_{\text{parte do corpo}}$] por variedade do português 178
Tabela 11 – Frequências de uso do subesquema intensificador [com (DET) $N_{\text{parte do corpo}}$ LOC] por variedade do português 180
Tabela 12 – Frequências de uso da EI *com água na boca* por variedade do português 183
Tabela 13 – Frequências de uso do subesquema intensificador [com (DET) $N_{\text{parte do corpo}}$ LOC] por variedade do português 184
Tabela 14 – Frequências de uso da EI *de cabeça quente* por variedade do português 187
Tabela 15 – Frequências de uso da EI *de queixo caído* por variedade do português 190
Tabela 16 – Frequências de uso da EI *de boca aberta* por variedade do português 190
Tabela 17 – Frequências de uso da EI *de mão cheia* por variedade do português 193
Tabela 18 – Frequências de uso da EI *de saco cheio* por variedade do português 194
Tabela 19 – Frequências de uso do subesquema intensificador [PREP $N_{\text{parte do corpo}}$ MOD] por variedade do português 196
Tabela 20 – Frequências de uso da EI *por uma unha negra* por variedade do português 198

Tabela 21 – Frequências de uso do padrão construcional [PREP DET $N_{\text{parte do corpo}}$ MOD] por variedade do português 200
Tabela 22 – Frequências de uso do subesquema intensificador [PREP V DET $N_{\text{parte do corpo}}$] por variedade do português 202
Tabela 23 – Frequências de uso dos padrões construcionais iniciados por PREPOSIÇÃO por variedade do português 205
Tabela 24 – Frequências de uso do padrão construcional [mentir PREP (DET) $N_{\text{parte do corpo}}$ (V) (MOD)] por variedade do português 210
Tabela 25 – Frequências de uso da EI *comer com os olhos* por variedade do português 212
Tabela 26 – Frequências de uso da EI *olhar para o próprio umbigo* por variedade do português 215
Tabela 27 – Frequências de uso da EI *olhar para o umbigo* por variedade do português 216
Tabela 28 – Frequências de uso do padrão construcional [V PREP DET (próprio) $N_{\text{parte do corpo}}$] por variedade do português 218
Tabela 29 – Frequências de uso da EI *ter mais olhos (do) que barriga* por variedade do português 221
Tabela 30 – Frequências de uso da EI *tirar a barriga de misérias* por variedade do português 223
Tabela 31 – Frequências de uso da EI *cair de boca* por variedade do português 227
Tabela 32 – Frequências de uso da EI *dar nos nervos* por variedade do português 229
Tabela 33 – Frequências de uso da EI *pegar no pé* por variedade do português 232
Tabela 34 – Frequências de uso do subesquema intensificador [V PREP $N_{\text{parte do corpo}}$] por variedade do português 234
Tabela 35 – Frequências de uso dos subesquemas intensificadores iniciados por VERBO por variedade do português 237
Tabela 36 – Frequências de uso da EI *mão na roda* por variedade do português 241
Tabela 37 – Frequências de uso do subesquema intensificador [$N_{\text{parte do corpo}}$ PREP LOC] por variedade do português 243
Tabela 38 – Frequências de uso da EI *sangue nos olhos* por variedade do português 247
Tabela 39 – Frequências de uso da EI *sangue nas veias* por variedade do português 247
Tabela 40 – Frequências de uso do padrão construcional [$N_{\text{parte do corpo}}$ PREP LOC] por variedade do português no PB e no PE 249
Tabela 41 – Frequências de uso da EI *cabeça dura* por variedade do português 251
Tabela 42 – Frequências de uso da EI *cabeça oca* por variedade do português 252
Tabela 43 – Frequências de uso da EI *coração mole* por variedade do português 255
Tabela 44 – Frequências de uso da EI *coração partido* por variedade do português 255

Tabela 45 – Frequências de uso do subesquema intensificador [$N_{\text{parte do corpo}}$ MOD] por variedade do português 257
Tabela 46 – Frequências de uso da EI *couro e cabelo* por variedade do português 259
Tabela 47 – Frequências de uso do subesquema intensificador [$N_{\text{parte do corpo}}$ e $N_{\text{parte do corpo}}$] por variedade do português 260
Tabela 48 – Frequências de uso das EIs *cabeça de melão* e *cabeça de vento* por variedade do português 262
Tabela 49 – Frequências de uso da EI *mão de mestre* por variedade do português 264
Tabela 50 – Frequências de uso da EI *cara de tacho* por variedade do português 266
Tabela 51 – Frequências de uso do subesquema intensificador [$N_{\text{parte do corpo}}$ PREP N] por variedade do português 267
Tabela 52 – Frequências de uso da EI *pé ante pé* por variedade do português 269
Tabela 53 – Frequências de uso dos subesquemas intensificadores iniciados por NOME por variedade do português 271
Tabela 54 – Frequências de uso da EI *enquanto o diabo esfrega um olho* por variedade do português 274
Tabela 55 – Frequências de uso da EI *não chega nem aos pés* por variedade do português 277
Tabela 56 – Frequências de uso da EI *debaixo do nariz* por variedade do português 279
Tabela 57 – Frequências de uso dos subesquemas intensificadores iniciados por ADVÉRBIO por variedade do português 281
Tabela 58 – Frequências de uso da EI *uma pilha de nervos* por variedade do português 284
Tabela 59 – Frequências de uso da EI *os olhos da cara* por variedade do português 285
Tabela 60 – Frequências de uso do padrão construcional [DET N PREP $N_{\text{parte do corpo}}$] por variedade do português 287
Tabela 61 – Frequências de uso das EIs *a barriga/o estômago roncando* por variedade do português 289
Tabela 62 – Frequências de uso das EIs *a barriga/o estômago a dar horas* por variedade do português 290
Tabela 63 – Frequências de uso dos subesquemas intensificadores iniciados por DETERMINANTE por variedade do português 292

8. DO DADO LINGUÍSTICO AO PADRÃO: O QUE REVELAM AS EIs NO PB E NO PE

Tabela 1 – Frequências de uso dos esquemas por variedade do português 297

Tabela 2 – Listagem das metáforas conceptuais e domínio experiencial 314
Tabela 3 – Intervalos de frequência nas duas variedades do português 324

LISTA DE ABREVIATURAS

EI – Expressão idiomática

EIs – Expressões idiomáticas

L1 – Língua materna

L2 – Segunda língua

PB – Português brasileiro

PE – Português europeu

PF – Português Fundamental

UF – Unidade fraseológica

SUMÁRIO

1. CONSIDERAÇÕES INICIAIS **21**
1.1. OBJETO DE ESTUDO 21
1.2. CONTEXTUALIZAÇÃO DO TEMA DA PESQUISA 22
1.3. PROBLEMA DE PESQUISA, OBJETIVO E METODOLOGIA 26
1.4. HIPÓTESES DE PESQUISA 29
1.5. JUSTIFICATIVAS PARA O ESTUDO 31
1.6. ORGANIZAÇÃO DA TESE 32

2. PB E PE: HISTÓRIA, LÉXICO E IDENTIDADE **34**
2.1. UM PANORAMA GLOBAL 34
2.2. A LÍNGUA COMO EXPRESSÃO CULTURAL E IDENTITÁRIA 35
2.3. IDENTIDADE E CONTRASTES NO LÉXICO DO PB E DO PE 37

3. REFERENCIAL TEÓRICO **44**
3.1. FUNDAMENTOS DA GRAMÁTICA CONSTRUCIONAL E DA NOÇÃO DE CONSTRUÇÃO 45
3.2. PROPRIEDADES DAS CONSTRUÇÕES: ESQUEMATICIDADE, COMPOSICIONALIDADE E PRODUTIVIDADE 56
3.3. LINGUAGEM E COGNIÇÃO: A EXPERIÊNCIA E OS PROCESSOS COGNITIVOS DE DOMÍNIO GERAL 65

4. DOMÍNIO FUNCIONAL DA INTENSIFICAÇÃO **75**
4.1. UM BREVE ESTADO DA ARTE 76
4.2. A INTENSIFICAÇÃO LINGUÍSTICA E O PAPEL DAS ESCALAS GRADATIVA E ARGUMENTATIVA 80
4.3. INOVAÇÃO E CLASSIFICAÇÃO DOS RECURSOS INTENSIFICADORES 92
4.4. UM RECURSO PRAGMÁTICO E COGNITIVO CONDICIONADO PELO CONTEXTO 101

5. EXPRESSÕES IDIOMÁTICAS **113**
5.1. APROXIMAÇÕES ENTRE A FRASEOLOGIA E A GRAMÁTICA DE CONSTRUÇÕES NO ESTUDO DAS EIS 114
5.2. DEFINIÇÃO E CARACTERIZAÇÃO DA EI 121
5.3. METÁFORAS CONCEPTUAIS E AS EIS DE BASE CORPORAL 136

6. UNIVERSO DE INVESTIGAÇÃO E PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS **143**
6.1. A ESCOLHA DAS VARIEDADES BRASILEIRA E EUROPEIA 143
6.2. O PONTAPÉ INICIAL 145
6.3. OBJETIVOS E PARÂMETROS DE ANÁLISE 149

7. ANÁLISE E DESCRIÇÃO DOS DADOS **158**
7.1 SUBESQUEMAS INTENSIFICADORES INICIADOS POR PREPOSIÇÃO 159
7.1.1 Subesquema [até (PREP) DET(s) $N_{\text{parte do corpo}}$(s) (MOD(s))] 159
7.1.2 Subesquema [A MOD $N_{\text{parte do corpo}}$] 169
7.1.3 Subesquema [PREP V de $N_{\text{parte do corpo}}$] 171
7.1.4 Subesquema [PREP $N_{\text{parte do corpo}}$ e $N_{\text{parte do corpo}}$] 173
7.1.5 Subesquema [com (DET) $N_{\text{parte do corpo}}$ LOC] 178
7.1.6 Subesquema [PREP $N_{\text{parte do corpo}}$ MOD] 184

7.1.7 Subesquema [PREP DET $N_{parte\ do\ corpo}$ MOD] 197
7.1.8 Subesquema [PREP V DET $N_{parte\ do\ corpo}$] 200
7.1.9 Rede construcional do esquema iniciado por PREPOSIÇÃO 203
7.2 SUBESQUEMAS INTENSIFICADORES INICIADOS POR VERBO 206
7.2.1 Subesquema [mentir PREP DET $N_{parte\ do\ corpo}$ (V) (MOD)] 206
7.2.2 Subesquema [V PREP DET (próprio) $N_{parte\ do\ corpo}$] 210
7.2.3 Subesquema [(V) mais $N_{parte\ do\ corpo}$ (do) que $N_{parte\ do\ corpo}$] 219
7.2.4 Subesquema [V DET $N_{parte\ do\ corpo}$ MOD] 221
7.2.5 Subesquema [V PREP $N_{parte\ do\ corpo}$] 224
7.2.6 Rede construcional do esquema iniciado por VERBO 235
7.3 SUBESQUEMAS INTENSIFICADORES INICIADOS POR NOME 238
7.3.1 Subesquema [$N_{parte\ do\ corpo}$ PREP LOC] 238
7.3.2 Subesquema [$N_{parte\ do\ corpo}$ MOD] 249
7.3.3 Subesquema [$N_{parte\ do\ corpo}$ e $N_{parte\ do\ corpo}$] 257
7.3.4 Subesquema [$N_{parte\ do\ corpo\ PREP}$ N] 261
7.3.5 Subesquema [$N_{parte\ do\ corpo}$ LOC ADV] 267
7.3.6 Rede construcional do esquema iniciado por NOME 269
7.4 SUBESQUEMA INTENSIFICADOR INICIADO POR CONJUNÇÃO 272
7.4.1 Subesquema [CONJ DET N V DET $N_{parte\ do\ corpo}$] 272
7.4.2 Rede construcional do esquema iniciado por CONJUNÇÃO 274
7.5 SUBESQUEMAS INTENSIFICADORES INICIADOS POR ADVÉRBIO 275
7.5.1 Subesquema [ADV V ADV PREP $N_{parte\ do\ corpo}$] 275
7.5.2 Subesquema [ADV PREP $N_{parte\ do\ corpo}$] 277
7.5.3 Rede construcional do esquema iniciado por ADVÉRBIO 280
7.6 SUBESQUEMAS INTENSIFICADORES INICIADOS POR DETERMINANTE 281
7.6.1 Subesquema [DET N PREP $N_{parte\ do\ corpo}$] 281
7.6.2 Subesquema [DET $N_{parte\ do\ corpo}$ (MOD) (V)] 287
7.6.3 Rede construcional do esquema iniciado por DETERMINANTE 291

8. DO DADO LINGUÍSTICO AO PADRÃO: O QUE REVELAM AS EIs NO PB E NO PE 293
8.1 PADRÕES CONSTRUCIONAIS DOMINANTES E SUA DISTRIBUIÇÃO NAS DUAS VARIANTES 295
8.2 COMPOSICIONALIDADE, PRODUTIVIDADE E ESTABILIDADE 298
8.3 EVIDÊNCIAS DE HERANÇA E ANALOGIZAÇÃO 304
8.4 RELAÇÕES ENTRE CORPO, CULTURA E INTENSIFICAÇÃO 311
8.5 INTEGRAÇÃO LEXICAL DAS EIS EM SOCIEDADE 323

9. CONSIDERAÇÕES FINAIS 327

REFERÊNCIAS 333

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR 344

APÊNDICE I 346

APÊNDICE II 407

CAPÍTULO 1

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Este capítulo introdutório apresenta os fundamentos da pesquisa, definindo o objeto de estudo, o problema de pesquisa, o objetivo geral e a metodologia adotada. Além disso, contextualiza o tema na Abordagem Construcional, expõe as hipóteses e as justificativas do estudo. Por fim, descreve a organização da tese, oferecendo uma visão geral dos capítulos.

1.1 OBJETO DE ESTUDO

Após contato com temas relacionados à experiência, língua em uso, intensificação e construções linguísticas aprofundados na dissertação de Mestrado *Os subesquemas intensificadores [morto de [X]], [podre de [X]] e [[X] pra caramba] no português sob a perspectiva construcional*, defendida em 2020 no Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos da Unesp de São de José do Rio Preto/SP, surgiu o interesse em investigar se as variedades do português faladas no Brasil e em Portugal compartilham as mesmas expressões idiomáticas (EIs) para transmitir intensidade. Diante da ampla gama de idiomatismos existentes, optamos por analisar apenas aqueles que envolvem elementos do corpo humano, como *cabeça*, *coração*, *língua*, *pé*, *sangue*, entre outros, com o objetivo de demonstrar o quão profícua é a noção de corporificação na composição e consolidação dessas construções.

1.2 CONTEXTUALIZAÇÃO DO TEMA DA PESQUISA

Ao afirmar que “fatores de uso revelam a língua como um instrumento natural, social e orgânico, não como um instrumento lógico, abstrato, [e que as] estruturas e significados expressos gramaticalmente na língua são altamente vinculados à nossa experiência e aos usos a que submetemos as formas linguísticas” (Bybee, 2016 [2010], p. 300-301), Bybee evidencia o papel significativo da experiência do falante na aquisição e no uso da língua. Nesse contexto, a experiência resulta do contato extralinguístico que o falante mantém com o mundo ao seu redor, desde o processo de aquisição da língua pelas crianças, que aprendem a falar por meio da imitação e da internalização das estruturas que observam, até o compartilhamento de experiências entre os membros de uma comunidade linguística. Essa interação contínua contribui para a dinamicidade da linguagem, refletindo frequentemente a adaptabilidade da língua às necessidades comunicativas dos falantes, já que a experiência cultural dos indivíduos influencia a maneira como eles usam e compreendem a língua.

Com o passar do tempo, por meio da partilha de vivências e experiências entre os membros de uma comunidade linguística, certas construções são criadas, modificadas, ou caem em desuso em virtude de a língua refletir o contexto cultural, histórico e social da comunidade, além de responder às necessidades comunicativas dos falantes. Pela interação que mantêm com o mundo sociofísico, os falantes podem interpretar o significado de palavras e expressões desconhecidas com base no contexto em que são usadas, cujo significado, por vezes, não é literal e depende de seu conhecimento prévio sobre o uso desses sintagmas na cultura específica. Portanto, a experiência desempenha um papel central na formação e na evolução de expressões linguísticas, pois encapsula valores, crenças e vivências culturais, reforçando a relação intrínseca entre língua e cultura.

As EIs, expressões fixas ou semifixas cujo significado não pode ser deduzido diretamente das palavras que as compõem, porque possuem sentido figurado e são compreendidas dentro do contexto em que surgem, exemplificam construções linguísticas que carregam forte base cultural e que emergem na língua em consequência de algumas razões. Primeiramente, essas construções se inserem em paradigmas gramaticais já existentes, nos quais certos padrões sintáticos e lexicais favorecem a cristalização de formas recorrentes. Soma-se a isso a economia de linguagem, uma vez que as EIs permitem transmitir ideias complexas de maneira rápida e eficiente. Outro aspecto relevante é sua função expressiva, pois podem ser empregadas de forma criativa para adicionar humor, ironia ou para intensificar um ponto de vista de maneira mais impactante, tornando as mensagens mais vívidas e memoráveis

para descrever situações cotidianas. Por fim, como derivam de experiências compartilhadas dentro de uma comunidade, essas expressões ajudam a preservar histórias, valores e tradições culturais ao longo do tempo.

Nesse sentido, as EIs também podem ser compreendidas à luz da noção de extravagância linguística, conforme proposto por Haspelmath (1999), ao sugerir que os falantes tendem a "falar de tal maneira que sejam notados". Esse princípio foi ampliado por Hohenhaus (2007), que descreve certas construções como dispositivos de busca de atenção, ou seja, formas marcadas que se destacam no fluxo discursivo por seu caráter expressivo ou inesperado. Sob essa perspectiva funcionalista, as EIs intensificadoras não apenas comunicam conteúdos, mas o fazem de forma a captar a atenção do interlocutor, provocando efeitos de sentido mais fortes e memoráveis. Assim, sua recorrência no uso linguístico pode ser explicada tanto por fatores cognitivos e culturais quanto por estratégias comunicativas voltadas à ênfase e ao impacto discursivo.

Sob essa perspectiva, Furtado da Cunha e Bispo (2019, p. 108) mencionam que "cada comunidade linguística apresenta um conjunto de idiomatismos que são criados e utilizados de acordo com sua visão de mundo e suas manifestações culturais". Muitas das construções já habituadas no cotidiano do falante resultam, de certa forma, de suas experiências corporais que mantém com o mundo, atreladas ao pensamento e à cognição. Esse fenômeno confirma o conceito de corporificação discutido por Langacker e Lakoff (1987), segundo o qual os seres humanos utilizam seu próprio corpo no espaço como ponto de referência para trazer à língua diferentes aspectos do mundo.

Sendo assim, o sistema conceptual é predominantemente de base metafórica, isto é, inúmeras formas linguísticas emergem de metáforas conceptuais. Essas metáforas são compreendidas como processos cognitivos nos quais um domínio de experiência (fonte) é empregado para interpretar outro domínio (alvo), organizando o pensamento e a linguagem de maneira sistemática e profunda. Frequentemente empregado, esse processo cognitivo ocorre porque, para compreender conceitos abstratos ou complexos, recorremos a referências mais concretas ou fisicamente experienciadas, logo, noções abstratas como tempo, estado, mudança e intenção são expressas por meio de conceitos mais tangíveis, moldados pela relação do falante com o mundo biofísico.

Nesse contexto, pode-se afirmar que a linguagem possui a capacidade de expressar noções abstratas, como a intensidade, a partir das experiências sensório-motoras dos falantes, enraizadas em sua vivência biossocial e mediadas por mecanismos de extensão metafórica e metonímica (Slobin, 1980, *apud* Silva, 2006). Essa capacidade é explicada, em grande medida,

pelos esquemas imagéticos (Lakoff e Johnson, 1980), ou seja, estruturas cognitivas básicas que emergem das interações corporificadas com o mundo e que organizam o pensamento e a linguagem. Assim, muitas EIs que denotam intensificação se fundamentam nesses esquemas, como RECIPIENTE, TRAJETO e EQUILÍBRIO, e, ao mesmo tempo, recorrem a metáforas conceptuais que projetam domínios concretos para domínios abstratos, operando, por exemplo, a partir de metáforas como INTENSIDADE É QUANTIDADE, INTENSIDADE É PRESSÃO, INTENSIDADE É FORÇA/PODER ou INTENSIDADE É MOVIMENTO CORPORAL EXAGERADO.

Ao expressar intensidade em relação a uma entidade, ação ou estado, o sentido geralmente se desloca de uma base concreta e experiencial para uma conceptualização mais abstrata, como ocorre nas expressões *até os dentes*, *falar pelos cotovelos* e *uma pilha de nervos*. Em cada uma delas, a intensidade é veiculada por imagens fortemente enraizadas em experiências cotidianas: noção de proteção total (*até os dentes*), gesticulação excessiva associada à fala (*falar pelos cotovelos*) e acúmulo de tensão física (*uma pilha de nervos*). Essas construções, além de metafóricas, funcionam como culturemas (Xatara e Seco, 2014) – unidades linguístico-culturais que condensam práticas, valores e conhecimentos compartilhados por uma comunidade. O uso e a compreensão dessas expressões, portanto, não dependem apenas de estruturas cognitivas universais, mas também de repertórios culturais específicos que modulam a forma como se representa e se interpreta a intensidade no discurso.

Dessa maneira, a extravagância linguística veiculada por essas construções atende aos interesses expressivos do falante em situações comunicativas que requerem o encarecimento da informação transmitida. Essas formas se destacam por sua força intensificadora e por carregarem um valor semântico mais denso do que advérbios de intensidade convencionais, como *demais*, *muito* ou *bastante*, por exemplo. Observemos as duas ocorrências a seguir, atentando-nos à função de intensidade expressa pela construção *até os dentes* a partir da ideia de proteção.

1. Quantos heróis dos livros e filmes de ação, quando o vilão captura a mulher amada, ficam choramingando pelos cantos? Ah, é mesmo. Todos eles se armam **até os dentes** para atacar o vilão e pegar a mulher de volta. (1 B BR[1] adevoradoradelivros.blogspot.com)[2]

[1] A referência aos dados provenientes do *corpus* é indicada, inicialmente, por um numeral correspondente à listagem gerada a partir da pesquisa realizada, seguido da letra B ou G, que identifica o gênero textual (blogue ou geral), da sigla BR ou PT, que indica o país de origem (Brasil ou Portugal) e, por fim, do site de onde o dado foi extraído. Ressalta-se que alguns desses sites podem, eventualmente, encontrar-se indisponíveis.
[2] A numeração dos exemplos é reiniciada a cada capítulo.

2. Meu filho é aquele que entra no cinema vestido de Batman e abre fogo contra inocentes, filhos de outras mulheres como você. Eu sou a mãe de todos estes meninos enlouquecidos que se armam **até os dentes** e promovem carnificinas nos Colombines e Realengos desta vida. Portanto, pode chorar nos meus ombros que eu entendo a sua dor, minha senhora. (8 B PT cronicasderobertolima.blogspot.com)

Nos exemplos (1) e (2), a ideia de defesa é construída a partir da associação com elementos concretos de proteção: a armadura, vestimenta usada historicamente por soldados para resguardar o corpo, e os dentes, estrutura mais resistente que o próprio osso, composta por 97% de minerais. A posição estratégica dos dentes no corpo humano – em uma região elevada e menos vulnerável que o tronco – reforça a percepção de resistência e dificuldade de acesso. Da mesma forma, a imagem de uma vestimenta em excesso sugere não apenas proteção, mas uma blindagem completa contra qualquer ataque. Assim, por meio de uma metáfora corporal e culturalmente sedimentada, a construção *armado até os dentes* expressa a ideia de que alguém ou algo se encontra extremamente preparado e protegido para enfrentar uma situação desafiadora, funcionando, assim, como um intensificador metafórico de prontidão e defesa.

Tal expressão, inicialmente empregada com o sentido de estar fortemente armado, ao longo do tempo, em decorrência dos processos de rotinização e gramaticalização, ampliou seu escopo semântico, passando a expressar, de modo mais geral, a noção de excesso ou intensidade. Atualmente, *até os dentes* pode escopar outros domínios semânticos, como os de *equipar-se*, *defender-se*, *penhorar-se* ou *endividar-se*. Na ocorrência (3), por exemplo, a construção é empregada para expressar que os inconfidentes estavam *extremamente endividados*, ou seja, em um grau muito superior ao considerado comum ou esperado para tal situação.

3. Se o quinto não cobrisse a cota, os habitantes teriam que completá-la com seus bens pessoais. A cobrança era chamada de “Derrama”. 4. Os impostos estavam atrasados. Os ricos, naturalmente eram os maiores devedores. Os inconfidentes estavam endividados **até os dentes** (neste item, Maxwell usa e abusa da estatística, mostrando a lista das dívidas de cada um). (51 G BR almacarioca.com.br)

Com base nessas primeiras considerações, observa-se que o esquema construcional [até (PREP) DET(s) N(s) MOD(s)[3]] apresenta alta produtividade no português, abrangendo não

[3] Essas abreviações, assim como as demais adotadas neste trabalho, correspondem às seguintes categorias: PREP (preposição, responsável por estabelecer relações sintático-semânticas entre constituintes), DET (determinante, que delimita a referência do nome), N (nome, núcleo nominal da construção), ADV (advérbio, modificador de verbos, adjetivos ou outros advérbios), CONJ (conjunção, que estabelece relações de coordenação ou subordinação), LOC (locativo, que expressa valores espaciais, físicos ou metafóricos) e V (verbo, núcleo verbal responsável pela codificação de eventos, processos ou estados). A indicação (s) corresponde à possibilidade da marca de plural.

apenas a EI *até os dentes*, mas também outras construções semelhantes, como *até o pescoço*, *até os ossos*, *até a raiz dos cabelos* e *até a medula dos ossos*. Todas essas expressões encontram-se lexicalmente cristalizadas e exibem elevado grau de convencionalização, sendo *até o pescoço* a mais frequente entre elas, como se verá mais adiante no *Capítulo 7*. Esse conjunto de construções idiomáticas intensificadoras ocorre com relativa predominância no contexto brasileiro, o que indica que, embora o padrão construcional seja partilhado por ambas as variedades, Brasil e Portugal, há variações expressivas nas escolhas lexicais e estruturais. Tais diferenças refletem as especificidades sintáticas, estilísticas, pragmáticas e culturais que caracterizam cada norma nacional (Xatara e Seco, 2014).

1.3 PROBLEMA DE PESQUISA, OBJETIVO E METODOLOGIA

Embora EIs intensificadoras de base corporal estejam presentes tanto no português brasileiro quanto no português europeu (a partir deste ponto, serão abreviadas como PB e PE, respectivamente), observa-se que há diferenças e variações relevantes entre essas duas variedades linguísticas no que se refere à configuração estrutural das construções, ao seu grau de composicionalidade e esquematicidade, à sua produtividade e ao seu comportamento semântico-pragmático nas situações de uso. Tais diferenças não apenas revelam padrões linguísticos próprios de cada variedade, mas também se articulam a processos cognitivos, esquemas imagéticos, metáforas conceptuais e aspectos culturais subjacentes. Nesse sentido, compreender como essas expressões se constituem e se transformam ao longo do tempo exige recorrer a modelos teóricos que abordem a variação e a mudança linguística a partir de uma perspectiva construcional.

De acordo com Traugott e Trousdale (2021 [2013]), construções linguísticas se desenvolvem historicamente por meio de processos de construcionalização (gramatical ou lexical), que envolvem mudanças formais e funcionais, frequentemente ancoradas em experiências corporificadas (Lakoff e Johnson, 1980). Em uma caracterização revisada, Traugott (2022, p. 39, tradução nossa) define a construcionalização como "o estabelecimento de uma nova associação simbólica de forma e significado que foi replicada em uma rede de usuários da língua"[4]. Esse processo resulta na criação de uma nova associação simbólica,

[4] No original: "Constructionalization is the establishment of a new symbolic association of form and meaning which has been replicated across a network of language users" (Traugott, 2022, p. 39).

progressivamente compartilhada por uma comunidade de falantes. Quando a mudança afeta apenas um dos polos, forma ou significado, trata-se de uma mudança construcional. A inovação é impulsionada por falantes individuais e consolidada socialmente, ocorrendo de forma gradual, com transformações prévias e posteriores que incluem, por exemplo, aumento de produtividade e expansão para novos contextos.

Considerando esse enquadramento teórico, observa-se que, no caso das EIs intensificadoras, a corporeidade não é apenas uma metáfora estruturante, mas também um ponto de ancoragem para a emergência de expressões marcadas por forte carga expressiva e culturalmente moduladas. Nesse contexto, esta tese debruça-se sobre o seguinte problema de pesquisa: De que modo as construções idiomáticas intensificadoras baseadas em partes do corpo humano se diferem, nas variedades brasileira e europeia do português, quanto à estrutura morfossintática, ao grau de composicionalidade, esquematicidade e produtividade e ao comportamento semântico-pragmático, e como essas diferenças se relacionam a processos construcionais e à noção de corporificação permeada por aspectos culturais?

Essa problemática desdobra-se em questões investigativas complementares, que permitiram uma análise mais ampla e comparativa das construções entre as duas variedades:

1. Há padrões construcionais específicos para cada variedade do português ou ambas compartilham esquemas de base comuns com variações em subesquemas (Goldberg, 1995, 2006; Barðdal, 2008; Bybee, 2016 [2010]; Traugott e Trousdale, 2021 [2013])?

2. Como o grau de composicionalidade e transparência semântica dessas expressões afeta sua produtividade e sua capacidade de atrair/criar novas EIs nas duas variedades (Goldberg, 1995, 2006; Bybee, 2016 [2010]; Traugott e Trousdale, 2021 [2013])?

3. Quais são os papéis dos processos de extensão metafórica, das relações metonímicas de contiguidade (Gibbs, 2006), das metáforas conceituais e dos esquemas imagéticos na formação, esquematização e convencionalização de EIs intensificadoras de base corporal (Lakoff e Johnson, 1980; 1999; Langacker, 2008) nas duas variedades do português?

4. Como os processos de metáfora e metonímia corporificadas, observáveis em EIs intensificadoras de base corporal, são modulados por culturemas (Vermeer, 1996; Wierzbicka, 1997; Kövecses, 2005; Xatara e Seco, 2014) e práticas discursivas culturais no PB e PE?

A noção de culturema, conforme concebida por Vermeer (1996) e posteriormente discutida por Xatara e Seco (2014), mostra-se especialmente pertinente para a análise das EIs intensificadoras no PB e no PE, pois evidencia como determinadas expressões carregam significados culturalmente situados que ultrapassam sua forma linguística. Tais unidades idiomáticas veiculam conteúdos enraizados em valores, normas, práticas sociais, modos de sentir e agir que são próprios de uma dada comunidade linguística. Como destaca Wierzbicka (1997), EIs são, muitas vezes, formulações cristalizadas de modelos culturais específicos e refletem visões de mundo, normas sociais e padrões emocionais compartilhados por seus falantes.

Nesse contexto, as EIs intensificadoras baseadas em partes do corpo humano ilustram como metáforas e metonímias corporificadas (Lakoff e Johnson, 1980; Kövecses, 2005) não apenas estruturam a cognição humana de forma geral, mas também se materializam linguisticamente de modos diversos nas variedades do português. Acreditamos que as diferenças entre o PB e o PE no uso e na produtividade dessas construções não se explicam apenas por variações morfossintáticas, mas também por distintos modos de conceptualizar experiências corporais e afetivas, mediados por práticas discursivas e culturemas específicos.

A investigação dessas expressões, sob a perspectiva teórica da Abordagem Construcional (Goldberg, 2006; Bybee, 2016 [2010]; Traugott e Trousdale, 2021 [2013]), permite compreender como formas linguísticas adquirem graus variados de esquematicidade, produtividade e convencionalização ao longo do tempo. Além disso, o diálogo com teorias da corporificação e da metáfora conceptual (Lakoff e Johnson, 1980; Kövecses, 2005; Langacker, 2008) nos permitem verificar que os mecanismos cognitivos, como a associação entre intensidade e partes do corpo, são moldados por filtros culturais particulares. Assim, o estudo das EIs intensificadoras nas duas variedades do português constitui uma forma para verificar a interação entre gramática, cognição e cultura, evidenciando como padrões linguísticos emergem e se estabilizam com base em princípios tanto linguísticos quanto socioculturais.

O universo da pesquisa é a subamostra *Web/Dialects* do *Corpus do Português* (Davies e Ferreira, 2015; 2016), composta por cerca de um bilhão de palavras extraídas da internet em países lusófonos (Brasil, Portugal, Angola e Moçambique). Essa base reúne textos

informais coletados entre 2013 e 2014 e foi projetada para representar o português contemporâneo. Suas funcionalidades permitem análises quantitativas e qualitativas de palavras e expressões, além disso, os metadados dos textos possibilitam comparações entre variedades do português e o exame de variações internas em cada uma. Desde 2022, o *corpus* oferece ferramentas ampliadas, como consulta a lemas frequentes, sinônimos, colocações e análise automatizada de textos.

1.4 HIPÓTESES DE PESQUISA

A hipótese central desta tese é a de que, embora o PB e o PE compartilhem um repertório comum de EIs intensificadoras baseadas em elementos corporais, o que evidencia a existência de esquemas construcionais de base semelhantes, essas construções manifestam diferenças quanto aos significados culturais (em razão das experiências e vivências distintas de cada cultura), à frequência de uso, à produtividade e ao grau de esquematicidade dessas construções em cada variedade.

Esse pressuposto apoia-se na perspectiva de que construções linguísticas, ainda que ancoradas em esquemas cognitivamente motivados e em padrões de corporificação universais (Lakoff e Johnson, 1980; Kövecses, 2005), são moldadas por trajetórias histórico-discursivas e culturais específicas, que afetam seu grau de convencionalização, variação e configuração construcional (Bybee, 2016 [2010]); Traugott e Trousdale, 2021 [2013]; Hilpert, 2019). Assim, construções idiomáticas que compartilham a mesma base metafórica, como INTENSIDADE É PROFUNDIDADE ou CORPO É OBJETO/ANIMAL, podem divergir em sua realização morfossintática e em sua integração a padrões discursivos, conforme os usos e as preferências pragmáticas de cada comunidade linguística (Vermeer, 1996; Wierzbicka, 1997; Xatara e Seco, 2014).

Um exemplo interessante é a expressão *com uma perna/um pé nas/às costas*, empregada para indicar que alguém realiza uma tarefa com facilidade, sem esforço ou dificuldade. No PB, a forma mais corrente é *com um pé nas costas*, enquanto no PE prevalece *com uma perna às costas*. Ambas as variantes partilham o mesmo esquema metafórico de FACILIDADE É RELAXAMENTO / ESTABILIDADE, em que a ação corporal (erguer a perna ou o pé) simboliza o domínio e a destreza na execução de uma atividade. Essa diferença lexical reflete escolhas culturais e hábitos linguísticos distintos entre as duas variedades, mas sem alteração significativa do valor semântico ou pragmático da expressão. Assim, tanto no PB

quanto no PE, a construção idiomática mantém seu caráter figurativo e expressivo, demonstrando a produtividade do corpo humano como fonte de metáforas e metonímias no léxico das duas normas.

Essa divergência aponta para o papel da cultura na escolha e na sedimentação de determinadas construções, mesmo quando há uma base metafórica compartilhada. Desse modo, EIs intensificadoras como essas não apenas codificam significados afetivos e avaliativos, mas também veiculam visões de mundo particulares, socialmente convencionadas e linguisticamente incorporadas, que podem variar entre comunidades lusófonas.

Além disso, considerando que o grau de esquematicidade está relacionado à possibilidade de uma construção dar origem a novas instâncias com variação lexical, sem perda de reconhecimento por parte dos falantes (Goldberg, 2006), é esperado que, nas duas variedades, certas construções idiomáticas sejam mais ou menos produtivas, de acordo com sua fixidez, composicionalidade e inserção em rotinas culturais de fala (Bybee, 2016 [2010]; Hilpert, 2013). Tais diferenças podem ser interpretadas como reflexos de culturemas específicos, ou seja, de unidades simbólicas enraizadas em práticas culturais, crenças e valores de uma comunidade linguística (Xatara e Seco, 2014), os quais modulam tanto a escolha das metáforas e metonímias corporificadas quanto a frequência e a extensão de suas realizações linguísticas.

Considerando a exposição acima e com base em análise preliminar dos dados coletados sobre as EIs, formularam-se as seguintes hipóteses de pesquisa:

1. Variação na frequência e na produtividade: No PB, certas EIs intensificadoras com partes do corpo humano são mais produtivas e utilizadas com maior frequência do que no PE, refletindo diferenças na dinâmica do uso da linguagem e na tendência do PB a inovar e expandir padrões idiomáticos.

2. Esquematicidade distinta: O grau de esquematicidade das construções pode diferir entre as variedades, com o PB apresentando um maior número de subesquemas produtivos, enquanto o europeu tende a manter expressões mais cristalizadas e convencionais.

3. Influência da corporificação da linguagem: A noção de corporificação, segundo a qual a experiência sensório-motora e a interação física com o mundo moldam a linguagem, desempenha um papel essencial na formação dessas expressões.

Supõe-se que a seleção das partes do corpo envolvidas e o mapeamento metafórico subjacente refletem padrões cognitivos universais, mas também podem ser modulados por fatores culturais e pragmáticos específicos de cada variedade.

4. Diferenças pragmáticas e contextuais: O uso das EIs intensificadoras varia em função do contexto discursivo e das convenções pragmáticas de cada comunidade linguística, com possíveis diferenças na aceitação e no significado atribuídos a determinadas construções em cada país.

5. Estatuto construcional: As EIs intensificadoras se constituem como microconstruções, isto é, unidades construcionais muito específicas, situadas em um nível mais baixo da hierarquia construcional, que se organizam cognitivamente em redes construcionais por meio de elos relacionais e elos de herança.

Essas hipóteses serão testadas por meio da identificação, catalogação e análise comparativa dessas expressões, considerando sua composição morfossintática, semântica e pragmática, bem como sua produtividade e recorrência nas duas variedades do português.

1.5 JUSTIFICATIVAS PARA O ESTUDO

Compreender a formação dessas EIs e o funcionamento da intensificação nas duas variedades do português, bem como analisar o modo como as palavras se combinam para gerar novas construções linguísticas, fundamenta a relevância desta pesquisa. Ademais, como a maioria dos estudos sobre EIs se concentra nas perspectivas da Lexicologia e da Fraseologia, investigar esse fenômeno sob a ótica da Abordagem Construcional (Bybee, 2016 [2010]; Traugott e Trousdale, 2021 [2013]), que considera a construção como unidade central de análise, fortalece a proposta teórico-metodológica aqui adotada.

Soma-se a isso o caráter inovador deste trabalho, que se diferencia dos poucos estudos recentes sobre intensificação, geralmente focados em estruturas mais esquemáticas (como nominais e preposicionadas), ao direcionar sua análise especificamente para construções intensificadoras idiomáticas, frequentemente negligenciadas nas investigações linguísticas.

Ainda que haja contribuições anteriores, como a pesquisa funcionalista de Silva (2008) acerca das motivações semântico-cognitivas e discursivo-pragmáticas nos processos de intensificação, o tema permanece pouco explorado, especialmente sob a perspectiva da Abordagem Construcional.

Sob essa perspectiva, ao integrar os pressupostos teóricos da Abordagem Construcional ao estudo das EIs intensificadoras, esta pesquisa busca demonstrar que tais construções não apenas encapsulam experiências e valores culturais (Xatara e Seco, 2014), mas também se fundamentam em esquemas imagéticos corporificados (Lakoff e Johnson, 1980), como RECIPIENTE, TRAJETO, ALTURA, FORÇA, QUANTIDADE, EQUILÍBRIO, entre outros, que sustentam operações metafóricas e metonímicas na construção do sentido intensificador em diferentes tipos de construções idiomáticas. Ao fazer essa articulação, esta tese propõe uma integração entre cognição, cultura e uso linguístico, contribuindo tanto para a descrição das variedades do português quanto para o avanço teórico dos estudos sobre EIs intensificadoras no quadro da linguística funcional e construcional.

1.6 ORGANIZAÇÃO DA TESE

Este texto está estruturado em diversas seções, cada qual com uma função específica para organizar a pesquisa de maneira lógica e coerente. No *Capítulo 1 – Considerações iniciais*, são apresentados o tema de investigação, o problema de pesquisa, os objetivos, as hipóteses e as justificativas do estudo, oferecendo uma visão geral da pesquisa. O *Capítulo 2 – PB e PE: história, léxico e identidade* aborda o léxico do português nas variantes brasileira e europeia, destacando como fatores históricos, culturais e identitários as moldam e revelam a língua como um sistema dinâmico e plural.

No *Capítulo 3 – Referencial teórico*, são discutidos as teorias e os conceitos que fundamentam o estudo, fornecendo uma base teórica sólida para a compreensão do objeto de análise. Por sua vez, o *Capítulo 4 – Domínio funcional da intensificação* define e classifica o fenômeno da intensificação, apresenta o conceito de escalas de gradação e argumentação, e discute sua importância como um elemento pragmático e cognitivo. O *Capítulo 5 – Expressões idiomáticas* explora a definição, as características e a importância das EIs, especialmente aquelas analisadas neste trabalho.

O *Capítulo 6 – Universo de investigação e procedimentos metodológicos*, por sua vez, apresenta o corpus de investigação e detalha os métodos e as técnicas empregados na coleta

e na análise dos dados, garantindo a replicabilidade da pesquisa e apresentando os objetivos e os parâmetros de forma minuciosa. No *Capítulo 7 – Análise e descrição dos dados*, são expostos e discutidos os resultados obtidos, com interpretação quantitativa e qualitativa dos dados coletados. Já o *Capítulo 8 – Do dado linguístico ao padrão: o que revelam as EIs no PB e no PE*, integra os resultados da pesquisa, mostrando como os dados empíricos do PB e do PE revelam padrões recorrentes de organização gramatical, discursiva e cognitiva.

Por fim, o *Capítulo 9 – Considerações finais* retoma as principais conclusões do estudo, refletindo sobre suas contribuições teóricas e aplicadas. A seção de *Referências* reúne todas as fontes consultadas e citadas ao longo do estudo, assegurando a credibilidade e o rigor acadêmico. Ao final, apresentam-se os *apêndices* da tese. O *Apêndice I* reúne as análises das EIs que não foram discutidas no corpo do *Capítulo 7*, oferecendo ao leitor uma visão complementar dos demais casos. O *Apêndice II*, por sua vez, apresenta a organização completa do corpus utilizado, composto por todas as EIs analisadas, acompanhadas de seus significados, frequências de uso, metáforas envolvidas e padrões construcionais. Essa estrutura permite ao leitor acessar, de forma sistematizada, tanto a descrição integral do material quanto os dados que fundamentam as análises desenvolvidas ao longo da tese.

CAPÍTULO 2

PB E PE: HISTÓRIA, LÉXICO E IDENTIDADE

Este capítulo discute o lugar da língua portuguesa no cenário global, com ênfase nas suas realizações no Brasil e em Portugal. O foco da análise recai sobre o léxico, buscando compreender como a história, a cultura e a identidade de cada comunidade de fala moldam as escolhas lexicais e a organização da língua. São apresentados os fundamentos históricos e linguísticos que explicam a evolução do português em suas diferentes variantes, bem como os aspectos identitários que permeiam seu uso, evidenciando a língua como um sistema dinâmico, plural e sensível às experiências sociais, culturais e cognitivas de seus falantes.

2.1 UM PANORAMA GLOBAL

A língua portuguesa é falada oficialmente em nove países, espalhados por quatro continentes, formando a Comunidade dos Países de Língua Portuguesa (CPLP). Na Europa, em termos históricos, Portugal representa o berço da língua, de onde partiu sua expansão para outras regiões do mundo durante o período das navegações e da colonização. Na América do Sul, o Brasil destaca-se como o único país lusófono e, simultaneamente, o que concentra o maior número de falantes, desempenhando um papel central na vitalidade e na difusão do português no cenário internacional. Na Ásia, o português é uma das línguas oficiais do Timor-Leste, ao lado do tétum, refletindo sua história colonial e seu processo de independência.

Na África, o português é reconhecido como língua oficial em Angola, Moçambique, Cabo Verde, Guiné-Bissau, São Tomé e Príncipe e Guiné Equatorial. Nesses países, a língua é amplamente empregada em esferas formais, como a administração, o sistema educacional e os

meios de comunicação. No entanto, o português coexiste com uma rica diversidade de línguas africanas, o que configura cenários de bilinguismo e multilinguismo que variam conforme o contexto sociolinguístico de cada nação. Essa convivência linguística reflete, ao mesmo tempo, as heranças coloniais deixadas pela corte portuguesa no continente africano e os processos dinâmicos de construção identitária e política linguística.

Para além dos países oficialmente lusófonos, o português também tem presença significativa em territórios com estatuto administrativo especial, como Macau, na China, onde permanece como uma das línguas oficiais. Ademais, em comunidades de imigrantes espalhadas pelo mundo, o português é frequentemente mantido como língua de herança, transmitido entre gerações e adaptado às realidades culturais dos países de acolhimento.

Em nota divulgada em 2022, o *Instituto Camões* – instituição dedicada à promoção da língua e da cultura portuguesa no exterior – destacou que o português é a quarta língua mais falada no mundo como língua materna, ficando atrás apenas do mandarim, inglês e espanhol, com mais de 260 milhões de falantes distribuídos pelos continentes da África, América do Sul, Ásia e Europa. Não há como negar que a língua portuguesa, objeto de estudo desta tese, representa um amálgama da diversidade cultural e identitária de seus falantes, funcionando como "um ponto de confluência de identidades distintas e dispersas em diferentes momentos e em diferentes espaços" (Macedo, Martins e Cabecinhas, 2011, p. 124).

Diante desse cenário, é inegável a importância da língua portuguesa falada em todos os países lusófonos, pois cada variedade reflete contextos culturais e históricos distintos, no entanto, por razões metodológicas e de viabilidade, este estudo se concentrará apenas no Brasil e em Portugal (para aprofundamento, ver *Capítulo 6*).

2.2 A LÍNGUA COMO EXPRESSÃO CULTURAL E IDENTITÁRIA

O universo de falantes do português reúne uma multiplicidade de vozes que, embora compartilhem os mesmos princípios estruturais, refletem variações linguísticas moldadas por contextos sociais, culturais e regionais diversos. Apesar dessa heterogeneidade, o português europeu dos séculos XV e XVI constituiu, por razões históricas e coloniais, a base da variedade brasileira (Teyssier, 1982; Mattos e Silva, 2004). Todavia, com o passar do tempo, o PB desenvolveu traços próprios que o distinguem do PE, como observa Guimarães (2005, p. 25). Assim, o PB resulta de um processo histórico de adaptação e transformação do PE,

configurando-se como uma variedade autônoma, enraizada em um contexto sociolinguístico distinto do de Portugal.

A língua portuguesa, como toda língua viva, está em constante transformação. Não se pode, portanto, afirmar que uma variante evoluiu a partir da outra, mas que o PB e o PE seguiram trajetórias próprias de desenvolvimento (Rodrigues, 2012, p. 59). As divergências fonético-fonológicas, morfológicas, sintáticas e lexicais entre as duas variantes refletem processos históricos, sociais e culturais distintos, os quais consolidaram o PB como uma forma legítima e autônoma da língua.

No plano da língua escrita, entretanto, há maior convergência entre o PB e o PE, resultado da ação reguladora das gramáticas normativas, dos dicionários e dos acordos ortográficos (Ilari e Basso, 2006). Esses instrumentos visam uniformizar o idioma em sua forma culta, atenuando as diferenças regionais e estruturais. Já na língua falada, a diversidade se manifesta de modo mais expressivo, pois é na oralidade que as variações dialetais, sociais e pragmáticas emergem de forma mais espontânea e dinâmica. Como argumenta Bagno (2007), a fala constitui o espaço privilegiado da inovação linguística e da afirmação de identidades locais e sociais.

A perspectiva proposta por Madeira (2003), com base em Lourenço (1999b), amplia, portanto, a compreensão das diferenças entre o PB e o PE ao situar a língua no âmbito das experiências culturais e identitárias de seus falantes. Sob essa ótica, as distinções entre as duas variedades não se limitam a aspectos estruturais, mas refletem modos distintos de sentir, pensar e interagir com o mundo. A língua, enquanto corpo vivo e sensível, traduz as marcas históricas e afetivas de cada comunidade de fala, revelando, em sua materialidade, os processos de transformação social e cultural que a constituem.

Assim, mais do que um simples meio de comunicação, a língua configura-se como um dos pilares da identidade coletiva. É por meio dela que os sujeitos constroem seu senso de pertencimento e se reconhecem como parte de um grupo social ou de uma nação. Ao abrigar emoções, crenças, saberes e práticas culturais, ela se torna um instrumento de memória e resistência, ao mesmo tempo individual e coletiva, local e universal. Dessa forma, a língua traz consigo os traços de quem a fala, do lugar de onde se fala e do modo como se vive.

De acordo com Camacho (2008, p. 155), os modelos sociais e culturais de uma sociedade refletem-se diretamente em sua língua, de modo que compreender uma civilização implica também analisar sua linguagem, seus usos discursivos e sua cosmologia (Aikhenvald, 2016). A língua, nesse sentido, expressa um modo particular de estar no mundo, sendo marcada

pelas vivências, valores, formas de sociabilidade e pelos processos históricos que moldam determinada comunidade.

Nesse mesmo horizonte, Orlandi (2005, p. 29) destaca as dimensões subjetiva e política da linguagem ao afirmar que “a questão da língua que se fala toca os sujeitos em sua autonomia, em sua identidade, em sua autodeterminação”. Sendo assim, a língua ultrapassa sua função comunicativa para atuar como instrumento simbólico que organiza o pertencimento, a memória e a visão de mundo dos falantes. No caso do português, embora seja a língua oficial tanto no Brasil quanto em Portugal, suas diferenças estruturais e lexicais evidenciam trajetórias autônomas de evolução linguística e adaptação cultural.

Esses contrastes resultam, em grande parte, do processo colonial e das múltiplas influências culturais e migratórias que contribuíram para a formação das variedades nacionais da língua (Teyssier, 1982; Ilari e Basso, 2006; Faraco, 2008). No Brasil, por exemplo, o contato com línguas indígenas, africanas e com as diversas correntes migratórias europeias e asiáticas foi determinante na constituição do PB. Já em Portugal, os processos históricos internos e as práticas discursivas locais consolidaram uma variante que preserva traços fonológicos, morfossintáticos e semânticos distintos (Teyssier, 1982).

Sob essa perspectiva, Wierzbicka (1997) argumenta que as línguas são sistemas culturais codificados, que refletem e estruturam os valores, normas e visões de mundo das comunidades que as utilizam. Assim, o português não deve ser compreendido como uma entidade homogênea e imutável, mas como um espaço de negociação simbólica e afirmação identitária – um *locus* em que práticas discursivas locais se entrelaçam a heranças históricas e projeções culturais, como também argumentam Macedo, Martins e Cabecinhas (2011).

2.3 IDENTIDADE E CONTRASTES NO LÉXICO DO PB E DO PE

O léxico de uma língua não se limita a um conjunto de unidades linguísticas; ele incorpora também conceitos extralinguísticos que revelam as formas de perceber, sentir e categorizar o mundo compartilhadas por uma comunidade. Como destacam Fernandes, Gomes e Costa (2014, p. 1160), o vocabulário de uma língua “indica o conhecimento que uma comunidade linguística possui sobre o mundo por meio de palavras”. Nesse sentido, o léxico funciona como um repositório de experiências culturais, históricas e sociais, atuando como um espelho simbólico da realidade vivida pelos falantes. Essa dimensão simbólica se manifesta,

por exemplo, no uso de EIs, na organização sintática de enunciados (como a inversão verbo-sujeito) ou nas estratégias narrativas que orientam a construção de sentidos.

Além disso, o léxico é um dos componentes mais dinâmicos e centrais de qualquer língua, pois reúne palavras e expressões que permitem a comunicação, a formulação de significados e a construção de identidades culturais e sociais. Conforme Biderman (2001, p. 969), "o léxico da língua constitui um tesouro de signos linguísticos que, em forma de código semiótico, registra o conhecimento que a comunidade linguística tem do mundo através das palavras". Dessa forma, ele reflete a história, a cultura e a identidade de um povo, incorporando continuamente novos termos e promovendo adaptações que atendem às necessidades comunicativas, sociais e tecnológicas.

Mais do que um inventário de palavras, o léxico deve ser compreendido como um sistema estruturado e relacional, no qual as unidades linguísticas se organizam em campos semânticos, redes de sinônimos e antônimos, hipônimos e hiperônimos, bem como em EIs culturalmente marcadas. Sob essa perspectiva, como assinala Biderman (2001, p. 969), "as palavras dão testemunho da cultura de que fazem parte" evidenciando que o vocabulário de uma língua não é neutro, mas carregado de significados socioculturais que variam ao longo do tempo e entre diferentes comunidades de fala. Trata-se, portanto, de um instrumento essencial para a transmissão de ideias, emoções e conhecimentos.

Nesse sentido, embora o PB preserve laços profundos com sua matriz europeia, o léxico dessas duas variedades apresenta contrastes significativos, fruto de trajetórias históricas distintas, influências culturais diversas e processos autônomos de desenvolvimento. Xatara, Souza e Moraes (2008, p. 20) destacam que a "aquisição do léxico é totalmente social, dependente dos contatos e do acesso a informações e à escolarização", o que implica que a experiência de mundo compartilhada por uma comunidade molda diretamente o conjunto de palavras utilizadas para representar sua realidade.

No caso do Brasil, a diversidade cultural gerada pela interação entre línguas indígenas, africanas e de imigrantes europeus e asiáticos foi determinante na formação de um léxico próprio. Como explica Biderman (2001, p. 969), o ambiente natural, as práticas culturais e os contextos sociais específicos do território brasileiro exigiram a criação ou adaptação de vocábulos para nomear objetos, animais, comidas, sentimentos e situações que não existiam ou não tinham o mesmo valor simbólico de Portugal. Ainda assim, parte significativa do léxico herdado do PE permanece viva no uso cotidiano dos falantes do PB, embora em muitos casos tenha sido ressignificado ou formalmente modificado ao longo do tempo.

Um campo particularmente revelador dessas transformações é o das EIs. Apesar de muitas terem origem comum, é possível notar diferenças na frequência de uso, nos contextos de ocorrência e até mesmo na forma de realização. Enquanto certas expressões permanecem praticamente inalteradas nas duas variedades, como *fazer vista grossa* ou *matar dois coelhos com uma cajadada só*, outras foram adaptadas ou substituídas por construções mais alinhadas às práticas discursivas locais.

Esse conjunto de variações lexicais entre PB e PE reforça a ideia de que o léxico constitui um espaço privilegiado para observar como línguas vivas se adaptam às experiências históricas, culturais e sociais de seus falantes. A análise desses contrastes, como evidencia o Quadro 1[5] comparativo a seguir, permite compreender de que forma o português se atualiza, se ramifica e se reinventa nos diferentes espaços da lusofonia, preservando vínculos com a tradição e, ao mesmo tempo, incorporando inovações.

Quadro 1 – Comparativo das EIs do PE e do PB

PE	**PB**
Bater *a bota* = morrer	Bater *as botas* = morrer
Mandar alguém plantar batatas = mandar embora, mandar não chatear	Mandar alguém plantar batatas = mandar embora, mandar não chatear
Pôr as barbas de molho = precaver-se, prevenir-se	Pôr as barbas de molho = precaver-se, prevenir-se
Passar desta para melhor = morrer	Passar desta para melhor = morrer
Pôr *as unhinhas* de fora = ousar, atrever	Pôr *as manguinhas* de fora = ousar, atrever
Ser unha *com* carne = ser íntimo	Ser unha *e* carne = ser íntimo
Ser uma *víbora* = ser muito mau; ter mau génio	Ser uma *cobra* (jararaca) = ser muito mau; ter mau gênio
Tirar a barriga *de misérias* = comer muito depois de ter passado fome	Tirar a barriga *da miséria* = ganhar muito, saindo de situação ruim ou desesperadora
Tirar o *cavalito* da chuva = deixar de pretensão, reduzir as pretensões	Tirar o *cavalo* da chuva = deixar de pretensão, reduzir as pretensões

Fonte: Biderman (2001, p. 970).

O Quadro 1 acima apresenta diferenças lexicais entre as EIs do PE e do PB, revelando variações estruturais e semânticas. Em alguns casos, a EI mantém o mesmo significado em ambas as variedades, mas exibe diferenças morfossintáticas. É o que ocorre, por

[5]A numeração das Figuras, Tabelas e dos Quadros é reiniciada a cada capítulo.

exemplo, entre *bater a bota* (PE) e *bater as botas* (PB), ambas com o sentido idiomático de morrer. A variação na marca de plural do substantivo indica que, apesar da diferença formal, o conteúdo pragmático permanece inalterado, mostrando como certas expressões se adaptam a normas de uso locais sem alterar sua função discursiva.

Em outros casos, observa-se a escolha de lexemas distintos dentro do mesmo campo semântico para expressar a mesma ideia, apontando para diferenças culturais e sociolinguísticas no uso do léxico. Um exemplo é a oposição entre *ser uma víbora* (PE) e *ser uma cobra* (PB), ambas empregadas para descrever uma pessoa traiçoeira ou de temperamento venenoso. Embora o nome do animal utilizado na metáfora varie, o esquema imagético e o valor semântico da expressão permanecem semelhantes. Essas construções ilustram como a linguagem recorre a metáforas conceituais baseadas na experiência corporal e cultural para representar traços de personalidade negativa, evocando o esquema imagético de PERIGO ou AMEAÇA associado à serpente como agente sorrateiro e potencialmente letal.

Segundo Lakoff e Johnson (1980), metáforas como PESSOAS MALEVOLENTES / RUINS SÃO ANIMAIS PERIGOSOS estruturam nosso modo de pensar e falar sobre relações humanas. O uso dessas expressões revela, ao mesmo tempo, julgamentos morais e um mapeamento metafórico que transforma características atribuídas a cobras ou víboras, como veneno, dissimulação e astúcia, em descrições de comportamentos humanos percebidos como traiçoeiros. Essa motivação metafórica é compartilhada por ambas as variedades, ainda que com escolhas lexicais específicas.

Há ainda situações em que as EIs apresentam pequenas variações formais, como em *pôr as unhinhas de fora* (PE) e *pôr as manguinhas de fora* (PB). Apesar de *unhinhas* e *manguinhas* pertencerem a domínios corporais distintos – *unhas* remetendo a garras e agressividade, *mangas* a um gesto preparatório –, ambas utilizam o diminutivo, conferindo um tom irônico ou afetivo. O valor pragmático permanece o mesmo: revelar intenções ocultas, mostrar-se audacioso ou preparar-se para agir com ousadia. Essas variações demonstram a criatividade e a plasticidade das EIs, ao mesmo tempo em que reforçam os vínculos estruturais e funcionais entre as variedades do português.

Essas diferenças lexicais e estruturais observadas nas EIs refletem a dinâmica e a adaptabilidade do léxico em cada variedade do português. Nesse contexto, projetos de sistematização do vocabulário, como o Português Fundamental (PF), desenvolvido pela Universidade de Lisboa entre as décadas de 1970 e 1980, assumem papel central nesses

estudos[6]. Inspirado nos projetos *Français Fondamental* e *Español Fundamental*, o PF teve como objetivo identificar um vocabulário essencial para a comunicação cotidiana, voltado ao ensino do português como língua estrangeira. Com base em princípios da Estatística Léxica, o projeto buscou selecionar, de forma objetiva e científica, as unidades lexicais mais representativas do uso real da língua, evitando escolhas subjetivas comuns em listas anteriores.

A pesquisa dividiu-se em duas fases: o *corpus* de frequência e o *corpus* de disponibilidade. O primeiro foi elaborado a partir de entrevistas orais espontâneas com cerca de 1.400 informantes de diferentes regiões de Portugal, considerando fundamentais as palavras que ocorriam ao menos 40 vezes no conjunto. O segundo, por sua vez, envolveu cerca de 800 jovens, que responderam a questionários distribuídos em 27 Centros de Interesse (como "corpo humano", "vestuário", "cozinha" e "vida sentimental"), permitindo identificar o léxico de acesso mais imediato à memória dos falantes.

Em 1980, um inquérito complementar ampliou o estudo para campos semânticos emergentes após a Revolução dos Cravos, como "vida política", "relações de trabalho" e "problemas econômicos". O projeto do PF consolidou-se, assim, como um marco metodológico nos estudos do léxico português, com contribuições significativas para o ensino de português como L2 e para a elaboração de dicionários pedagógicos e materiais didáticos.

Biderman (1996) analisou detalhadamente os resultados da pesquisa da Universidade de Lisboa e concluiu que as diferenças lexicais em relação à língua falada no Brasil não são muito marcantes nem significativas, mesmo nos níveis de linguagem onde seriam esperadas as maiores discrepâncias. Como resultado, observou-se que o núcleo central do PB coincide, em grande parte, com o PE. Todavia, a autora identificou diferenças lexicais que podem ser agrupadas em duas categorias: (i) itens comuns em Portugal, mas não no Brasil, devido à variação no significante; e (ii) aqueles raros ou inexistentes no Brasil em razão das particularidades do contexto físico e cultural português em contraste com a realidade brasileira.

Segundo o estudo de Biderman (1996), as maiores diferenças lexicais entre o PB e o PE concentram-se nos domínios de fauna, flora, dentre outros, áreas sensíveis às particularidades ambientais, geográficas e climáticas de cada região. Além disso, variações significativas também se observam em campos culturais como a culinária, a música e as práticas tradicionais, refletindo as especificidades socioculturais de cada comunidade lusófona. Por outro lado, em domínios temáticos como o corpo humano – foco desta tese –, assim como nos

[6] O detalhamento deste trabalho é particularmente relevante para a presente tese, pois fornece subsídios sobre o vocabulário comum e divergente entre o PB e o PE, o que contribui para compreender as semelhanças e diferenças de uso das EIs nas duas variantes da língua.

centros de interesses relacionados à saúde e doença e aos meios de informação, observa-se uma elevada estabilidade lexical entre as duas variedades da língua. Termos fundamentais como *olho*, *boca*, *nariz*, *braço*, *perna*, *pé*, *mão*, *dedo*, *joelho* e *coração* são virtualmente idênticos no PB e no PE, sendo prontamente reconhecidos e compreendidos por falantes de ambas as variedades.

Embora Biderman (1996) não aborde de forma direta as causas dessa semelhança, uma explicação plausível para a estabilidade lexical nesses domínios recai sobre a universalidade da experiência corpórea. Como destaca Berlin (1992)[7], a nomeação das partes do corpo tende a apresentar alta convergência interlinguística, uma vez que todos os grupos humanos compartilham uma mesma anatomia básica. Essa constância terminológica é reforçada pela necessidade funcional de se referir ao corpo com precisão em diferentes contextos, seja na vida cotidiana, seja no cuidado com a saúde, em contextos educacionais ou mesmo em práticas religiosas e rituais. Assim, pode-se dizer, a partir de Berlin (1992), que a parcela do léxico referente ao corpo humano constitui uma espécie de núcleo semântico resistente à variação, tanto no interior de uma mesma língua quanto em contextos de contato interlinguístico, funcionando como base comum na comunicação entre falantes de diferentes variantes do português.

Contudo, embora o vocabulário relacionado ao corpo humano tenda a apresentar relativa estabilidade entre o PB e o PE, especialmente no que se refere a termos básicos com forte ancoragem biológica (como *olho*, *braço*, *mão*, *perna* etc.) vale lembrar que a linguagem não se limita à descrição objetiva da realidade física. Ela também reflete a maneira como diferentes culturas percebem, organizam e simbolizam o mundo ao seu redor (Lakoff e Johnson, 1980; Wierzbicka, 1997). Assim, mesmo em domínios aparentemente universais como o corpo, surgem variações linguísticas e discursivas que revelam particularidades culturais.

No caso do PB, por exemplo, o termo *bunda* é amplamente utilizado e socialmente aceitável para designar as nádegas, enquanto em Portugal a palavra pode ser considerada vulgar ou inapropriada em contextos formais, sendo substituída por alternativas como *rabo* (também de uso ambíguo), *nádegas* ou *traseiro*. De modo semelhante, a palavra *cara* é um sinônimo comum e neutro para *rosto* no Brasil, mas em Portugal tende a soar mais informal ou coloquial.

[7] O estudo de Berlin (1992) é fundamental para a compreensão dos princípios universais e culturais que regem a classificação e nomeação de elementos do mundo natural (incluindo partes do corpo humano) em diferentes línguas e culturas. Berlin argumenta que categorias como corpo humano tendem a apresentar grande estabilidade interlinguística, o que justifica seu uso na sua argumentação sobre a estabilidade lexical entre o PB e o PE.

Além dessas diferenças lexicais, há variações no uso de EIs que envolvem partes do corpo e que estão fortemente enraizadas em modelos culturais locais. Por exemplo, a expressão brasileira *ter olho gordo* (sentir inveja ou mau-olhado) não encontra uma correspondência exata em Portugal, onde outras metáforas são mais recorrentes. Já *dar uma mãozinha*, embora seja compreensível em ambas as variedades, pode ter graus distintos de uso e familiaridade.

Essas diferenças evidenciam como a linguagem corporalizada, que utiliza o corpo como fonte de metáforas e metonímias, não apenas comunica, mas também negocia sentidos a partir das experiências culturais, históricas e cognitivas de cada comunidade linguística. O léxico, ao recorrer a partes do corpo humano, reflete valores, atitudes e percepções compartilhadas pelos falantes, ao mesmo tempo em que se adapta às normas discursivas e às particularidades sociais de cada variedade do português. Nesse sentido, o presente estudo permite compreender não apenas as divergências e convergências lexicais entre o PB e o PE, mas também como o léxico e a pragmática são moldados por contextos culturais específicos, consolidando a língua como um espaço dinâmico de expressão identitária e criatividade comunicativa.

O Capítulo seguinte, *Referencial Teórico*, apresenta os principais fundamentos conceituais e metodológicos que orientarão a análise dos dados, situando este estudo no campo da Gramática de Construções e da Abordagem Construcional da linguagem.

CAPÍTULO 3

REFERENCIAL TEÓRICO

Esta tese apoia-se nos pressupostos teóricos do modelo da Gramática de Construções (Construction Grammar), conforme desenvolvido por Goldberg (1995; 2006) e Croft (2001), com ênfase especial na Abordagem Construcional proposta por Traugott e Trousdale (2021 [2013]). São ainda incorporados os princípios da Linguística Funcional Centrada no Uso, como delineados por Furtado da Cunha, Bispo e Silva (2013) e por Furtado da Cunha e Bispo (2013). Essa perspectiva, formulada no Brasil pelo grupo de estudos *Discurso & Gramática*, sediado na UFRN, UFRJ e UFF, corresponde ao modelo internacionalmente conhecido como *Usage-based Linguistics* (Linguística Baseada no Uso), conforme sistematizado por Bybee (2016 [2010]). Em sua obra *Língua, uso e cognição* (2016 [2010]), a autora apresenta esse modelo como uma continuidade da tradição funcionalista norte-americana, incorporando contribuições da Gramática de Construções, da Linguística Cognitiva, da Sociolinguística e da Linguística de Corpus. Trata-se, portanto, de uma abordagem que concebe a linguagem como um sistema emergente do uso, sensível à frequência e à experiência.

Sob essa ótica, esta pesquisa fundamenta-se em autores como Bybee (2016 [2010]), cuja abordagem examina os processos cognitivos de domínio geral e os fatores sociais que influenciam a configuração da gramática; Traugott e Trousdale (2021 [2013]), que desenvolvem uma teoria abrangente sobre a natureza, as propriedades e a estruturação das construções; Langacker (1987) e Lakoff (1987), que investigam a relação entre os seres humanos e o mundo natural e sociocultural; e Furtado da Cunha, Bispo e Silva (2013), que reforçam a noção de maleabilidade do sistema linguístico, defendendo a incorporação de fatores semântico-cognitivos e discursivo-pragmáticos nas análises linguísticas.

Nas subseções seguintes, serão discutidos de forma mais aprofundada os principais conceitos que fundamentam os pressupostos teóricos mobilizados neste trabalho. Serão discutidos, em particular, a concepção de língua adotada na pesquisa, a definição e as propriedades das construções, sua organização em redes construcionais e, ainda, o papel da experiência na cognição humana e nos processos cognitivos de domínio geral.

3.1 FUNDAMENTOS DA GRAMÁTICA CONSTRUCIONAL E DA NOÇÃO DE CONSTRUÇÃO

Assim como as dunas de areia, que possuem uma estrutura definida, mas se transformam continuamente sob a influência de fatores climáticos, como a chuva e o vento, Bybee (2016, [2010]) caracteriza a natureza das línguas como um sistema dinâmico e adaptativo. Segundo a autora, esse sistema apresenta uma estrutura regular aparente, mas ao mesmo tempo, manifesta grande variabilidade e gradiência. Para ela, "se a língua fosse uma estrutura mental fixa ela talvez tivesse categorias discretas; mas já que ela é uma estrutura mental que está em constante uso e é filtrada pelas atividades de processamento que a modificam, há variação e gradação" (Bybee, 2016 [2010], p. 25).

Sem desconsiderar a existência de padrões regulares intra e interlinguísticos, a variação diz respeito às unidades e estruturas da língua que oscilam em seu uso sincrônico e percorrem trajetórias contínuas de mudança ao longo do tempo. Essa dinâmica gera fenômenos de gradiência, nos quais se observa que muitas categorias linguísticas não apresentam fronteiras rígidas, mas se distribuem ao longo de um contínuo, refletindo processos de gradualidade entre formas e funções.

Essa concepção de linguagem contrasta, por exemplo, com a abordagem formalista da Gramática Gerativa, especialmente na formulação de Chomsky (1986), segundo a qual o conhecimento linguístico é concebido como uma competência inata, universal e abstrata, acessível a todos os seres humanos. Para essa tradição, a linguagem seria um módulo independente/autônomo do cérebro, especializado e distinto de outras capacidades cognitivas, com foco prioritário na descrição da competência idealizada de um falante nativo, em detrimento da variação e da mudança efetiva observadas no uso concreto da língua.

Em oposição a essa concepção modular e inatista da linguagem proposta pela teoria gerativa chomskyana, os modelos construcionistas baseados no uso surgem como uma reação e uma alternativa teórica centrada na experiência linguística concreta dos falantes. Para a

perspectiva da Gramática de Construções, o conhecimento linguístico não é fruto de um módulo cognitivo autônomo, mas emerge de processos cognitivos gerais, compartilhados com outras habilidades mentais humanas, como a categorização, a analogia e a associação.

Nesse modelo, a gramática é concebida como uma rede holística de construções, entendidas como pareamentos convencionais de forma e significado, em que nenhum componente da língua (fonológico, morfossintático, semântico ou pragmático) opera de maneira isolada ou é hierarquicamente superior em termos de importância. Todos os níveis da estrutura linguística interagem de forma integrada e são modelados pelo uso. Como observam Cunha Lacerda e Furtado da Cunha (2017, p. 19), no âmbito dessa abordagem, "a gramática é entendida como conhecimento de um sistema linguístico, como representação cognitiva da experiência dos indivíduos com a língua", e pode ser modificada pelas interações cotidianas em contextos comunicativos. Trata-se, portanto, de uma abordagem que valoriza a variação, a mudança e a criatividade linguística, reconhecendo a gramática como um sistema adaptável, sensível à frequência de uso e às pressões sociais e cognitivas da situação comunicativa.

Essa concepção inovadora se consolida a partir dos estudos iniciais de Fillmore, Kay e O'Connor (1988), considerados o marco fundador da Gramática de Construções. Esses autores buscaram integrar as EIs às descrições e análises linguísticas, propondo uma mudança significativa em relação ao tratamento tradicional dado a essas estruturas pela Gramática Gerativa, que as considerava elementos idiossincráticos e não composicionais, em outras palavras, estruturas que não podiam ser explicadas pelas regras convencionais de formação de palavras. Na proposta construcionista, por sua vez, os *idioms* passam a ser considerados como unidades legítimas do sistema linguístico, dotadas de estrutura interna e de um significado global, ainda que apresentem certo grau de opacidade semântica.

Ampliando essa perspectiva, a Gramática de Construções é reconhecida como um modelo linguístico centrado no uso por partir da premissa de que o conhecimento linguístico se desenvolve a partir da experiência e da exposição recorrente a padrões comunicativos reais. Para essa abordagem, a linguagem é adquirida por meio de interações sociais em contextos autênticos, e as estruturas linguísticas emergem, se consolidam e se transformam em resposta às demandas cognitivas e sociocomunicativas dos falantes.

Diferentemente das concepções que tratam a gramática como um sistema abstrato de regras universais, a perspectiva construcionista entende a linguagem como um inventário de construções: unidades compostas por pareamentos convencionais entre forma e significado, que podem variar desde expressões altamente específicas, como idiomatismos lexicalizados (por exemplo, *chutar o balde*), até construções altamente abstratas e produtivas, como a ditransitiva

(*João deu à Maria um presente*). Essa concepção foi inicialmente formulada por Langacker (1987), que define construção como uma unidade simbólica composta por uma associação convencional entre forma e significado, e posteriormente desenvolvida por Goldberg (1995, p. 4), que propõe: "C é uma construção se e somente se C é um pareamento forma/significado <F, s> de modo que algum aspecto de F, ou algum aspecto de Si, não seja estritamente previsível a partir das partes componentes de C ou a partir de outras construções previamente estabelecidas"[8].

No entanto, a própria Goldberg revisa essa definição por considerá-la restrita, já que não contemplava de forma adequada a organização em rede das construções – um dos pilares do modelo construcionista. Em sua reformulação mais abrangente, ela passa a considerar:

> Qualquer padrão linguístico é reconhecido como uma construção desde que algum aspecto de sua forma ou função não seja estritamente previsível a partir de suas partes que a compõem ou de outras construções reconhecidas como existentes. Além disso, os padrões são armazenados como construções, ainda que totalmente previsíveis, se ocorrem com frequência suficiente (Goldberg, 2006, p. 5, tradução nossa)[9].

Nessa reformulação, Goldberg amplia e flexibiliza a noção de construção, ao reconhecer que mesmo padrões inteiramente previsíveis podem ser armazenados como construções, desde que apresentem frequência suficiente de uso. Além disso, ao longo da obra, incorpora explicitamente a noção de rede construcional, ao considerar que as construções não funcionam de forma isolada, mas se organizam em um sistema interconectado de padrões linguísticos.

Complementando essa abordagem, Croft (2001; 2005) propõe a Gramática de Construções Radicais, uma versão ainda mais abrangente do modelo construcionista. Segundo essa proposta, toda generalização linguística, independentemente de seu nível (morfológico, sintático ou pragmático) deve ser tratada como uma construção. Para o autor, a gramática de uma língua é composta exclusivamente por construções, o que elimina a necessidade de distinções entre léxico (conteúdo) e gramática (elementos com funções procedurais). Com isso, desfaz-se, segundo Croft, a tradicional dicotomia entre léxico e gramática, reforçando a

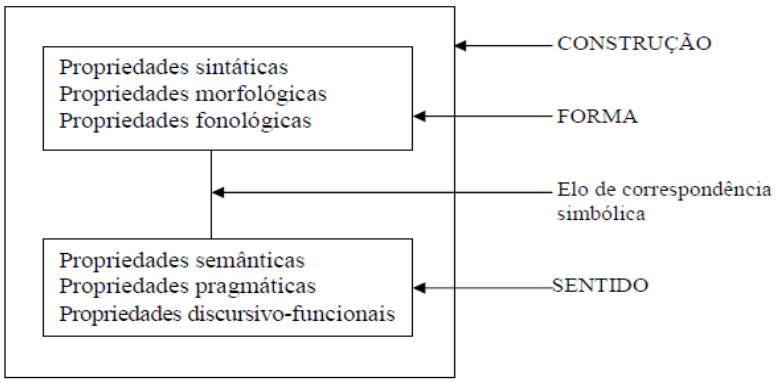
[8] No original: "C is a construction if, C is a form-meaning pair <F, s> such that some aspect of F, or some aspect of S, is not strictly predictable from C's component parts or from other previously established constructions" (Goldberg, 1995, p. 4).

[9] No original: "Any linguistic pattern is recognized as a construction as long as some aspect of its form or function is not strictly predictable from its component parts or from other constructions recognized to exist. In addition, patterns are stored as constructions even if they are fully predictable as long as they occur with sufficient frequency" (Goldberg, 2006, p. 5).

concepção de que até mesmo fórmulas fixas e EIs, frequentemente marginalizadas em outros modelos, integram a estrutura da competência linguística.

Croft também enfatiza a importância da frequência e da recorrência no uso da língua como fatores fundamentais na organização e categorização das construções. Em sua proposta representativa da Gramática de Construções Radical, a construção é concebida como um pareamento entre forma e significado, em que a forma abrange propriedades sintáticas, morfológicas e fonológicas, e o significado incorpora aspectos semânticos, pragmáticos e discursivo-funcionais – domínios interligados por elos de correspondência simbólica, como ilustra a Figura 1 abaixo:

Figura 1 – Modelo simbólico de uma construção



Fonte: Croft (2001, p.18).

É importante destacar que, conforme argumentam Traugott e Trousdale (2021 [2013], p. 8), essa articulação entre forma e função é bidirecional, ou seja, a estrutura da construção não apenas reflete os contextos de uso, mas também é continuamente moldada por eles. Esse caráter dinâmico evidencia como as experiências linguísticas concretas dos falantes influenciam a organização das construções, reafirmando a perspectiva de que a gramática emerge do uso e se atualiza a partir dele. Nesse sentido, os autores recorrem ao modelo proposto por Croft (2001) como suporte teórico para a representação esquemática da construção, utilizando a notação [[F]] ↔ [[S]]. Enquanto a flecha bidirecional indica a interdependência entre forma e significado, os colchetes demonstram que, embora sejam componentes distintos [F] + [S], eles estão integrados e convencionais na gramática da língua. Nesse contexto, a construção não deve ser compreendida apenas como uma estrutura ampla, mas sim como um nó estrutural e funcional que integra o sistema linguístico.

Nessa mesma linha, Traugott (2008) descreve construções como *chunks* – encadeamentos linguísticos autônomos e rotinizados no uso por uma comunidade de falantes. De maneira semelhante, Bybee (2016 [2010], p. 28), define construção como "um pareamento direto entre forma e significado que tem estrutura sequencial e pode incluir posições que são tanto fixas quanto abertas". Por fim, Traugott e Trousdale (2021 [2013]) sintetizam diversas abordagens ao caracterizar as construções como:

> convencionais porque são compartilhadas por um grupo de falantes. Elas são simbólicas porque são signos, associações tipicamente arbitrárias de forma e significado. E são unidades porque algum aspecto do signo é tão idiossincrático (Goldberg, 1995) ou tão frequente (Goldberg, 2006) que o signo é fixado como um pareamento forma-significado na mente do usuário da língua (Traugott e Trousdale, 2021 [2013], p. 1).

Essa diversidade de definições revela um ponto de convergência fundamental entre os teóricos da Gramática de Construções: o reconhecimento do papel central das construções no funcionamento da linguagem. Independentemente das especificidades de cada proposta teórica, há um consenso de que as construções constituem unidades cognitivamente acessíveis, moldadas pela experiência linguística e organizadas em redes que associam padrões recorrentes de forma e significado. Apesar das variações terminológicas e das ênfases distintas entre os autores, todas as abordagens construcionistas compartilham um princípio essencial: a não previsibilidade.

Como argumenta Goldberg (1995), uma construção é reconhecida como tal quando algum aspecto de sua forma ou significado não pode ser inteiramente deduzido a partir de suas partes componentes ou de outras construções já existentes no sistema gramatical. Esse grau de idiossincrasia formal ou funcional, ou ainda a alta frequência de ocorrência no uso linguístico, justifica o armazenamento mental da construção como uma unidade emparelhada de forma e significado. Assim, a construção passa a integrar a gramática do falante não como o resultado da mera composição de elementos isolados, mas como um item linguístico convencionalizado, dotado de função própria no repertório cognitivo e comunicativo.

Por fim, as pesquisas construcionistas têm demonstrado que "as línguas são permeadas por um número enorme de expressões cujas formas e sentidos não são predizíveis nem com base nas palavras memorizadas e armazenadas no léxico, nem nas regras de sintaxe oferecidas pela gramática" (Furtado da Cunha e Cezário, 2023, p. 4). Isso reforça a noção de que o conhecimento linguístico se constitui a partir de construções memorizadas e recorrentes,

adquiridas na experiência concreta de uso, afastando-se, dessa forma, da visão formalista e aproximando-se de uma gramática orientada pela experiência e pela cognição.

Com base nessa perspectiva, as construções podem se manifestar em diferentes níveis: desde um morfema (*inter*-; *-ista*), uma palavra simples (*flor*; *pé*), derivada (*florista*; *pedestre*), ou composta (*pé-de-moleque*), passando por EIs (*nem tudo são flores*; *ficar com um pé atrás*), até padrões esquemáticos (adj + (i)dade: *felicidade*; *novidade*) e, em alguns casos, padrões discursivos (como carta, resumo, receita culinária)[10]. Vale ressaltar, no entanto, que nem todos os autores da abordagem construcional reconhecem os padrões discursivos como construções (Goldberg, 1995; 2006; Croft, 2001). Isso se justifica porque tais padrões operam em um nível macrotextual, apresentam fronteiras pouco claras, nem sempre configuram uma associação fixa entre forma e significado.

Em síntese, a Abordagem Construcionista parte do pressuposto de que todas as estruturas linguísticas – das mais simples às mais complexas – podem ser descritas como construções, consideradas a unidade básica da língua. A Gramática de Construções, nesse contexto, constitui uma proposta teórica sólida, ao mesmo tempo, psicológica e cognitivamente plausível, para a análise dessas estruturas. Esse modelo defende que o conhecimento linguístico não é inato nem puramente abstrato, mas resulta do uso efetivo da língua, sendo construído a partir de ocorrências concretas e das interações comunicativas entre os falantes.

A partir da concepção de língua como um sistema dinâmico e inter-relacionado, a Gramática de Construções recorre à metáfora de *rede* para representar o entrelaçamento entre as construções. Essa rede expressa diferentes graus de familiaridade e semelhança entre as unidades linguísticas, refletindo como certos padrões compartilham propriedades formais e funcionais. Assim como ocorre em outros sistemas cognitivos, a linguagem é composta por nós conectados, nos quais determinadas construções se organizam segundo princípios de hierarquias de herança (Langacker, 1987).

À vista disso,

> nenhuma construção existe isoladamente, isto é, o sistema linguístico seria organizado em redes taxonômicas hierarquicamente organizadas, representando um inventário estruturado de unidades simbólicas e complexas que compõem o conhecimento dos falantes sobre a língua. E, nesse contexto, cada construção constituiria um nó separado da rede (Cunha Lacerda e Furtado da Cunha, 2017, p. 29).

[10] Exemplos retirados da aula *Contribuições da gramática de construções* ministrada pela Prof. Dra. Maria Angélica Furtado da Cunha no curso *Linguística Funcional Centrada no Uso*: *Pressupostos teóricos metodológicos* no ano de 2020, sob a coordenação do Grupo de Pesquisa D&G.

Isso significa, portanto, que uma construção linguística pode dar origem a outra e estabelecer relações com base em características compartilhadas, formando assim "uma rede de construções interconectadas em seus diferentes planos, por relações de natureza diversa, cuja estrutura é motivada e regulada por fatores cognitivos e sociocomunicativos" (Cunha, Silva e Bispo, 2016, p. 56). Para Traugott e Trousdale (2021 [2013]), a noção de rede envolve representações de nós e elos entre eles, a distância entre membros de uma família, feixes de propriedades, graus de fixação entre forma e conteúdo, além da acessibilidade de uma construção. Assim, "um nó tem conteúdo de significado e forma [...] e elos são possíveis em direções múltiplas entre funções semânticas, pragmáticas, discursivas, sintáticas, morfológicas e fonológicas de cada nó. Cada nó é ligado de várias maneiras a outros nós na rede." (Traugott e Trousdale, 2021 [2013], p. 105).

Sendo, portanto, essa rede dinâmica, novos nós e novos *links* são continuamente estabelecidos. Nesse contexto, Traugott e Trousdale (2021 [2013], p. 117-122) distinguem dois tipos principais de elos que organizam essa rede: os elos relacionais e os elos de herança. Os elos relacionais são essenciais para explicar como as construções se organizam cognitivamente, formando redes estruturadas por similaridade e extensão. De acordo com Goldberg (1995), esses elos podem ser classificados em quatro tipos principais:

1. *Elos de polissemia*: conectam diferentes sentidos de uma mesma construção que se relacionam por extensão semântica. Nesse tipo de elo, uma construção dá origem a outras com significados distintos, mas ainda interligados por analogia ou uso frequente, formando uma cadeia polissêmica.

2. *Elos de extensão metafórica*: vinculam construções cujos significados são associados por meio de mapeamento conceptual, conforme os princípios da metáfora cognitiva (Lakoff e Johnson, 1980). Embora se trate de um tipo específico de polissemia, esses elos envolvem transições mais evidentes entre domínios conceituais distintos.

3. *Elos de subparte*: estabelecem a relação entre uma construção mais geral e outra que compartilha apenas parte de sua forma ou função, sem ser uma instância direta ou um caso completamente novo. A construção de escopo reduzido mantém aspectos estruturais ou semânticos da construção mais geral, mas apresenta modificações ou especializações pontuais.

4. *Elos de instância*: conectam uma construção esquemática a uma ocorrência específica e plenamente instanciada. Esse tipo de elo ilustra o contínuo entre especificidade e esquematicidade, pois construções altamente frequentes e plenamente preenchidas podem ser armazenadas como representações cognitivas fixas relacionadas a esquemas mais abstratos.

Os elos de herança são responsáveis por representar as relações entre construções em diferentes níveis de abstração dentro da rede construcional. Eles explicam como construções mais específicas derivam de outras mais gerais, herdando ou compartilhando propriedades formais e funcionais. Essa herança pode abranger aspectos como estrutura sintática, papéis semânticos, restrições pragmáticas, funcionando de maneira semelhante à herança em hierarquias de classes na programação ou na taxonomia biológica. Desse modo, a construção mais abstrata serve como modelo, a partir do qual as construções específicas são derivadas, mantendo uma coesão estrutural dentro da rede construcional.

Nesse âmbito, defendemos a hipótese de que as EIs intensificadoras de base corporal existentes no PB e no PE se constituem como microconstruções, isto é, unidades construcionais muito específicas, situadas em um nível mais baixo da hierarquia construcional, que se organizam cognitivamente em redes construcionais por meio de elos relacionais e elos de herança. Em outras palavras, entendemos que essas expressões linguísticas são formadas e mantidas no uso por uma articulação dinâmica entre:

1. *Elos de polissemia*, que conectam diferentes sentidos associados a uma mesma construção idiomática (por exemplo, *de mão cheia* como intensificador de habilidade, mas também como marcador de excelência moral ou afetiva), formando cadeias de extensões semânticas;

2. *Elos de extensão metafórica*, que fundamentam a base conceptual das expressões intensificadoras em esquemas corporificados (por exemplo: *até os dentes*, *de olhos fechados*, *coração de gelo*), ancorados, respectivamente, nas metáforas INTENSIDADE É EXTENSÃO / PREENCHIMENTO, CONHECER / PERCEBER É VER, e EMOÇÃO É MATÉRIA, segundo Lakoff e Johnson (1980);

3. *Elos de subparte*, que conectam microconstruções que compartilham parcialmente a forma ou função com um esquema construcional mais amplo (por exemplo, [de + parte do corpo + adjetivo], como em: *de cabeça quente*, *de saco cheio*, *de olhos fechados*), permitindo especializações pragmáticas ou semânticas em contextos específicos;

4. *Elos de instância*, que vinculam construções esquemáticas mais amplas, como [V PREP N], a usos cristalizados e de alta frequência no discurso, como *falar pelos cotovelos*, *entrar / mergulhar de cabeça*, *pegar no pé*, que, pela recorrência, passam a ser tratados cognitivamente como unidades fixas e convencionais.

Essas expressões também derivam de esquemas construcionais mais abstratos, como [de SN] ou [até SN], estabelecendo elos de herança com construções mais específicas. Tais elos garantem a transmissão de propriedades morfossintáticas e semânticas, como o valor intensificador e a base corporal, assegurando coesão estrutural e funcional dentro da rede.

Sob esse viés, como já explicitado, a teoria construcionista se contrapõe à visão tradicionalista, pois, ao considerar a língua como uma rede integrada, unifica gramática e léxico. Goldberg (2003) reforça essa ideia ao afirmar que todo o conhecimento de uma língua é adquirido por meio de uma rede de construções. Desse modo, "o conhecimento que um falante tem de uma construção é a soma total de sua experiência com essa construção. Entram aí variações, contextos sociais, significado e contexto linguístico em que ela é usada" (Furtado da Cunha e Cezário, 2023, p. 3). Esse conjunto de construções internalizadas pelo falante compõe o *constructicon*, ou seja, a representação mental que ele possui de sua língua.

Complementando essas abordagens teóricas, Traugott e Trousdale (2021 [2013]) introduzem os conceitos de esquemas e subesquemas como ferramentas analíticas cruciais para compreender a organização interna das construções na gramática das línguas. Uma rede esquemática é formada por rotinas cognitivas organizadas em diferentes níveis de convencionalização linguística, apresentando uma estrutura hierárquica. Nesse modelo, as construções mais específicas herdam propriedades das construções mais gerais, ou seja, os níveis inferiores refletem características das camadas superiores. De acordo com esses pesquisadores (2021 [2013], p. 45), "esquemas linguísticos são instanciados por subesquemas e, nos níveis mais baixos, por microconstruções, tipos específicos de esquemas mais abstratos".

A relação entre esquemas e subesquemas construcionais em uma língua reflete um princípio de organização baseado em redes construcionais cognitivamente motivadas, nas quais construções mais abstratas podem dar origem a variantes específicas por meio de processos de

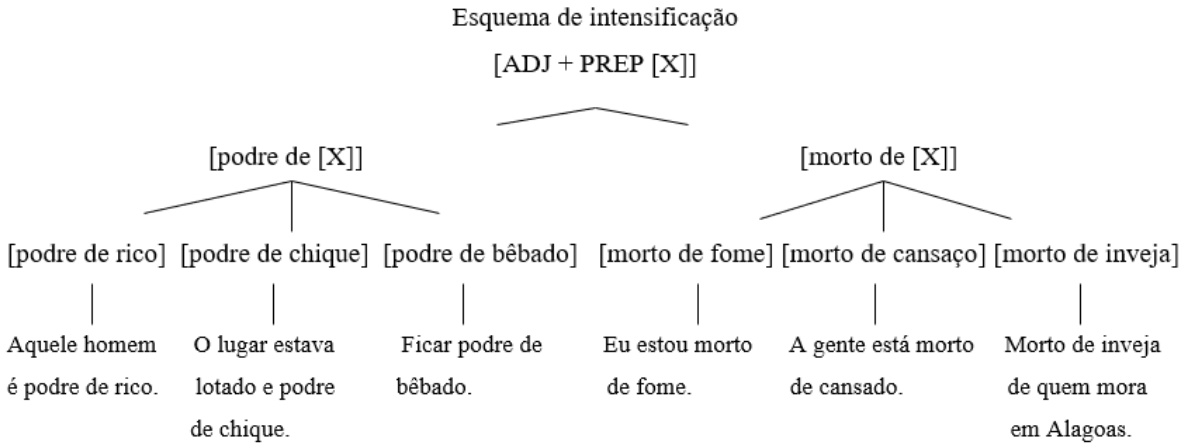
especialização semântica, analogia ou extensão pragmática (movimento *top-down*). No entanto, também é importante reconhecer a dinâmica inversa: construções específicas e recorrentes podem, por sua vez, fornecer modelos a partir dos quais emergem esquemas mais gerais e abstratos, em um processo *bottom-up* guiado pelo uso e pela frequência. Essa estrutura hierárquica bidirecional é fundamental para a compreensão da produtividade e da criatividade linguística, ao mesmo tempo em que acomoda a fixidez relativa de muitas EIs.

Assim, uma rede pode abranger três níveis de abstração: esquema, subesquema e microconstrução. O esquema, por ser altamente abstrato, engloba construções mais genéricas, caracterizando-se por estruturas complexas com posições a serem preenchidas. O subesquema, por sua vez, representa um conjunto de similaridades identificáveis entre diferentes construções individuais. Já a microconstrução refere-se a casos específicos e convencionais da língua, apresentando produtividade e estabilidade no uso. Importa ressaltar, contudo, que esses níveis não constituem categorias discretas ou rigidamente delimitadas: tanto esquemas quanto subesquemas podem ser subclassificados internamente, variando em graus de abstração, de modo que se pode falar em esquemas e subesquemas mais ou menos abstratos, conforme o grau de generalidade e esquematicidade das propriedades compartilhadas.

Além desses níveis, insere-se também o construto, que corresponde às ocorrências empíricas da língua. Segundo Traugott e Trousdale (2021 [2013], p. 48), os construtos "são muito ricos, imbuídos de muito significado pragmático, do qual grande parte pode não ser recuperável fora do evento de fala particular". É justamente nesses construtos que se localiza o *locus* das mudanças linguísticas.

Para ilustrar essa organização, tomemos como exemplo uma construção intensificadora. No nível mais alto da hierarquia, encontra-se o esquema geral de intensificação [ADJ PREP X]. No nível intermediário, situam-se os subesquemas parcialmente esquemáticos [podre de X] e [morto de X]. Em um nível mais específico, aparecem as microconstruções instanciadas por esses subesquemas, enquanto, os construtos correspondem às manifestações reais dessas expressões no uso linguístico.

Figura 2 – Relações de hierarquização referentes aos subesquemas intensificadores [podre de X] e [morto de X]



Fonte: Adaptado de Scaldelai (2020).

Desse modo, quanto menor o grau de preenchimento da construção, mais geral e abstrata ela tende a ser, posicionando-se em um nível mais elevado de uma hierarquia construcional. Esse fenômeno evidencia que "os falantes frequentemente supergeneralizam e estendem as fronteiras de uma construção particular" (Traugott e Trousdale, 2021 [2013], p. 47), podendo tais inovações dar origem a mudanças linguísticas. Um exemplo disso pode ser observado na formação das construções intensificadoras [podre de X] e [morto de X], originalmente usadas para indicar, respectivamente, o estágio extremo de um processo de decomposição e uma relação de causa e consequência. Todavia, com o uso contínuo da língua, houve uma perda parcial do conteúdo semântico original e uma transferência metafórica, passando a expressar um significado mais abstrato de intensidade (Scaldelai, 2020).

No caso das EIs intensificadoras, esse arcabouço teórico mostra-se especialmente pertinente. Expressões como *morto de fome*, *doido de pedra*, *coração de gelo*, *estômago de avestruz*, entre outras, podem ser descritas como instâncias de subesquemas construcionais semiabertos e altamente convencionais, derivadas de construções mais abstratas como [ADJ de N]. Apesar de apresentarem certo grau de opacidade semântica, essas expressões continuam inseridas nas redes construcionais da língua e revelam padrões recorrentes de intensificação passíveis de descrição sistemática. Essa organização em rede não apenas fornece uma explicação formal e funcional para a estrutura interna das EIs, como também aponta os mecanismos pelos quais elas se expandem, se modificam ou geram novas construções por processos de analogia.

3.2 PROPRIEDADES DAS CONSTRUÇÕES: ESQUEMATICIDADE, COMPOSICIONALIDADE E PRODUTIVIDADE

Compreender como as construções se estruturam e se distribuem ao longo da rede envolve também considerar suas características internas específicas. Quanto à caracterização, conforme apontam Traugott e Trousdale (2021 [2013]), a construção pode ser descrita em termos de várias dimensões – todas gradientes – como tamanho, especificidade fonológica e conteúdo, como segue no Quadro 1 abaixo.

Quadro 1 – Dimensão das construções

Dimensão das Construções			
Tamanho	Atômica *café* (nome) *-s; -va* (morfema de número e de tempo)	Intermediária *rodopiar, despencar*	Complexa *mexer os pauzinhos, puxar a sardinha, de mão cheia, em cima de*
Especificidade	Substantiva *vermelho* (cor) *-s;* (morfema de número)	Intermediária V-*ment* (*casamento, rompimento*)	Esquemática categoria *nome*
Conteúdo	Conteúdo *caderno* (nome), *amar* (verbo), *lindo* (adjetivo)	Intermediária dêiticos com função referencial	Procedural *aqui, ali* (dêiticos) *-s* (morfema de número)

Fonte: Adaptado de Traugott e Trousdale (2021 [2013], p. 44).

No que diz respeito ao tamanho, as construções podem ser tanto monomórficas quanto complexas. As monomórficas incluem substantivos (*café*; *urubu*), morfemas indicadores de número *-s* (*flores*; *vasos*) e de tempo *-va* (*cantava*; *amava*). Já as construções complexas são compostas por *chunks* analisáveis, como EIs (*mexer os pauzinhos*) e expressões de lugar (*em cima de*), entre outras. Quanto à especificidade, as construções podem variar entre dois extremos: podem ser substantivas, ou seja, totalmente preenchidas, tal como ocorre em *vermelho*, ou em morfema indicador de número *-s*; ou podem ser esquemáticas, isto é, totalmente não preenchidas, como ocorre na categoria N (nome), em que qualquer substantivo pode ocupar essa posição.

Além disso, as construções podem ainda ser classificadas conforme seu valor conceitual, sendo de conteúdo ou procedurais. As de conteúdo possuem natureza lexical e desempenham uma função referencial, como ocorre nas classes gramaticais de nomes (*caderno*; *casa*), verbos (*amar*; *respeitar*) e adjetivos (*lindo*; *magro*). Já as construções de natureza

gramatical, com significado mais abstrato, sua função é estabelecer relações linguísticas, perspectivas e orientações dêiticas.

A noção de gradualidade permite identificar não apenas os extremos de cada dimensão, mas também construções intermediárias, que são parcialmente analisáveis e, portanto, apresentam diferentes graus. Na categoria tamanho, por exemplo, o verbo *rodopiar* ilustra esse tipo de construção: o segmento *rod[o]-* é analisável, pois há na língua palavras como *rodar* e *rodo*, ao passo que o morfema *-pi-* não é passível de análise quando isolado. Quanto à especificidade, um exemplo de construção intermediária pode ser encontrado na nominalização de verbos, como em *casamento* e *rompimento*. Nessas palavras, há um *slot* a ser preenchido por uma raiz verbal, como *casa-* e *rompi-,* e um elemento fixo, o sufixo *-mento*, no qual o grau de generalidade ou especificidade depende do verbo base e do contexto em que é aplicado.

Por sua vez, na dimensão de tipo de conteúdo, os dêiticos, *a priori* de natureza procedural, podem, em certas situações, estar associados a categorias lexicais com função referencial, gerando construções intermediárias. Dêiticos como *aqui* ou *agora* são normalmente usados para indicar um ponto específico no tempo ou no espaço, porém, quando combinados com outras palavras ou no contexto de uma frase mais complexa, podem adquirir um grau de abstração ou imprecisão que os torna menos específicos e mais dependentes do contexto.

O inventário de construções abrange elementos de todas essas dimensões. Assim, *café*, por exemplo, é uma construção atômica, substantiva e de conteúdo, com um significado claro e específico, representando um substantivo concreto e definido. Já um sintagma verbal, como *estou correndo*, apresenta características opostas: ele é complexo, esquemático e procedural, pois envolve uma estrutura gramatical com diferentes componentes e um grau de interpretação dependente do contexto, o que ilustra a gradualidade da construção linguística em diferentes níveis de especificidade e complexidade.

Além de serem caracterizadas em diferentes dimensões, as construções possuem três propriedades fundamentais, a saber: esquematicidade, produtividade e composicionalidade (Goldberg, 1995; 2006; Traugott e Trousdale, 2021 [2013]). Todas as três definidas também pela noção de gradiência, que evidencia a relação entre forma e função em uma construção. Vejamos cada uma delas.

- Esquematicidade

A esquematicidade, segundo Traugott e Trousdale (2021 [2013]), envolve obrigatoriamente abstração e faz referência ao grau de especificidade de uma construção. Em

outras palavras, essa propriedade verifica se a construção pode ou não ser preenchida por uma variedade de itens. Nesse caso, as construções podem ser classificadas em três níveis. No primeiro, encontram-se as construções totalmente abertas ou não especificadas, como o padrão argumental transitivo [SN_1 V SV_2] (*o menino comeu a pizza*), em que todos os *slots* podem ser preenchidos livremente.

No segundo nível, há construções parcialmente esquemáticas, que combinam elementos fixos com *slots* a serem preenchidos, como *tomar SN* (*tomar leite*; *tomar vacina*). Por fim, no terceiro nível de esquematização, estão as construções totalmente fechadas (ou substantivas), que não permitem substituição de itens, tal qual acontece com certas EIs (*tirar leite de pedra*; *em casa de ferreiro, espeto de pau*).

Essa gradação entre esquemas totalmente abertos e totalmente fixos também pode ser observada em construções parcialmente idiomatizadas em outras línguas. No inglês, por exemplo, a expressão *such as a brute of a man* (*um homem grosseiro*), exemplifica uma construção parcialmente convencionalizada, representada pelo esquema [SN_1 of SN_2]. Nessa estrutura, a preposição *of* é um elemento lexicalmente fixo, funcionando como âncora estrutural.

O determinante (*such a*; *that kind of* etc), por sua vez, possui apenas uma fixidez parcial, tanto do ponto de vista lexical quanto do ponto de vista semântico. As demais posições do esquema – especialmente os substantivos – permanecem abertas e produtivas, admitindo diferentes combinações nominais. Como observam Vujić e Miladinović (2016, p. 82), esse tipo de construção evidencia o contínuo entre esquematicidade e especificidade, que são captadas a partir de uma gramática construcionalmente orientada, e mostra como mesmo estruturas parcialmente idiomatizadas, preservam um grau de criatividade e adaptabilidade no uso.

Nesse contexto, e à luz da Morfologia Construcional, o padrão [SN_1 of SN_2] pode ser descrito como um "idiomatismo construcional genitivo com *of*", conforme propõe Booij (2010, p. 13). O que distingue essa construção de outras construções genitivas canônicas é que, apesar de partilhar com elas a superfície formal – marcada pela preposição *of* –, ela apresenta uma organização sintático-semântica particular, que resulta em uma leitura idiomática específica. Como destacam Vujić e Miladinović (2016, p. 75), nesse tipo de estrutura, os dois sintagmas nominais são conectados pela preposição *of* em uma relação de aposição, na qual o SN_2 constitui o núcleo e carrega o significado principal de toda a expressão, enquanto o SN_1 atua como qualificador e equivale a um adjetivo (Coffey, 2009, p. 229).

Essa inversão funcional em relação à leitura típica da genitividade em inglês, na qual o SN_1 geralmente denota o possuidor e o SN_2 denota o possuído, contribui para a atribuição

de opacidade parcial da construção e reforça sua natureza idiomatizada. Tais padrões, embora formalmente composicionais, adquirem convencionalidade interpretativa e restrições pragmáticas que os aproximam de construções idiomáticas no sentido construcional.

Miladinović (2022) analisa também as construções idiomáticas genitivas do tipo *such as a brute of a man*, destacando seu caráter predominantemente atitudinal, isto é, essas construções refletem uma avaliação subjetiva do falante em relação ao referente. Trata-se, portanto, de uma construção de natureza interpessoal, e não experiencial, podendo apresentar uma carga semântica tanto apreciativa quanto pejorativa (Downing e Locke, 2006, p. 437). Nessa estrutura, os dois sintagmas nominais são unidos pela preposição *of*, estabelecendo uma relação de aposição atípica: o segundo sintagma nominal (SN_2) funciona como núcleo semântico da expressão, enquanto o primeiro sintagma nominal (SN_1) atua como modificador avaliativo, desempenhando um papel análogo ao de um adjetivo (Coffey, 2009, p. 229).

Vujić e Miladinović (2016) oferecem uma análise detalhada de construções idiomáticas genitivas no inglês, como *a piece of cake* (*muito fácil*) ou *the bottom of the barrel* (*o que resta de pior*), demonstrando que, apesar de essas expressões exibirem componentes lexicalmente fixos, elas também revelam certo grau de esquematicidade. Isso ocorre porque tais expressões se organizam em esquemas parcialmente abertos e reconhecíveis, inserindo-se em esquemas produtivos dentro da língua. Essa tensão entre fixidez e produtividade evidencia que os *idioms* não são exceções periféricas, mas elementos centrais do repertório linguístico, organizados em redes construcionais.

A observação do grau de fixidez e de produtividade de estruturas como essas revela que as EIs, como as que são analisadas aqui, não devem ser tratadas como exceções marginais ao sistema linguístico, mas sim como unidades centrais e sistematicamente organizadas em esquemas construcionais. Tais esquemas, conforme defendido por autores como Goldberg (1995) e Traugott e Trousdale (2021 [2013]), permitem que EIs sejam descritas em termos de grau de esquematicidade, composicionalidade e produtividade, situando-se em diferentes pontos de um contínuo entre o léxico e a gramática.

No português, expressões como *um monstro de homem*, *um gigante de pessoa* ou *um anjo de menina* seguem um padrão construcional semelhante ao da expressão inglesa *a brute of a man*, ambas estruturadas pelo esquema [SN_1 de SN_2]. Assim como no inglês, essas expressões em português carregam forte carga expressiva e intensificadora, em que o primeiro substantivo (SN_1) qualifica de forma enfática o segundo (SN_2), atribuindo-lhe uma característica extrema ou marcante, seja ela positiva, como em *anjo de menina*, ou negativa, como em *monstro de homem*. Nesses casos, o SN_1 atua como intensificador semântico,

frequentemente evocando imagens metafóricas que reforçam uma avaliação emocional ou social do referente. São construções tipicamente subjetivas e afetivas, que exemplificam padrões parcialmente fixos da língua, nos quais elementos abertos se combinam com expressões altamente convencionais, revelando, portanto, a produtividade e a esquematicidade presentes mesmo em formas idiomáticas.

- Produtividade

Intimamente relacionada à esquematicidade, a produtividade refere-se ao grau de aceitação, recrutamento ou rejeição de novas instâncias dentro de um determinado esquema, o que resulta em construções altamente produtivas (atratoras) ou mais restritivas. Nesse âmbito, Bybee (2003) introduz dois conceitos fundamentais para os estudos construcionistas, sendo eles frequência *type* (tipo) e frequência *token* (ocorrência), os quais são denominados, respectivamente, como frequência de construção e frequência de construto por Traugott e Trousdale (2021 [2013]).

A frequência *type*/construção corresponde ao número de diferentes expressões que seguem um determinado padrão, como observado no esquema [tomar X], em que o *slot* pode ser preenchido por diversos elementos, como *água* (*tomar água*), *banho* (*tomar banho*), *chá de cadeira* (*tomar chá de cadeira*), dentre outros. Já a frequência *token*/construto, faz referência à quantidade de vezes que essas instanciações ocorrem em um texto, falado ou escrito, ou seja, quantas vezes a expressão *tomar água*, por exemplo, aparece em um determinado *corpus*.

Assim, o esquema [tomar X] revela-se produtivo, pois pode atrair novas construções, ao mesmo tempo em que *tomar água* apresenta uma alta frequência *token* em comparação a *tomar chá de cadeira*, que, por ser de natureza idiomática, totalmente preenchida, tende a ser menos recorrente, isto é, não possui frequência *type* e sua recorrência em situações comunicativas (frequência *token*) é bastante limitada. Dessa maneira, a produtividade de uma construção está, pelo menos em parte, relacionada à sua frequência *type*: quanto maior a diversidade de itens que podem preenchê-la, maior sua produtividade e a probabilidade de ser expandida para novas formas.

Isso confirma a relação intrínseca entre a produtividade e a esquematicidade, que se baseia no fato de que

> classes altamente esquemáticas cobrem uma ampla gama de ocorrências. [...] Quando alta esquematicidade se combina com alta frequência de tipo, o resultado é uma construção maximamente produtiva. [...] Baixa esquematicidade limitará a produtividade, porque ela limita os candidatos a que a extensão poderia aplicar-se. No entanto, baixa esquematicidade combinada com frequência de tipo relativamente alta resulta em algum grau de produtividade (Bybee, 2016 [2010], p.114).

Sob essa perspectiva, o padrão construcional [PREP N MOD], apesar de sua fixidez relativa, mantém certo grau de esquematicidade e sua frequência tipo se revela muito produtiva no português, especialmente na formação de diversas EIs intensificadoras. Essa produtividade decorre da possibilidade de combinação relativamente flexível entre preposição, substantivo e modificador, o que permite gerar construções com forte carga expressiva e valor semântico intensificado. Exemplos como *de boca aberta*, *de queixo caído* e *com água na boca* ilustram como esse padrão é empregado para expressar estados intensos de surpresa, admiração, desejo ou habilidade, funcionando muitas vezes como modificadores adverbiais ou predicativos.

Em contrapartida, o esquema construcional [V PREP N N] demonstra-se pouco produtivo, sobretudo à sua baixa frequência tipo, ou seja, à escassez de diferentes instâncias que o atualizam. Conforme evidenciado nas buscas realizadas no *corpus* linguístico, com foco no objeto desta tese, o padrão em questão sanciona exclusivamente a EI *fazer das tripas coração*. Trata-se de uma ocorrência isolada, que não dá origem a outras construções similares com frequência significativa, configurando-se, portanto, como uma construção de uso restrito.

Esse contraste entre esquemas produtivos e não produtivos, mesmo quando apresentam semelhanças formais, evidencia um aspecto importante da produtividade linguística: sua natureza instável e imprevisível ao longo do tempo. Como destacam Traugott e Trousdale (2021 [2013], p. 52), "não há prazo previsível para a interação de produtividade. A produtividade pode ser de curta duração, ao passo que os padrões não produtivos podem persistir por longos períodos de tempo". Em outras palavras, nem sempre a produtividade de um esquema está diretamente ligada à sua frequência atual no uso.

Para ilustrar esse ponto, os autores citam o caso da morfologia flexional do inglês, em que formas irregulares, como *drink/drank* (*beber/bebeu*), persistem ao lado de formas regulares, como *play/played* (*jogar/jogou*), mesmo com baixa produtividade. Apesar da coexistência desses dois mecanismos, a tendência para novos verbos é seguir o padrão mais produtivo: a afixação. Por exemplo, o tempo passado do verbo recente *to skype* (fazer uma chamada de vídeo pela internet) é *skyped*, e não uma forma analógica irregular como *skyope*, à semelhança de *write/wrote* (*escrever/escreveu*). Esse exemplo evidencia como certos padrões

que já foram produtivos deixam de gerar novas construções, embora ainda permaneçam estáveis e reconhecíveis na língua.

Tal constatação é particularmente relevante para os estudos construcionais, pois demonstra que a produtividade de um determinado esquema não está necessariamente vinculada à sua frequência atual ou à sua vitalidade no uso contemporâneo da língua. Um padrão pode ter sido altamente produtivo em um determinado momento histórico e, mesmo após perder essa capacidade generativa, continuar presente por meio de construções fossilizadas. Inversamente, padrões altamente esquemáticos podem surgir, expandir-se rapidamente e depois desaparecer do uso, sem deixar muitos vestígios na língua.

A referida imprevisibilidade reforça a importância de considerar fatores cognitivos, pragmáticos e socioculturais na análise da produtividade. Afinal, o uso linguístico real, como veremos nos próximos capítulos, é condicionado por dinâmicas contextuais e experiências compartilhadas entre os falantes. Assim, a produtividade, tal como outras propriedades construcionais, deve ser compreendida como um fenômeno dinâmico e gradiente, sujeito a variações ao longo do tempo e entre comunidades linguísticas.

- Composicionalidade

A composicionalidade, para Traugott e Trousdale (2021 [2013]), diz respeito ao grau de transparência semântica entre a forma linguística de uma construção e sua função. Uma construção é considerada composicional quando seu significado global pode ser inferido a partir da soma dos significados de seus constituintes. Essa propriedade pode ser avaliada tanto em termos de previsibilidade semântica quanto de compatibilidade formal e funcional.

Nesse sentido, Traugott e Trousdale (2021 [2013], p. 53) propõem o conceito de compatibilidade como um critério relevante para a análise da composicionalidade: uma construção é compatível quando, do ponto de vista sintático e semântico, o falante é capaz de produzir uma sequência cuja interpretação pelo interlocutor decorre do reconhecimento e da combinação interpretativa de seus elementos constituintes. Por outro lado, fala-se em incompatibilidade quando não há correspondência direta entre as partes da construção e seu significado global, como ocorre frequentemente em EIs opacas, cujo sentido não decorre da soma de suas partes, exigindo que a construção seja entendida como uma unidade semântica única.

Retornando à exemplificação anterior, a construção *tomar água* é composicional, pois seu significado resulta da soma dos significados de seus componentes, ao passo que *tomar*

chá de cadeira não é composicional, uma vez que seu sentido não deriva da combinação literal dos elementos que a compõem, mas emerge de um uso metafórico que exprime a ideia de uma longa espera. Siloni (2002), ao analisar a estrutura morfossintática das EIs, argumenta que essas construções desafiam modelos gramaticais puramente composicionais, pois a gramática de uma língua deve ser capaz de acomodar tanto regularidades estruturais quanto exceções idiossincráticas. Isso ocorre porque muitos idiomatismos obedecem a padrões sintáticos específicos, mas resistem a operações como topicalização, passivização ou modificação interna. Um exemplo ilustrativo desse comportamento é a EI apresentada no exemplo (1) seguir:

1. **Num piscar de olhos** alguma coisa acontece do nada, quando você menos espera e te coloca em um caminho que você nunca planejou e um futuro que você nunca imaginou. (http://acessecamila.blogspot.com/2012/09/filme-um-homem-de-sorte.html)

Num piscar de olhos tem valor temporal e é utilizada para denotar a realização de algo de forma extremamente rápida, quase instantânea. Trata-se de uma construção altamente convencionalizada e amplamente reconhecida pelos falantes, funcionando sintaticamente como um modificador adverbial que enfatiza a brevidade da ação. Apesar de apresentar alguma margem para variações mínimas, como em *num*/*em um piscar de olhos*, tais alternâncias não comprometem sua estabilidade estrutural nem afetam sua interpretação idiomática.

A ideia de temporalidade/instantaneidade decorre da atuação da metáfora BREVIDADE É MOVIMENTO CORPORAL. Nessa metáfora, eventos inesperados ou transformações rápidas são conceptualizados com base em ações humanas de curta duração, como piscar os olhos. Nesse caso, a ação expressa pelo verbo *piscar* constitui um evento físico, automático e rápido, projetado metaforicamente para significar a súbita irrupção de um acontecimento. Essa associação permite compreender como a experiência corporal é utilizada para representar abstrações temporais no discurso.

Em outros termos, o valor figurado da expressão baseia-se na rapidez do ato (in)voluntário de piscar os olhos, o que confere à construção uma motivação cognitiva clara, mas já relativamente cristalizada. Por isso, pode apresentar baixo grau de opacidade, especialmente para falantes não nativos ou menos familiarizados a metáforas convencionais. Essa relativa opacidade nos conduz à noção de analisabilidade, que diz respeito à medida em que os falantes conseguem identificar e acessar cognitivamente os elementos internos de uma construção, mesmo quando seu sentido global não é totalmente composicional.

Furtado da Cunha e Cezário (2023, p. 15) destacam que, quando uma construção é criada, ela é motivada, ou seja, seu significado pode ser compreendido a partir da soma dos

significados de suas partes. No entanto, com o tempo, essa composicionalidade tende a se enfraquecer, tornando-se cada vez mais convencional a relação entre forma e significado.

O Quadro 2 apresenta, de forma esquemática, a gradação de algumas propriedades fundamentais das construções, tais como esquematicidade, especificidade, produtividade, composicionalidade e analisabilidade, com base em exemplos concretos. A disposição dos sinais (+, +/-, -) evidencia que essas propriedades não são absolutas, mas se manifestam em diferentes graus, variando conforme o tipo e o nível de abstração da construção analisada. Com isso, busca-se exemplificar como determinadas EIs ou padrões gramaticais podem ocupar posições distintas na rede construcional, dependendo de sua estrutura formal, função discursiva e grau de convencionalização entre os falantes.

Quadro 2 – Gradiência das propriedades das construções

Esquematicidade	**Especificidade**	**Produtividade**	**Composicionalidade**	**Analisabilidade**	**Exemplos**
+	-	+	+	+	SN; Construção transitiva
+/-	+/-	+/-	+/-	+/-	Ter sangue [X]; não [X] um dedo
-	+	-	-	-	Até o cu fazer bico; enquanto o diabo esfrega um olho

Fonte: Adaptado de Maria Angélica Furtado da Cunha (2020).[11]

No caso da primeira linha, o esquema [SN], por se tratar de uma construção altamente abstrata e aberta, apresenta elevado grau de esquematicidade, baixa especificidade formal, alta produtividade, alta composicionalidade e alta analisabilidade. Isso se deve ao fato de que a estrutura pode ser preenchida por uma ampla variedade de lexemas e combinações sintagmáticas, permitindo a formação de inúmeras expressões linguísticas com significados previsíveis a partir da soma dos sentidos de suas partes constituintes.

[11] Este quadro foi retirado da aula *Contribuições da gramática de construções* ministrada pela Prof. Dra. Maria Angélica Furtado da Cunha no curso *Linguística Funcional Centrada no Uso*: *Pressupostos teóricos metodológicos* no ano de 2020, sob a coordenação do Grupo de Pesquisa D&G.

Já na segunda linha, verifica-se um rol de construções parcialmente fixas, como [ter sangue [X]] ou [não [X] um dedo], que ocupam um ponto intermediário em relação a todas as propriedades. A presença de um *slot* variável [X] sugere um certo grau de esquematicidade e produtividade, possibilitando variações como *ter sangue quente*/*frio*, *não mexer/colocar um dedo*, entre outras. No entanto, a presença de elementos fixos no esquema construcional restringe a liberdade de preenchimento, o que reduz o grau de composicionalidade e analisabilidade. O significado global dessas expressões nem sempre pode ser deduzido de forma direta a partir de seus constituintes, pois já apresentam um certo grau de opacidade semântica (idiomática), típico de construções em processo de cristalização semântica.

Por fim, idiomatismos cristalizados, como *até o cu fazer bico* e *enquanto o diabo esfrega um olho*, exemplificados na terceira linha do quadro, caracterizam-se por apresentar baixa esquematicidade, baixa produtividade, baixa composicionalidade, baixa analisabilidade e alta especificidade. São construções altamente fixas, que não admitem variações estruturais significativas, por isso, são pouco produtivas e restritivas em termos contextuais. Justamente por essa rigidez, dificilmente funcionam como modelos para criação de novas expressões. Além disso, seus significados globais não são previsíveis com base nos significados originais de seus componentes, dificultando a interpretação literal e exigindo conhecimento prévio de seu uso convencional. Em virtude desse alto grau de opacidade semântica, são consideradas altamente idiomáticas, o que reforça sua natureza lexicalizada e convencional no repertório dos falantes.

3.3 LINGUAGEM E COGNIÇÃO: A EXPERIÊNCIA E OS PROCESSOS COGNITIVOS DE DOMÍNIO GERAL

A definição mais recente de Goldberg (2019) amplia significativamente o entendimento sobre o que constitui uma construção linguística, incorporando avanços na compreensão da memória humana, dos processos de aprendizagem e da categorização. Segundo a autora, "as construções são entendidas como *clusters* (aglomerados) emergentes de traços vagos de memória que estão alinhados em nosso espaço conceptual de alta (hiper!) dimensão, com base no pareamento de forma, função e dimensões contextuais compartilhadas"[12] (Goldberg, 2019, p. 7, tradução nossa). Isso significa que a formação de construções ocorre

[12] No original: "Constructions are understood to be emergent clusters of lossy memory traces that are aligned within our high- (hyper!) dimensional conceptual space on the basis of shared form, function, and contextual dimensions" (Goldberg, 2019, p.7).

desde o primeiro contato com um exemplar, por meio do armazenamento de traços de memória que vão se organizando de forma dinâmica.

Esses traços são reforçados à medida que reaparecem em contextos semelhantes ou são expandidos em contextos novos, constituindo uma rede de representações interconectadas. Nesse processo, elementos como o contexto, o *input* e a frequência são fundamentais para a consolidação das construções na memória, explicando como EIs e outras estruturas convencionais se tornam recorrentes e amplamente compartilhadas, mesmo com variações individuais. Para sistematizar esse modelo, Goldberg propõe o acróstico CENCE ME (**C**onstrução, **E**ficiência, **N**ovas informações, **C**ompetição, **E**xpressividade, **M**emória e aprendizagem impulsionada por **E**rros) que resume os principais princípios do funcionamento da gramática construcional baseada no uso, como se pode verificar abaixo:

> A. Os falantes equilibram a necessidade de serem **E**xpressivos e **E**ficientes enquanto se conformam às convenções de suas comunidades linguísticas;
> B. Nossa **M**emória é vasta, mas imperfeita: as marcas da memória são retidas, mas de forma parcialmente abstrata ("com perda de informação");
> C. Memórias com perda de informação são alinhadas quando compartilham aspectos relevantes de forma e função, resultando em agrupamentos emergentes e sobrepostos de representações: **C**onstruções;
> D. **N**ovas informações são relacionadas a informações antigas, formando uma rede rica de construções;
> E. Durante a produção, múltiplas construções são ativadas e **C**ompetem entre si para expressar nossa mensagem pretendida;
> F. Durante a compreensão, discrepâncias entre o que é esperado e o que é observado refinam nossa rede de construções aprendidas por meio da aprendizagem baseada em **E**rro (Goldberg, 2019, p. 6, tradução nossa[13]).

O item A, referente à expressividade e eficiência, destaca um dos desafios centrais da comunicação linguística: equilibrar a clareza e o detalhamento da mensagem (expressividade) com a necessidade de transmiti-la de forma econômica e sem esforço desnecessário (eficiência). Ao mesmo tempo, essa comunicação ocorre dentro de um sistema de normas e convenções compartilhadas por uma comunidade de fala, garantindo que a mensagem seja compreendida pelos interlocutores. Esse equilíbrio influencia a escolha de

[13] No original: "A. Speakers balance the need to be Expressive and Efficient while conforming to the conventions of their speech communities. B. Our Memory is vast but imperfect: memory traces are retained but partially abstract ("lossy"). C. Lossy memories are aligned when they share relevant aspects of form and function, resulting in overlapping, emergent clusters of representations: Constructions. D. New information is related to old information, resulting in a rich network of constructions. E. During production, multiple constructions are activated and Compete with one another to express our intended message. F. During comprehension, mismatches between what is expected and what is witnessed fine-tune our network of learned constructions via Error-driven learning" (Goldberg, 2019, p. 6).

palavras, estruturas gramaticais e o uso de EIs, refletindo tanto fatores cognitivos quanto sociais no uso da língua.

No que diz respeito à memória (item B), as informações não são armazenadas de maneira exata e detalhada, mas de forma abstrata e generalizada, o que implica a perda de certos detalhes. O item C trata do agrupamento de memórias que compartilham aspectos estruturais ou funcionais semelhantes, formando representações linguísticas chamadas de construções. Já o item D aborda a relação entre novas e antigas informações, ressaltando que a aprendizagem linguística ocorre de maneira cumulativa, em que novos elementos são incorporados a uma rede preexistente de construções.

Sobre a competição entre construções (item E), diferentes formas linguísticas podem ser ativadas ao mesmo tempo durante a produção da fala, competindo entre si para expressar uma ideia. A escolha depende do contexto, da frequência de uso e de fatores cognitivos. Por fim, o item F trata da aprendizagem baseada em erro na compreensão: quando ouvimos ou lemos algo que não corresponde exatamente às nossas expectativas, o cérebro ajusta a rede de construções aprendidas, refinando o conhecimento linguístico por meio desse mecanismo de ajuste.

As ideias reunidas no acróstico CENCE ME, proposto por Goldberg (2019), evidenciam como a linguagem se organiza a partir da interação dinâmica entre forma, função, contexto e memória. A autora destaca que a emergência e a consolidação de construções linguísticas estão profundamente enraizadas em mecanismos gerais de aprendizagem e no funcionamento da memória humana – que, embora vasta, opera com abstrações progressivas e perdas de informação. Essa perspectiva reforça a centralidade da experiência na formação da linguagem, aproximando a gramática das capacidades cognitivas de domínio geral.

Nesse sentido, torna-se fundamental considerar como o cérebro humano, em constante evolução e moldado por interações com o meio, constrói representações linguísticas a partir de vivências físicas, emocionais, sociais e cognitivas. Esse processo tem início desde o nascimento e se intensifica nos primeiros anos de vida, quando o desenvolvimento neural é particularmente acelerado, envolvendo a formação de conexões sinápticas, a criação de novos circuitos neurais e, em algumas áreas do cérebro, até mesmo a geração de novos neurônios. Influenciadas pelas experiências físicas, emocionais, sociais e cognitivas, tais transformações acontecem à medida que a mente evolui em contato com a experiência, pois o indivíduo constrói representações do mundo, das relações com o ambiente e da interação com o outro.

A plasticidade cerebral, que é a capacidade do cérebro de se reorganizar estrutural e funcionalmente em resposta a estímulos internos e externos, impacta diretamente a

configuração do sistema nervoso e influencia a cognição, as emoções e o comportamento, seja por meio da linguagem seja por meio de outras experiências. Nas palavras de Marcuschi (2002, p. 45) “uma das coisas mais fascinantes do nosso dia-a-dia é o fato de contarmos uns aos outros o que vemos, ouvimos e sentimos, tendo a sensação de que os outros nos entendem, ou seja, que constroem percepções e experiência similares à nós”. Essa capacidade de compartilhar e interpretar experiências está enraizada em habilidades cognitivas de domínio geral, que mediam a relação entre o indivíduo e o meio.

Cada espécie possui habilidades cognitivas específicas e interage com o mundo de maneira própria, o que reflete na forma como diferentes sociedades percebem e representam a realidade. Essa mediação ocorre por meio de habilidades cognitivas de domínio geral, estabelecendo uma relação de interinfluência entre o indivíduo e o meio. Uma evidência clara desse entrelaçamento entre cognição e cultura pode ser observada no estudo de Sinha e López (2000), citado por Ferrari (2003, p. 26), que investigou como crianças dinamarquesas e zapotecas, entre 15 e 20 meses de idade, esquematizam relações espaciais ao aprender suas línguas maternas. Sinha e López propuseram tarefas simples de imitação de ações nas quais as crianças eram instruídas a colocar objetos “dentro”, “sobre” ou “sob” um recipiente (*container*), utilizando itens familiares de cada cultura.

Os resultados revelaram contrastes significativos. Enquanto as crianças dinamarquesas tendiam a seguir um padrão esperado – colocando, por exemplo, objetos dentro de uma caneca –, as crianças zapotecas não demonstravam esse mesmo comportamento. Isso se deve ao fato de que, na cultura zapoteca, objetos como cestos são frequentemente usados com a abertura voltada para baixo, cobrindo alimentos como tortilhas, ou armazenando itens de forma invertida em jogos infantis, como o de pegar galinhas. Dessa forma, a noção de container nessa cultura não está convencionalmente associada à ideia de uma cavidade voltada para cima. O estudo ilustra, assim, como padrões culturais específicos moldam diretamente a cognição espacial e influenciam a aquisição linguística, mostrando que a organização conceptual do mundo está profundamente enraizada na experiência sociocultural.

A perspectiva de que há uma interdependência entre cognição, linguagem e cultura é reforçada por Ferrari (2003, p. 27) ao destacar que, embora exista uma extensa variação cultural em sistemas conceptuais, também há certos universais. Um exemplo disso pode ser observado na comparação entre o inglês e o chinês. Ambas as línguas utilizam conceitos ligados a partes do corpo, dada a importância das estruturas sensório-motoras na construção do significado. Apesar de compartilharem termos lexicais como *boca*, *lábio* e *língua*, e de

recorrerem a metáforas baseadas nessas estruturas corporais, o chinês apresenta um sistema metafórico mais elaborado e detalhado envolvendo esses elementos do que o inglês.

Seguindo essa lógica, ainda que compartilhem a mesma base linguística, o PB e o PE também podem apresentar variações significativas no uso e na preferência por determinadas metáforas, refletindo as especificidades culturais de cada país. Assim como no caso do inglês e do chinês, em que os sistemas metafóricos refletem diferentes experiências sensório-motoras e práticas culturais, também entre as duas variedades do português é possível identificar tendências distintas no uso de EIs corporais. A experiência cultural influencia não apenas o conteúdo metafórico, mas também a frequência e a forma como certas expressões são mobilizadas no discurso cotidiano. Cada cultura, portanto, constrói e vivencia essas metáforas de maneira particular, o que pode explicar a recorrência de determinadas expressões em um contexto e sua ausência ou menor uso em outro.

Tais preferências metafóricas, enraizadas em vivências culturais específicas, estão intimamente relacionadas aos processos cognitivos que envolvem memória, aprendizagem e plasticidade cerebral. Ao longo da vida, processamos uma enorme quantidade de informações que são armazenas temporariamente para organizar nossas experiências no presente. Assim, ao visualizar um guarda-chuva, por exemplo, reconhecemos sua função com base em experiências anteriores. Todavia, não é possível reter todas as memórias indefinidamente, uma vez que a mente funciona como um sistema dinâmico, no qual conexões neurais se formam, se reorganizam e se desfazem continuamente, dando origem a estruturas cognitivas cada vez mais abstratas – inclusive as linguísticas.

Devido à plasticidade cerebral, quando o cérebro é estimulado, novas conexões são criadas, ativadas ou reforçadas, significando que informações frequentemente acessadas tendem a se consolidar, tornando-se mais facilmente recuperáveis, enquanto aquelas menos experienciadas tendem a se enfraquecer ou a demandar mais esforço para serem lembradas. A hipótese, segundo Traugott e Trousdale (2021 [2013], p. 110), é que

> construções que têm relação mais próxima – em nosso modelo, construções que estão mais proximamente ligadas na rede – motivam uma a outra mais rapidamente do que palavras que estão mais distantes na rede. Quanto mais frequentemente um nó ou uma relação é ativado, mais prontamente ele pode ser ativado no futuro (Traugott e Trousdale, 2021 [2013], p. 110).

Por esse motivo, os pesquisadores explicam que, ao mesmo tempo em que os falantes aprendem, eles também estão sujeitos ao esquecimento. A ausência de ativação compromete a fixação de determinados conteúdos: nesse caso, quanto menor a frequência com

que um nó ou uma relação é ativado, menor será sua disponibilidade para futuras ativações. Quando um nó específico da rede linguística deixa de ser acessado com regularidade, ele tende a se tornar gradualmente obsoleto, perdendo sua capacidade de sancionar instâncias mais específicas do uso linguístico (Traugott e Trousdale, 2021 [2013], p. 111).

Dessa forma, a repetição desempenha um papel essencial na aprendizagem e fixação de informações, sendo igualmente relevante para o domínio de uma língua. A aquisição da linguagem segue a mesma lógica do aprendizado em geral: quanto mais expostos a uma língua e à cultura associada a ela, mais profundamente assimilamos suas estruturas. Parte desse conhecimento será armazenado na memória de curto prazo, enquanto outra parte será consolidada na memória de longo prazo, garantindo sua retenção por períodos mais extensos.

Nesse contexto, é relevante destacar a perspectiva de Bybee (2016 [2010]), que aponta que a estruturação linguística decorre de processos cognitivos de domínio geral, como a capacidade humana de categorizar, estabelecer relações e operar em níveis locais e globais. Assim, a organização da língua não difere da organização de outros aspectos da cognição, pois ambas são guiadas pelos mesmos princípios subjacentes. Uma teoria baseada no uso, como a adotada nesta tese, busca explicar além da estrutura da língua, a maneira como os indivíduos a processam e como ela se modifica ao longo do tempo, sempre influenciada por processos cognitivos de domínio geral. Tais processos são habilidades mentais fundamentais que desempenham um papel central no processamento de informações e na execução de tarefas complexas, sendo indispensáveis para a adaptação bem-sucedida ao ambiente.

Sob uma perspectiva pragmático-discursiva centrada nos processos cognitivos, linguagem e cognição são compreendidas como elementos mutuamente constitutivos, isto é, uma só se realiza em relação à outra. Morato e Koch (2003, p. 87) inspiradas nas concepções de Bakhtin (1981) e Vygotsky (1987), defendem que não há pensamento ou conteúdo cognitivo plenamente formado fora da linguagem, assim como não há linguagem desvinculada dos processos interativos humanos.

Essa interdependência entre o linguístico e o cognitivo implica que o pensamento se organiza e se desenvolve a partir das interações sociais e da linguagem interiorizada, ao passo que a linguagem só adquire sentido e funcionalidade em contextos concretos de uso. Consequentemente, a cognição não pode ser concebida de forma isolada, mas deve ser entendida como parte integrante de um sistema dinâmico, no qual a atividade discursiva exerce um papel central na construção do conhecimento.

Para Lakoff (1977), a língua está intrinsecamente relacionada a outros aspectos da experiência humana, não podendo ser considerada um sistema isolado ou autônomo. As

habilidades comunicativas não se restringem ao domínio estritamente linguístico, mas se articulam com diversas capacidades cognitivas e sensório-motoras. Sob esse prisma, Marcuschi (2002, p. 48) reforça que a linguagem depende de uma complexa rede de faculdades humanas, como a memória, a atenção, a imaginação, as emoções, as habilidades motoras e os diversos modos de percepção.

Dito de outro modo, a linguagem se constitui a partir da experiência concreta dos sujeitos em práticas sociais e culturais situadas. Grande parte do conhecimento humano é construída e mediada linguisticamente em contextos reais de interação. Ainda segundo Lakoff (1977), essa interdependência entre cognição e linguagem permite que os falantes mobilizem recursos criativos ilimitados, capazes de criar uma variedade potencialmente infinita de enunciados, expressando pensamentos, afetos e ações de maneira dinâmica e situada.

Diante desse cenário, compreender os mecanismos cognitivos que sustentam a linguagem torna-se fundamental. Dentre os diversos processos cognitivos de domínio geral, destacam-se cinco que se mostram particularmente relevantes para a compreensão de aspectos linguísticos, conforme exposto por Bybee (2016 [2010], p. 26-27): memória enriquecida, *chunking*, associação transmodal, categorização e analogia. Embora apresentados separadamente, esses processos estão interligados, demonstrando como a experiência molda a cognição humana e influencia a forma como reconhecemos, organizamos e atribuímos sentido ao mundo.

A memória enriquecida refere-se à estocagem mental de detalhes da experiência com a língua, como informações fonéticas, significados de palavras e contextos de uso, sendo constantemente ampliada a partir de novos usos e formas linguísticas que impactam diretamente a vivência do falante com o idioma. Essa concepção dialoga com a noção de léxico mental, entendida como um sistema dinâmico de armazenamento e organização das unidades lexicais e se reorganiza continuamente a partir da experiência linguística do falante (Biderman, 2001).

Contudo, como a memória de curto prazo possui capacidade bastante limitada – geralmente armazenando de cinco a nove elementos por vez (Miller, 1956) – e muitas vezes precisa lidar com um volume maior de informações simultâneas, como no caso de um sintagma, outro mecanismo cognitivo torna-se necessário para otimizar este processamento: o *chunking*. Essa habilidade permite reconhecer padrões e similaridades, reorganizando as informações em unidades menores e mais gerenciáveis.

Por essa razão, o *chunking*, segundo Bybee (2016 [2010]) desempenha um papel crucial no processamento linguístico, bem como em diversas outras atividades cognitivas, como o aprendizado, a música, os esportes e a resolução de problemas. Ao reduzir a carga cognitiva,

esse processo facilita a retenção e a recuperação das informações na memória de curto prazo. Músicos, por exemplo, podem agrupar notas musicais em padrões reconhecíveis, enquanto atletas organizam movimentos complexos em sequências coordenadas, demonstrando que, em diferentes contextos, o *chunking* permite uma execução mais eficiente e precisa das tarefas ao otimizar a capacidade limitada de processamento cognitivo do cérebro.

No domínio da linguagem, o *chunking* refere-se ao processo cognitivo de segmentação e agrupamento de unidades linguísticas frequentemente coocorrentes, formando sequências que são armazenas e processadas como unidades únicas. Esse mecanismo permite que expressões recorrentes, como constituintes, construções e EIs, sejam cognitivamente empacotadas, facilitando sua recuperação e uso no discurso. Como explica Bybee (2016 [2010], p. 26), "sequências repetidas de palavras (ou morfemas) são embaladas juntas na cognição de modo que a sequência possa ser acessada como uma unidade simples".

Desse modo, certas sequências tornam-se automatizadas, como em *até os dentes*, em que o falante reconhece um padrão previsível de coocorrência, o que favorece sua automatização. Assim, o falante mobiliza tanto sua capacidade de memória quanto a habilidade de agrupar elementos, de modo que, em vez de processar *até* + *os* + *dentes*, como palavras isoladas, passa a reconhecê-las como lexia complexa (*até os dentes*), o que possibilita o processamento de estruturas linguísticas em níveis cada vez mais complexos e integrados.

É importante destacar que o *chunking* ocorre por meio da repetição: quanto mais uma estrutura é usada, mais automatizada ela se torna, devendo-se ao fato de que, como visto anteriormente, exemplares mais frequentes e fortemente consolidados tendem a ser acessados com maior facilidade (Bybee, 2016 [2010], p. 51), o que aumenta a probabilidade de seus elementos ocorrerem juntos em futuras interações linguísticas.

Outro processo cognitivo essencial para nossa capacidade de compreender e interagir de maneira holística e adaptativa com o ambiente é a associação transmodal, que se refere à capacidade do cérebro de integrar informações provenientes de diferentes modalidades sensoriais, como visão, audição e tato, a fim de formar uma percepção unificada da realidade. A associação transmodal ocorre em regiões específicas do cérebro, conhecidas como áreas de associação cortical, que recebem e integram *inputs* sensoriais de várias origens para construir representações complexas e multimodais do mundo. Além disso, essa habilidade desempenha um papel crucial em funções cognitivas superiores, como linguagem, memória, tomada de decisão e pensamento abstrato, contribuindo para a elaboração e a interpretação de significados em diferentes contextos.

Assim, ao ouvir uma história, o cérebro além de processar as palavras e frases auditivamente, também integra essas informações a memórias, emoções e imagens mentais construindo uma compreensão significativa do enredo como um todo. Em síntese, a associação transmodal é um processo cognitivo fundamental que permite unificar e interpretar informações sensoriais provenientes de diferentes modalidades, sustentando uma ampla gama de funções cognitivas superiores. Nesse contexto, a aquisição e o uso de uma língua tornam-se possíveis, pois essa capacidade multimodal, por meio dos inúmeros estímulos que recebemos, estabelece o elo entre forma e função.

Com base nos estímulos do ambiente e nas experiências vivenciadas pelos falantes, formam-se categorias perceptuais que orientam o modo como as experiências são processadas. Essas categorias variam conforme o indivíduo, suas necessidades e o contexto cultural, sendo construídas a partir da identificação de semelhanças entre objetos, eventos ou pessoas, e associadas a conhecimentos prévios, experiências passadas e normas sociais compartilhadas.

Segundo Ferrari (2003, p. 28), a categorização "é, em grande parte, não um produto do raciocínio consciente dos seres humanos, mas de sua interação com o meio ambiente com base em seus corpos e mentes". Esse processo consiste fundamentalmente na capacidade de aproximar elementos para organizá-los dentro de um mesmo conjunto. No âmbito linguístico, está relacionado à semelhança por identidade, que ocorre quando palavras e sintagmas, assim como suas partes constituintes, são reconhecidos e associados a representações previamente armazenadas. As categorias resultantes constituem a base do sistema linguístico, abrangendo desde unidades sonoras e morfemas até palavras, sintagmas e construções.

Por fim, a analogia, último processo cognitivo discutido aqui, é o que permite estabelecer relações entre conceitos ou situações aparentemente distintos, a partir de semelhanças percebidas. Esse mecanismo possibilita a transferência de conhecimento entre diferentes áreas ou contextos, sendo fundamental para a aprendizagem e a inovação. Na linguagem, o processo analógico opera por meio da comparação entre palavras, expressões ou estruturas linguísticas, permitindo compreender novas palavras ou conceitos, inferir significados desconhecidos, construir frases inéditas e expandir o repertório lexical.

Aliada à categorização, a analogia constitui uma ferramenta essencial para a criatividade e a produtividade linguística, pois possibilita a formação de novas construções e a ampliação de posições esquemáticas com base em experiências previamente armazenadas. Como afirma Bybee (2016 [2010], p. 126), "o processamento analógico é a base da capacidade humana para criar novos enunciados".

Até este ponto da tese, foram discutidos e apresentados os principais conceitos teóricos que sustentam a visão da linguagem a partir da perspectiva construcional de análise, com destaque para as EIs enquanto unidades linguísticas complexas, socioculturais e convencionais. No capítulo seguinte, o foco se voltará para o fenômeno da intensificação, com o propósito de examinar seus mecanismos linguísticos e cognitivos, bem como sua importância na construção de significados e na expressividade do discurso.

CAPÍTULO 4

DOMÍNIO FUNCIONAL DA INTENSIFICAÇÃO

Estudar o fenômeno da intensificação nas línguas humanas é compreender como os recursos linguísticos tornam a comunicação humana rica, expressiva e eficaz. Trata-se de uma habilidade que vai além do simples uso de palavras ou entonações para marcar ênfase: investigar a intensidade linguística é, fundamentalmente, explorar como moldamos – e somos moldados por – estratégias que permitem transmitir emoções, julgamentos e valores de maneira intensa e envolvente. A intensificação amplia o leque de possibilidades expressivas da linguagem, fortalece sua capacidade de comunicação afetiva e retórica e revela os mecanismos pelos quais a linguagem se articula com a cognição, a cultura e a interação social. Como afirma Bolinger (1972), o intensificador constitui um marcador de saliência que atua na dimensão expressiva da linguagem, ressaltando atributos ou valores de seres, objetos, entre outros.

Neste capítulo, será apresentado um panorama geral dos estudos sobre a intensificação, abrangendo sua caracterização, suas funções linguísticas e pragmáticas, suas classificações formais e funcionais, o papel das escalas gradativas e argumentativas, bem como sua inserção em construções linguísticas com valor cognitivo e discursivo. A proposta é oferecer uma análise integrada do fenômeno, com especial atenção às EIs intensificadoras que envolvem partes do corpo humano, tanto no PB quanto no PE.

A intensificação será, portanto, analisada como uma operação linguística e cognitiva emergente da interação entre forma, significado, função pragmática e enraizamento sociocultural, que ajuda a entender tanto a expressividade da linguagem quanto os processos de convencionalização das construções idiomáticas que integram o repertório dos falantes.

4.1 UM BREVE ESTADO DA ARTE

Desde a publicação da obra *Degree Words*, de Bolinger (1972), a intensificação tem atraído grande interesse de linguistas nos estudos da linguagem. Nesse trabalho seminal, o autor associa diretamente essa categoria à expressão de grau, articulando-a posteriormente às ideias de gradabilidade e escala. Bolinger (1972, p. 17) define os intensificadores como qualquer recurso linguístico capaz de modificar o grau de intensidade de uma qualidade – seja aumentando-a, diminuindo-a ou posicionando-a em algum ponto intermediário da escala. Isso implica que os intensificadores podem atuar tanto em direção positiva quanto em direção negativa, sempre modulando o grau de uma determinada característica.

Essa concepção encontra respaldo no fato de que a intensificação é um fenômeno recorrente nas línguas naturais. Não surpreende, portanto, que ela tenha sido descrita como um elemento quase universal, dotado de múltiplos recursos expressivos disponíveis na maioria das línguas, senão em todas (Bolinger, 1972; König, 2017). A pesquisa de Moravcsik (1972), baseada em uma amostra de aproximadamente 60 línguas, reforça essa ideia ao demonstrar que, de modo geral, todas as línguas possuem formas de expressar intensificação e tendem a desenvolver estratégias linguísticas semelhantes para transmitir esse efeito.

Estudos antropológicos e linguísticos (Wierzbicka, 1997; Goddard e Wierzbicka, 2004; Kövecses, 2005) mostram que a forma como as línguas expressam intensificação está profundamente ligada a padrões culturais, normas sociais e estilos comunicativos próprios de cada sociedade. O grau de aceitabilidade da intensificação varia conforme a cultura: em contextos mais expressivos, como os das sociedades brasileira, italiana e espanhola, o uso de construções intensificadoras é frequente e socialmente legitimado, sendo considerado uma estratégia comum de envolvimento emocional, ênfase argumentativa e expressão de identidade discursiva (Bertuccelli-Papi, 2003; Carbaugh, 2005). Expressões brasileiras como *muito mesmo*, *chorar rios*, *de mão cheia* ou *gritar aos quatro ventos* fazem parte de um repertório cotidiano e pragmático, raramente provocando estranhamento.

Por outro lado, em culturas comunicativas mais contidas, como a japonesa e a finlandesa, a intensificação pode soar exagerada ou inadequada, especialmente em interações formais. Nesses contextos, observa-se preferência por formas de atenuação, impessoalidade ou neutralidade expressiva, o que requer, por parte dos interlocutores, ajustes interpretativos quando confrontados com estratégias linguísticas mais enfáticas (Tannen, 1984; Goddard e Wierzbicka, 2004). Assim, o uso de intensificadores é regulado não apenas pelas estruturas da

língua, mas também por expectativas culturais compartilhadas sobre o que é considerado apropriado em termos de expressividade.

No âmbito das práticas comunicativas, a variação na forma e na frequência com que a intensificação é utilizada evidencia que esse fenômeno está diretamente ligado a estruturas culturais de comunicação, os chamados culturemas (Xatara e Seco, 2014; Vermeer, 1996), os quais configuram o que é considerado apropriado, expressivo ou exagerado em cada língua e cultura. Dessa forma, compreender os mecanismos de intensificação implica também reconhecer sua natureza culturalmente situada, o que é fundamental em análises contrastivas entre variedades de uma mesma língua ou entre línguas diferentes.

Embora exista uma quantidade significativa de estudos sobre a intensificação, sobretudo voltados para a língua inglesa (Paradis, 2008; Dancygier e Sweetser, 2005), essa categoria ainda carece de investigações mais amplas e sistemáticas que contemplem a diversidade tipológica e os diferentes contextos culturais em que ela se manifesta. Em especial, faltam abordagens que articulem a descrição formal das estratégias intensificadoras com as motivações cognitivas e pragmáticas que as sustentam em diferentes tradições linguísticas. Abordagens comparativas e translinguísticas revelam-se, portanto, essenciais não apenas para a identificação de padrões universais, como o uso recorrente de metáforas corporificadas na expressão de intensidade (Lakoff e Johnson, 1980; Kövecses, 2005), mas também para o mapeamento das variações específicas que decorrem de fatores socioculturais, discursivos e morfossintáticos próprios de cada língua.

Diante disso, o estudo do fenômeno da intensificação em línguas românicas, como o português, o espanhol, o italiano e o francês, assume um papel relevante não apenas em razão da frequência e expressividade dessas estratégias linguísticas nas variedades faladas, como também por oferecer indícios valiosos sobre os mecanismos linguísticos que articulam sintaxe, emoção e cultura. Tais línguas destacam-se no cenário linguístico por apresentarem elevado grau de expressividade e valoração em seus usos linguísticos cotidianos (Bertuccelli-Papi, 2003), o que as torna especialmente produtivas no que se refere ao estudo de EIs com função intensificadora. Nesse contexto, é possível observar como se articulam diferentes dimensões, em termos de composicionalidade, esquematicidade e produtividade, incluindo sua relação com práticas culturais específicas, na constituição, consolidação e propagação dessas construções nas línguas.

Analisar a intensificação nas variedades do português, por exemplo, possibilita, assim, explorar a interface entre cognição, linguagem e cultura, oferecendo pistas importantes sobre o caráter simbólico e experiencial da linguagem humana. No contexto brasileiro,

pesquisas como as de Lopes (1992) e Silva (2006; 2008) oferecem importantes contribuições para o estudo dos intensificadores, ao analisarem suas funções específicas no discurso e distinguirem-nos de outras classes funcionais, como os quantificadores. Esses estudos destacam o papel dos intensificadores na organização informacional, na progressão temática e na construção de efeitos de sentido avaliativos, evidenciando sua relevância para a estruturação pragmático-discursiva dos enunciados.

Uma iniciativa de destaque nesse cenário é o macroprojeto *Construções Superlativas do Português do Brasil: uma abordagem sociocognitiva* vinculado à linha de pesquisa *Linguística e Cognição*, do Programa de Pós-Graduação em Linguística da FALE-UFJF e à rede internacional FrameNet Brasil. Coordenado por Miranda (2008; 2010), o projeto reúne, há mais de uma década, uma equipe multidisciplinar de pesquisadores interessados na descrição e análise das construções superlativas do PB sob perspectiva semântico-construcional, integrando aspectos semânticos, pragmáticos e sociocognitivos.

O foco dessas investigações está na identificação de padrões construcionais que realizam intensificação máxima, como ocorre em expressões do tipo: *skol gelada é o bicho!*, *você, fera na cama!* (Miranda *et al*., 2008), dentre outras consideradas não prototípicas, bem como na sua relação com *frames* culturais, mecanismos de convencionalização, metáforas conceptuais (Lakoff e Johnson, 1980) e variações sociolinguísticas. Esse conjunto de estudos contribui para uma compreensão mais ampla do domínio da intensificação como um fenômeno importante, a partir da Linguística Cognitiva e à Gramática de Construções.

Scaldelai (2020), investiga a produtividade e o funcionamento de subesquemas intensificadores no PB, com foco em padrões como [morto de [X]], [podre de [X]] e [[X] pra caramba]. A autora evidencia o papel central da metaforização na construção de intensificação hiperbólica, especialmente por meio da associação entre estados físicos (como morte e decomposição) e experiências emocionais ou sensoriais intensificadas. Tais construções revelam como processos de mudança construcional e construcionalização (Traugott e Trousdale, 2021 [2013]) atuam na formação e convencionalização de diferentes esquemas e subesquemas construcionais de intensificação no PB e como as noções de metáforas conceituais e esquemas imagéticos ajudam a entender essas construções.

Guiadas pela mesma perspectiva teórica, Mota e Vieira (2020) exploram a relação entre intensificação e lexemas de cor, analisando expressões como *roxo/verde de raiva* ou *vermelho de vergonha*. Esses trabalhos destacam a produtividade dessas construções no português do Brasil, evidenciando a riqueza expressiva e a criatividade linguística presentes na combinação entre intensidade semântica e elementos do domínio perceptual. Ao

mobilizarem cores como pontos de ancoragem metafórica e intensificadora, essas construções refletem a maneira como a língua recria experiências sensoriais a partir de estratégias culturalmente situadas.

Em Portugal, o fenômeno da intensificação tem sido investigado em diferentes contextos discursivos, com destaque para a linguagem digital e contextos de oralidade. Valentim e Gonçalves (2021) exploram a emergência de novos padrões de intensificação no PE contemporâneo, especialmente em ambientes digitais, observando a incorporação de recursos gráficos repetitivos, marcadores híbridos de registros e outras formas expressivas que sinalizam graus elevados de envolvimento afetivo ou avaliativo. Esses autores mostram como tais mecanismos se afastam das formas convencionais, evidenciando um processo de renovação linguística impulsionado pelas práticas de escrita digital.

No campo da didática do português como língua estrangeira, Gomes (2013) investigou os mecanismos de atenuação e intensificação utilizados por alunos aprendizes de nível C, com base em um estudo de caso. Seus resultados revelam que os alunos foram capazes de aplicar, tanto na produção escrita quanto na oralidade, estratégias linguísticas de intensificação eficazes, demonstrando sensibilidade ao uso pragmático-contextual desses recursos, o que evidencia sua importância no desenvolvimento da competência comunicativa avançada.

Em outro estudo, Cantante (2021) analisa as diferenças semânticas e combinatórias entre os intensificadores *muito* e *bem* quando modificam adjetivos modais, ou seja, aqueles que qualificam situações (e não indivíduos) como *possível*, *provável* ou *necessário*. A autora argumenta que tais intensificadores não são semanticamente equivalentes, e que sua escolha está condicionada a restrições de natureza sintática, aspectual e discursiva, reforçando, por sua vez, a complexidade das estratégias de intensificação no PE.

Em outras línguas românicas, o estudo de intensificadores também é uma área rica de investigação. No espanhol, a título ilustrativo, pode-se mencionar expressões intensificadoras como *como un loco*, empregada com valor adverbial de intensidade ou rapidez (por exemplo: *Después de la noticia, empezó a correr como un loco por la calle*). Pesquisas de Briz Gomes (1996; 2017) identificam as funções da intensificação na conversação coloquial, considerando contextos sociais e argumentativos. Albelda Marco (2007), Roels (2016; 2024) e Roels e Enghels (2020) abordam a intensificação no espanhol coloquial e sua relação com a variação etária e mudanças linguísticas.

Em francês, observa-se, por exemplo, a construção *comme pas possible*, empregada com valor intensificador e equivalente a *extremamente* ou *demais*: *Il fait froid*

***c**omme pas possible aujourd'hui, je n'ai pas envie de sortir.* (*Está incrivelmente / excessivamente frio hoje*, *não tenho vontade de sair*). Kleiber (2013), em *À la recherche de l'intensité*, examina vários mecanismos de intensificação, abordando a natureza e os tipos de intensificadores mais recorrentes no discurso. Em outra obra, Romero (2007) propõe uma definição mais ampla de intensidade, explorando como ela se manifesta em diferentes contextos linguísticos, veiculando valores semânticos diversos.

No campo da língua italiana, observam-se, por exemplo, construções intensificadoras como *un sacco* (muito, em grande quantidade) e *da impazzire* (extremamente, muito), como ilustram os enunciados: *Ci sono un sacco di cose da fare prima di partire* (*Há muitas coisas para fazer antes de partir*); *Il tiramisù che ha preparato è buonissimo da impazzire!* (*O tiramisù que ela preparou está delicioso de enlouquecer / incrivelmente bom!*). Bazzanella e Fivela (2009), em *Fenomeni di intensità nell'italiano parlato*, analisam os fenômenos de intensidade no italiano falado, com foco nas formas linguísticas e nas funções pragmáticas dos intensificadores, especialmente em contextos orais. Já Pugliese (2009), investiga os mecanismos de intensificação em interações dialogais, destacando como a intensidade é utilizada para negociar significados e enfatizar pontos de vista em contextos de comunicação intercultural.

Essas pesquisas destacam a complexidade e importância do fenômeno da intensificação, oferecendo *insights* valiosos sobre como os falantes de diferentes línguas constroem significados e modulam a expressividade de seus enunciados, refletindo aspectos culturais e históricos das respectivas comunidades linguísticas. Em resumo, o propósito nesta seção é apresentar um breve estado da arte sobre o que se tem pesquisado acerca do tema por meio da discussão e listagem de algumas pesquisas e abordagens. É importante destacar que todos os estudos e autores mencionados aqui representam apenas uma parcela das pesquisas sobre a intensificação. Há uma vasta quantidade de estudos que não foram citados, mas que também contribuem significativamente para a compreensão desse fenômeno.

4.2 A INTENSIFICAÇÃO LINGUÍSTICA E O PAPEL DAS ESCALAS GRADATIVA E ARGUMENTATIVA

O ato de intensificar alguma característica de seres, objetos ou eventos está presente no nosso cotidiano de múltiplas formas, tanto nas interações sociais quanto nas experiências individuais, por isso a intensidade com que sentimos uma emoção não depende apenas da

situação em si, mas varia significativamente de pessoa para pessoa, conforme suas vivências, histórias de vida e valores pessoais. Por exemplo, a alegria por uma conquista, como a compra de uma casa nova, costuma ser experimentada com grande intensidade, já a aquisição de um tênis novo, embora pareça algo trivial para alguns, pode representar algo extraordinário para outros – seja por causa de sua carga afetiva, simbólica ou por marcar uma superação pessoal. Da mesma forma, a tristeza diante de uma perda é, para alguns, uma experiência avassaladora, enquanto, para outros, certos sentimentos se manifestam de maneira mais suave.

Além disso, no dia a dia, também utilizamos frequentemente recursos não verbais, como gestos e expressões faciais, para reforçar a intensidade de emoções e atitudes. Um sorriso largo, por exemplo, tende a expressar uma alegria mais intensa do que um sorriso discreto, assim como um grito pode traduzir raiva ou surpresa com mais força do que uma fala calma. No plano linguístico, recorre-se a expressões hiperbólicas como forma de enfatizar o que comemos, bebemos, sentimos etc., tornando a comunicação mais expressiva e vívida; desse modo, ao dizer, por exemplo, *estou extremamente cansado* ou *o dia foi incrível*, o uso de termos como *extremamente* e *incrível* intensifica a mensagem, transmitindo com maior ênfase o estado emocional ou a intensidade da experiência vivida pelo falante.

Lopes (1992), descreve a intensificação como

> um conjunto de processos lingüísticos aplicáveis ao domínio sêmico do contínuo que permite aumentar, diminuir ou manter numa posição medial a intensidade de uma noção, mediante um relacionamento explícito ou não entre uma base (modificado) e um marcador de intensidade (modificador) (Lopes, 1992, p. 9).

Silva (2008), por sua vez, a partir de uma perspectiva cognitivista, afirma que considera

> a intensificação como o processo semântico-discursivo pelo qual se atribui intensidade, em termos graduais (para mais ou para menos), a uma dada noção conceitual, em geral, de acepção mais abstrata. Em outras palavras, é uma operação cognitiva (motivada e emergente pela interação verbal) por meio da qual se imprime reforço, em escala ascendente ou descendente, à idéia de um determinado conteúdo, estendendo-se sua concepção para além do nível de significação considerado normal ou básico. Convém frisar, ainda, que a intensificação pode também incidir sobre uma noção já graduada (Silva, 2008, p. 146).

Ambas as definições abordam a intensificação como um processo linguístico e semântico que modula a intensidade de uma noção por meio de mecanismos graduais, seja para aumentar ou diminuir. Elas destacam a interação entre um elemento-base e um modificador, reconhecendo que esse processo pode incidir tanto sobre noções básicas quanto sobre conceitos

já graduados; como diria Quintiliano (VIII, 6, 70): às vezes uma hipérbole só cresce quando outra é adicionada. Nesse caso, a intensificação pode ser compreendida como o ato de tornar algo mais intenso, forte ou enfático, seja no significado de palavras, na expressão de emoções ou na realização de ações, com o objetivo de ampliar o impacto de uma ideia ou experiência.

Com base em Bolinger (1972, p. 20, 115) que define a intensificação como "a expressão linguística de exagero e depreciação", Claridge (2011) analisa as hipérboles como manifestações exacerbadas desse fenômeno mais amplo[14], como se observa a seguir.

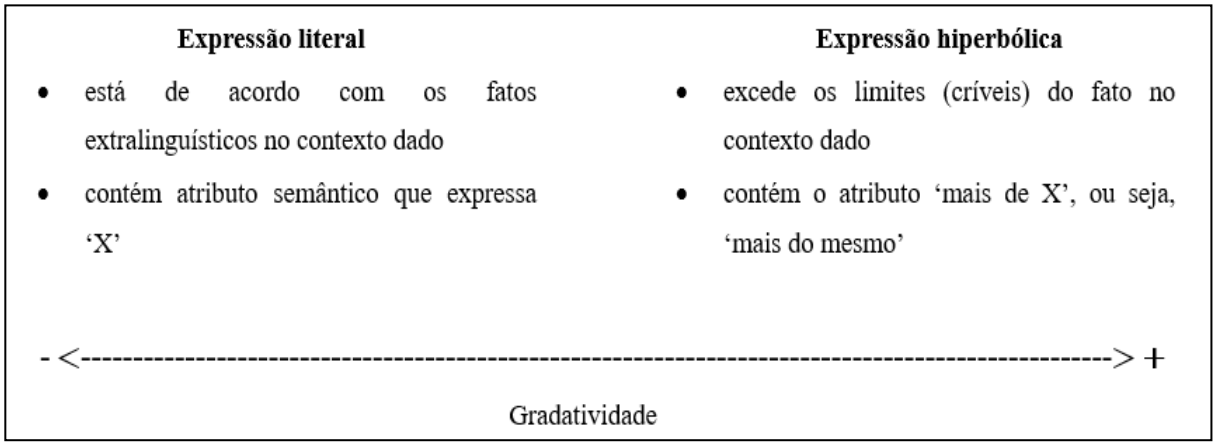
> A intensificação pode ser definida de forma mais precisa como o posicionamento de uma predicação em uma escala de intensidade, ou grau de realização da predicação, que vai de extremamente/muito baixo até muito/extremamente alto. Pode-se presumir que a intensificação hiperbólica ocorre especialmente nos extremos dessa escala (Claridge, 2011, p. 9, tradução nossa).[15]

Assim como Bolinger (1972), Lopes (1992) e Silva (2008), Claridge também propõe que a intensificação se dá pelo posicionamento da predicação ao longo de uma escala graduada de intensidade, que varia de níveis muito baixos até os mais elevados. Ademais, a autora ainda destaca que a intensificação hiperbólica tende a se manifestar nos extremos dessa escala, o que contribui para uma diferenciação interna do processo intensificador, ao situar a hipérbole como uma estratégia marcada por um alto grau de expressividade. Na Figura 1, Claridge (2011) apresenta uma definição preliminar de hipérbole com base na ideia de gradatividade, isto é, a possibilidade de escalonar a intensidade de uma noção, em que são contrastadas a expressão literal e a expressão hiperbólica como dois polos de um contínuo.

[14] Embora Claridge (2011) restrinja o uso do termo *hipérbole* apenas às estruturas situadas no topo da escala intensificadora, nesta tese utilizamos o termo como sinônimo de intensificação, considerando que lidamos com construções que se situam no limite extremo (topo). Como aponta Costa (2010), "não se trata mais de níveis elevados, mas sim de níveis excessivamente elevados acerca de algo", o que justifica essa ampliação terminológica.

[15] No original: "Intensification can be more precisely defined as placement of a predication on a scale of intensity, or degree of realisation of the predication, reaching from extremely/ very low to very/extremely high" (Claridge, 2011, p. 9).

Figura 1 – Definição preliminar de hipérbole



Fonte: Claridge (2011, p. 5, tradução nossa)

Na proposta de Claridge (2011), a expressão literal diz respeito a fatos extralinguísticos do contexto e expressa diretamente um atributo semântico 'X', mantendo-se próxima da realidade. Já a expressão hiperbólica ultrapassa os limites plausíveis dos fatos no contexto, exagerando propositalmente a realidade, e contém o atributo 'mais de X', isto é, uma intensificação do mesmo elemento sem introduzir um novo. A linha que conecta esses dois polos representa uma escala de intensidade, que vai do literal ao hiperbólico, indicando que a hipérbole é uma forma extrema de intensificação. Assim, compreende-se que a hipérbole atua como um recurso linguístico que amplia expressivamente o impacto de um enunciado, mantendo o atributo, mas levando-o a um grau exagerado.

A noção de gradualidade apresentada na figura e descrita anteriormente encontra ressonância nas ideias de Bybee (2016 [2010]), especialmente no que diz respeito à natureza contínua e graduada das categorias linguísticas. Para Bybee, muitas construções linguísticas não são estáticas ou binárias, mas se organizam em escalas de intensidade, frequência ou força semântica, o que permite gradações sutis entre significados. Essa perspectiva vai ao encontro da representação da hipérbole como um ponto extremo em uma escala que parte da literalidade – isto é, de um valor de intensidade mais baixo e aderente aos fatos do mundo – e caminha até formas mais intensas e eventualmente hiperbólicas.

Ao enfatizar que a hipérbole é 'mais de X', sem que haja alteração do atributo em si, reafirma-se a ideia de que a linguagem opera por meio de intensificações graduais e cognitivamente motivadas. Assim sendo, o modelo gradual proposto por autores como Bolinger (1972), Lopes (1992), Silva (2008), Costa (2010) e Claridge (2011), entre outros, pode ser entendido como uma manifestação concreta do princípio de gradualidade de Bybee (2016 [2010]), demonstrando que a intensificação não ocorre por saltos, mas como um *continuum*

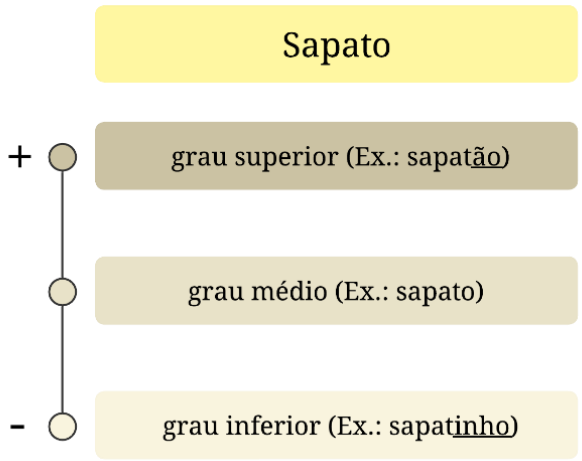
semântico-discursivo que evolui de forma incremental a partir de construções convencionais da língua, e que tais construções podem ser avaliadas em relação ao grau de intensidade e ao impacto no processo da comunicação por intermédio da escala gradativa.

Como mencionado no início da seção e conforme observa Costa (2010), as ações e experiências diárias do indivíduo não são constantes, dado que elas mudam e se diferenciam por diversos motivos, incluindo a intensidade com que acontecem, ocorrendo com maior ou menor vigor. Nessa esteira, Lopes (1992) descreve a escala gradativa como sendo

> constituída de graus, dispostos numa ordenação hierárquica de valores, intimamente ligada ao sistema da língua, com dois pólos (positivo e negativo) a fim de situar o grau de intensidade intrínseco ao objeto apreciado. Ela se relaciona, portanto, ao sistema de intensificação da língua.
> Em português, a escala gradativa básica é constituída de três graus para os quais propomos a denominação de grau superior, grau médio e grau inferior: [...] isso não significa dizer que a escala gradativa não possa ser ampliada [...] (Lopes, 1992, p.16-17).

Segundo o autor, estabelece-se a seguinte escala: o grau superior é representado pelo substantivo *sapato* acrescido do sufixo aumentativo *-ão* (sapatão), o grau médio corresponde apenas ao substantivo simples (sapato), e o grau inferior é formado pelo substantivo acompanhado do sufixo diminutivo *-inho* (sapatinho).

Figura 2 – Escala gradativa com três graus

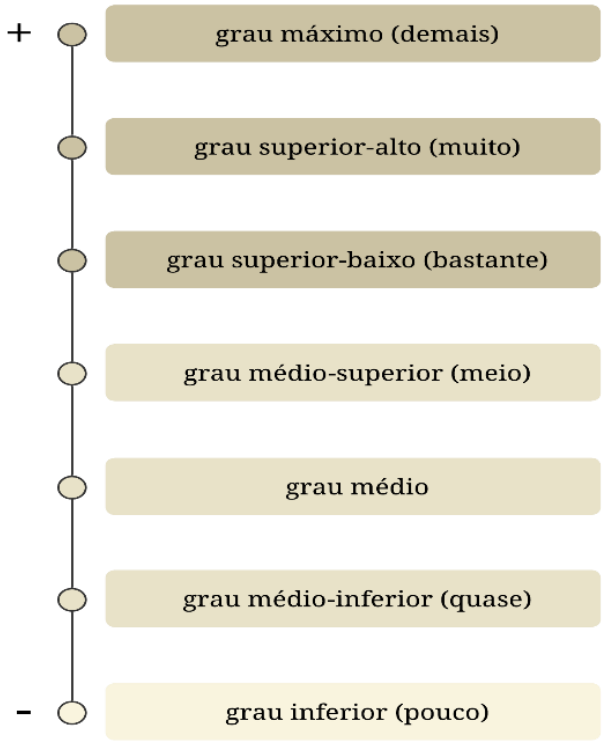


Fonte: Lopes (1992, p. 16)

Para demonstrar a ampliação da escala gradativa, Lopes (1992) propõe um desdobramento mais detalhado, inserindo sete níveis em vez de apenas três. Utilizando como exemplo a classe dos advérbios, ele posiciona o advérbio *demais*, como o grau máximo, e

pouco, como o grau inferior. Entre esses extremos, localizam-se *muito* e *bastante* no grau superior (do mais intenso ao menos intenso) e *meio* e *quase* no grau médio (do mais intenso ao menos intenso), compondo assim uma gradação mais refinada da intensidade

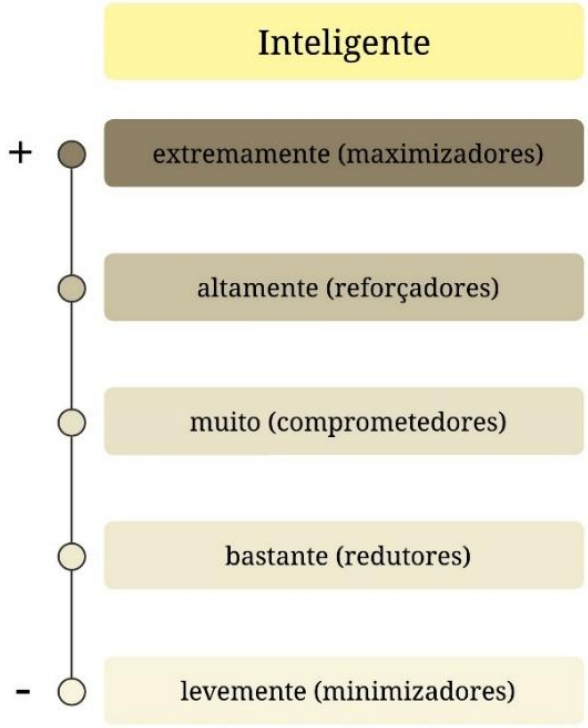
Figura 3 – Ampliação da escala gradativa



Fonte: Lopes (1992, p. 17)

König (2017, p. 27) também destaca como os advérbios de intensidade são utilizados para modificar adjetivos e expressar diferentes graus de intensidade. Partindo do enunciado *Fred é extremamente/incrivelmente/moderadamente/modestamente inteligente*, cada advérbio intensifica o adjetivo inteligente com uma força distinta, em contraste com a forma neutra *Fred é inteligente*. Com base em Quirk *et al*. (1985) e Huddleston e Pullum (2002), König organiza esses advérbios em três categorias principais: enfatizadores, intensificadores e atenuadores. Essas categorias variam na escala de intensidade, que pode ser hierarquizada da mais forte para a mais fraca: maximizadores > reforçadores > comprometedores > redutores > minimizadores.

Figura 4 – Escala gradativa dos advérbios



Fonte: Adaptado de König (2017, p. 27)

A escolha de cada advérbio introduz uma nuance específica ao enunciado, refletindo o grau de intensidade desejado pelo falante na situação comunicativa. Isso evidencia que certos advérbios são mais intensificadores do que outros, permitindo ao falante graduar sua avaliação com maior precisão. Para além dos advérbios e dos sufixos de grau, Claridge (2011) analisou a gradualidade intensificadora presente nos pares *gostar*/*amar* (*like/love*) e *não gostar*/*odiar* (*don't like/hate*), buscando identificar em que ponto da escala esses lexemas verbais, enquanto unidades de significado distintas, se posicionam. Trata-se de verbos que, do ponto de vista da Lexicologia, constituem unidades lexicais autônomas, portadoras de conteúdo semântico próprio, o que permite sua organização em escalas de intensidade (Biderman, 2001).

Claridge (2011) questiona, por exemplo, se *amar* denotaria um nível mais elevado de intensidade em comparação a *gostar* e se o mesmo raciocínio se aplicaria à relação entre *não gostar* e *odiar*. Nesse sentido, observa-se que, no uso cotidiano, os lexemas *amar* e *gostar* se organizam em uma escala lexical de intensidade, na qual *amar* expressa um grau inerentemente mais intenso de afeto do que *gostar*. Trata-se, portanto, não de uma variação de grau de um mesmo lexema, mas da coexistência de unidades lexicais distintas, semanticamente relacionadas por uma relação escalar de intensidade.

Todavia, em contextos de uso frequente, o lexema *amar* parece passar por um processo de atenuação semântica, o que pode tornar menos nítida, em determinados contextos, a distinção entre *amar* e *gostar*. Nesses casos, a intensificação pode ocorrer tanto pela seleção de um lexema inerentemente mais intenso (*amar alguém*) quanto pela modificação gramatical de um lexema menos intenso (*gostar muito de alguém*), como ilustram os exemplos e*u gosto muito desse lugar* e *eu amo esse lugar*. A análise de Claridge (2011) conclui que essa diferenciação está profundamente relacionada à natureza psicológica e à intensidade dos estados emocionais expressos pelos itens lexicais, o que contribui para explicar a oscilação semântica observada no uso contemporâneo desses verbos.

Por outro lado, o termo *ódio* parece ter preservado seu sentido pleno, mantendo uma carga intensificadora clara e marcante. Esse fenômeno corrobora a afirmação de Claridge (2011, p. 37) segundo a qual "quanto mais convencional for uma interpretação hiperbólica, mais fraco será seu impacto emocional"[16]. Por esse motivo, o falante sente a necessidade de intensificar a sua fala por meio de outros recursos linguísticos. Assim, em vez de utilizar apenas o verbo *amar*, já desbotado pelo uso corriqueiro, o falante recorre, por exemplo, a outras estruturas capazes de reforçar o sentido pretendido, como visto no exemplo (1) abaixo.

1. É que eu te amo **<u>pra caramba</u>**
   eu te falei não foi de coração
   joguei ao vento frases sem razão
   foi uma coisa de momento

(Fonte: Bruna e Karine, *Te amo pra caramba*. Disponível em: https://www.letras.mus.br/bruna-karine/1898258/)

O subesquema construcional [[X] pra caramba] foi analisado por Scaldelai (2020) e por Scaldelai Salles e Souza (2020), que constataram que essa construção, oriunda de um processo de metaforização envolvendo o órgão sexual masculino, tem como função principal expressar um grau elevado de intensidade. Trata-se de uma forma bastante frequente na língua, sobretudo em contextos informais, sendo majoritariamente empregada com verbos e adjetivos. Quando associada à expressão *te amo*, acrescenta uma ênfase emocional, podendo soar mais apaixonada, intensa e até exagerada – como se o falante quisesse demonstrar que ama muito mesmo, quase além do que as palavras convencionais conseguem expressar.

[16] No original: "The more conventional a hyperbolic interpretation is, the weaker will be its emotional impact" (Claridge, 2011, p. 37).

Nesse sentido, pode-se afirmar que as EIs de intensidade atuam frequentemente como formas de expressividade hiperbólica (Claridge, 2011), posicionando-se no topo da escala intensificadora. Isso ocorre porque, por meio de suas metáforas enraizadas no imaginário coletivo de uma comunidade linguística, elas condensam significados complexos em enunciados breves e impactantes, intensificando uma ideia ou emoção de maneira eficaz. Tomando como exemplo a EI *colírio para nossos olhos*, exemplo (2), é possível observar que ela não descreve literalmente um colírio, mas utiliza esse termo para intensificar a ideia de algo prazeroso de se ver ou alguém visualmente bonito e/ou agradável.



2. Ele é um **colírio para nossos olhos** e agora deve estar precisando de um pouco para os dele... Quem aí se habilita a cuidar desses olhos?! Credo, mas quem me dera kkkkk (foto: @adamlevine)

(Fonte: https://www.facebook.com/photo.php?fbid=10155635166346146&id=196008906145&set=a.10150098833201146)

No exemplo acima, a EI *colírio para nossos olhos* exagera a sensação de prazer visual, posicionando-se no topo da escala de intensidade, pois em vez de simplesmente afirmar *ele é bonito* ou *ele é muito bonito*, a hipérbole atua com a função de algo com valor 'mais de X', amplificando a ideia de beleza a tal ponto que a visão não apenas aprecia, mas é "curada" ou "revigorada", sem alterar o atributo base (beleza), apenas intensificando-o. Além disso, há um jogo inteligente com o duplo sentido da palavra *colírio*. Primeiro, ela aparece na metáfora idiomática (*ele é um colírio para nossos olhos*) indicando que o homem desejado (Adam Levine) é um deleite visual. Em seguida, há uma quebra cômica e ambígua com *agora deve estar precisando de um pouco para os dele*, mostrando que ele está com os olhos irritados e necessitando de colírio no sentido literal.

Esse contraste entre o uso conotativo e denotativo da palavra cria um efeito lúdico nos contextos de uso da linguagem, conferindo leveza e humor ao comentário do falante. Desse modo, entende-se que as EIs intensificadoras se alinham ao princípio de gradualidade e de escala gradativa aqui descritos, pois, mesmo sendo cristalizadas, operam dentro de uma escala semântico-discursiva de intensificação, funcionando como recursos cognitivos e culturais para enfatizar significados de forma expressiva e não literal.

Por meio dos exemplos analisados com base na escala gradativa de intensidade, observa-se que esse percurso contribui para uma definição mais completa e precisa do fenômeno da intensificação. No entanto, apesar de seu valor teórico e da relevância da abordagem, Roels (2024, p. 5) aponta uma limitação importante ao afirmar que "ainda faltam ferramentas operacionais que permitam que essas noções conceituais de escalaridade e avaliação sejam aplicadas a dados empíricos de maior escala"[17]. Assim, a autora destaca a necessidade de desenvolver instrumentos metodológicos que viabilizem a aplicação prática dessas categorias em análises mais amplas e sistemáticas.

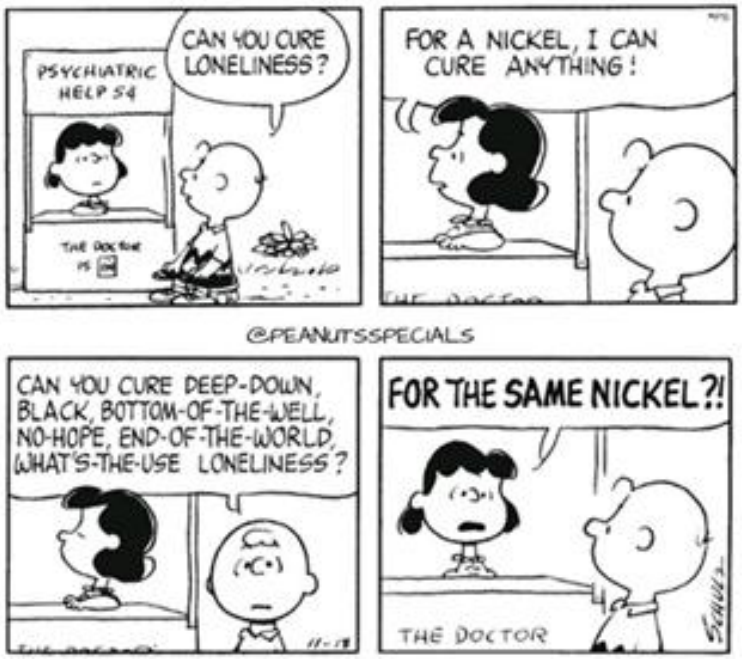
Além da escala gradativa, Lopes (1992) também propõe a noção de escala argumentativa, fundamentada na ideia de que "nós dizemos além daquilo que expressamos em nossos enunciados, razão pela qual o sentido do nosso discurso só é captado quando o destinatário compreende o sentido daquilo que estamos querendo dizer, isto é, quando o destinatário apreende as nossas intenções" (Lopes, 1992, p. 19). Essa perspectiva enfatiza que a intensificação também depende da relação entre os interlocutores, da situação de enunciação e da construção do sentido no discurso. Por isso, trata-se, portanto, de uma escala relativa e subjetiva, sustentada pela intenção comunicativa do falante e pela capacidade do ouvinte de interpretar os sentidos subentendidos.

Essa concepção se aplica de maneira exemplar ao diálogo entre as personagens Charlie Brown e Lucy, da tirinha *Peanuts*[18]. Ainda que o texto original esteja em inglês, sua escolha se justifica por representar, de maneira tão expressiva, a tentativa da personagem Charlie Brown de traduzir em palavras aquilo que sente de forma profunda e arrasadora – uma emoção íntima difícil de ser comunicada por meios linguísticos comuns, como se observa na Figura 5.

[17] No original: "faltan todavía herramientas operativas que permitan aplicar estas nociones conceptuales de escalaridad y evaluación a datos empíricos a mayor escala" (Roels, 2024, p. 5).

[18] Charlie Brown: Você pode curar a solidão?
Lucy: Por uma moeda, eu posso curar qualquer coisa!
Charlie Brown: Você pode curar aquela solidão profunda, escura, do fundo do poço, sem esperança, fim do mundo, qual-é-o-sentido-da-vida?
Lucy: PELA MESMA MOEDA?!
(Schulz, C. M. *You're so smart, Snoopy*; n. 42, tradução nossa)

Figura 5 – Tirinha *Peanuts*



Fonte: Schulz, C. M. *You're so smart, Snoopy*; n. 42

O enunciado *Can you cure deep-down, black, bottom-of-the-well, no-hope, end-of-the-world, what's-the-use loneliness?* proferido por Charlie Brown ilustra perfeitamente a intensificação tanto pela hipérbole quanto pelo acúmulo de modificadores semânticos. Charlie Brown não se contenta em dizer apenas *loneliness* (*solidão*); ele constrói uma cadeia discursiva que detalha a intensidade dessa solidão, utilizando uma lista de metáforas e expressões emocionalmente carregadas, tais como: *deep-down* (*profunda*); *black* (*escura*); *bottom-of-the-well* (*do fundo do poço*); *no-hope* (*sem esperança*); *end-of-the-world* (*fim do mundo*); e *what's-the-use* (*qual é o sentido da vida*). Essa enumeração serve para exagerar, dramatizar e tornar palpável o peso emocional que ele sente.

A força expressiva do enunciado só é plenamente compreendida quando o interlocutor – e, por extensão, o leitor – apreende a intenção dramática por trás da escolha lexical. É nesse ponto que a escala argumentativa se evidencia: o impacto da fala depende menos da literalidade das palavras e mais da sua função discursiva, do efeito pretendido e da forma como esse efeito é interpretado. A resposta de Lucy, por sua vez, ao ironizar o grau da tristeza com a fala *FOR THE SAME NICKEL?* (*PELA MESMA MOEDA?*), intensifica a reação pela surpresa cômica e revela, de forma indireta, o quanto o discurso anterior excede as expectativas de um simples desabafo, implicando que esse tipo de sofrimento deveria custar mais que uma moedinha.

A construção discursiva presente na tirinha de Charlie Brown pode ser compreendida à luz do subprincípio icônico de quantidade do Funcionalismo clássico, conforme mencionado por Neves (1997, p. 104), segundo o qual a complexidade da linguagem está diretamente ligada à complexidade do conteúdo que se pretende comunicar. Assim, quanto mais intensa for a angústia e o desejo de expressá-la, mais elaborada e carregada tende a ser a estrutura linguística utilizada. Dessa forma, a tirinha exemplifica não apenas um processo de intensificação linguística, mas também ilustra claramente o funcionamento da escala argumentativa, em que o significado emerge da interação entre forma, intenção e interpretação.

Ademais, Claridge (2011, p. 46) destaca que hipérboles mais curtas costumam ser menos complexas, facilitando sua produção, compreensão e memorização, e seu uso mais recorrente no cotidiano. Já hipérboles mais extensas, embora menos frequentes, exigem maior esforço cognitivo e comunicativo do falante e do ouvinte, o que pode aumentar seu potencial expressivo em determinados contextos de uso. Assim, o equilíbrio entre convencionalidade e inovação linguística reflete a constante tensão entre economia e expressividade, características fundamentais no uso da linguagem em sua dimensão intersubjetiva.

Por um lado, a economia linguística privilegia construções mais curtas, previsíveis e de fácil processamento, que favorecem a fluidez da comunicação e a eficiência cognitiva dos interlocutores. Por outro, a expressividade demanda estratégias mais elaboradas, que fogem ao padrão e introduzem novos sentidos, capazes de capturar nuances emocionais, reforçar intenções comunicativas ou simplesmente renovar estruturas desgastadas pelo uso. A intensificação, nesse cenário, atua como um campo privilegiado para observar esse movimento: enquanto algumas expressões cristalizadas se tornam fórmulas recorrentes, outras surgem pela inventividade momentânea ou pela necessidade de marcar mais fortemente a subjetividade.

Destarte, a escala argumentativa e a escala gradativa estão intrinsecamente relacionadas, uma vez que a primeira nunca ocorre isoladamente, mas sempre em articulação com a segunda. Essa relação se deve ao fato de que todas as enunciações contendo expressões de intensidade apresentam, além de uma função gradativa – que indica aumento ou diminuição do valor de intensidade –, uma função argumentativa (Malheiros-Poulet, 1983, p. 490 *apud* Lopes, 1992, p. 19). Em outras palavras, ao escolher um determinado grau de intensidade para qualificar algo, o falante não apenas intensifica semanticamente o conteúdo, mas também direciona o interlocutor a interpretar o enunciado dentro de um determinado ponto de vista, favorecendo uma conclusão alinhada à sua intenção comunicativa.

Nesse sentido, a função argumentativa da intensificação orienta o destinatário para uma determinada leitura do discurso, influenciando-o a aceitar a visão do falante, assumindo,

portanto, um papel persuasivo e avaliativo. A força expressiva das construções intensificadoras, portanto, vai além da carga semântica dos intensificadores, no sentido de que ela está também no modo como essas construções são interpretadas à luz do contexto, da intenção e da relação entre os interlocutores.

Por exemplo, ao dizer algo como *a minha namorada tem estômago de avestruz*, o falante, além de intensificar a ideia de resistência ou tolerância estomacal (gástrica) da namorada a determinados tipos de alimentos (estranhos) ou a situações desagradáveis, também sugere implicitamente que essa qualidade a distingue positivamente ou negativamente, dependendo do contexto. A expressão atua como uma construção avaliativa carregada de força retórica, influenciando a forma como o ouvinte interpreta e julga os atributos descritos.

Essa reflexão corrobora a ideia de que a intensificação, ao ser acionada pelas escalas gradativa e argumentativa, enriquece o conteúdo do discurso e, ao mesmo tempo, contribui para dinamizar a interação linguística, tornando-a mais expressiva, persuasiva e eficaz. Assim, compreender o funcionamento dessas escalas é essencial para analisar os efeitos de sentido produzidos por diferentes escolhas linguísticas no discurso cotidiano, literário e midiático.

Em suma, a intensificação não deve ser encarada como um simples recurso estilístico, mas sim como um mecanismo central na construção de sentidos, pois viabiliza tanto a gradação semântica (por meio da escala gradativa), quanto o posicionamento argumentativo (por meio da escala argumentativa). Juntas, essas duas escalas potencializam a força expressiva da linguagem, permitindo que falantes e ouvintes participem ativamente da negociação de sentidos em diferentes contextos comunicativos.

4.3 INOVAÇÃO E CLASSIFICAÇÃO DOS RECURSOS INTENSIFICADORES

A intensificação pode se manifestar em diferentes níveis da linguagem, abrangendo o plano lexical e o gramatical, por meio de uma variedade de recursos como advérbios, adjetivos, prefixos, sufixos e até mesmo por meio de estratégias prosódicas ou pragmáticas, que contribuem para reforçar ou suavizar o significado das expressões. Desse modo, a intensificação é fundamental na maneira como construímos e interpretamos o discurso, adicionando camadas de expressividade e ênfase à comunicação.

Roels (2024) argumenta que a variação no paradigma dos intensificadores decorre da transmissão de um significado semântico-pragmático e de um significado social. Em suas palavras

> os intensificadores são elementos linguísticos que desempenham um papel fundamental na maneira como os falantes se expressam socialmente. Especificamente, o tipo de intensificador utilizado fornece indícios sobre a identidade social de quem o emprega, ao transmitir informações sobre sua classe social, personalidade, atitudes, gênero, idade, etnia etc (Roels, 2024, p. 10, tradução nossa)[19].

Por esse motivo, estudos sociolinguísticos têm se dedicado à análise do uso dos intensificadores, demonstrando que sua distribuição no espaço social não é uniforme, mas varia conforme macrocategorias sociais, como idade e gênero dos falantes (Roels, 2024, p. 10). Esse fenômeno evidencia, ainda, como os intensificadores estão profundamente inseridos nas dinâmicas de mudança linguística, refletindo os movimentos sociais e culturais que moldam o uso da língua. Ao longo do tempo, determinadas formas expressivas podem se tornar obsoletas, especialmente quando seu uso se torna excessivamente recorrente ou se espalha de maneira massiva, perdendo o impacto original, ao passo que outras podem emergir na situação comunicativa. Isso acontece porque, por serem os intensificadores

> elementos versáteis, são especialmente sensíveis à rotinização e correm o risco de perder sua força expressiva se forem usados excessivamente ou se forem disseminados e generalizados em maior escala. Quando isso acontece, os falantes tendem a introduzir novas formas com maior grau de expressividade (Roels, 2024, p. 11)[20].

Consequentemente, observa-se que certos intensificadores, antes dotados de grande força expressiva, perderam parte de sua capacidade significativa ao longo do tempo devido ao uso excessivo e à mudança de percepções linguísticas, o que ocorre, por exemplo, com a palavra *formidável*, que já foi usada para descrever algo impressionante ou grandioso, mas que, hoje, soa antiquada em muitos contextos. A mesma avaliação se aplica ao adjetivo *horrível*, que, embora ainda denote algo negativo, passou a ser usado em situações triviais, como ao descrever uma comida desagradável, enfraquecendo, assim, seu efeito enfático.

O advérbio *demais*, apesar de constar no topo da escala gradativa demonstrada por Lopes (1992, p. 17), tem passado por um processo semelhante: inicialmente carregado de intensidade, seu uso excessivo e generalizado na oralidade tem reduzido sua força expressiva. De modo relativamente semelhante, o item *horror*, a priori empregado para designar algo ruim,

---

[19] No original "[...] los intensificadores constituyen elementos lingüísticos que desempeñan un papel fundamental en la manera en que los hablantes se expresan socialmente. En concreto, el tipo de intensificador utilizado da indicios sobre la identidad social de quien lo ha expresado, al aportar información acerca de su clase social, su personalidad, sus actitudes, su género, su edad, su etnia, etc" (Roels, 2024, p. 10).

[20] No original "[...] elementos versátiles, son especialmente sensibles a la rutinizacíon y corren el riesgo de perder su fuerza expresiva si se usan excesivamente o si se difunden y generalizan a mayor escala. Cuando sea el caso, los hablantes tienden a introducir nuevas formas con un mayor grado de expresividad" (Roels, 2024, p. 11).

passa, em determinados contextos de uso a atuar funcionalmente como advérbio de intensidade, modificando o predicado e expressando grau elevado, tanto em construções de valor avaliativo (*Maria riu horrores na festa*) quanto negativo (*o deputado roubou horrores na sua cidade*).

Por outro lado, diante do desgaste de formas linguísticas, os falantes tendem a criar ou adotar novas estratégias linguísticas mais marcadas, capazes de restabelecer o efeito expressivo desejado, por isso, novos intensificadores emergem e ganham espaço na linguagem cotidiana, assumindo funções que antes eram desempenhadas por formas tradicionais. Um exemplo disso é apresentado por Silva (2019), que analisa o uso do intensificador *super* com verbos, exemplificado em *super quero voltar* ou *super me identifiquei*. Nessas construções, *super* assume propriedades adverbiais, substituindo intensificadores convencionais como *muito*, *bastante* ou *demais*, e conferindo maior expressividade às ações.

Outro caso interessante e inovador no PB é o estudo de Souza e Barbosa (2024), que investiga a microconstrução intensificadora *com força*, instanciada pelo subesquema construcional [[X] prep N]$_{intensif}$ na língua. Essa estrutura atua, segundo os autores, na modificação tanto de predicados verbais, como em *correr com força*, quanto adjetivais, como em *feio com força*. Com base em dados extraídos do *Corpus do Português*, os autores identificaram que o uso de *com força* como intensificador teve origem no século XIX, consolidando-se como um recurso expressivo e produtivo na linguagem coloquial contemporânea.

Desse modo, a microconstrução [com força] passou, ao longo da história do português, por mudanças morfossintáticas e semânticas que levaram a construção a veicular quatro valores semânticos distintos, quais sejam: modo, instrumento, predicativo e intensidade. A leitura intensificadora, em particular, emergiu, conforme os pesquisadores, por extensão a partir dos sentidos anteriores associados a modo e instrumento.

Nesse contexto de inovação linguística, a faixa etária representada pelos jovens desempenha um papel central, pois eles são frequentemente responsáveis pela introdução de novos intensificadores na linguagem cotidiana. Fundamentada em Labov (1982), Bybee (2016 [2010] p. 187) esclarece que “mudanças são mais avançadas em adolescentes e pré-adolescentes, e não em crianças no meio do processo de aquisição, uma vez que esses usuários mais velhos podem expressar alguns desafios às normas e criar seu próprio grupo social e coeso”. Esse dinamismo se reflete na preferência por intensificadores mais expressivos e menos convencionais, que, muitas vezes, substituem formas mais padronizadas. Desse modo, a linguagem juvenil não apenas incorpora novos recursos intensificadores, mas também impulsiona mudanças que podem se espalhar para outras faixas etárias e contextos discursivos.

Observa-se, portanto, que a incorporação de novos significados e graus de intensidade ocorre de forma heterogênea entre os falantes. Certos grupos sociais, faixas etárias ou comunidades regionais tendem a adotar com mais rapidez construções inovadoras, enquanto outros grupos preservam formas tradicionais ou evitam o uso de determinadas expressões. Fatores sociais como nível de escolaridade, contexto sociocultural e grau de exposição a diferentes registros e variedades linguísticas influenciam diretamente essa adoção.

Em algumas comunidades, um novo intensificador pode se consolidar rapidamente como traço identitário (Eckert, 2008), enquanto em outras permanece restrito ou desconhecido. Com isso, observa-se que intensificadores emergentes, embora inicialmente marcados por forte expressividade, podem circular apenas em contextos específicos antes de se difundirem mais amplamente ou, ao contrário, enfraquecerem com o tempo e caírem em desuso (Bybee, 2016 [2010]). Esse movimento reflete o caráter dinâmico, variável e sensível da intensificação na língua. Como consequência, é inviável que todos os falantes acompanhem as transformações linguísticas de maneira uniforme (Koike e Rodríguez-Alfano, 2010).

Uma expressão amplamente empregada em um grupo pode ser rara em outro, o que contribui para a variabilidade ou para a inexistência de um repertório universal e estável entre os falantes. A variação no uso dos intensificadores, portanto, evidencia a profunda ligação entre a língua, a cultura e a experiência individual. Esse fenômeno pode ser claramente observado nas EIs intensificadoras de base corporal, em que a mesma construção pode ser amplamente utilizada no Brasil, enquanto em Portugal ela pode ser pouco frequente – e vice-versa –, ou ainda apresentar sentidos e escopos distintos em cada uma dessas variedades. Por esse motivo, torna-se ainda mais legítimo que as comunidades brasileira e portuguesa, apesar de compartilharem o mesmo idioma, apresentem e cultivem repertórios linguísticos variados, refletindo suas realidades socioculturais distintas e dinâmicas próprias de inovação e preservação linguística.

Essa diversidade resulta em múltiplas caracterizações do fenômeno da intensificação, tornando difícil alcançar um consenso sobre sua definição (Kövecses, 2005; Kleiber, 2013; Gomes, 2013). De fato, os critérios para identificar a intensificação frequentemente carecem de precisão, refletindo tanto a multiplicidade de termos utilizados para descrevê-la quanto a variedade de conceitos que esses termos abrangem. Diante desse cenário, a intenção aqui é apenas apresentar, de maneira geral e sem a pretensão de esgotar as inúmeras

possibilidades expressivas, as formas e construções verbais mais recorrentes e produtivas na língua[21].

De modo geral, baseado em Silva (2008), a intensificação pode ser observada em cinco níveis principais: fonético, morfológico, lexical, sintático e textual. Cada um desses mecanismos atua de maneira específica para ampliar, destacar ou atenuar o sentido de uma expressão, enriquecendo o discurso com diferentes graus de intensidade, que vão desde estruturas mais gramaticalizadas e previsíveis até formulações mais inovadoras e surpreendentes. A seguir, examinaremos cada um desses níveis com maior atenção.

- Plano fonético

No plano fonético, a intensificação ocorre por meio de recursos suprassegmentais, como o prolongamento ou o aumento da tonicidade de determinados sons na fala. Outro mecanismo acústico empregado é a fala silabada, na qual o falante articula as sílabas separadamente com a finalidade de intensificar a expressão.

3. "Mas você pediu **POR FAVOR**, e fica uma coisa um bocado chata não atender" (p. 14)[22]
4. "E **a-do-rou**! Achou tão gostoso que já no meio do caminho resolveu que ia mudar de vida" (p. 121)

A expressão *POR FAVOR* no exemplo (3) escrita em letras maiúsculas destaca a ênfase no pedido, indicando que foi feito de maneira enfática ou desesperada. No exemplo (4), a divisão da palavra em sílabas (*a-do-rou*) simula a pronúncia pausada, enfatizando o entusiasmo ou a surpresa da pessoa em relação à experiência.

- Plano morfológico

A intensificação morfológica, segundo Silva (2008), ocorre quando a intensificação é realizada por meio de processos de formação de palavras, especialmente por afixação, isto é, pela adição de prefixos ou sufixos à base lexical. Esses morfemas intensificadores modificam o significado original da palavra, conferindo-lhe um grau elevado de intensidade, como se observa em formas como *superinteressante*, *contentíssima* ou *hiperativo*.

[21] Para uma descrição detalhada, conferir Silva (2008).
[22] Exemplos de (3) a (12) e de (15) a (17) foram retirados da obra *A bolsa amarela*, de Lygia Bojunga (2010).

5. “quando as vontades engordavam, ela ficava **super**pesada” (p. 38)
6. “Passei de content**íssima** pra contente só” (p. 52)

No exemplo (5), o uso do prefixo *super-* intensifica a palavra *pesada*, ampliando a percepção de carga, seja ela de natureza física, emocional ou simbólica. A expressão adquire um tom metafórico, sugerindo que, à medida que os desejos aumentavam, a personagem sentia-se profundamente sobrecarregada, possivelmente de forma cumulativa e insustentável. Trata-se de um recurso linguístico que atua na construção de uma experiência de intensidade gradativa, em que o prefixo contribui para reforçar o impacto afetivo da palavra-base.

Já no exemplo (6), a forma *contentíssima* emprega o sufixo *-íssima*, marcando um superlativo absoluto sintético do adjetivo *contente*, o que indica um estado de felicidade extrema. No entanto, ao longo da enunciação, há uma reavaliação da intensidade inicialmente expressa: a substituição por *contente só* implica uma redução afetiva, sinalizando uma mudança de estado emocional ou de avaliação da situação. Esse contraste evidencia não apenas a variação semântica dos intensificadores, mas também o modo como eles operam discursivamente na representação de estados subjetivos e transições de humor.

- Plano lexical

A intensificação lexical manifesta-se por meio da seleção de unidades lexicais que, em sua própria carga semântica, expressam intensificação. Trata-se do uso de palavras cujo significado já implica um grau elevado de intensidade, sem necessidade de modificação adicional. Advérbios, adjetivos, substantivos e verbos com valor intensificador compõem esse grupo, atuando diretamente na ampliação da força expressiva do enunciado. Nos exemplos a seguir, observa-se como tais itens funcionam como intensificadores intrínsecos:

7. “Elas falavam que a minha mãe trabalhava **demais**” (p. 11)
8. “– Mas que curtição! – **berrei**.” (p. 28)
9. “Mas o Afonso nem escutou. Já ia lá na frente. Numa pressa **danada**” (p. 91)

Nas ocorrências acima, notam-se diferentes estratégias de intensificação lexical, ou seja, construções em que a intensidade é veiculada por meio de escolhas lexicais específicas que ampliam a força expressiva do enunciado. No exemplo (7), o advérbio *demais* atua como

um intensificador que modifica o verbo *trabalhava*, indicando que a ação ultrapassava os limites considerados normais ou aceitáveis. Aqui, a intensificação está relacionada a uma avaliação de excesso, uma carga de trabalho considerada exagerada.

Em (8), o uso do verbo *berrei* no lugar de verbos neutros como *disse* ou *falei* confere maior intensidade à fala da personagem. O verbo implica vocalização em tom elevado, marcada por entusiasmo ou surpresa, funcionando como um recurso intensificador que expressa envolvimento emocional. Por fim, no exemplo (9), o adjetivo *danada* é empregado de forma coloquial como um intensificador de pressa. Essa é uma estratégia linguística amplamente usada no PB, na qual o adjetivo, originalmente associado a traquinagem ou peraltice, adquire função intensificadora. Nesse caso, enfatiza-se o grau elevado de urgência ou agitação com que Afonso se desloca, reforçando a ideia de um comportamento fora do comum.

- Plano sintático

Para Silva (2008), a intensificação sintática é codificada via estruturas que combinam termos ou expressões intensificadoras com substantivos, adjetivos, verbos ou advérbios, bem como por meio da organização de orações ou períodos cuja função é amplificar o significado de um enunciado. Essas construções sintáticas são responsáveis por reforçar aspectos avaliativos ou emocionais no discurso. Uma estratégia recorrente nesse nível é o uso da repetição lexical ou estrutural, que pode se dar de forma literal ou com variações parafrásticas. Tal repetição atua como mecanismo de ênfase, reforço argumentativo e, muitas vezes, expressividade estilística, intensificando a percepção do conteúdo por parte do interlocutor.

10. “Minha aflição voltou correndo: a bacalhoada soltava **mais** fumaça **que** qualquer chaminé” (p. 72)

11. “E **quanto mais** eu ficava grudada no chão sem poder fazer nada, **mais** as minhas vontades iam engordando” (p. 77)

12. “Ela **falou, falou, falou**, e no fim chorou” (p. 106).

Na ocorrência (10), a construção comparativa *mais...que...* atua como intensificador ao exagerar a quantidade de fumaça produzida pela bacalhoada, em comparação hiperbólica com uma chaminé. O recurso amplifica a percepção sensorial da cena, construindo uma imagem marcada pelo tom expressivo exagerado, que acentua o desconforto vivido pela personagem.

A estrutura proporcional *quanto mais... mais...* no exemplo (11) estabelece uma relação gradativa entre duas situações: a passividade física e o crescimento dos desejos. A construção cria um efeito de acúmulo progressivo, em que a intensidade de um estado (a frustração) alimenta o aumento de outro (a vontade), revelando um processo emocional crescente e marcado por tensão interna.

Já em (12), a repetição enfática do verbo *falou* funciona como mecanismo de intensificação. Essa repetição, que pode ser classificada como estratégia de reforço por acumulação, sugere prolongamento, insistência ou excesso no ato de *falar*, resultando em uma leitura de exaustão ou intensidade emocional que culmina no choro. Aqui, o ritmo e a cadência da fala contribuem para construir um efeito expressivo marcante.

Outra estratégia sintática utilizada para marcar intensidade no português é a construção graduadora de causa-efeito com intensificador (Silva, 2024). Essa estratégia diz respeito às construções instanciadas pelo esquema construcional [X_{EFEITO} de $Y_{INTENSIFICADOR}$ Z_{CAUSA}]$_{GRAD}$, que constitui, segundo Silva (2024), um padrão esquemático, produtivo e parcialmente composicional. Trata-se de um padrão construcional com grande poder de atração, cujo *slot* [X] pode ser preenchido por um verbo ou um adjetivo e o *slot* [Z] pode ser preenchido por um nome, verbo ou adjetivo.

Do ponto de vista semântico-cognitivo, esse padrão contribui para a intensificação de entidades abstratas, ações e qualidades, ao refletir operações de aumento escalar ancoradas em mecanismos metafóricos e metonímicos. Esses mecanismos costumam mobilizar frames de experiências de forte impacto emocional ou sensorial, o que favorece a interpretação da construção como intensificadora. No plano discursivo-pragmático, as construções instanciadas por esse esquema acionam inferências sugeridas e exibem traços de (inter)subjetividade que, conforme Silva (2024, p. 7), produzem efeitos de sentido como empatia, reprovação, exagero avaliativo ou convencimento retórico. Tais efeitos revelam a dimensão social e interativa da construção intensificadora, que não apenas amplia sentidos, mas também posiciona o falante em relação ao conteúdo comunicado e ao interlocutor.

Os exemplos abaixo[23] ilustram esse tipo de estratégia intensificadora:

13. Apesar da rotina cansativa de preparo para o vestibular, Lucas recomenda aos candidatos que não ultrapassem seus limites. A dica veio por experiência própria: depois do primeiro semestre de 2017, o jovem estava **exausto de tanto estudar**.

14. Já estou ficando **doida de tanto correr atrás dele**, mas ele me enrola o tempo inteiro.

[23] Exemplos 13 e 14 retirados de Silva (2024, p. 14-15).

Em (13), a ideia de estudar é intensificada por meio de uma construção que estabelece uma relação de causa e efeito: a consequência extrema (exausto) é utilizada para enfatizar a intensidade da ação que a provocou (tanto estudar). A exaustão, enquanto estado físico e/ou mental, funciona como marcador de intensidade retrospectiva, revelando o grau elevado da atividade realizada. O advérbio *tanto*, que qualifica o verbo *estudar*, já introduz uma noção de gradação; no entanto, a presença do termo *exausto* atua como um reforço intensificador, agregando um componente avaliativo e experiencial ao enunciado.

Na ocorrência (14), o evento representado por *correr atrás dele* também é marcado por intensidade por meio do advérbio *tanto*, que atribui um valor escalar à ação. Essa intensificação é ampliada pela atribuição do predicativo *doida*, termo de forte carga metafórica que expressa uma reação emocional exacerbada/fora do controle. Nesse exemplo, o uso de doida não apenas reforça o esforço empreendido, mas também mobiliza uma construção culturalmente codificada de desmesura afetiva.

- Plano textual

A intensidade de natureza textual pode ser percebida na língua por meio da repetição enfática da mesma ideia ao longo de uma sequência textual, como se vê a seguir.

15. “Botei aquele vestido xadrez que eu acho **o fim**; meu nariz tava **o fim**; eu toda estava **o fim**; saí de casa achando a minha vida **o fim**.” (p. 67)

16. “Achou gozado e **deu** pra minha mãe ler.
    E a minha mãe **deu** pro meu pai.
    E o meu pai **deu** pro meu irmão.
    E o meu irmão **deu** pra minha outra irmã.
    E ela **deu** pra vizinha.
    E a vizinha **deu** pro marido, que ainda por cima é síndico.” (p. 22)

A repetição de *o fim* presente na sentença (15) enfatiza uma sensação de descontentamento ou desespero generalizado, sugerindo que tudo está em uma condição muito ruim ou insatisfatória. E, por fim, o uso repetido da estrutura *E [pessoa] deu para [outra pessoa]*, no enunciado (16), intensifica a percepção de quão amplamente algo foi compartilhado.

O uso simultâneo de formas intensivas provenientes de diferentes níveis linguísticos é recorrente e visa ampliar a ênfase do conteúdo enunciado, atribuindo-lhe maior destaque e relevância no discurso. Os enunciados (17) e (18) ilustram essa categoria de combinação.

17. "Em cima, um **grandão** de cada lado, os dois com zipe" (p. 28)

18. "E **sempre, sempre, sempre** de @basique_oficial!
(Fonte: https://www.instagram.com/analeticia.ig?igsh=MWNnamp4NXJubG12NQ==)

No exemplo (17), nota-se a junção de um item lexical intensificador (grande) com um processo morfológico – o sufixo aumentativo *-ão* –, formando a palavra *grandão*, cuja carga semântica intensifica ainda mais a noção de tamanho já presente no adjetivo original. Já no exemplo (18), a intensificação é expressa na língua por meio do uso do advérbio *sempre*, cuja ideia de habitualidade é reforçada por sua repetição, sugerindo uma continuidade ainda mais enfática da ação. Ambos os casos demonstram como diferentes recursos linguísticos podem operar conjuntamente para potencializar o efeito expressivo do enunciado.

A diversidade de recursos intensificadores examinados nesta seção revela não apenas a expressividade intrínseca da língua, mas também a capacidade inventiva do falante, que recorre a múltiplas estratégias para enfatizar elementos e dar relevo aos conteúdos veiculados no discurso. Nesse processo dinâmico, os usuários da língua ativam criativamente estruturas fonológicas, lexicais, morfossintáticas e discursivas, moldando-as conforme os contextos situacionais, as relações interpessoais e os propósitos comunicativos envolvidos.

Essa alternância entre os usos convencionais e os usos inovadores evidencia que a linguagem não se restringe a um conjunto rígido e estático de regras, mas configura um espaço dinâmico de construção e negociação de sentidos. Nesse universo de dinamicidade, os falantes desenvolvem sua competência comunicativa (não apenas sua competência linguística), criando construções, descartando algumas outras, ou adaptando construções já existentes, a fim de atender às suas necessidades comunicativas/expressivas nos vários contextos de uso.

4.4 UM RECURSO PRAGMÁTICO E COGNITIVO CONDICIONADO PELO CONTEXTO

A intensificação linguística, além de se manifestar nos níveis fonético, morfológico, lexical, sintático e textual, impacta inevitavelmente os níveis semântico e pragmático da

linguagem, influenciando tanto a construção de sentido quanto os efeitos comunicativos do enunciado, como já descrito nas seções anteriores. Isso ocorre, em primeiro lugar, porque a Gramática de Construções concebe a gramática da língua como uma estrutura holística, pressupondo a atuação integrada dos diferentes níveis linguísticos. Em segundo lugar, porque a escolha de certos itens lexicais e construções pode promover alterações no significado literal das palavras, assim, afetando diretamente a maneira como a mensagem é interpretada pelo interlocutor.

Nesse processo interpretativo, não se trata apenas de compreender o conteúdo linguístico, mas também de captar nuances que revelam traços da subjetividade do falante. De acordo com Traugott e Dasher (2001), a subjetividade refere-se à maneira como os falantes manipulam a linguagem para seus próprios fins, projetando suas crenças, atitudes e avaliações nos enunciados. Já a intersubjetividade, entendida como um desdobramento desse processo, implica o reconhecimento, por parte dos interlocutores, de que aquilo que é dito reflete uma perspectiva externa à sua própria – ou seja, uma posição que leva em conta o outro, frequentemente marcada por estratégias como atenuações, cortesias ou apelos argumentativos.

Assim, a seleção de determinadas estratégias intensificadoras contribui não só para reforçar o impacto comunicativo de determinados enunciados nas diversas esferas de comunicação, mas também para construir a imagem que o falante projeta de si mesmo, influenciando a forma como ele é percebido, seja como alguém mais expressivo, envolvido emocionalmente, seja como alguém mais espirituoso ou persuasivo. Essa dimensão intersubjetiva da linguagem mostra que o uso da intensificação vai além de simples efeitos estilísticos ou emocionais: ela participa ativamente da construção da identidade discursiva do sujeito, ao mesmo tempo em que sinaliza um posicionamento relacional atento às expectativas do interlocutor.

Considerando essa perspectiva, Claridge (2011) observa que:

> Em suma, os falantes, seja na interação cotidiana ou no discurso público, usam expressões hiperbólicas, além de outras formas de linguagem criativa, lúdica e humorística, é claro, para serem apreciados por seus ouvintes – como pessoas espirituosas, falantes interessantes, bons escritores. Ser, portanto, bem recebido e bem-sucedido contribuirá também para a construção de uma autoimagem positiva do próprio falante (Claridge, 2011, p. 98)[24].

[24] No original: “In sum, speakers, whether in everyday interaction or in public discourse, use hyperbolic expressions, besides other forms of creative, playful and humorous language of course, to be appreciated by their hearers – as witty persons, as interesting speakers, as good writers. Being thus liked and being successful will also add to the speaker’s own positive self-image” (Claridge, 2011, p. 98).

A intensificação, nesse sentido, é muito mais que um recurso para ampliar o sentido das palavras. Ela também expressa um aspecto profundamente humano: o desejo de ser aceito, de obter aprovação e de ser reconhecido pelos outros. Além de reforçar o significado de um termo, a intensificação tem um papel importante na argumentação e na retórica, ajudando a destacar uma ideia, a sustentar uma posição ou até a convencer quem está ouvindo. Nas interações cotidianas, esse recurso pode ser percebido de duas formas: (i) pode suavizar e criar proximidade, como quando enfatizamos um elogio ou mostramos empatia; ou (ii) pode acirrar os ânimos, ao intensificar críticas ou ataques, revelando um lado mais ríspido da comunicação.

Dessa forma, assim como afirma Roels (2024, p. 26)[25], "ao utilizar recursos intensificadores, o falante provoca maior interesse ou mais emoção e, portanto, maior aceitação do que está sendo dito pelo interlocutor". Além disso, segundo Albelda Marco e Arguedas (2021), a intensificação deve ser compreendida como uma estratégia pragmática que influencia diretamente o conhecimento e as expectativas do interlocutor sobre algo. Em outros termos, ela permite ao falante ajustar ou moldar a percepção do ouvinte sobre determinado evento, ideia ou julgamento, com o objetivo de produzir efeitos sociais e retóricos específicos.

Nesse sentido, a teoria da *invited inference*, proposta por Traugott e Dasher (2001), é especialmente relevante, pois explica como certos usos linguísticos – entre eles, os intensificadores – convidam o interlocutor a realizar inferências pragmáticas que não estão explicitamente codificadas, mas são socialmente convencionadas e cognitivamente previsíveis. Assim, a intensificação opera não apenas no nível semântico, mas como um convite estratégico à interpretação, guiando o interlocutor a construir significados implícitos que reforçam o posicionamento ou a intenção do falante.

Claridge (2011, p. 135) explicita que, ao ouvir um enunciado, o interlocutor é naturalmente levado a considerar diversas possíveis implicaturas (ou seja, significados implícitos). Com base na Teoria da Relevância, proposta por Sperber e Wilson (1986), a seleção entre diferentes possibilidades interpretativas é orientada pelo princípio de que toda comunicação ostensiva gera a expectativa de relevância ideal. Uma comunicação ostensiva é aquela em que o falante demonstra intencionalmente ao ouvinte que está tentando comunicar algo – ou seja, não basta apenas transmitir uma informação, é preciso também sinalizar claramente a intenção de ser compreendido.

Nesse modelo de cognição humana, o falante deixa pistas, explícitas ou implícitas, que orientam o ouvinte na direção do significado pretendido. A partir disso, o ouvinte, por meio

[25] No original: "Con el uso de recursos intensificadores, el hablante provoca mayor interés o más emoción y, por ello, una mayor aceptación de lo expuesto por parte del interlocutor" (Roels, 2024, p. 26).

de um processo inferencial, formula suposições que considera relevantes para interpretar a intenção comunicativa, buscando o maior ganho cognitivo possível com o menor esforço interpretativo. Dessa maneira, a Teoria da Relevância propõe que, diante de múltiplas implicaturas potenciais, o ouvinte tende a buscar automaticamente aquela que seja mais relevante, isto é, a que (i) faça mais sentido no contexto, (ii) proporcione um ganho cognitivo significativo e (iii) exija o menor esforço de processamento.

Importa destacar que essa busca não ocorre de maneira aleatória, pois ela é orientada pelas expectativas geradas pela situação comunicativa e pelas pistas pragmáticas fornecidas pelo falante. Assim, a escolha da implicatura mais adequada não precisa ser conduzida de forma consciente ou sistemática porque o ouvinte está cognitivamente preparado para identificar, entre as possibilidades disponíveis, a interpretação mais relevante.

Para demonstrar, na prática, o Princípio da Relevância, vejamos o seguinte enunciado:

19. **“Um pé no saco”** foram as palavras com as quais o diretor Andrew Davis, conhecido por filmes como o icônico O Fugitivo, descreveu Steven Seagal.
(Fonte: https://www.adorocinema.com/noticias/filmes/noticia-1000091509/)

Ao empregar a EI *um pé no saco*, o falante sinaliza que há uma mensagem subentendida a ser interpretada. Segundo Sperber e Wilson (1986), isso caracteriza uma comunicação ostensiva, em que o emissor oferece pistas suficientes para que o receptor perceba que há algo além das palavras proferidas no discurso. Diante dessa forma de enunciação, o ouvinte é naturalmente levado a buscar, com base no contexto de uso, a interpretação mais relevante e cognitivamente econômica. No exemplo citado, em que o diretor Andrew Davis se refere a ao ator Steven Seagal, a inferência mais plausível é que Seagal foi uma pessoa difícil de lidar durante as filmagens.

A expressão, portanto, ativa implicaturas como: (i) Seagal é irritante; (ii) trabalhar com ele foi desgastante, e/ou (iii) sua conduta causou frustração e incômodo. Tais significados não são explicitamente enunciados, mas tornam-se facilmente acessíveis a quem compartilha do mesmo repertório linguístico e sociocultural. Isso cumpre a expectativa de relevância ideal, pois o ouvinte obtém alto ganho cognitivo (compreensão clara da opinião do falante) com baixo esforço interpretativo, já que a expressão é amplamente conhecida e aceita em seu uso figurado.

Por meio de recursos figurativos, o falante orienta a interpretação do ouvinte, apoiando-se em um conhecimento compartilhado e em inferências contextuais. Por consequência, a comunicação vai além do conteúdo explícito, pois envolve também a

capacidade de guiar o interlocutor em direção ao sentido pretendido. Assim como explicitado sobre a teoria da *invited inference*, esse processo inferencial está intimamente relacionado às noções de subjetividade e intersubjetividade (Traugott e Dasher, 2001). A subjetividade diz respeito à expressão das crenças, atitudes ou avaliações do próprio falante, enquanto a intersubjetividade envolve a consideração ativa do ponto de vista do interlocutor, sinalizando uma orientação voltada ao outro. Dessa forma, os recursos linguísticos utilizados na intensificação refletem não apenas a perspectiva individual do falante, mas também seu esforço em modelar a interpretação do ouvinte, fortalecendo os efeitos argumentativos e sociais da mensagem.

É nesse mesmo horizonte interacional e inferencial que se insere a proposta de Lopes (1992) ao classificar as funções da intensificação em quatro categorias principais: referencial, emotiva, persuasiva e estética. Essa classificação pode ser lida à luz das noções de subjetividade e intersubjetividade propostas por Traugott e Dasher (2001), uma vez que cada função reflete diferentes graus de envolvimento do falante e de sua orientação para com o interlocutor.

Segundo Lopes (1992), a função referencial é considerada a função básica, de natureza denotativa, voltada à intensificação de uma noção específica. Contudo, essa função central raramente se manifesta de forma isolada, sendo frequentemente acompanhada por funções de caráter conotativo, que emergem em consonância com o contexto, a situação de enunciação e a intenção comunicativa do falante. Nesse sentido, os intensificadores revelam uma natureza híbrida e polifuncional, na qual diferentes efeitos discursivos se sobrepõem e se articulam (Lopes, 1992; Albelda Marco e Arguedas, 2021). Como ressaltam Albelda Marco e Arguedas (2021), esses elementos linguísticos são altamente sensíveis aos fatores contextuais, tanto situacionais quanto sociais e, por isso, podem adquirir distintos significados pragmáticos, funcionando como estratégias comunicativas versáteis, moldadas pelas nuances da interação.

A função referencial, de base cognitiva, incide sobre o referente e atua como marcador de intensidade ou dimensão. Todavia, a neutralidade absoluta no uso da linguagem é praticamente inexistente, uma vez que as escolhas lexicais e morfossintáticas são sempre atravessadas pelas intenções do falante e pelo contexto em que se dá a interação. Albelda Marco e Arguedas (2021) apontam que a intensificação resulta de um processo inferencial em que o falante antecipa as expectativas do interlocutor e busca modificá-las, a fim de atingir determinado objetivo comunicativo. Nesse cenário, mesmo quando o intensificador parece cumprir uma função meramente referencial, ele frequentemente carrega consigo efeitos persuasivos e avaliativos.

A função emotiva, por sua vez, está centrada no emissor e tem como propósito expressar seus estados emocionais, os quais podem variar entre polaridades positivas – como afeto, empatia e ternura – e negativas – como irritação, desprezo ou agressividade. Já a função persuasiva, de natureza argumentativa, volta-se ao interlocutor com o intuito de influenciar sua atitude ou opinião. Nesse ponto, Lopes (1992, p. 31) destaca que, por estarem intimamente vinculados à argumentação, os intensificadores frequentemente exercem simultaneamente funções persuasivas e emotivas, refletindo a complexidade dos atos comunicativos e a sobreposição funcional desses elementos no discurso.

Finalmente, a função estética, de natureza poética, está centrada na mensagem, tendo como propósito a sua valorização. Nesse caso, a intensificação contribui para a criação de efeitos estilísticos, reforçando o ritmo, a sonoridade ou a expressividade da enunciação. Mais do que informar ou convencer, o uso do intensificador assume um papel ornamental, realçando a forma da linguagem e elevando seu potencial artístico e retórico. Em resumo,

> Como estratégia retórico-argumentativa, a intensificação busca a eficácia da fala e a concretização dos objetivos comunicativos dos emissores. Está a serviço da negociação interpessoal do acordo comunicativo e da persuasão e, como vimos, visa à aceitação da mensagem por parte do interlocutor. Sua função social está intimamente ligada à função retórica, pois a intensificação – assim como a atenuação – contribui para a preservação da imagem dos participantes na comunicação e para a manutenção das relações interpessoais entre os falantes (Albelda Marco e Arguedas, 2021, p.22, tradução nossa)[26].

Por essa razão, enquanto fenômeno fortemente ligado ao contexto, a intensificação não pode ser analisada de forma isolada, uma vez que a situação comunicativa exerce um papel fundamental na identificação da intenção intensificadora nos recursos linguísticos (Albelda Marco e Arguedas, 2021). Quanto ao contexto situacional, Claridge (2011, p. 12) destaca que a hipérbole é um fenômeno fortemente condicionado pelo contexto, entendido aqui em um sentido amplo, que inclui tanto fatores extralinguísticos quanto elementos da situação comunicativa. Isso inclui as características dos participantes da interação, seus estados psicológicos, suas relações sociais e o conhecimento compartilhado entre eles. Nesse mesmo sentido, Napoli e Ravetto (2017) afirmam que

[26] No original: "Como estrategia retórico-argumentativa se propone lograr la eficacia del habla y los objetivos comunicativos de los emisores. Está al servicio de la negociación interpersonal del acuerdo comunicativo y de la persuasión, y como hemos visto, busca la aceptación del mensaje por parte del interlocutor. Muy vinculada a la función retórica está su función social, pues la intensificación – al igual que la atenuación – contribuye al cuidado de las imágenes de los participantes en la comunicación y de las relaciones interpersonales entre los hablantes" (Albelda Marco e Arguedas, 2021, p.22).

> os intensificadores são altamente dependentes do contexto: eles fortalecem ou atenuam um dado elemento e, mais importante, podem assumir diferentes significados textuais e pragmáticos com base em fatores relacionados ao contexto (isso significa que a mesma forma intensificadora pode denotar diferentes tipos de sentimentos e atitudes, por exemplo, aprovação e depreciação, dependendo da forma modificada e da situação) (Napoli e Ravetto, 2017, p. 3)[27].

Dessa forma, a interpretação de intensificadores exige do interlocutor um conhecimento contextual mínimo para que se possa compreender adequadamente o sentido pretendido. No caso da construção *colírio para nossos olhos*, apresentada na seção 4.2, por exemplo, é essencial que o ouvinte tenha conhecimento prévio sobre o que é um colírio, sua função e os efeitos que produz, a fim de compreender o sentido figurado e intensificador que a expressão assume na interação. Trata-se de um medicamento tópico usado no tratamento de diversas condições oculares, como conjuntivite e infecções, ou ainda para aliviar desconfortos causados por agentes externos, como poluição, vento e produtos químicos.

Seu uso proporciona alívio e sensação de bem-estar, conhecimento essencial para que o interlocutor compreenda que a expressão é usada metaforicamente para se referir a algo ou alguém extremamente belo, cuja presença ou aparência causa uma sensação de prazer visual comparável ao efeito calmante de um colírio. No entanto, se o sentido idiomático não for reconhecido, ou se o destinatário intencionalmente optar por interpretar apenas o significado literal da expressão, a hipérbole pode não surtir o efeito desejado e falhar em sua função comunicativa, logo, a graça, a admiração e até o humor presentes no comentário deixam de funcionar como pretendido.

É interessante notar, portanto, que a intensificação é capaz de transformar uma descrição simples em uma experiência enérgica e emocionalmente carregada, variando de um enunciado que apenas informa, para um que cria uma conexão emocional. No entanto, como os falantes empregam diferentes estratégias de significação, em muitos casos, a intensificação é facilmente reconhecida por estar explicitamente marcada, porém, em outras situações, ela se apresenta de maneira mais sutil, sendo sugerida nas entrelinhas do texto e, assim, percebida de forma indireta na superfície textual. Destarte, Silva (2008, p. 160) advoga que tais estratégias são classificadas em dois tipos: significação direta e significação indireta.

---

[27] No original: “Intensifiers are highly context-dependent: they strengthen or mitigate a given element, and, more importantly, they may assume different textual and pragmatic meanings on the basis of context-related factors (this means that the same intensifying form may denote different kinds of feelings and attitudes, for example approval as well depreciation, depending on the modified form and on the situation)” (Napoli e Ravetto, 2017, p. 3).

Quando o conceito intensificado é explícito e pode ser facilmente compreendido por meio dos elementos verbais que o codificam, tem-se uma significação direta; já a significação indireta ocorre quando o objeto da intensificação está implícito e deve ser deduzido via inferência. Nesse contexto, o que é intensificado em idiomatismos como *não chega nem aos pés*, *mão na roda*, *fazer das tripas coração*, *cortar a alma*, não está diretamente codificado, fato que exige uma compreensão implícita, dedutiva, como se observa a seguir.

20. E Giza, a moradora do apartamento, sempre grita. E como! Aliás, é seu estilo de vida. Usa gíria, usa gestos desproporcionais, está sempre descabelada e sua maquilagem acentua mais ainda que ela **não chega nem aos pés** da cultura da família Rivoredo (10 G PT bocc.ubi.pt)

21. Pois bem, avaliar de verdade eu só poderei depois de pelo menos uns 5 anos de uso, mas como sempre me perguntam sobre o que estou achando do laminado, aqui vai essa review, preliminar, da minha experiência com ele até o momento. Em primeiro lugar, preciso falar sobre a praticidade do laminado, que é uma **mão na roda** quando falamos de manutenção! (7 G BR asagadoapartamento.wordpress.com)

22. O inevitável aconteceu... Meu coração partiu e estacionou em outro canto. Foi rápido, foi decidido. Foi. Sei que essas palavras vão te **cortar a alma**, mas é melhor dizer do que deixar que os outros digam. São dois anos de palavras, pensamentos e lágrimas entalados. (3 G BR revistatpm.uol.com.br)

No exemplo (20), a inferioridade é sugerida de maneira implícita a partir da frase *não chega nem aos pés da cultura da família Rivoredo*, a qual constrói uma imagem de comparação desproporcional entre dois sujeitos – Giza e a família Rivoredo – sem quantificá-la. O uso metafórico de *não chega nem aos pés* transmite a ideia de uma diferença de nível extremamente acentuada, sugerindo que Giza está em um patamar cultural muito inferior, sem que isso precise ser explicitado por adjetivos ou advérbios de intensidade. Em (21), a metáfora presente no idiomatismo *mão na roda* sugere grande utilidade, mesmo sem recorrer a um intensificador explícito. Ainda assim, a expressão transmite fortemente a ideia de praticidade e benefício, ao comparar algo que facilita muito a vida a uma peça essencial para o movimento de uma engrenagem.

Já a expressão *cortar a alma*, exemplificada em (22), representa o sofrimento por meio de uma imagem metafórica de um corte profundo, não físico, mas espiritual. A metáfora intensifica a ideia de dor, revelando um impacto emocional intenso sem que o texto diga diretamente “vai te machucar muito” ou algo semelhante. O uso da alma como objeto atingido eleva a gravidade do sentimento comunicado.

Essas construções contrastam com formas de intensificação explícita, como na repetição: *Mário correu, correu, correu até se cansar*, no uso de advérbios: *a garotinha comeu*

bastante, ou com afixos de grau como *felicíssimo*. Nos idiomatismos, a força expressiva está concentrada no valor conotativo e metafórico da linguagem, que depende de inferências e do conhecimento compartilhado entre interlocutores. Sobre isso, Silva (2008) afirma que

> o recurso à intensificação nem sempre se processa de modo explícito, codificado diretamente por meio de uma expressão lingüística nos moldes convencionais. Significa que, nesse caso, o falante/escrevente conta com a capacidade dedutiva/inferencial do interlocutor para apreender o conteúdo intensivo significado, abstraindo-o de determinadas pistas deixadas na superfície do texto (Silva, 2008, p. 163).

Sendo assim, para que a inferência seja realizada, é essencial considerar duas ferramentas fundamentais para a interpretação e a dedução de EIs – especialmente quando o falante não dispõe de familiaridade prévia com um idioma ou variedade linguística: o conhecimento individual e o contexto cultural. O repertório pessoal permite reconhecer padrões e estabelecer analogias, enquanto a cultura oferece o pano de fundo que confere sentido às expressões. Cada indivíduo acumula um conjunto particular de conhecimentos que orienta sua capacidade de interpretar EIs, abrangendo a experiência com a língua materna, o domínio de outras línguas, o nível de escolaridade e a exposição a diferentes registros linguísticos.

Ademais, a intensificação ainda atua como um recurso cognitivo, auxiliando o cérebro a categorizar informações relevantes ou urgentes. A ativação simultânea das áreas cerebrais responsáveis pela linguagem e pela emoção favorece tanto a retenção quanto a interpretação do conteúdo. Esse vínculo reforça a interdependência entre linguagem e cognição, conforme Corrêa (2006), ao conceber a língua como fenômeno cognitivo. Dessa forma, a intensificação, por meio de palavras, entonações ou gestos, destaca emoções, crenças e argumentos, captando a atenção do interlocutor e enfatizando a importância da mensagem.

A integração entre linguística, psicolinguística e neurociência cognitiva tem sido fundamental para a compreensão dos mecanismos que sustentam a expressividade humana e o processamento da intensificação linguística. O reforço de enunciados reflete processos mentais complexos, que envolvem percepção, emoção, memória e interpretação. Assim, a intensidade na linguagem vai além de um recurso gramatical ou estilístico, constituindo um fenômeno profundamente vinculado à forma como o cérebro organiza e comunica experiências.

Esse entendimento dialoga com a teoria dos processos cognitivos de domínio geral proposta por Bybee (2016 [2010]), segundo a qual as estruturas linguísticas emergem do uso e são moldadas por mecanismos cognitivos amplos, como analogia, categorização e armazenamento na memória. Nesse contexto, a intensificação linguística resulta de padrões

recorrentes que se consolidam na mente dos falantes por meio da experiência linguística, afetiva e social, reforçando conexões neurais entre forma e significado em função da frequência e da saliência emocional dos enunciados, conforme discutido no *Capítulo 3*.

Como reflexo das percepções humanas, a intensificação linguística não apenas marca graus de ênfase, mas também organiza essas percepções em termos de relevância, urgência e emoção, espelhando a experiência cognitiva. No campo da psicolinguística e da neurociência, ela é tratada como um estímulo que ativa áreas cerebrais ligadas à emoção e à memória, como a amígdala e o córtex pré-frontal. Pesquisas de McGaugh (2004) mostram que enunciados intensificados são processados mais rapidamente quando associados a experiências emocionais marcantes, pois essas experiências ativam a amígdala, que regula a consolidação da memória.

Já estudos de Foolen (1997) indicam que a intensificação está estreitamente ligada à expressão e interpretação das emoções na interação social, conferindo profundidade e dinamismo à comunicação. Por meio da evocação de imagens vívidas e metafóricas, as EIs desempenham um papel essencial na intensificação da linguagem, funcionando como um recurso que amplia e realça significados, assim como acentua estados emocionais, qualidades, situações ou ações. Como observam Nunberg *et al*. (1994, p. 493), "uma língua normalmente não recorre a expressões idiomáticas para descrever situações neutras"[28], o que reforça seu caráter expressivo e marcante na comunicação.

Tomemos os seguintes exemplos para análise:

23.



(Fonte: Disponível em: https://br.pinterest.com/pin/636555728582052339/. Acesso em: 24 abr. 2025)

24.



(Fonte: Disponível em: https://www.memecreator.org/meme/voc-tambm-pode-substituir-at-dizer-chega-por-at-o-cu-fazer-bico/. Acesso em: 24 abr. 2025)

[28] No original: "A language doesn't ordinarily use idioms to describe situations that are regarded neutrally" (Nunberg *et al*. 1994, p. 493).

A EI *até o cu fazer bico* é uma variação popular e hiperbólica de construções como *até dizer chega* ou *até não aguentar mais*, frequentes no português informal brasileiro. Sua originalidade está em atribuir uma ação improvável – *fazer bico* – a uma parte do corpo, recurso que intensifica o enunciado de modo inusitado e marcante. Essa formulação gera efeito cômico e forte impacto expressivo por romper com a norma linguística e evocar imagens vívidas.

A força intensificadora dessa expressão decorre, em grande parte, da associação com o corpo humano, que, conforme a teoria das metáforas conceptuais de Lakoff e Johnson (1980), potencializa a expressividade. Ao usar o corpo como veículo metafórico, cria-se uma imagem que ultrapassa o sentido literal e aciona sentidos e emoções do interlocutor. Além disso, o vocabulário vulgar ou tabu, como o termo *cu*, reforça o tom de informalidade e desinibição, intensificando sua carga emocional – especialmente em contextos como memes, que buscam provocar reações rápidas e fortes.

Nos exemplos visuais, (23) utiliza a expressão para criticar, com humor, a negligência do dono em relação ao cachorro, evidenciando o contraste entre itens supérfluos, como a cerveja destinada ao humano, e a ração, essencial para o animal, o que reforça a inversão de prioridades. Já (24) substitui, também de forma humorística, um intensificador consagrado (*até dizer chega*) por outro mais expressivo, revelando o dinamismo e a criatividade da linguagem popular. Ambos os exemplos ilustram, portanto, o papel central dos intensificadores idiomáticos na comunicação afetiva, exagerada e inventiva do cotidiano.

Portanto, como visto neste capítulo, a intensificação exerce um papel essencial na linguagem, não apenas como mecanismo de variação lexical ou estilística, mas como um recurso estratégico de construção de sentido, fundamental para a eficácia da comunicação. Ao possibilitar que falantes expressem nuances de emoção, atitude e intenção, a intensificação amplia o alcance expressivo da língua, conferindo-lhe riqueza, clareza e impacto. Sua ausência, por outro lado, resultaria em enunciados planos, desprovidos de força argumentativa ou envolvimento afetivo, como bem pontua Abdurakhimovna (2024):

> A intensidade permite que os falantes transmitam uma ampla gama de significados, atitudes, emoções e intenções, ao mesmo tempo em que permite que os ouvintes interpretem e entendam essas funções comunicativas. Sem a presença da intensidade, a linguagem careceria de variação e clareza, levando a uma comunicação monótona e ambígua. Consequentemente, a ausência de intensidade comprometeria muito a eficácia da comunicação (Abdurakhimovna, 2024, p. 19, tradução nossa)[29].

[29] No original: “Intensity allows speakers to convey a wide range of meanings, attitudes, emotions, and intentions, while also enabling listeners to interpret and understand these communicative functions. Without the presence of intensity, language would lack variation and clarity, leading to monotonous and ambiguous communication. Consequently, the absence of intensity would greatly compromise the effectiveness of communication” (Abdurakhimovna, 2024, p. 19).

Sendo assim, compreender os modos como a intensificação opera – seja por meio de escalas gradativas, que indicam diferentes níveis de intensidade, ou argumentativas, que orientam o interlocutor rumo a determinada conclusão – é entender também como os sujeitos negociam significados, constroem vínculos sociais e moldam suas experiências discursivas no cotidiano da linguagem. Nesse processo, a intensificação funciona como uma estratégia pragmática e cognitiva (Foolen, 1997; McGaugh, 2004; Albelda Marco e Arguedas, 2021; Roels, 2024), pois revela tanto as intenções comunicativas do falante quanto as estratégias cognitivas utilizadas para captar a atenção do interlocutor, modificar suas expectativas e influenciar sua interpretação.

A eficácia desse recurso, contudo, está profundamente ancorada no contexto de uso, uma vez que a escolha do grau e do tipo de intensificação depende da situação comunicativa, da relação entre os interlocutores e do efeito desejado. Além disso, por refletir práticas sociais e culturais em constante transformação, a intensificação acompanha a evolução da língua, atualizando-se conforme novas formas de expressão emergem e se consolidam no uso cotidiano.

O próximo capítulo, intitulado *Expressões Idiomáticas*, abordará de forma detalhada a definição de idiomatismo, explorando suas principais características, funções e o papel que desempenham na comunicação cotidiana. Além disso, serão discutidas as diferentes classificações das EIs e sua importância para a compreensão e interpretação de significados em contextos culturais e linguísticos variados.

CAPÍTULO 5

EXPRESSÕES IDIOMÁTICAS

Como desenvolvido no capítulo anterior, as experiências que vivenciamos no mundo físico e nas interações sociais são múltiplas e variadas, o que nos leva a concluir que algumas situações se tornam mais recorrentes ou cognitivamente salientes do que outras. Em decorrência disso, os falantes fazem escolhas lexicais de forma sistemática e motivada, orientadas por contextos específicos, intenções comunicativas e convenções socioculturais. Esse processo resulta em uma linguagem dinâmica, rica em nuances e capaz de refletir a criatividade e a adaptabilidade humanas. A seleção lexical, portanto, não é aleatória, mas profundamente enraizada na experiência, contribuindo para a construção compartilhada de sentido nas interações linguísticas.

Nesse contexto, a EI emerge como uma estratégia linguística motivada pelo desejo do falante de comunicar suas experiências de modo expressivo, capaz de captar a atenção do interlocutor e transmitir emoções, julgamentos ou pensamentos de forma vívida e marcante. Mais do que uma simples justaposição de palavras, os idiomatismos carregam uma carga semântica condensada e altamente conotativa, muitas vezes escapando à lógica composicional. Além disso, essas expressões cristalizadas incorporam aspectos culturais, sociais e históricos, tornando-se repositórios de saberes compartilhados e formas simbólicas de interpretação da realidade. Dessa maneira, contribuem para a perpetuação de tradições linguísticas, para a consolidação de uma memória coletiva e para a afirmação da identidade cultural dos grupos sociais que as utilizam.

Ao longo deste capítulo, será apresentada uma definição abrangente de idiomatismo, bem como suas principais características estruturais, semânticas e pragmáticas. Serão discutidos, ainda, os critérios que distinguem as EIs de outras unidades linguísticas

convencionais, assim como as múltiplas funções que essas expressões podem desempenhar na comunicação cotidiana – desde a intensificação de sentidos até a construção de efeitos estilísticos, humorísticos ou identitários.

5.1 APROXIMAÇÕES ENTRE A FRASEOLOGIA E A GRAMÁTICA DE CONSTRUÇÕES NO ESTUDO DAS EIS

Embora esta tese adote como referencial teórico principal a Gramática de Construções, considera-se relevante incorporar conceitos centrais da Fraseologia, dada a relevância dessa área para a descrição e a compreensão dos idiomatismos, sobretudo no que diz respeito à fixidez, à função discursiva e à dimensão cultural dessas expressões. A articulação entre a Fraseologia e a Gramática de Construções no estudo das EIs configura-se, assim, como um campo analítico promissor, ao reunir perspectivas oriundas de tradições teóricas distintas, que, no entanto, convergem ao reconhecer o papel central das unidades linguísticas fixas no funcionamento da linguagem. Partindo dessa convergência, é possível observar que a própria estrutura da linguagem não se baseia exclusivamente em princípios combinatórios livres, mas também em padrões cristalizados que moldam o uso linguístico do cotidiano.

Nessa esteira, Corpas Pastor (1996, p. 14-15), destaca que a formação, o funcionamento e o desenvolvimento da linguagem são determinados tanto pelas regras sintáticas quanto por estruturas pré-fabricadas amplamente utilizadas pelos falantes em suas produções e interações verbais. Ainda para a autora, nesse componente mais fixo da língua, encontram-se as combinações estáveis de palavras, que desempenham um papel fundamental tanto na comunicação cotidiana quanto nos processos de aquisição e processamento linguístico. Essas combinações são amplamente difundidas na língua e têm importância crucial na aquisição da língua materna (L1) e na aprendizagem de uma segunda língua (L2).

No processo de aquisição, é comum que crianças, ao aprenderem a L1, assim como estudantes de L2, extraiam e armazenem essas fórmulas de maneira redundante, utilizando-as como blocos prontos que facilitam a construção do discurso. Já no uso adulto, essas expressões fixas são empregadas para facilitar a fluidez e o planejamento discursivo, atender a demandas sociais ou de cortesia, além de garantir maior economia e rapidez no processamento da linguagem. A frequência dessas combinações de palavras levanta a questão sobre a real liberdade de que os falantes teoricamente dispõem na construção do discurso. Dessa forma,

Corpas Pastor (1996), fundamentada em autores como Casares (1992 [1950]) e Bolinger (1975 [1968]), argumenta que

> embora o falante forme suas frases livremente, há muito que é automático e inconsciente nesse processo. Nem todas as combinações de palavras são inteiramente livres, pois há um grande número de blocos pré-fabricados que são utilizados na construção do discurso. [...] O aspecto mais estável das línguas varia de sequências memorizadas a combinações de palavras mais ou menos fixas, incluindo estruturas de frases lexicalizadas e padrões lexicais combinatórios (Corpas Pastor, 1996, p. 15)[30].

Nesse sentido, os dados analisados por Erman e Warren (2000) reforçam essa perspectiva ao demonstrar que uma parcela significativa das produções linguísticas, entre 40% e 60% nos excertos de textos por eles examinados, consiste em combinações pré-fabricadas de palavras, muitas vezes idiossincráticas. Esses *prefabs*, que incluem EIs, expressões fixas, coligações frequentes e construções parcialmente variáveis, desafiam a concepção tradicional de que os falantes operam com liberdade plena ao formar sentenças com base exclusivamente em regras gramaticais e em combinações livres de palavras. Para Erman e Warren, a produção e a interpretação linguísticas envolvem a ativação não apenas do léxico e das regras gramaticais, mas também de um *phrasicon* – um repositório mental de unidades pré-fabricadas que coexistem com os itens lexicais individuais.

Tal visão aponta para uma continuidade entre formas fixas e formas livres, indo de unidades rígidas e indivisíveis até padrões altamente variáveis. Isso sugere que a construção do discurso se apoia tanto em processos criativos quanto na reutilização de segmentos linguísticos previamente armazenados, o que tem implicações diretas para a concepção de liberdade de escolha na linguagem. Assim, mesmo quando há aparente transparência semântica, a escolha não é inteiramente livre, já que contextos compartilhados, conhecimento de mundo e experiências passadas influenciam a seleção e a interpretação dessas combinações. Como destacam Erman e Warren, a recorrência de determinadas formas em situações-padrão tende a cristalizar estruturas linguísticas que se convencionam com o uso, limitando, portanto, a liberdade composicional e evidenciando o papel central da idiomaticidade na comunicação cotidiana.

[30] No original: “Aunque el hablante vaya formando sus frases libremente, hay mucho de automático e inconsciente en dicho proceso. No todas las combinaciones de palabras son enteramente libres, ya que existen una gran cantidad de bloques prefabricados que se usan en la construcción del discurso [...]. El aspecto más estable de las lenguas comprende desde las secuencias memorizadas, hasta las combinaciones de palabras más o menos fijas, pasando por las estructuras de frase lexicalizadas y los patrones léxicos combinatorios” (Corpas Pastor, 1996, p. 15).

A concepção de um funcionamento linguístico que combina liberdade criativa e padrões cristalizados já pode ser vislumbrada, de forma ainda incipiente, nos trabalhos de Ferdinand de Saussure (2006 [1916]):

> Há, primeiramente, um grande número de expressões que pertencem à língua; são as frases feitas, nas quais o uso proíbe qualquer modificação, mesmo quando seja possível distinguir, pela reflexão, as partes significativas [...]. Esses torneios não podem ser improvisados; são fornecidos pela tradição (Saussure, 2006 [1916], p. 144).

Nessa esteira, o linguista assume a existência das frases feitas, isto é, combinações pré-fabricadas de palavras de uso coletivo, e as compreende como pertencentes à língua, e não à fala. Ainda que destaque o papel da frequência de uso na fixação dessas expressões, sua análise permanece bastante genérica, limitada à constatação de que certas combinações se cristalizam socialmente. Saussure não desenvolveu, contudo, um modelo teórico próprio, nem propôs uma classificação detalhada ou um estudo sistemático dessas unidades, mas apresentou uma definição inicial, reconhecendo, já naquela época, a presença e a importância dessas estruturas no funcionamento da língua. Esses aspectos seriam aprofundados apenas posteriormente por estudiosos como Charles Bally (1909) e Viktor Vinogradov (1944, 1946).

Desse modo, foi com Bally, seguidor das ideias de Saussure, que, em 1909, o termo *Fraseologia* passou a ser empregado no sentido de uma disciplina autônoma. Cabe ressaltar que, enquanto ciência, a Fraseologia é considerada por alguns autores como uma subdisciplina da Lexicologia, enquanto outros defendem sua autonomia, dado que Bally propôs a criação de um domínio específico para o estudo sistemático dessas combinações linguísticas. Para o pesquisador, essas combinações fixas são formas expressivas que vão além da simples soma dos significados individuais, carregando forte valor afetivo, funcionando como blocos de comunicação, e constituindo parte essencial da linguagem emocional e estilística.

Posteriormente, na década de 1940, a obra do linguista soviético Vinogradov (1944, 1946), consolidou a área ao sistematizar conceitos fundamentais, como o de unidade fraseológica (UF), ao propor classificações baseadas no grau de fixação formal e na motivação semântica das expressões. Com a disseminação desses conceitos, a teoria fraseológica expandiu-se além da União Soviética, alcançando forte repercussão em outros contextos, especialmente em países europeus, como Alemanha, Espanha e França. Inicialmente, voltados para a descrição lexicográfica e estrutural dessas unidades, os estudos fraseológicos evoluíram para incorporar também perspectivas pragmáticas, discursivas e cognitivas, reconhecendo a

importância cultural, histórica e identitária das expressões fixas para a compreensão da língua em uso.

No Brasil, embora os estudos iniciais sobre EIs tenham se voltado com maior ênfase para o registro folclórico e para a coleta de provérbios e ditados populares, a partir da década de 1990, os estudos fraseológicos passaram a adotar uma abordagem teórica mais sólida e multidisciplinar, com destaque na aplicação da Fraseologia à análise textual e discursiva, ao ensino de línguas e à investigação da variação sociocultural no uso das EIs.

Nesse sentido, a fraseologia se desenvolveu de maneira significativa, não só no Brasil, mas também nos demais países, impulsionada pelas contribuições de estudiosos como Vinogradov (1938), Casares (1950), Mel'čuk (1960), Coseriu (1967 [1964]), Zuluaga (1980), Tristá Perez (1988), Corpas Pastor (1996), Xatara (1994; 1998), Roncolatto (1996; 2001), Ortíz Avarez (2000), entre outros, cujas obras continuam a enriquecer o debate teórico e a ampliar os horizontes desse campo de pesquisa.

Esse avanço consolidou a Fraseologia como o ramo da linguística voltado ao estudo de unidades compostas por duas ou mais palavras que, em conjunto, adquirem um significado particular – frequentemente desvinculado do sentido literal de seus elementos. Entre essas unidades, destacam-se as EIs, os provérbios, as locuções, os ditados populares, e outras frases prontas que desempenham papel essencial na comunicação cotidiana. Corpas Pastor (1996, p. 17) ressalta a variedade de denominações atribuídas a essas combinações de palavras, como *expressão pluriverbal*, *expressão fixa* e *unidade fraseológica*, indicando a complexidade e a diversidade terminológica do campo.

Diante desse cenário teórico, e considerando a proposta desta pesquisa, o Quadro 1 a seguir compara a Fraseologia e a Abordagem Construcional, com o objetivo de destacar seus pontos de convergência e distinção. A intenção é evidenciar como ambas, apesar de partirem de pressupostos distintos, reconhecem a centralidade das EIs na constituição da gramática e no uso real da linguagem. Essa comparação amplia o escopo analítico da investigação, ao permitir o diálogo entre perspectivas que, longe de se anularem, mostram-se complementares na análise das construções idiomáticas, uma vez que ambas reconhecem a importância do uso, da convencionalidade e da função comunicativa dessas expressões.

Quadro 1 – Comparação entre a Fraseologia e a Abordagem Construcional

Aspecto	Fraseologia	Abordagem Construcional
Unidade de análise	Unidade fraseológica (idiomatismo como expressão cristalizada e convencional).	Construção linguística (pareamento entre forma e significado convencional).
Composição	Muitas vezes não composicional – o significado global não é dedutível da soma das partes.	Pode ser não composicional, mas reconhece construções com diferentes graus de composicionalidade.
Armazenamento mental	Armazenadas como blocos lexicais fixos.	Armazenadas como construções específicas ou parcialmente esquemáticas.
Origem e fixação	Resultado de uso frequente e convencionalização social.	Resulta de frequência de uso, aprendizagem baseada em uso e *chunking*.
Variabilidade formal	Relativamente estáveis; geralmente baixa variabilidade.	Variabilidade permitida dependendo do grau de esquematicidade da construção.
Função comunicativa	Cumprir funções discursivas e cognitivas como ênfase, emoção, ironia, identidade cultural, intensificação, entre outras.	Cumprir funções discursivas e cognitivas como ênfase, emoção, ironia, identidade cultural, intensificação, entre outras.
Importância da cultura	Fortemente ligada a aspectos culturais e históricos.	Também reconhece a importância cultural e cognitiva das construções.
Organização do sistema linguístico	A língua inclui unidades fraseológicas como parte do léxico.	A gramática é um inventário de construções, incluindo EIs.
Teoria de base	Linguística aplicada, Lexicografia, Análise do Discurso.	Linguística Cognitiva e Funcional; Gramática Baseada no Uso.

Fonte: Elaboração própria (2025).

Tanto a Fraseologia quanto a Abordagem Construcional partem do princípio de que nem todas as expressões de uma língua podem ser previstas com base em regras gramaticais gerais ou na simples combinação dos significados individuais de suas palavras. Diante dessa limitação, linguistas que trabalham com gramáticas práticas ou com análise textual detalhada observam a necessidade de incorporar tipos específicos de conhecimento linguístico que expliquem como os falantes compreendem certas construções que escapam às previsões da gramática e do léxico isolado. Como discutido por Traugott e Trousdale (2021 [2013]), tais expressões não se configuram como meras justaposições de palavras, mas sim como construções que transcendem seus componentes lexicais, operando dentro de um sistema linguístico dinâmico e interconectado.

Nesse cenário, segundo Goldberg (1995), as EIs representam um desafio notável para a Gramática Gerativa, pois elas não se encaixam nas regras convencionais de formação de palavras nem seguem o princípio de composicionalidade, sendo frequentemente tratadas como casos idiossincráticos. Ainda que o modelo atomístico – que compreende os elementos

linguísticos como unidades discretas e independentes –, seja útil e eficaz para descrever certos aspectos da competência linguística, Fillmore *et al*. (1988, p. 504) argumentam que tal abordagem é insuficiente para dar conta da totalidade dos enunciados que um falante é capaz de produzir e compreender.

É justamente nesse ponto que a Fraseologia e a Gramática de Construções convergem: ambas as abordagens reconhecem que "as línguas são permeadas por um número enorme de expressões cujas formas e sentidos não são predizíveis nem com base nas palavras memorizadas e armazenadas no léxico, nem nas regras de sintaxe oferecidas pela gramática" (Furtado da Cunha e Cezário, 2023, p. 4). Em vez de tratarem as EIs como exceções ou anomalias do sistema, tais abordagens as consideram elementos centrais da gramática, plenamente integradas ao repertório linguístico dos falantes, com papel fundamental na organização e no funcionamento da linguagem.

Dessa forma, enquanto a proposta construcionista compreende as EIs como construções, sequências convencionais de *chunks* linguísticos, a Fraseologia define essas expressões como unidades fraseológicas, formadas pela união de duas ou mais palavras que, em conjunto, adquirem um significado específico, distinto da soma de seus constituintes. Apesar das diferenças terminológicas e de foco analítico, ambas as abordagens reconhecem a opacidade semântica e a convencionalidade como aspectos centrais das EIs.

Logo, apoiando-se em autores como Fillmore *et al*. (1988), Goldberg (1995; 2006), Croft (2001), Bybee (2016 [2010]) e Traugott e Trousdale (2021 [2013]), entende-se que as EIs devem ser tratadas como novos pareamentos de forma e significado. Isso se deve ao fato de que, no uso atual, o sentido atribuído a essas expressões, muitas vezes, se distancia significativamente do significado literal de suas partes constituintes. Essa ruptura entre a forma literal e o sentido global confirma sua natureza não composicional, aproximando-as das construções convencionais que integram a gramática mental dos falantes.

Com base nessas premissas, as duas abordagens teóricas convergem ao considerar uma expressão como idiomática quando ela possui um significado compartilhado socialmente, mas que não pode ser deduzido apenas com base no conhecimento gramatical e lexical da língua. Fillmore *et al*. (1988, p. 504) propõem três critérios para identificar tais construções, destacando que, mesmo que um falante domine plenamente as regras da gramática e o vocabulário, ele ainda pode não saber (i) como dizê-la – ou seja, não reconhecer que aquela combinação específica é usada na língua; (ii) o que ela significa – já que o sentido não é transparente, nem literal; e (iii) se seu uso é convencional e socialmente aceitável. Como sintetizam esses autores, "uma expressão ou construção idiomática é algo que um usuário de

uma língua pode não saber, embora conheça todo o resto da língua" (Fillmore *et al*., 1988, p. 504).[31]

Diante disso, torna-se evidente que as EIs devem ser aprendidas e compreendidas como unidades linguísticas próprias. O domínio do sistema formal da língua, por si só, não garante a competência idiomática; é o contato com o uso real e situado da língua que permite a internalização dessas expressões, com seus significados, nuances e funções pragmáticas. Essa abordagem multifatorial – que considera a forma, o uso, o contexto e a cultura – revela que as EIs não são elementos periféricos ou anômalos da gramática, mas sim construções convencionais centrais no repertório linguístico e cultural dos falantes. Sob esse viés, a Gramática de Construções, ao incorporar as EIs como parte de uma rede interligada de padrões linguísticos, oferece ferramentas teóricas robustas para descrever sua produtividade, seu grau de esquematicidade e sua motivação cognitivo-cultural.

Em síntese, o diálogo entre a Fraseologia e a Gramática de Construções revela-se possível e altamente frutífero para o estudo das EIs. Ao integrarem perspectivas complementares – a primeira, com seu foco na fixidez, na idiomaticidade e no valor cultural das unidades fraseológicas; a segunda, voltada para os pareamentos forma-significado e a produtividade das construções –, ambas as abordagens contribuem para uma compreensão mais abrangente e dinâmica dessas expressões. Essa articulação teórica amplia o escopo analítico da linguística contemporânea, permitindo descrever as EIs como unidades complexas, situadas no cruzamento entre o léxico, a gramática, a cognição e a cultura. Assim, a união entre essas correntes não apenas enriquece o arcabouço teórico, como também fortalece o entendimento do papel central das EIs na constituição da competência linguística e no uso real da linguagem.

Na seção seguinte, serão apresentadas as principais características das EIs, com base nos estudos de Xatara (1994; 1998a), Keizer (2016) e Nunberg *et al.* (1994), cujas contribuições oferecem definições precisas, descrições detalhadas e propostas de classificação para essas estruturas, consolidando-se como referência fundamental no campo da Fraseologia, em especial, no estudo dos idiomatismos.

[31] No original: "an idiomatic expression or construction is something a language user could fail to know while knowing everything else in the language" (Fillmore *et al*., 1988, p. 504).

5.2 DEFINIÇÃO E CARACTERIZAÇÃO DA EI

Do ponto de vista de Keizer (2016, p. 981), as EIs constituem um conjunto particularmente intrigante e desafiador, não só sob a ótica das teorias linguísticas, mas também no campo da psicolinguística e da aquisição da linguagem, por envolverem uma tensão entre a unidade semântica e a complexidade sintática. A autora define os idiomatismos como "expressões com várias palavras que, em termos de significado, parecem formar conjuntos unificados, mas que sintaticamente não se comportam, em muitos aspectos, como lexemas únicos"[32] (Keizer, 2016, p. 982, tradução nossa), ressaltando, assim, a ambiguidade estrutural dessas unidades, que oscilam entre comportamento lexical e frasal.

Nesse mesmo campo de investigação, Nunberg *et al.* (1994, p. 492-493) propõem uma abordagem mais sistemática, ao estabelecer um conjunto de propriedades semânticas, sintáticas, discursivas e retóricas para caracterizar as EIs. Segundo os autores, essas expressões tendem a apresentar:

1. Convencionalidade: seu significado pode ou não ser inteiramente previsto a partir das convenções que regem os constituintes isoladamente;
2. Inflexibilidade: tendem a ocorrer em um número limitado de esquemas sintáticos ou construções;
3. Figuração: envolvem, com frequência, algum grau de figuratividade, como metáforas ou hipérboles;
4. Proverbialidade: usadas, em geral, para descrever situações recorrentes de relevância social, recorrendo a imagens ou relações familiares e concretas;
5. Informalidade: comumente associadas ao uso coloquial da linguagem;
6. Afetividade: carregam uma carga avaliativa ou expressam uma atitude afetiva em relação ao que denotam.

Embora a convencionalidade, isto é, o fato de o significado ser compartilhado socialmente e não previsível a partir das partes, seja uma característica obrigatória das EIs, as demais propriedades tradicionalmente associadas a essas unidades – como figuração, proverbialidade, informalidade e restrições de registro – não se aplicam a todos os casos segundo Nunberg *et al*. (1994, p. 493). Para esses autores, há idiomatismos que não apresentam

[32] No original: "idioms are multi-word expressions which in terms of meaning seem to form unified wholes, but which syntactically do not, in many ways, behave as single lexemes" (Keizer, 2016, p. 982).

sentido figurado, não fazem referência a elementos concretos e não têm necessariamente um uso popular ou coloquial. No entanto, quanto mais propriedades dessas uma expressão deixa de apresentar, maior a hesitação dos falantes e estudiosos em classificá-la como idiomática, o que demonstra que a idiomaticidade opera em um contínuo, variando em grau e intensidade.

Essa variabilidade é compreensível, pois, segundo Nunberg *et al*. (1994, p. 494), tradução nossa), os "idiomatismos não são um tipo linguisticamente natural, no sentido de serem candidatos a uma categoria de gramática universal, e para fins teóricos, a categoria pode ser definida de diferentes maneiras para diversos propósitos"[33]. Keizer (2016, p. 982) reforça esse ponto ao afirmar que é difícil estabelecer uma definição precisa que diferencie com clareza as EIs das combinações fixas total ou parcialmente composicionais. Apesar dessa dificuldade, Nunberg *et al*. (1994) alertam que, mesmo com definições distintas adaptadas aos objetivos específicos de cada estudo, é fundamental preservar certa convergência conceitual com o entendimento comum da noção de EI, a fim de evitar ambiguidades ou interpretações inconsistentes.

Complementando esse panorama, Corpas Pastor (1996) propõe uma tipologia baseada em seis traços distintivos das unidades fraseológicas: frequência, institucionalização, estabilidade, idiomaticidade, variação e gradação. A frequência refere-se tanto à coocorrência no uso quanto à coocorrência dos elementos constitutivos – fatores que contribuem para sua fixação na língua. A institucionalização ocorre à medida que, pela repetição no discurso, determinadas combinações se consolidam como formas consagradas na língua, excluindo outras possibilidades igualmente aceitas pelo sistema linguístico. A estabilidade se manifesta na cristalização estrutural e semântica, restringindo modificações em seus componentes, embora certas variações sejam possíveis.

A idiomaticidade, por sua vez, representa o grau máximo de lexicalização semântica, sendo uma característica essencial nas EIs. Já a variação admite modificações nos componentes das UFs, desde que preservem o sentido global, podendo ser de natureza sintagmática (adequações sintáticas) ou paradigmática (substituição por sinônimos). Por fim, a gradação reconhece que essas propriedades de institucionalização, variação e fixação estrutural podem manifestar-se em diferentes graus, possibilitando que as UFs sejam mais ou menos fixas e mais ou menos transparentes em seu significado.

[33] No original: "Idioms are not after all a linguistically natural kind, in the sense of being candidates for a category of universal grammar, and for theoretical purposes, the category can be defined in different ways for diverse purposes." (Nunberg *et al*., 1994, p. 494).

Em uma abordagem mais culturalmente orientada, Xatara (1998a) define as EIs como “uma lexia complexa indecomponível, conotativa e cristalizada em um idioma pela tradição cultural”. Essa concepção amplia o foco estrutural ao incorporar a dimensão cultural e histórica das EIs, destacando quatro traços fundamentais:

Quadro 2 – Traços principais da EI

Característica	**Definição**
Complexidade	A EI apresenta o formato de uma unidade locucional ou frasal.
Indecomponibilidade	Seus constituintes não admitem substituição livre; operam como um bloco fixo.
Conotatividade	O significado emerge do todo, e não da soma das partes isoladas.
Cristalização	A expressão encontra-se estável e rotinizada no uso, como herança cultural.

Fonte: Elaboração própria (2025).

Com base nos critérios apresentados, Xatara (1998b, p. 170) delimita com maior precisão o escopo das EIs, excluindo algumas unidades linguísticas que, embora também pluriverbais e convencionais, não compartilham os mesmos traços essenciais das EIs. Segundo a autora, estão excluídas dessa categoria as locuções com sentido composicional (*ao lado*, *desde que*), as combinações usuais previsíveis semanticamente (*apoio incondicional*, *diametralmente oposto*) e as perífrases verbais de sentido denotativo (*correr o risco*, *dar um passeio*), cujo significado resulta diretamente da soma dos constituintes.

Também são excluídos os ditados populares (*quanto mais se tem*, *mais se quer*) e os provérbios (*em terra de cegos, quem tem um olho é rei*), cuja formulação marcada por estruturas arcaicas os vincula a uma “sabedoria ancestral” e a um discurso sentencioso. Por fim, sintagmas terminológicos (*Supremo Tribunal Federal*, *válvula redutora de pressão*) também não se enquadram, por pertencerem a domínios científicos ou técnicos e apresentarem sentido denotativo e estável, ainda que convencionais em seus contextos especializados.

Em sua proposta teórica, Xatara (1998a) sintetiza a definição das EIs com base em três características centrais: conotatividade, cristalização e indecomponibilidade. Consideradas de forma articulada, essas características possibilitam uma compreensão mais precisa da natureza dessas unidades linguísticas e de seu funcionamento nos usos efetivos da língua. A seguir, cada um desses traços será analisado em detalhe, com o objetivo de demonstrar como cada um deles contribui para a configuração idiomática e para a distinção das EIs em relação a outras unidades lexicalizadas e fórmulas fixas do repertório linguístico.

- Conotação

É relevante destacar que a conotação está intimamente ligada à propriedade da composicionalidade, pois descreve como uma EI adquire seu significado por meio da combinação de seus elementos constituintes, resultando em um sentido figurado. Como explica Riva (2009, p. 24), o significado de uma construção idiomática "dependerá dessa transferência de sentido para um âmbito semântico que não é o do objeto designado por ela". Ainda que expressões como *até o pescoço*, *de olhos fechados* ou *colírio para os olhos* possam, em certos contextos, apresentar uma leitura composicional, "haverá sempre a produção de um efeito especial, com a transferência do sentido denotativo para o conotativo" (Riva, 2009, p. 23).

Nesse sentido, para impedir a interpretação idiomática de tais sintagmas, é necessário construi-los em contextos que orientam a leitura literal, como se observa no exemplo (1) a seguir.

1 Caminhei de volta para o quarto e me deitei na cama, puxando a coberta **até o pescoço**. Fiquei olhando para o teto enquanto falava com meus botões. Tudo bem, Deus, digamos que Você esteja mesmo aí. Foi você que me colocou nesta. Você queria me testar. (11 G BR bukowski-brasil.tumblr.com)

Na ocorrência acima, a construção *até o pescoço* não pode ser interpretada como uma EI, uma vez que o enunciado faz referência ao uso da coberta para cobrir partes do corpo humano. Nesse caso, trata-se de uma leitura composicional, em que o significado é derivado da combinação literal de seus constituintes: a preposição *até* indica o limite espacial até o qual a coberta se estende, enquanto o substantivo *pescoço* especifica a parte do corpo envolvida. Essa leitura contrasta com a próxima ocorrência, em que *até o pescoço* adquire sentido idiomático, ao expressar metaforicamente que a mulher está profundamente envolvida no uso excessivo de esteroides anabolizantes, isto é, hormônios sintéticos em quantidade elevada.

2 Quem não se lembra da Florence Gift Joyner, dopada **até o pescoço**, nunca fizeram exames nela, claro era a queridinha dos americanos, morreu jovem, fez mal pra todos os seus próximos! A questão não e criticar apenas os campeões quanto ao doping, mas a legitimidade de suas conquistas (6 G BR blogdobirner.virgula.uol.com.br)

Booij (2002) observa que os idiomatismos devem ser tratados como unidades morfossintáticas complexas, que, embora sejam formadas por múltiplos constituintes, funcionam como um único lexema. Segundo Carneiro (2016, p. 27), as EIs "são interpretáveis porque são guardadas no nosso léxico mental como um bloco coeso e possuem uma

convencionalidade de agrupamento". Em outras palavras, é justamente esse bloco coeso – o *chunk* – que confere às EIs seu caráter conotativo. No exemplo (1), o *slot* [N] poderia ser substituído por outros elementos do mesmo campo semântico, como *pé*, *perna*, *barriga* ou *cabeça*, sem comprometer o sentido da construção. No entanto, no exemplo (2), tal substituição inviabiliza a leitura idiomática, uma vez que o efeito metafórico se perde.

A partir da noção de gradiência, é possível observar que o grau de conotação pode variar entre os idiomatismos. Conforme Xatara (1998a), essa variação pode ser classificada como forte ou fraca, enquanto Roncolatto (1996) propõe a distinção entre EIs transparentes ou opacas. A transparência ou opacidade de uma EI refere-se à facilidade ou dificuldade com que o significado da expressão pode ser inferido a partir de seus componentes lexicais, sendo influenciada por fatores como o contexto cultural e o conhecimento prévio do falante.

Por exemplo, *tirar a barriga de misérias* é considerada uma expressão relativamente transparente, pois a metáfora surge, de modo acessível da imagem de alguém que esteve passando necessidade e finalmente pode se alimentar bem, associando a barriga cheia ao fim da miséria. A ideia de *barriga cheia* representa, nesse caso, o fim da escassez, associando de maneira clara o ato de comer bem à superação da miséria. Em contraste, a expressão *por uma unha negra* é considerada opaca, já que seu sentido figurado – por uma diferença mínima – não é diretamente deduzível a partir do significado literal de *unha* e *negra*. A imagem evocada não estabelece, de forma imediata, uma relação óbvia com a ideia de proximidade extrema ou de vitória apertada, por exemplo, exigindo do falante conhecimento prévio da expressão para que seu significado seja compreendido.

Bybee (2016 [2010], p. 91) disserta que quando sequências inteiras são acessadas de uma única vez, como ocorre com os *chunks*, as partes componentes até podem ser identificáveis, porém, o acesso repetido como um todo contribui significativamente para o enfraquecimento de sua identificabilidade e, assim, da analisabilidade e/ou composicionalidade. Esse tipo de opacidade semântica pode ser explicado também pelos processos de transformação que as palavras e expressões sofrem ao longo do tempo. É sabido que os elementos linguísticos passam por sucessivas mudanças, muitas vezes afastando-se de seus sentidos originais. Assim,

> determinados idiomatismos mudam integralmente de sentido, por conta de fatores extralíngüísticos, sociais, culturais, e passam a ser opacos, dada a distância entre seu sentido como um todo dos significados de suas partes constituintes. Outras EIs preservam essa relação e são consideradas transparentes por trazerem entre suas partes constituintes, termos motivados, que direcionam seu significado (Riva, 2009, p. 26).

Essa dinâmica histórica e cultural, aliada à frequência de uso, ajuda a explicar por que certas EIs se mantêm cognitivamente acessíveis aos falantes, mesmo quando seu significado não é literalmente dedutível. Isso se deve, em grande parte, ao fato de que, por serem comuns em todas as línguas naturais, dada sua capacidade de tornar a comunicação mais eficiente e expressiva (Bally, 1909), as EIs são processadas e compreendidas pelos falantes com base em seu uso recorrente no cotidiano. Seu processamento e compreensão pelos falantes ocorrem, em grande parte, com base na frequência de uso e na familiaridade adquirida ao longo do tempo, o que as torna cognitivamente acessíveis, ainda que semanticamente opacas para aprendizes ou falantes não nativos.

Tal caráter recorrente e culturalmente situado faz com que os idiomatismos reflitam de modo profundo os aspectos sociais, históricos e culturais de uma comunidade linguística. Nesse sentido, os idiomatismos podem ser compreendidos como formas linguísticas que encapsulam vivências coletivas, eventos históricos e práticas culturais, funcionando como um verdadeiro repositório de conhecimento compartilhado e experiências comuns. Em termos sociais, muitas dessas expressões cristalizadas emergem de contextos interacionais específicos e refletem normas, valores e expectativas sociais enraizadas em uma determinada cultura.

Um exemplo ilustrativo é a expressão *tirar o cavalo da chuva*, utilizada no PB com o sentido de desistir de algo ou abandonar uma expectativa em relação a algo ou alguém. Essa construção remete a uma prática agrícola antiga, em que os cavalos eram retirados da chuva para evitar doenças e preservar sua saúde. A expressão, portanto, carrega uma metáfora culturalmente motivada, que pressupõe a proteção e o cuidado como atitudes sensatas, funcionando como um conselho implícito para que alguém "desista" de esperar por algo que não irá acontecer. Trata-se, portanto, de uma construção linguística enraizada em práticas sociais específicas, mas que, uma vez cristalizada, se desvincula do contexto original para operar como uma unidade semântica e pragmática estável no repertório idiomático da língua.

Culturalmente, os idiomatismos funcionam como marcas simbólicas de costumes, valores e práticas sociais compartilhadas. A expressão *bater as botas* (*morrer*), por exemplo, evidencia como determinadas culturas recorrem a eufemismos para tratar de temas delicados, como a morte, atenuando seu impacto emocional. No plano histórico, muitas EIs preservam traços de eventos ou figuras significativas do passado. É o caso de *lavar as mãos* (*isentar-se de responsabilidade*), expressão que remonta ao episódio bíblico em que Pôncio Pilatos, ao lavar as mãos, simboliza sua tentativa de neutralidade diante da condenação de Jesus Cristo. Assim, os idiomatismos ultrapassam sua dimensão puramente linguística: eles enriquecem a

comunicação cotidiana ao condensar saberes culturais, memórias históricas (acontecimentos) e valores sociais em estruturas cristalizadas e expressivas.

Diante dessa forte carga cultural, Xatara e Seco (2014, p. 504) observam que as semelhanças entre EIs de diferentes línguas podem ser explicadas pela globalização, que favorece o contato entre culturas e a troca de dados simbólicos, como visões de mundo, ideologias e escalas de valores. Com base na distinção de culturemas supranacionais e nacionais, as autoras explicam que os primeiros são símbolos compartilhados entre povos, como Brasil e Portugal, oriundos da mitologia, da bíblia, ou da literatura clássica. Já os culturemas nacionais, são específicos de uma cultura, exemplo disso temos *samba*, símbolo cultural brasileiro que dá origem a expressões como *dar samba* (ter sucesso em algo), associada à malandragem ou à sedução – aspectos centrais da identidade cultural brasileira.

- Cristalização

A cristalização é o processo pelo qual determinadas construções se estabilizam e se tornam parte integrante da língua. Ela ocorre quando uma expressão passa a ser amplamente utilizada e reconhecida pelos falantes como uma unidade semântica fixa, cujo significado não é facilmente inferido a partir dos sentidos individuais de suas palavras componentes. Nesse processo, a repetição desempenha um papel fundamental: é por meio do uso frequente em contextos comunicativos que uma construção tende a se cristalizar ou se convencionalizar.

Como explica Bybee (2016 [2010], p. 187), "assim que duas palavras são colocadas juntas e usadas em contexto, existe o potencial para a convencionalização da ordenação vocabular e a automatização, habituação e categorização". A autora exemplifica, a seguir, como a repetição de sequências lexicais molda sua estrutura e seu armazenamento no léxico mental dos falantes.

> Após a experiência de algumas repetições de uma sequência de palavras, o cérebro estabelece uma representação (ou exemplar) para aquela sequência como um atalho. As palavras na sequência ativarão outros exemplares da mesma palavra de modo vigoroso, no início. A evidência que Hay (2001) apresenta e a evidência advinda da gramaticalização sugerem que o acesso subsequente a essa sequência se dá via atalho, com graus variados de ativação das palavras componentes. Cada instância de acesso da unidade total fortalece a unidade total. Cada instância de acesso por ativação das partes componentes fortalece as relações com as palavras componentes (Bybee, 2016 [2010], p. 226).

Desse modo, fica evidente, portanto, que a repetição constante de uma expressão idiomática em diversos contextos e por diferentes falantes favorece sua familiarização e

reconhecimento geral. Com o tempo, essa repetição resulta na convencionalização da construção, que se transforma em uma unidade semântica e fixa, sendo utilizada de forma consistente pelos falantes. Esse processo culmina na estabilização e na integração da EI no léxico de uma língua, como se pode observar nos exemplos (3) e (4).

3 Se o Congresso americano não autorizar a guerra, Hollande deverá recolher às pressas os seus soldados, pensando que "a grande política internacional" é muito difícil. O presidente francês, homem pacífico por natureza, já havia contrariado a sua índole, partindo para a guerra no Mali para expulsar terroristas islamistas. Foi um grande sucesso. Mas, na sua segunda tentativa de ser comandante-chefe, **deu com os burros n'água**. (Fonte: https://avaranda.blogspot.com/2013-09-04_archive.html)

A EI *dar com os burros n'água* apresenta relativa estabilidade formal e é amplamente reconhecida pelos falantes do PB. Mesmo quando empregada em contextos criativos ou estilisticamente marcados, sua estrutura tende a ser preservada. No entanto, observa-se um enfraquecimento da transparência metafórica original: a imagem concreta de animais de carga atolando ou fracassando ao atravessar um curso d'água já não é imediatamente acessível para muitos falantes contemporâneos. Apesar disso, a expressão continua a ser usada com o sentido figurado de "fracassar em uma tentativa" ou "ter um plano frustrado", funcionando como um exemplo típico de idiomatismo parcialmente opaco e culturalmente motivado.

4 Não tem rico não tem pobre; fica tudo misturado e o que é guapo vive bem. Encontra-se respeitado. Pra ser bom de ser soldado é nunca se envaretar, ser malandro e debochado. É melhor do que embrabar "**Levar tudo na esportiva**". É o jeito de driblar, pois perde quem sai ganhando [...] (Fonte: https://www.paginadogaucho.com.br/poes/ac-vds.htm)

No exemplo (4), a EI *levar na esportiva* apresenta um grau moderado de composicionalidade, uma vez que seus constituintes individuais – *levar*, *na* e *esportiva* – contribuem parcialmente para a construção de sentido global. Ainda assim, trata-se de uma construção convencionalizada e amplamente difundida na língua, o que lhe confere caráter idiomático. Empregada para indicar que alguém enfrenta uma situação de forma tranquila, descontraída ou sem ressentimentos, a expressão assume um valor atenuativo específico. Seu sentido figurado decorre da associação com o comportamento idealizado no esporte, pautado pelo *fair play*, pela tolerância e pelo equilíbrio emocional, mesmo diante de contratempos ou surpresas.

Essas EIs, assim como muitas outras, ilustram como determinadas combinações lexicais se cristalizam dentro de esquemas construcionais mais amplos, tais como [V com N] ou [V (SN) na ADJ]. Algumas mantêm um grau maior de composicionalidade, ou seja, não são totalmente opacas semanticamente, ao passo que outras adquirem estatuto idiomático em razão do aumento da frequência de uso e da sua progressiva convencionalização morfossintática, cultural e discursiva. Isso reforça a ideia de que as EIs não devem ser consideradas elementos marginais, excepcionais ou desvios da norma gramatical, mas sim manifestações legítimas de padrões estruturais produtivos, culturalmente motivados e plenamente acessíveis no repertório cognitivo dos falantes.

Refletindo a natureza dinâmica da linguagem, os idiomatismos, assim como as demais construções, não possuem significados fixos, podendo adquirir mais de um sentido ao longo do tempo. Um exemplo disso é a expressão *cozinhar os miolos*, na qual a imagem de calor e fogo, associada ao ato literal de cozinhar, é metaforicamente transferida para indicar estados como sentir muito calor ou pensar excessivamente. Sobre o fenômeno da polissemia, Riva (2009, p. 29) menciona que "existem EIs que são polissêmicas, justamente porque possuem mais de um sentido sem que, na maioria dos casos, se saiba qual o sentido primeiro que tais expressões adquiriram em sua criação e porque ambos os sentidos são usuais".

Além disso, o autor ressalta que um idiomatismo pode igualmente, com o passar do tempo, sofrer alterações semânticas profundas, a ponto de perder sentidos anteriormente atribuídos. No caso das EIs polissêmicas, isso pode levar ao apagamento de um dos significados, suplantado por outro mais atual. Como exemplo, Riva (2009) cita a expressão *cair da cama* que outrora significava "falhar" ou "ter uma surpresa desagradável", mas que hoje é amplamente usada com um sentido mais literal ou para indicar o ato de acordar cedo.

Essas mudanças evidenciam que, por serem fruto do uso reiterado em contextos sociais e culturais específicos, as EIs refletem valores, hábitos e visões de mundo de uma determinada comunidade linguística. Sendo assim, é comum encontrar divergências de significado entre variedades de uma mesma língua. Um exemplo notável é a expressão *fazer sala*, que, no Brasil, significa o ato de "entreter visitas", enquanto em Portugal pode significar "permanecer ocioso num ambiente, geralmente esperando por alguém".

Diante do exposto, é possível afirmar que "as EIs podem mudar de significado, perder ou acrescentar significações", mas essas mudanças ocorrem de forma diacrônica, uma vez que "os significados são convencionalizados socialmente e não individualmente" (Riva, 2009, p 31). Como destaca Fulgêncio (2008, p. 130), a conotação metafórica das EIs não pode ser compreendida apenas a partir de um recorte sincrônico, isolado de seu percurso histórico.

Ao contrário, ela resulta de uma trajetória diacrônica, vinculada tanto à origem da expressão quanto aos mecanismos de processamento semântico que, ao longo do tempo, favoreceram sua cristalização como unidade linguística estável e convencionalizada.

- Indecomponibilidade

Uma EI deve apresentar uma "combinatória fechada", isto é, uma distribuição altamente restrita que admite apenas substituições muito limitadas em suas associações paradigmáticas (Xatara, 1998a). Caso haja a dissociação equívoca de seus constituintes, a integridade semântica pode ser comprometida, prejudicando o reconhecimento e a interpretação da expressão como unidade idiomática. Nesse sentido, Miladinović (2022), propõe o conceito de idiomatismos construcionais (*constructional idioms*), definidos como padrões idiomáticos que mantêm uma forma relativamente estável e exibem comportamento sintático específico.

De acordo com Hoffmann e Trousdale (2013) e Jackendoff (2002), um idiomatismo construcional corresponde a um esquema sintático ou morfológico em que, pelo menos, uma posição é lexicalmente fixa e, ao menos, uma posição é variável, podendo ser preenchida por diferentes itens lexicais dentro de certas restrições semânticas. Como observa Bybee (2016 [2010], p. 68), os "*chunks* não têm de ser contínuos – eles podem ser interrompidos por itens de classes abertas. [...] O critério para essa posição é semelhança semântica com os membros centrais". Vejamos como a propriedade da combinatória parcial se manifesta na prática por meio do esquema construcional intensificador [até (PREP) DET(s) N(s) (MOD)(s)], cujo subesquema específico é [até ART medula (MOD)(s)].

Esse subesquema contempla as seguintes microconstruções: *até a medula*, *até a medula dos ossos*, *até a medula óssea*, *até a medula da alma*, *até a medula do nada*. Nesse padrão, que carrega os sentidos de exagero, excesso ou totalidade, certos elementos são lexicalmente fixos – como a preposição *até*, o artigo definido *a* e o substantivo *medula*. Já a posição ocupada pelo modificador (*slot* aberto) permite alguma variação, desde que se respeite os limites semânticos, ou seja, as substituições precisam manter a coerência metafórica e o valor conotativo da construção. A seguir, analisam-se os exemplos de (5) a (9) para ilustrar essa variação controlada dentro do esquema.

5 Gosto muito que nós, ingleses, fiquemos juntos, a bordo, está entendendo? Pestanejei. -- É inglês? -- perguntei, talvez sem habilidade. -- Totalmente. Acha- me parecido com um americano? Sou inglês **até a medula**. Para provar- lo, Mr.=Kelada tirou de o bolso um passaporte e, ufano, agitou-o junto ao meu nariz. (2 B PT contosdeaula.blogspot.com)

6 Todos aqui estão em si mesmos, lancando seu próprio eu aos mares, com todas as velas estufadas. Cada um se fecha em si mesmo como se fosse um barril, mergulha em si mesmo como um poco, fecha- se hermeticamente com a tranca de si mesmo, entra em fermentacão com o levedo de si mesmo. ninguém tem lágrimas para as dores de os outros. Somos nós mesmos **até a medula dos ossos**. (2 B PT vimpararnanoruega.blogspot.com)

7 Novamente, fiquei curiosa pela leitura e acho que os autores que sempre surpreendem, independentemente do quanto leiamos deles, são inevitavelmente os melhores e os nossos queridinhos! Beijão! Ansiosa **até a medula óssea** para ler esse livro, que resenha incrível, só me animou ainda mais (como se isso fosse possível!). (4 B BR brincandocomlivros.com)

8 O MP é subordinador ao governador. O santin(h)o que foi chefe de esse órgão é da tchurma do Jatene. E o ex-chefe da RF todos sabem, tucano **até a medula da alma**, é o atual chefe do fisco estadual. (126 B BR pererecadavizinha.blogspot.com)

9 Com que nobreza ela trata a Literatura! Em meio a tanto experimentalismo e distorções que sangram talentos em vão, de rebuscamentos sôfregos da linguagem, de psicologismos que esvaziam o ser humano de sua essência **até a medula do nada**, -- esta autora é simples com profundidade, mergulha onde a gente é por ser o que é e traz a verdade de cada um no que somos de humanidade. (132 B BR cronopios.com.br)

A primeira ocorrência apresenta a estrutura [PREP DET N], sem a presença de modificador. Já as construções de (6) a (9) incluem um modificador: *dos ossos*, *óssea*, *da alma*, *do nada*, respectivamente. Observa-se que, em todas essas variações, o valor intensificador da expressão é mantido, independentemente do tipo de modificador empregado. Isso ocorre porque, biologicamente, a medula óssea é um tecido mole localizado no interior dos ossos longos e nas cavidades esponjosas de ossos como os da bacia. Tal característica física – a profundidade e o interior do corpo – é metaforicamente transferida para expressar a noção de exagero. Ainda assim, é possível considerar que haja uma pequena variação de intensidade entre a construção *até a medula*, sem modificador, e aquelas que o apresentam.

Em relação à categoria gramatical do modificador, nota-se que ela é prototipicamente ocupada pelo adjetivo *óssea* ou pela locução adjetiva *dos ossos*, ambas semanticamente relacionadas ao corpo humano. Também são encontradas variações com o substantivo *alma*, igualmente vinculado ao domínio corporal e simbólico da interioridade, o que reforça a ideia de profundidade física e/ou emocional. Consequentemente, a palavra *alma* por estar semanticamente ligada ao corpo humano, cumpre a mesma função intensificadora.

Por outro lado, o advérbio *nada*, embora pertença a uma categoria gramatical distinta e não tenha qualquer relação direta com o corpo humano, também exerce função intensificadora. À primeira vista, sua presença pode parecer destoante das demais opções por não compartilhar o mesmo campo semântico, porém, seu efeito expressivo se justifica pelo contraste radical que estabelece: ao se referir à *medula do nada*, cria-se uma imagem paradoxal

e hiperbólica de profundidade extrema em algo que, por definição, é vazio ou inexistente. Esse paradoxo acentua ainda mais a intensidade da expressão, funcionando como uma forma estilisticamente marcada de reforçar o exagero.

Essa operação metafórica, em que o termo *nada* adquire densidade semântica ao se associar com *medula*, revela que o valor intensificador da expressão não decorre apenas da coesão semântica entre os constituintes, mas também de efeitos pragmáticos, culturais e discursivos. Assim, tanto *alma* quanto *nada*, embora semanticamente distintos, mantêm-se plenamente funcionais dentro da construção, contribuindo para sua força expressiva e para a ideia de profundidade ou totalidade que caracteriza esse subesquema idiomático. De acordo com os dados levantados no *corpus*, não há registro de outras palavras que ocupem o *slot* [MOD] nessa construção, o que reforça seu caráter altamente cristalizado.

Nesse contexto, Riva (2009, p. 33-34) ressalta que a variabilidade observada em determinadas EIs é limitada, uma vez que, do ponto de vista pragmático e estilístico, nem todas as substituições são consideradas aceitáveis. Tais variações ocorrem apenas em certas expressões e são moduladas por fatores extralinguísticos, como contexto discursivo, tradição de uso e saliência cultural. Estudos como os de Miladinović (2022) confirmam essa tendência, observando que EIs tendem a resistir a alterações morfossintáticas e semânticas devido ao seu padrão construcional relativamente fixo e ao forte vínculo com significados culturalmente partilhados.

As EIs analisadas nesta tese evidenciam como os idiomatismos operam dentro de um espectro que abrange desde formas altamente fixas até construções relativamente flexíveis. Essa gradação reflete sua natureza multifacetada e sua inserção dinâmica no sistema linguístico. Conforme proposto por Fillmore *et al*. (1994), os idiomatismos podem ser distribuídos ao longo de um continuum que vai dos *idioms of decoding* (idiomatismos de decodificação, a exemplo de *bater as botas*, *dar um golpe*) – definidos como opacos, lexicalizados, estruturalmente rígidos e produtividade mediana – aos *idioms of encoding* (idiomatismos de codificação, a exemplo de *atender a porta*, *vermelho vivo*), que se caracterizam por maior transparência semântica, flexibilidade morfossintática e produtividade acentuada.

A abordagem construcional, nesse sentido, oferece um arcabouço teórico eficaz para descrever a gradação existente entre essas diferentes expressões. Sob essa perspectiva, os *idioms* são compreendidos como construções convencionais armazenados em diferentes níveis de esquematicidade e composicionalidade (Goldberg, 2006; Booij, 2010). Esses padrões se organizam em redes construcionais, nas quais expressões formal e semanticamente relacionadas se agrupam de acordo com princípios de herança, variação e extensão.

Essa abordagem permite, portanto, compreender os idiomatismos não apenas como unidades lexicais fixas, mas como construções com estrutura interna e relações hierárquicas, cuja produtividade e variação são moldadas tanto por padrões linguísticos quanto por fatores pragmáticos e socioculturais.

As propriedades de esquematicidade, produtividade e composicionalidade, que são centrais na Gramática de Construções (ver o *Capítulo 3*), podem ser integradas às características tradicionalmente atribuídas às EIs, como complexidade estrutural, indecomponibilidade semântica, conotatividade e cristalização. Essa integração analítica permite observar que as EIs intensificadoras de base corporal se distribuem ao longo de um contínuo gradiente, que vai de construções altamente esquemáticas e produtivas até formas cristalizadas e relativamente fixas no sistema da língua. Esse contínuo evidencia a natureza dinâmica das EIs e a sua inserção nos processos construcionais de variação e mudança.

De maneira geral, a esquematicidade refere-se ao grau de abstração de um padrão construcional. Quanto mais esquemático for um padrão, maior será sua flexibilidade e capacidade de abrigar novas instâncias. É o caso de padrões como [PREP N MOD], que permitem a inserção de múltiplas EIs, como *de boca aberta, de queixo caído*, entre outras. Essa abertura estrutural está diretamente relacionada à produtividade, entendida como a capacidade de um esquema gerar novas expressões com base em combinações recorrentes, cognitivamente motivadas e culturalmente partilhadas. A composicionalidade, por sua vez, diz respeito ao grau de transparência semântica entre forma e significado: certas expressões mantêm vínculos metafóricos relativamente acessíveis, como *coração de pedra*; outras, contudo, tornam-se opacas e menos previsíveis, como *couro e cabelo*, cujo sentido não é prontamente dedutível.

Essas propriedades construcionais dialogam com categorias tradicionalmente exploradas pela Fraseologia. A complexidade, entendida como a presença de múltiplos constituintes lexicais, dialoga diretamente com a esquematicidade, pois esquemas mais abstratos podem originar construções complexas compostas por diferentes elementos linguísticos. A indecomponibilidade, por seu turno, refere-se ao grau em que o significado global da EI não pode ser reconstruído a partir dos significados de seus componentes individuais. Trata-se de uma característica inversamente proporcional à composicionalidade: quanto menor a composicionalidade, maior a indecomponibilidade da expressão.

A conotatividade, que diz respeito à carga expressiva, avaliativa ou afetiva veiculada pelas EIs, tende a manifestar-se com maior intensidade em construções parcialmente esquemáticas e metafóricas. Nesse caso, a produtividade é frequentemente impulsionada por motivações cognitivas e culturais, que possibilitam a circulação e reinterpretação de

determinadas imagens e conceitos no discurso. Por fim, a cristalização, entendida como o grau de fixidez e convencionalidade da forma e do significado, relaciona-se inversamente à produtividade: quanto mais cristalizada for uma expressão, menor sua capacidade de gerar novas variantes ou instâncias similares.

Ainda no âmbito da caracterização das EIs, Xatara (1998a, p. 172) propõe uma tipologia para o tipo de configuração linguística das EIs particularmente relevante para estudos que buscam compreender não apenas sua constituição semântica, mas também os mecanismos cognitivos, culturais e discursivos que sustentam seus sentidos. Ao reconhecer que as EIs não formam um conjunto homogêneo, mas se distribuem conforme distintas fontes de motivação semântica, a lexicóloga apresenta um quadro classificatório que evidencia os diferentes graus de dependência de conhecimentos extralinguísticos – culturais, enciclopédicos ou perceptuais – envolvidos em sua interpretação. Essa tipologia organiza-se em quatro grupos:

1. EIs alusivas: dependem de conhecimento enciclopédico, histórico, religioso ou cultural compartilhado, necessário para compreender o referente implícito; o sentido é ativado por intertextualidade cultural, envolvendo personagens, eventos ou crenças específicos, a exemplo *ficar para titia* (alusão à virgindade de Santa Catarina);

2. EIs análogas: constroem seu significado por analogia metafórica ou metonímica, relacionando domínios da experiência humana de modo figurativo; a compreensão se dá por meio de esquemas imagéticos e metáforas conceituais, a exemplo *fazer frente* (enfrentar um desafio ou obstáculo);

3. EIs apreciativas: expressam avaliação subjetiva, frequentemente de caráter pejorativo ou depreciativo, associada a julgamentos sociais ou morais; revelam traços culturais e ideológicos na linguagem, a exemplo *farinha do mesmo saco*; *filhinho de papai*.

4. EIs comparativas: estruturam-se a partir de uma relação explícita de comparação, geralmente com valor enfático ou expressivo; têm forma adjetiva ou verbal e incluem um termo comparativo que reforça o grau ou intensidade da característica expressa, a exemplo *pegajoso como um carrapato*; *escorregar como um quiabo*.

Além disso, as EIs podem apresentar diferentes valores expressivos, aspecto que se relaciona diretamente à sua função pragmática e discursiva, isto é, ao efeito de sentido que produzem no enunciado (Xatara, 1998a; Corpas Pastor, 1996). Como já mencionado, essas expressões não se restringem a denotar um conteúdo semântico: elas incorporam marcas avaliativas, afetivas ou interacionais que revelam a postura, a emoção ou a intenção comunicativa do falante. Esse componente expressivo, articulado aos tipos de configuração

linguística discutidos anteriormente, contribui para compreender de forma mais abrangente o modo como as EIs intensificadoras funcionam e são interpretadas no uso real da língua. À luz desse aspecto, Xatara (1998) propõe uma classificação que contempla diferentes valores expressivos presentes nessas construções:

1. Assertivo: caracteriza expressões que comunicam convicção, segurança ou julgamento direto, servindo para reforçar uma afirmação ou posicionamento do falante; têm valor de certeza e frequentemente aparecem em contextos argumentativos, a exemplo *dar o recado* (demonstrar competência ou assertividade: "Ele sabe dar o recado.").

2. Atenuativo: expressões que atenuam o impacto de uma mensagem potencialmente negativa, dolorosa, tabu ou ofensiva; ocorrem em contextos de polidez linguística e de mitigação pragmática, funcionando como estratégias de suavização discursiva, a exemplo *pôr panos quentes* (amenizar uma situação tensa ou conflito).

3. Enfático: expressões que intensificam o conteúdo do enunciado, marcando emoção, exagero ou ênfase avaliativa; são construções fortemente conotativas, usadas para expressar sentimentos de raiva, admiração, surpresa, ironia ou entusiasmo, a exemplo *quebrar a cara* (fracassar ou ser punido por algo: *ainda vai quebrar a cara!*);

4. Irônico: expressões que transmitem o oposto do sentido literal ou contêm um tom de deboche, crítica ou humor, dependendo do contexto e da entonação; são típicas de usos pragmáticos complexos, nos quais o valor figurado se sobrepõe ao literal, a exemplo *dar milho aos bodes* (perder tempo ou agir de modo tolo).

Desse modo, a interação entre essas propriedades construcionais e fraseológicas possibilita uma análise mais abrangente, multifacetada e dinâmica das EIs em contextos reais de uso. Ao levar em conta aspectos como grau de abstração formal, opacidade semântica, carga expressiva e grau de fixação convencional, torna-se possível compreender não apenas a estabilidade das EIs no repertório linguístico dos falantes, mas também sua capacidade de adaptação, renovação ou obsolescência. Essa perspectiva evidencia o caráter híbrido dessas construções, situadas entre a regularidade gramatical e a criatividade discursiva, refletindo tanto padrões consolidados quanto transformações culturais e pragmáticas em curso.

5.3 METÁFORAS CONCEPTUAIS E AS EIS DE BASE CORPORAL

Após a apresentação da tipologia e das principais características das EIs, o foco direciona-se, agora, para o conjunto específico que constitui o objeto deste estudo: as EIs associadas ao domínio corporal. Ainda que Fulgêncio (2014) levante críticas quanto à validade de classificações temáticas desse tipo, é essencial delimitar claramente o *corpus* de análise. Dado o volume expressivo e a diversidade das EIs em uma língua, torna-se inviável abordá-las exaustivamente sob a perspectiva fraseológica, o que justifica a adoção de um recorte específico.

A delimitação temática, portanto, mostra-se metodologicamente legítima e funcional. Ela pode ser realizada com base em critérios formais – como no trabalho de Xatara (1994), que analisa EIs com estrutura comparativa – ou temáticos, conforme propõe Martins (2013), ao categorizar as EIs em grupos como zoomorfismos (relacionados a animais), somatismos (partes do corpo), botanismos (plantas), indumentismos (vestuário) e gastronomismos (alimentação). Neste estudo, opta-se por privilegiar os somatismos, em razão de sua recorrência, riqueza expressiva e importância simbólica no repertório idiomático.

A ênfase nas partes do corpo humano como base conceptual para a formulação de EIs evidencia uma dimensão fundamental da linguagem: seu vínculo intrínseco com a corporeidade. Lopes (1958 *apud* Batoréo, 2000, p. 248) observa, de maneira brilhante, que “a linguagem articulada é outra estupenda projecção das mãos do homem”. Em outras palavras, trata-se do ato de apontar com palavras, de nomear o mundo – fenômeno conhecido como dêixis. Nesse contexto, o gesto rudimentar de “apontar com o dedo”, adquire valor expressivo, por revelar que, desde os primórdios da comunicação, o ser humano recorreu ao próprio corpo, especialmente aos membros superiores, como instrumento de interação e representação simbólica (Batoréo, 2000, p. 249).

Desse modo, a presença do corpo na linguagem reflete uma experiência sensório-motora compartilhada, que influencia não apenas os processos cognitivos, mas também os usos linguísticos cotidianos. Os gestos corporais, nesse sentido, podem ser compreendidos como uma das primeiras conquistas culturais da humanidade, marcando a transição entre a ação física e a expressão linguística.

A linguagem, assim, emerge como projeção simbólica da experiência corporal. Conceitos como *acima*/*abaixo*, *frente*/*atrás*, *direita*/*esquerda* não são arbitrárias: eles se originam da forma como o corpo humano se insere, percebe e se movimenta no espaço físico. Ao categorizar o mundo ao seu redor, o ser humano parte daquilo que conhece de forma mais

íntima e imediata – o próprio corpo. Como afirma Clark (1973, *apud* Batoréo, 2000), a descrição de posições e deslocamentos parte de características físicas e perceptivas elementares, como a postura ereta, a organização frontal dos órgãos sensoriais e os efeitos da gravidade.

Essa ancoragem corpórea manifesta-se não apenas na aquisição das primeiras noções espaciais e linguísticas, mas permanece atuante, ainda que de forma inconsciente, na organização cotidiana do discurso. A polaridade entre *acima/abaixo*, *direita/esquerda*, *frente/atrás*, carrega além de direcionalidade física, valorizações culturais, cognitivas e afetivas. Muitas dessas associações derivam de predisposições neurobiológicas e sociais, como a lateralidade e a disposição frontal dos órgãos sensoriais, que influenciam a maneira como percebemos e estruturamos o mundo.

Dessarte, a corporeidade não atua apenas como suporte da linguagem, mas a estrutura em níveis profundos e fundamentais. Mesmo os conceitos mais abstratos frequentemente se ancoram em metáforas espaciais derivadas da experiência sensório-motora. Expressões como *subir na carreira* ou *descer de cargo* exemplificam a codificação metafórica do espaço, na qual a verticalidade está associada a juízos de valor: o alto como positivo e o baixo como negativo, como aponta Batoréo (2000), com base nas observações de Clark (1973). Batoréo (2000, p. 415) amplia essa perspectiva ao analisar o uso das preposições, mostrando que o simples conhecimento dos fatores físicos de localização não garante sua seleção e uso apropriado.

No caso do português, por exemplo, falantes do PE tendem a empregar construções como *vou a casa*, *vou para casa*, *vou até casa*, em situações em que um falante do PB diria *vou em casa* ou *vou na casa*. Essa variação evidencia que, mesmo em uma mesma língua, as preposições não refletem diretamente movimentos ou localizações físicas semelhantes, mas sim diferentes formas de conceptualização que mediam a relação entre mundo e linguagem verbal. Considerando as dificuldades enfrentadas por aprendizes de línguas estrangeiras, Batoréo (2000, p. 415) propõe a hipótese de que os problemas relacionados ao uso adequado de preposições e conjunções não decorrem apenas de metodologias de ensino, mas de um processo mais amplo de acomodação linguística e cognitiva. Tal processo encontra resistências ao confrontar-se com os parâmetros estabelecidos pelas línguas maternas e pelos contextos socioculturais em que estão inseridas.

Esse funcionamento linguístico ancorado no corpo contribui significativamente para a formação e consolidação de EIs, que cristalizam percepções e experiências coletivamente partilhadas. No caso das EIs intensificadoras envolvendo elementos corporais, observa-se que o corpo atua como referente e como operador conceptual. Ele organiza sentidos, intensifica

afetos e se configura como meio privilegiado de expressão da intensidade. Nesse sentido, nas palavras de Vilela (2003, p. 334), o corpo, em sua presença constante e multifuncional – "nosso primeiro escudo e arma, instrumento e seu envólucro, morada e companhia" – serve de base concreta para a representação do mundo e para a categorização lexicalizada que dá forma às EIs.

Exemplos como *de cair o queixo* ou *até o último fio de cabelo* revelam como a linguagem recorre a limites e extremidades do corpo humano para expressar noções de exagero, excesso ou limite. Esses exemplos mostram que a corporeidade não ocupa um lugar marginal na linguagem; ao contrário, ela é constitutiva tanto da estrutura linguística quanto da forma como experienciamos e descrevemos o mundo. A percepção e a representação do espaço, do movimento e da intensidade ocorrem, em grande medida, por meio da metáfora. As EIs, de modo geral, são fruto de processos metafóricos que contribuem para a formação e a evolução do léxico.

É por meio da metáfora que organizamos o pensamento e construímos nosso conhecimento: ela não é apenas um recurso estilístico, mas um processo cognitivo fundamental, pelo qual um conceito é estruturado com base em outro (Vilela, 2003, p. 320). Conforme destaca Roncolatto (2001, p. 1), "a metáfora surge normalmente na evolução do léxico de uma língua sobre a base de palavras já existentes para denominar novos objetos, fenômenos, etc., ou para redenominar outros com algum propósito estilístico." Trata-se, portanto, de um mecanismo linguístico-cognitivo que permite projetar elementos concretos e familiares, muitas vezes, oriundos do corpo humano, da natureza ou do cotidiano, sobre domínios mais abstratos ou subjetivos, como emoções, comportamentos ou julgamentos sociais.

No caso das EIs, constata-se um processo de dessemantização dos elementos lexicais que as compõem: cada palavra individual perde, em certa medida, sua função nominativa original e é a expressão como unidade que passa a carregar o significado, assumindo um valor não composicional (Roncolatto, 2001, p. 1). Para Vilela (2003, p. 324), mesmo quando essas expressões migram para domínios mais abstratos, permanece um resíduo de significado concreto – o sentido literal, ainda que enfraquecido, deixa marcas na interpretação.

Assim, embora algumas expressões tenham uma explicação metafórica relativamente acessível, outras exigem o apoio de "muletas culturais convencionais" para serem compreendidas, como em *apanhar alguém com a boca na botija* ou *não ter pés nem cabeça*. Nesse processo, a metáfora exerce um papel fundamental: ela amplia o campo semântico das palavras, intensifica a expressividade das EIs e contribui para a carga afetiva e argumentativa do enunciado, aumentando seu impacto comunicativo e valor estilístico no discurso.

Segundo a teoria cognitiva proposta por Lakoff e Johnson (1980), as metáforas podem ser classificadas em três tipos básicos: orientacionais, ontológicas e estruturais. As metáforas orientacionais organizam conceitos abstratos com base em orientações espaciais lineares, como *para cima/para baixo*, *dentro/fora* ou *frente/atrás*, estruturando cognitivamente a experiência humana em termos de direção. Exemplos típicos incluem as metáforas FELIZ É PARA CIMA, como em *estou me sentindo para cima*[34], e TRISTE É PARA BAIXO, como em *eu caí em depressão*. Essas associações derivam de experiências corporais recorrentes: estados emocionais positivos tendem a estar ligados a posturas erguidas, energia elevada e maior vitalidade física, enquanto estados negativos costumam ser acompanhados de abatimento corporal, ombros caídos e sensação de peso, o que explica a projeção espacial da emoção em termos de altura.

De acordo com Vilela (2003, p. 328), diferentes partes do corpo também se inserem nesse tipo de metáfora, essencialmente no contexto do chamado "modelo recipiente" – uma concepção segundo a qual o corpo humano funciona como um recipiente que contém emoções. Sob essa perspectiva, as emoções são entendidas como substâncias líquidas, sendo que o sentido emerge da projeção de imagens mentais que representam o movimento desse fluido dentro do corpo. Isso se evidencia em expressões como *este triunfo encheu de alegria os adeptos do clube*[35], nas quais o conteúdo emocional se "eleva" ou "transborda", demonstrando a interrelação entre corporeidade e construção metafórica (Vilela, 2003, p. 325).

As metáforas ontológicas, por sua vez, atribuem a conceitos abstratos propriedades de objetos, substâncias ou entidades, permitindo que esses conceitos sejam tratados como coisas concretas e manipuláveis. A metáfora INFLAÇÃO É UMA ENTIDADE, expressa em *a inflação está abaixando o nosso padrão de vida*, ou MENTE É UMA MÁQUINA, como em *a minha mente simplesmente não está funcionando hoje*, ilustram esse processo. Ao pensar na inflação como uma entidade, por exemplo, torna-se possível atribuir-lhe ações e responsabilidades no mundo, facilitando sua compreensão. Do mesmo modo, ao comparar a mente a uma máquina, são representados de forma concreta aspectos de seu funcionamento, como falhas, bloqueios ou desempenho, com base em experiências cotidianas com objetos mecânicos.

Lakoff e Johnson (1980) afirmam que, quando conseguimos identificar nossas experiências como entidades ou substâncias, passamos a ser capazes de referir-nos a elas,

[34] Enunciados usados para exemplificar as classificações das metáforas foram retirados da obra de Lakoff e Johnson (1980).
[35] Enunciado retirado da obra de Vilela (2003, p. 325).

categorizá-las, agrupá-las e quantificá-las, o que nos permite também raciocinar sobre elas essas experiências de maneira mais estruturada. Essas metáforas são tão amplamente difundidas no pensamento humano que, muitas vezes, passam despercebidas como metáforas, sendo tomadas como descrições literais e autoevidentes da realidade.

Por fim, as metáforas estruturais consistem na projeção sistemática de um domínio conceptual sobre outro, em que um conceito é compreendido metaforicamente a partir da estrutura de outro mais familiar (Lakoff e Johnson, 1980). Nesse tipo de metáfora, a função cognitiva consiste em organizar e compreender um domínio-alvo A com base na estrutura de um domínio-fonte B (Kövecses, 2005). Um exemplo clássico é a metáfora DISCUSSÃO É GUERRA, evidenciada em enunciados como *seus argumentos são indefensáveis*. Nessa construção, o domínio da guerra é projetado sobre o domínio da discussão, permitindo que se compreenda uma troca argumentativa a partir de conceitos relacionados ao combate.

A metonímia também constitui um processo fundamental na organização do conhecimento humano. Assim como ocorre com as metáforas, os conceitos metonímicos estruturam não apenas a linguagem, mas também os pensamentos, atitudes e ações dos falantes, estando igualmente ancorados na experiência concreta (Lakoff e Johnson, 1980). Na metonímia, uma entidade é utilizada para representar outra, com a qual mantém uma relação de contiguidade, ou seja, de proximidade conceptual ou experiencial. Embora sua função primordial seja referencial – ao permitir que se nomeie uma entidade por meio de outra –, a metonímia também contribui para a construção de sentido e facilita o entendimento.

Lakoff e Johnson disponibilizam alguns exemplos recorrentes na cultura ocidental: PARTE PELO TODO (*nós não contratamos cabeludos*), LUGAR PELA INSTITUIÇÃO (*a Casa Branca não está se pronunciando*), LUGAR PELO EVENTO (*não deixemos que a Tailândia se torne um outro Vietnã*), OBJETO PELO USUÁRIO (*os ônibus estão em greve*). Nas EIs intensificadoras baseadas no corpo humano, como *de cair o queixo* e *cair de boca*, observa-se o uso da metonímia do tipo PARTE PELO TODO.

Na primeira, o *queixo* representa o rosto ou a expressão facial completa da pessoa, e a imagem da mandíbula “caindo” reforça, de forma intensificada, espanto ou admiração provocados por uma situação impressionante. Já na segunda, a *boca* simboliza a pessoa como um todo que se lança com voracidade ou empenho sobre algo – seja uma comida, uma tarefa ou uma oportunidade. Esses exemplos evidenciam como a metonímia, ainda que frequentemente naturalizada no uso cotidiano, exerce papel central na organização do pensamento e na eficácia comunicativa da linguagem.

Como observado, a metáfora e a metonímia não são frutos do acaso: elas se ancoram em elementos concretos da experiência humana e da realidade compartilhada (Lakoff e Johnson, 1980; Roncolatto, 2001). Aspectos como a vida social, a História, os costumes, a religiosidade e, sobretudo, a constituição física do corpo humano são continuamente selecionados e reinterpretados de forma cognitiva, dando origem a formulações metafóricas significativas. Ampliando essa perspectiva, Vilela (2003, p. 322) afirma que o paradigma cognitivo-cultural entende que os símbolos e as categorizações por meio das quais representamos o mundo e a experiência não se originam unicamente da estrutura corporal ou mental dos indivíduos, mas resultam de convenções e adaptações a uma realidade culturalmente situada.

Para Vilela (2003), uma cultura, nesse sentido, constitui uma rede de sistemas de significados, concepções e esquemas interpretativos que são gerados, aprendidos, ativados, construídos e mobilizados em práticas sociais e normas institucionais – inclusive as linguísticas. Tais esquemas funcionam como jogos culturais que, de forma tácita ou explícita, se instalam em nós, moldando disposições habituais, além de atribuições de valor ou desvalor às experiências e aos discursos. No modelo da metáfora conceptual proposta por Lakoff e Johnson (1980), o corpo humano figura como uma matriz privilegiada de construção de sentido, fornecendo um conjunto de elementos concretos que permitem representar, de maneira conotativa, estados emocionais, atitudes, capacidades e julgamentos morais. Expressões como *perder a cabeça*, *dar o braço a torcer* ou *ter estômago forte* ilustram como elementos corporais são mobilizadas para simbolizar domínios abstratos, como o autocontrole, a resistência, a rendição ou a força interior.

A criação e a cristalização dessas expressões apoiam-se, portanto, em dois pilares fundamentais: a motivação cognitiva e a convenção sociocultural. Elas emergem da recorrência de experiências corporais significativas e se estabilizam por meio do uso reiterado nas práticas discursivas, passando a integrar o repertório fraseológico compartilhado de uma comunidade linguística. Nesse contexto, certas partes do corpo adquirem um *status* simbólico particular, funcionando como referências privilegiadas para a construção de sentidos figurados e intensificadores.[36]

As EIs que envolvem partes do corpo, como *cair de boca*, *com água na boca*, *falar mais do que a boca*, *dar no pé*, *não chega aos pés* e *pegar no pé*, ilustram de maneira clara a articulação entre metáforas conceituais e esquemas imagéticos, conforme proposto por Lakoff

[36] Cada parte do corpo humano presente nas EIs analisadas será examinada em detalhe no *Capítulo 7 – Análise e descrição dos dados*.

e Johnson (1980). A *boca*, entendida metaforicamente como um CONTAINER e como veículo de expressão, associa-se a domínios como o desejo, a comunicação e o exagero. Já o *pé*, que aparece em EIs relacionadas à ação (*dar no pé*), comparação (*não chega aos pés*), incômodo (*pé no saco*) e cobrança (*pegar no pé*), ativa frequentemente esquemas como CAMINHO e SUPORTE, relacionados ao deslocamento, à hierarquia e ao incômodo.

A *cabeça*, por sua vez, figura como uma das partes do corpo mais simbolicamente carregadas, por estar associada a dimensões como racionalidade, emoção, identidade e tomada de decisões. As EIs que a envolvem oscilam entre polos como razão e impulsividade, clareza e confusão, estabilidade e desorientação. Nesse sentido, construções como *bater cabeça*, *cabeça quente* e *entrar de cabeça* revelam as múltiplas facetas simbólicas desse elemento corporal como campo metafórico de experiências humanas complexas.

Essas expressões demonstram que a intensificação idiomática não ocorre de forma aleatória, mas motivada por experiências corporificadas, partilhadas culturalmente, que moldam formas específicas de perceber, categorizar e descrever o mundo. Os esquemas imagéticos, nesse contexto, fornecem a base perceptivo-motora sobre a qual se estruturam metáforas conceituais mais abstratas, permitindo que emoções, atitudes e julgamentos sejam expressos de modo intensificado por meio de recursos enraizados na experiência física e sensorial dos falantes.

A realidade é ampla e multifacetada, no entanto, é recortada de modo específico por cada comunidade linguística, de acordo com suas necessidades comunicativas, valores culturais e contextos históricos. Desse modo, aquilo que se mostra metaforicamente produtivo em uma língua ou cultura pode não ter a mesma relevância em outra. Esse processo seletivo ocorre em consonância com áreas temáticas recorrentes que servem de base para a criação metafórica, como o corpo humano, a natureza, os animais, a geografia, os objetos do cotidiano, as práticas religiosas, as emoções, entre outras.

Até aqui, foram discutidos os principais fundamentos teóricos da pesquisa e delineada a caracterização das EIs. No capítulo seguinte, serão apresentados o universo de investigação e os objetivos específicos do estudo, em articulação com os procedimentos metodológicos que embasam a análise, a ser detalhada no *Capítulo 7*.

CAPÍTULO 6

UNIVERSO DE INVESTIGAÇÃO E PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Este capítulo apresenta o universo de investigação e os procedimentos metodológicos adotados na condução da pesquisa, detalhando as estratégias de coleta e análise dos dados, o delineamento do estudo e os instrumentos utilizados. A definição desses métodos foi orientada pelos objetivos propostos, com o intuito de assegurar a obtenção de dados consistentes e representativos, capazes de responder adequadamente às questões de pesquisa.

6.1 ESCOLHA DAS VARIEDADES BRASILEIRA E EUROPEIA

Como já mencionado na introdução e nos capítulos anteriores, o interesse que motiva esta tese surgiu, inicialmente, da inquietação em investigar se falantes do português do Brasil e de Portugal utilizam as mesmas EIs baseadas em experiências corpóreas para expressar intensidade. A questão central consiste em verificar se, apesar de compartilharem o mesmo idioma, as culturas moldam o português de formas distintas – influenciadas por fatores fonéticos, morfológicos, semânticos, sintáticos e pragmáticos –, afetando, assim, a formação, a configuração, a frequência e a consolidação dessas construções. Em outras palavras, um dos objetivos da tese é responder ao seguinte questionamento: será que, por partilharem a 'mesma' língua materna, os falantes dessas duas comunidades linguísticas utilizam o mesmo repertório de EIs intensificadoras de base corporal, ou tais diferenças linguísticas e culturais se refletem na preferência por determinadas construções?

Apesar de o português ser falado em outros países, conforme discutido no *Capítulo 2*, a escolha por concentrar esta pesquisa no Brasil e em Portugal justifica-se, sobretudo, por

razões metodológicas. Em primeiro lugar, trata-se, respectivamente, do país com o maior número de falantes da língua portuguesa e do território onde o idioma teve sua origem histórica. Em segundo lugar, a coleta de dados nos demais países lusófonos mostrou-se limitada, especialmente devido à escassez de textos disponíveis e à ausência de *corpora* representativos dessas regiões. O *Corpus do Português*, utilizado neste trabalho, por exemplo, contempla apenas textos oriundos do Brasil, de Portugal, de Angola e de Moçambique, sendo que os dois últimos estão representados em proporção significativamente inferior em relação aos dois primeiros.

Outro aspecto que merece destaque é o limite de tempo. Realizar uma pesquisa comparativa, de caráter quantitativo e qualitativo, envolvendo os nove países lusófonos é uma tarefa extremamente complexa e exigente, ainda que não seja inviável. Tal amplitude demandaria tempo consideravelmente maior para garantir a profundidade analítica e a consistência dos dados, sobretudo diante da diversidade dos contextos culturais e linguísticos envolvidos. Diante disso, o recorte adotado nesta tese visa não apenas tornar o projeto exequível, mas também preservar o rigor metodológico e a qualidade da análise, evitando comprometer a robustez dos resultados em função de uma cobertura excessivamente ampla.

Por fim, mas não menos relevante, é importante destacar que o estudo das EIs ultrapassa a análise puramente linguística, uma vez que as escolhas metafóricas podem variar significativamente conforme o contexto sociocultural de cada país, refletindo a influência das culturas locais em sua constituição e consolidação. Diante dessas considerações, optou-se por delimitar a investigação ao Brasil e a Portugal, o que se mostra metodologicamente pertinente e teoricamente produtivo. Essa delimitação possibilita uma análise mais aprofundada do funcionamento das EIs de base corporal com valor intensificativo, permitindo também identificar, de modo mais preciso, as semelhanças e diferenças culturais e linguísticas entre o PB e o PE, inclusive no que se refere a padrões regionais de uso e a possíveis especificidades semânticas e pragmáticas.

Além disso, essa delimitação é estratégica para assegurar que o estudo tenha um foco preciso e detalhado, permitindo maior controle metodológico e qualidade nos dados coletados e analisados. No entanto, vale ressaltar que este estudo não se encerra aqui, sendo possível, no futuro, estender esta pesquisa para incluir outras variantes do português, como as faladas em Angola, Moçambique, Cabo Verde e outros países lusófonos. Essa expansão permitirá uma visão ainda mais abrangente e comparativa, contribuindo para uma compreensão global dos idiomatismos na língua portuguesa e de como cada cultura os adapta e emprega de forma única.

6.2 O PONTAPÉ INICIAL

Como referencial teórico, utilizamos a Abordagem Construcional da linguagem, representada em especial por Traugott e Trousdale [2021 (2013)], e de forma semelhante por Bybee [2016 (2010)], dentre outros, que, guardadas as devidas proporções, concebem a língua como um sistema adaptativo, sujeito à variação e à gradiência, bem como adotam a construção como a unidade de análise (para a representação morfológica e sintática). Quanto à literatura referente às EIs, fundamentamo-nos nos autores Nunberg *et al*. (1994), Xatara (1998) e Keizer (2016) que discutem as características estruturais e composicionais dos idiomatismos.

Por partirmos da premissa de que o processamento linguístico dos falantes está diretamente relacionado a diversos fatores, incluindo os socioculturais, esta pesquisa adota uma perspectiva sincrônica, considerando o número elevado de EIs analisadas, o que inviabilizaria, neste momento, uma abordagem diacrônica mais ampla. Ainda que o estudo diacrônico seja uma possibilidade metodológica válida, principalmente para investigações com um conjunto reduzido de tipos idiomáticos, optou-se por concentrar a análise no uso atual das construções. Isso não impede, contudo, que os dados sincrônicos forneçam pistas relevantes sobre trajetórias de gramaticalização e mudança linguística.

Com base nas evidências semânticas, pragmáticas, morfossintáticas, cognitivas e culturais observadas no *corpus*, é possível identificar indícios de processos de fixação, analogização, expansão construcional e reinterpretação de sentido, os quais, conforme sugerem autores como Bybee (2016 [2010]), podem sinalizar mudanças em curso. Assim, embora o foco da investigação esteja na descrição sincrônica, reconhece-se que o funcionamento atual das EIs carrega marcas de processos históricos de uso que contribuíram para sua consolidação como unidades linguísticas convencionais.

Dito isso, a etapa seguinte consistiu na identificação de EIs formadas por elementos corporais com função intensificadora. Para tanto, recorreu-se inicialmente à consulta de dicionários e teses de caráter lexicográfico sobre EIs, a saber: *Dicionário aberto de calão e expressões idiomáticas*, *Dicionário onomasiológico de expressões idiomáticas usuais na língua portuguesa do Brasil,* e *Estudo comparativo de expressões idiomáticas do português do Brasil e de Portugal e do francês da França e do Canadá*[37]. A escolha dessas obras se justifica porque a primeira reúne cerca de 4.000 entradas no PB e no PE; a segunda dedica-se exclusivamente

[37] Para a referência completa das obras, verificar na seção de Referências.

ao PB, com 1.562 EIs; e a terceira cataloga 1.549 itens e oferece uma análise contrastiva entre PB e PE, sendo especialmente relevante para os objetivos deste estudo.

Primeiramente, foi realizada uma leitura sistemática dos dicionários escolhidos, respeitando sua organização semasiológica original, com o objetivo de identificar e destacar todas as EIs intensificadoras formadas por elementos corporais compiladas nas obras. Em seguida, procedeu-se à análise da tese selecionada, com especial atenção às seções dedicadas aos repertórios lexicográficos, a fim de localizar expressões que não estavam contempladas nos dicionários mencionados. Por fim, a pesquisa foi ampliada por meio de uma busca direcionada em sites dedicados a EIs[38] brasileiras e portuguesas – como o *Observatório da Língua Portuguesa*, *Estrelas e Ouriços*, *Norma Culta*, *Erasmusu* – com o intuito de identificar construções adicionais ausentes nas fontes inicialmente consultadas.

Ao término da pesquisa, foram identificados 87 idiomatismos. Entretanto, quatro deles – *até o cu fazer bico*, *sair pelos olhos*, *cair a alma/o coração aos pés, estômago nas costas* – foram excluídos por apresentarem apenas uma ou duas ocorrências no *Corpus do Português*, considerando PB e PE. Esse critério de exclusão não implica que tais expressões não existam na comunicação cotidiana, mas apenas que sua baixa atestação não as tornava adequadas para os objetivos analíticos deste estudo. Assim, a pesquisa final compreende 83 EIs[39] organizadas em ordem alfabética no Quadro 1.

Sendo assim, as EIs catalogadas foram posteriormente verificadas no *Corpus do Português*, subamostra *Web/Dialects*, somente após seu levantamento prévio nos dicionários e *sites*. Consultamos também o Prof. Dr. Pedro Sena Lino, nascido e crescido em Portugal, professor assistente na Universidade de Gante e professor de línguas na Universidade Católica de Louvain-la-Neuve, ambas na Bélgica, para confirmação do uso das construções no PE.

Embora o levantamento realizado tenha sido amplo, não foi possível abarcar todas as EIs em circulação, uma vez que o repertório idiomático de uma comunidade linguística é dinâmico e constantemente atualizado. As expressões surgem, se transformam ou desaparecem conforme os contextos sociais e culturais, e ainda variam regionalmente e entre diferentes grupos de falantes, o que torna inviável uma catalogação integral durante o limitado tempo de duração para se realizar o doutorado. Diante desse cenário, o presente estudo oferece uma

[38] Para a referência completa dos sites, verificar na seção de Referências.

[39] As EIs foram organizadas por estrutura formal. Nesse formato, variantes lexicais da mesma construção são registradas juntas, separadas por barra, como, por exemplo, *a barriga/o estômago a dar horas*. Essa escolha se justifica porque: (i) trata-se do mesmo esquema construcional; e (ii) a variação lexical não altera o sentido global da expressão (a ideia de "ter fome" permanece). A classificação é feita apenas sob a letra inicial do primeiro elemento.

amostragem representativa – ainda que não exaustiva – das EIs intensificadoras baseadas em partes do corpo humano no português do Brasil e de Portugal, delineando um panorama consistente, mas necessariamente parcial, desse vasto conjunto expressivo.

Quadro 1 – Listagem das EIs

Fonte: Elaboração própria (2025).

	Expressões Idiomáticas
A	A barriga/o estômago roncando A barriga/o estômago a dar horas A olhos vistos Até a medula Até a raiz Até os dentes Até o pescoço Até os ossos A plenos pulmões
B	Bunda de tanajura
C	Cabeça de melão Cabeça de vento Cabeça dura Cabeça oca Cair de boca Cara de tacho Cintura de pilão/vespa Colírio para os olhos Com água na boca Com a língua de fora Com/de olhos fechados Comer com os olhos Com o pé/a perna nas/às costas Com os nervos à flor da pele Com unhas e dentes Coração de gelo Coração de manteiga Coração de pedra Coração mole Coração partido Conhecer como a palma da mão Couro e cabelo
D	Dar no pé Dar nos nervos Debaixo do nariz De alma e coração De boca aberta De cabeça quente De cabelo em pé De corpo e alma De cortar/partir/ a alma De cortar/partir/quebrar o coração De mão cheia De queixo caído De saco cheio
E	Enquanto o diabo esfrega um olho Entrar/mergulhar/ir de cabeça Estômago de avestruz
F	Falar mais do que a boca Falar pelos cotovelos Fazer das tripas coração Fogo no cu/rabo
H	Haja braço/coração/estômago/perna
L	Língua solta
M	Mão de mestre Mão na roda Mentir com os dentes todos Mentir com quantos dentes tem Mentir com todos os dentes Mentir na cara dura
N	Não chega nem aos pés Nariz de elefante/tucano Nascer com o cu/rabo virado para lua/sol Num abrir e fechar/piscar de olhos Num estalar de dedos Num piscar de olhos
O	Olhar para o (próprio) umbigo Olho clínico Os olhos da cara
P	Pé ante pé Pegar no pé Pele e osso Pé na tábua Pé no saco Por/a uma unha negra
S	Sangue na veia Sangue no olho Sangue quente Suar sangue
T	Ter mais olhos que barriga Tirar a barriga de misérias
U	Uma pilha de nervos Unha e carne

Posteriormente, as EIs foram organizadas em 28 padrões construcionais (Quadro 2).

Quadro 2 – Classificação das EIs conforme padrão construcional

Padrão construcional	Expressões idiomáticas
[até (PREP) DET(s) N(s) (MOD)(s)][40]	até o pescoço; até os ossos; até os dentes; até a raiz dos cabelos; até a medula dos ossos
[PREP (N) N e N]	com unhas e dentes; de corpo e alma; de alma e coração
[PREP N MOD]	a olhos vistos; de cabeça quente; com/de olhos fechados; de mão cheia; de saco cheio; de boca aberta; de queixo caído; de cabelo em pé
[PREP MOD N]	a plenos pulmões
[PREP DET N MOD]	com os nervos à flor da pele; por/a uma unha negra; com a língua de fora
[PREP (DET) N LOC]	com o pé nas/às costas; com uma perna às costas; com água na boca
[(PREP) V DET N]	de cortar a alma; de cortar o coração; de partir o coração; de quebrar o coração
[(PREP) V DET N]	num abrir e fechar de olhos; num abrir e piscar de olhos; num piscar de olhos; num estalar de dedos
[V PREP N]	cair de boca; dar nos nervos; dar no pé; falar pelos cotovelos; ir/entrar/mergulhar de cabeça; pegar no pé
[V ADV DET N MOD]	conhecer como a palma da mão
[V N]	haja perna; haja coração; suar sangue
[V DET N MOD]	tirar a barriga de misérias;
[V PREP N N]	fazer das tripas coração
[V mais (do) que DET N]	falar mais do que a boca
[(V) mais N (do) que N]	ter mais olhos que barriga
[V PREP DET N (V) (MOD)]	mentir com os dentes todos, mentir com todos os dentes, mentir com quantos dentes tem, mentir na cara dura
[V PREP DET N MOD LOC]	nascer com o cu virado para a lua/sol; nascer com o rabo virado para a lua/sol
[V PREP DET (próprio) N]	olhar para o próprio umbigo
[N PREP N]	coração de gelo; coração de pedra; coração de manteiga; cintura de pilão; cintura de vespa; cabeça de melão; cabeça de vento; mão de mestre; estômago de avestruz; nariz de tucano; bunda de tanajura; pé ante pé; cara de tacho
[N MOD]	coração mole; cabeça dura; coração partido; língua solta; cabeça oca; olho clínico; sangue quente
[N PREP DET N]	colírio para os olhos
[N PREP LOC]	mão na roda; pé na tábua; pé no saco; sangue na veia; sangue no olho; fogo no cu/rabo
[N e N]	pele e osso; couro e cabelo; unha e carne
[ADV PREP N]	debaixo do nariz
[ADV V nem PREP N]	não chega nem aos pés
[CONJ DET N V DET N]	enquanto o diabo esfrega um olho
[DET N PREP N]	uma pilha de nervos; os olhos da cara
[DET N (MOD) (V)]	a barriga/o estômago roncando; a barriga/o estômago a dar horas

Fonte: Elaboração própria (2025).

[40] Neste trabalho, os esquemas e subesquemas construcionais são representados em letras maiúsculas com o objetivo de evidenciar seu caráter abstrato e categorial, conforme a convenção adotada na Gramática de Construções (Goldberg, 1995; Croft, 2001; Traugott e Trousdale, 2013). As maiúsculas indicam que os elementos entre colchetes correspondem a funções ou classes gramaticais (por exemplo, PREP, DET, N, MOD), e não a itens lexicais específicos. Quando necessário, exemplos lexicalizados ou atestados em *corpus* são apresentados em letras minúsculas, para distinguir a ocorrência concreta da representação esquemática.

Serão analisadas todas as EIs catalogadas durante a pesquisa; contudo, nem todas serão discutidas detalhadamente no corpo do texto. As construções mais frequentes em uma ou outra variedade, ou que apresentem características de uso particularmente relevantes serão examinadas no *Capítulo 7*, enquanto as demais ficarão disponíveis para consulta no *Apêndice I*. Essa organização permite evitar a excessiva extensão do texto, sem comprometer a compreensão do funcionamento geral dos subesquemas.

Ressalta-se que a análise do conjunto completo das EIs contribuirá para uma compreensão mais ampla e precisa do funcionamento dessas construções no PB e no PE, uma vez que determinados esquemas podem apresentar maior produtividade em uma variedade em detrimento da outra. Com isso, propõe-se uma avaliação mais adequada das preferências construcionais e da produtividade idiomática em cada variante da língua. Na seção *Apêndice II*, encontra-se o *corpus* utilizado nesta tese, composto por todas as EIs analisadas, acompanhadas de seus significados, frequências de uso, metáforas, padrões construcionais, bem como dos graus de composicionalidade.

6.3 OBJETIVOS E PARÂMETROS DE ANÁLISE

O objetivo geral desta tese é investigar, com base nos pressupostos teóricos da abordagem construcional (Traugott e Trousdale, [2021 (2013]; Bybee, 2016 [2010]), e nos princípios teóricos definidores da EI propostos por Xatara (1998a), Keizer (2016) e Nunberg *et al*. (1994), identificar e catalogar EIs intensificadoras que utilizam elementos do corpo humano no português do Brasil e de Portugal, estabelecendo um conjunto representativo de exemplos para análise comparativa. Nesse sentido, os objetivos específicos são:

1. Analisar o funcionamento construcional dessas expressões em cada variedade, investigando como os componentes idiomáticos (elementos corporais) contribuem para a intensidade semântica e quais padrões de construção se repetem ou divergem entre as variedades.

Com esse objetivo, entenderemos como os elementos corporais contribuem para o efeito de intensificação nas EIs. Ao identificar os padrões de construção e a contribuição semântica dos componentes idiomáticos em cada variedade, este objetivo permitirá explorar as

nuances culturais e linguísticas que impactam o uso dessas expressões, além de verificar a variação e a estabilidade das construções.

2. Comparar a frequência de uso e o contexto situacional dessas expressões nas duas variedades, para observar quais expressões e padrões construcionais são mais comuns ou exclusivos em cada uma, considerando fatores regionais e culturais.

Examinar a frequência e o contexto de uso ajuda a identificar as diferenças pragmáticas e de preferência idiomática entre o PB e o PE. Esse objetivo contribui ao revelar padrões específicos de cada variedade, mostrando como fatores regionais, sociais e culturais influenciam a popularização e o contexto de uso das expressões.

3. Investigar o papel da analogização e das relações de herança na criação e expansão de novas EIs intensificadoras no PB e PE, considerando o papel dos protótipos e exemplares que servem de base para essas novas formas e observando como essas construções, instanciadas por esquemas abstratos comuns, se adaptam e se diversificam em diferentes contextos regionais e situacionais.

Esse objetivo é fundamental para compreender os mecanismos cognitivo-linguísticos subjacentes à criação e à expansão de EIs intensificadoras nas variedades do português. Ao investigar os processos de analogização e as relações de herança entre construções, busca-se elucidar como novas EIs emergem na língua a partir de esquemas abstratos compartilhados (já existentes na língua), baseando-se em exemplares já cristalizados no uso. Tal abordagem permite observar como EIs se diversificam e se adaptam em diferentes contextos regionais e situacionais, revelando, por um lado, a criatividade linguística dos falantes e, por outro, a sistematicidade que organiza o repertório idiomático das línguas naturais. Além disso, a análise da rede de herança e da extensão construcional entre PB e PE contribui para uma compreensão mais aprofundada das relações entre inovação, variação e tradição linguística, permitindo traçar os caminhos de desenvolvimento e especialização dessas expressões em cada variedade.

4. Mapear as estruturas e o sentido semântico-pragmático das EIs em ambas as variedades do português, com o objetivo de identificar padrões de similaridade e divergência construcional, considerando a influência de fatores socioculturais e linguísticos nas escolhas de expressão intensificadora em cada sociedade.

Ao mapear os padrões de similaridade e divergência nas EIs intensificadoras entre o PB e o PE, este objetivo visa aprofundar a compreensão das relações entre linguagem, cultura e cognição nas duas variedades. A partir da identificação das estruturas formais e dos sentidos semântico-pragmáticos mobilizados nessas expressões, torna-se possível examinar como contextos socioculturais distintos influenciam as escolhas linguísticas de intensificação. Tal análise contribui para evidenciar tanto os traços compartilhados – indicativos de uma herança linguística comum – quanto as especificidades culturais e discursivas que caracterizam cada comunidade linguística. Desse modo, o objetivo oferece uma perspectiva contrastiva valiosa para a descrição da variação construcional e para a compreensão das formas pelas quais a língua reflete e constrói valores, afetos e identidades em diferentes sociedades lusófonas.

5. Investigar o grau de esquematicidade nas EIs intensificadoras, analisando o nível de fixidez e a flexibilidade sintática e lexical em ambas as variedades do português, para determinar em que medida essas expressões permitem variações e como essas variações afetam a função intensificadora.

Esse objetivo permite examinar o grau de esquematicidade e variabilidade das EIs, o que é importante para compreender como essas construções equilibram fixidez e flexibilidade no uso diário. A análise da esquematicidade contribui para o entendimento de como e até que ponto as EIs podem variar sem perder o sentido intensificador, aprofundando o conhecimento sobre as normas idiomáticas.

6. Analisar a composicionalidade observando como essas expressões transitaram de estruturas literais para construções de sentido metafórico e intensificador, identificando os elementos linguísticos responsáveis por esse processo.

Esse objetivo contribui para identificar o processo de mudança semântica e gramatical das EIs, explorando a transição das estruturas literais para as metafóricas. Ele é fundamental para teorias de mudança semântica e pragmática, pois examina os mecanismos linguísticos que permitem a emergência de significados intensificadores.

Para cumprir com tais objetivos, utilizaremos como universo de investigação o *Corpus do Português*[41], subamostra *Web/Dialects*, organizado por Davis e Ferreira (2015-2016). Essa base reúne mais de um bilhão de palavras em português, coletadas entre 2013 e 2014, provenientes do Brasil, Portugal, Angola e Moçambique. Os dados abrangem uma ampla gama de gêneros e registros textuais, falados e escritos, o que permite uma análise rica e abrangente do uso linguístico nas variedades do português.

A plataforma disponibiliza ferramentas avançadas de consulta, permitindo buscas por palavras, expressões fixas e padrões gramaticais, com filtros aplicáveis à variedade linguística (brasileira ou europeia), ao período histórico (século XXI), ao gênero textual (oral, jornalístico, acadêmico, ficcional), à categoria morfológica, à posição sintática, entre outros. Também possibilita identificar coligações léxicas, frequências relativas por milhão de palavras e contextos de uso ampliados ou restritos à esquerda e à direita dos elementos pesquisados, por meio do recurso KWIC – *Keyword in Context*.

A subamostra *Web/Dialects*, especificamente, é composta por textos informais extraídos de blogues, fóruns, outras mídias digitais, além de registros orais. Essa característica torna-a especialmente valiosa para a identificação de usos contemporâneos, espontâneos e regionalmente marcados das EIs. Por contemplar dados de quatro países lusófonos, essa subamostra favorece análises comparativas, permitindo observar como fatores socioculturais e dialetais impactam a frequência, a forma e o significado de determinadas expressões, especialmente no caso das EIs intensificadoras, que muitas vezes escapam aos registros mais formais e normatizados da língua. Dessa forma, o foco desta pesquisa recairá sobre as variedades brasileira e europeia do português, utilizando os dados disponíveis referentes aos anos de 2013 e 2014, o que viabiliza uma abordagem sincrônica das construções analisadas.

Com base nas informações fornecidas pela própria plataforma do corpus, a Tabela 1 apresenta os dados quantitativos relevantes sobre gêneros, palavras, páginas e sites em cada uma das duas variedades selecionadas da subamostra *Web/Dialects*.

Tabela 1 – Informações da subamostra *Web/Dialects*

País	**Geral**			**Blogues**			**Total**		
	Palavras	Páginas	Sites	Palavras	Páginas	Sites	Palavras	Páginas	Sites
Brasil	319.435.592	286.712	25.351	336.244.918	321.305	35.248	655.680.510	608.017	60.599
Portugal	136.144.529	184.512	12.082	190.503.822	221.338	9.005	326.648.351	405.850	21.087

Fonte: Corpus do Português.

[41] Disponível em http://www.corpusdoportugues.org .

A Tabela apresentada fornece dados relevantes para uma análise comparativa de EIs no *Corpus do Português*, considerando as variedades brasileira e europeia. Primeiramente, observa-se que o número total de palavras disponíveis no *corpus* é significativamente maior para o Brasil (655.680.510) do que para Portugal (326.648.351). Essa diferença também se reflete nos dados específicos de blogues, em que o Brasil apresenta 336.244.918 palavras, enquanto Portugal possui 190.503.822 palavras. Essa disparidade sugere que o volume de dados disponíveis pode impactar diretamente a diversidade e a frequência das EIs identificadas em cada variedade.

Além disso, o número de sites também é maior para a variedade brasileira (60.599) em comparação com a portuguesa (21.087). Esse dado indica uma maior diversidade de fontes no caso brasileiro, o que pode influenciar a variedade de EIs registradas, especialmente em textos de diferentes gêneros ou registros textuais. Nos blogues, por exemplo, a predominância de palavras e sites no Brasil (35.248 *sites*) em relação a Portugal (9.005 *sites*) sugere que há maior riqueza de dados informais para análise na variedade brasileira, uma vez que blogues são comumente associados a registros mais coloquiais e espontâneos.

Diante dessas informações, adotaremos como aporte metodológico o uso da frequência absoluta e da frequência relativa na análise dos idiomatismos. A frequência absoluta permite observar o número bruto de ocorrências de cada expressão no *corpus*, oferecendo uma visão direta da predominância de certos usos em cada variedade, enquanto a frequência relativa, calculada com base no número de ocorrências em relação ao tamanho total do *corpus*, é essencial para neutralizar as diferenças no volume de palavras entre as duas variedades.

Essa combinação de métodos justifica-se porque a frequência absoluta destaca a quantidade real de usos de uma expressão, enquanto a frequência relativa possibilita comparações mais equilibradas, independentemente do tamanho do *corpus*, garantindo que as diferenças observadas sejam mais representativas e menos influenciadas pela disparidade de dados disponíveis entre Brasil e Portugal. Por fim, essa abordagem metodológica permite explorar, de forma abrangente, como as EIs se distribuem e se comportam em diferentes contextos linguísticos e culturais, oferecendo *insights* mais robustos sobre as peculiaridades e tendências no uso idiomático do português em diferentes regiões.

Para a análise dos dados das EIs nesta pesquisa, consideramos os seguintes parâmetros, fundamentados nos estudos de Traugott e Trousdale [2021 (2013)] e Keizer (2016). As propriedades listadas por Keizer (2016) são particularmente úteis para compreender o estatuto formal e o significado das EIs; por isso, foram adotadas como parâmetros de análise para auxiliar na compreensão do funcionamento dessas expressões no português. Em conjunto, tais parâmetros

possibilitam uma investigação aprofundada e comparativa das EIs, abrangendo desde sua estrutura formal até aspectos como opacidade, flexibilidade e adaptabilidade. Essa abordagem oferece uma descrição detalhada das variantes do português, evidenciando como cada sociedade lida com essas construções em diferentes contextos e usos.

1. Grau de esquematicidade da EI: semiaberta (parcialmente esquemática) ou fechada (substantiva).

Esse parâmetro permite avaliar o grau de abstração estrutural das EIs intensificadoras, distinguindo aquelas mais prototípicas e produtivas daquelas de caráter mais fossilizado. A identificação da esquematicidade possibilita investigar em que medida essas expressões mantêm potencial de generalização e adaptação no uso cotidiano, fornecendo subsídios para entender sua vitalidade, recorrência e suscetibilidade à inovação em cada uma das variantes do português analisadas (Goldberg, 1995; Traugott e Trousdale, 2021 [2013]; Keizer, 2016).

2. Grau de composicionalidade e de transparência semântica da EI: pode apresentar baixa composicionalidade e baixa transparência semântica, quando seu significado global não pode ser recuperado a partir das partes que a compõem, resultando em alta opacidade; pode ser parcialmente composicional e de transparência semântica parcial, quando há certo grau de previsibilidade entre as subpartes e o sentido idiomático, embora ainda exista opacidade; ou pode ainda exibir alta composicionalidade e alta transparência semântica, quando o significado idiomático é facilmente deduzido pela soma dos significados dos seus constituintes e a interpretação se mostra amplamente acessível.

A análise conjunta desses parâmetros possibilita verificar em que medida o sentido da EI pode ser inferido com base em seus elementos constitutivos ou se emerge apenas da interpretação global da construção. Tal investigação é fundamental para compreender os diferentes níveis de opacidade semântica nas EIs intensificadoras e seus efeitos sobre a interpretação, a produtividade e a circulação dessas formas nos diferentes contextos de uso.

3. Possibilidade de a EI ser flexionada em outro tempo e modo verbais, ou ser flexionada no singular ou no plural de forma indiferente: a construção pode ser flexionada em outro tempo/modo verbais ou em número; a construção não pode ser flexionada em outro tempo/modo verbais ou em número.

Esse parâmetro auxilia a compreender a versatilidade das EIs, avaliando se elas podem ser modificadas em relação a tempo, modo verbal e número. A análise dessa flexibilidade permitirá avaliar o quanto essas expressões se ajustam aos contextos de fala, oferecendo uma visão sobre sua adaptabilidade sintática e pragmática.

4. Possibilidade de a EI receber algum tipo de elemento modificador: a construção pode receber algum elemento que funcione como modificador; a construção não permite nenhum elemento modificador.

Esse parâmetro identifica se as expressões permitem ou não modificações, como a inclusão de adjetivos ou advérbios, o que reflete o nível de fixidez e abertura das EIs. Explicitar essa característica ajuda a compreender a estabilidade e o uso dessas expressões, especialmente em contextos expressivos ou de ênfase.

5. Possibilidade de algum elemento ser substituído na EI: a construção permite que algum elemento seja substituído; a construção não permite nenhum tipo de substituição por parte de algum elemento.

A análise da substituição de elementos dentro das EIs permite observar a adaptabilidade lexical dessas expressões. Isso é útil para entender as variações possíveis, revelando padrões de variação e inovação na escolha de elementos que compõem o idiomatismo em cada variedade.

6. Tipo conceptual de metáfora da EI: qual o tipo de metáfora que estrutura o funcionamento cognitivo da construção; como ocorre o mapeamento metafórico entre esses domínios e quais aspectos da experiência física são projetados para construir o sentido intensificador da expressão**.**

A análise das metáforas conceptuais (Lakoff e Johnson, 1980; Kövecses, 2005; Sweetser, 1990) permite compreender como os falantes projetam experiências físicas e

perceptuais sobre conceitos abstratos. Nas EIs intensificadoras, essas metáforas revelam os mecanismos cognitivos de mapeamento que conectam o corpo à emoção, à intensidade e à avaliação. Além disso, permitem observar diferenças culturais e pragmáticas entre o PB e o PE, refletindo modos distintos de conceptualizar a emoção, a força ou o excesso no discurso.

7. Tipo de configuração das EIs: a EI pode ser alusiva, análoga, apreciativa ou comparativa.

Este parâmetro possibilita identificar os mecanismos cognitivos, culturais e discursivos que sustentam o significado das EIs. Conforme Xatara (1998), as EIs não constituem um grupo homogêneo, mas se organizam de acordo com o tipo de motivação semântica e o grau de dependência de conhecimentos extralinguísticos. Essa tipologia, ao ser articulada a abordagens construcionais e cognitivas (Corpas Pastor, 1996; Nunberg *et al*., 1994; Keizer, 2016; Lakoff e Johnson, 1980; Kövecses, 2005), permite observar como as expressões refletem modos distintos de conceptualização da experiência, revelando a presença de metáforas culturais, esquemas imagéticos e valores socioculturais em sua composição.

8. Valor expressivo da EI: o valor expressivo da EI pode ser assertivo, atenuativo, enfático ou irônico.

Analisar o valor expressivo das EIs nas variedades PB e PE permite observar diferenças culturais e pragmáticas no modo como cada comunidade usa a linguagem para expressar envolvimento emocional, humor, polidez ou crítica – aspectos que reforçam o caráter sociocognitivo e construcional dessas unidades.

A adoção desses parâmetros de análise permite delinear um retrato abrangente do funcionamento das EIs intensificadoras no PB e no PE, articulando aspectos formais, semânticos, cognitivos e discursivos. A observação da substituição de elementos, da modificabilidade e da flexão revela o grau de produtividade e de variação interna das construções; já os critérios de composicionalidade, transparência e esquematicidade possibilitam avaliar o modo como o sentido idiomático é estruturado e acessado pelos falantes.

A identificação dos tipos conceptuais de metáfora evidencia os princípios cognitivos que sustentam sua interpretação. Ao levar em conta o tipo de configuração e o valor expressivo das EIs, torna-se possível identificar tanto os mecanismos cognitivo-culturais que motivam seus significados quanto os efeitos pragmáticos que produzem no discurso. Esses

parâmetros permitem compreender como diferentes comunidades organizam, interpretam e intensificam a experiência por meio da linguagem. Em conjunto, fornecem uma perspectiva integrada para descrever tendências de uso, contrastes entre variedades e padrões de funcionamento das EIs intensificadoras constituídas por partes do corpo humano.

Este capítulo apresentou os procedimentos metodológicos que orientaram a constituição do *corpus*, os critérios de seleção e classificação das EIs intensificadoras de base corporal, bem como os parâmetros adotados para sua análise. No capítulo seguinte, procede-se à descrição e à análise dos dados, com foco no funcionamento semântico-pragmático e construcional das expressões investigadas, à luz do quadro teórico adotado.

CAPÍTULO 7

DESCRIÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS

Neste capítulo, apresentamos a análise dos esquemas construcionais que instanciam as EIs intensificadoras de base corporal nas variedades do PB e do PE, conforme delineado anteriormente no *Capítulo 6*. Com o objetivo de tornar a exposição mais clara e sistemática, o capítulo está organizado em seções que correspondem à classificação dos esquemas construcionais identificados: *7.1 Subesquemas de intensificação iniciados por PREPOSIÇÃO*; *7.2 Subesquemas de intensificação iniciados por VERBO*; *7.3 Subesquemas de intensificação iniciados por NOME*; *7.4 Subesquemas de intensificação iniciados por CONJUNÇÃO*; *7.5 Subesquemas de intensificação iniciados por ADVÉRBIO*; e, por fim, *7.6 Subesquemas de intensificação iniciados por DETERMINANTE*. Essa divisão tem por finalidade facilitar a identificação, o mapeamento dos tipos de EIs e a comparação entre os diferentes padrões idiomáticos observados nas duas variedades do português, permitindo evidenciar semelhanças, diferenças e tendências de uso que emergem do conjunto de dados analisado.

7.1 SUBESQUEMAS INTENSIFIDORES INICIADOS POR PREPOSIÇÃO[42]

7.1.1 Subesquema [até (PREP) DET(s) $N_{parte\ do\ corpo}$(s) (MOD(s))]

O subesquema construcional [até (PREP) DET(s) $N_{parte\ do\ corpo}$(s) (MOD(s)] instancia cinco diferentes microconstruções, sendo elas: [até o osso], [até o pescoço], [até os dentes], [até a raiz do cabelo] e [até a medula], configurando-se, portanto, como um subesquema produtivo. Esse padrão construcional apresenta-se como parcialmente esquemático, uma vez que combina posições fixas e abertas, sendo a primeira posição fixa, ocupada exclusivamente pela preposição *até*, e as demais posições, como (PREP), DET e $N_{parte\ do\ corpo,}$ definidas como abertas. De acordo com os achados do corpus, o *slot* [$N_{parte\ do\ corpo}$] pode ser preenchido por nomes como *osso*, *pescoço*, *dente*, *raiz* e *medula*. Por fim, o *slot* [MOD] é facultativo, aparecendo em expressões como *até a raiz dos cabelos* e *até a medula dos ossos*, em que se verifica a presença de estruturas prepositivas de natureza modificadora, como: *dos cabelos* e *dos ossos*, que modificam o núcleo nominal.

As microconstruções instanciadas por esse subesquema são analisadas abaixo.

- <u>Até o osso</u>

A EI *até o osso* evoca a ideia de algo que penetra profundamente, alcançando o núcleo ou a essência de um indivíduo ou de uma situação. Ao utilizá-la, o falante busca ressaltar a intensidade de uma emoção ou estado, indicando que seu efeito é tão poderoso que atinge o ponto mais íntimo e resistente do ser, ou seja, os ossos. Por sua natureza estrutural, os ossos simbolizam a base interna do corpo humano, razão pela qual "atingir os ossos" implica um impacto total, que ultrapassa o superficial e afeta profundamente o sujeito envolvido, com vemos em:

[42] Entre os subesquemas de intensificação iniciados por PREPOSIÇÃO, as seguintes EIs não serão analisadas individualmente neste capítulo, sendo examinadas no Apêndice I e apresentadas neste capítulo apenas nos quadros e figuras finais: [até (PREP) DET(s) $N_{parte\ do\ corpo}$(s) (MOD(s))] (*até a medula*); [PREP $N_{parte\ do\ corpo}$ MOD] (*de olhos fechados* e *a olhos vistos*); e [PREP DET $N_{parte\ do\ corpo}$ MOD] (*com a língua de fora* e *com os nervos à flor da pele*).

1 Falta é limite para a maioria da juventude canalha e delinquente! Esses vermes estão protegidos **até o osso**, por isso fazem o que querem. Sim, Brasil com leis que protegem bandidos e agressores!! (7 B BR cleubercarlos.blogspot.com (1))

2 Quando regressou a casa (encharcado **até aos ossos**) e antes de se arrastar até a sua poltrona (velha e mole) descobriu que a provisão de creme de três chocolates tinha acabado! (51 G PT lerparacrer.wordpress.com)

No exemplo (1), a expressão *protegidos até o osso* é empregada de forma enfática para indicar o grau extremo de proteção conferido a determinados indivíduos, neste caso, jovens classificados como canalhas e delinquentes. A construção sugere que a proteção ultrapassa todas as camadas externas e atinge a parte mais profunda e essencial do corpo, representando um estado máximo de blindagem ou impunidade, avaliado negativamente no contexto e utilizado como crítica ao sistema legal. No exemplo (2), a expressão *encharcado até aos ossos* é utilizada para intensificar o grau de encharcamento do sujeito. Literalmente, a construção sugere que a água penetrou tão profundamente que chegou "aos ossos", o que, metaforicamente, equivale a dizer que ele está completamente molhado, sem nenhuma parte do corpo seca. Essa hipérbole reforça a intensidade da situação e contribui para a expressividade do enunciado.

Em ambos os casos, a construção ativa um esquema imagético de profundidade corporal, fundamentado na metáfora conceitual INTENSIDADE É PROFUNDIDADE, que exprime ideia de intensidade e excesso, contribuindo, dessa forma, para a construção discursiva de urgência e gravidade (Lakoff e Johnson, 1980; Lakoff, 1987; Gibbs, 2006). Nota-se que o escopo de cada EI varia conforme a configuração da construção, abrangendo adjetivos e verbos; contudo, os particípios *molhado* e *encharcado* se destacam com 22 e 25 ocorrências, respectivamente. Essa variação demonstra que a metáfora conceitual subjacente permanece estável, independentemente do tipo de predicado, possibilitando que a expressão enfatize o grau máximo de intensidade ou de envolvimento em diferentes contextos discursivos.

A Tabela 1 apresenta as frequências absoluta e relativa da microconstrução [até o osso] e sua variabilidade morfossintática nas duas variedades do português. Observa-se que, no PB, a forma mais recorrente é *até os ossos*, com 78 ocorrências, enquanto no PE predomina *até aos ossos*, com 87 ocorrências. Em termos de frequência relativa, o uso da EI é proporcionalmente mais alto no PE (0,455 por milhão de palavras[43]) do que no PB (0,201) indicando uma maior produtividade da construção na variedade europeia. Nas duas variedades, verifica-se um predomínio das formas no plural, o que reforça a ideia de intensidade e totalidade expressa por

[43] Nas demais ocorrências ao longo do texto, a indicação "por milhão de palavras" será omitida.

essas EIs, evidenciando que a pluralização contribui para a percepção de alcance máximo ou profundidade da ação ou estado descrito.

Tabela 1 – Frequências de uso da EI *até o osso* por variedade do português

Construção	*F. absoluta (PB)*	*F. relativa (PB)*	*F. absoluta (PE)*	*F. relativa (PE)*
Até o osso	40	0,061	3	0,009
Até os ossos	**78**	0,118	8	0,024
Até ao osso	3	0,004	51	0,156
Até aos ossos	12	0,018	**87**	0,266
Total	**133**	**0,201**	**149**	**0,455**

Fonte: Elaboração própria (2025).

Essa distribuição mostra que o processo de consolidação dessa microconstrução ocorreu de forma diferente nas duas variedades do português, uma vez que o PB deu preferência pela sequência nominal não regida por preposição [até o osso/os ossos], ao passo que o PE optou pela forma regida por preposição [até aos ossos]. Em termos de mudança construcional, verifica-se que a microconstrução ainda apresenta traços de pluralidade, o que costuma desaparecer e se cristalizar com o passar do tempo à medida que a construção se consolida.

Em termos de composicionalidade, a microconstrução [até o osso] exibe uma relativa transparência: o significado literal dos constituintes, como a preposição *até* e o nome *osso*, contribui para a interpretação global de intensidade, no entanto, a construção como um todo adquire um valor intensificador que não pode ser completamente deduzido a partir da soma dos significados individuais, caracterizando uma composicionalidade e opacidade parciais.

- Até o pescoço

A EI *até o pescoço*, exemplificada em (3), ilustra de maneira clara a atuação de mecanismos cognitivos que estruturam o significado com base em experiências corporificadas do falante. Nesse caso, a construção idiomática evoca um esquema imagético de verticalidade e imersão, conforme descrito por Lakoff e Johnson (1980) e Johnson (1987), no qual a altura de um fluido/água (metafórico) indica o grau de envolvimento ou comprometimento do indivíduo em uma situação. O pescoço, sendo a última parte do corpo antes da cabeça, funciona como uma fronteira metafórica entre a exposição e o completo afogamento.

3 Eu, fanática da decoração, acabei de construir uma casa, que adoro, e que gostaria de redecorar mas os preços são absolutamente proibitivos ainda mais para quem acabou de se endividar **até ao pescoço** com a construção da casa. Beijinhos, Cati. (36 B PT blancointeriores.blogspot.com)

Do ponto de vista da metáfora conceitual, a expressão em questão ativa o modelo cognitivo INTENSIDADE É EXTENSÃO/PREENCHIMENTO, conforme proposto por Lakoff e Johnson (1980), que projeta experiências físicas concretas para domínios mais abstratos. Assim como uma pessoa submersa em água até o pescoço se encontra em situação de perigo iminente, o falante sugere estar em um estado crítico de endividamento, próximo do limite suportável. No exemplo analisado, a construção *se endividar até ao pescoço* expressa, de forma intensificadora, o grau extremo de comprometimento financeiro, evocando uma imagem que transmite com eficácia a sobrecarga emocional e material da situação vivenciada.

A ativação dessa metáfora permite compreender não apenas o conteúdo proposicional do enunciado, mas também a experiência subjacente de pressão e desespero associada ao evento descrito. Entre as 386 ocorrências registradas nas duas variedades do português, os escopos mais frequentes relacionam-se aos domínios político e financeiro: 106 referem-se à política, sobretudo a temas ligados à corrupção, e 53 tratam do endividamento, como é o caso do exemplo (3). Segundo Kövecses (2005), metáforas como essa não apenas estruturam o pensamento do indivíduo, mas também refletem valores culturais compartilhados, como a ideia de controle *versus* perda de controle, muito presente em contextos financeiros.

A esquematicidade da expressão é parcial, uma vez que o subesquema admite pouca variação em sua estrutura, podendo ocorrer com o artigo definido *o* (*até o pescoço*) ou com a preposição *a* incorporada ao artigo (*até ao pescoço*), forma mais recorrente no PE. Além dessa variação mínima, a construção não permite substituição de elementos nem inserção de novos componentes em seu interior, o que evidencia seu alto grau de fixidez formal. O nome *pescoço* mantém-se invariavelmente no singular, não havendo registros de pluralização.

A Tabela 2 mostra os dados referentes à frequência de uso da expressão em questão no PB e no PE. Na variedade brasileira, observa-se uma preferência marcante pela microconstrução *até o pescoço*, com 247 ocorrências, além de nove registros da forma *até ao pescoço*, totalizando 256 ocorrências (0,389). Em contrapartida, no PE, o total é de 130 ocorrências, com predominância da forma *até ao pescoço* (119 registros) e apenas 11 para a construção *até o pescoço*, com um total de 130 ocorrências (0,397). De modo geral, a frequência relativa aponta um uso proporcional semelhante em ambas as variantes.

Tabela 2 – Frequências de uso da EI *até o pescoço* por variedade do português

Construção	*F. absoluta (PB)*	*F. relativa (PB)*	*F. absoluta (PE)*	*F. relativa (PE)*
Até o pescoço	**247**	0,376	11	0,033
Até ao pescoço	9	0,013	**119**	0,364
Total	**256**	**0,389**	**130**	**0,397**

Fonte: Elaboração própria (2025).

Em termos de composicionalidade, pode-se dizer que ambas as construções são parcialmente composicionais, já que o significado dos constituintes que compõem a EI ainda contribuem em alguma medida para a composição do significado global da expressão, embora ainda possamos perceber certa motivação metafórica associada à ideia de "imersão" ou "envolvimento total" em determinada situação. O caráter convencionalizado e culturalmente estabilizado da expressão, como sugerem Gibbs (2006) e Bybee (2016 [2010]), garante sua eficácia comunicativa tanto no PB quanto no PE, permitindo que o significado seja prontamente acessado pelos interlocutores, mesmo com algumas variações morfossintáticas.

- Até os dentes

A EI *até os dentes* carrega uma forte conotação de preparo extremo, que é interpretada metaforicamente como intensidade. Trata-se de um valor que está associado a contextos de defesa, envolvimento intenso, combate ou prontidão para enfrentar desafios. Essa construção ativa o esquema imagético de CONTENÇÃO CORPORAL, especialmente no limite superior do corpo, que, dada a sua função fisiológica dos dentes (destinados à mastigação e ao ataque), evocam, em termos mais abstratos, a ideia de prontidão física e agressividade.

No plano cognitivo, a expressão pode ser interpretada como uma realização da metáfora INTENSIDADE É EXTENSÃO/PREENCHIMENTO (Lakoff e Johnson, 1980; Lakoff, 1987), que estabelece um mapeamento entre o domínio do combate para o domínio da preparação psicológica, social ou material (Kövecses, 2005; Evans e Green, 2006). Assim, "estar armado até os dentes" não designa literalmente a posse de armas até a boca, mas expressa, de forma figurada, um grau extremo de disposição para agir, reagir ou se defender. Das 301 ocorrências totais registradas, 271 têm como escopo o vocábulo *armar-se*; as demais, em sua maioria, relacionam-se ao campo semântico da proteção, envolvendo verbos como *defender*, *equipar-se*, *proteger*, entre outros, o que comprova a manutenção do sentido metafórico central ligado à ideia de prontidão e defesa, independentemente do verbo que integra a construção.

Em (4), a expressão é usada em um contexto que remete à fábula do "menino e o lobo", em que os homens da aldeia, enganados por um alarme falso, saem à caça preparados:

4 Um jovem muito traquinas gostava de deixar a sua aldeia em estado de alerta anunciando um lobo que acabava de sair da floresta. Os homens da aldeia saíam de casa armados **até aos dentes**, só para mais tarde descobrir que o rapazola lhes mentira, e ficava rindo do que considerava ser uma divertida brincadeira, que repetiu um bom par de vezes. (15 B PT bairrodooriente.blogspot.com)

Nesse exemplo, o uso da EI reforça o exagero do preparo diante de uma ameaça imaginária, funcionando como um marcador de intensidade e de envolvimento máximo. Essa intensidade é veiculada tanto pelo sentido figurado da expressão quanto por seu enraizamento em experiências corporais concretas: os dentes, como parte frontal do corpo associada à mordida e à defesa, ativam um esquema imagético de prontidão física. Nessa perspectiva, a construção exemplifica um caso de corporificação (*embodiment*), conforme discutido por Lakoff e Johnson (1980) e Evans e Green (2006), em que conceitos abstratos como prontidão ou exagero são entendidos e expressos a partir de experiências sensório-motoras do indivíduo.

Além disso, a expressão em questão reflete traços culturais associados ao imaginário coletivo sobre proteção e defesa diante de situações de perigo. Trata-se de uma construção relativamente cristalizada, com baixa variabilidade estrutural e grau reduzido de composicionalidade, uma vez que seu significado global não pode ser depreendido da soma literal dos significados de seus constituintes. A opacidade semântica resultante confere-lhe um valor idiomático estável, em que a intensidade emerge da interação entre a estrutura fixa, o mapeamento metafórico e os valores socioculturais compartilhados que sustentam sua interpretação.

A Tabela 3 detalha o quantitativo de ocorrências de cada uma das variantes identificadas no *corpus* em relação ao subesquema construcional de intensificação:

Tabela 3 – Frequências de uso da EI *até os dentes* por variedade do português

Construção	*F. absoluta (PB)*	*F. relativa (PB)*	*F. absoluta (PE)*	*F. relativa (PE)*
Até o dente	2	0,003	0	0
Até os dentes	**192**	0,292	8	0,024
Até aos dentes	14	0,021	**85**	0,260
Total	**208**	**0,316**	**93**	**0,284**

Fonte: Elaboração própria (2025).

Nota-se, no PB, uma clara preferência pela forma *até os dentes*, com 192 ocorrências (0,292), seguida de *até aos dentes* (14; 0,021) e *até o dente* (2; 0,003), totalizando 208 ocorrências e uma frequência relativa de 0,316. Já no PE, a forma predominante é *até aos dentes*, com 85 ocorrências (0,260), refletindo a estrutura sintática típica da variedade, enquanto *até os dentes* aparece com apenas oito registros (0,024) e *até o dente* não ocorre. O total no PE soma 93 ocorrências, com frequência relativa de 0,284.

Os resultados indicam que, embora o PB apresente uma frequência absoluta maior da EI, o PE revela uma preferência construcional distinta, alinhada às suas normas gramaticais, particularmente no que se refere ao uso da preposição articulada *aos*. Observa-se, ainda, que

ambas as variedades privilegiam a forma plural, o que potencializa o sentido de completude e exagero da expressão, reforçando seu papel como intensificador.

- Até a raiz

A expressão *até a raiz dos pentelhos*, vista em (5), e *até a raiz dos cabelos*, listada em (6), codificam a ideia de intensidade a partir de uma metáfora bastante recorrente no português. Conforme Lakoff e Johnson (1980), metáforas conceituais do tipo INTENSIDADE É PROFUNDIDADE estruturam grande parte do nosso modo de compreender experiências abstratas por meio do corpo. Nessa construção, *raiz* funciona como imagem de um ponto-limite do corpo, isto é, um ponto mais interno e sensível de onde algo (como o pelo ou o cabelo) nasce. A ativação de um esquema imagético de profundidade (Johnson, 1987), no qual a força ou emoção penetra profundamente no corpo, contribui para o valor intensificador da expressão.

5 O fubânico zisquerdista Todo Leso é um castro-guevarista roxo **até a raiz dos pentelhos**. Pra ele, é Lula no céu e Ernesto na terra. (76 G BR luizberto.com)

6 Sei lá... Tantas vezes, esse muito que me consome vira um mar de nada, de lava, de algo que abandona. Me detona **até a raiz dos cabelos**, esfria a pele, congela o mundo, enfeia. A vida é bela, as coisas lindas, pessoas cheias de algo... nem sempre bom. (116 B BR retratosdaalma.com.br)

Essas construções se fundamentam em um processo de corporificação, a partir do qual partes do corpo humano (como os cabelos e suas raízes) são mobilizadas como pontos de ancoragem semântica para expressar diferentes graus de intensidade emocional ou afetiva (Kövecses, 2005; Sweetser, 1990). Nos exemplos, a intensidade veiculada pelas EIs extrapola o nível físico: em (5), o envolvimento ideológico é tão extremo que se expressa como uma afetação corporal total; em (6), a devastação emocional é figurada como algo que consome a pessoa *até a raiz dos cabelos*, sinalizando um estado de esgotamento extremo (físico, psicológico e simbólico). A força expressiva da construção decorre de sua opacidade parcial e da força imagética do corpo como espaço de inscrição das emoções mais profundas.

A construção admite flexão de número, podendo ocorrer no singular e no plural, embora a forma plural seja a mais recorrente, refletindo uma tendência de cristalização nesse padrão de uso. Essa combinação entre flexibilidade limitada e fixidez estrutural caracteriza o caráter parcialmente esquemático da construção (Goldberg, 1995; 2006). No que diz respeito ao escopo, das 24 ocorrências registradas, três estão associadas ao verbo *envolver-se*, duas ao verbo *comprometer-se* e duas ao verbo *endividar-se*, o que indica uma predominância de verbos

como elementos escopados. Ainda assim, adjetivos como *autoritária*, *minimalista* e *antirracista* também aparecem intensificados por esse tipo de construção, demonstrando certa amplitude de aplicação semântica dentro dos limites impostos pela construção.

A Tabela 4 apresenta a frequência de uso da microconstrução [até a raiz dos cabelos] e suas formas variantes nas duas variedades do português. Os dados indicam que o padrão idiomático [até a raiz [X]] é consideravelmente mais produtivo no PB do que no PE.

Tabela 4 – Frequências de uso da EI *até a raiz dos cabelos* por variedade do português

Construção	*F. absoluta (PB)*	*F. relativa (PB)*	*F. absoluta (PE)*	*F. relativa (PE)*
Até a raiz do cabelo	5	0,007	0	0
Até a raiz dos cabelos	**15**	0,022	**2**	0,006
Até a raiz dos pelos	1	0,001	0	0
Até a raiz dos pentelhos	1	0,001	0	0
Total	**22**	**0,031**	**2**	**0,006**

Fonte: Elaboração própria (2025).

No PB, foram registradas 22 ocorrências dessa microconstrução, distribuídas em quatro variedades: *até a raiz do cabelo*, *até a raiz dos cabelos*, *até a raiz dos pelos* e *até a raiz dos pentelhos*. No PE, por sua vez, identificaram-se apenas duas ocorrências, ambas na forma *até a raiz dos cabelos*, o que corresponde a uma frequência substancialmente mais baixa (0,006). Esses dados mostram que a forma mais consolidada no PB é a configuração [até a raiz dos cabelos], embora essa construção concorra com outra EI que é também bastante recorrente na língua: [até o último fio de cabelo]. No entanto, apesar de apresentarem um grau de opacidade semântica, ambas ainda preservam uma natureza motivada, pois o significado individual dos constituintes das EIs ainda contribui para a compreensão do todo da construção.

- Conclusões parciais sobre o subesquema de intensificação

A análise do subesquema construcional [ATÉ (PREP) DET(s) $N_{parte\text{-}do\text{-}corpo}$(s) (MOD(s))], responsável por instanciar EIs de intensificação baseadas em partes do corpo humano, mostra que esse padrão é relativamente produtivo no português, em especial no PB. Trata-se de um braço importante na grande rede construcional de intensificação no português, que se relaciona com várias outras redes construcionais. Esse subesquema construcional é suficientemente esquemático para acomodar múltiplas microconstruções intensificadoras,

incluindo as de natureza idiomática, mas específico o bastante para manter um significado idiomático estável e reconhecido nas duas variedades do português.

Quadro 1 – Sistematização do esquema construcional [ATÉ (PREP) DET(s) $N_{parte\text{-}do\text{-}corpo}$(s) (MOD(s))]

Construção	Esquematicidade	Composicionalidade	Flexão tempo, modo e pessoa	Flexão número	Elemento modificador	Substituição de elemento
Até o osso	Parcial	Parcial	Não	Sim	Não	Não
Até o pescoço	Parcial	Parcial	Não	Não	Não	Não
Até os dentes	Parcial	Parcial	Não	Sim	Não	Não
Até a raiz [X]	Parcial	Parcial	Não	Não	Não	Sim
Até a medula [X]	Parcial	Parcial	Não	Não	Não	Sim

Fonte: Elaboração própria (2025).

Do ponto de vista da esquematicidade, o subesquema apresenta um grau médio-alto de abstração, pois sua arquitetura formal é praticamente aberta, com exceção da primeira posição, que é sempre ocupada pela preposição *até*. As microconstruções licenciadas por esse subesquema admitem variação na presença ou ausência de preposição, na flexão de número do determinante e do nome, e na inclusão eventual de modificadores pós-nominais. O *slot* [N] é ocupado por um nome que designa uma parte do corpo humano, diferenciando-se, assim, de outros subesquemas de intensificação que se constroem por meio de outras relações.

Em termos de produtividade, pode-se dizer que o subesquema em questão como um todo apresenta produtividade moderada. Ele licencia diversas microconstruções, tais como [até o pescoço], [até os dentes], [até a raiz do cabelo], [até a medula], entre outras, mas sua expansão é limitada pela necessidade de que o *slot* [N] seja preenchido por nomes corporais culturalmente convencionais dentro do domínio da intensificação. Em outras palavras, não é toda parte do corpo que é naturalmente atraída para o *slot*; apenas algumas possuem forte poder metafórico no português. Assim, o subesquema é produtivo, porém apresenta restrições.

Os dados da Tabela 5 revelam que, em ambas as variedades do português, as EIs *até o osso*, *até o pescoço* e *até os dentes* são as mais produtivas, apresentando frequências próximas entre si e concentrando a maior parte das ocorrências.

Tabela 5 – Frequências de uso do subesquema de intensificação [ATÉ (PREP) DET(s) $N_{parte\text{-}do\text{-}corpo}$(s) (MOD(s))] por variedade do português

Construção	*F. absoluta (PB)*	*F. relativa (PB)*	*F. absoluta (PE)*	*F. relativa (PE)*
Até o osso	208	0,316	93	0,284
Até o pescoço	256	0,389	130	0,397
Até os dentes	208	0,316	93	0,284
Até a raiz [N]	22	0,031	2	0,006
Até a medula [N]	107	0,161	12	0,036
Total	**801**	**1.213**	**330**	**1.007**

Fonte: Elaboração própria (2025).

A composicionalidade das microconstruções instanciadas pelo subesquema varia conforme o tipo de EI: algumas são mais composicionais e outras são menos composicionais. De qualquer forma, em todas as microconstruções, o sentido idiomático global de "intensidade elevada, excesso, saturação afetiva ou física" não deriva diretamente da soma literal do significado das partes que compõem as EIs, mas é resultado de uma convenção metafórica amplamente compartilhada pelos usuários das duas variedades. Em outras palavras, o subesquema [ATÉ (PREP) DET(s) $N_{parte\text{-}do\text{-}corpo}$(s) (MOD(s))] é, portanto, idiomatizado: ainda que alguns nomes corporais ofereçam alguma motivação imagética (como *pescoço* ou *raiz*), o significado total não decorre de forma previsível da configuração morfossintática da EI.

No plano morfossintático, o subesquema instancia microconstruções que permitem flexão de número tanto no determinante quanto no nome (*o dente*/*os dentes*; *a raiz*/*as raízes*). Essa flexão não altera o sentido idiomático, funcionando apenas como uma adaptação gramatical interna, motivada pelo fato de que o corpo humano possui múltiplos elementos que são referenciados tanto no singular quanto no plural (*ossos*, *dentes*, *cabelos* etc.). A flexão de gênero também está disponível quando o nome corporal é feminino (*a raiz*, *a medula*), mas igualmente sem impacto semântico. Por outro lado, flexões de tempo, modo e pessoa não se aplicam, pois o subesquema ocupa uma posição adverbal ou predicativa, não verbal.

A modificação do núcleo nominal, por sua vez, é possível, mas não é obrigatória e varia entre microconstruções. O subesquema admite complementos internos, como *da alma*, *dos cabelos*, *dos pelos*, mas apenas para alguns nomes corporais. Outros permanecem fechados à modificação (pescoço, dentes). Essa assimetria reforça que a modificação não é uma propriedade das microconstruções em si, mas uma possibilidade de estruturação das EIs.

Por fim, o poder de atração do *slot* [N] é restrito, mas funcional: o subesquema atrai nomes corporais altamente convencionais para expressar intensidade, o que explica por que algumas partes do corpo se tornaram microconstruções idiomáticas recorrentes, enquanto outras

nunca se lexicalizaram nesse padrão. Esse poder seletivo é um dos elementos que mantém o subesquema relativamente estável ao longo do tempo e entre variedades do português.

7.1.2 Subesquema [A MOD $N_{\text{parte do corpo}}$]

- A plenos pulmões

O subesquema [A MOD $N_{\text{parte do corpo}}$] instancia unicamente a microconstrução intensificadora *a plenos pulmões*[44]. A imagem evoca a função vital dos pulmões para o funcionamento do corpo humano – órgãos responsáveis pela respiração e, por consequência, pelo suporte da voz –, associando o uso de toda a capacidade respiratória à realização de um ato vocal com intensidade máxima, seja para gritar, cantar ou falar, por exemplo. Sob essa perspectiva, a expressão traduz não apenas volume, mas também energia, entrega e vigor na manifestação oral.

Nessa EI, o mapeamento metafórico relaciona o domínio fonte – o corpo humano, em particular os pulmões, que se expandem ao serem completamente preenchidos de ar – ao domínio alvo, que converte metaforicamente a ideia de completamente cheio para a noção de intensidade. Segundo a metáfora conceptual INTENSIDADE É EXPANSÃO FÍSICA (Lakoff e Johnson, 1980), quanto maior é a incidência de ar nos pulmões, maior é a força vocal; assim, ao falar ou cantar "a plenos pulmões", atinge-se o ápice da projeção e da energia vocal. Esse sentido figurado ancora-se em uma experiência física concreta: para produzir uma voz potente, é necessário inspirar profundamente e utilizar toda a capacidade pulmonar, o que se transfere metaforicamente para qualquer ação realizada com máximo empenho e intensidade.

7 Espero, sinceramente, sair enlouquecida, gritando **a plenos pulmões** o que há anos está sufocado dentro de nós, atleticanos: o grito de "« campeão "». (17 G BR heliofernandes.com.br)

[44] Embora *a plenos pulmões* se apresente como a única instância plenamente cristalizada no padrão altamente específico [A MOD $N_{\text{parte do corpo}}$], o que a torna uma microconstrução isolada em termos de produtividade local, ela não constitui um *hápax* nem uma exceção fora da rede construcional. Pelo contrário, sua formação é amplamente licenciada por esquemas mais gerais do português, sobretudo pelo esquema preposicionado avaliativo [PREP MOD], produtivo em expressões intensificadoras e quantificadoras (*a mil*, *à beça*, *a rodo*, *a todo vapor*). Assim, apesar de isolada no nível do subesquema mais restrito, *a plenos pulmões* não é idiossincrática no sentido absoluto: sustenta-se pela herança de padrões avaliativos amplos, que autorizam sua forma e seu sentido dentro da rede do português. Importa destacar que esse mesmo fenômeno – microconstruções aparentemente únicas, mas sustentadas por esquemas mais amplos – repete-se com outras EIs analisadas na tese, evidenciando como a vitalidade dos padrões avaliativos e intensificadores funciona na língua portuguesa.

No exemplo citado, *gritando a plenos pulmões* intensifica a ideia de exteriorizar algo reprimido por muito tempo – no caso, o grito de "campeão" – com o máximo de intensidade vocal e carga emocional. Nesse contexto, a expressão vai além da simples indicação de volume elevado de voz, já que ela ressalta a força simbólica e catártica do ato, sugerindo que o grito não é apenas físico, mas também impregnado de emoção acumulada e identidade coletiva, mobilizando tanto o corpo quanto a memória afetiva dos "atleticanos".

Com base nos critérios descritos de Nunberg *et al* (1994), Xatara (1998) e Keizer (2016), o subesquema construcional [A MOD N] é altamente esquemático, pois os *slots* [MOD] e [N] podem ser preenchidos por vários elementos [*a passos largos, a duras penas, a todo vapor* etc.], mas é bastante restritivo em relação à atração de nomes relativos a partes do corpo. Nesse contexto, essa EI *a plenos pulmões* é mais ou menos composicional, isto é, embora seja possível reconhecer o sentido literal de seus elementos, a interpretação figurada depende do entendimento global da construção. Apesar das poucas ocorrências registradas na forma singular, a construção admite flexão de número, como em *a pleno pulmão*, porém, a baixa frequência dessa variação indica que a cristalização da expressão ocorreu predominantemente na forma plural, possivelmente em razão de sua associação aos dois pulmões do corpo humano.

Além disso, a expressão não permite a quebra de sua sequência fixa com a inserção de modificadores internos (**a plenos fortes pulmões*) nem a substituição de qualquer de seus constituintes sem perda do sentido idiomático (**a plenos peitos*, **a plenos fôlegos*). Esses aspectos confirmam que *a plenos pulmões* é uma EI altamente lexicalizada e rígida, cuja estabilidade formal garante a preservação de seu valor expressivo no português.

A Tabela 6 de frequência mostra que a microconstrução no plural predomina amplamente nas duas variantes do português, respondendo por quase todas as ocorrências do padrão, tanto no PB (265 ocorrências; 0,404) quanto no PE (212 ocorrências; 0,649). A forma alternativa *a pleno pulmão*, embora tenha sido atestada em ambas as variedades, apresenta uso residual: apenas cinco ocorrências no PB (0,007) e uma no PE (0,003), o que confirma o alto grau de cristalização da forma plural. Em termos proporcionais, o PE apresenta frequência relativa maior (0,652) do que o PB (0,411), indicando que, embora a EI seja amplamente utilizada nas duas variedades, ela é relativamente mais recorrente no PE.

Tabela 6 – Frequências de uso da EI *a plenos pulmões* por variedade do português

Construção	*F. absoluta (PB)*	*F. relativa (PB)*	*F. absoluta (PE)*	*F. relativa (PE)*
A plenos pulmões	**265**	0,404	**212**	0,649
A pleno pulmão	5	0,007	1	0,003
Total	**270**	**0,411**	**213**	**0,652**

Fonte: Elaboração própria (2025).

7.1.3 Subesquema [PREP V de $N_{parte\ do\ corpo}$]

- Num piscar de olhos / Num estalar de dedos

O subesquema construcional [PREP V de $N_{parte\ do\ corpo}$] instancia algumas microconstruções, das quais destacamos: *num piscar de olhos e num estalar de dedos.* Tais EIs compartilham a mesma ideia central, a de que acontece de forma rápida ou passageira. Todas se baseiam em um movimento corporal (in)voluntário – o ato de piscar os olhos/o ato de estalar os dedos – que, por sua brevidade, é metaforicamente projetado para situações do cotidiano em que se deseja enfatizar a rapidez ou a fugacidade de uma ação, de um acontecimento ou de uma mudança de estado. Sendo assim, essas expressões partem de um processo cognitivo em que uma experiência corporal elementar é utilizada para intensificar a noção de tempo curto, funcionando como recurso expressivo de grande força imagética e comunicativa.

No caso listado abaixo, o gesto corporal de *piscar os olhos* é metaforicamente projetado para representar um intervalo de tempo mínimo, como ilustrado em (8), em que a expressão é usada para fazer referência à força destrutiva ações humanas:

8 O homem sempre visa o seu objetivo, sem se importar se irá destruir outras vidas, o homem ao mesmo tempo que constrói, destrói tudo **num simples piscar de olhos**, o homem fez deste mundo um barril de pólvora que a qualquer momento pode explodir. (72 G BR coladaweb.com)

Na ocorrência (8), a expressão *num piscar de olhos* é usada de forma intensificadora para criticar a capacidade destrutiva da humanidade, destacando que mudanças drásticas (construir ou destruir) podem ocorrer de modo quase instantâneo. O adjetivo *simples* acentua ainda mais a noção de facilidade e rapidez com que tais transformações se dão.

Rosa e Oliveira (2020) destacam que a coexistência de diferentes microconstruções, como é o caso das EIs aqui analisadas, decorre do encontro entre trajetórias próprias de polissemia e das distintas rotas de mudança linguística percorridas por cada forma. Assim, a preferência por uma EI em detrimento de outra é certamente motivada por fatores estruturais, pragmático-discursivos e cognitivos que conferem a cada realização um valor expressivo particular, modulando sua adequação às situações comunicativas.

Nesse sentido, mesmo EIs estruturalmente próximas, como *num piscar de olhos* e *num estalar de dedos*, apresentam diferenças sutis, porém relevantes, de forma e função. Ambas codificam rapidez ou instantaneidade, mobilizando ações corporais mínimas como parâmetro de medição temporal; mesmo assim, entendemos que cada *type* ativa nuances semântico-

pragmáticas distintas em relação ao contexto de uso. A EI *num piscar de olhos* é mais direta, mais lexicalizada e mais neutra estilisticamente, funcionando como a formulação prototípica e amplamente difundida nas duas variedades do português. Já a expressão *num estalar de dedos* possui uma carga imagética ligeiramente mais performativa, frequentemente associada a ações súbitas com efeito abrupto, o que lhe confere um caráter expressivo mais marcado.

Tabela 7 – Frequências de uso das EIs *num piscar de olhos* e *num estalar de dedos* por variedade do português

Construção	*F. absoluta (PB)*	*F. relativa (PB)*	*F. absoluta (PE)*	*F. relativa (PE)*
Num piscar de olhos	**846**	1,186	**276**	0,715
Num estalar de dedos	153	0,215	94	0,243
Total	**999**	**1.401**	**370**	**0,959**

Fonte: Elaboração própria (2025).

Essas diferenças repercutem também nos padrões de frequência observados no *corpus* (Tabela 7). A EI *num piscar de olhos* é, de longe, a forma mais recorrente, tanto no PB (1,186) quanto no PE (0,715), o que indica seu maior grau de cristalização e rotinização como EI de rapidez. Por sua vez, *num estalar de dedos* apresenta uma frequência relativa substancialmente menor – 0,215 no PB e 0,243 no PE – sugerindo um uso mais restrito, possivelmente associado a contextos discursivos em que se enfatiza o caráter súbito, abrupto ou performativo do evento descrito.

Esses resultados mostram, portanto, que o padrão construcional [PREP V de $N_{\text{parte do corpo}}$] forma uma rede internamente hierarquizada, na qual *num piscar de olhos* ocupa uma posição central – maior difusão, maior convencionalização – enquanto *num estalar de dedos* se estabiliza como uma alternativa menos frequente e mais marcada pragmaticamente.

As duas EIs são motivadas por um esquema imagético baseado em movimentos corporais mínimos, rápidos e de curta duração, os quais servem como parâmetro para conceptualizar eventos que ocorrem de maneira imediata. Essa motivação está ancorada na metáfora conceptual BREVIDADE É MOVIMENTO CORPORAL, pela qual uma ação física instantânea, como piscar ou estalar os dedos, é projetada metaforicamente para o domínio temporal, intensificando a ideia de rapidez extrema ou de ausência de intervalo entre causa e efeito. O gesto corporal funciona, portanto, como uma unidade imagética que mede a brevidade de outra ação, condensando em um único frame a noção de imediaticidade. Ao recorrer a movimentos automáticos ou facilmente executáveis, o falante evoca experiências corporificadas universais que tornam a metáfora altamente transparente e amplamente convencionalizada nas duas variedades do português.

O esquema apresenta flexão limitada e produtividade média. No caso das duas microconstruções analisadas (*num piscar de olhos* e *num estalar de dedos*), a forma plural é a que se cristalizou como EI, ao passo que as microconstruções no singular (*num piscar de olho*, *num estalar de dedo*) são extremamente raras e, quando ocorrem, tendem a ser interpretadas de modo mais literal ou pouco convencionalizadas. Isso indica que o singular é possível no plano morfossintático, mas não produtivo no plano idiomático: trata-se de adaptações pontuais, marcadas, e não de variantes estabilizadas do padrão.

Quanto à flexão verbal, observa-se comportamento igualmente restrito. As duas EIs se fixaram na forma infinitiva dos verbos (*piscar*, *estalar*), sem variação de tempo, modo ou pessoa. Casos em que o verbo aparece sem o morfema *-r*, como *pisca* ou *estala*, configuram apenas formas variantes que não afetam o caráter idiomatizado da EI. Em resumo, esses elementos mostram que a construção é altamente cristalizada tanto no que se refere ao núcleo nominal quanto ao predicado verbal, permitindo apenas variações marginais e pouco sistemáticas. A forte idiomaticidade do padrão limita amplamente a flexão interna e reforça sua estabilidade morfológica e semântica no português contemporâneo.

7.1.4 Subesquema [PREP $N_{\text{parte do corpo}}$ e $N_{\text{parte do corpo}}$]

O subesquema construcional [PREP $N_{\text{parte do corpo}}$ e $N_{\text{parte do corpo}}$] instancia várias microconstruções: *com unhas e dentes*, *de corpo e alma*, *de alma e coração*, entre outras. As três EIs compartilham um traço fundamental – a noção de intensidade –, associada a ações executadas com empenho e entrega exacerbados, que extrapolam o padrão de esforço considerado habitual.

Em *com unhas e dentes*, a imagem corporal de lutar com as "armas naturais" do ser humano representa não apenas resistência física, mas também a ideia de se dedicar ou se agarrar a algo com toda a garra possível, sem medir esforços. Já *de corpo e alma* projeta a totalidade do envolvimento, unindo o plano material ao espiritual para indicar comprometimento absoluto, como se não houvesse reservas ou limites na dedicação. Por sua vez, *de alma e coração* articula interioridade e emoção, destacando que a ação é feita com autenticidade, paixão e afeto sincero, revelando uma entrega tão intensa que mobiliza as dimensões mais profundas do sujeito.

Assim, essas EIs funcionam como recursos linguísticos de intensificação, pois ressaltam modos de agir marcados pelo excesso, pelo transbordamento da força, da emoção ou da dedicação. Como a linguagem figurada reflete esquemas conceptuais enraizados na experiência humana, todas elas se estruturam na metáfora conceptual INTENSIDADE É

TOTALIDADE / EXCESSO, na medida em que remetem a ações realizadas plenamente, sem restrição, seja pelo corpo, pelas emoções ou pelo recurso às últimas possibilidades de defesa.

- Com unhas e dentes

Em termos literais, *unhas* e *dentes* funcionam como os últimos recursos de defesa de seres humanos e de vários animais, que são acionados instintivamente quando já não há armas ou instrumentos externos para se defender. Nesse sentido, a imagem em questão ativa a noção de resistência extrema. No uso figurado, como visto em (9), *agarre com unhas e dentes as oportunidades*, a luta física dá lugar a uma atitude de empenho obstinado, em que se mobilizam todos os recursos disponíveis: esforço, dedicação e energia emocional. Assim, o valor literal (instrumentos finais de defesa) fundamenta o valor idiomático (determinação máxima), e a metáfora conceitual INTENSIDADE É TOTALIDADE / EXCESSO explica essa passagem: agir intensamente é recorrer a tudo o que se tem, até aos últimos meios.

9 O português sempre foi desenrascado e não é agora que o vai deixar de ser. Agarre **com unhas e dentes** as oportunidades que surgem na sua área de residência e experimente. Lamentar-se todos os dias não irá pagar as suas contas, e não é vergonha nenhuma trabalhar em algo diferente do que está acostumado – os tempos mudaram e é preciso sabermos adaptar-nos. (9 G PT blog.ofertas-emprego.com)

Do ponto de vista construcional, o subesquema em questão é altamente esquemático, pois os *slots* [PREP], [$N_{\text{parte do corpo}}$] e [$N_{\text{parte do corpo}}$] da construção podem ser preenchidos por outros elementos, no entanto, apesar de seu caráter esquemático, seu poder de atração é limitado, tornando-o menos produtivo.

A composicionalidade das microconstruções instanciadas por esse subesquema é considerada média, pois, embora os nomes mantenham vínculo com seus sentidos literais de instrumentos de defesa, o significado global das EIs (empenho extremo, dedicação total) não resulta da soma dos significados dos constituintes que as compõem. Em outras palavras, a interpretação adequada das construções depende da convencionalização metafórica que projeta "os últimos recursos corporais" como símbolo de intensidade.

Quanto à variação interna, apenas a preposição admite alternância, sendo *de unha e dente* uma variante possível na língua, porém, muito pouco recorrente no português. A flexão para o singular é excepcional, registrada apenas de forma pontual, o que evidencia sua baixa produtividade e confirma a estabilidade formal do padrão idiomático.

A frequência da microconstrução no PB e no PE revela que a EI apresenta vitalidade significativa em ambas as variedades, embora com maior produtividade relativa no PE:

Tabela 8 – Frequências de uso da EI *com unhas e dentes* por variedade do português

Construção	*F. absoluta (PB)*	*F. relativa (PB)*	*F. absoluta (PE)*	*F. relativa (PE)*
Com unhas e dentes	**907**	1,383	**525**	1,607
Com unha e dente	1	0,001	0	0,000
Total	**908**	**1.384**	**525**	**1.607**

Fonte: Elaboração própria (2025).

No PB, foram encontradas 908 ocorrências, correspondentes a uma frequência relativa de 1,384. No PE, registraram-se 525 ocorrências, resultando em uma frequência relativa de 1,607. Esses valores mostram que, proporcionalmente, a expressão é mais utilizada no PE. Observa-se também a presença marginal da variante singular (*com unha e dente*), atestada apenas no PB, com uma única ocorrência e frequência irrisória (0,001), o que confirma seu caráter excepcional e não produtivo. Em conjunto, os dados indicam que a forma plural, altamente cristalizada, se consolidou como o padrão nas duas variedades, funcionando como a realização idiomática convencional para expressar intensidade e empenho, ao passo que a forma singular não se estabilizou no uso corrente.

- <u>De corpo e alma / De alma e coração</u>

As expressões *de corpo e alma* e *de alma e coração* recorrem a partes do corpo para representar formas intensas de dedicação e envolvimento. Em *de corpo e alma*, como em (10), a articulação entre o corpo (vinculado ao plano físico) e a alma (vinculada à dimensão espiritual) constrói uma imagem de totalidade, indicando que a pessoa se entrega por completo, sem reservas. Já em *de alma e coração*, como em (11), a combinação de elementos ligados à interioridade profunda (alma) e à esfera afetiva (coração) enfatiza a intensidade emocional do compromisso, sugerindo uma entrega que vai além do esforço material e mobiliza o sentir. Em ambos os casos, o valor idiomático emerge da integração metafórica dessas entidades corporais e simbólicas, que servem como âncoras conceptuais para representar dedicação plena.

Nos dois casos, o literal (partes do corpo) expande-se para o figurado, ativando a metáfora conceptual INTENSIDADE É TOTALIDADE/EXCESSO, já que agir intensamente significa mobilizar todas as dimensões do ser humano sem restrição.

10 Todos podem ser como a sociedade todo-poderosa, todos podem se tornar felizes, desde que se entreguem **de corpo e alma**, desde que renunciem à pretensão de felicidade. (1 G PT adorno.planetaclix.pt)

Em (10), a EI *de corpo e alma* é empregada pelo falante em seu sentido mais convencionalizado, expressando uma entrega total e irrestrita. No contexto do enunciado, a expressão enfatiza que a felicidade, tal como apresentada, depende da submissão completa do indivíduo à sociedade – não apenas no plano das ações, mas também no plano interior. Trata-se, dessa forma, de uma dedicação absoluta, que mobiliza todas as dimensões da pessoa, física e simbólica, como condição necessária para atender à expectativa social proposta.

O que se observa, em relação à esquematicidade, é a possibilidade de variação de alguns *slots* da construção, como a alternância entre as preposições *de* e *com* ou a expansão do número de nomes corporais, em extensões como [corpo, alma e coração], [espírito, alma e coração] ou [corpo, mente, alma e coração]. Essas ampliações mantêm o valor metafórico central de entrega e intensidade e reforçam a noção de totalidade pela acumulação de elementos simbólicos, mas não afetam a estabilidade formal das microconstruções mais cristalizadas.

Do ponto de vista da composicionalidade, as expressões apresentam caráter parcialmente composicional, isto é, embora seja possível reconhecer o significado literal dos elementos envolvidos (*corpo*, *alma*, *coração*), o significado idiomático (dedicação plena, envolvimento absoluto) não se resume à soma do significado desses termos. Pelo contrário, a interpretação dessas EIs no português depende do acesso do falante à metáfora conceitual que projeta partes do corpo como representação de totalidade e intensidade emocional.

Tais expressões desempenham a função de intensificar o comprometimento em diferentes domínios discursivos, aparecendo associadas a temas como nacionalidade, futebol, projetos e trabalhos. Nesses contextos, são frequentemente mobilizadas com verbos que evocam envolvimento e empenho, tais como *entregar-se*, *dedicar-se*, *doar-se* e *mergulhar*. A combinação entre esses verbos e as EIs reforça a ideia de entrega integral, de envolvimento que extrapola o limite do esforço comum, marcando um agir pleno e sem reservas.

A análise da frequência dessas microconstruções, Tabela 9, mostra maior produtividade dessas EIs no PB, somando 970 ocorrências, com destaque absoluto para a microconstrução [de/com corpo e alma], com 859 ocorrências. No PE, verifica-se que a microconstrução mais produtiva é também a EI [de/com corpo e alma], totalizando 515 ocorrências, seguida pela microconstrução [de/com alma e coração], que contabiliza 369 ocorrências, contrastando fortemente com sua baixa produtividade no PB.

Tabela 9 – Frequências de uso das EIs *de corpo e alma* e *de alma e coração* por variedade do português

Construção	*F. absoluta (PB)*	*F. relativa (PB)*	*F. absoluta (PE)*	*F. relativa (PE)*
[de/com corpo(s) e alma(s)]	**859**	1,310	**515**	1,576
[de/com alma e coração]	100	0,149	369	1,132
[alma e coração]	11	0,016	5	0,015
Total	**970**	**1,477**	**889**	**2,720**

Fonte: Elaboração própria (2025).

Como se observa, o PB privilegia o par *corpo/alma* como meio canônico para veicular a ideia de entrega plena; já o PE distribui de forma mais equilibrada as opções e apresenta forte cristalização da combinação *alma/coração*, diferentemente do que ocorre no PB, o que sugere diferenças culturais e estilísticas na forma como cada comunidade conceptualiza intensidade e envolvimento emocional.

- Conclusões parciais sobre o subesquema intensificador

Cada construção do subesquema [PREP $N_{\text{parte do corpo}}$ e $N_{\text{parte do corpo}}$] apresenta comportamentos formais e semânticos distintos, vide Quadro 2. *Com unhas e dentes* é mais cristalizado, com composicionalidade e transparência parciais e sem possibilidade de modificação interna; [de/com corpo e alma] é parcialmente aberto, também de transparência parcial, permitindo certa substituição e flexão de número; [(de/com) (N) alma e coração] é parcialmente aberto, distingue-se por admitir modificadores e variação no *slot* nominal, embora sem flexão interna.

Quadro 2 – Sistematização do subesquema construcional [PREP $N_{\text{parte do corpo}}$ e $N_{\text{parte do corpo}}$]

Construção	Esquematicidade	Composicionalidade	Flexão tempo, modo e pessoa	Flexão número	Elemento modificador	Substituição de elemento
Com unhas e dentes	Fechada	Parcial	Não	Sim	Não	Não
[de/com corpo e alma]	Parcial	Parcial	Não	Sim	Não	Sim
[(de/com) (N) alma e coração]	Parcial	Parcial	Não	Não	Sim	Sim

Fonte: Elaboração própria (2025).

Em ambos os *corpora*, conforme Tabela 10, há forte predominância das construções cristalizadas *com unhas e dentes* e [de/com corpo e alma], que respondem pela quase totalidade das ocorrências, confirmando a força cultural e discursiva dessas expressões como intensificadores consagrados.

Tabela 10 – Frequências de uso do subesquema intensificador [PREP $N_{\text{parte do corpo}}$ e $N_{\text{parte do corpo}}$] por variedade do português

Construção	*F. absoluta (PB)*	*F. relativa (PB)*	*F. absoluta (PE)*	*F. relativa (PE)*
Com unhas e dentes	908	1,384	525	1,607
[de/com corpo(s) e alma(s)]	859	1,310	515	1,576
[de/com alma e coração]	68	0,103	361	1,105
[de/com (N) alma e coração]	32	0,048	8	0,024
[alma e coração]	11	0,016	5	0,015
Total	**1878**	**2,861**	**1414**	**4,327**

Fonte: Elaboração própria (2025).

A produtividade relativa do esquema é maior no PE, que também apresenta maior diversidade interna: além de *de corpo e alma*, a variante [de/com alma e coração] é significativamente mais frequente, ao contrário do PB, onde ocorre apenas de forma marginal. As demais microconstruções são residuais em ambas as variedades. Assim, enquanto o PB se concentra sobretudo em *com unhas e dentes* e *de corpo e alma*, o PE distribui o uso entre mais variantes, revelando maior diversidade na exploração do potencial intensificador do esquema.

7.1.5 Subesquema [com (DET) $N_{\text{parte do corpo}}$ LOC]

O subesquema construcional [com (DET) $N_{\text{parte do corpo}}$ LOC] instancia duas EIs: sendo *com uma perna/um pé nas/às costas* e *com água na boca*. Em comum, ambas as expressões refletem a noção de intensidade, associada a ações ou estados experienciados de forma acentuada, seja pela antecipação do desejo ou prazer (*com água na boca*), seja pela execução de tarefas com facilidade e despreocupação exageradas (*com um pé/uma perna nas/às costas*).

- Com uma perna às costas / Com um pé nas costas

O subesquema [com (DET) N LOC] instancia duas microconstruções, a saber: *com uma perna às costas/com uma perna nas costas* e *com um pé às costas/com um pé nas costas*. Tais expressões compartilham o sentido geral de indicar que algo é feito com extrema facilidade, sem esforço ou dificuldade. Em ambas, a referência às *costas* funciona como elemento central da imagem, pois elas simbolizam apoio e relaxamento do corpo. A ideia de colocar o pé ou mesmo uma perna sobre as costas sugere uma postura de descanso e despreocupação, reforçando a noção de que a tarefa é realizada com leveza, segurança e sem qualquer tensão. Essas construções, assim, exploram uma metáfora corporal que associa o ato de apoiar-se ou repousar às costas à facilidade e ao domínio completo da ação.

Essa motivação revela a presença da metáfora conceitual FACILIDADE É RELAXAMENTO / ESTABILIDADE (Lakoff e Johnson, 1980), na qual uma experiência física de apoio e repouso é projetada para o domínio abstrato de bem-estar/facilidade. Apoiar o pé ou a perna sobre as costas sugere equilíbrio, conforto e ausência de esforço físico, transmitindo a ideia de que a tarefa é realizada sem necessidade de empenho extra. O corpo, quando encontra um ponto de apoio seguro, age sem resistência, sendo que essa sensação concreta de descanso é mapeada para situações em que a ação é executada com tranquilidade e pleno controle.

No exemplo (11), essa relação metafórica se manifesta de forma clara:

11 Por exemplo, há 5 anos atrás mudar de casa parecia-me algo titânico! Agora é trivial e faço-o **com uma perna às costas** :)) ter um cão como a Petzi nunca foi duro, mas depois de ter 3, tomar conta de um só é fichinha como dizem os Brasileiros. (4 B PT andorinhaquevoa.blogspot.com)

Aqui, a expressão *com uma perna às costas* enfatiza que a ação de mudar de casa, antes percebida como extremamente difícil (algo titânico), tornou-se simples e descomplicada com o tempo e a experiência. O falante compara a tarefa atual a algo que se faz sem esforço, como se fosse possível executá-la até em uma posição fisicamente descontraída, apoiando apenas uma perna às costas. O contraste entre a dificuldade passada e a facilidade presente reforça o valor idiomático da expressão, que não descreve literalmente uma postura corporal, mas traduz a ideia de que a atividade é hoje realizada com muito mais leveza, domínio e segurança.

A esquematicidade do subesquema [com (DET) $N_{\text{parte do corpo}}$ LOC] é quase total, uma vez que todos os *slots* da construção podem ser preenchidos por outros elementos. No

entanto, em termos de produtividade, percebe-se que o *slot* destinado ao nome de parte do corpo é restrito, pois, em geral, só pode ser preenchido por nomes como *pé* e *perna*. Por conta dessa restrição, as construções não permitem inserir novos elementos em sua estrutura morfossintática nem substituir os constituintes por outros que não pertençam ao mesmo paradigma, sob pena de perda do sentido idiomático. Por exemplo, formas como **com um dedo às costas* ou **com o braço às costas* soam estranhas e não ativam a leitura metafórica de facilidade, pois rompem a associação convencional entre *pé/perna* e a imagem de apoio e equilíbrio que sustenta a metáfora.

Quanto à composicionalidade, verifica-se que tais EIs apresentam um grau maior de opacidade semântica, pois o sentido idiomático não pode ser depreendido a partir da soma dos significados literais de seus constituintes. Embora seja possível reconhecer o valor concreto dos elementos *pé*, *perna* e *costas*, o enunciado como um todo adquire um sentido figurado – realizar algo com facilidade ou sem esforço – que não se explica pela combinação lexical isolada.

Em relação à flexão de número, a construção admite ocasionalmente o plural, como em *com duas pernas às costas* ou *com os pés nas costas*, mas tais ocorrências são raras e funcionam mais como variações estilísticas do que como formas produtivas. Desse modo, ainda que apresente certa abertura nos *slots* [PREP] – com a possibilidade de ocorrência das preposições *a* ou *em* – e [N] – com a alternância entre *pé* e *perna* –, a construção preserva uma estrutura fortemente cristalizada, o que assegura a estabilidade e a transparência do seu valor idiomático.

A análise da frequência de uso das construções, apresentada na Tabela 11, aponta diferenças expressivas entre o PB e o PE em relação ao uso das EIs:

Tabela 11 – Frequências de uso do subesquema intensificador [com (DET) $N_{\text{parte do corpo}}$ LOC] por variedade do português

Construção	*F. absoluta (PB)*	*F. relativa (PB)*	*F. absoluta (PE)*	*F. relativa (PE)*
Com um pé às costas	0	0,000	1	0,003
Com uma perna(s) às costas	4	0,006	**78**	0,238
Com um pé nas costas	**61**	0,093	0	0,000
Com uma perna nas costas	1	0,001	0	0,000
Total	**66**	**0,100**	**79**	**0,241**

Fonte: Elaboração própria (2025).

A distribuição das EIs em análise revela diferenças claras entre o PB e o PE, que podem ser explicadas por fatores culturais, pragmáticos e cognitivos associados à metáfora de

facilidade como “leveza” ou “pouco esforço”. No PB, observa-se preferência quase exclusiva pela EI que mobiliza o pé como parte do corpo, em *com um pé nas costas* (61 ocorrências; 0,093 por milhão), que parece ser a forma cristalizada e amplamente reconhecida pelos usuários da língua. Já no PE, o cenário se inverte: a forma mais produtiva é *com uma perna às costas* (78 ocorrências; 0,238), acompanhada de um uso marginal de *com um pé às costas* (1 ocorrência; 0,003). Esse contraste sugere que o PE tende a preservar estruturas mais conservadoras e idiomatizadas envolvendo *pernas* e *costas*, possivelmente por alinharem-se a valores e escolhas lexicais mais aceitas socioculturalmente, enquanto o PB favorece a variante mais analógica, estigmatizada e cotidiana envolvendo *pés* e *costas*. Essa tendência observada no PB reforçada pela presença de outras EIs que se formam na língua a partir do item lexical *pé*, quais sejam: *pé no chão, pé atrás, pé de meia*, dentre outras, que, geralmente, estão associadas, respectivamente, a ideias de firmeza, desconfiança e segurança.

Quadro 3 – Comparação da forma lexical da EI no PB e no PE

PB	**PE**
Com um pé nas costas	Com uma perna às costas

Fonte: Elaboração própria (2025).

A variação morfossintática observada na configuração dessas EIs mostra não apenas diferenças formais, mas também padrões cognitivos e discursivos distintos, refletindo modos diversos de conceptualizar a mesma experiência. No que se refere à preposição, o uso de *em*, no PB, evidencia uma tendência mais estática e locativa, frequentemente associada à ideia de estado, condição ou posição de vantagem, coerente com o valor metafórico da expressão de “estar em uma posição cômoda ou confortável”. No PE, por sua vez, a preferência pela preposição *a* segue um padrão mais dinâmico e modal, típico de locuções adverbiais que expressam modo de realização (*a custo*, *à pressa*, *a correr*), de modo que *com uma perna às costas* transmite a noção de algo feito com facilidade e leveza, quase como um gesto automático.

- Com água na boca

A EI *com água na boca* descreve um estado de intenso desejo ou expectativa, originalmente associado à fome, mas ampliado em termos expressivos para indicar qualquer atração ou interesse por algo desejável. A imagem evoca a resposta fisiológica real de salivação, quando a boca se enche de água diante de alimentos apetitosos, funcionando como uma

metonímia: o sinal físico – "água na boca" – representa o desejo do sujeito. Metaforicamente, essa experiência corporal é projetada para contextos mais amplos, como a antecipação de algo prazeroso ou admirável, estabelecendo uma relação direta entre reação corporal e emoção.

A metáfora conceitual subjacente pode ser descrita como EMOÇÃO É FOME (Lakoff e Johnson, 1980), segundo a qual a intensidade do desejo é mapeada no corpo por um fenômeno fisiológico visível, tornando perceptível a excitação ou a expectativa do indivíduo diante de algo que desperta interesse ou prazer. No exemplo (12) apresentado, a expressão é usada para indicar o desejo e a antecipação de saborear os alimentos. O falante não apenas reconhece o aspecto apetitoso do pão de leite e dos hambúrgueres, mas também manifesta fisicamente sua expectativa, projetando no corpo a intensidade do desejo pelo que está prestes a consumir. Essa projeção denota a relação intrínseca entre experiência corporal e estado emocional subjacente à construção, uma vez que nossas capacidades simbólicas (subjetivas, intersubjetivas, mentais e culturais) estão profundamente enraizadas em uma base natural e experiencial (Lakoff, 1986).

12 O pão de leite tem muito bom aspecto e os hamburgueres nem se fala. Só de saber que são de grão de bico já fico **com água na boca**. (43 B PT omeubemestar.blogspot.com)

A construção *com água na boca* é totalmente especificada, configurando-se como uma unidade lexicalizada em que todos os elementos são fixos e não admitem modificação. Não é possível, por exemplo, substituir *água* por outro líquido ou *boca* por outra parte do corpo. Em termos de composicionalidade, a expressão é parcialmente composicional, já que o sentido global de indicar desejo intenso ou antecipação prazerosa não resulta apenas da soma das partes.

A flexão para o plural não ocorre porque a construção se ancora em uma característica corporal singular: cada indivíduo possui apenas uma boca, o que bloqueia naturalmente a pluralização do núcleo nominal. Por isso, formas como **com águas na boca* ou **com água nas bocas* soam antinaturais e não se integram ao uso idiomático do português. Apesar dessa rigidez na substituição do nome, a construção admite a inserção de modificadores internos – sobretudo advérbios e quantificadores – que intensificam o valor expressivo da unidade, como em *com muita água na boca*, *com tanta água na boca* ou *com mais água na boca*. Esses elementos ajustam o grau de desejo ou antecipação evocado pela expressão sem comprometer sua configuração formal, preservando a integridade idiomática da microconstrução.

Quanto à análise da frequência de uso das construções, os dados mostram que a microconstrução *com água na boca* é amplamente predominante nas duas variedades do

português: 164 ocorrências no PB (0,250), e 87 no PE (0,266). A microconstrução com inserção de elemento modificador, *com [X] água na boca*, é significativamente menos frequente, com 11 registros no PB (0,016) e sete no PE (0,021), conforme Tabela 12:

Tabela 12 – Frequências de uso da EI *com água na boca* por variedade do português

Construção	*F. absoluta (PB)*	*F. relativa (PB)*	*F. absoluta (PE)*	*F. relativa (PE)*
Com água na boca	**164**	0,250	**87**	0,266
Com [X] água na boca	11	0,016	7	0,021
Total	**175**	**0,266**	**94**	**0,287**

Fonte: Elaboração própria (2025).

Tais dados indicam que a construção cristalizada sem modificadores domina o uso cotidiano, funcionando como a forma canônica da expressão. A presença ocasional de intensificadores mostra que a expressão admite variação para reforçar o grau de desejo ou expectativa, mas tais formas permanecem marginalmente produtivas. Somando os dois *types*, a construção apresenta 175 ocorrências no PB (0,266) e 94 no PE (0,287).

➢ Conclusões parciais sobre o subesquema intensificador

A análise do subesquema [com (DET) $N_{\text{parte do corpo}}$ LOC] mostra tanto semelhanças quanto diferenças nas características das EIs examinadas. Todas as microconstruções (*com uma perna às costas, com um pé nas costas* e *com água na boca*) compartilham o mesmo esquema estrutural, o que evidencia uma base construcional comum no português para expressar intensificação ou estados experienciados corporalmente. No entanto, observam-se diferenças significativas em termos de esquematicidade e transparência semântica: enquanto *com água na boca* apresenta esquematicidade fechada, produtividade média e composicionalidade parcial, *com uma perna às costas e com um pé nas costas* é parcialmente esquemática, com baixa composicionalidade e baixa produtividade. Essa diferença sugere que a primeira construção é mais transparente e cognitivamente acessível, facilitando a compreensão imediata; já a segunda exige maior conhecimento cultural ou experiencial para ser interpretada corretamente.

Quadro 4 – Sistematização do esquema construcional [com (DET) N LOC]

Construção	Esquematicidade	Composicionalidade	Flexão tempo, modo e pessoa	Flexão número	Elemento modificador	Substituição de elemento
Com uma perna/um pé nas/às costas	Parcial	Baixa	Não	Sim	Não	Não
Com água na boca	Fechada	Parcial	Não	Não	Sim	Não

Fonte: Elaboração própria (2025).

A Tabela 13 mostra a distribuição e a produtividade dos tipos de microconstruções instanciadas pelo subesquema [com (DET) $N_{\text{parte do corpo}}$ LOC]:

Tabela 13 – Frequências de uso do subesquema intensificador [com (DET) $N_{\text{parte do corpo}}$ LOC] por variedade do português

Construção	*F. absoluta (PB)*	*F. relativa (PB)*	*F. absoluta (PE)*	*F. relativa (PE)*
Com uma perna às costas	4	0,006	78	0,238
Com um pé nas costas	61	0,093	0	0,000
Com uma perna nas costas	1	0,001	0	0,000
Com água na boca	175	0,266	94	0,287
Total	**241**	**0,366**	**173**	**0,528**

Fonte: Elaboração própria (2025).

De forma geral, a frequência combinada evidencia que o subesquema [com (DET) $N_{\text{parte do corpo}}$ LOC] é relativamente produtivo em ambas as variedades, mas a distribuição específica de cada EI reflete preferências culturais e pragmáticas distintas: o PB privilegia, por exemplo, a construção *com o pé nas costas* (facilidade sem esforço), diferentemente do PE que prefere a construção *com a perna às costas*, que também transmite a mesma ideia de facilidade com pouco esforço. Já a expressão *com água na boca* (desejo intenso) está presente nas duas variedades do português, mas é muito mais recorrente no PB.

7.1.6 Subesquema [PREP $N_{\text{parte do corpo}}$ MOD]

O exame do padrão construcional [PREP $N_{\text{parte do corpo}}$ MOD] evidencia que ele constitui um espaço altamente produtivo de formação de EIs nas duas variedades do português,

funcionando como um esquema recorrente na criação e cristalização de construções intensificadoras. Entre as EIs instanciadas por esse subesquema estão *de cabeça quente*, *de queixo caído*, *de boca aberta*, *de mão cheia*, *de saco cheio*, *de cabelo em pé*, *a olhos vistos* e *de olhos fechados*. Todas essas expressões se estruturam a partir de bases metafóricas que projetam partes do corpo, órgãos sensoriais ou elementos concretos para significar estados emocionais, cognitivos ou avaliativos.

- De cabeça quente

A EI *de cabeça quente* é usada para descrever um estado de forte tensão emocional, geralmente associado à raiva, irritação ou agitação intensa. A expressão funciona como uma metáfora para o momento em que as emoções dominam o corpo humano, elevando simbolicamente a temperatura da cabeça e dificultando o controle racional. Nesse sentido, estar *de cabeça quente* significa agir ou reagir sob o efeito de sentimentos intensos, quando a razão é temporariamente sobreposta pela emoção, como se o calor interno representasse a perda momentânea de equilíbrio e serenidade.

13 Entendemos o calor da partida, o pessoal fica **de cabeça quente** e acaba falando coisa sem necessidade. Mas eu estou com a cabeça tranquila. (6 G BR bandsports.band.uol.com.br)

Nesse exemplo, a EI é empregada para indicar um estado de irritação e excitação provocado pela intensidade da partida (provavelmente um jogo ou disputa). O falante reconhece que, em situações de forte tensão, as pessoas podem ficar alteradas, *de cabeça quente*, e acabar fazendo declarações das quais se arrependem depois. Ao afirmar que está "com a cabeça tranquila", ele cria um contraste entre o comportamento exaltado dos outros e sua própria postura calma e equilibrada, reforçando a oposição entre emoção descontrolada e serenidade.

Essa construção apoia-se na metáfora conceitual EMOÇÃO É CALOR / ENERGIA INTERNA (Lakoff e Johnson, 1980), que projeta a experiência física do aumento de temperatura corporal, nesse caso em específico, a região da cabeça, para o domínio mais abstrato ligado a emoções fortes, como raiva, irritação ou tensão. Nesse contexto, o calor funciona como um indicador fisiológico de agitação, já que, quando a pessoa se enfurece, é comum sentir o rosto ruborizado ou a cabeça mais quente em razão da circulação sanguínea acelerada. Assim, a "cabeça quente" representa o momento em que a emoção domina a razão, sugerindo perda momentânea de autocontrole e propensão a reações impulsivas.

A esquematicidade da construção é semiaberta, pois admite apenas um conjunto limitado de variações internas. O *slot* ocupado pelo nome pode alternar entre *cabeça* e *cuca*, mas os demais componentes da construção permanecem altamente fixos: a preposição *de* e o modificador *quente* formam o núcleo estável da microconstrução e não podem ser substituídos sem perda significativa de convencionalidade. Essa rigidez estrutural assegura a manutenção da unidade idiomática, cujo significado depende precisamente da coocorrência desses elementos. Por isso, substituições como **de mente quente* ou **de cabeça fervente* soam estranhas e não se encontram na norma efetiva do português. Assim, apesar de permitir variação restrita no *slot* [N], a microconstrução mantém um grau elevado de cristalização, típico de construções idiomáticas com motivação metafórica altamente convencionalizada.

No que se refere à composicionalidade, a EI apresenta alta composicionalidade e elevada transparência semântica, uma vez que o sentido figurado emerge de uma metáfora direta e facilmente recuperável pelos falantes. O nome *cabeça* ativa a noção de centro do pensamento e das emoções e o adjetivo *quente* evoca o calor associado a estados de excitação, impulsividade ou irritação. A combinação desses elementos produz um significado metafórico (estar irritado, agir sob forte emoção) que, apesar de não ser literal, é rapidamente inferido a partir de experiências corporais universais. Essa motivação semântica reforça a previsibilidade e a clareza interpretativa da construção, contribuindo para sua estabilidade no uso.

O exemplo (14), a seguir, ilustra o funcionamento dessa EI:

14 Eu cheguei a ter fatura de mais de 2.000 reais quando eu ganhava menos de 700. Vivia **de cabeça quente** pois apesar de estar naquela confusão financeira, sempre tive o maior zelo pelo meu nome limpo e tenho até hoje. (G-BR-dinheirama.com)

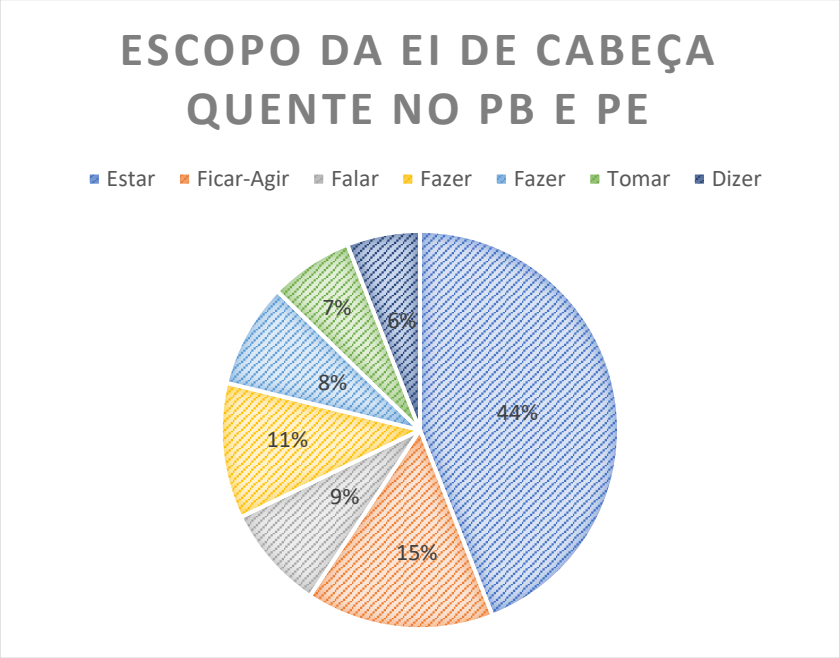
No exemplo (14), a expressão *de cabeça quente* é empregada em seu valor idiomático convencional, indicando um estado de irritação e agitação emocional do indivíduo, decorrente da vida corrida e da pressão financeira vivenciada pelo enunciador. A construção apresenta um grau considerável de composicionalidade, uma vez que o sentido metafórico deriva de forma direta da combinação entre *cabeça*, associada ao *locus* das emoções e do pensamento, e *quente*, que remete ao calor corporal ligado à tensão e à impulsividade. Em termos morfossintáticos, trata-se de uma microconstrução relativamente rígida: a expressão até admite flexão de número (*cabeças quentes*), mas o sentido metafórico é de alguma forma abrandado.

No PB, a expressão ocorre majoritariamente associada ao verbo *estar* (42 ocorrências), evidenciando seu uso mais frequente como descrição de um estado emocional

momentâneo (*estar de cabeça quente*), isto é, uma condição transitória de irritação ou tensão. Em seguida, aparecem os verbos *ficar* (13 ocorrências) e *falar* (10 ocorrências), que reforçam a ideia de mudança de estado (*ficar de cabeça quente*) e de ação impulsiva desencadeada pela emoção (*falar de cabeça quente*). Também se registram, em menor número, verbos de ação como *agir* ou *tomar* (8 ocorrências), indicando comportamentos realizados sob forte carga emocional (*agir de cabeça quente*, *tomar decisões de cabeça quente*).

Já no PE, embora *estar* (10 ocorrências) também seja relevante, observa-se maior equilíbrio entre verbos que expressam ação, como *agir* (10 ocorrências), *fazer* (10 ocorrências) e *dizer* (sete ocorrências). Essa distribuição sugere que, no PE, a expressão é mais frequentemente mobilizada para comentar atitudes ou iniciativas tomadas sob impulso, enquanto no PB prevalece a ênfase na caracterização de um estado emocional.

Gráfico 1 – Escopo da EI *de cabeça quente* por variedade do português



Fonte: Elaboração própria (2025).

A Tabela 14 apresenta a frequência de uso da EI nessas duas variedades do português:

Tabela 14 – Frequências de uso da EI *de cabeça quente* por variedade do português

Construção	*F. absoluta (PB)*	*F. relativa (PB)*	*F. absoluta (PE)*	*F. relativa (PE)*
De cabeça quente	**141**	0,215	**78**	0,238
Total	**141**	**0,215**	**78**	**0,238**

Fonte: Elaboração própria (2025).

A Tabela mostra, de acordo com os achados do *corpus*, que a EI *de cabeça quente* apresenta frequências relativas muito próximas nas duas variedades, o que sugere não apenas uma circulação equivalente nos dois países, mas também uma estabilidade pragmático-discursiva compartilhada entre PB e PE. Isso significa que em vez de os percentuais refletirem preferências culturais distintas, a distribuição indica que a expressão se ancora em um padrão cognitivo comum, a saber: a metáfora corporificada que associa calor na cabeça a estados de irritação ou perturbação emocional.

- De queixo caído / de boca aberta

Usadas para descrever um estado de grande surpresa ou admiração diante de algo impressionante ou inesperado, as EIs *de queixo caído* e *de boca aberta* metaforizam o impacto emocional que se manifesta no rosto de uma pessoa diante de uma situação inusitada. A imagem do queixo caído evoca uma reação involuntária, em que a boca se abre e o queixo "desce" como reflexo do espanto, enquanto *de boca aberta* reforça a mesma ideia de surpresa extrema, destacando a abertura da boca como sinal evidente de fascinação. Ambas remetem, assim, a um deslumbramento tão intenso que parece desencadear uma reação corporal involuntária, como se o impacto da experiência transbordasse para o domínio físico.

Essas expressões estão baseadas na metáfora conceitual EMOÇÃO / SENSAÇÃO INTENSA É MOVIMENTO CORPORAL (Lakoff e Johnson, 1980), segundo a qual estados emocionais fortes, como espanto, admiração ou incredulidade, manifestam-se fisicamente. Nesse caso, o queixo caído e a boca aberta representam reações corporais involuntárias diante de um estímulo inesperado: a surpresa é tão intensa que "derruba" o queixo e escancara a boca, evidenciando a força da experiência vivida, a perda momentânea de controle e o impacto emocional provocado pelo evento. Nos exemplos a seguir, essa dinâmica se confirma:

15 Confesso que o nome Ted Haggard me era familiar, mas eu não sabia nada da história desse pastor. [...] Até o dia em que veio a público a notícia explosiva: Pr. Haggard, um homem casado e pai de dois filhos adolescentes, teve um encontro homossexual com um garoto de programa, que, para piorar, lhe vendeu drogas. O que me deixou **de queixo caído** foi o que fizeram com ele. O homem foi excomungado (expulso) da igreja que fundou e os demais líderes da igreja simplesmente o proibiram de continuar vivendo no estado do Colorado. (4 G BR apenas1.wordpress.com)

16 O guia (que mais tarde, quando comecei a interessar-me pela história do Clube soube ser Álvaro Curado) talvez vendo-me tão atrapalhado (certamente, **de boca aberta** e olhos arregalados de espanto) para "complicar a minha vida" disse-me (cito de memória): "Veja como o apego dos sócios ao clube e o empenho dos atletas têm conseguido trazer tamanha glória. Estão aqui as nossas relíquias." (78 G PT oindefectivel.blogspot.com)

A expressão *de queixo caído*, em (15), reforça o estado de choque do falante, que não se surpreende tanto com o comportamento do pastor, mas sim com a reação extrema da igreja, cuja decisão de expulsá-lo e bani-lo do estado do Colorado provoca um espanto tão grande materializando no corpo a incredulidade diante da situação. De modo semelhante, no exemplo (16), a expressão *de boca aberta* é empregada para salientar o assombro do narrador diante das relíquias apresentadas, evidenciando um espanto genuíno que se projeta fisicamente na abertura involuntária da boca e no olhar arregalado, sinais visíveis de admiração e surpresa intensa.

Ambas as EIs apresentam esquematicidade totalmente fechada, configurando-se como construções de natureza substantiva em que todos os elementos são fixos e não há *slots* a serem preenchidos. Isso significa que a estrutura não admite a substituição de seus constituintes, de modo que alternativas como **de queixo solto*, **de maxilar caído* ou **de garganta aberta* soam artificiais e não reproduzem o mesmo valor idiomático. A inserção de modificadores internos não é possível na construção *de queixo caído*, mas pode ocorrer na construção *de boca aberta*, como em *de boca completamente/totalmente aberta*. Entretanto, a presença de modificadores no interior dessa construção parece violar seu caráter idiomático.

Quanto à composicionalidade, a expressão apresenta composicionalidade parcial, pois o sentido global de "ficar profundamente surpreso ou admirado" não é obtido pela simples soma dos significados literais de *queixo* e *caído*. O significado emerge de uma metáfora corporal que projeta uma reação física de espanto para o domínio emocional. Já a transparência semântica é alta, uma vez que a imagem de um queixo que "cai" diante da surpresa é facilmente visualizada e interpretada, permitindo que o falante reconheça com clareza o valor figurado da expressão, sustentado pela experiência corporal compartilhada e pelo uso convencionalizado na língua.

Apesar de a forma singular *de queixo caído* e *de boca aberta* ser claramente a mais produtiva e rotinizada no português, a construção admite a flexão de plural, como em *ficaram de queixos caídos* e *algo digno de bocas abertas*, no entanto, essa variação é bem menos frequente e não atinge o mesmo grau de cristalização do singular, funcionando mais como uma adaptação morfológica ao contexto do que como uma forma estabelecida na língua.

A Tabela 15 mostra que a EI *de queixo caído* é mais produtiva no PB, com 346 ocorrências no total (0,523), contra 114 ocorrências (0,348) no PE:

Tabela 15 – Frequências de uso da EI *de queixo caído* por variedade do português

Construção	*F. absoluta (PB)*	*F. relativa (PB)*	*F. absoluta (PE)*	*F. relativa (PE)*
De queixo caído	**337**	0,513	**109**	0,333
De queixos caídos	7	0,010	5	0,015
Total	**346**	**0,523**	**114**	**0,348**

Fonte: Elaboração própria (2025).

Os dados da Tabela 16 mostram que a EI *de boca aberta* é mais frequente no PE do que no PB, tanto em termos absolutos quanto relativos. Vejamos:

Tabela 16 – Frequências de uso da EI *de boca aberta* por variedade do português

Construção	*F. absoluta (PB)*	*F. relativa (PB)*	*F. absoluta (PE)*	*F. relativa (PE)*
De boca aberta	**533**	0,812	**659**	2,017
De bocas abertas	5	0,007	2	0,006
De boca [X] aberta	2	0,003	3	0,009
Total	**540**	**0,822**	**664**	**2,032**

Fonte: Elaboração própria (2025).

No PE, a expressão *de boca aberta* apresenta 664 ocorrências (2,032), superando a frequência observada no PB que é de 540 ocorrências (0,822), o que indica uma maior vitalidade e funcionalidade discursiva na variedade europeia. A rigidez morfossintática da EI revela que a microconstrução é altamente cristalizada e pouco suscetível à flexão de número. A diferença quantitativa entre PB e PE, por sua vez, pode estar associada a preferências estilísticas e pragmático-discursivas próprias do PE, em que a expressão parece funcionar como recurso frequente para marcar surpresa, espanto ou maravilhamento em gêneros de grande circulação, especialmente em textos de caráter coloquial e opinativo, como blogues.

Tal contraste sugere não apenas uma variação lexical, mas também uma diferença imagética sutil: no Brasil, a surpresa pode estar igualmente associada ao "queixo que cai" ou à "boca que se abre", o que indica certa competição entre as duas microconstruções (Rosa e Oliveira, 2020). Já em Portugal, a abertura da boca constitui o símbolo preferencial e mais cristalizado da reação de surpresa, confirmando o papel do léxico como o conjunto de conhecimentos que uma comunidade linguística mobiliza para representar e interpretar o mundo por meio das palavras (Fernandes, Gomes e Costa, 2014, p. 1160).

Quadro 5 – Comparação da forma lexical da EI no PB e no PE

PB	**PE**
De queixo caído De boca aberta	De boca aberta

Fonte: Elaboração própria (2025).

- <u>De mão cheia</u>

Para expressar a ideia de plenitude, abundância ou domínio de uma habilidade, o falante pode recorrer à EI *de mão cheia*, que é usada para qualificar alguém como altamente competente, habilidoso ou talentoso em determinada atividade. Ao dizer *um cozinheiro de mão cheia* ou *um artista de mão cheia*, enfatiza-se não apenas a proficiência, mas a maestria, como se a pessoa tivesse "as mãos cheias" de talento. No exemplo (17), a expressão destaca a habilidade excepcional da mãe da Lúcia na costura, contrastando seu domínio técnico com a atuação amadora do enunciador e evidenciando sua destreza e perfeição no ofício

17 Eu fiz o vestido da Clá... deu um trabalhão, mas amei o resultado, pois não sou costureira, fiz do meu jeito, sem molde, sem técnica. O vestido do Lucas e o da Lúcia, sua namorada, foi feito pela mãe dela, que é uma costureira **<u>de mão cheia</u>**! (12 B BR artesremor.blogspot.com)

A metáfora conceptual subjacente a essa construção pode ser descrita como MAIS É PARA CIMA (Lakoff e Johnson, 1980) que, segundo a Teoria da Metáfora Conceptual, associa quantidades maiores a posições mais elevadas ou a estados de preenchimento. Nesse caso, a ideia de "cheio" remete não apenas à abundância, mas também a algo acumulado ou elevado, em contraste com o vazio (que implicaria falta ou insuficiência). Assim, uma *mão cheia* é interpretada como uma mão repleta de recursos, talento ou competência, indicando um nível máximo ou superior da qualidade mencionada.

A EI em questão é totalmente fechada, não permitindo a substituição de nenhum elemento da estrutura por outros elementos. Não é possível, por exemplo, substituir *mão* por outro substantivo, como **de braço cheio* ou **de punho cheio* ou, ainda, alterar o adjetivo, como, por exemplo, **de mão repleta*, pois tais modificações soam estranhas e não reproduzem o mesmo valor idiomático. Trata-se, portanto, de uma unidade lexicalizada, cuja forma é tão importante quanto o sentido, funcionando como um bloco único de significado.

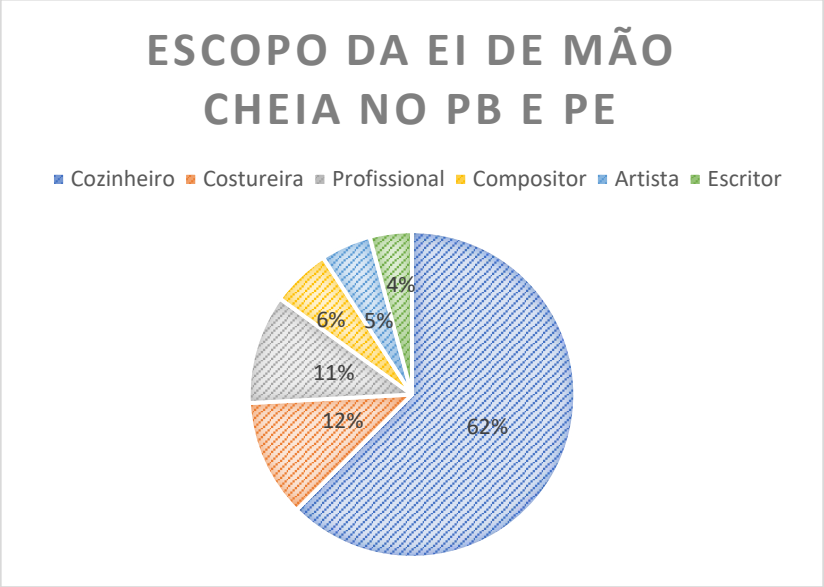
No que diz respeito à composicionalidade, pode-se dizer que a expressão é parcialmente composicional: os significados literais de *mão* e *cheia* contribuem em certa medida para a interpretação global, já que uma "mão cheia" evoca a ideia de algo repleto ou abundante. Todavia, o sentido idiomático de alguém que possui grande habilidade, talento ou competência não é apenas a soma direta dessas partes, pois envolve uma metáfora que projeta a plenitude física (uma mão cheia de objetos) para a plenitude de qualidades ou capacidades.

A construção admite ocasionalmente a flexão de plural (*de mãos cheias*), mas o significado parece sofrer alteração, distanciando-se do seu sentido figurado. Em termos de

modificação, nota-se que a construção permite alguma maleabilidade, como em: *uma cozinheira suuuuper de mão cheia*, em que o advérbio *suuuuper* atua como intensificador externo, reforçando o grau de habilidade, mas sem alterar a integridade da expressão cristalizada.

O Gráfico 2 mostra a relação de escopo dessa expressão no português:

Gráfico 2 – Escopo da EI *de mão cheia* por variedade do português



Fonte: Elaboração própria (2025).

No Gráfico 2, verifica-se que, no PB, a EI escopa majoritariamente profissões ou papéis que envolvem habilidade prática ou técnica, com predomínio de *cozinheiro* (48 ocorrências), seguido de *costureira* (14), *profissional* (10) e *compositor* (7). Essa distribuição evidencia que a expressão está fortemente associada à competência e ao domínio de uma atividade específica, ressaltando a maestria e o talento de quem executa a tarefa. No PE, observa-se padrão semelhante, embora com frequência menor: *cozinheiro* lidera novamente (27 ocorrências), seguido de *artista* (6), *escritor* (5) e *profissional* (3). Aqui, a expressão também reforça a ideia de excelência em determinado campo, mas apresenta maior variedade de atividades intelectuais e artísticas em comparação com o PB. Em ambas as variedades, a construção destaca indivíduos cujas habilidades são reconhecidas e apreciadas, sendo usada como recurso linguístico para valorizar competência, talento ou execução notável de uma atividade.

A Tabela 17 apresenta a frequência de uso da expressão na comunidade linguística. Há um uso significativamente maior no PB do que no PE, sendo 247 ocorrências no PB (0,376) em comparação a 116 ocorrências no PE (0,355). Esses dados confirmam que a expressão funciona como uma unidade léxica fixa, amplamente cristalizada no singular:

Tabela 17 – Frequências de uso da EI *de mão cheia* por variedade do português

Construção	*F. absoluta (PB)*	*F. relativa (PB)*	*F. absoluta (PE)*	*F. relativa (PE)*
De mão cheia	**247**	0,376	**116**	0,355
De mãos cheias	3	0,004	0	0,00
Total	**250**	**0,380**	**116**	**0,355**

Fonte: Elaboração própria (2025).

- De saco cheio

A EI *de saco cheio* é empregada para expressar cansaço, saturação física/mental ou irritação intensa diante de uma situação ou pessoa. A metáfora subjacente projeta o estado emocional como um saco que se enche até o limite: quando não há mais espaço, surge a sensação de esgotamento ou explosão iminente, simbolizando a perda de tolerância.

No entanto, não é possível determinar com precisão se a referência ao *saco* diz respeito a um recipiente genérico ou se remete ao saco escrotal masculino, como sugerem algumas interpretações populares e reforçado pelo exemplo (18). Nesse caso, o *saco cheio* poderia associar-se à ideia de retenção física e necessidade de esvaziamento, o que realça, por meio de um traço corporal, a noção de acúmulo e desconforto. Essa ambiguidade entre um recipiente qualquer e o órgão sexual amplia a força expressiva da construção, que veicula a experiência de saturação ou exasperação, independentemente da origem literal da imagem.

18 Pessoal, segue apenas uma amostragem do que tenho comido. De uma forma geral, confesso que estou menos nutritiva e profundamente **de saco cheio** de carne... o que as vezes me faz preferir não jantar. O que é prejudicial e compromete o emagrecimento segundo minha nutri. (3 G BR afimdeviver.blogspot.com)

19 E olha q sou magrinha. não tem muito a ver com o corpo e sim com a mente deles. ele hoje reclamou que estava **de saco cheio**, pois não esvaziou a semana toda. e eu disse "eu também estou sentindo falta, cheguei a sonhar esta noite, fiquei também a semana toda sem fazer " (696 B BR psicologiaracional.com.br)

No exemplo (18), a expressão é usada para indicar saturação em relação ao consumo de carne, apontando para um limite emocional ou físico diante da repetição do alimento. Já em

(19), o enunciado explora de maneira mais explícita a possível conotação sexual, aproximando o *saco cheio* da ideia de retenção física ligada ao saco escrotal, sem abandonar o valor metafórico de incômodo ou tensão acumulada. Em ambos os casos, a experiência concreta de um recipiente cheio é projetada para o domínio psicológico ou corporal de limite.

Nesse contexto, a expressão pode ser compreendida a partir da metáfora conceptual MENTE É UM RECIPIENTE (Lakoff e Johnson, 1980; Lakoff, 1986), na qual o corpo ou a mente do sujeito é imaginado como um recipiente que pode se encher até atingir seu limite. O *saco*, seja ele interpretado como um objeto imaginário ou uma referência corporal, simboliza esse recipiente. Quando cheio, indica saturação total, refletindo frustração, irritação ou exaustão emocional. Essa leitura amplia a compreensão da expressão além do literal, conectando o esgotamento emocional à ideia concreta de um recipiente saturado.

A EI em questão é de natureza substantiva, ou seja, a sua composição estrutural é fixa. Por esse motivo, a construção não admite substituição ou inserção de novos constituintes em seu interior, preservando sempre a sequência cristalizada. A única possibilidade de modificação ocorre na periferia da construção, com a inserção de advérbios ou intensificadores externos, como em *meio de saco cheio* ou *tão de saco cheio*, que atuam apenas para graduar a intensidade do estado descrito, sem afetar a forma nuclear da expressão. A flexão no plural, embora atestada, é extremamente rara, havendo apenas um registro (*de sacos cheios*), o que reforça o caráter pouco produtivo e altamente cristalizado dessa locução no português.

Quanto à composicionalidade, a EI *de saco cheio* pode ser classificada como parcialmente composicional, no sentido de que o significado literal dos termos que compõem a construção ajuda a interpretar o significado idiomático de saturação ou irritação. Em outras palavras, o falante consegue inferir mais facilmente o sentido figurado a partir da metáfora corporal subjacente: um recipiente que atinge o limite de capacidade simboliza o esgotamento emocional. Essa motivação metafórica clara explica tanto a força expressiva da construção quanto sua ampla inteligibilidade e produtividade no uso cotidiano.

A Tabela 18 aponta a análise da frequência da microconstrução *de saco cheio*, a qual revela uma distribuição marcadamente assimétrica entre o PB e o PE:

Tabela 18 – Frequências de uso da EI *de saco cheio* por variedade do português

Construção	*F. absoluta (PB)*	*F. relativa (PB)*	*F. absoluta (PE)*	*F. relativa (PE)*
De saco(s) cheio(s)	**1053**	1,605	**43**	0,131
Total	**1053**	**1,605**	**43**	**0,131**

Fonte: Elaboração própria (2025).

No PB, a EI *de saco cheio* ocorre 1.053 vezes, ao passo que no PE ela aparece em 43 registros, revelando uma produtividade muito maior na variedade brasileira. No Brasil, essa EI se tornou um recurso expressivo amplamente rotinizado para marcar irritação, cansaço ou saturação. Já no PE, sua circulação é bem mais limitada, sugerindo que, embora seja compreensível, a construção é vista como estigmatizada, sendo frequentemente substituída por idiomatismos locais como *estar com os azeites* ou *estar farto*.

- Conclusões parciais sobre o subesquema intensificador

As construções instanciadas pelo padrão [PREP $N_{\text{parte do corpo}}$ MOD] revelam uma configuração estrutural recorrente no português, marcada por relativa rigidez formal e forte cristalização idiomática, como é possível observar no Quadro 6 de sistematização a seguir.

Quadro 6 – Sistematização do padrão construcional [PREP N MOD]

Construção	Esquematicidade	Composicionalidade	Flexão tempo, modo e pessoa	Flexão número	Elemento modificador	Substituição de elemento
De cabeça quente	Fechada	Alta	Não	Não	Não	Não
De queixo caído	Fechada	Parcial	Não	Sim	Não	Não
De boca aberta	Fechada	Parcial	Não	Sim	Não	Não
De mão cheia	Fechada	Parcial	Não	Sim	Não	Não
De saco cheio	Fechada	Parcial	Não	Sim	Não	Não
De cabelo em pé	Parcial	Parcial	Não	Sim	Não	Não
De olhos fechados	Parcial	Parcial	Não	Sim	Não	Sim
A olhos vistos	Fechada	Parcial	Não	Não	Não	Não

Fonte: Elaboração própria (2025).

A análise das EIs que são instanciadas pelo padrão construcional [PREP N MOD] revela um conjunto altamente cristalizado de microconstruções, marcado por elevado grau de fixidez formal e média produtividade. Em praticamente todas elas, observa-se esquematicidade fechada, com estrutura rígida que não admite substituição de elementos, reforçando seu caráter idiomático. A composicionalidade, em geral parcial, mostra que, embora alguns traços do sentido literal sejam reconhecíveis (como boca, cabeça, mão, saco), o valor figurado decorre de processos metafóricos convencionais que ultrapassam a mera soma dos constituintes. A flexão de número – presente apenas quando é semanticamente plausível – evidencia a dependência

dessas unidades à sua motivação corporal e imagética. A impossibilidade de inclusão de modificadores na maior parte dos casos e a baixa propensão a substituições lexicais reforçam o caráter lexicalizado e o grau elevado de convencionalidade do padrão. No conjunto, as EIs analisadas demonstram como o subesquema [PREP N MOD] opera como um domínio de forte cristalização idiomática, em que a motivação metafórica e a rigidez estrutural atuam conjuntamente para estabilizar formas e sentidos no uso efetivo do PB e do PE.

A análise da frequência de uso das microconstruções instanciadas pelo padrão construcional [PREP N MOD] permite observar tanto convergências quanto divergências relevantes no PB e no PE. De modo geral, as duas variedades apresentam distribuição semelhante em termos de produtividade global: no PB foram identificadas 3.242 ocorrências (4,933) e no PE, 1.709 registros (5,226), o que evidencia que o padrão é altamente produtivo em ambas as variedades, com presença equilibrada no conjunto dos dados.

Vejamos a Tabela 19:

Tabela 19 – Frequências de uso do subesquema intensificador [PREP $N_{\text{parte do corpo}}$ MOD] por variedade do português

Construção	*F. absoluta (PB)*	*F. relativa (PB)*	*F. absoluta (PE)*	*F. relativa (PE)*
De cabeça quente	141	0,215	78	0,238
De queixo caído	346	0,523	114	0,348
De boca aberta	540	0,822	664	2,032
De mão cheia	250	0,380	116	0,355
De saco cheio	1053	1,605	43	0,131
De cabelo em pé	314	0,477	63	0,191
De olhos fechados	293	0,446	151	0,462
A olhos vistos	305	0,465	480	1.469
Total	**3.242**	**4,933**	**1.709**	**5,226**

Fonte: Elaboração própria (2025).

A comparação das frequências de uso das diferentes EIs identificadas no PB e no PE mostra que o subesquema [PREP $N_{\text{parte do corpo}}$ MOD] apresenta um comportamento assimétrico entre as variedades, combinando tendências compartilhadas e preferências específicas. Algumas microconstruções são claramente mais produtivas no PB, como *de saco cheio*, amplamente rotinizada como EI de saturação, enquanto outras mostram maior força no PE, como *de boca aberta* e *a olhos vistos*, que se destacam como unidades expressivas frequentes na escrita europeia. Já construções como *de olhos fechados* mantêm distribuição relativamente equilibrada, indicando estabilidade nas duas variedades do português. Essas diferenças revelam que, embora o subesquema seja compartilhado pelas duas comunidades, cada variedade mobiliza determinados idiomatismos com intensidade distinta, refletindo

preferências discursivas, motivações culturais e padrões estilísticos específicos de cada contexto linguístico.

7.1.7 Subesquema [PREP DET $N_{\text{parte do corpo}}$ MOD]

O padrão construcional [PREP DET $N_{\text{parte do corpo}}$ MOD] instancia EIs que combinam preposição, determinante, substantivo e modificador, funcionando como unidades consolidadas de sentido no português. Entre as EIs instanciadas por esse subesquema construcional destacam-se *por uma unha negra*, que significa *por muito pouco* ou *por um triz*; *com a língua de fora*, utilizada para denotar cansaço extremo ou esforço excessivo; e *com os nervos à flor da pele*, que traduz sensibilidade emocional exacerbada ou irritação.

- Por uma unha negra

Conforme *Dicionário Priberam*, a EI *por uma unha negra*, usada sobretudo em Portugal, significa que algo ocorreu ou não ocorreu por muito pouco ou por um triz, ou seja, é uma expressão que serve para indicar que algo foi obtido com muito esforço ou que foi evitado por uma fração de tempo. A metáfora subjacente remete a uma margem mínima – representada pela "unha negra" – como medida do limite exato entre o êxito e o fracasso. A escolha da cor negra não é aleatória: culturalmente, a unha enegrecida evoca uma pequena lesão, uma mancha visível e reduzida que marca uma diferença mínima, quase imperceptível, mas ainda assim existente entre o normal e o desvio.

Esse valor aparece no exemplo (20), em que a expressão reforça a iminência de um colapso, indicando que falta apenas um detalhe mínimo para que o resultado negativo se concretize. Trata-se, portanto, de um recurso metafórico próprio do PE, já que, no PB, não se registra o uso dessa expressão, sendo substituída por equivalentes como *por um fio* ou *por um triz*.

20 Estamos **a uma unha negra** de ver o ensino público a ir por água abaixo. (8 G PT antero.wordpress.com (3))

Do ponto de vista cognitivo, a expressão se assenta na metáfora conceptual PEQUENO ESPAÇO É PEQUENA MARGEM (Lakoff e Johnson, 1980), na qual a distância mínima ou o espaço reduzido funciona como imagem da diferença quase inexistente entre dois

resultados opostos. Sendo assim, a "unha negra" simboliza a unidade mínima de medida, funcionando como marcador da fronteira entre o sucesso e o fracasso. O corpo humano, neste caso a *unha*, serve como domínio-fonte concreto, observável, que permite conceptualizar uma situação abstrata: a proximidade extrema de um desfecho indesejado. O adjetivo *negra* intensifica a metáfora, pois remete a uma marca evidente e significativa, reforçando a noção de limite preciso e estreito. Dessa forma, a expressão ilustra um processo recorrente da linguagem: o uso de elementos corporais e imagéticos para dar forma a conceitos abstratos, aqui vinculados à intensificação da pequenez como representação do risco iminente ou de quase-fracasso.

A EI tem baixa composicionalidade, uma vez que seu sentido figurado da construção não pode ser depreendido da soma do significado dos constituintes. Isso acontece porque a relação entre "unha negra" e a ideia de uma margem mínima resulta de um processo metafórico culturalmente convencionado, exigindo do falante o conhecimento prévio da EI para que seja corretamente interpretada. Assim, a construção se distancia da transparência semântica, pois seu significado idiomático não é imediatamente acessível a partir do sentido literal das palavras.

Do ponto de vista da esquematicidade, trata-se de uma construção fechada, sem posições abertas para serem preenchidas. Não há possibilidade de substituição de termos por equivalentes, como **unha azul* ou **dedo negro*, nem de inserção de modificadores, além de inexistir flexão no plural. Essa rigidez formal reforça seu caráter cristalizado e convencionalizado, assegurando estabilidade estrutural e seu reconhecimento imediato.

A análise da frequência confirma o estatuto da EI como uma particularidade do PE:

Tabela 20 – Frequências de uso da EI *por uma unha negra* por variedade do português

Construção	*F. absoluta (PB)*	*F. relativa (PB)*	*F. absoluta (PE)*	*F. relativa (PE)*
Por uma unha negra	1	0,001	77	0,235
Total	**1**	**0,001**	**77**	**0,235**

Fonte: Elaboração própria (2025).

No PB, a ocorrência é quase nula, com apenas um registro (0,001), indicando que a construção não se encontra convencionalizada, sendo substituída por expressões equivalentes, (*por um fio*, *por um triz*). No PE, ao contrário, seu uso é amplamente atestado, com 77 ocorrências (0,235), o que evidencia sua produtividade e difusão no léxico metafórico do cotidiano. A estabilidade formal da construção contribui para sua fixação e circulação, consolidando-a como uma EI típica do PE e praticamente ausente no PB.

Essa diferença pode ser explicada, em parte, a partir das observações de Biderman (1996, p. 41), que identifica dois fatores principais: em primeiro lugar, os significantes utilizados no Brasil diferem dos de Portugal, ou seja, usa-se termos distintos; em segundo, certos signos totais não são usados no Brasil, ou são raros, em virtude das peculiaridades do universo físico e cultural português em contraste com o brasileiro.

Quadro 7 – Comparação da forma lexical da EI no PB e no PE

PB	PE
x	Por uma unha negra

Fonte: Elaboração própria (2025).

- Conclusões parciais sobre o subesquema intensificador

Podemos concluir, conforme análise anterior e o Quadro 8, que o padrão construcional [PREP DET $N_{\text{parte do corpo}}$ MOD] abriga EIs que oscilam entre diferentes graus de esquematicidade e transparência semântica, variando em seu potencial de flexão e de substituição de elementos. Observa-se que, embora algumas construções apresentem maior flexibilidade, como *com a língua de fora / com os bofes de fora*, que admitem a substituição do núcleo nominal por outro elemento, outras apresentam uma estrutura praticamente cristalizada na língua, como *por uma unha negra* e *com os nervos à flor da pele*.

Essa variação mostra que o padrão construcional apresenta heterogeneidade interna quanto à composicionalidade e à esquematicidade, conforme aponta o Quadro 8.

Quadro 8 – Sistematização do subesquema intensificador [PREP DET $N_{\text{parte do corpo}}$ MOD]

Construção	Esquematicidade	Composicionalidade	Flexão tempo, modo e pessoa	Flexão número	Elemento modificador	Substituição de elemento
Por uma unha negra	Fechada	Baixa	Não	Não	Não	Não
Com a língua de fora	Parcial	Parcial	Não	Não	Não	Não
Com os nervos à flor da pele	Parcial	Baixa	Não	Não	Não	Não

Fonte: Elaboração própria (2025).

O Quadro 8 mostra que as microconstruções *por uma unha negra* e *com os nervos à flor da pele* compartilham um elevado grau de fixidez estrutural, mas diferem quanto ao tipo

de motivação imagética e à metáfora que as sustenta. A EI *por uma unha negra* é a mais rígida e opaca, funcionando como uma unidade idiomática praticamente não composicional; já *com a língua de fora* é parcialmente aberta, permitindo reconhecer traços da cena corporal que fundamenta o sentido figurado de canseira. Nas outras duas construções, a ausência de flexão, modificadores internos e substituição reforça seu caráter altamente cristalizado, preservando padrões formais estáveis e a convencionalidade do significado. Em conjunto, essas expressões ilustram como o subesquema articula diferentes graus de motivação semântica e de fixidez interna, ao mesmo tempo em que mantém uma configuração estrutural rigidamente idiomática.

A análise da frequência das EIs instanciadas pelo subesquema [PREP DET $N_{\text{parte do corpo}}$ MOD] mostra que elas se comportam de forma distinta no PB e no PE:

Tabela 21 – Frequências de uso do padrão construcional [PREP DET $N_{\text{parte do corpo}}$ MOD] por variedade do português

Construção	*F. absoluta (PB)*	*F. relativa (PB)*	*F. absoluta (PE)*	*F. relativa (PE)*
Por uma unha negra	1	0,001	77	0,235
Com a língua de fora	27	0,041	34	0,104
Com os nervos à flor da pele	135	0,205	102	0,312
Total	**163**	**0,247**	**213**	**0,651**

Fonte: Elaboração própria (2025).

Em termos de semelhanças, as variedades apresentam predomínio de uso em contextos de escrita opinativa e informal. Entre as diferenças, nota-se que algumas expressões típicas do PE praticamente não aparecem no PB, enquanto EIs mais frequentes no PB têm menor ocorrência no PE. Esses contrastes revelam que a produtividade, cristalização e circulação das EIs dependem fortemente do contexto cultural em que são usadas.

7.1.8 Subesquema [PREP V DET $N_{\text{parte do corpo}}$]

- <u>De cortar/partir/quebrar o coração / De cortar/partir a alma</u>

As expressões *de cortar/partir/quebrar o coração* e *de cortar/partir a alma* compartilham o mesmo padrão construcional [(de) V DET $N_{\text{parte do corpo}}$] e evocam situações de profunda tristeza ou comoção, associadas a uma dor emocional intensa. Nelas, os verbos *cortar*, *partir* e *quebrar* intensificam a noção de ruptura ou ferimento interno, projetando metaforicamente a emoção como algo que fere a sensibilidade humana: o coração ou a alma.

Tais expressões traduzem experiências afetivas extremas, marcada por empatia, compaixão e sofrimento, sendo amplamente empregadas para descrever momentos de forte carga dramática, como perdas, despedidas ou injustiças comoventes, conforme ilustram os exemplos a seguir:

21 Ao ouvir Joy Division encontramos tudo, menos saídas para a confusão. Isso já nota-se mesmo antes de qualquer conhecimento sobre a vida do letrista e vocalista, Ian Curtis. Um instinto qualquer mostrou-me isso na primeira vez que ouvi a banda. Havia acabado de acordar, liguei a MTV e uma música **de cortar o coração** me atingiu. (2 G BR acervo.revistabula.com)

22 A C é muito resistente e só chorou mesmo no momento em que se magoou e quando levou as várias picadas para anestesiar o dedo. De resto, nos intervalos... sempre sorridente! Mas nessas alturas só pensava que preferia ser eu a estar ali! É **de partir o coração** ver o nosso filho chorar e não podermos fazer nada. (5 B PT babycarlota.blogspot.com)

As EIs *de cortar o coração* (21) e *de partir o coração* (22) intensificam o sentimento de tristeza e empatia diante de situações emocionalmente dolorosas. No primeiro caso (21), *uma música de cortar o coração* designa uma canção tão comovente que parece "ferir" quem a ouve, mobilizando o verbo *cortar* como metáfora de uma dor súbita e penetrante. Em (22), *é de partir o coração ver o nosso filho chorar* expressa o sofrimento causado pela impotência diante da dor de um ente querido, sendo *partir* associado a uma dor dilacerante e prolongada.

Essas EIs derivam da metafórica conceitual EMOÇÃO INTENSA É DOR FÍSICA (Lakoff e Johnson, 1980), por meio da qual sentimentos intensos de tristeza, compaixão ou sofrimento são compreendidos como ferimentos corporais. O *coração* e a *alma*, concebidos como centros simbólicos das emoções humanas, figuram como recipientes vulneráveis que podem ser cortados, partidos ou quebrados. Essa corporificação da emoção traduz a intensidade do sofrimento em termos físicos e concretos, conferindo expressividade, empatia e impacto emocional às construções idiomáticas, que tornam visível e palpável a experiência da dor.

As expressões analisadas são instanciadas por um subesquema parcialmente esquemático, que apresenta posições abertas, mas preenchíveis por um conjunto restrito de elementos. O *slot* [PREP] é ocupado principalmente pela preposição *de*, havendo raros casos com *a* ou mesmo sua ausência. O *slot* [V] admite os verbos *cortar*, *partir* e *quebrar*, semanticamente associados à ideia de ruptura e dano. Já o *slot* [DET] comporta os artigos definidos *a*, *o* ou *os*; e o *slot* [N] pode ser preenchido pelos substantivos *coração* ou *alma*, que funcionam como alvos metafóricos da dor emocional. Apesar dessa relativa abertura, o padrão não permite substituições fora desse conjunto limitado, nem inserções internas, o que mostra

seu grau de fixidez típico das EIs. A única flexão no plural registrada ocorre em *de quebrar os corações*, reforçando o caráter cristalizado e parcialmente produtivo da construção.

A metáfora conceitual subjacente (que compreende sentimentos de tristeza e sofrimento como ferimentos infligidos a instâncias simbólicas das emoções) é claramente motivada e facilmente apreendida pelo falante, que reconhece intuitivamente a relação entre a dor física e a dor emocional. Assim, o grau de transparência semântica é mediano, já que o vínculo entre os domínios literal e figurado dessas EIs é direto e cognitivamente acessível.

A análise da frequência de uso, na Tabela 22, mostra que as EIs ocorrem em ambas as variedades, mas com maior produtividade no PB, que totaliza 294 ocorrências, frente a 87 ocorrências no PE. Entre as microconstruções, destaca-se no PB a alta frequência de *de cortar o coração* (140 ocorrências) e *de partir o coração* (135), revelando uma preferência por expressões de forte carga afetiva e dramática. No PE, a expressão mais recorrente também é *de partir o coração* (62), seguida por *de cortar o coração* (20), o que indica que ambas as variedades compartilham o mesmo núcleo metafórico, mas graus distintos de produtividade.

Tabela 22 – Frequências de uso do subesquema intensificador [PREP V DET $N_{\text{parte do corpo}}$] por variedade do português

Construção	*F. absoluta (PB)*	*F. relativa (PB)*	*F. absoluta (PE)*	*F. relativa (PE)*
De cortar o coração	**140**	0,213	20	0,061
De partir o coração	**135**	0,205	**62**	0,189
De quebrar o(s) coração(ões)	13	0,019	4	0,012
De cortar a alma	4	0,006	0	0
De partir a alma	2	0,003	1	0,003
Total	**294**	**0,446**	**87**	**0,265**

Fonte: Elaboração própria (2025).

A Tabela 22 mostra que as microconstruções do padrão [PREP V DET $N_{\text{parte do corpo}}$] que expressam forte impacto emocional mantêm distribuição assimétrica entre as variedades: no PB, o conjunto é significativamente mais produtivo, tanto em números absolutos quanto relativos, já no PE seu uso é mais restrito e concentrado em poucas formas. *De cortar o coração* e *de partir o coração* são as expressões mais estabilizadas em ambas as variedades, refletindo sua maior convencionalização. As demais EIs, especialmente as que mobilizam *alma*, apresentam baixa frequência e circulação limitada, sugerindo maior especialização estilística.

Quadro 9 – Comparação da forma lexical da EI no PB e no PE

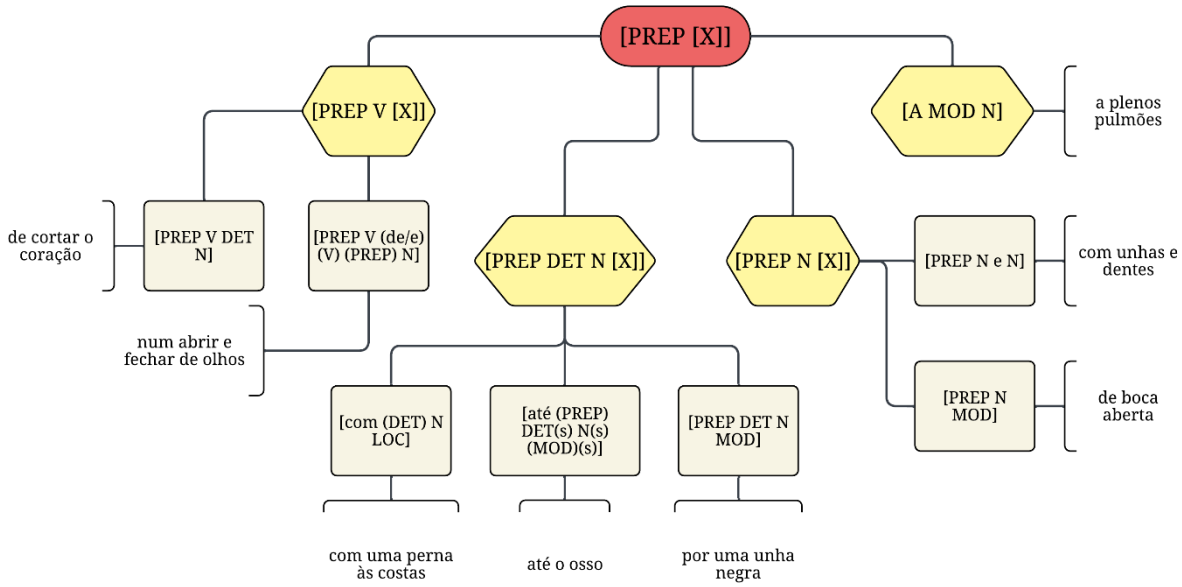
PB	PE
De cortar o coração De partir o coração	De partir o coração

Fonte: Elaboração própria (2025).

7.1.9 Rede construcional do esquema iniciado por PREPOSIÇÃO

A Figura 1, que representa as EIs preposicionais, ilustra a rede construcional organizada a partir do esquema construcional de intensificação [PREP [X]], o qual constitui o nível mais abstrato da hierarquia. Trata-se de um esquema altamente esquemático, que abrange construções introduzidas por preposição e caracterizadas por um *slot* variável, preenchível por constituintes de natureza verbal, nominal, adjetival ou adverbial. Essa configuração abstrata corresponde, no sentido de Goldberg (1995; 2006), a uma unidade simbólica de pareamento entre forma e significado, que emerge do uso e se consolida na língua. Assim, o esquema [PREP [X]] delimita o domínio das construções idiomáticas preposicionais, unificadas formalmente pela presença da preposição e semanticamente pela coerência idiomática da construção.

Figura 1 – Rede construcional do esquema [PREP [X]]



Fonte: Elaboração própria (2025).

A partir desse esquema superordenado, a rede se ramifica em subesquemas mais específicos, que refletem diferentes combinações sintático-semânticas recorrentes: [PREP V

[X]], [PREP DET N [X]], [PREP N [X]] e [PREP MOD N]. Cada um desses subesquemas representa, conforme a noção de herança construcional proposta por Traugott e Trousdale (2021, [2013]), uma instanciação de um padrão mais abstrato, que mantém a estrutura formal e o valor semântico do esquema de origem, mas acrescenta restrições particulares de uso.

O subesquema [PREP V [X]] subdivide-se em dois padrões principais: [PREP V DET $N_{\text{parte do corpo}}$], exemplificado por *de cortar o coração*, e [PREP V (de/e) (V) (PREP) $N_{\text{parte do corpo}}$], ilustrado por *num piscar de olhos*. Esses padrões associam-se a significados de intensificação emocional ou rapidez de eventos, respectivamente, refletindo a natureza não composicional e metafórica das EIs (Fillmore *et al*., 1988). Tal variação formal demonstra, conforme Croft (2001), que as construções linguísticas se organizam em redes radiais de extensões, nas quais novas instâncias emergem por analogia a partir de um protótipo de uso frequente.

O subesquema [PREP DET N [X]], por sua vez, apresenta maior diversidade estrutural, desdobrando-se em três subtipos: [com (DET) $N_{\text{parte do corpo}}$ LOC], como em *com uma perna às costas*; [PREP DET $N_{\text{parte do corpo}}$ MOD], representado por *por uma unha negra*; e [até (PREP) DET(s) $N_{\text{parte do corpo}}$ (s) (MOD)(s)], exemplificado em *até o osso*. Esses padrões estão fortemente associados à expressão de estados físicos ou emocionais, configurando um dos formatos mais produtivos das EIs preposicionais no PB e PE. Tal produtividade, segundo Bybee (2016 [2010]), decorre da repetição frequente de unidades que, ao se associarem no uso, formam uma sequência linguística armazenada e processada de modo integrado na mente dos falantes (*chunk*).

O subesquema [PREP N [X]] engloba dois outros padrões relevantes: [PREP $N_{\text{parte do corpo}}$ MOD] e [PREP $N_{\text{parte do corpo}}$ e $N_{\text{parte do corpo}}$], exemplificados, respectivamente, por *de boca aberta* e *com unhas e dentes*. Em ambos os casos, observam-se significados relacionados a modo de ação, empenho e esforço físico ou emocional, refletindo a natureza corpórea e experiencial das EIs, aspecto amplamente destacado por Langlotz (2006) ao tratar do papel da imaginação e da metáfora conceptual na formação de unidades idiomáticas.

Por fim, o subesquema [a MOD $N_{\text{parte do corpo}}$], de menor produtividade, compreende formas cristalizadas como *a plenos pulmões*, associadas a valores de intensidade e ênfase na execução da ação. Embora menos frequentes, essas construções mantêm-se cognitivamente salientes por seu alto grau de fixação lexical e expressividade, em consonância com o que Bybee (2016 [2010]) descreve como automatização linguística.

A organização hierárquica observada no diagrama evidencia uma gradação de esquematicidade que vai do padrão mais abstrato aos *types* especificados, as microconstruções.

Essa estrutura confirma que as EIs preposicionais constituem unidades simbólicas complexas, nas quais forma e significado se integram de modo convencional e culturalmente motivado (Goldberg, 1995; Croft, 2001). Além disso, o conjunto reforça o caráter sociocognitivo e construcional dessas expressões, já que os diferentes graus de produtividade, fixação e frequência de uso refletem modos culturais e pragmáticos distintos de representar experiências corporais e emocionais no PB e no PE (Bybee, 2016 [2010]; Traugott e Trousdale, 2021 [2013]).

Sob esse viés, a análise quantitativa complementa a descrição estrutural ao evidenciar como tais padrões se manifestam nas duas variedades. De uma maneira geral, observa-se que o PE apresenta menor frequência absoluta (4.665 contra 7.841 no PB), mas maior frequência relativa (14,264 frente a 11,926 no PB), fato que indica que, proporcionalmente, as EIs preposicionadas são mais produtivas no PE. Em outras palavras, as preposições ocupam um papel mais central no repertório construcional do PE, vide Tabela 23.

Tabela 23 – Frequências de uso dos padrões construcionais iniciados por PREPOSIÇÃO por variedade do português

Subesquema construcional	*F. absoluta (PB)*	*F. relativa (PB)*	*F. absoluta (PE)*	*F. relativa (PE)*
[até (PREP) DET(s) N(s) (MOD(s))]	801	1,213	330	1,007
[a MOD N]	270	0,411	213	0,652
[PREP V (de/e) (V) (PREP) N]	952	1,449	526	1,608
[PREP N e N]	1.878	2,861	1.414	4,327
[com (DET) N LOC]	241	0,366	173	0,528
[PREP N MOD]	3.242	4,933	1.709	5.226
[PREP DET N MOD]	163	0,247	213	0,651
[PREP V DET N]	294	0,446	87	0,265
Total	**7.841**	**11,926**	**4.665**	**14,264**

Fonte: Elaboração própria (2025).

Os dados mostram que ambas as variedades privilegiam os mesmos subesquemas mais produtivos, como [PREP $N_{\text{parte do corpo}}$ MOD] (PB: 3.242 ocorrências; 4,933; PE: 1.709 ocorrências; 5,226) e [PREP $N_{\text{parte do corpo}}$ e $N_{\text{parte do corpo}}$] (PB: 1.878 ocorrências; 2,861; PE: 1.414 ocorrências; 4,327), o que indica forte convergência estrutural e a presença de padrões cognitivos compartilhados no domínio preposicional. Apesar disso, o PE apresenta frequências relativas superiores, sugerindo que tais construções têm maior peso proporcional nas situações de uso, integrando-se de forma mais sistemática ao repertório idiomático da variedade.

Essa tendência também se observa em subesquemas como [PREP V (de/e) (V) (PREP) $N_{\text{parte do corpo}}$] (*num piscar de olhos*), [com DET $N_{\text{parte do corpo}}$ MOD] (*por uma unha negra*) e [com (DET) $N_{\text{parte do corpo}}$ LOC] (*com uma perna às costas*), todos mais recorrentes no

PE em termos proporcionais. Já o PB destaca-se pela maior amplitude quantitativa e pela variedade de microconstruções, o que pode refletir um comportamento discursivo mais diversificado e uma maior propensão a usos inovadores ou menos cristalizados. Juntas, essas tendências apontam para dois perfis complementares: o PE, com maior concentração relativa de construções preposicionais estabilizadas; e o PB, com maior expansão e diversidade linguística dentro dos mesmos subesquemas construcionais de intensificação.

Essa análise mostra que a maior parte dos subesquemas preposicionados apresenta composicionalidade parcial (são mais ou menos opacos), traço típico das construções idiomáticas, nas quais a contribuição dos constituintes para o sentido global não é totalmente previsível (Fillmore *et al*., 1988; Goldberg, 1995). Isso significa que, mesmo exibindo certo grau de opacidade semântica, tais construções preservam uma correspondência simbólica estável entre forma e significado, sustentada por processos de convencionalização e rotinização cognitiva ao longo do uso (Langacker, 1987; Croft, 2001), que permitem ao falante, de modo geral, inferir sem muito esforço o significado idiomático da expressão.

7.2 SUBESQUEMAS INTENSIFICADORES INICIADOS POR VERBO[45]

7.2.1 Subesquema [mentir PREP DET $N_{\text{parte do corpo}}$ (V) (MOD)]

- <u>Mentir com quantos dentes tem / mentir com todos os dentes / mentir com os dentes todos / mentir na cara dura</u>

As EIs *mentir com quantos dentes tem*, *mentir com todos os dentes* e *mentir com os dentes todos* designam o ato de mentir descaradamente, sem disfarces ou pudor. Essas EIs associam a boca – órgão responsável pela fala – aos dentes, que, além de desempenharem papel na articulação vocal, também estão ligados ao sorriso – frequentemente relacionado à falsidade. Assim, a menção aos dentes reforça a ideia de que a mentira não é apenas uma ação verbal, mas envolve a pessoa em sua totalidade, como se fosse pronunciada com tudo o que ela possui. Esse

[45] Entre os subesquemas de intensificação iniciados por VERBO, as seguintes EIs não serão analisadas individualmente neste capítulo, sendo examinadas no Apêndice I e apresentadas neste capítulo apenas nos quadros e figuras finais: [V $N_{\text{parte do corpo}}$] (*haja perna/coração/estômago/braço* e *suar sangue*); [V PREP $N_{\text{parte do corpo}}$] (*dar no pé* e *entrar/mergulhar/ir de cabeça*); [V PREP $N_{\text{parte do corpo}}$ $N_{\text{parte do corpo}}$] (*fazer das tripas coração*); [V ADV DET $N_{\text{parte do corpo}}$ MOD] (*conhecer como a palma da mão*); [V mais (do) que DET $N_{\text{parte do corpo}}$] (*falar mais do que a boca*); [V PREP $N_{\text{parte do corpo}}$] (*falar pelos cotovelos*); [V com DET $N_{\text{parte do corpo}}$ MOD LOC] (*nascer com o cu/rabo virado para a lua/sol*).

recurso imagético, que exagera a representação, intensifica o julgamento moral negativo atribuído ao ato de mentir, destacando sua falta de honestidade e o caráter deslavado da ação.

Observa-se, portanto, que as três EIs podem assumir diferentes configurações formais sem perder seu valor intensificador central, isto é, o de denunciar uma mentira descarada. As variações exploram tanto recursos de quantificação quanto de ordem sintática para acentuar a acusação de falsidade, modulando o efeito expressivo conforme o contexto e a variedade linguística.

23 Toda a gente mente! Uns mentem melhor, outros mentem pior. Quando alguém diz que não sabe mentir, está a **mentir com quantos dentes tem na boca** e com os da prótese que um dia venha a ter. (9 B PT factosdetreino.wordpress.com)

24 E às vezes **mentem** descaradamente e **com todos os dentes**, como se nós fossemos estúpidos. (59 G PT renatoroque.com)

25 Passos teve o benefício da dúvida. **Mentiu com os dentes todos** mas ninguém sabia. (2 B PT albarcuel.blogspot.com)

Em (23), a EI *mentir com quantos dentes tem na boca e com os da prótese que um dia venha a ter* assume caráter hiperbólico, ampliando a noção de totalidade para além do presente e produzindo efeito humorístico ao incluir até dentes que ainda não existem. Já em (24), a forma prototípica *mentir com todos os dentes* reforça diretamente a ideia de completude e descaramento, funcionando como julgamento moral explícito da falsidade. Por sua vez, em (25), a construção *mentir com os dentes todos* representa uma variação típica do PE, que, apesar da mudança na ordem dos constituintes, preserva o valor semântico de intensificação da mentira.

Por outro lado, a EI *mentir na cara dura*, que é usada para caracterizar o ato de mentir de forma descarada, sem vergonha ou disfarce, tem como objetivo indicar a total falta de constrangimento diante da falsidade. A construção associa a ideia de *cara dura*, isto é, de alguém insensível, que não demonstra emoção ou arrependimento, à ação de mentir, produzindo uma imagem de frieza e audácia moral. Assim, o rosto, normalmente associado à expressão das emoções e à transparência do caráter, é metaforicamente representado como algo rígido, impermeável à vergonha ou à culpa. O uso da expressão, portanto, intensifica o julgamento negativo sobre o ato de mentir, reforçando a ideia de falsidade consciente e deliberada.

26 Oi Nina. Quando eu trabalhei como assistente social lá na terra onde Judas perdeu as botas vi muito agricultor sair bravo da sala da assistente social porque ele não se encaixava no Bolsa Família. Também tinha gente que chegava e **mentia na cara dura**. Cidade pequena, todo mundo conhece todo mundo, não era muito difícil para a gente alcançar a verdade. (348 B BR freitasmh.com)

No exemplo (26), a expressão *mentir na cara dura* é usada para enfatizar o descaramento e a ausência de constrangimento de algumas pessoas ao fornecer informações falsas sobre sua elegibilidade ao Bolsa Família. A construção indica que a mentira é proferida de maneira explícita e sem disfarces, evidenciando a falta de pudor do sujeito. Além disso, a expressão transmite um julgamento moral por parte do falante, destacando a audácia do ato e a facilidade com que a falsidade é percebida em um contexto de convívio social próximo, típico de cidades pequenas. Nesse uso, a EI reforça tanto a intensidade da mentira quanto a avaliação negativa do comportamento, funcionando como marcador expressivo da atitude do mentiroso.

Assim sendo, as expressões estão ancoradas em uma metáfora conceitual que pode ser formulada como MENTIR É EXPRESSÃO EXAGERADA (Lakoff e Johnson, 1980). A expressão *mentir na cara dura* também explora o corpo como suporte metafórico, mas desloca o foco da boca para o rosto, entendido como o espaço da expressão emocional e da vergonha. A *cara dura*, nesse caso, representa a ausência de sensibilidade moral e emocional, simbolizando a insensibilidade diante da mentira. Desse modo, enquanto as expressões com *dentes* enfatizam a intensidade física e a totalidade da falsidade, a EI *mentir na cara dura* realça o aspecto moral e psicológico, destacando o cinismo e a falta de pudor do mentiroso. Todas as expressões, portanto, convergem para a ideia de uma mentira encarnada, em outras palavras, de uma falsidade que se manifesta de modo visível e corporal, mas diferem na forma como corporificam a intensificação: uma pela hipérbole física, outra pela rigidez moral.

As microconstruções *mentir com quantos dentes tem / mentir com todos os dentes / mentir com os dentes todos* apresentam composicionalidade parcial, pois, ainda que os constituintes das construções mantenham algum vínculo com seus significados literais – *mentir* associado à falsidade e *dentes* à exposição física do sorriso ou da fala –, o sentido geral não resulta da simples soma dos significados desses elementos. O valor figurado emerge da projeção metafórica que associa o ato de "mostrar os dentes" à ideia de mentira descarada ou intensa, ultrapassando a dimensão literal. Assim, a expressão conserva certa previsibilidade interpretativa, já que a imagem de "mentir mostrando os dentes" sugere falsidade explícita, mas sua plena compreensão depende do reconhecimento do uso convencionalizado na língua.

Tais microconstruções configuram um padrão construcional parcialmente esquemático, uma vez que apresentam tanto posições abertas quanto posições fixas. O verbo *mentir* e o substantivo *dentes* constituem elementos lexicalmente preenchidos e não substituíveis, o que garante a identidade idiomática da construção, logo qualquer tentativa de troca por outros vocábulos comprometeria o reconhecimento do sentido figurado. Por outro lado, há posições abertas que admitem variação, como o uso de quantificadores (*todos*, *quantos*)

e a inserção de modificadores opcionais, a exemplo de *na boca* ou de orações relativas como *que tem* / *que ainda possa ter*, sem que isso altere o valor idiomático global.

A alternância de flexão de número dos elementos da expressão não é permitida, sendo o plural (*dentes*) a forma unicamente admitida, de modo que o uso singular da expressão, como em **mentir com o dente*, é considerado inaceitável. Assim, observa-se que a esquematicidade dessas construções combina flexibilidade lexical e rigidez sintática em alguns pontos, que são essenciais para a preservação do significado idiomático (Goldberg, 1995; Fillmore *et al.*, 1988).

Já a EI *mentir na cara dura* apresenta um padrão diferente, sendo caracterizada como uma construção fechada, sem posições abertas para serem preenchidas por outros elementos. Não permite a inserção de modificadores em seu interior, tampouco a substituição de parte de seus constituintes por outros elementos. A única flexibilidade morfossintática observada na construção é em relação à posição do verbo, que pode, em alguns contextos, ocorrer no final, como em *na cara dura mentiu*. O verbo *mentir* admite flexão de tempo, modo e pessoa, permitindo variações como *mentiu*, *mentia* ou *mentirá*, porém, não aceita flexão de número dentro da expressão, mantendo-se invariável quanto ao singular ou plural. Essa rigidez estrutural reforça a fixidez e o reconhecimento imediato da expressão no discurso.

Do ponto de vista semântico, a EI em apreço é parcialmente composicional. Isso significa que embora os elementos *mentir* e *na cara dura* mantenham certa relação com seus sentidos literais – o primeiro indicando falsidade e o segundo remetendo a uma atitude desinibida ou sem vergonha –, o significado idiomático de "mentir descaradamente" não se resume à soma do significado de cada termo. O sentido idiomático emerge de uma metáfora convencional que associa a "dureza da face" à ausência de constrangimento, o que permite ao falante inferir parcialmente o valor figurado, mas exige o reconhecimento do uso consagrado da expressão para sua plena interpretação. Essa rigidez estrutural e o caráter parcialmente composicional reforçam a fixidez e o reconhecimento imediato da construção no discurso.

A EI *mentir na cara dura* foi identificada apenas na variedade brasileira, somando 20 ocorrências. Já as demais EIs, tais como *mentir com todos os dentes*, foram catalogadas apenas na variedade europeia, totalizando 80 ocorrências ao todo.

Tabela 24 – Frequências de uso do padrão construcional
[mentir PREP (DET) $N_{\text{parte do corpo}}$ (V) (MOD)] por variedade do português

Construção	*F. absoluta (PB)*	*F. relativa (PB)*	*F. absoluta (PE)*	*F. relativa (PE)*
Mentir com quantos dentes tem [X]	0	0,000	**15**	0,045
Mentir com todos os dentes [X]	0	0,000	**48**	0,146
Mentir com os dentes todos [X]	0	0,000	**17**	0,052
Mentir na cara dura	**20**	0,030	0	0,000
Total	**20**	**0,030**	**80**	**0,243**

Fonte: Elaboração própria (2025).

O contraste entre as variedades evidencia diferenças culturais e conceituais: no PE, as EIs sobre mentira privilegiam metáforas corporais cristalizadas, envolvendo os *dentes*, enquanto no PB predominam construções avaliativas, comparativas ou hiperbólicas, incluindo *mentir na cara dura*, que mobiliza o rosto como ícone de audácia. Essa distinção reflete modos distintos de representar e julgar a falsidade em contextos culturais e linguísticos distintos.

Quadro 10 – Comparação da forma lexical da EI no PB e no PE

PB	**PE**
Mentir na cara dura	Mentir com quantos dentes tem Mentir com todos os dentes Mentir com os dentes todos

Fonte: Elaboração própria (2025).

7.2.2 Subesquema [V PREP DET (próprio) $N_{\text{parte do corpo}}$]

O subesquema construcional [V PREP DET (próprio) $N_{\text{parte do corpo}}$] instancia duas microconstruções idiomáticas intensificadoras identificadas neste estudo: *comer com os olhos* e *olhar para o (próprio) umbigo*. Ambas compartilham uma estrutura verbal seguida de preposição, determinante e nome, mas diferem quanto ao grau de fixidez e às possibilidades de expansão interna. No caso de *olhar para o (próprio) umbigo*, observa-se a possibilidade de inserir ou não o vocábulo *próprio*, sem prejuízo do sentido idiomático, o que evidencia certo grau de flexibilidade estrutural dentro do mesmo padrão esquemático.

➢ Comer com os olhos

A construção idiomática *comer com os olhos* é empregada para transmitir a ideia de um desejo intenso despertado unicamente pela visão, antes mesmo de qualquer contato físico ou experiência concreta. Trata-se de uma construção de origem metafórica que associa a ação de comer – normalmente ligada à satisfação de uma necessidade física – a um impulso despertado pelo olhar, sugerindo que a intensidade da vontade é tamanha que o ato de observar já parece suprir, ao menos parcialmente, o desejo. Ainda que possa ocorrer em contextos relacionados à comida, seu uso idiomático é mais amplo, abrangendo situações em que o olhar revela fascínio, atração ou cobiça por algo ou alguém, funcionando como um recurso expressivo para enfatizar a força de uma motivação puramente visual. Observemos os exemplos a seguir.

27 Terminei e sequei o cabelo, fiz um penteado, escovei os dentes, fiz um make, coloquei a fantasia e passei perfume, por fim fiquei assim: Terminei e eram 19:30, desci as escadas e o todos estavam prontos, Harry estava me **comendo com os olhos** (9 B BR oscomonedirection1d.blogspot.com)

28 Amiga Ameixinha, como sempre, adorei o texto para além de adorar as panquecas fofinhas (**comi com os olhos**!) (2 B PT canelamoida.blogspot.com)

Em (27), a EI *comendo com os olhos* é usada de forma idiomática para expressar um olhar carregado de desejo ou atração física, conforme descreve o *Dicionário Michaelis*[46]. Nesse caso, a expressão não remete ao ato literal de comer, mas à intensidade do interesse visual de Harry, que observa a narradora com forte conotação afetiva ou sexual. Já em (28), *comi com os olhos* é empregada em um contexto gastronômico e figurado: o falante não chega a consumir fisicamente as panquecas, mas deixa claro que apenas vê-las já foi suficiente para despertar um forte desejo de saboreá-las. Aqui, a expressão mantém a metáfora central, que é satisfazer-se visualmente com algo desejado, porém sem o teor sensual do primeiro exemplo, o que evidencia sua flexibilidade semântica.

A metáfora conceitual subjacente EMOÇÃO É FOME (Lakoff e Johnson, 1980) implica, a partir do ato físico de comer, apropriação e satisfação de uma necessidade ou prazer, que é transferido para o domínio do olhar. Observar algo com intensidade é, assim, concebido como "consumir" visualmente esse objeto de desejo, reforçando a ideia de que o olhar pode gerar prazer, saciedade simbólica ou antecipação do prazer real, mesmo sem contato físico.

A construção apresenta alto grau de cristalização, com fixidez estrutural e lexical marcante. Os constituintes *comer* e *olhos* são indispensáveis para a configuração idiomática e

[46] Fonte: https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/olho/.

não admitem substituições sem comprometer o reconhecimento e a interpretação da expressão como unidade convencional de sentido. Portanto, substituições lexicais como trocar *olhos* por *íris* ou *comer* por *salivar* rompem com a convencionalidade e invalidam a leitura idiomática (Xatara, 1998). Trata-se, então, de uma EI fechada, cujas posições internas são rigidamente preenchidas por lexemas específicos, funcionando como um todo semântico indivisível.

Por se tratar de uma EI cujo núcleo é verbal, admite-se flexão de tempo, modo e pessoa, sendo mais frequentes as formas *comer/comendo/come/comemos com os olhos* tanto no PB quanto no PE, como se pode verificar na Tabela 25.

Os dados mostram que, nas duas variedades, a microconstrução mais frequente e devidamente consolidada é *comer com os olhos*, responsável por quase metade das ocorrências no PB (54 casos) e mais de um terço no PE (15 casos). As formas flexionadas no gerúndio (*comendo com os olhos*) e no presente (*come com os olhos*) apresentam frequência significativamente menor, mas são igualmente proporcionais nas duas variedades.

Tabela 25 – Frequências de uso da EI *comer com os olhos* por variedade do português

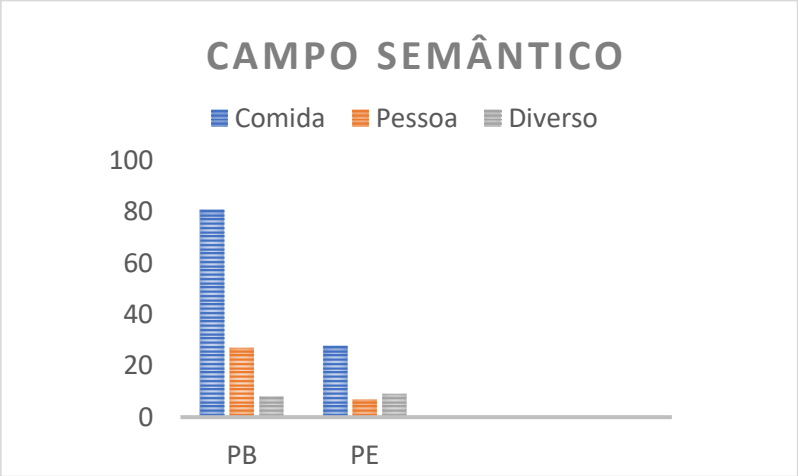
Construção	*F. absoluta (PB)*	*F. relativa (PB)*	*F. absoluta (PE)*	*F. relativa (PE)*
Comer com os olhos	**54**	0,082	**15**	0,045
Comendo com os olhos	18	0,027	4	0,012
Come com os olhos	17	0,025	6	0,018
Comemos com os olhos	11	0,016	5	0,015
Comia com os olhos	2	0,003	2	0,006
Coma com os olhos	3	0,004	1	0,003
Comi com os olhos	2	0,003	3	0,009
Comidos com os olhos	2	0,003	0	0,000
Comiam com os olhos	2	0,003	0	0,000
Comerem com os olhos	1	0,001	2	0,006
Comido com os olhos	1	0,001	0	0,000
Comeu com os olhos	1	0,001	0	0,000
Comermos com os olhos	1	0,001	0	0,000
Comem com os olhos	1	0,001	5	0,015
Comam com os olhos	0	0,000	1	0,003
Total	**116**	**0,171**	**45**	**0,132**

Fonte: Elaboração própria (2025).

O Gráfico 3 a seguir revela que *comer com os olhos* se distribui em três campos semânticos de escopo: *comida*, *pessoa* e *diverso*. No PB, observa-se uma clara predominância do uso associado à comida, com 81 ocorrências, seguido pelo escopo *pessoa* (27 ocorrências) e, em menor número, pelo campo diverso (oito ocorrências), que reúne referentes variados, como fotos ou livros. No PE, embora o domínio da comida também seja o mais recorrente (28

ocorrências), nota-se uma distribuição mais equilibrada entre os três campos, já que o escopo *pessoa* aparece em sete ocorrências e o diverso em nove ocorrências.

Gráfico 3 – Campo semântico da EI *comer com os olhos* por variedade do português



Fonte: Elaboração própria (2025).

Esses resultados permitem concluir que, enquanto no PB a expressão se mantém fortemente vinculada ao universo gastronômico, no PE ela apresenta maior diversidade de usos, indicando uma flexibilização semântica mais ampla. Ainda assim, em ambas as variedades, a construção está majoritariamente relacionada à alimentação, o que se explica pelo núcleo verbal *comer*, intrinsecamente ligado ao ato de se alimentar em seu uso literal. Assim, mesmo quando empregada em contextos figurados, como em referência a pessoas ou a campo diverso, a expressão mantém como base metafórica a ideia de que o olhar pode assumir uma função análoga ao ato de comer, reforçando sua motivação no domínio alimentar.

- Olhar para o (próprio) umbigo

A EI *olhar para o (próprio) umbigo* constitui uma construção metafórica que associa o ato literal de fixar os olhos nessa parte do corpo à ideia figurada de egocentrismo e desinteresse pelo outro. O umbigo, concebido como centro simbólico do corpo humano, passa a representar a autorreferência e o foco excessivo em si mesmo, projetando a imagem de alguém voltado unicamente para as próprias preocupações. Nesse sentido, a EI é empregada para criticar atitudes individualistas, em que o sujeito adota uma perspectiva restrita e autocentrada da realidade.

Sob a ótica da Teoria da Metáfora Conceptual (Lakoff e Johnson, 1980), a metáfora subjacente pode ser descrita como CENTRO DO CORPO É CENTRO DA ATENÇÃO. O umbigo, símbolo de origem e conexão vital, é reinterpretado metaforicamente como o "centro do mundo" do indivíduo. Assim, o ato físico de olhar para o umbigo é projetado para o domínio abstrato das relações cognitivas e sociais, significando concentrar-se de modo excessivo em si mesmo e ignorar o outro – uma crítica culturalmente partilhada ao comportamento egocêntrico.

Vejamos os exemplos abaixo:

29 É muito fácil apontar o dedo ao invés de **olhar para o próprio umbigo**. Cada um tem sua opinião, isto é um fato, mas agora vir leitoras exigir e apontar o dedo na cara já vai mais além do que expor sua própria opinião. (39 B BR supervaidosa.com)

30 Faça a greve que quiser, mas sua liberdade não pode colidir com a dos meus filhos, que são cidadãos como você. Quando **olha para o umbigo** faz com a sua democracia só o sirva a si e não respeite o próximo. Essa democracia, deixe-me dizer-lhe, não é a verdadeira e apenas serve interesses de lutas sindicalistas. (1 B PT aventar.eu)

No exemplo (29), a EI *olhar para o próprio umbigo* é empregada em contraste com a expressão *apontar o dedo*. Enquanto *apontar o dedo* remete ao ato de criticar ou julgar o outro, *olhar para o próprio umbigo* sugere a necessidade de autocrítica antes de censurar terceiros. Nesse contexto, a expressão funciona como recurso argumentativo, chamando a atenção das leitoras para o fato de que, em vez de condenar o comportamento alheio, deveriam primeiro refletir sobre as próprias atitudes. Assim, a EI adquire um valor de crítica social e moral, reforçando a ideia de hipocrisia ou de ausência de autorreflexão.

Em (30), a EI é usada para criticar uma postura política individualista, em que o sujeito prioriza apenas os próprios interesses em detrimento do coletivo. O ato de *olhar para o umbigo* indica, nesse caso, uma distorção da noção de democracia: em vez de se configurar como um sistema voltado ao bem comum, reduz-se ao benefício pessoal. A EI, portanto, opera como metáfora avaliativa negativa, apontando que uma visão egocêntrica compromete valores sociais e democráticos, transformando uma prática que deveria ser coletiva em uma prática autocentrada.

Do ponto de vista formal, *olhar para o (próprio) umbigo* apresenta esquematicidade parcial, já que possui posições fixas e abertas, permitindo uma pequena variação interna com a inserção opcional do vocábulo *próprio*, sem que isso afete sua identidade como construção idiomática. Quanto à composicionalidade, o sentido global não resulta da soma literal de seus constituintes, mas de um mapeamento metafórico que projeta o ato físico de olhar para o centro do corpo no domínio abstrato das relações sociais e cognitivas, significando egocentrismo ou desinteresse pelo outro. Em termos de transparência semântica, a expressão é relativamente

transparente, pois a imagem corporal evocada possibilita aos falantes inferir com mais facilidade a ideia figurada de foco exagerado em si mesmo, ainda que seja necessário ativar a metáfora culturalmente compartilhada que associa o umbigo ao centro simbólico do eu.

A Tabela 26 apresenta as frequências absoluta e relativa do *type olhar para o próprio umbigo* e suas variações decorrentes da flexão verbal e, em menor escala, nominal.

Tabela 26 – Frequências de uso da EI *olhar para o próprio umbigo* por variedade do português

Construção	*F. absoluta (PB)*	*F. relativa (PB)*	*F. absoluta (PE)*	*F. relativa (PE)*
Olhar para o próprio umbigo	**77**	0,177	**21**	0,064
Olhando para o próprio umbigo	16	0,024	1	0,003
Olha para o próprio umbigo	26	0,039	2	0,006
Olham para o próprio umbigo	13	0,019	6	0,018
Olhe para o próprio umbigo	5	0,007	0	0,000
Olhamos para o próprio umbigo	4	0,006	0	0,000
Olhem para o próprio umbigo	3	0,004	0	0,000
Olharem para o próprio umbigo	2	0,003	3	0,009
Olhavam para o próprio umbigo	1	0,001	0	0,000
Olharam para o próprio umbigo	1	0,001	0	0,000
Olhou para o próprio umbigo	0	0,000	1	0,003
Olharem para os próprios umbigos	1	0,001	0	0,000
Total	**149**	**0,282**	**34**	**0,103**

Fonte: Elaboração própria (2025).

Os dados indicam que a EI *olhar para o próprio umbigo* é mais produtiva no PB (149 ocorrências) do que no PE (34 ocorrências), o que sugere que os falantes brasileiros mobilizam a expressão de forma mais recorrente em seus usos discursivos. Em ambas as variedades, a forma prototípica e cristalizada é a do infinitivo simples (*olhar para o próprio umbigo*), responsável pela maioria dos registros (77 no PB e 21 no PE), funcionando como a matriz estável da microconstrução. Nota-se, contudo, uma diferença importante: no PB há maior diversidade de flexões verbais (*olhando*, *olham*, *olhe*, *olhamos*, *olhem*, *olharem*, *olhavam*, *olharam*), enquanto no PE essa variação é bastante restrita. Isso indica que, no PB, a expressão é mais flexível e adaptável ao contexto enunciativo, sem perda de valor idiomático, ao passo que no PE tende a permanecer mais próxima da forma cristalizada.

Outro ponto digno de nota é a ocorrência, ainda que rara, da forma pluralizada (*olharem para os próprios umbigos*), atestada apenas uma vez no PB. Embora gramaticalmente possível, essa variante não se consolidou já que a imagem metafórica se ancora na ideia do umbigo como centro simbólico único do eu. Assim, a vitalidade da expressão no PB se associa

à sua flexibilidade morfológica, enquanto no PE predomina um padrão mais fixo e menos variável.

A Tabela 27 apresenta a frequência do *type olhar para o umbigo* e suas variações:

Tabela 27 – Frequências de uso da EI *olhar para o umbigo* por variedade do português

Construção	*F. absoluta (PB)*	*F. relativa (PB)*	*F. absoluta (PE)*	*F. relativa (PE)*
Olhar para o umbigo	**5**	0,007	**30**	0,091
Olhando para o umbigo	2	0,003	0	0,000
Olha para o umbigo	**5**	0,007	5	0,015
Olham para o umbigo	1	0,001	14	0,042
Olhe para o umbigo	0	0,000	1	0,003
Olhamos para o umbigo	1	0,001	0	0,000
Olharem para o umbigo	0	0,000	1	0,003
Olharam para o umbigo	1	0,001	1	0,003
Olhou para o umbigo	1	0,001	0	0,000
Olhei para o umbigo	0	0,000	1	0,003
Total	**16**	**0,021**	**53**	**0,160**

Fonte: Elaboração própria (2025).

Aqui, o contraste entre as variantes linguísticas é ainda mais evidente: no PB, a expressão tem baixa frequência (16; 0,021), enquanto no PE apresenta 53 ocorrências (0,160), mostrando-se muito mais convencionalizada. Isso sugere que, no PE, a forma reduzida é a mais convencionalizada e preferida pelos falantes, ao passo que no PB, o intensificador *próprio* desempenha papel quase indispensável, reforçando a ideia de autorreferência.

Em termos flexionais, ambas as microconstruções exibem certa variação verbal, com registros no infinitivo (*olhar*), presente (*olha/olham*), pretérito (*olharam/olhou*), além de formas no imperativo (*olhe*). No entanto, chama atenção a maior produtividade do PE em formas de terceira pessoa do plural (*olham para o umbigo*), em comparação ao PB, o que pode indicar uma tendência a aplicar a crítica a grupos ou coletividades, enquanto no PB a ênfase recai sobre a individualidade (*próprio umbigo*). Essa comparação evidencia, portanto, duas trajetórias distintas de cristalização: no PB, a variante com *próprio* é a forma estável e amplamente produtiva; já no PE, a versão reduzida sem intensificador é a preferencial. Tais diferenças refletem estratégias distintas de intensificação e de construção metafórica entre as variedades do português.

Quadro 11 – Comparação da forma lexical da EI no PB e no PE

PB	**PE**
Olhar para o próprio umbigo	Olhar para o umbigo

Fonte: Elaboração própria (2025).

O Quadro 12 sintetiza e organiza as semelhanças e diferenças observadas entre as duas microconstruções nas variedades brasileira e europeia.

Quadro 12 – Perfis de uso da EI *olhar para o (próprio) umbigo* por variedade do português

ASPECTO	PB	PE	INTERPRETAÇÃO
Frequência global	Alta (165; 0,303)	Moderada (87; 0,263)	A EI é mais recorrente no PB em termos absolutos, mas proporcionalmente próxima no PE
Variante preferida	Olhar para o próprio umbigo (149; 0,282)	Olhar para o umbigo (53; 0,160)	O PB privilegia o reforço lexical (próprio), enquanto o PE cristalizou a forma reduzida
Função do termo *próprio*	Intensificador essencial para marcar autorreferência e garantir transparência metafórica	Opcional ou ausente, pois o sentido metafórico já é convencionalizado	O PB enfatiza mais fortemente a crítica ao egocentrismo; o PE confia na economia lexical
Flexão verbal	Diversificada: ocorrem várias formas (*olhou*, *olhemos*, *olharem*)	Menos variada, mas há destaque para o plural (*olham para o umbigo*)	No PB, a flexão acompanha a expressividade contextual; no PE, a forma plural é preferida para críticas coletivas.
Enquadramento discursivo	Tendência a individualizar a crítica (um sujeito específico)	Tendência a generalizar e coletivizar a crítica (um grupo, sociedade)	Diferença de foco pragmático no uso da expressão.

Fonte: Elaboração própria (2025).

- Conclusões parciais sobre o subesquema intensificador

O subesquema construcional [V PREP DET (próprio) $N_{\text{parte do corpo}}$] apresenta um grau médio de esquematicidade, pois tem regularidade formal, mas com restrições estruturais que limitam sua produtividade. As construções que o compõem, a saber *comer com os olhos* e *olhar para o (próprio) umbigo*, são parcialmente composicionais e parcialmente ou totalmente transparentes, pois, embora os significados literais dos constituintes sejam reconhecíveis, o sentido global adquire valor metafórico, remetendo a comportamentos humanos simbólicos, como o desejo visual (*comer com os olhos*) ou o egocentrismo (*olhar para o próprio umbigo*).

Observa-se que ambas as construções admitem flexão verbal de tempo, modo e pessoa, o que lhes confere certa flexibilidade sintática, mas não permitem flexão de número

nem substituição de elementos nucleares, o que reforça sua natureza idiomática. A presença eventual do modificador *próprio* em *olhar para o próprio umbigo* demonstra uma variação interna controlada, sem comprometer a identidade semântica da construção. Assim, o esquema [V PREP DET (próprio) N] revela-se relativamente fixo e lexicalizado, com estabilidade formal e motivação metafórica ligada à corporeidade e à expressão de atitudes psicológicas e sociais.

Quadro 13 – Sistematização do padrão construcional [V PREP DET (próprio) $N_{\text{parte do corpo}}$]

Construção	Esquematicidade	Composicionalidade	Flexão tempo e modo	Flexão número	Elemento modificador	Substituição de elemento
Comer com os olhos	Fechada	Parcial	Sim	Não	Não	Não
Olhar para o (próprio) umbigo	Parcial	Parcial	Sim	Não	Sim	Não

Fonte: Elaboração própria (2025).

O subesquema construcional revela uma frequência significativa em ambas as variedades do português, com leve predominância no PB (0,474) em relação ao PE (0,395), de acordo com a Tabela 28. As três microconstruções observadas – *comer com os olhos*, *olhar para o próprio umbigo* e *olhar para o umbigo* – compartilham uma estrutura que expressa, de modo figurado, ações perceptivas ou avaliativas associadas ao corpo humano, frequentemente com valores metafóricos de desejo, vaidade ou egocentrismo. Nota-se, porém, diferenças de preferência entre as variedades: enquanto o PB utiliza com maior frequência *olhar para o próprio umbigo* e *comer com os olhos*, o PE apresenta maior incidência de *olhar para o umbigo*, forma mais sintética e menos marcada pela presença do adjetivo *próprio*.

Tabela 28 – Frequências de uso do padrão construcional [V PREP DET (próprio) $N_{\text{parte do corpo}}$] por variedade do português

Construção	*F. absoluta (PB)*	*F. relativa (PB)*	*F. absoluta (PE)*	*F. relativa (PE)*
Comer com os olhos	116	0,171	45	0,132
Olhar para o próprio umbigo	149	0,282	34	0,103
Olhar para o umbigo	16	0,021	53	0,160
Total	**281**	**0,474**	**132**	**0,395**

Fonte: Elaboração própria (2025).

7.2.3 Subesquema [(V) mais $N_{\text{parte do corpo}}$ (do) que $N_{\text{parte do corpo}}$]

- Ter mais olhos (do) que barriga

A EI *ter mais olhos (do) que barriga* é utilizada para descrever situações em que alguém deseja mais do que é capaz de consumir, aproveitar ou realizar e é instanciada pelo padrão construcional [(V) mais $N_{\text{parte do corpo}}$ (do) que $N_{\text{parte do corpo}}$]. Embora tenha origem no contexto alimentar, referindo-se a pessoas que se servem de mais comida do que conseguem comer, seu uso ultrapassa a outras esferas, sendo aplicada a atitudes de ganância, ambição ou excesso de desejo em sentido amplo. A expressão, portanto, retrata a discrepância entre o querer e o poder, evidenciando um comportamento humano recorrente: a tendência de desejar mais do que se pode alcançar, seja em termos materiais, emocionais ou de tempo. Nesse sentido, a EI reflete metaforicamente a ideia de insatisfação, característica frequentemente associada à natureza humana, como em:

31 E eu que, até nem sou de gostar de bolo rei, achei que estava muito bom. *Se elas tiveram a amabilidade de fazer tantos bolos reis para nos ofertar... só nos fica bem em os comer.; --) Agora, houve gente que, **tendo mais olhos que barriga**, levaram a fatia e praticamente não a comeram... (2 B PT akapink.blogspot.com)

32 Resultado: O Português está super endividado, por culpa própria (muitas pessoas **têm mais olhos do que barriga** quando chega a altura de comprar bens) e do alheio (A concessão de todos as facilidades na hora de conceder créditos / empréstimos por partes das entidades bancárias e outras (Vejam a proliferação de créditos fáceis: Ex: Cofidis). (10 G PT grandefabrica.blogspot.com)

Em (31), a expressão é usada de forma humorística e crítica para descrever pessoas que se serviram de mais bolo do que conseguiam consumir, evidenciando excesso ou ganância momentânea no contexto alimentar. Já em (32), a expressão é empregada metaforicamente para indicar indivíduos que adquirem mais do que podem pagar, transferindo o sentido original da alimentação para a dimensão econômica. Em ambos os casos, a construção mantém o núcleo metafórico central, o de querer mais do que se consegue aproveitar, adaptando-se a contextos variados e transmitindo a ideia de desproporção entre desejo e capacidade.

A EI está baseada em uma metáfora conceitual SATISFAÇÃO É PLENITUDE FÍSICA (Lakoff e Johnson, 1980). Nessa projeção, a *barriga* simboliza a capacidade de consumir ou aproveitar algo, enquanto os *olhos* representam o desejo, a ambição ou a vontade de obter mais do que se consegue efetivamente utilizar. A desproporção entre os *olhos* (desejo)

e a *barriga* (capacidade) sugere que o indivíduo deseja além de suas possibilidades, seja no consumo de alimentos, seja em outros contextos como finanças, trabalho ou outros recursos.

A metáfora expressa, de forma intuitiva, a relação entre desejo e capacidade de realização, representando o excesso de ambição por meio de uma imagem física: há "mais olhos" desejando algo do que a barriga é capaz de suportar. Essa configuração reforça o caráter avaliativo da expressão, que funciona como crítica à ganância ou à falta de moderação, tornando a experiência linguística ao mesmo tempo concreta e carregada de sentido moral.

A construção configura-se como parcialmente esquemática, combinando categorias abertas e fechadas. O *slot* [V] é ocupado majoritariamente pelo verbo *ter* e, em alguns casos, pelo verbo *haver*, admitindo flexões de tempo, modo e pessoa. Os *slots* [N] são preenchidos de forma fixa pelos substantivos *olhos* e *barriga*, sem possibilidade de inserção de modificadores ou substituição por outros elementos, comprovando a cristalização lexical dessa parte da expressão. Não foram constatadas no *corpus* ocorrências da forma singular de *olho*, indicando que a forma consagrada é sempre *olhos*, assim, a construção equilibra elementos parcialmente produtivos, como o verbo, e elementos totalmente cristalizados, como os substantivos, refletindo sua natureza parcialmente esquemática e ao mesmo tempo idiomática (Fillmore *et al.*, 1988; Goldberg, 1995; 2006; Langacker, 1987; Croft, 2001).

Apresenta composicionalidade parcial, dado que o sentido global da construção não resulta da simples soma desses significados, mesmo que os termos *ter*, *olhos e barriga* possuam significados literais reconhecíveis.

Nota-se que a ocorrência da EI no PB é extremamente reduzida, com apenas cinco registros, distribuídos entre os três *types mais olhos (do) que barriga*, *teve mais olhos que barriga* e *tem mais olhos que barriga*. Em contraste, no PE, a expressão apresenta produtividade significativamente maior, totalizando 84 ocorrências, com destaque para: *mais olhos (do) que barriga*, *tem/têm mais olhos (do) que barriga* e *ter mais olhos (do) que barriga*.

Além da quantidade, observa-se maior diversidade de flexões verbais no PE, abrangendo presente, pretérito, futuro e formas conjuntivas, o que demonstra a flexibilidade da construção em contextos europeus. No PB, por sua vez, a expressão permanece quase restrita a formas simplificadas, sem registro de flexões mais complexas. Esse contraste indica que a construção está mais consolidada e lexicalmente variada no PE, refletindo uso regular e maior enraizamento cultural, enquanto no PB sua circulação é mínima e pontual, possivelmente limitada a contextos específicos ou tradições idiomáticas menos frequentes.

Tabela 29 – Frequências de uso da EI *ter mais olhos (do) que barriga* por variedade do português

Construção	*F. absoluta (PB)*	*F. relativa (PB)*	*F. absoluta (PE)*	*F. relativa (PE)*
Mais olhos (do) que barriga	**3**	0,004	**17**	0,052
Tem/têm mais olhos (do) que barriga	1	0,001	**14**	0,042
Ter mais olhos (do) que barriga	0	0,000	**12**	0,036
Tenho/temos mais olhos (do) que barriga	0	0,000	8	0,024
Tenha/tenham mais olhos (do) que barriga	0	0,000	7	0,021
Tive/tiveram mais olhos (do) que barriga	0	0,000	5	0,015
Teve mais olhos (do) que barriga	1	0,001	4	0,012
Tinha/tínhamos mais olhos (do) que barriga	0	0,000	4	0,012
Terem mais olhos (do) que barriga	0	0,000	3	0,009
Tenha tido/ter tido mais olhos (do) que barriga	0	0,000	2	0,006
Tenhamos mais olhos (do) que barriga	0	0,000	1	0,003
Tendo mais olhos (do) que barriga	0	0,000	1	0,003
Teremos mais olhos (do) que barriga	0	0,000	1	0,003
Há/haver mais olhos (do) que barriga	0	0,000	5	0,015
Total	**5**	**0,006**	**84**	**0,253**

Fonte: Elaboração própria (2025).

7.2.4 Subesquema [V DET $N_{\text{parte do corpo}}$ MOD]

- Tirar a barriga de misérias

A EI *tirar a barriga de misérias*, instanciada pelo subesquema [V DET $N_{\text{parte do corpo}}$ MOD], é usada para designar o ato de comer bem após um período de restrição alimentar, transmitindo a ideia de matar a fome com fartura e prazer. Nessa concepção, a "barriga na miséria" simboliza a privação, a escassez e o sofrimento físico causado pela falta de alimento, enquanto o gesto de "tirar" a barriga dessa condição representa alívio, saciedade e conforto corporal. A EI é frequentemente empregada em tom de satisfação ou recompensa, evocando de forma intensificada a sensação prazerosa e exagerada de finalmente se alimentar bem, como se o prazer da comida compensasse, em grau extremo, o período de privação anterior.

Todavia, seu uso também se estende a um sentido mais amplo e metafórico, significando usufruir intensamente de algo após um período de abstinência ou carência, seja em contextos materiais, emocionais ou relacionados ao prazer, o que revela a flexibilidade semântica e expressiva dessa construção na língua. Isso pode ser constatado nos exemplos a seguir:

33 A festa foi linda, toda feita pela equipe da Quarto Grau. Comi muito, **tirei a barriga da miséria** depois de 4 meses de dieta. (1 B BR mocinhaselegantes.com)

34 O certo é que, há muitos anos, a Páscoa já não é o que era. Que o digam as agências de viagem que, nesta época, **tiram a barriga de miséria**, equilibrando a contabilidade com as vendas para destinos exóticos. (3 B PT omeupensamentoviaja.blogspot.com)

No exemplo (33), a expressão é empregada em seu sentido prototípico, referindo-se ao ato concreto de comer fartamente após um período de restrição alimentar. Já no exemplo (34), *tirar a barriga de miséria* significa recuperar-se financeiramente após uma fase de baixa lucratividade. Nesse caso, o domínio da alimentação é metaforicamente projetado sobre o domínio econômico, preservando a ideia central de compensação e abundância após privação.

Partindo, portanto, de um pensamento metafórico, a expressão se baseia na metáfora conceitual SATISFAÇÃO É PLENITUDE FÍSICA, que projeta experiências corporais e alimentares sobre estados emocionais, sociais ou financeiros (Lakoff e Johnson, 1980). Nessa metáfora, a *barriga* representa o corpo necessitado, símbolo da carência física ou simbólica, enquanto a *miséria* remete à falta e à escassez. Assim, o ato de "tirar a barriga da miséria" se traduz metaforicamente como superar um estado de privação e alcançar plenitude ou conforto, seja material, emocional ou simbólico. Nesse sentido, estrutura-se sobre a noção de que o alimento – e, por extensão, a abundância – representa de forma concreta o alívio de qualquer tipo de privação.

A construção instanciada pelo padrão construcional [V DET $N_{\text{parte do corpo}}$ MOD] é esquematicamente fechada, uma vez que todos os itens da construção são fixos e não permitem a substituição de nenhum elemento. O verbo *tirar*, o substantivo *barriga* e o substantivo *miséria* mantêm-se invariáveis, reforçando o caráter cristalizado e idiomático da expressão. O *slot* [PREP] é o único que admite ligeira variação, podendo ser preenchido por *da* ou *de*, sem alteração significativa do sentido. Quanto à inserção de elementos, o *corpus* registrou apenas uma ocorrência com expansão interna – *tirar a barriga dos militantes da miséria* –, indicando que tais inserções são pontuais e não produtivas. As flexões de tempo, modo, número e pessoa são possíveis, como em *tirei/tirava/tiramos/tira a barriga da(e) miséria(s)*, o que mostra certa flexibilidade morfossintática, sem comprometer a fixidez da estrutura lexicalizada.

A expressão apresenta alta composicionalidade (ou seja, é transparente semanticamente), pois seus termos mantêm relação clara com os significados literais. O nome *barriga* remete à parte do corpo associada à fome e à saciedade, enquanto *miséria* evoca a ideia de privação. O verbo *tirar*, embora perca o sentido literal de "remover algo de um lugar", participa da construção metafórica que projeta a passagem de um estado de escassez para um

de abundância. Assim, o significado figurado de comer fartamente ou usufruir de algo em excesso é facilmente inferido a partir da leitura literal, já que a imagem de "tirar a barriga da miséria" traduz, de modo direto e motivado, a noção de alívio corporal e satisfação após um período de privações.

A análise da frequência de uso do padrão construcional [V DET $N_{\text{parte do corpo}}$ MOD] revela diferenças quantitativas significativas entre o PB e o PE. No Brasil, a construção registra 20 ocorrências (0,027), enquanto, em Portugal, apresenta maior produtividade e vitalidade, com um total de 62 ocorrências (0,197). Nas duas variedades, a forma mais frequente é o presente do indicativo *tirar a barriga da/de miséria(s)*, concentrando 12 ocorrências no PB (0,018) e 34 no PE (0,113), o que reforça o caráter lexicalizado e estável da microconstrução. Contudo, o PE apresenta maior diversidade morfológica, com registros distribuídos em diferentes tempos e modos verbais, indicando maior flexibilidade discursiva e adaptação da expressão a distintos contextos comunicativos.

Tabela 30 – Frequências de uso da EI *tirar a barriga de misérias* por variedade do português

Construção	*F. absoluta (PB)*	*F. relativa (PB)*	*F. absoluta (PE)*	*F. relativa (PE)*
Tirar a barriga de(a) miséria(s)	**12**	0,018	**34**	0,113
Tirava a barriga de(a) miséria(s)	1	0,001	1	0,003
Tiramos a barriga de(a) miséria(s)	1	0,001	4	0,012
Tirou a barriga de(a) miséria(s)	2	0,003	2	0,006
Tiraram a barriga de(a) miséria(s)	1	0,001	2	0,006
Tirarmos a barriga de(a) miséria(s)	1	0,001	0	0,000
Tire a barriga de(a) miséria(s)	1	0,001	0	0,000
Tirei a barriga de(a) miséria(s)	1	0,001	8	0,024
Tiram a barriga de(a) miséria(s)	0	0,000	2	0,006
Tira a barriga de(a) miséria(s)	0	0,000	2	0,006
Tirávamos a barriga de(a) miséria(s)	0	0,000	2	0,006
Tirarem a barriga de(a) miséria(s)	0	0,000	1	0,003
Tirando a barriga de(a) miséria(s)	0	0,000	2	0,006
Tirado a barriga de(a) miséria(s)	0	0,000	1	0,003
Tiro a barriga de(a) miséria(s)	0	0,000	1	0,003
Total	**20**	**0,027**	**62**	**0,197**

Fonte: Elaboração própria (2025).

Quanto à forma lexicalizada da expressão, no PE, 50 ocorrências apresentam *de misérias*, três *de miséria*, cinco *da miséria* e quatro *das misérias*, evidenciando que a forma mais cristalizada é *tirar a barriga de misérias*, plural e sem artigo definido. Por sua vez, no PB, predomina *da miséria* (18 ocorrências), com apenas uma ocorrência de *de miséria* e uma de *de misérias*. Esses dados mostram que, enquanto em Portugal a expressão se consolidou na forma

plural e sem artigo, no Brasil se fixou na forma singular e com artigo definido, refletindo diferenças de gramaticalização e convencionalização entre as duas variedades.

Quadro 14 – Comparação da forma lexical da EI no PB e no PE

PB	PE
Tirar a barriga da miséria	Tirar a barriga de misérias

Fonte: Elaboração própria (2025).

Tais resultados revelam que, embora compartilhem o mesmo núcleo metafórico e a estrutura básica, PB e PE divergem quanto à fixação lexical, amplitude de uso e diversidade morfossintática, mostrando o caráter dinâmico e adaptável das EIs. No PB, *tirar a barriga da miséria* apresenta baixa produtividade e circulação restrita a contextos mais tradicionais, sugerindo certo grau de obsolescência no repertório idiomático contemporâneo. Essa perda de vitalidade parece estar associada à concorrência de outras expressões mais coloquiais e frequentes, que atualizam o mesmo conceito de saciedade e prazer após privação.

Construções como *comer até não poder mais*, *comer feito um condenado*, *encher o bucho* e *fazer a festa* assumem, assim, o papel de transmitir intensificação e exagero na ação de comer, preservando o valor de abundância e satisfação que caracteriza a expressão mais antiga. Essas formas mais recentes revelam um processo de renovação lexical e metafórica, em que o corpo e o ato de comer continuam a funcionar como domínios privilegiados para representar experiências de prazer, recompensa e superação da escassez.

7.2.5 Subesquema [V PREP $N_{\text{parte do corpo}}$]

O subesquema [V PREP $N_{\text{parte do corpo}}$] mostra-se altamente produtivo, pois licencia diferentes microconstruções que compartilham estrutura e sentido figurado. Entre elas estão *cair de boca*, *falar pelos cotovelos*, *pegar no pé*, *dar no pé* e *dar nos nervos*. As duas últimas são instanciadas pelo subesquema [dar no(s) [N]], enquanto *entrar*/*mergulhar/ir de cabeça* realizam o subesquema [[V] de cabeça], evidenciando a produtividade e a extensão metafórica do padrão geral [V PREP N].

- Cair de boca

A EI *cair de boca* evoca uma ação súbita e intensa, associada à ideia de entrega impulsiva e prazerosa, com o sentido de atacar com voracidade, ou iniciar algo com muito apetite ou desejo. Tem como elemento central o substantivo *boca* que, além de seu papel fisiológico de ingestão, assume valor simbólico ligado ao ato de consumir, aproveitar e desejar. Assim, *cair de boca* ultrapassa o domínio literal e passa a representar um movimento de imersão total e desmedida diante de algo prazeroso, seja comida, atividade, ou experiência sexual. A expressão articula, portanto, uma metáfora de envolvimento físico e emocional, em que o corpo, por meio da *boca*, torna-se o ponto de contato entre o desejo e sua satisfação.

Nos três exemplos a seguir, *cair de boca* mantém o mesmo núcleo metafórico, isto é, o movimento súbito e intenso de entrega física ou simbólica, associado à voracidade e ao desejo, mas adquire nuances de sentido distintas conforme o contexto discursivo:

35 Não existe uma frase que me irrite mais do que "Você deu uma engordadinha, heim?". Antes de responder, eu olho bem para a pessoa, emitindo todas as vibrações de vingança possíveis, e começo com as desculpas já ensaiadas: [...] quando na verdade, por dentro, estou rogando que essa pessoa, que me lembrou dos malditos quilos a mais, **caia de boca** num bolo enorme de chocolate com cobertura de brigadeiro, engorde uns 40 kg e vá cuidar do próprio regime. (1 B BR blog.grupoautentica.com.br)

36 Chegando no motel, vi a minha esposa se revelando: já foi logo tirando a roupa do nosso amigo, beijando ele freneticamente e **caindo de boca**, com uma vontade que eu nunca tinha visto ela fazer comigo! (3 B BR casadoscornos.blogspot.com)

37 Acredito sim que seja o fim do conturbado relacionamento dos dois. Eu gosto dos dois juntos, sei que parece ser idiota querer Robesten juntos, mas eu torço por eles dois!! Tomara que a noticia seja só pra sensacionalizar. Não precisa ser verdade, só pq eles passam tempos separados as revistas **caem de boca** alegando que acabou. (1 B BR foforks.com.br)

No exemplo (35), *caia de boca num bolo enorme de chocolate*, o uso é metafórico e humorístico, expressando o desejo de que a pessoa se entregue ao prazer de comer de forma descontrolada, como forma de vingança simbólica. A construção sugere voracidade e perda de contenção, mantendo o domínio da alimentação como cenário principal. No exemplo (36), *caindo de boca, com uma vontade que eu nunca tinha visto ela fazer comigo*, o sentido é sexual, referindo-se explicitamente à prática do sexo oral. A intensidade do gesto, marcada pela expressão, reforça a ideia de impulso e desejo carnal, preservando o traço semântico de entrega e apetite físico, mas deslocado para o campo da sexualidade.

Já no exemplo (37), *as revistas caem de boca alegando que acabou*, a expressão assume valor metafórico ampliado, significando atacar com avidez ou se lançar com entusiasmo sobre um assunto. Nesse caso, o gesto físico é transposto para o domínio discursivo: as revistas são personificadas e representadas como agentes que "consomem" a notícia com exagero, reproduzindo o mesmo esquema metafórico de voracidade e ímpeto, agora aplicado à linguagem e à mídia. Em todos os usos, observa-se a preservação do esquema corporal e metafórico da *boca* como órgão de desejo e consumo, embora a expressão transite entre contextos alimentares, sexuais e discursivos. Essa variação evidencia sua alta produtividade semântica e flexibilidade pragmática, principalmente no PB.

A EI está ancorada em uma metáfora conceitual que associa o ato físico de usar a boca para comer ao ato de se entregar intensamente a algo, seja alimento, prazer sexual ou outra experiência. A metáfora subjacente pode ser representada como SATISFAÇÃO É PLENITUDE FÍSICA (Lakoff e Johnson, 1980), na qual o domínio-fonte da alimentação estrutura e organiza cognitivamente experiências de desejo, prazer e ímpeto. Nesse mapeamento, o gesto de "cair de boca" simboliza a passagem súbita da contenção à entrega, evocando uma ação impulsiva, voraz e prazerosa, típica de quem se lança sobre algo sem reservas.

O corpo, em particular a boca, desempenha um papel central nesse processo metafórico. Por ser o órgão por excelência da ingestão e do prazer sensorial, ela se torna um símbolo de apropriação e de desejo. O movimento de "cair", por sua vez, reforça a ideia de perda momentânea de controle, um mergulho no prazer ou na ação, enquanto *boca* concretiza o contato direto e material com o objeto do desejo.

Em termos esquemáticos, a construção configura-se como fechada, caracterizando-se por uma estrutura fixa e cristalizada. Nenhum dos elementos que a compõem é passível de substituição lexical: o verbo *cair* e o substantivo *boca* permanecem invariáveis, reforçando o caráter idiomático da expressão. Além disso, o *chunk* não admite inserção de elementos em seu interior, o que consolida sua estabilidade formal e lexical. Quanto à flexão, não há variação em número, ou seja, formas como **cair de bocas* não ocorrem, mas são possíveis flexões em tempo, modo e pessoa, como em *caiu/caía/caímos de boca*, conferindo certa flexibilidade morfossintática sem comprometer a fixidez da expressão.

A construção é parcialmente composicional, pois o sentido global não pode ser plenamente deduzido a partir da soma dos significados dos elementos da EI. O verbo, que originalmente indica o ato físico de cair, combinado com *boca*, passa a expressar entrega intensa, impulso ou voracidade em relação a algo desejado, seja comida, prazer sexual ou envolvimento em uma atividade. Dessa forma, a expressão é parcialmente opaca, dado que a

interpretação idiomática exige conhecimento prévio: o sentido de dedicação extrema ou voracidade não se infere diretamente do significado literal das palavras.

Em relação à frequência da expressão, no PB a construção apresenta 129 ocorrências no total, enquanto no PE são contabilizadas apenas 17 ocorrências, evidenciando que a expressão é consideravelmente mais produtiva e consolidada no Brasil, como ilustra a Tabela 31.

Tabela 31 – Frequências de uso da EI *cair de boca* por variedade do português

Construção	*F. absoluta (PB)*	*F. relativa (PB)*	*F. absoluta (PE)*	*F. relativa (PE)*
Cair de boca	**57**	0,086	**5**	0,015
Cai de boca	20	0,030	1	0,003
Caiu de boca	16	0,024	4	0,012
Caí de boca	10	0,015	2	0,006
Caia de boca	7	0,010	0	0,000
Caindo de boca	5	0,007	2	0,006
Caímos de boca	4	0,006	0	0,000
Caem de boca	3	0,004	1	0,003
Caio de boca	3	0,004	1	0,003
Caía de boca	2	0,003	0	0,000
Cairmos de boca	1	0,001	0	0,000
Caíram de boca	1	0,001	0	0,000
Caído de boca	0	0,000	1	0,003
Total	**129**	**0,191**	**17**	**0,051**

Fonte: Elaboração própria (2025).

No PB, a forma mais frequente é o infinitivo *cair de boca* (57 ocorrências; 0,086), seguida pelo presente do indicativo *cai de boca* (20; 0,030) e pelo pretérito perfeito *caiu de boca* (16; 0,024). Outras formas, como *caí de boca* (10; 0,015), *caia de boca* (7; 0,010) e *caindo de boca* (5; 0,007), demonstram que a construção permite flexão em tempo, modo e pessoa, mantendo relativa flexibilidade morfossintática. No PE, a frequência absoluta é significativamente menor e a diversidade morfológica também é reduzida. O infinitivo *cair de boca* concentra a maioria das ocorrências (5; 0,015), seguido pelo pretérito perfeito *caiu de boca* (4; 0,012) e formas como *caindo de boca* (2; 0,006) e *caído de boca* (1; 0,003). Essa distribuição sugere que, apesar de a expressão ser conhecida em Portugal, seu uso é restrito e menos produtivo, concentrando-se em formas padrão e raramente flexionadas.

- Dar nos nervos

A microconstrução *dar nos nervos* é instanciada pelo subesquema [V PREP $N_{\text{parte do corpo}}$] e é utilizada para indicar que algo provoca irritação, impaciência ou incomoda profundamente alguém. Nessa construção, os *nervos* funcionam como um recipiente simbólico das emoções, projetando o estado interno de aborrecimento ou tensão física e psicológica. Quando algo "dá nos nervos", é como se esse estímulo externo pressionasse ou sobrecarregasse o recipiente, elevando o nível de desconforto até provocar reação emocional intensa.

A metáfora subjacente CORPO É RECIPIENTE DE EMOÇÕES permite compreender a ação não apenas como um impacto psicológico, mas como uma experiência corporal: os nervos representam o ponto sensível do corpo onde a irritação se concentra, sendo que a expressão transmite a ideia de que o aborrecimento atinge diretamente a estabilidade emocional da pessoa. Assim, *dar nos nervos* articula a relação entre corpo e experiência afetiva, estruturando cognitivamente a sensação de incômodo como um efeito de pressão sobre o organismo, projetando estados emocionais abstratos em termos físicos e sensíveis.

A ação da metáfora conceitual pode ser observada nos exemplos a seguir, em que os *nervos* funcionam como ponto sensível onde a irritação se concentra, e a expressão projeta o impacto emocional externo como uma pressão interna que desestabiliza a pessoa.

38 Agora, o que me **dá nos nervos** é essa coisa do brasileiro de inventar ou mudar palavras, achando que assim fica mais "chic"! Primeiro, foram os malditos "com certeza", os "a nível de", os "focar", os "inicializar" etc., etc.. E agora, a bola da vez é o "segue" e / ou o "seguir", no sentido de CONTINUAR, que está sendo usado por jornalistas (?) até mesmo da Globo e do Estadão (fulano "segue" internado; o técnico "segue" com a mesma escalação etc.). Por que essa mania de trocar boas palavras por outras que nada tem a ver?? (3 G BR ...aportuguesadobrasil.blogspot.com)

39 O filme eu achei muito bom, mas como filme, separado do livro porque realmente MUITA coisa mudou e isso me **deu super nos nervos**. (1 B BR amigadaleitora.blogspot.com)

No exemplo (38), a EI é usada em um contexto discursivo e avaliativo. O falante expressa frustração frente a um comportamento social que considera irritante: a alteração da linguagem padrão. O incômodo não é físico, mas emocional e cognitivo, sendo que a intensidade do efeito é reforçada pelo tom exclamativo e pelo uso de termos avaliativos, como *malditos* e *mania*, mostrando que a força pragmática da expressão decorre do julgamento negativo do evento e da reação emocional do falante. Em (39), a expressão é acompanhada do modificador de grau *super*, que intensifica a percepção de irritação do falante. Nesse caso, o

incômodo do enunciador está relacionado à frustração emocional de ver divergências entre livro e filme, situando a EI em um contexto mais pessoal e afetivo. O uso do advérbio *super* mostra como elementos extraconstrucionais podem aumentar a intensidade pragmática de *dar nos nervos*, reforçando a carga emocional do evento (Silva, 2019).

Do ponto de vista formal, a construção é totalmente preenchida. Embora os elementos que a compõem não possam ser substituídos, já que o verbo *dar*, a preposição *nos* e o substantivo *nervos* permanecem fixos, é possível inserir modificadores ou intensificadores no interior do *chunk*, como em *dava-lhe nos nervos*, *deu tanto nos nervos* ou *deu super nos nervos,* este último ilustrado no exemplo (39). Essa abertura interna permite ao falante marcar intensidade ou ênfase, conferindo maior flexibilidade pragmática à expressão sem comprometer sua identidade idiomática. A construção admite flexão de tempo, modo e pessoa, como em *dava/deu/dá nos nervos*, preservando o sentido idiomático de causar irritação ou aborrecimento. A flexão no singular é possível, porém, pouco comum, o que reforça que o núcleo semântico da expressão permanece estável mesmo quando ajustado morfossintaticamente.

Em termos semânticos, a expressão é parcialmente composicional: o significado global de provocar irritação ou impaciência não se deduz apenas da soma literal dos elementos. A metáfora conceitual subjacente se mantém ativa, projetando o impacto emocional diretamente sobre os *nervos* como centro da irritação, permitindo que modificadores aumentem a intensidade da sensação, como em *super nos nervos* ou *tanto nos nervos*.

A análise da frequência de uso da expressão, conforme Tabela 32, apresenta diferenças quantitativas e morfológicas entre o PB e o PE.

Tabela 32 – Frequências de uso da EI *dar nos nervos* por variedade do português

Construção	*F. absoluta (PB)*	*F. relativa (PB)*	*F. absoluta (PE)*	*F. relativa (PE)*
Dá nos nervos	**82**	0,125	7	0,021
Dando nos nervos	31	0,047	0	0,000
Dar nos nervos	22	0,033	3	0,009
Dão nos nervos	15	0,022	2	0,006
Deu nos nervos	14	0,021	0	0,000
Dava nos nervos	9	0,013	1	0,003
Davam nos nervos	2	0,003	0	0,000
Deram nos nervos	1	0,001	0	0,000
Dá no nervo	0	0,000	1	0,003
DAR[47] *[X] nos nervos*	6	0,009	**11**	0,033
Total	**182**	**0,274**	**25**	**0,075**

Fonte: Elaboração própria (2025).

[47] O verbo escrito com letras maiúsculas indica que pode ser flexionado.

No PB, a construção apresenta 182 ocorrências no total (0,274), enquanto no PE contabilizam-se 25 ocorrências (0,075), indicando que, apesar de presente em ambas as variantes, o uso é mais produtivo e consolidado no Brasil. No PB, a forma mais frequente é *dá nos nervos* (82 registros; 0,125), seguida por *dando nos nervos* (31; 0,047) e *dar nos nervos* (22; 0,033), demonstrando variação em tempo, modo e pessoa. Outras formas, como *dão/deu/dava nos nervos*, mostram a adaptabilidade morfossintática da expressão. No PE, predomina [dar [X] nos nervos] (11 ocorrências; 0,033), com uso da ênclise (*dá-me nos nervos*), ao passo que no PB o padrão é proclítico (*me dá nos nervos*). As demais formas no PE aparecem com frequência menor, evidenciando menor produtividade e circulação da construção em contextos portugueses.

Quadro 15 – Comparação da forma lexical da EI no PB e no PE

PB	**PE**
Dá nos nervos Me dá nos nervos	Dá nos nervos Dá-me nos nervos

Fonte: Elaboração própria (2025).

Esses dados mostram que a EI mantém sua estabilidade idiomática nas duas variedades, mas a variação morfológica reflete diferenças gramaticais entre PB e PE, especialmente no que se refere à colocação pronominal e à preferência por formas específicas em cada variante.

- <u>Pegar no pé</u>

Amplamente usada no PB, a EI *pegar no pé* refere-se a implicar com alguém ou criticar constantemente, de forma insistente e incômoda. A construção evoca a ação física de segurar o pé de alguém, metaforizando o comportamento de quem não deixa o outro em paz. A expressão funciona como metáfora de controle e insistência, em que a restrição do movimento corporal simboliza a pressão verbal ou emocional, podendo oscilar entre tons brincalhões e afetivos ou negativos, dependendo do contexto.

A expressão é estruturada pela metáfora conceitual INSISTIR / CRITICAR É RESTRIÇÃO DE MOVIMENTO (Lakoff e Johnson, 1980), segundo a qual o ato de insistir ou de implicar é compreendido em termos de uma ação física de contenção ou aprisionamento. Nesse quadro metafórico, *pegar no pé* representa a tentativa de impedir o avanço ou a liberdade do outro,

seja em suas ações, decisões ou comportamentos. O corpo é concebido como um espaço de controle e dominação, e o pé, reconhecido como parte associada ao deslocamento e à autonomia, é figuradamente utilizado para expressar limitação e incômodo. Essa associação confere à expressão um caráter vívido e corporalizado, pois traduz um comportamento discursivo (criticar ou cobrar) em termos concretos e sensoriais, o que intensifica o valor expressivo e avaliativo da construção.

Conforme ilustram os exemplos a seguir, a expressão ocorre com frequência em dois domínios discursivos principais: o futebolístico e o dos relacionamentos amorosos.

40 Seja uma pessoa agradável - Quem é que gosta de mulher que vive falando coisas desagradáveis, ofendendo os outros, falando coisas inconvenientes, observando detalhes apenas para ser desagradável? Não seja chata!!! 2. Não **pegue no pé** demais. -- Deixe as pessoas serem felizes!!! As vezes encontrou um namorado tão bom, mas **pega** tanto, tanto, tanto **no pé** do rapaz, que ele tem vontade de correr 500 quilometros de perto de você!!!! (6 G BR unidosnafe.com.br)

Em (40), a EI aparece em uma construção imperativa, funcionando como um aconselhamento comportamental dirigido a interlocutoras do texto. O uso reforça a ideia de implicância excessiva e controle sobre o outro, especialmente no contexto afetivo, pela referência ao namorado. O valor metafórico de *pegar no pé* remete, então, a uma atitude de vigilância e cobrança constante, capaz de gerar incômodo e afastamento. O sentido corporal figurado é atualizado de modo expressivo, transmitindo a noção de limitação e opressão emocional.

41 A minha alegria é maior, porque tenho o FC Porto a apoiar-me, estando eu bem ou mal. Usando uma expressão bem brasileira, "**pegaram no pé**" de Helton, que não gostou. Certo? Ele não desmente: "Quem gosta? Sempre estive tranquilo, independentemente de gostarem ou não das minhas actuações e da minha maneira de ser, do meu sorriso, que eu sei que, muitas vezes, incomoda" (1 B PT reflexaoportista.pt)

Em (41), a construção *pegaram no pé* é empregada em tom crítico e avaliativo, para indicar que o jogador foi alvo de críticas e pressão por parte da torcida ou da mídia. Nesse contexto, a expressão mantém seu valor metafórico, mas adquire uma nuance mais institucional e coletiva, referindo-se à cobrança dirigida a uma figura pública. O emprego da sentença *usando uma expressão bem brasileira* ressalta ainda o caráter informal e coloquial da expressão, típico do PB, embora também reconhecível e ocasionalmente utilizada no PE.

Do ponto de vista formal, *pegar no pé* é esquematicamente fechada, uma vez que seus componentes são fixos e não admitem substituição lexical. Alterações como **segurar no pé* ou **pegar na perna* não preservam o sentido figurado de implicar ou incomodar, o que evidencia o alto grau de cristalização lexical da construção. Ainda que a expressão permita a

inserção de elementos modificadores, como em *pegar muito no pé* ou *pegar no meu pé*, seus constituintes centrais permanecem invariáveis, o que reforça a estabilidade estrutural da EI.

Além disso, a construção não admite flexão de número, logo, formas como **pegar nos pés* não ocorrem no sentido idiomático, restringindo-se, portanto, ao singular, o que contribui para a fixidez estrutural. Por outro lado, a flexão verbal é plenamente produtiva, como se observa em *pego/pegava/pegou/pegaram no pé*, o que permite a adaptação da expressão a diferentes tempos e pessoas sem que seu valor idiomático seja alterado.

Quanto à composicionalidade, a construção é parcialmente composicional, já que seu sentido global não se depreende diretamente dos significados literais de *pegar no pé de alguém*. O verbo *pegar* mantém parte de seu valor de ação, mas o sintagma *no pé* adquire um sentido metafórico, relacionado à insistência, cobrança ou obstinação, e não a uma ação física concreta. Dessa forma, a expressão revela-se semântica e cognitivamente parcialmente opaca, pois sua interpretação depende do conhecimento convencional e compartilhado da EI.

A análise da frequência da construção mostra diferenças expressivas entre o PB e o PE em termos quantitativos e de produtividade morfológica.

Tabela 33 – Frequências de uso da EI *pegar no pé* por variedade do português

Construção	*F. absoluta (PB)*	*F. relativa (PB)*	*F. absoluta (PE)*	*F. relativa (PE)*
Pegar no pé	**198**	0,301	6	0,018
Pegando no pé	101	0,154	2	0,006
Pega no pé	81	0,123	3	0,009
Pego no pé	39	0,059	1	0,003
Pegava no pé	23	0,035	0	0,000
Pegam no pé	20	0,030	0	0,000
Pegou no pé	15	0,022	0	0,000
Peguei no pé	8	0,012	1	0,003
Pegaram no pé	7	0,010	1	0,003
Peguem no pé	7	0,010	0	0,000
Pegue no pé	5	0,007	0	0,000
Pegavam no pé	5	0,007	0	0,000
Pegarem no pé	5	0,007	0	0,000
Pegamos no pé	4	0,006	0	0,000
Pegado no pé	4	0,006	0	0,000
Pegávamos no pé	1	0,001	0	0,000
Pegassem no pé	1	0,001	0	0,000
Pegariam no pé	1	0,001	0	0,000
Pegaria no pé	1	0,001	0	0,000
Pegará no pé	1	0,001	0	0,000
PEGAR [X] no pé	62	0,094	0	0,000
PEGAR no [X] pé	197	0,300	**11**	0,033
Total	**786**	**1,188**	**25**	**0,075**

Fonte: Elaboração própria (2025).

No PB, registram-se 786 ocorrências e no PE há apenas 25 ocorrências, o que demonstra que a expressão é altamente produtiva e consolidada no contexto brasileiro, mas bem menos frequente e restrita em Portugal. De modo geral, os dados indicam que *pegar no pé* constitui um idiomatismo muito mais produtivo e convencionalizado no PB do que no PE, já que no PB essa construção assume forte valor avaliativo e expressivo, sendo amplamente empregada em contextos de convivência cotidiana, relações afetivas e esportivas. No PE, embora seja aceita, a expressão mantém um caráter periférico e menos cristalizado, funcionando mais como empréstimo discursivo do PB do que como um elemento idiomático plenamente incorporado à variedade europeia.

- Conclusões parciais sobre o subesquema intensificador

O padrão construcional [V PREP $N_{\text{parte do corpo}}$] caracteriza-se por uma configuração relativamente fechada, com baixo grau de esquematicidade, já que a maior parte das expressões é formada por combinações fixas e idiomatizadas, nas quais a substituição ou inserção de elementos tende a comprometer o valor idiomático. Em termos de composicionalidade, a grande maioria das construções apresenta transparência parcial, pois o sentido global não é inteiramente previsível a partir da soma literal de seus constituintes, embora o verbo geralmente mantenha alguma relação metafórica com o significado figurado da expressão.

Observa-se, de modo geral, flexão verbal de tempo, modo e pessoa, mas não há flexão de número, o que reforça o caráter formulaico dessas expressões. Algumas construções, como *dar nos nervos* e *pegar no pé*, permitem ocasionalmente a inserção de elementos modificadores, o que indica certo grau de variação discursiva, enquanto outras, como *falar pelos cotovelos* ou *cair de boca*, são altamente fixas. Os subesquemas [dar no(s) [N]] e [[V] de cabeça], por sua vez, ao permitirem, respectivamente, variação nas posições [N] e [V], apresentam maior esquematicidade e, por isso, uma maior produtividade (Furtado da Cunha e Bispo, 2019).

Quadro 16 – Sistematização do padrão construcional [V PREP N]

Construção	Esquematicidade	Composicionalidade	Flexão tempo, modo e pessoa	Flexão número	Inserção de elemento modificador	Substituição de elemento
Cair de boca	Fechada	Parcial	Sim	Não	Não	Não
Dar no pé	Fechada	Parcial	Sim	Não	Não	Não
Dar nos nervos	Fechada	Parcial	Sim	Sim	Sim	Não
Falar pelos cotovelos	Fechada	Parcial	Sim	Não	Não	Não
Pegar no pé	Fechada	Parcial	Sim	Não	Sim	Não
Entrar/mergulhar/ir de cabeça	Parcial	Alta	Sim	Não	Não	Não

Fonte: Elaboração própria (2025).

O conjunto de construções instanciadas pelo padrão construcional [V PREP N] evidencia diferenças marcantes entre o PB e o PE em termos de frequência, produtividade e integração discursiva. A Tabela 34 ilustra a frequência de uso do subesquema:

Tabela 34 – Frequências de uso do subesquema intensificador [V PREP $N_{\text{parte do corpo}}$] por variedade do português

Construção	*F. absoluta (PB)*	*F. relativa (PB)*	*F. absoluta (PE)*	*F. relativa (PE)*
Cair de boca	129	0,191	17	0,051
Dar no pé	119	0,175	2	0,006
Dar nos nervos	182	0,274	25	0,075
Falar pelos cotovelos	198	0,297	79	0,238
Pegar no pé	786	1,188	25	0,075
Entrar/mergulhar/ir de cabeça	746	1,117	120	0,357
Total	**2160**	**3,242**	**268**	**0,802**

Fonte: Elaboração própria (2025).

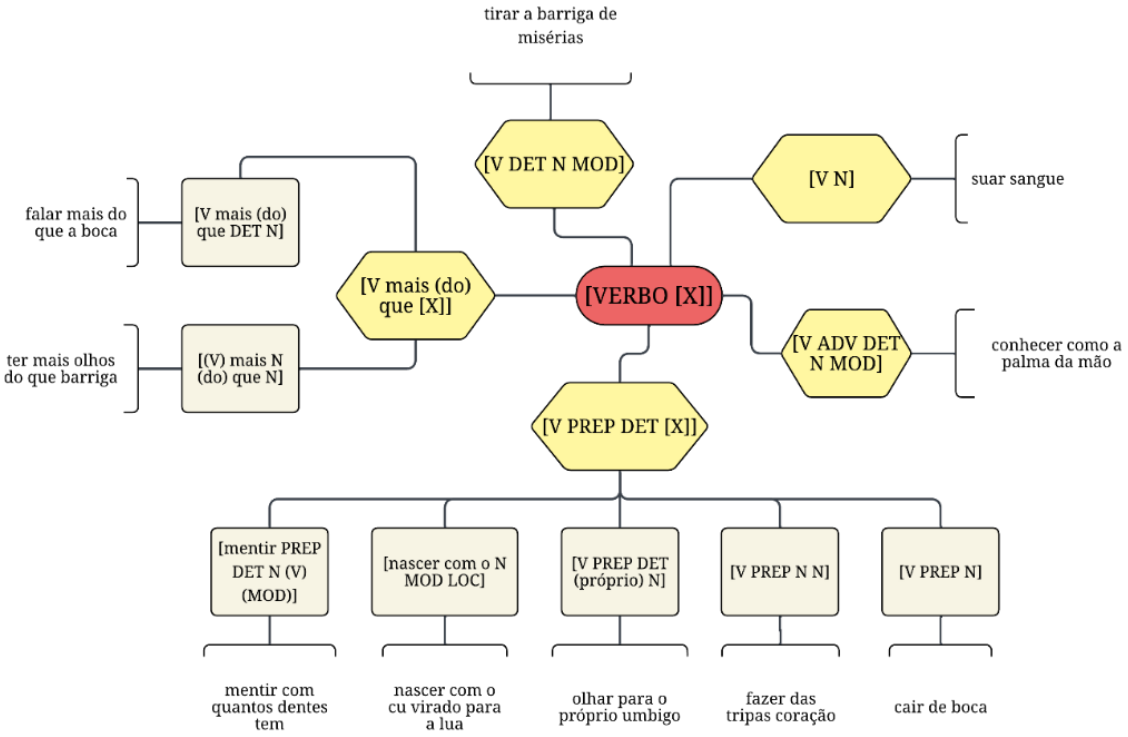
No PB, o subesquema construcional é bastante produtivo, totalizando 2.160 ocorrências absolutas (3,242), distribuídas entre diversas microconstruções altamente produtivas e expressivas, como *pegar no pé* (786; 1,188), *falar pelos cotovelos* (198; 0,297) *entrar/mergulhar/ir de cabeça* (746; 1117), principalmente os *types entrar de cabeça* e *mergulhar de cabeça*. Essas construções demonstram o caráter idiomático, afetivo e intensificador típico do PB, frequentemente associado a situações informais, coloquiais e narrativas, o que reforça o dinamismo semântico e a criatividade morfológica do PB.

Por outro lado, no PE, observa-se menor produtividade geral (268 ocorrências), com destaque para a construção *entrar/mergulhar/ir de cabeça* (120; 0,357) e para *falar pelos cotovelos* (79; 0,238), que são as microconstruções mais reconhecidas e integradas ao uso europeu. Essa diferença sugere que o contexto lusitano tende a conservar usos mais restritos e menos flexíveis, enquanto o PB amplia e adapta as EIs com maior liberdade. Nota-se que algumas construções, embora comuns no PB, parecem funcionar como empréstimos discursivos no PE, reconhecidas, mas não plenamente integradas, como é o caso de *dar no pé* e *pegar no pé*, cuja frequência reduzida aponta para circulação marginal.

7.2.6 Rede construcional do esquema iniciado por VERBO

A Figura 2 representa uma rede construcional de EIs intensificadoras de base corporal do PB e PE organizadas em torno de construções verbais.

Figura 2 – Rede construcional do esquema [VERBO [X]]



Fonte: Elaboração própria (2025).

No topo da rede construcional, figura o esquema [VERBO [X]], que representa o nível mais abstrato da hierarquia construcional. Trata-se de um esquema parcialmente

esquemático, em que o verbo atua como núcleo fixo e o constituinte [X] corresponde a um *slot* variável, passível de preenchimento por diferentes tipos de complementos. Essa construção geral abrange o domínio das expressões verbais idiomáticas, funcionando como um molde sintático e semântico que reúne combinações verbo-complemento de significado não composicional.

Esse nível define, portanto, o padrão construcional "verbo + complemento(s)", formalmente variável, mas semanticamente unificado por uma interpretação idiomática global. A partir desse esquema mais geral, a rede se ramifica em cinco subesquemas construcionais, os quais correspondem a diferentes padrões sintático-semânticos recorrentes nas EIs do português:

1. [V PREP DET [X]] – construções preposicionais idiomáticas (*mentir com quantos dentes tem*, *nascer com o cu virado para a lua*, *fazer das tripas coração*);
2. [V DET N MOD] – construções nominais com modificador (*tirar a barriga de misérias*);
3. [V N] – construções mínimas do tipo verbo + nome (*suar sangue*);
4. [V ADV DET N MOD] – construções adverbiais expandidas (*conhecer como a palma da mão*);
5. [V mais (do) que [X]] – construções comparativas idiomáticas (*falar mais do que a boca*, *ter mais olhos do que barriga*).

Esses subesquemas funcionam como nós intermediários dentro da rede construcional, agrupando expressões que apresentam semelhanças formais e afinidades funcionais. Todos eles herdam do esquema mais abstrato os traços fundamentais, especialmente a idiomaticidade e a configuração [*verbo + complemento fixo*], mas cada subesquema introduz suas próprias especificações morfossintáticas, que restringem e ao mesmo tempo orientam a produtividade do padrão.

Assim, o subesquema [V PREP DET X] caracteriza construções preposicionais idiomáticas (como *mentir com quantos dentes tem*), enquanto [V DET N MOD] reúne construções nominais acompanhadas de modificador (como *tirar a barriga de misérias*). Já o padrão [V N] contempla EIs altamente cristalizadas do tipo [verbo + nome], como *suar sangue*; o subesquema [V ADV DET N MOD] abrange expressões adverbiais expandidas (*conhecer como a palma da mão*); e o padrão [V mais (do) que X] organiza EIs comparativas (*falar mais*

do que a boca). Dessa forma, cada subesquema especifica caminhos distintos de realização formal, mantendo, contudo, a coerência global da rede idiomática que integra.

De acordo com Bybee (2016 [2010]), a frequência de uso e a recorrência desses construtos no uso linguístico fortalecem as conexões na rede e promovem o processo de *entrenchment* (fixação cognitiva), tornando certos padrões mais acessíveis e produtivos. Assim, o nível dos construtos desempenha papel fundamental na emergência, consolidação e manutenção das construções idiomáticas na gramática mental dos falantes.

A análise da frequência desses construtos nas duas variedades do português reforça essa relação entre uso e fixação cognitiva, como se pode observar na Tabela 35:

Tabela 35 – Frequências de uso dos subesquemas intensificadores iniciados por VERBO por variedade do português

Esquema construcional	*F. absoluta (PB)*	*F. relativa (PB)*	*F. absoluta (PE)*	*F. relativa (PE)*
[mentir PREP DET N (V) (MOD)]	20	0,030	80	0,243
[V PREP N N]	127	0,186	112	0,344
[V PREP DET (próprio) N]	281	0,474	132	0,395
[nascer com o N MOD LOC]	4	0,006	20	0,060
[V N]	152	0,225	20	0,063
[V ADV DET N MOD]	22	0,030	25	0,075
[V mais (do) que DET N]	29	0,038	5	0,015
[(V) mais N (do) que N]	5	0,006	84	0,253
[V DET N MOD]	20	0,027	62	0,197
[V PREP N]	2160	3,242	268	0,802
Total	**2820**	**4,264**	**808**	**2,447**

Fonte: Elaboração própria (2025).

Em ambas as variedades, o subesquema [V PREP N] é o mais recorrente, instanciando EIs como *pegar no pé*, *dar nos nervos*, tanto em frequência absoluta quanto relativa (2.160 ocorrências; 3,242 no PB; 268 ocorrências; 0,802 no PE), confirmando o papel das preposições como elementos recorrentes de ligação entre o verbo e o complemento intensificador. Essa produtividade reflete o alto grau de esquematicidade e a transparência sintática do padrão, que favorecem sua recorrência e sua adaptação a diferentes contextos discursivos. Outros esquemas, como [mentir PREP DET N (V) (MOD)], [V PREP N N] e [V PREP DET (próprio) N], também se mostram relevantes, sobretudo no PE, onde apresentam índices relativos ligeiramente superiores, sugerindo uma tendência à maior compactação e integração sintática. O PB, por sua vez, apresenta maior dispersão e amplitude de uso, com diversidade de padrões e flexibilidade lexical, o que pode estar associado a um comportamento discursivo mais expansivo.

Quanto à composicionalidade e à produtividade, a maioria das construções apresenta composicionalidade parcial, característica típica das EIs, cujo significado depende de metáfora, metonímia ou hipérbole (Nunberg *et al*., 1994). Nota-se, porém, que subesquemas mais recorrentes, como [V ADV DET N MOD], [V mais (do) que DET N] e [V DET N MOD], exibem maior transparência semântica, o que favorece sua produtividade e interpretação, já que a clareza das relações entre os constituintes permite que os falantes apreendam intuitivamente o significado global. Em contraste, padrões como [V PREP DET (próprio) N] e [V N], nos quais a composicionalidade é mais opaca, o uso da inferência tende a ser maior.

Em síntese, para os esquemas verbais, a transparência semântica desempenha papel decisivo na produtividade, de modo que construções verbalmente motivadas e semanticamente inferíveis pela sua própria configuração morfossintática são mais propensas a se integrar de forma estável ao repertório idiomático do português, tanto no PB quanto no PE.

7.3 SUBESQUEMAS INTENSIFICADORES INICIADOS POR NOME[48]

7.3.1 Subesquema [$N_{\text{parte do corpo}}$ PREP LOC]

O padrão construcional [$N_{\text{parte do corpo}}$ PREP LOC] caracteriza-se por estruturas nas quais um substantivo é seguido de uma preposição e de um locativo, formando um subesquema muito produtivo na língua. Esse padrão é empregado, sobretudo, para expressar estados, qualidades ou características de maneira figurativa. O esquema organiza-se em quatro microconstruções principais: [mão PREP roda], [pé PREP [LOC]], [sangue PREP [LOC]] e [fogo PREP [LOC]]. O primeiro padrão construcional é representado por uma única construção (*mão na roda*); o segundo abrange duas microconstruções distintas (*pé na tábua* e *pé no saco*); o terceiro também se realiza em duas microconstruções (*sangue nos olhos* e *sangue nas veias*); e, por fim, o quarto padrão é representado pela construção *fogo no cu*.

Analisemos especificamente cada uma dessas microconstruções:

[48] Entre os subesquemas de intensificação iniciados por NOME, as seguintes EIs não serão analisadas individualmente neste capítulo, sendo examinadas no Apêndice I e apresentadas neste capítulo apenas nos quadros e figuras finais: [N PREP DET $N_{\text{parte do corpo}}$] (*colírio para os olhos*); [N PREP LOC] (*fogo no rabo*); [$N_{\text{parte do corpo}}$ MOD] (*língua solta*, *olho clínico* e *sangue quente*); [$N_{\text{parte do corpo}}$ e $N_{\text{parte do corpo}}$] (*pele e osso* e *unha e carne*) e [$N_{\text{parte do corpo}}$ PREP N] (*estômago de avestruz* / *bunda de tanajura* / *nariz de tucano* / *nariz de elefante*).

- Mão na roda

A EI *mão na roda* remete à metáfora conceitual de base mecânica AÇÃO FACILITADA É MECANISMO EFICIENTE (Lakoff e Johnson, 1980). A expressão evoca a ideia de uma intervenção prática que simplifica ou agiliza determinada tarefa, à semelhança de uma mão que atua diretamente sobre a roda para colocá-la em movimento ou garantir seu funcionamento adequado. No uso corrente, a expressão é empregada para designar algo ou alguém que oferece ajuda significativa, que se mostra útil ou conveniente em uma situação. Assim, seu sentido figurado está associado à noção de auxílio eficaz e oportuno, funcionando como um recurso valioso diante de uma necessidade. Ainda que, em geral, apresente valor semântico positivo, como em (42), o uso da expressão pode variar conforme o contexto comunicativo, assumindo também tons irônicos ou depreciativos, como exemplificado em (43).

42 Faça um penteado criativo e lance mão de produtos para modelar o cabelo e colorir os fios! Lencinhos umedecidos são uma **mão na roda** se o make borrar, né? (8 G BR atrevida.uol.com.br)

43 Fiquem aí falando mal, e chupando dedo, que enquanto isso, eu te o colocando meus amigos em este negocio, e eles felizes de a vida me agradecendo por tê-los apresentado a TELEFREE... Quem fala mal nasceu pra ser **mão na roda** mesmo!!!! (103 B BR acertodecontas.blog.br)

Em (42), *mão na roda* apresenta o sentido positivo e convencional de "algo que facilita uma tarefa", "ajuda" ou "recurso útil". A metáfora subjacente associa o ato de colocar a mão na roda a fazer o movimento fluir com mais facilidade, evocando a ideia de auxílio prático e eficiência. Assim, a expressão adquire valor positivo, destacando a utilidade dos lenços para resolver um problema cotidiano, no caso, o borrão da maquiagem.

Em contrapartida, a EI em (43) é empregada de modo irônico, com valor negativo. O falante utiliza *mão na roda* de forma sarcasticamente oposta ao seu sentido prototípico, para designar alguém que, de maneira involuntária, acaba servindo de apoio ou benefício a outrem. Nesse caso, a construção ganha carga avaliativa e afetiva, refletindo intensificação pragmática: a ironia reforça a crítica e explicita a oposição entre o dito e o pretendido (Albelda Marco e Arguedas, 2021; Roels, 2024).

Tal construção se caracteriza como altamente cristalizada, apresentando um grau elevado de fixidez estrutural e lexical. Os constituintes *mão* e *roda* são elementos indispensáveis à configuração idiomática e não admitem substituição sem prejuízo do reconhecimento e da interpretação da expressão como unidade convencional de sentido. Trata-se, portanto, de uma EI fechada, cujas posições internas são rigidamente preenchidas por

lexemas específicos, funcionando como um todo semântico indivisível no uso. Essa fixidez, portanto, é um dos traços centrais que distinguem tais construções de outras formas mais esquemáticas e produtivas no léxico da língua (Nunberg *et al*., 1994; Xatara, 1998a).

Em decorrência disso, *mão na roda* é definida como parcialmente composicional, pois seu significado idiomático de algo ou alguém que facilita ou ajuda demasiadamente em determinada tarefa não pode ser inferido diretamente a partir da soma dos significados denotativos de *mão*, *na* e *roda*. Literalmente, a expressão poderia sugerir apenas uma mão em contato com uma roda, o que não revela, por si só, seu sentido figurado. O significado emerge da metáfora como um todo, e não da simples combinação de seus constituintes.

Por consequência, a associação entre *mão* e *roda*, embora permita uma leitura metafórica com algum esforço analítico (como uma intervenção útil em um mecanismo), não é totalmente transparente. Apresenta-se, assim, como parcialmente opaca, já que seu sentido idiomático não é imediatamente acessível para falantes que desconhecem previamente a EI. O valor metafórico, portanto, depende de um conhecimento linguístico e cultural compartilhado, sendo necessário aprender a construção como uma unidade de significado.

A expressão não permite a inserção de modificadores em sua estrutura interna sem comprometer seu valor idiomático. Alterações como **mão direita na roda* ou *mão na *bela* roda soam artificiais ou descaracterizam a construção, tornando seu sentido figurado incompreensível. Todavia, é muito comum a presença de adjetivos fora da estrutura central, especialmente na posição inicial, com a função de intensificar o grau de ajuda ou utilidade atribuída – como ocorre em (44), com o uso de *tremenda*. Nesse exemplo, a expressão *uma tremenda mão na roda* reforça o valor avaliativo positivo da construção, que significa "grande ajuda" ou "recurso extremamente útil". Observa-se também que a construção é frequentemente antecedida pelo artigo indefinido *uma*, elemento que contribui para sua naturalidade no uso e para a fixação pelo padrão idiomático no uso na língua.

44 Outro livro legal que vai ser uma tremenda **mão na roda** não é bem um livro: é um Dicionário de Holandesice. (27 G BR ducsamsterdam.net)

No que diz respeito às substituições lexicais, como já mencionado, elas não são possíveis. Alterar qualquer um dos elementos constituintes, como, por exemplo, trocar *mão* por *pé* ou *roda* por *volante*, invalida o sentido idiomático e rompe com a convencionalidade da expressão. Como não apresenta verbo em sua composição, não admite flexão de modo ou tempo verbal; da mesma forma, a flexão de número também é inexistente. A construção se consolidou

no singular e dificilmente aparece no plural, sendo formas como **mão(s) na(s) roda(s)* praticamente inexistentes ou inaceitáveis no uso idiomático consolidado.

De modo geral, os dados reforçam a discrepância significativa entre as variedades (vide Tabela 36): enquanto a frequência relativa no PB é de 0,786 (516 registros), no PE é de apenas 0,039 (13 registros), indicando que o uso de *mão na roda* é praticamente exclusivo do PB.

Tabela 36 – Frequências de uso da EI *mão na roda* por variedade do português

Construção	*F. absoluta (PB)*	*F. relativa (PB)*	*F. absoluta (PE)*	*F. relativa (PE)*
Mão na roda	**516**	0,786	13	0,039
Total	**516**	**0,786**	**13**	**0,039**

Fonte: Elaboração própria (2025).

O PB tende a favorecer construções mais explícitas, lineares e próximas da fala cotidiana, o que cria espaço para formas expressivas, coloquiais e avaliativas. Nesse contexto, metáforas práticas como *mão na roda*, associadas à ideia de "facilidade" ou "ajuda útil", se inserem naturalmente no discurso brasileiro, caracterizado por informalidade, oralidade e expressividade. Tais características são menos frequentes no PE, onde a norma tende a preservar estruturas mais formais e rígidas; por isso, expressões como *dar uma ajuda* são muito mais recorrentes na variedade lusitana e cumprem a mesma função semântica, indicando uma preferência por formas mais transparentes e menos metafóricas no caso em questão.

- <u>Pé na tábua / Pé no saco</u>

As EIs *pé na tábua* e *pé no saco* são instanciadas pelo subesquema [$N_{\text{parte do corpo}}$ PREP LOC], mas têm origem em metáforas distintas. A expressão *pé na tábua* deriva no universo da condução de veículos e está associada à ideia de aceleração máxima, ativando um esquema imagético baseado no movimento físico de pressionar intensamente o pedal do acelerador até o limite. Nesse contexto, o termo *tábua* faz referência ao pedal do acelerador do carro, no sentido de que colocar o *pé na tábua* significa pressioná-lo até o limite, imprimindo velocidade total. Esse gesto é mapeado conceptualmente, segundo a metáfora proposta por Lakoff e Johnson (1980), que pode ser esquematizada como EMOÇÃO / AÇÃO É MOVIMENTO / TRAJETÓRIA. Desse modo, o corpo (pé) atua como ancoragem para representar dinamismo, urgência ou velocidade.

No exemplo (45), a EI marca uma virada de postura: o falante abandona o passado e adota uma atitude resoluta e enérgica diante do futuro. Essa leitura é possível porque *pé na*

tábua intensifica o sentido de decisão e aceleração, ativando simultaneamente imagens sensório-motoras e inferências culturais associadas à velocidade, ao risco e à determinação:

45 agora é vida nova, é bola para a frente, é **pé na tábua**, é tentar olhar as coisas como lição de vida. (14 B BR entremaeefilha.blogspot.com)

Por sua vez, a expressão idiomática *pé no saco*, de forte carga coloquial e avaliativa, ativa um esquema imagético de natureza corporal e sensório-motora, no qual se representa a imagem concreta de um chute na região genital masculina – uma ação dolorosa, repentina e invasiva. Nesse caso, a imagem do *pé* agindo sobre uma parte sensível do corpo simboliza, por analogia, um grau elevado de incômodo físico ou irritação emocional.

Essa representação imagética está baseada em uma metáfora conceitual do tipo EMOÇÃO / SENSAÇÃO É DOR FÍSICA / IMPACTO, como proposto por Lakoff e Johnson (1980), em que uma sensação subjetiva negativa (aborrecimento, raiva, saturação) é expressa por meio de um evento corporal concreto e altamente vívido. O corpo torna-se, dessa forma, o domínio de origem para a construção de significados emotivos, afetivos e pragmáticos intensificados. Como observa Kövecses (2005), a metáfora de experiências corporais dolorosas é uma estratégia recorrente para expressar estados mentais de desconforto ou hostilidade.

Em (46), o uso da EI *pé no saco* para qualificar a interlocutora como extremamente incômoda traduz a intensidade do juízo negativo, ao mesmo tempo que reforça uma postura emocional agressiva por parte do falante. A construção funciona, portanto, como um intensificador, no qual o corpo é o veículo para a expressão hiperbólica de desagrado:

46 Isso mesmo, dona Rosa, a senhora é um **pé no saco**! (23 G BR docesrodopios.blogspot.com (1))

Ambas as construções são instanciadas pelo subesquema construcional [$N_{\text{parte do corpo}}$ PREP LOC], em que a posição [PREP] é preenchida pela contração da preposição *em* com o artigo definido *a* ou *o*. O *slot* [LOC], por sua vez, admite preenchimentos com elementos de natureza locativa, como *tábua* ou *saco*. Embora esse subesquema apresente certo grau de esquematicidade, as microconstruções associadas a ele exibem comportamentos distintos quanto à esquematicidade: *pé na tábua* admite variação, podendo ser parafraseada ou substituída por expressões próximas como *pé no acelerador* ou *pé na estrada*, apesar de essas formas apresentarem semelhanças em seu sentido, não existe uma sinonímia exata (Goldberg, 1995), sendo necessário considerar o contexto de uso para verificar se o valor intensificador é

preservado. Já *pé no saco* constitui uma construção altamente cristalizada, com baixa propensão a modificações estruturais, sob pena de comprometimento de sua interpretação idiomática.

Tais expressões podem ser classificadas como parcialmente composicionais, uma vez que seus significados idiomáticos não decorrem da simples soma dos sentidos literais de seus constituintes. Embora os elementos individuais de *pé na tábua* e *pé no saco* – *pé* (parte do corpo), *tábua* (objeto rígido) e *saco* (objeto ou, informalmente, parte do corpo masculino) – mantenham significados literais reconhecíveis, o sentido global de cada construção emerge de um processo construcional mais complexo, em que o todo adquire valor metafórico próprio.

As expressões em questão não admitem flexão de número, sendo inaceitáveis formas no plural, como **pé nas tábuas* ou **pés no saco*. Desse modo, suas estruturas se consolidaram no singular, cristalizando-se nesse formato como unidades lexicalizadas. No que diz respeito à modificação, observa-se a possibilidade de inserção de elementos modificadores, contanto que ocorram na periferia da construção – isto é, antes ou depois do *chunk* idiomático, mas não em sua parte interna. São atestadas, por exemplo, construções como *pé na tábua desenfreadamente*, *pé no saco total* e *é realmente um pé no saco*, nas quais o sentido idiomático é preservado, evidenciando certa estabilidade semântica mesmo diante da adjunção externa de modificadores.

Acerca da possibilidade de substituição de algum elemento na construção, *pé na tábua* mostra-se mais flexível. Ainda que *tábua* seja o termo mais consagrado, há variantes compreensíveis como *pé no acelerador* ou *pé na estrada* (ainda que possam apresentar sentidos próximos ou distintos, dependendo do contexto). Assim, a substituição parcial é possível, desde que se mantenha dentro do domínio metafórico. Por outro lado, *pé no saco* é uma expressão fechada e relativamente rígida; consequentemente, substituições como *pé no bolso*, *pé na barriga* ou *pé no estômago* não preservam o sentido idiomático de algo ou alguém extremamente incômodo, havendo, portanto, forte restrição à substituição lexical.

A Tabela 37 apresenta as frequências absoluta e relativa das EIs *pé na tábua* e *pé no saco* nas duas variedades do português:

Tabela 37 – Frequências de uso do subesquema intensificador [$N_{\text{parte do corpo}}$ PREP LOC] por variedade do português

Construção	*F. absoluta (PB)*	*F. relativa (PB)*	*F. absoluta (PE)*	*F. relativa (PE)*
Pé na tábua	**31**	0,047	2	0,006
Pé no saco	**215**	0,327	9	0,027
Total	**246**	**0,374**	**11**	**0,033**

Fonte: Elaboração própria (2025).

Esse padrão pode estar associado à maior produtividade, no PB falado, de EIs informais e de considerável carga pragmática e expressiva, frequentemente utilizadas para intensificar avaliações negativas e marcar envolvimento afetivo/emotivo na interação. Tal tendência está em consonância com características já apontadas por estudos sobre a oralidade no PB, como a valorização de formas mais coloquiais, enfáticas e sensíveis ao contexto intersubjetivo.

- Sangue nos olhos / Sangue nas veias

Outras microconstruções que são instanciadas pelo subesquema [N PREP LOC] são: *sangue nos olhos* e *sangue nas veias*. Essas EIs compartilham o sentido de intensidade, vigor ou disposição extrema. A EI *sangue nos olhos* é marcada por sua forte carga imagética e expressiva, evocando intensidade, combatividade e determinação extrema. A imagem do sangue no olho, além de impactante visualmente, associa-se metaforicamente a uma motivação implacável, indicando que o indivíduo está tomado por uma atitude de enfrentamento e por uma disposição inabalável para vencer a qualquer custo. Nesse sentido, a expressão opera figurativamente para caracterizar sujeitos em estado de vigor, fúria ou obstinação, enfatizando a força e a intensidade emocional que os impulsionam em determinado contexto.

De forma análoga, a EI *sangue nas veias* projeta a ideia de vitalidade, energia e prontidão para agir; estar com *sangue nas veias* é o oposto da apatia, sendo associado a alguém vivo, ativo e preparado para intervir ou enfrentar situações. Assim, ambas as construções compartilham a representação metafórica de força e dinamismo, diferenciando-se, porém, no foco: enquanto *sangue nos olhos* enfatiza combatividade e determinação direcionada a um objetivo específico, *sangue nas veias* ressalta a vitalidade e a capacidade de ação do sujeito de forma geral. Essa interpretação se confirma nos exemplos (47) e (48).

47 Depois de descobrir o local aonde os alemães estavam escondidos, o danado entrou pela porta da frente, sem a menor preocupação, chegou mandando bala nos chucrutes que não sabiam o que faziam. Com **sangue nos olhos** e ainda não satisfeito, pegou o comandante alemão pelo colarinho, prendeu ele dentro do Quartel General e tocou fogo em tudo. (4 B BR ahduvido.com.br)

48 Silvio, comentário que deixei agora há pouco lá no Paulo Monteiro: nunca achei que um dia fosse dizer isso na metade de um campeonato, mas, com essa postura aí que time e comissão técnica vêm demonstrando, eu perdi as esperanças de título no Brasileirão desse ano. É muita frieza... parece que falta **sangue nas veias** dos caras!! (8 B BR blogdosilvinho.wordpress.com)

Em (47), a personagem da história, “com sangue nos olhos”, age com violência, coragem e sem hesitação, enfrentando os inimigos de maneira direta e radical. O uso da expressão intensifica o tom de bravura e brutalidade da cena, reforçando a ideia de que sua determinação era tamanha que o levava a agir de forma impiedosa e desafiadora. Já no exemplo (48), *sangue nas veias* é empregada para criticar a falta de energia, vitalidade e motivação da equipe, sugerindo que os jogadores agem com frieza e desânimo, evidenciando a ausência de força e dinamismo.

A metáfora conceitual inerente às expressões *sangue nos olhos* e *sangue nas veias* pode ser formulada como INTENSIDADE EMOCIONAL É SUBSTÂNCIA FÍSICA VISÍVEL (Lakoff e Johnson, 1980). Em ambas as construções, o sangue, elemento material e vital, torna-se a substância que dá corpo à emoção, projetando-a no domínio físico. O corpo é concebido como um *contêiner* que abriga essa substância, e a intensidade emocional é figurada como algo que pode circular, concentrar-se ou mesmo transbordar, tornando-se perceptível aos outros.

No caso de *sangue nos olhos*, a metáfora se realiza de modo mais extremo. O esquema SUBSTÂNCIA / CONTÊINER é ativado pelo transbordamento do sangue, que ultrapassa os limites corporais e se manifesta na superfície visível do olhar, simbolizando um estado emocional incontrolável. O esquema FORÇA / CONFLITO reforça essa leitura, já que o sangue nos olhos sugere energia canalizada para o enfrentamento, associando-se à agressividade e à disposição combativa. Por fim, o esquema VISIBILIDADE / PERCEPÇÃO atribui aos olhos o papel de espaço privilegiado da manifestação emocional – aquilo que se torna visível no olhar é inevitavelmente notado pelo outro. O resultado é um quadro figurativo em que o sujeito é representado como tomado por uma emoção intensa, marcada pela impossibilidade de contenção.

No caso de *sangue nas veias*, a mesma metáfora conceitual é reinterpretada sob uma perspectiva menos conflituosa. O sangue, aqui, continua a representar a substância da emoção, mas dentro dos limites do corpo, circulando de forma controlada. O esquema SUBSTÂNCIA / CONTÊINER mantém-se presente – o corpo como recipiente de energia vital –, mas a intensidade assume a forma de força interna, não de transbordamento. Essa energia é associada à vitalidade, ao vigor e à disposição para agir, e não à agressividade. Assim, embora ambas as expressões compartilhem a metáfora INTENSIDADE EMOCIONAL É SUBSTÂNCIA FÍSICA VISÍVEL, diferenciam-se quanto ao grau e à direção dessa intensidade: em *sangue nos olhos*, ela é explosiva e voltada ao confronto; em *sangue nas veias*, é equilibrada, sustentando a ação e a força vital de modo contínuo.

No entanto, ao passo que *sangue nos olhos* enfatiza intensidade emocional, agressividade e motivação direcionada ao enfrentamento, *sangue nas veias* destaca vitalidade, vigor e capacidade de ação de forma mais ampla, sem necessariamente implicar combatividade ou hostilidade. Assim, ainda que as duas expressões compartilhem a ideia de intensidade projetada metaforicamente no corpo, a primeira se associa ao ímpeto combativo, enquanto a segunda foca na energia e prontidão para agir de maneira geral.

As duas expressões apresentam um grau médio de esquematicidade, combinando um léxico altamente específico (*sangue e olhos*/*veias*) com certa possibilidade de variação restrita, especialmente no uso de determinantes ou modificadores, sem que se perca o valor idiomático. Quanto à composicionalidade, observa-se que as construções *sangue nos olhos* e *sangue nas veias* são mais ou menos opacas semanticamente. Embora os constituintes mantenham significados literais claros, o sentido idiomático não decorre da soma direta do significado das partes, exigindo a ativação de uma motivação metafórica para ser interpretado. O falante reconhece uma relação entre a imagem do sangue – nos olhos, como símbolo de intensidade emocional e enfrentamento, e nas veias, como símbolo de energia e vitalidade – e os valores figurados associados a essas experiências corporificadas.

Alterações estruturais significativas, como substituir o substantivo ou a parte do corpo (por exemplo, **sangue na vista* ou **sangue na cara*), soam pouco naturais e desviam do sentido idiomático convencional, podendo até gerar interpretações divergentes. Por outro lado, tanto *sangue nos olhos* quanto *sangue nas veias* admitem certa flexibilidade em elementos periféricos, como a variação entre singular e plural (*sangue no olho*/*sangue nos olhos*; *sangue na veia*/*sangue nas veias*) ou a inserção de determinantes e intensificadores (*com sangue nos olhos*, *muito sangue nas veias*, *mais sangue nas veias*), sem comprometer sua motivação figurativa. Essa tolerância restrita indica que a esquematicidade das expressões é mais rígida no núcleo lexical (*sangue*; *olhos*/*veias*), mas relativamente aberta a modificações periféricas, sobretudo em contextos de oralidade e de maior expressividade.

Dentre as microconstruções, a EI mais recorrente no PB é *sangue nos olhos* (192; 0,292), mesmo a variante no singular *sangue no olho* também sendo atestada com certa representatividade (46; 0,070). Já no PE, a presença da expressão é residual, com apenas três ocorrências (0,009), sem predileção clara entre as variantes. Esses dados sugerem que *sangue nos olhos* constitui uma construção convencional e produtiva no PB, ligada a contextos discursivos de oralidade, esportes e confronto simbólico, ao passo que no PE seu uso permanece restrito e pouco usual.

Tabela 38 – Frequências de uso da EI *sangue nos olhos* por variedade do português

Construção	*F. absoluta (PB)*	*F. relativa (PB)*	*F. absoluta (PE)*	*F. relativa (PE)*
Sangue nos olhos	**192**	0,292	2	0,006
Sangue no olho	**46**	0,070	1	0,003
Total	**238**	**0,362**	**3**	**0,009**

Fonte: Elaboração própria (2025).

Quanto à construção *sangue nas veias*, os dados da Tabela 39 revelam diferenças semelhantes. Na variante brasileira, a forma plural *sangue nas veias* é a mais convencionalizada, com 43 ocorrências (0,065), e a variação no singular *sangue na veia* ocorre 19 vezes (0,028), totalizando 62 ocorrências (0,093). Esses números mostram relativa produtividade e consolidação da expressão como unidade lexical, com predomínio da forma plural. Na variante europeia, a ocorrência total é menor (16; 0,048), todas na forma plural, mostrando menor diversidade formal e menor produtividade, apesar de o valor figurado permanecer reconhecível. Em ambas as variedades linguísticas, a expressão mantém a função de intensificar a ideia de vitalidade, energia e disposição para agir, mas seu uso é quantitativamente mais consolidado no PB.

Tabela 39 – Frequências de uso da EI *sangue nas veias* por variedade do português

Construção	*F. absoluta (PB)*	*F. relativa (PB)*	*F. absoluta (PE)*	*F. relativa (PE)*
Sangue nas veias	**43**	0,065	**16**	0,048
Sangue na veia	19	0,028	0	0,000
Total	**62**	**0,093**	**16**	**0,048**

Fonte: Elaboração própria (2025).

A diferença mais significativa de *sangue nos olhos* e *sangue nas veias* reside, então, na frequência e produtividade: no PB, essas expressões somam cerca de 300 ocorrências, com ampla diversidade de microconstruções (singular e plural). No PE, por sua vez, foram registradas apenas 19 ocorrências, indicando uso restrito e baixa variedade de formas.

Além disso, nessas ocorrências do PE, as construções tendem a aparecer mais frequentemente com valor denotativo, ou seja, referindo-se literalmente ao sangue nos olhos ou nas veias, diferentemente do PB, em que a grande maioria das ocorrências encontradas no *corpus* é idiomática. Assim, o valor semântico e a motivação figurativa são equivalentes nas duas variedades, mas o PB se destaca por maior circulação, flexibilidade estrutural e intensidade expressiva, ao passo que no PE o uso permanece residual, pouco produtivo e mais literal.

- Conclusões parciais sobre o subesquema intensificador

O padrão construcional [$N_{\text{parte do corpo}}$ PREP LOC] revela que expressões como *mão na roda* e *sangue nas veias* mantêm relação parcialmente motivada com a imagem de origem, permitindo certa inferência do sentido, outras, como *pé na tábua* e *pé no saco*, apresentam mais opacidade, pois seu significado idiomático dificilmente pode ser depreendido a partir dos constituintes literais, exigindo reconhecimento prévio e convencionalização pelo falante.

As construções do subesquema são morfossintaticamente estáveis, sem flexão de tempo, modo ou pessoa, e com plural raro. Não admitem modificadores internos, exceto em variações lexicais ou substituição do elemento locativo (*fogo no rabo*/*fogo no* cu), reforçando seu caráter altamente idiomatizado. De modo geral, o subesquema [$N_{\text{parte do corpo}}$ PREP LOC] mostra-se produtivo, com alto grau de esquematicidade, permitindo substituição de componentes e formação de subesquemas especializados em distintos sentidos e níveis de expressividade.

Quadro 17 – Sistematização do padrão construcional [$N_{\text{parte do corpo}}$ PREP LOC]

Construção	Esquematicidade	Composicionalidade	Flexão tempo, modo e pessoa	Flexão número	Inserção de elemento modificador	Substituição de elemento
Mão na roda	Fechada	Parcial	Não	Não	Não	Não
Pé na tábua	Fechada	Parcial	Não	Não	Não	Sim
Pé no saco	Fechada	Parcial	Não	Não	Não	Não
Sangue nos olhos	Fechada	Parcial	Não	Sim	Não	Não
Sangue nas veias	Fechada	Parcial	Não	Sim	Não	Não
Fogo no rabo	Parcial	Parcial	Não	Não	Não	Sim

Fonte: Elaboração própria (2025).

As frequências absolutas e relativas das microconstruções que são licenciadas por esse subesquema construcional são apresentadas na Tabela 40 a seguir:

Tabela 40 – Frequências de uso do padrão construcional [$N_{\text{parte do corpo}}$ PREP LOC] por variedade do português no PB e no PE

Construção	*F. absoluta (PB)*	*F. relativa (PB)*	*F. absoluta (PE)*	*F. relativa (PE)*
Mão na roda	516	0,786	13	0,039
Pé na tábua	31	0,047	2	0,006
Pé no saco	215	0,327	9	0,027
Sangue no(s) olho(s)	238	0,362	3	0,009
Sangue na(s) veia(s)	62	0,093	16	0,048
Fogo no cu/rabo/ânus	27	0,040	12	0,036
Total	**1.089**	**1,655**	**55**	**0,165**

Fonte: Elaboração própria (2025).

No PB, o subesquema construcional [$N_{\text{parte do corpo}}$ PREP LOC] apresenta alta produtividade e forte consolidação, totalizando 1.089 ocorrências e uma frequência relativa de 1,655. Entre as microconstruções, destaca-se de maneira expressiva a locução *mão na roda* (516; 0,786), seguida por *pé no saco* (215; 0,327) e *sangue nos olhos* (192; 0,292), que juntas concentram a maior parte dos registros identificados. Outras construções, como *sangue no olho* (46; 0,070), *sangue nas veias* (43; 0,065) e *pé na tábua* (31; 0,047), embora menos recorrentes, reforçam a diversidade do esquema. Já expressões mais marcadas pelo tabu lexical, como *fogo no cu*/*rabo* (27; 0,040), aparecem em número reduzido, ainda que atestem a vitalidade metafórica do subesquema. Esse quadro demonstra que no PB o padrão não apenas é altamente produtivo, mas também se ramifica em diferentes microconstruções, ocupando espaços variados da comunicação cotidiana.

No PE, o mesmo padrão apresenta produtividade reduzida, com 55 ocorrências e frequência relativa de 0,165. A distribuição se concentra em *sangue nas veias* (16; 0,048) e *mão na roda* (13; 0,039), enquanto microconstruções como *pé no saco* (9; 0,027) e *fogo no rabo* (10; 0,030) aparecem de forma mais restrita. Outras variantes, como *sangue no olho* (1; 0,003) e *pé na tábua* (2; 0,006), são raras, e algumas sequer foram registradas. Esses dados indicam que, no PE, o padrão é menos diversificado e socialmente integrado, mantendo-se reconhecível em expressões cristalizadas ligadas a vitalidade e força ou auxílio prático.

7.3.2 Subesquema [$N_{\text{parte do corpo}}$ MOD]

O subesquema construcional [$N_{\text{parte do corpo}}$ MOD] é relativamente produtivo na formação de EIs intensificadoras no português, tais como: *cabeça dura, coração mole, língua solta, olho clínico, sangue quente*. As microconstruções *cabeça dura* e *cabeça oca* remetem a avaliações

negativas relacionadas à teimosia ou à falta de raciocínio. Já as microconstruções *coração mole* e *coração partido* exprimem estados emocionais associados à sensibilidade ou ao sofrimento afetivo. As EIs *língua solta* e *olho clínico* expressam, respectivamente, a ideia de alguém que fala demais ou sem filtro e a acuidade perceptiva ou diagnóstica de alguém.

- Cabeça dura / cabeça oca

A construção *cabeça dura* transmite, de forma metafórica e intensificada, a ideia de alguém teimoso, inflexível ou resistente a novas ideias. A imagem física de uma cabeça rígida reforça simbolicamente a ideia de uma mente fechada, que não se deixa moldar ou convencer com facilidade. Nesse sentido, a dureza não remete apenas a uma característica corporal, mas torna-se uma metáfora para a rigidez psicológica, representando uma forte resistência à mudança ou à argumentação. Assim, a expressão cumpre uma função intensificadora ao enfatizar, de maneira crítica, a obstinação e a inflexibilidade do indivíduo, consolidando-se como um juízo de valor comum em contextos de reprovação ou impaciência.

Em (49), *cabeça dura* aparece como metáfora da resistência extrema a qualquer ideia:

49 Às vezes, consigo ver o meu interlocutor a evoluir em a sua ideia inicial; outras, sinto que que o enquistamento de ideias é tão profundo e tão cerrado que seria preciso muita água mole naquela **cabeça dura** para lograr um pequeno furo por onde passe um pensamento levemente diferente... (1 G BR a-partir-pedra.blogspot.com)

Por seu turno, a EI *cabeça oca* é comumente utilizada de forma pejorativa para descrever alguém considerado tolo, ingênuo ou intelectualmente limitado. Sua força expressiva reside na imagem metafórica de uma cabeça vazia, desprovida de cérebro ou ideias, o que intensifica a crítica ao sugerir não apenas falta de inteligência, mas um vazio interno. A intensificação se dá justamente por esse exagero imagético – a ausência total de conteúdo mental –, funcionando como uma forma de reforço negativo que acentua o julgamento sobre a capacidade cognitiva da pessoa alvo da expressão. Dessa forma, *cabeça oca* configura-se como uma construção idiomática que combina sentido figurado e julgamento social, marcada por forte carga avaliativa, assim como se constata no exemplo (50).

50 Ai, Ai, Ai chama o papai. Alguém ponha juízo na **cabeça oca** desta menina. (6 B PT casadossegredostvi.blogspot.com)

As EIs *cabeça dura* e *cabeça oca* são licenciadas, como mencionado anteriormente, pelo subesquema [N MOD], caracterizado por uma estrutura relativamente esquemática, na medida em que combina um substantivo corporal fixo (*cabeça*) com modificadores variáveis (adjetivos), como em *cabeça quente*, *cabeça fria* e *cabeça feita*. Nesse contexto, a EI *cabeça oca* resulta de uma metáfora conceitual baseada em experiências corpóreas e esquemas imagéticos ligados à noção de recipiente: MENTE É UM RECIPIENTE (Johnson, 1987). Dizer que alguém é ou tem a "cabeça oca" constrói a imagem mental de um recipiente sem conteúdo, projetando metaforicamente a ausência de raciocínio, conhecimento ou aparato intelectual. Essa associação se apoia em um esquema imagético de contenção e vazio (Johnson, 1987), no qual a falta de conteúdo físico é mapeada para a falta de conteúdo mental.

Por outro lado, expressão *cabeça dura* se ancora na metáfora conceitual CONVICÇÃO É RIGIDEZ FÍSICA (Lakoff e Johnson, 1980), em que características físicas do corpo são projetadas sobre estados mentais e emocionais. A dureza literal de um objeto é transferida para o domínio cognitivo, de modo que a "dureza" da cabeça simboliza firmeza, inflexibilidade ou resistência de opiniões e atitudes. A metáfora permite que se compreenda intuitivamente que alguém com "cabeça dura" é resistente a argumentos ou mudanças, associando a dificuldade de deformar um objeto rígido à dificuldade de alterar convicções firmemente enraizadas.

As EIs *cabeças duras* ou *cabeças ocas* admitem flexão de número, principalmente quando o referente é plural (*convencer os cabeças duras*; *estes mesmos cabeças ocas*). A possibilidade de flexão sem perda do sentido idiomático revela certa flexibilidade morfológica. As expressões também admitem, sem prejuízo de sentido idiomático, modificadores externos, posicionados antes ou depois do *chunk*, e no interior da expressão, como em *cabeça muito dura* e *cabeça tão oca*. Os modificadores internos na construção ocorrem com menor frequência, o que reforça o *status* dessas expressões como unidades lexicais relativamente fixas.

As Tabelas 41 e 42 mostram as frequências de uso das EIs *cabeça dura* e *cabeça oca*, as quais indicam uma diferença notável entre as duas variantes do português:

Tabela 41 – Frequências de uso da EI *cabeça dura* por variedade do português

Construção	*F. absoluta (PB)*	*F. relativa (PB)*	*F. absoluta (PE)*	*F. relativa (PE)*
Cabeça dura	**345**	0,526	**71**	0,217
Cabeças duras	38	0,058	14	0,043
Cabeça [X] dura	2	0,003	2	0,006
Total	**385**	**0,587**	**87**	**0,266**

Fonte: Elaboração própria (2025).

Tabela 42 – Frequências de uso da EI *cabeça oca* por variedade do português

Construção	*F. absoluta (PB)*	*F. relativa (PB)*	*F. absoluta (PE)*	*F. relativa (PE)*
Cabeça oca	**74**	0,113	**37**	0,113
Cabeças ocas	37	0,056	30	0,092
Cabeça [X] oca	1	0,001	0	0
Total	**112**	**0,171**	**67**	**0,205**

Fonte: Elaboração própria (2025).

A EI *cabeça dura* apresenta 385 ocorrências (0,587) no PB e 87 ocorrências (0,266) no PE, indicando maior enraizamento e produtividade na variedade brasileira, possivelmente devido a fatores culturais e discursivos que favorecem construções metafóricas mais informais e avaliativas; além disso, a variabilidade de formas (singular, plural e uso com modificador) aponta maior flexibilidade no PB. Já a EI *cabeça oca* mostra produtividade proporcionalmente superior no PE, com 67 ocorrências (0,205) frente às 112 (0,171) do PB, embora os valores absolutos sejam maiores na variedade brasileira. A forma plural *cabeças ocas* apresenta frequências próximas nas duas variedades (37 no PB e 30 no PE), sugerindo circulação relativamente equilibrada.

- Coração mole / coração partido

As expressões formadas com *coração* seguem também o subesquema construcional [N MOD], no qual o substantivo *coração* atua como núcleo fixo, modificado por um adjetivo como *mole* ou *partido*. Essa configuração evidencia um grau médio de esquematicidade, uma vez que compartilham uma estrutura recorrente com um constituinte nominal estável e um *slot* modificador relativamente aberto. Conforme apontam Traugott e Trousdale (2021 [2013]), esquemas construcionais desse tipo apresentam *slots* que permitem variações internas, possibilitando a substituição do modificador sem perda da identidade básica da construção, embora a substituição do núcleo nominal comprometa seu valor idiomático.

Goldberg (2019) reforça que essa combinação de elementos fixos e variáveis reflete a natureza dinâmica das construções linguísticas, que funcionam como padrões flexíveis armazenados na memória do falante e passíveis de adaptação conforme contextos comunicativos. Assim, o subesquema [N MOD], bastante recorrente na língua, exemplifica uma estrutura construcional com um núcleo relativamente variável, que garante a unidade semântica e pragmática da expressão, e um modificador flexível que confere nuances específicas de significado, refletindo a complexidade e a plasticidade da formação idiomática conforme discutida nas abordagens construcionalistas e cognitivas contemporâneas.

Quanto à natureza composicional, verifica-se que ambas as expressões são mais ou menos composicionais, uma vez que seus significados figurados podem ser inferidos pelo falante a partir do significado das partes e das metáforas conceituais que as estruturam. Em *coração mole*, o sentido emerge da metáfora CORPO É RECIPIENTE DE EMOÇÕES (Lakoff e Johnson, 1980), segundo a qual o coração representa o espaço onde residem os sentimentos. A "moleza" do órgão sugere, assim, sensibilidade, empatia e vulnerabilidade emocional. Já em *coração partido*, a expressão mobiliza a metáfora EMOÇÃO É FORÇA FÍSICA / IMPACTO (Lakoff e Johnson, 1980): o coração, entendido como sede das emoções, é figurativamente "atingido" ou "danificado", o que simboliza dor, sofrimento e decepção afetiva.

Apesar de dependerem de inferências pragmáticas e contextuais para uma interpretação plena, essas construções são facilmente compreendidas pelo falante graças ao seu grau de transparência semântica persistente nas EIs. Em outras palavras, a leitura idiomática tende a se impor de forma imediata, superando a possibilidade de uma leitura literal. Tal fenômeno confirma a observação de Vale (2001, p. 38), segundo a qual a interpretação composicional só se torna necessária em contextos específicos que inibam a leitura cristalizada do enunciado.

Assim como ocorre com *bater as botas*, cuja leitura idiomática (morrer) é a mais natural para os falantes, *coração mole* e *coração partido* tendem a ser imediatamente compreendidos de forma figurada – respectivamente, como alguém emocionalmente sensível e como aquele que sofre por amor. A leitura denotativa, por sua vez, só seria possível mediante um contexto muito particular, o que confirma que a interpretação composicional é, nesse caso, a exceção.

Em (51), *coração mole* é utilizado de forma autodeclarada, funcionando como marca da personalidade emocionalmente delicada do falante. Ao dizer que não tem coragem de matar sequer uma formiga, ele reforça o quanto é sentimental e avesso à violência, mesmo diante de atos considerados triviais. Em (52), ao empregar *coração partido*, o falante não apenas relata um fato (a despedida), mas compartilha o peso emocional dessa experiência com o interlocutor. Desse modo, *coração partido* expressa tristeza profunda, dor afetiva e desilusão amorosa.

51 Confesso que sempre fui **<u>coração mole</u>** e não tenho coragem de matar sequer uma formiga. (3 G BR plicidadedascoisas.wordpress.com)

52 Eu não queria dizer adeus. Eu queria mesmo era puxar você pela cintura para o lado de fora do portãozinho da sua casa. E lhe dá um beijo l-o-n-g- o... Aí, depois de realizar parte do meu sonho, eu dizia adeus, mesmo com o **coração partido**, afinal nunca consegui realizar um sonho por inteiro. (12 G BR antigo-brasileiro.tumblr.com)

A inserção de modificadores, sobretudo adjetivos qualificadores, intensificadores ou expressões quantificadoras, pode ocorrer em posição anterior ou posterior à expressão sem prejuízo de seu valor idiomático. Construções como *coração mole mole* mantêm o sentido figurado e são compreendidas dentro da lógica metafórica da expressão; já expressões como *coração partido em pedaços miúdos* ou *coração partido em muitas partes* são mais literais.

Há ainda casos em que a expressão aparece vinculada a um verbo, como em *corações estão partidos*, no entanto, essas ocorrências não foram contabilizadas como pertencentes diretamente à EI *coração partido*, uma vez que a inserção de um verbo em seu interior desfaz a unidade da construção idiomática enquanto *chunk*. Considerando o pareamento forma-significado que caracteriza as EIs sob a ótica da Gramática de Construções, a quebra da linearidade e da coesão interna entre seus elementos – provocada por verbos que introduzem nova estrutura sintática – implica uma reconfiguração do padrão construcional.

A construção apresenta um constituinte relativamente fixo no substantivo *coração*, que não pode ser substituído sem comprometer o valor idiomático da expressão, por isso trocas como **fígado mole* ou **alma mole* não são usuais nem reconhecidas como idiomáticas. Todavia, o *corpus* revelou a ocorrência da expressão *alma partida* como uma possível variação de *coração partido*, com quatro registros no PB e dois no PE. Ainda assim, trata-se de uma forma significativamente menos frequente em comparação à construção prototípica, o que indica seu uso mais restrito e menos convencionalizado.

Outra EI que também é instanciada pelo subesquema é *alma partida*, como em (53). No âmbito da indústria de calçados, a EI *alma partida* refere-se à parte interna danificada da sola, como a palmilha rígida ou reforço que confere firmeza e formato ao calçado:

53 Pelo que mal soube pelo sapateiro que umas botas que comprei ano passado tinham a **alma partida** e que isso ia custar mais a arranjar do que um par de botas novo. (5 B PT wewillbefgold.com)

Com relação à EI *coração mole*, o que se verifica é que o *slot* adjetival é flexível, podendo ser preenchido por formas como: *coração sensível*, *coração fraco* e *coração de manteiga* – esta última também analisada neste estudo –, cada uma com nuances específicas de significado. De modo semelhante, no caso de *coração partido*, há registros da variante *coração quebrado*, que preserva, em linhas gerais, o valor de sofrimento emocional da expressão.

Quanto à flexão de número, embora menos frequente, a forma plural *corações moles* é possível e ocorre especialmente quando se refere a várias pessoas com tal traço emocional, como em *pessoas de corações moles*, assim como *corações partidos*, visto exemplificativamente em *histórias reais de corações partidos*.

Como se observa na Tabela 43, a construção *coração mole* é proporcionalmente mais frequente no PE (0,204) do que no PB (0,161), ainda que ambas sejam produtivas nas duas variedades do português. A forma *coração mole* é a mais recorrente tanto no PB (97 ocorrências) quanto no PE (60 ocorrências), o que indica que essa é a forma que se cristalizou na língua. As estruturas variantes com modificadores internos são raras na língua.

Tabela 43 – Frequências de uso da EI *coração mole* por variedade do português

Construção	*F. absoluta (PB)*	*F. relativa (PB)*	*F. absoluta (PE)*	*F. relativa (PE)*
Coração mole	**97**	0,147	**60**	0,183
Corações moles	3	0,004	2	0,006
Coração [X] mole	7	0,010	4	0,012
Corações [X] moles	0	0	1	0,003
Total	**107**	**0,161**	**67**	**0,204**

Fonte: Elaboração própria (2025).

Na Tabela 44, encontram-se os dados de frequência da EI *coração partido*:

Tabela 44 – Frequências de uso da EI *coração partido* por variedade do português

Construção	*F. absoluta (PB)*	*F. relativa (PB)*	*F. absoluta (PE)*	*F. relativa (PE)*
Coração partido	**745**	1,136	**196**	0,600
Corações partidos	137	0,209	32	0,098
Coração [X] partido	3	0,005	1	0,003
Total	**885**	**1,350**	**229**	**0,701**

Fonte: Elaboração própria (2025).

Os dados da Tabela 44 mostram que a EI *coração partido* se cristalizou nas duas variedades do português principalmente na forma singular, que é bastante frequente tanto no PB (745 ocorrências; 1,136) quanto no PE (196 ocorrências; 0,600). As formas plurais e variantes com modificadores internos apresentam frequências muito inferiores, indicando baixa produtividade. Assim, o uso idiomático permanece associado à forma singular fixa.

➢ Conclusões parciais sobre o subesquema intensificador

O subesquema construcional [$N_{\text{parte do corpo}}$ MOD] é bastante produtivo no português, instanciando diferentes tipos de EIs idiomáticas intensificadoras. Todas as microconstruções desse subesquema são parcialmente composicionais, permitindo que o significado idiomático seja facilmente inferido a partir do significado dos termos e da metáfora subjacente.

O Quadro 18 resume os traços das microconstruções instanciadas por esse subesquema:

Quadro 18 – Sistematização do padrão construcional [$N_{\text{parte do corpo}}$ MOD]

Construção	Esquematicidade	Composicionalidade	Flexão tempo, modo e pessoa	Flexão número	Elemento modificador	Substituição de elemento
Cabeça dura	Fechada	Parcial	Não	Sim	Sim	Não
Cabeça oca	Parcial	Parcial	Não	Sim	Sim	Sim
Coração mole	Parcial	Parcial	Não	Sim	Sim	Sim
Coração partido	Parcial	Parcial	Não	Sim	Sim	Sim
Língua solta	Fechada	Parcial	Não	Sim	Sim	Não
Olho clínico	Fechada	Parcial	Não	Sim	Sim	Não
Sangue quente	Fechada	Parcial	Não	Não	Não	Sim

Fonte: Elaboração própria (2025).

Para finalizar a análise deste subesquema, voltamo-nos para a Tabela 45, que apresenta os dados de frequência absoluta e relativa da soma de todas as microconstruções pertencentes ao padrão [N MOD]. Os resultados mostram que, embora o uso desse esquema construcional seja produtivo em ambas as variedades do português, ele ocorre de forma mais intensa no PB com 1.683 registros (2,564) em relação ao PE, com 546 ocorrências (1,669), o que sugere uma maior cristalização e circulação de EIs com essa estrutura no PB.

Tabela 45 – Frequências de uso do subesquema intensificador [$N_{\text{parte do corpo}}$ MOD] por variedade do português

Construção	*F. absoluta (PB)*	*F. relativa (PB)*	*F. absoluta (PE)*	*F. relativa (PE)*
Cabeça dura	385	0,587	87	0,266
Cabeça oca	112	0,171	67	0,205
Coração mole	109	0,164	67	0,205
Coração partido	885	1350	229	0,701
Língua solta	54	0,082	10	0,030
Olho clínico	48	0,073	40	0,122
Sangue quente	90	0,137	46	0,140
Total	**1.683**	**2,564**	**546**	**1,669**

Fonte: Elaboração própria (2025).

Entre as expressões mais recorrentes nas duas variedades, destacam-se *coração partido* e *cabeça dura*, que aparecem como as mais frequentes tanto no PB quanto no PE. No entanto, essas duas microconstruções apresentam frequências consideravelmente mais elevadas na variedade brasileira, indicando uma maior difusão da estrutura nessa variedade. Em contraste, o PE apresenta maior frequência relativa em expressões como *olho clínico*, *coração mole* e *cabeça oca*, que se relacionam a aspectos perceptivos, afetivos e avaliativos mais sutis.

7.3.3 Subesquema [$N_{\text{parte do corpo}}$ e $N_{\text{parte do corpo}}$]

O subesquema construcional [$N_{\text{parte do corpo}}$ e $N_{\text{parte do corpo}}$] mostra-se relativamente produtivo na formação de EIs intensificadoras no português de base corporal, ao instanciar três microconstruções, quais sejam: *pele e osso*, *couro e cabelo* e *unha e carne*. A EI *pele e osso* remete à extrema magreza ou fragilidade física; *couro e cabelo* enfatiza algo excessivamente caro ou custoso, ou, ainda, um impacto extremo; e *unha e carne* simboliza uma proximidade e união inquebrantável entre pessoas.

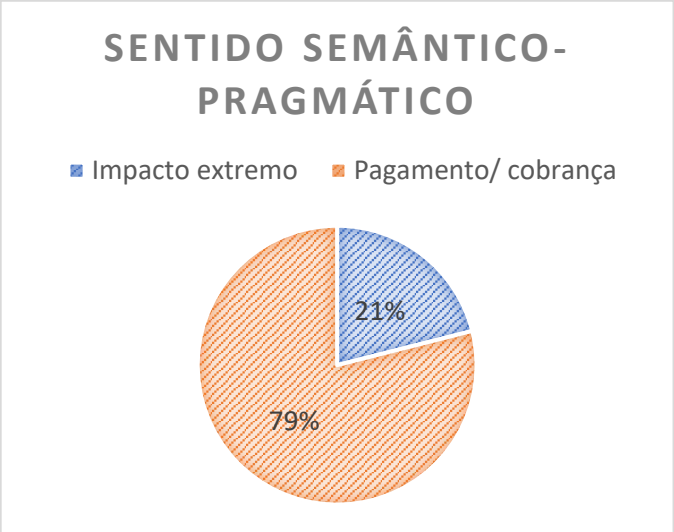
- Couro e cabelo

A EI *couro e cabelo* apresenta, de acordo com a interpretação dos dados do *corpus*, dois sentidos idiomáticos no português: (i) a expressão evoca uma imagem de impacto extremo, comparável a ser espancado ou esfolado, transmitindo dor intensa, dano físico ou entrega total; (ii) a construção assume um valor metafórico ligado à ideia de sacrifício exagerado e injusto, sobretudo no contexto de pagamento ou cobrança. Embora distintos, ambos os sentidos

compartilham o traço semântico de intensidade, seja para expressar violência e dano, seja para enfatizar a gravidade e desproporção de um custo.

Das 19 ocorrências coletadas tanto no PB quanto no PE, quatro correspondem ao sentido de impacto extremo, violência física ou entrega total, enquanto 15 referem-se ao sentido de sacrifício exagerado e injusto no contexto de pagamento ou cobrança.

Gráfico 4 – Sentido semântico-pragmático veiculado pela EI *couro e cabelo*



Fonte: Elaboração própria (2025).

Na expressão *couro e cabelo*, a retirada de partes do corpo simboliza uma perda profunda e dolorosa, uma forma intensificada de expressar exploração ou sacrifício extremo. Nesse caso, a violência física atua como metáfora para amplificar a percepção do dano, tornando-o mais compreensível. A metáfora conceitual DANO É VIOLÊNCIA FÍSICA (Lakoff e Johnson, 1980) propõe que experiências negativas, como prejuízo, perda, exploração ou sofrimento emocional, são compreendidas e descritas em termos de agressão física.

Em termos cognitivos, isso significa que eventos prejudiciais no domínio abstrato (emocional) são mapeados a partir do domínio concreto da violência contra o corpo. Expressões como *dar uma pancada no bolso*, *receber um golpe*, *ficar em frangalhos* e *couro e cabelo* ativam imagens corporais de ataque, dor ou mutilação para transmitir a intensidade do dano, mesmo quando não há agressão física real. Nos exemplos que se seguem, a metáfora evidencia a intensidade da perda ou do sacrifício, ressaltando a desproporção e a injustiça da situação.

Em (54), a construção é usada no sentido de entrega total e dedicação extrema. Trata-se de um compromisso intenso e prolongado, em que a pessoa oferece todo o seu esforço,

energia e trabalho, sendo simbolizados pela ideia de doar partes essenciais do corpo: couro e cabelo.

54 Durante 12 anos dei o meu **couro e cabelo** a uma empresa que nunca pensei ver fechar. (6 B PT daquepensar.com)

Em (55), *pagar couro e cabelo* expressa uma crítica à cobrança de um valor excessivo e desproporcional por um serviço de baixa qualidade e não solicitado, enfatizando o sentimento de exploração e injustiça diante de uma exigência financeira abusiva.

55 O governo está a obrigar os cidadãos a pagar **couro e cabelo** por um serviço medíocre que não subscreveram, que não têm como pagar (2 G PT adargumentandum.wordpress.com)

A análise dos parâmetros revela que a expressão possui baixa esquematicidade, configurando-se como uma unidade fixa e cristalizada, sem possibilidade de variação formal. Trata-se de uma construção com baixa composicionalidade, dado que o sentido idiomático não pode ser inferido a partir dos significados literais de *couro* e *cabelo*. Esses termos até remetem a partes concretas do corpo humano, porém, o valor idiomático (relacionado a uma situação de conflito intenso, esforço extremo ou cobrança excessiva) não decorre do significado das partes.

Além de não permitir flexão de número, a expressão também não admite a inserção de modificadores internos, como em **couro e mais cabelo*. Da mesma forma, a substituição de qualquer um dos seus componentes compromete a interpretação idiomática – por exemplo **carne e cabelo* não preserva o valor figurado. Como enfatiza Xatara (1998b), é precisamente essa cristalização que assegura sua eficácia comunicativa e seu reconhecimento automático por parte dos falantes, consolidando-a como uma unidade lexicalizada no repertório do português.

Em relação à frequência de uso, *couro e cabelo* apresenta baixa frequência nas duas variedades do português, sendo, contudo, mais recorrente no PE (16; 0,048) do que no PB (3; 0,004). Essa diferença sugere que a expressão está mais consolidada e produtiva no PE, onde parece integrar de forma mais efetiva o repertório metafórico cotidiano, enquanto no PB seu uso é esporádico e possivelmente restrito a contextos específicos ou a registros mais antigos.

Tabela 46 – Frequências de uso da EI *couro e cabelo* por variedade do português

Construção	*F. absoluta (PB)*	*F. relativa (PB)*	*F. absoluta (PE)*	*F. relativa (PE)*
Couro e cabelo	3	0,004	**16**	0,048
Total	**3**	**0,004**	**16**	**0,048**

Fonte: Elaboração própria (2025).

➢ Conclusões parciais sobre o subesquema intensificador

O Quadro 19 sistematiza as características das três microconstruções que são licenciadas pelo subesquema construcional [$N_{\text{parte do corpo}}$ e $N_{\text{parte do corpo}}$].

Quadro 19 – Sistematização do esquema construcional [$N_{\text{parte do corpo}}$ e $N_{\text{parte do corpo}}$]

Construção	Esquematicidade	Composicionalidade	Flexão tempo, modo e pessoa	Flexão número	Elemento modificador	Substituição de elemento
Pele e osso	Fechada	Parcial	Não	Não	Não	Não
Couro e cabelo	Fechada	Baixa	Não	Não	Não	Não
Unha e carne	Fechada	Parcial	Não	Não	Não	Não

Fonte: Elaboração própria (2025).

O Quadro mostra que as três construções analisadas (*pele e osso*, *couro e cabelo* e *unha e carne*) compartilham um alto grau de fixidez formal e semântica, caracterizando-se por serem esquemas fechados, de composicionalidade baixa ou apenas parcial. A ausência de flexão verbal e nominal, bem como a impossibilidade de inserção de modificadores ou substituição de elementos, reforça seu *status* de expressões cristalizadas, resistentes a variações internas. Esses fatores indicam que se trata de EIs altamente convencionais, cuja estabilidade estrutural contribui para sua preservação no repertório idiomático das variedades do português.

A Tabela 47 ilustra a produtividade do subesquema [$N_{\text{parte do corpo}}$ e $N_{\text{parte do corpo}}$]:

Tabela 47 – Frequências de uso do subesquema intensificador [$N_{\text{parte do corpo}}$ e $N_{\text{parte do corpo}}$] por variedade do português

Construção	*F. absoluta (PB)*	*F. relativa (PB)*	*F. absoluta (PE)*	*F. relativa (PE)*
Pele e osso	88	0,134	69	0,211
Couro e cabelo	3	0,004	16	0,048
Unha e carne	70	0,106	14	0,042
Total	**161**	**0,244**	**99**	**0,301**

Fonte: Elaboração própria (2025).

No PB, destaca-se a predominância das expressões *pele e osso* (88 casos) e *unha e carne* (70 casos), ambas amplamente lexicalizadas e consolidadas na língua. Já no PE, embora *pele e osso* também se sobressaia (69 casos), observa-se uma frequência relativamente maior da expressão *couro e cabelo* (16 casos), quase ausente no PB. Esses dados indicam que, apesar

de o padrão [$N_{\text{parte do corpo}}$ e $N_{\text{parte do corpo}}$] ser produtivo em ambas as variedades, há preferências distintas que refletem particularidades culturais e discursivas no uso idiomático do português.

7.3.4 Subesquema [$N_{\text{parte do corpo PREP}}$ N]

O subesquema construcional [$N_{\text{parte do corpo}}$ PREP N] configura-se como uma estrutura recorrente no português, na qual dois substantivos se articulam por meio de uma preposição, geralmente *de*, para expressar características físicas, comportamentais ou metafóricas de um ente humano. Esse padrão é altamente produtivo e abarca diversas microconstruções, como *coração de gelo*, *coração de pedra*, *coração de manteiga*, *cintura de pilão*, *cintura de vespa*, *cabeça de melão*, *cabeça de vento*, *mão de mestre*, *estômago de avestruz*, *nariz de tucano*, *nariz de elefante*, *bunda de tanajura*, *pé ante pé* e *cara de tacho*.

- Cabeça de melão / Cabeça de vento

As EIs *cabeça de melão* e *cabeça de vento* são construções metafóricas que projetam sobre a cabeça humana propriedades de elementos concretos para representar modos de pensar e/ou de se concentrar. Em *cabeça de melão*, o melão, por ser grande e oco, sugere leveza ou falta de conteúdo, reforçando ideias de distração, esquecimento ou limitação cognitiva – um modo humorístico e crítico de caracterizar alguém desatento ou "fora do ar". Já em *cabeça de vento*, a referência ao vento, que preenche espaços vazios, intensifica a noção de ausência de pensamento estruturado, apontando para superficialidade e dispersão mental.

Nesse esquema, a cabeça funciona como um recipiente metafórico que possui o conteúdo mental – atenção, ideias, conhecimento. Dizer que alguém tem "cabeça de melão" ou "cabeça de vento", implica projetar vazio ou leveza dentro desse recipiente, sugerindo pouca substância cognitiva ou instabilidade do pensamento. Dessarte, ambas as expressões realizam a metáfora conceitual CORPO É RECIPIENTE (Lakoff e Johnson, 1980), mapeando a ideia de oco, leve ou vazio físico para estados mentais de distração e falta de foco. Vejamos:

56 Sou meio **cabeça de melão** para lembrar aniversários, telefones e outras coisas desse tipo (2 B BR anatelma.com.br)

57 Essa situação, para alguém que tem a responsabilidade financeira que tenho, é no mínimo supimpa. Parece loucura da minha **cabeça de vento**? Parece, mas não é. (1 B PT amandaemsimesma.wordpress.com)

No exemplo (56), *cabeça de melão* caracteriza o falante como alguém com dificuldade de memorização e atenção, de forma cômica e autocrítica, sugerindo que a pessoa "pensa pouco" ou se distrai facilmente. Em (57), *cabeça de vento* remete à falta de firmeza, à dificuldade ou à capacidade de raciocínio de alguém diante de uma situação complexa. Nesse caso, o significado dessas construções resulta majoritariamente do seu valor idiomático.

A substituição do modificador, como em **cabeça de melancia*, é possível, mas não transmite o mesmo sentido figurado, apesar da semelhança com o melão; de forma semelhante, **cabeça de ar* não mantém o mesmo valor idiomático, ou seja, alterar o elemento da posição [N] tende a gerar novas expressões que se afastam do padrão consolidado na língua.

Com base nos dados apresentados na Tabela 48, observa-se que no PB as expressões totalizam 86 ocorrências, sendo *cabeça de vento* a mais frequente, com 70 registros (0,106), seguida pela forma plural *cabeças de vento* (12 ocorrências) e pelas ocorrências de *cabeça de melão* (3 ocorrências) e *cabeças de melão* (1 ocorrência). No PE, o total é de apenas 35 ocorrências (0,106), sendo a EI *cabeça de vento* (20 ocorrências) também a mais recorrente na variedade.

Tabela 48 – Frequências de uso das EIs *cabeça de melão* e *cabeça de vento* por variedade do português

Construção	*F. absoluta (PB)*	*F. relativa (PB)*	*F. absoluta (PE)*	*F. relativa (PE)*
Cabeça de melão	3	0,004	5	0,015
Cabeças de melão	1	0,001	4	0,012
Cabeça de vento	**70**	0,106	**20**	0,061
Cabeças de vento	12	0,018	6	0,018
Total	**86**	**0,129**	**35**	**0,106**

Fonte: Elaboração própria (2025).

Esses dados sugerem que, no Brasil, a EI *cabeça de vento* é a mais recorrente, o que mostra que essa construção na forma singular é a que se consolidou na língua. Já em Portugal, embora o total de ocorrências seja menor, a EI *cabeça de melão* apresenta um peso relativo maior em comparação à variedade brasileira, indicando que essa construção seria uma das opções acessíveis aos usuários da língua para expressar distração, esquecimento ou limitação cognitiva.

- Mão de mestre

Conotativamente, a EI *mão de mestre* projeta sobre a mão humana a habilidade, destreza e perícia associadas a um especialista ou artesão experiente, remetendo à execução precisa e ao domínio técnico em determinada atividade. Dessa forma, *mão de mestre* é

empregada para valorizar a competência ou a excelência de alguém na realização de uma tarefa, evocando a imagem de um gesto controlado e habilidoso que só poderia ser produzido por alguém com conhecimento profundo e prática consolidada, como se observa no exemplo (58).

58 A 11ª edição da "Festa do Cinema Francês", que decorre no cinema São Jorge, abriu nesta chuvosa noite de 7 de outubro, com "O Concerto" um filme do romeno Radu Mihaileanu, que segundo alguns "conduziu a partitura com **mão de mestre** entre maluquice, extravagância e emoção". (7 G PT hardmusica.pt)

Em (58), a expressão é usada em seu sentido idiomático, indicando perícia, habilidade e domínio técnico. Ao afirmar que o cineasta "conduziu a partitura com perícia de especialista", o falante enfatiza a competência e a maestria do diretor ao equilibrar elementos distintos – maluquice, extravagância e emoção – de forma harmoniosa e eficiente. Aqui, *mão de mestre* não se refere literalmente a uma mão física, mas transfere a ideia de excelência e controle de um especialista para a atuação do diretor, mantendo a metáfora conceitual subjacente DOMÍNIO / TÉCNICA É HABILIDADE DE ESPECIALISTA (Lakoff e Johnson, 1980).

No caso dessa expressão, instanciada pelo subesquema construcional [$N_{\text{parte do corpo}}$ PREP $N_{\text{parte do corpo}}$], observa-se uma natureza semiaberta, pois o segundo *slot* pode ser preenchido por outro nome, como em *mão de fada* ou *mãos de fada*. Embora o núcleo da construção apresente certa rigidez formal, mantendo a preposição *de* como elemento fixo e restringindo a variação ao primeiro nome, a estrutura permite alguma variação lexical. A inserção de modificadores internos não é permitida, de modo que qualquer expansão só pode ocorrer aparentemente nas margens da expressão, como em *com mão de mestre indiscutível*.

A expressão apresenta média composicionalidade, pois, apesar de seu sentido ser conotativo, ele mantém forte relação motivacional com os significados literais de seus constituintes. O elemento *mão* evoca a ideia de instrumento de ação e execução e a palavra *mestre* remete a domínio, perícia e excelência. A partir dessa associação, constrói-se um sentido idiomático mais facilmente depreensível, o que confere à expressão *mão de mestre* um grau considerável de transparência semântica, uma vez que os falantes podem reconhecer, sem dificuldade, sua referência à habilidade, à destreza ou à competência excepcional, preservando-se, ainda assim, a natureza metafórica da construção.

A expressão admite flexão de plural, produzindo formas como *mãos de mestre*, sem alteração significativa do sentido idiomático. Todavia, o uso pluralizado é relativamente raro, sendo o singular a forma preferida, que enfatiza a ação individualizada e a habilidade particular

de uma pessoa. A forma plural costuma aparecer quando se deseja generalizar ou destacar a perícia de várias pessoas, mas, de modo geral, o singular é a forma mais convencionalizada.

A Tabela 49 ilustra as frequências de uso dessa EI e suas variantes:

Tabela 49 – Frequências de uso da EI *mão de mestre* por variedade do português

Construção	*F. absoluta (PB)*	*F. relativa (PB)*	*F. absoluta (PE)*	*F. relativa (PE)*
Mão de mestre	**10**	0,015	**16**	0,048
Mãos de mestre	1	0,001	3	0,009
Total	**11**	**0,016**	**19**	**0,057**

Fonte: Elaboração própria (2025).

Esses dados sugerem que, apesar de a expressão ser conhecida e utilizada em ambas as variedades, ela aparece com mais regularidade no PE, refletindo possivelmente uma valorização da construção em diferentes contextos textuais. A forma singular predomina em ambos os casos, reforçando a tendência de individualizar a ação ou perícia atribuída à *mão de mestre*.

- Cara de tacho

Estar *com cara de tacho* é uma forma popular de caracterizar alguém em situação de constrangimento, surpresa ou embaraço, quando a reação esperada não acontece e sobra apenas uma expressão de "bobeira" ou de falta de jeito. A imagem evocada pelo tacho – objeto rígido, inexpressivo e sem movimento – é projetada metaforicamente para o rosto humano, intensificando a ideia de imobilidade facial e ausência de resposta diante de determinadas circunstâncias. Assim, a expressão funciona como recurso idiomático que traduz, de maneira figurativa e bem-humorada, estados emocionais de vergonha, desajeito ou passividade.

Nesse sentido, a EI encontra-se encorada na metáfora conceitual CORPO É RECIPIENTE DE EMOÇÕES, em que o rosto é concebido como o espaço físico onde os sentimentos se manifestam. O tacho, por sua vez, simboliza um recipiente rígido, opaco e frio, características que, projetadas sobre a face humana, sugerem o bloqueio ou a ausência de expressão emocional. Esse mapeamento reforça a ideia de imobilidade e de contenção afetiva, típica de situações de surpresa, constrangimento ou vergonha. Além disso, a metáfora carrega um valor depreciativo ao associar o sujeito a um objeto banal e sem vitalidade, o que intensifica o tom humorístico e, em certos contextos, pejorativo da expressão no uso cotidiano.

59 Esse pessoal prepotente falando “o dinheiro é meu” vai ficar com **cara de tacho** quando a pirâmide for liquidada, digo isso pq já perdi dinheiro com a Zeekrewards e na época a “liderança” prometia mundos e fundos e faziam questão de mostrar todo o lucro, mas depois que o povo perdeu o dinheiro a “liderança” tirou o corpo fora e disse que também era vítima do esquema, por isso dou meu conselho, quem não entrou, não entre e quem ta dentro, saia antes que perca o seu dinheiro. (2 B BR acertodecontas.blog.br)

No exemplo (59), a expressão é empregada de forma figurada para antecipar a reação de frustração e constrangimento daqueles que, ao acreditarem na solidez de um esquema de pirâmide, acabam sendo enganados e ficando sem saída quando ele for liquidado. A metáfora projeta a imagem de alguém que, diante de uma situação embaraçosa e inesperada, permanece imóvel, sem argumentos e exposto ao ridículo, à semelhança de um objeto inexpressivo. Nesse contexto, a expressão não apenas descreve o estado emocional dos investidores enganados, mas também funciona como crítica irônica, reforçando o tom de advertência do enunciador em relação à ingenuidade ou à prepotência de quem confia em promessas ilusórias.

A construção *cara de tacho* apresenta-se como totalmente fechada, uma vez que não admite substituições internas nem variações estruturais. Nesse caso, não existem *slots* abertos: tanto o núcleo *cara* quanto o complemento *tacho* encontram-se cristalizados e fixos, configurando uma EI substantiva. Do ponto de vista da composicionalidade, a construção é parcialmente composicional, pois o sentido global não decorre da soma literal dos significados de *cara* e *tacho*, logo, a construção se apresenta como mais opaca semanticamente, dado que a relação entre o rosto humano e o objeto inanimado não é imediata, mas fruto da projeção metafórica convencionalizada, conferindo à expressão seu caráter figurativo.

A flexão no plural não é possível assim como a inserção de elementos no interior da expressão, o que reforça o seu caráter totalmente cristalizado. Qualquer modificação ocorre apenas externamente, antes ou após a expressão, como em *com aquela cara de tacho* ou *a maior cara de tacho*, em que adjetivos ou determinantes qualificam/especificam a unidade sem alterar o significado. Essa imutabilidade estrutural evidencia a forte cristalização formal da expressão, típica de idiomatismos plenamente lexicalizadas (Nunberg *et al*, 1994; Xatara, 1998; Vale, 2001; Keizer, 2016), nos quais o sentido idiomático depende da combinação fixa dos elementos constituintes, impossibilitando adaptações morfológicas ou sintáticas internas.

A frequência de uso disposta na Tabela 50 evidencia que *cara de tacho* é consideravelmente mais produtiva no PB, com 105 ocorrências (0,160), do que no PE, que totaliza apenas 19 ocorrências (0,058). Isso indica maior consolidação da expressão no repertório brasileiro, possivelmente por preferências culturais e discursivas ligadas a EIs que expressam constrangimento ou embaraço.

Tabela 50 – Frequências de uso da EI *cara de tacho* por variedade do português

Construção	*F. absoluta (PB)*	*F. relativa (PB)*	*F. absoluta (PE)*	*F. relativa (PE)*
Cara de tacho	**105**	0,160	19	0,058
Total	**105**	**0,160**	**19**	**0,058**

Fonte: Elaboração própria (2025).

➢ Conclusões parciais sobre o subesquema intensificador

O Quadro 20 apresenta uma síntese das principais características das microconstruções instanciadas pelo subesquema de intensificação [$N_{\text{parte do corpo}}$ PREP N]:

Quadro 20 – Sistematização do padrão construcional [$N_{\text{parte do corpo}}$ PREP N]

Construção	Esquematicidade	Composicionalidade	Flexão tempo, modo e pessoa	Flexão número	Elemento modificador	Substituição de elemento
Coração de gelo	Parcial	Alta	Não	Sim	Não	Sim
Cintura de pilão	Parcial	Parcial	Não	Sim	Não	Sim
Cabeça de vento	Parcial	Parcial	Não	Sim	Não	Sim
Mão de mestre	Fechada	Alta	Não	Sim	Não	Não
Cara de tacho	Fechada	Parcial	Não	Não	Não	Não

Fonte: Elaboração própria (2025).

De modo geral, o Quadro 20 acima mostra que o padrão [$N_{\text{parte do corpo}}$ PREP N] é extremamente produtivo nas variedades do português, com microconstruções que variam em composicionalidade, produtividade e estabilidade. As construções [coração de N], [cintura de N] e [cabeça de N] são semiabertas, permitindo flexão e substituição do *slot* [N], conferindo maior flexibilidade e potencial de produtividade, especialmente em [coração de N]. Em contraste, *mão de mestre* e *cara de tacho* são fechadas, com restrições à substituição de elementos e à inserção de modificadores, sendo a primeira mais transparente e a segunda mais opaca. Em resumo, o Quadro 20 revela um *continuum* entre expressões abertas e produtivas e expressões altamente cristalizadas dentro do mesmo padrão construcional.

A Tabela 51 explicita a frequência de uso do subesquema construcional [$N_{\text{parte do corpo}}$ PREP $N_{\text{parte do corpo}}$], indicando diferenças e semelhanças no uso das EIs que o instanciam:

Tabela 51 – Frequências de uso do subesquema intensificador [$N_{\text{parte do corpo}}$ PREP N] por variedade do português

Construção	*F. absoluta (PB)*	*F. relativa (PB)*	*F. absoluta (PE)*	*F. relativa (PE)*
[Coração de N]	229	0,348	103	0,313
[Cintura de N]	9	0,013	5	0,015
[Cabeça de N]	86	0,129	35	0,106
Mão de mestre	11	0,016	19	0,057
[PARTE DO CORPO de ANIMAL]	7	0,010	1	0,001
Cara de tacho	105	0,160	19	0,058
Total	**447**	**0,655**	**182**	**0,557**

Fonte: Elaboração própria (2025).

No PB, destacam-se as microconstruções [coração de N], somando 229 ocorrências (0,348), [cabeça de N], totalizando 86 ocorrências (0,129), e *cara de tacho*, com 105 ocorrências (0,160). Isso mostra que essas microconstruções são produtivas e fortemente consolidadas na variedade brasileira. Já no PE, a microconstrução mais frequente é [coração de N], totalizando 103 ocorrências (0,313). As demais EIs estão presentes na variedade europeia, mas não são muito expressivas no *corpus* desta pesquisa.

7.3.5 Subesquema [$N_{\text{parte do corpo}}$ LOC ADV]

- Pé ante pé

A construção *pé ante pé* é instanciada pelo subesquema [$N_{\text{parte do corpo}}$ LOC ADV]. Trata-se de uma construção que é percebida como uma locução cristalizada que evoca a ideia de deslocamento cauteloso, caracterizada por passos curtos, sucessivos e silenciosos. Seu valor figurado reflete um movimento cuidadoso e prudente, associado a contextos de sigilo, medo ou reserva, nos quais se busca evitar a exposição ou chamar atenção. A repetição rítmica dos termos *pé ante pé* reforça sonoramente a cadência lenta e progressiva do movimento, funcionando como recurso expressivo que mimetiza a ação descrita. Assim, a expressão não apenas designa um modo de andar, mas também metaforiza atitudes de discrição ou de avanço gradual em situações diversas, preservando um caráter altamente icônico.

Vejamos as ocorrências a seguir:

60 Ausente durante um ano, regressou como o Mr. Scrooge no Natal passado. Reergueu-se do túmulo e apareceu **pé ante pé**, de mansinho e de falinhas mansas, e esgueirou-se pela porta entreaberta das emoções que ficaram por viver. (4 B PT ac-nadadecoisanenhuma.blogspot.com)

61 Hum não há melhor do que dormir um bocadinho com os nossos bebes ao lado!!!! eu adorava, o pai é que não gostava da ideia. Como também cai nessa de desistir do trabalho das 9 as 6 hrs para me dedicar aos miúdos sempre que o pai saia para trabalhar eu ia **pé ante pé** buscá-los para uns soninhos com a mãe.... que saudades (11 B PT babycarlota.blogspot.com)

No exemplo (60), no trecho *apareceu pé ante pé, de mansinho e de falinhas mansas*, o uso da EI *pé ante pé* reforça a ideia de uma aproximação silenciosa e quase furtiva, vinculada à imagem de alguém que retorna de forma inesperada e cautelosa, como se buscasse não perturbar ou chamar atenção de ninguém. No exemplo (61), em *eu ia pé ante pé buscá-los para uns soninhos com a mãe*, a expressão é usada em um contexto de ternura e delicadeza, indicando o cuidado da mãe em não acordar ou assustar os filhos ao se aproximar. Em ambos os casos, a construção em questão projeta a metáfora de um movimento físico contido e silencioso para qualificar, de modo figurado, atitudes humanas de prudência, suavidade ou afeto.

A metáfora conceitual subjacente à EI *pé ante pé* pode ser enquadrada como EMOÇÃO/AÇÃO É MOVIMENTO / TRAJETÓRIA (Lakoff e Johnson, 1980). Nessa construção, a experiência corporal concreta de caminhar com passos leves e controlados é projetada para o domínio abstrato das ações humanas que requerem prudência, sigilo ou delicadeza. O deslocamento físico cuidadoso serve como modelo metafórico para qualificar comportamentos sociais ou emocionais sutis, de modo que a expressão transcende a descrição literal de um movimento e funciona como recurso conotativo capaz de traduzir estados psicológicos e atitudes sociais em imagens perceptíveis e cognitivamente acessíveis. Assim, a EI cristaliza uma associação corpórea e visual que permite ao falante comunicar, de forma expressiva e facilmente inferível, noções ligadas ao silêncio, à precaução e à suavidade no agir.

Em termos esquemáticos, a microconstrução *pé ante pé* é totalmente fechada, isto é, todos os seus *slots* são preenchidos por elementos fixos, sem possibilidade de substituição lexical. Existe, contudo, a variante *passo ante passo*, registrada com o mesmo sentido idiomático, mas sua ocorrência no *corpus* é irrisória se comparada a *pé ante pé*, o que confirma que esta última constitui a forma consagrada e estabilizada na língua. Além disso, há a expressão mais recorrente com o substantivo *passo*, a saber *passo a passo*, mas tanto esta quanto *passo ante passo* não são analisadas aqui por não integrarem o escopo desta tese.

Do ponto de vista da composicionalidade, o sentido global não resulta da soma literal dos constituintes, mas de um processo metafórico em que a imagem corporal do movimento cuidadoso, reforçada pela repetição rítmica, evoca a ideia de agir com cautela e

discrição, permitindo aos falantes inferir o significado figurado da construção. Em termos de flexão, não se admite o uso no plural: formas como **pé ante pés* ou **pés ante pés* não são possíveis e tampouco a inserção de modificadores no interior da construção. Estes podem, no entanto, ocorrer em posição periférica, como em *pé ante pé silenciosamente* ou *pé ante pé lentamente*, sem comprometer a estrutura base.

Observemos a Tabela 52, que apresenta frequências de *pé ante pé* no PB e no PE:

Tabela 52 – Frequências de uso da EI *pé ante pé* por variedade do português

Construção	*F. absoluta (PB)*	*F. relativa (PB)*	*F. absoluta (PE)*	*F. relativa (PE)*
Pé ante pé	49	0,074	**128**	0,391
Total	**49**	**0,074**	**128**	**0,391**

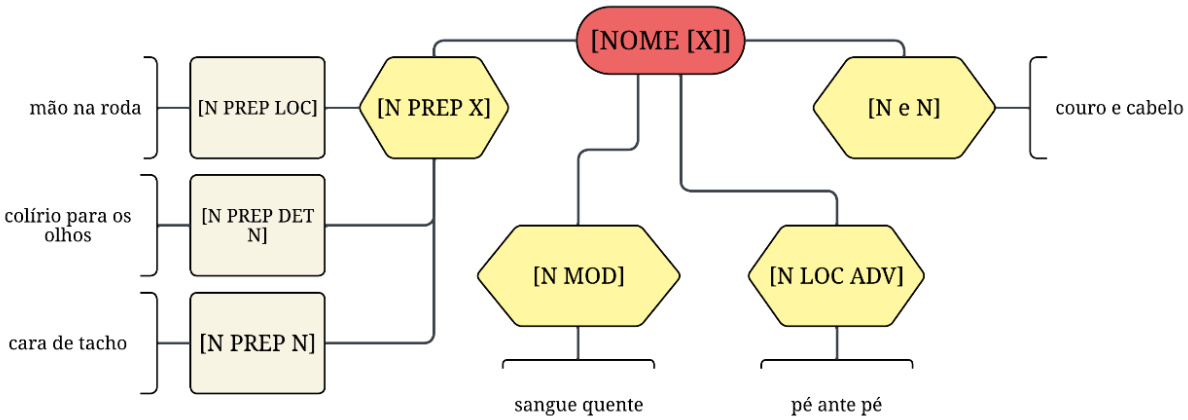
Fonte: Elaboração própria (2025).

A expressão apresenta uma distribuição bastante assimétrica entre as duas variedades: no PB foram registradas apenas 49 ocorrências (0,074) e no PE o número é significativamente maior, somando 128 ocorrências (0,391). Esses dados indicam que *pé ante pé* é muito mais produtiva e recorrente em Portugal, possivelmente por se tratar de uma forma tradicional e cristalizada na variedade europeia, ao passo que, no Brasil, seu uso é mais restrito, talvez em virtude da preferência por expressões semelhantes, como *de mansinho* ou *devagarinho*.

7.3.6 Rede construcional do esquema iniciado por NOME

A Figura 3 ilustra a organização hierárquica das construções idiomáticas intensificadoras de base corporal do português, estruturadas em torno do esquema mais abstrato [NOME [X]], que ocupa o nível superordenado da rede.

Figura 3 – Rede construcional do esquema [NOME [X]]



Fonte: Elaboração própria (2025).

No topo da rede, o esquema construcional [NOME [X]] funciona como uma construção esquemática e abstrata que, sua vez, abarca vários outros subesquemas construcionais de intensificação formados a partir de diferentes combinações estruturais, tais como: [N PREP X], [N MOD], [N e N] e [N LOC ADV]. Apesar da variabilidade, todas as expressões resultantes desse subesquema apresentam significado global não composicional (Fillmore *et al*., 1988). A partir desse esquema geral, a rede se ramifica em subesquemas mais específicos, que refletem configurações sintático-semânticas recorrentes: São eles:

1. [N PREP N] – construções nominais prepositivas (*mão na roda*, *coração de gelo*);
2. [N MOD] – combinações de nome e modificador (*suar sangue*);
3. [N e N] – coordenações nominais (*couro e cabelo*, *pele e osso*);
4. [N PREP DET N] – construções nominais (*colírio para os olhos*).

Em síntese, a análise dos subesquemas derivados do padrão nominal geral revela uma rede construcional altamente articulada, em que cada subesquema – [N PREP N], [N MOD], [N e N] e [N PREP DET N] – especializa-se em expressar relações semântico-pragmáticas recorrentes e culturalmente estabilizadas. O subesquema [N PREP N] mostra-se particularmente produtivo, abrigando microconstruções como *mão na roda*, *pé ante pé* e *coração de gelo*, que combinam nomes e preposição para produzir sentidos metafóricos e avaliativos. Já [N MOD], exemplificado por *sangue quente*, destaca a integração entre nome e modificador na construção de significados associados a traços comportamentais. O subesquema coordenativo [N e N], como em *pele e osso*, evidencia padrões altamente lexicalizados, cuja

opacidade semântica resulta da fusão idiomática entre dois nomes. Por fim, [N PREP DET N], representado por *colírio para os olhos*, projeta uma relação nominal mais elaborada, com determinante e complemento que ampliam a estrutura formal e o potencial metafórico.

Considerados em conjunto, esses subesquemas demonstram como a rede construcional nominal é capaz de acomodar diferentes graus de esquematicidade, idiomaticidade e motivação semântica, reforçando o caráter gradiente, experiencial e emergente da gramática. Essa perspectiva teórica encontra respaldo nos dados empíricos, que evidenciam como a frequência de uso atua na consolidação e na expressividade das construções idiomáticas nas diferentes variedades do português. A análise dos subesquemas construcionais iniciados por NOME mostra que o PB apresenta frequência absoluta consideravelmente superior (3.462) em comparação ao PE (1.018). Essa diferença quantitativa sugere que as construções nominais desempenham papel mais expressivo e diversificado no repertório idiomático brasileiro.

Tabela 53 – Frequências de uso dos subesquemas intensificadores iniciados por NOME por variedade do português

Esquema construcional	*F. absoluta (PB)*	*F. relativa (PB)*	*F. absoluta (PE)*	*F. relativa (PE)*
[N PREP LOC]	1.089	1,655	55	0,165
[N MOD]	1.683	2,564	546	1,669
[N e N]	161	0,244	99	0,301
[N PREP DET N]	33	0,050	8	0,024
[N PREP N]	447	0,655	182	0,557
[N LOC ADV]	49	0,074	128	0,391
Total	**3.462**	**5,242**	**1.018**	**3,107**

Fonte: Elaboração própria (2025).

De modo geral, a distribuição dos subesquemas derivados do esquema geral [NOME [X]] evidencia uma rede construcional heterogênea, na qual cada padrão ocupa um lugar funcional específico no repertório idiomático das duas variedades do português. Os dados mostram que [N MOD] e [N PREP LOC] constituem os subesquemas mais produtivos, sobretudo no PB, refletindo a preferência por estruturas avaliativas e metafóricas compactas. Já [N PREP N] e [N e N] mantêm produtividade intermediária, funcionando como formatos amplamente reconhecidos e culturalmente estabilizados em ambas as variedades. Em contraste, [N PREP DET N] e [N LOC ADV] apresentam menor frequência ou distribuição assimétrica entre PB e PE, sugerindo domínios de uso mais restritos ou maior especialização semântica.

Em resumo, esses padrões confirmam que o esquema geral [NOME [X]] opera como um nó central na língua que organiza subesquemas com diferentes graus de

esquematicidade, composicionalidade e produtividade, compondo uma rede dinâmica moldada pela frequência e pelas preferências estilístico-culturais de cada variedade do português.

7.4 SUBESQUEMA INTENSIFICADOR INICIADO POR CONJUNÇÃO

7.4.1 Subesquema [CONJ DET N V DET $N_{parte\ do\ corpo}$]

- Enquanto o diabo esfrega um olho

A EI *enquanto o diabo esfrega o olho* constitui uma construção hiperbólica empregada para descrever acontecimentos que ocorrem de forma extremamente rápida, súbita ou quase imperceptível. A construção sugere, de modo figurado, que a ação acontece no curto espaço de tempo em que o diabo realizaria um gesto mínimo – esfregar o olho –, intensificando a ideia de rapidez e surpresa. Desse modo, a expressão enfatiza a brevidade temporal e funciona como recurso expressivo que reforça a intensidade da situação descrita.

Diversas expressões do português, assim como de outras línguas, evocam a figura do diabo em contextos de exagero ou intensificação, como em *mais rápido que o diabo*, *correr do diabo*, *nem o diabo põe a mão*, dentre outras expressões. Isso ocorre porque o diabo é uma figura recorrente no folclore, nos provérbios e na cultura religiosa popular, sendo utilizado como recurso expressivo de forte impacto. No imaginário coletivo, o diabo associa-se à esperteza, à malícia e à agilidade, características que sustentam a imagem de um ser sempre atento, capaz de agir de forma súbita, o que reforça a noção de rapidez inesperada.

Nesse sentido, a construção baseia-se em uma metáfora conceitual que relaciona a noção de rapidez extrema ao tempo mínimo de uma ação cotidiana. Em outras palavras, temos o domínio-fonte que é construído pela figura do diabo realizando um gesto simples e veloz e o domínio-alvo que corresponde a acontecimentos súbitos ou quase imperceptíveis.

A metáfora conceitual subjacente a essa EI é BREVIDADE É MOVIMENTO CORPORAL. Essa conceptualização enfatiza a brevidade temporal e o caráter inesperado do fato descrito. Assim, a construção cumpre sua função expressiva ao exagerar o intervalo em que algo acontece, produzindo um efeito de intensidade por meio da fusão entre o gesto mínimo e a imagem cultural do diabo como ser veloz, como se vê no exemplo (62), em que a expressão reforça a urgência e a gravidade da situação, sublinhando que uma crise de grande escala (a dissolução da União Europeia) pode ocorrer de forma tão veloz que surpreenderia a todos.

62 Nestas bolandas em que ninguém confia em ninguém e só a Alemanha parece confiar em si mesma, a União Europeia pode esboroar-se enquanto o diabo esfrega um olho. (21 G PT adalinguaportuguesa.com)

Em termos de esquematicidade, a construção apresenta-se como totalmente fechada, composta por posições fixas: a conjunção *enquanto* na posição [CONJ], o artigo definido *o* na posição [DET], o substantivo *diabo* no *slot* [N], o verbo *esfrega* na posição [V], o artigo definido/indefinido *o*/*um* no *slot* [MOD] e, por fim, o substantivo *olho* na posição [N]. Essa rigidez estrutural impede variações lexicais sem que se perca o valor figurado da expressão.

Quanto à composicionalidade, a EI apresenta baixa composicionalidade, pois seu significado global não pode ser deduzido diretamente a partir da soma literal dos elementos. O gesto físico de "esfregar o olho" atua apenas como um ponto de partida imagético para uma associação metafórica com a ideia de algo súbito ou quase instantâneo. Assim, a interpretação idiomática depende fortemente do conhecimento convencional da expressão, sendo difícil inferir seu sentido apenas com base nos elementos lexicais que a compõem.

A inserção de modificadores internos não é produtiva na língua e não apresenta ocorrências no *corpus*; por isso, formulações como **enquanto o diabo esfrega o olho esquerdo* ou **enquanto o diabo esfrega rapidamente o olho* soam artificiais e inviáveis. A substituição de elementos também compromete a idiomaticidade, como em **enquanto Deus esfrega um olho*, em que a imagem divina remete à eternidade, serenidade e sacralidade, ou seja, noções que contrastam com a ideia de brevidade, ou em **enquanto o diabo esfrega a mão*, que rompe com a motivação da metáfora. No que diz respeito à flexão de número, a forma cristalizada ocorre no singular, introduzida pelo artigo definido *o* ou pelo indefinido *um*, provavelmente porque *um olho* remete a um gesto mais rápido e simples do que esfregar os dois.

Na Tabela 54, observa-se os dados de frequência da expressão, os quais evidenciam uma diferença significativa entre as variantes. No PB, foram encontradas apenas duas ocorrências. Já no PE, o número é consideravelmente maior, totalizando 50 ocorrências. Esses resultados indicam que a expressão é produtiva e consolidada no PE, tanto em termos absolutos quanto relativos, contrastando com a baixa produtividade que ela apresenta no PB.

Tabela 54 – Frequências de uso da EI *enquanto o diabo esfrega um olho* por variedade do português

Construção	*F. absoluta (PB)*	*F. relativa (PB)*	*F. absoluta (PE)*	*F. relativa (PE)*
Enquanto o diabo esfrega um olho	2	0,003	**46**	0,140
Enquanto o diabo esfrega o olho	0	0	4	0,012
Total	**2**	**0,003**	**50**	**0,152**

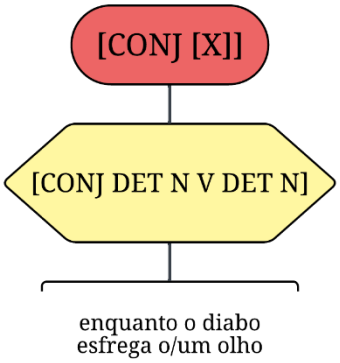
Fonte: Elaboração própria (2025).

A disparidade sugere que, cultural e linguisticamente, a construção encontra maior circulação e enraizamento em contextos de uso europeus, possivelmente vinculados à tradição oral e à persistência de EIs de cunho popular em Portugal.

7.4.2 Rede construcional do esquema iniciado por CONJUNÇÃO

A Figura 4 ilustra a configuração da rede construcional envolvendo as microconstruções de intensificação iniciadas por conjunção no português:

Figura 4 – Rede construcional do esquema [CONJ [X]]



Fonte: Elaboração própria (2025).

No nível mais abstrato, o esquema [CONJ [X]] corresponde a uma construção oracional introduzida por uma conjunção, cuja função é estabelecer uma relação de simultaneidade ou comparação entre dois eventos. Esse padrão é altamente esquemático e produtivo, pois pode ser instanciado por diferentes conectores (como *enquanto*, *quando*, *assim que*, *antes que*) e por diversos tipos de orações encaixadas.

A construção intermediária, [CONJ DET N V DET N], já apresenta maior especificidade formal e semântica. Nesse nível, observa-se a emergência de uma sequência

lexical fixa – um determinante, seguido de um nome, de um verbo e de outro sintagma nominal determinado –, que começa a adquirir coerência prosódica e interpretativa própria, característica de um *chunk* devidamente reconhecido na língua. Essa estrutura corresponde a uma configuração pré-idiomática, em que o padrão sintático se estabiliza no uso e tende à fixação.

Em suma, a EI *enquanto o diabo esfrega o olho* constitui um exemplo claro de como o uso reiterado de uma configuração formal e semântica específica pode gerar uma nova unidade construcional, cujo significado (ideia de brevidade) é parcialmente motivado, mas convencionalizado, evidenciando a natureza emergente e gradiente da gramática da língua.

7.5 SUBESQUEMAS INTENSIFICADORES INICIADOS POR ADVÉRBIO

7.5.1 Subesquema [ADV V ADV PREP $N_{\text{parte do corpo}}$]

- Não chega nem aos pés

Utilizada para indicar inferioridade extrema em relação a alguém ou algo, a EI *não chega nem aos pés* reforça a ideia de distância hierárquica ou de grandeza. A imagem metafórica apoia-se no simbolismo do pé como a parte mais baixa do corpo, de modo que "nem chegar aos pés" sugere não alcançar sequer o nível mínimo de comparação. Trata-se, portanto, de uma construção que intensifica a noção de desigualdade, colocando um elemento em posição claramente inferior em relação a outro. Segundo Langlotz (2006), esse tipo de metonímia corporalizada é recorrente na formação de EIs, pois se ancora em experiências perceptivas universais.

A expressão mobiliza o esquema imagético da verticalidade, segundo o qual o que está em posição elevada é percebido como mais valioso ou grandioso, enquanto o que ocupa a base é considerado inferior, formulando a metáfora conceitual MAIS É PARA CIMA (Lakoff e Johnson, 1980). Nesse enquadre, os pés representam o nível mínimo de referência, de modo que afirmar que alguém "não chega nem aos pés" de outro reforça, de forma hiperbólica, a noção de inferioridade extrema ao mapear o domínio-fonte da posição corporal para o domínio-alvo da hierarquia ou valor. No exemplo (63) abaixo, a construção *não chega nem aos pés* é utilizada para enfatizar a inferioridade dos sucos industrializados em relação ao suco natural.

62 Gosto de cozinhar sim. Infelizmente eles não tomam não, todos os "sucos" comercializados aqui são cheios de açúcar e outras coisas (até o de laranja). **Não chega nem aos pés** do suco de verdade. (110 B BR passaportebrasilusa.com)

O falante, ao empregar a EI, estabelece uma comparação em que o produto comercializado é avaliado como extremamente inferior, incapaz de atingir sequer o nível mínimo de qualidade representado pelo "suco de verdade". A construção funciona, portanto, como um recurso hiperbólico que intensifica a crítica e evidencia a superioridade do suco natural. Sob esse viés, a construção revela-se parcialmente composicional, pois parte do significado pode ser inferido a partir da imagem dos pés como o ponto mais baixo do corpo.

Do ponto de vista estrutural, a construção apresenta-se como fechada, composta por posições fixas: o advérbio de negação *não* em [ADV], o verbo *chegar* em [V], o advérbio *nem* em [ADV], a preposição *aos* na posição [PREP] e, por fim, o substantivo *pés* no *slot* [N]. Essa rigidez confere a estabilidade à expressão e restringe variações lexicais, já que a combinação desses elementos é responsável pela manutenção do valor figurado de inferioridade extrema. Por essa razão, substituições como **não chega nem às mãos* ou **não chega nem à cabeça* rompem com a relação de motivação, na qual os pés representam o nível mais baixo da hierarquia corporal.

A inserção de modificadores internos também não se mostra produtiva, tornando formulações como **não chega nem aos pés grandes* ou **não chega nem aos pés direitos* artificiais e pouco naturais. Ainda assim, o *corpus* revelou duas ocorrências em que o verbo *conseguir* aparece inserido na estrutura – "mas *não consegue chegar nem aos pés* da saga do bruxo" e "eles *não conseguem chegar nem aos pés* da igreja" –, o que sugere certa flexibilidade. Além disso, a expressão admite variação de tempo e modo verbal, registrando-se formas como *não chega/chego/chegam/chegaram nem aos pés*, sendo a primeira a mais recorrente.

Curiosamente, o *corpus* traz uma ocorrência de inversão da expressão – *nem ao pé...chega* (exemplo 64) –, forma mais marcada e pouco convencional, além de ser a única registrada no singular. Ainda assim, a variante preserva a força expressiva da construção. Registrou-se também a forma *nem aos pés*, exemplo (65), na qual os elementos *não* e *chega* estão ausentes. Esses casos sugerem que a expressão, apesar de cristalizada, não é inteiramente rígida, permitindo variações estruturais que, em maior ou menor grau, mantêm seu valor semântico.

63 Ah e para todos os Santistas aqui... o Neymar é tão bom como o Messi não?.... Ontem os Corinthianos trataram de lhe mostrar que tem de comer muito feijão com arroz e alguma linguiça... **nem ao pé** do Cristiano **chega** quanto mais da Pulga... (1 B BR ultrapassagem.org)

64 Getúlio foi um populista e muitas vezes demagogo (**nem aos pés** de lula, mas foi), autoritário, e cometeu muitos erros. (69 B BR forte.jor.br)

No que diz respeito à frequência, a Tabela 55 mostra que há um contraste marcante entre as variedades. No PB, foram identificadas 105 ocorrências no total (0,155), enquanto no PE apenas cinco ocorrências (0,015), o que significa que essa expressão é tipicamente usada no Brasil.

Tabela 55 – Frequências de uso da EI *não chega nem aos pés* por variedade do português

Construção	*F. absoluta (PB)*	*F. relativa (PB)*	*F. absoluta (PE)*	*F. relativa (PE)*
Não chega nem aos pés	66	0,100	4	0,012
Não chegam nem aos pés	14	0,021	1	0,003
Não chegar nem aos pés	9	0,013	0	0,000
Não chegou nem aos pés	5	0,007	0	0,000
Não chego nem aos pés	4	0,006	0	0,000
Não chegaram nem aos pés	3	0,004	0	0,000
Não chegasse nem aos pés	1	0,001	0	0,000
Não chegará nem aos pés	1	0,001	0	0,000
Não chegava nem aos pés	1	0,001	0	0,000
Não chegando nem aos pés	1	0,001	0	0,000
Total	**105**	**0,155**	**5**	**0,015**

Fonte: Elaboração própria (2025).

Os resultados acima indicam que, em ambas as variedades, a construção idiomática *não chega nem aos pés* é a que se encontra plenamente convencionalizada, mas é no PB que ela se consolida de modo inequívoco: são 66 ocorrências no PB contra apenas quatro ocorrências no PE. No PB, além dessa forma prototípica, surgem variações como *não chegou nem aos pés* (5; 0,007) e *não chego nem aos pés* (4; 0,006), que mostram que essa EI é relativamente produtiva na variedade brasileira e flexível em termos morfossintáticos.

7.5.2 Subesquema [ADV PREP $N_{parte\ do\ corpo}$]

- Debaixo do nariz

A EI *debaixo do nariz* remete a situações em que algo ocorre de forma evidente, em plena vista do sujeito, mas sem que ele se dê conta. A imagem figurativa de algo situado “sob o nariz” – uma das partes mais visíveis e centrais do rosto – intensifica a noção de proximidade e

clareza, em contraste com a incapacidade de notar o que está literalmente diante dos olhos. Nesse sentido, a construção atua como recurso expressivo para caracterizar distração, desatenção ou mesmo ingenuidade diante de fatos que, em princípio, deveriam ser óbvios ou facilmente reconhecíveis.

A metáfora conceitual que sustenta essa EI pode ser formulada como CONHECER / PERCEBER É VER (Johnson, 1987). O corpo, especialmente o rosto, é tomado como domínio de referência: aquilo que está "sob o nariz" corresponde a algo extremamente próximo e visível, portanto, acessível à percepção. O que se projeta metaforicamente, porém, é a incongruência entre essa proximidade física e a ausência de reconhecimento, isto é, não ver ou não notar.

Desse modo, o domínio-fonte corresponde à ideia de proximidade espacial e o domínio-alvo é a capacidade de atenção e percepção do indivíduo. Ao ser empregada, a expressão enfatiza a falha em perceber o óbvio, reforçando o caráter figurativo de distração ou cegueira diante de situações claras e acessíveis. O uso reiterado de *debaixo do nariz* em contextos de surpresa, distração ou ironia demonstra seu grau avançado de fixação idiomática, sendo armazenada como uma unidade léxico-gramatical de alto entrosamento formal e semântico.

A EI *debaixo do nariz* é uma construção de natureza substantiva, pois sua forma é estável e se organiza a partir do padrão [ADV PREP N], com preenchimento fixo dos *slots*, o que restringe alterações estruturais sem perda do valor figurado. Quanto à composicionalidade, trata-se de uma construção altamente composicional, pois os constituintes *nariz* e *debaixo* mantêm seus sentidos literais e contribuem diretamente para a formação do significado global.

Além disso, a construção admite muita flexão de número, mas é pouco recorrente na língua, com exceção de situações como *debaixo dos narizes*, que é mais destinada para sujeito composto. Variações como *embaixo do nariz* ainda preservam o sentido idiomático, mas alterações como **sob o nariz* ou **perto do nariz* soam pouco naturais.

Por outro lado, a EI admite certa flexibilidade quanto à inserção de elementos modificadores em sua posição inicial, como ocorre em *bem debaixo do nariz* e *mesmo debaixo do nariz*, que intensificam a noção de proximidade extrema. Constata-se, nesse ponto, uma diferença interessante entre as duas variedades do português: no PB é frequente o uso do advérbio *bem* para enfatizar o quão próximo o evento esteve do sujeito, já no PE o recurso mais comum é o advérbio *mesmo*, que igualmente reforça a ideia de evidência e proximidade.

Quadro 21 – Comparação da forma lexical da EI no PB e no PE

PB	PE
(bem) debaixo do nariz	(mesmo) debaixo do nariz

Fonte: Elaboração própria (2025).

Em (65), o advérbio *bem* atua como intensificador espacial, aproximando ainda mais a cena da ideia de proximidade extrema. Ao acrescentá-lo, o falante acentua o contraste entre a clareza da situação (os furtos ocorreram ao alcance da percepção dos donos) e a incapacidade de notá-la. Assim, *bem* amplifica o caráter enfático da expressão, intensificando o efeito de indignação ou surpresa. Já em (66), o advérbio *mesmo* funciona como intensificador e reforça a surpresa diante da situação. Embora não altere o valor figurado da expressão, ele sublinha a incongruência entre a proximidade do fato e a ausência de percepção por parte das vítimas. Em outras palavras, *mesmo* atua como marcador de ênfase, ressaltando que a ação ocorreu exatamente em um lugar óbvio e acessível – "justamente debaixo do nariz dos outros".

65 Já estava interessada no livro, mas era por causa do filme, que queria saber como seria a atuação de Emma Watson, mas agora fiquei mais interessada ainda. Não sei como jovens tem tanta coragem e cara-de-pau de formar uma gangue e fazer furtos tão grandes e sem nem disfarçar. Deve ter sido um choque para as pessoas que tiveram seus pertences furtados, **bem debaixo do nariz** deles. Quero muito ler o livro pra saber mais sobre esse fato. (48 B BR livrosechocolate.com.br)

66 Afinal, você é um mártir que em nome do povo descobre os segredos do "Grande Capital", do "Grande Dinheiro", do "Judeu", dos "Illuminati". Eles deixam pistas e você fareja o tesouro; descobre as suas patifarias **mesmo debaixo do nariz** dos outros! Os milhões de economistas, sociólogos, autarcas, parlamentares, juízes, advogados, etc... TODOS UNS TOTÓS OU UNS SERVENTES DO "GRANDE DINHEIRO"! O "Grande Dinheiro" está por todo o lado com os seus esquemas. (14 G PT citadino.blogspot.com)

A Tabela 56 mostra que a forma singular *debaixo do nariz*, com 52 ocorrências (0,079), é a mais recorrente e consolidada no PB. A mesma relação se observa no PE, em que a construção flexionada no singular é mais produtiva na variedade europeia com 41 ocorrências (0,125).

Tabela 56 – Frequências de uso da EI *debaixo do nariz* por variedade do português

Construção	*F. absoluta (PB)*	*F. relativa (PB)*	*F. absoluta (PE)*	*F. relativa (PE)*
Debaixo do nariz	**52**	0,079	**41**	0,125
Debaixo dos narizes	12	0,018	4	0,012
Total	**64**	**0,097**	**45**	**0,149**

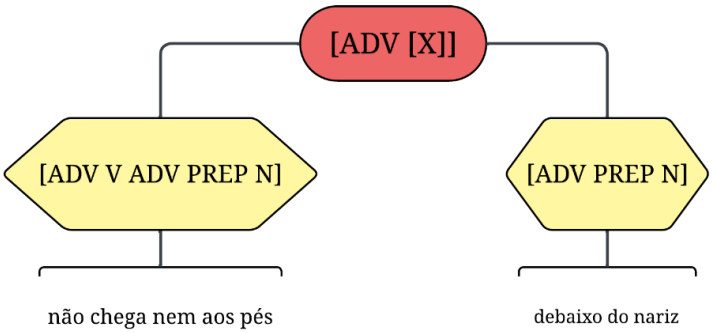
Fonte: Elaboração própria (2025).

7.5.3 Rede construcional do esquema iniciado por ADVÉRBIO

A rede construcional [ADV [X]] representa um esquema de nível médio de abstração na gramática do português, cujo núcleo é um advérbio que introduz ou modifica um segmento variado ([X]). Essa configuração reflete um padrão simbólico recorrente, no qual o advérbio não apenas desempenha papel modificador, mas também atua como marcador de perspectiva semântico-discursiva de natureza avaliativa, comparativa ou espacial. Em termos construcionais, o esquema [ADV [X]] configura uma unidade simbólica plenamente esquemática, cuja configuração estrutural é inteiramente aberta a diferentes tipos de preenchimento.

Apesar de apresentar uma variabilidade estrutural, o esquema mantém uma coerência semântica, pois os advérbios que o instanciam tendem a expressar valores recorrentes, como intensidade, negação, modo ou localização. Conforme proposto por Goldberg (1995) e Croft (2001), esquemas totalmente abstratos desse tipo emergem de padrões de uso reiterados e são armazenados na gramática como generalizações cognitivas que organizam e motivam a produtividade das microconstruções associadas.

Figura 5 – Rede construcional do esquema [ADV [X]]



Fonte: elaboração própria (2025).

Como se vê, o esquema geral se ramifica em dois subesquemas: [ADV V ADV PREP N] e [ADV PREP N]. O primeiro organiza construções complexas que expressam comparação e avaliação, combinando elementos negativos e intensificadores; o segundo reúne construções espaciais ou metafóricas que mantêm alta fixação lexical. Cada subesquema delimita uma configuração formal e semântica recorrente, com restrições próprias de coocorrência e de função pragmática. Esses subesquemas correspondem ao que Traugott e

Trousdale (2021 [2013]) denominam subesquemas herdados, isto é, extensões do esquema abstrato que preservam sua estrutura geral, mas adquirem valores semânticos e pragmáticos específicos.

Os construtos *não chega nem aos pés* e *debaixo do nariz* exemplificam como o uso efetivo de padrões linguísticos gera unidades convencionais que transcendem a mera combinação composicional, consolidando-se como construções idiomáticas motivadas.

A Tabela 57 apresenta a produtividade dos subesquemas construcionais em questão:

Tabela 57 – Frequências de uso dos subesquemas intensificadores iniciados por ADVÉRBIO por variedade do português

Esquema construcional	*F. absoluta (PB)*	*F. relativa (PB)*	*F. absoluta (PE)*	*F. relativa (PE)*
[ADV V ADV PREP N]	105	0,155	5	0,015
[ADV PREP N]	64	0,097	45	0,149
Total	**169**	**0,252**	**50**	**0,164**

Fonte: Elaboração própria (2025).

Entre os subesquemas, [ADV V ADV PREP N] é o mais produtivo no PB (com 105 ocorrências; 0,155), ao passo que no PE sua ocorrência é quase marginal (5 ocorrências; 0,015). Já o subesquema construcional [ADV PREP N] apresenta comportamento relativamente equilibrado entre as duas variedades do português (64; 0,097 no PB; 45; 0,149 no PE), mostrando que algumas construções adverbiais mais simples são reconhecíveis e utilizadas em ambos os contextos.

7.6 SUBESQUEMAS INTENSIFICADORES INICIADOS POR DETERMINANTE

7.6.1 Subesquema [DET N PREP $N_{\text{parte do corpo}}$]

Este esquema abrange duas EIs que seguem o padrão estrutural iniciado por um artigo definido ou indefinido, representado pelas construções *uma pilha de nervos* e *os olhos da cara*. Ambas compartilham a característica de intensificar significados, mas o fazem de modos distintos: enquanto *uma pilha de nervos* enfatiza um estado emocional de grande ansiedade ou descontrole, *os olhos da cara* expressa o alto custo de algo, em sentido monetário ou simbólico. Do ponto de vista da esquematicidade, esse subesquema apresenta certo grau de

fixidez estrutural, que garante a estabilidade do valor figurado, embora permitam variações controladas, reforçando seu estatuto como unidades lexicalizadas no português.

- Uma pilha de nervos

A EI *uma pilha de nervos* constrói uma imagem metafórica em que o indivíduo é comparado a um amontoado de nervos em estado de extrema tensão emocional. O nome *pilha* intensifica essa representação ao evocar ideias de acumulação, sobrecarga e instabilidade, remetendo a algo prestes a desmoronar ou explodir. Além disso, a acepção de *pilha* como dispositivo elétrico sugere a presença de energia acumulada no corpo, pronta para ser descarregada de forma súbita e descontrolada. Dessa forma, a EI funciona como recurso figurativo para caracterizar alguém dominado pela ansiedade, irritação ou nervosismo, evidenciando um estado de descontrole emocional que ultrapassa a descrição literal, como em (68):

67 Ei, não me batam porque não é caso para tal. Não ando baldas, ando mesmo sem recursos porque ainda não foi desta que consegui recuperar o meu computador (está quase!) e fora de Lisboa também não tenho grande acesso à Internet. Não imaginam como tenho andado, em **uma pilha de nervos**, por não conseguir cumprir com os meus deveres com vós. (3 B PT aguidaequesabe.com)

Essa expressão pode ser motivada por duas acepções distintas do termo *pilha*, ambas compatíveis com o valor intensificador que a caracteriza. Por um lado, *pilha* é entendida como "amontoado" ou "grande quantidade", remetendo metaforicamente ao acúmulo excessivo de tensão e nervosismo, prestes a explodir. Por outro, o termo pode evocar o domínio da eletricidade, em que *pilha* designa o dispositivo capaz de gerar corrente elétrica. Nessa leitura, o corpo é figurado como uma fonte de energia carregada, sujeita a descargas descontroladas, comparável ao comportamento de alguém tomado por reações emocionais intensas. Embora a primeira motivação pareça mais convencional, a segunda também constitui um quadro semântico plausível, reforçando o sentido de excesso e descontrole.

A metáfora conceitual subjacente à essa EI pode ser compreendida a partir de dois mapeamentos principais, segundo a Teoria da Metáfora Conceptual (Lakoff e Johnson, 1980): (i) EMOÇÃO É ENERGIA – nesse caso, estados emocionais (como nervosismo, raiva ou ansiedade) são concebidos como uma forma de energia acumulada dentro do corpo. Assim como a pilha elétrica concentra energia química e a converte em eletricidade, o indivíduo nervoso é visto como carregado de tensão, pronto a liberar essa energia de modo explosivo ou descontrolado. A imagem da pilha como dispositivo elétrico permite, portanto, compreender o

nervosismo como uma "corrente elétrica" que percorre o corpo e pode escapar de forma abrupta; (ii) EMOÇÃO É ACÚMULO – aqui, a acepção de *pilha* como "amontoado" ou "grande quantidade" ativa a metáfora conceptual de que sentimentos podem ser empilhados como objetos materiais. A tensão nervosa é representada como algo que se acumula em camadas até formar um volume excessivo e insuportável. O indivíduo, nesse cenário, não é apenas alguém nervoso, mas um verdadeiro *amontoado de nervos*, isto é, uma entidade constituída inteiramente pelo excesso de emoção.

Em ambos os mapeamentos, a metáfora central é CORPO É RECIPIENTE DE EMOÇÕES. Seguindo a proposta de Vilela (2003, p. 325), os seres humanos são concebidos como recipientes que, em sua parte mais profunda ou superficial, contêm fluidos capazes de encher-se até o limite, atingir a saturação e mesmo transbordar. Nesse esquema imagético, as emoções são concebidas como substâncias que se acumulam no interior do corpo, à semelhança de líquidos que sobem dentro de um recipiente. No caso da EI *uma pilha de nervos*, esse acúmulo pode ser compreendido tanto como energia armazenada e prestes a descarregar quanto como um amontoado excessivo de tensão. Assim, a expressão projeta o nervosismo como um estado de intensidade extrema, estruturado por metáforas que vinculam estados internos abstratos a fenômenos físicos concretos, como fluido, energia e acúmulo.

Quanto à composicionalidade, a construção é parcialmente composicional: parte do significado pode ser inferida a partir de seus elementos, já que *pilha* remete a acumulação e *nervos* indica tensão emocional; entretanto, o efeito global, que é caracterizar alguém em estado de extrema ansiedade ou descontrole, não é plenamente previsível a partir do sentido literal das palavras. Por isso, sua transparência semântica é baixa: leitores familiarizados com o português e com expressões figuradas compreendem a metáfora, mas quem desconhece a expressão pode não associar imediatamente *pilha* e *nervos* à ideia de excesso emocional, sendo necessário conhecimento cultural e contextual para captar plenamente o efeito figurado.

Por se tratar de uma expressão relativamente fechada, alterações lexicais como a substituição de elementos nucleares compromete o valor figurado da construção: combinações do tipo **uma pilha de músculos*, **uma pilha de ossos* ou **um monte de nervos* violam a leitura metafórica de excesso emocional, que se baseia especificamente na tensão representada pelos nervos. De maneira semelhante, a inserção de modificadores na expressão não é produtiva, tornando construções como **uma pilha de nervos gigantes* ou **uma pilha de nervos muito nervosa* artificiais. Em termos de flexão, a expressão admite, sem alteração do sentido, variação para o singular – *uma pilha de nervo* – apesar de não ser a forma mais corrente.

A análise das frequências absolutas e relativas da expressão *uma pilha de nervos* revela diferenças relevantes entre as variedades brasileira e europeia do português. Essa EI é mais recorrente e consolidada no PE, totalizando 42 ocorrências (0,128), contra 33 ocorrências do PB (0,050):

Tabela 58 – Frequências de uso da EI *uma pilha de nervos* por variedade do português

Construção	*F. absoluta (PB)*	*F. relativa (PB)*	*F. absoluta (PE)*	*F. relativa (PE)*
Uma pilha de nervos	**33**	0,050	**42**	0,128
Uma pilha de nervo	2	0,003	0	0,000
Total	**35**	**0,053**	**42**	**0,128**

Fonte: Elaboração própria (2025).

- Os olhos da cara

Para indicar que algo possui um custo extremamente elevado, recorre-se à EI *os olhos da cara*, que compara o valor de um objeto ou serviço a uma das partes mais preciosas do corpo humano. A construção enfatiza, de forma hiperbólica, o esforço ou sacrifício necessários para adquiri-lo, utilizando os olhos – órgãos essenciais e sensíveis – como símbolo de algo de grande importância. Desse modo, a expressão atua como recurso figurativo de intensificação, transformando o conceito de preço ou valor em uma avaliação exagerada e marcante.

Observemos os exemplos (68) e (69) em que a expressão mantém o sentido de custo elevado ou valioso, funcionando como metáfora que transforma o preço ou valor em algo comparável a uma parte essencial e preciosa do corpo humano (os olhos):

68 Queremos comprar as alianças por um bom preço, mas de um modelo que também gostemos. [...] então, quero uma joia que seja do nosso agrado, não quero nada com diamantes e etc, só quero um modelo quadrado, rs, mas é tão caro!!! Queremos algo legal e, que de preferência, não sejam **os olhos da cara**, rs! (29 G BR casandosemgrana.com.br)

69 Um domingo fui com umas amigas passear e calcei o sapato. Elas decidiram ir até uma praia e sentar na areia para conversar. Pousei meus sapatos com cuidado na areia. O mar estava picado e veio uma onda enorme que nos molhou e as nossas coisas também. Meus sapatos (que me custaram **os olhos da cara**) apanharam um banho de agua salgada e no dia seguinte tinham encurvado. Nunca mais os pude usar. (107 B PT coisasdaminhacasa.blogspot.com)

Em (68), o falante utiliza a expressão *os olhos da cara* para indicar o desejo de adquirir uma joia que não seja excessivamente cara. Nesse contexto, a EI funciona como hipérbole, reforçando de maneira leve e coloquial que o preço não deve ser exorbitante. Já em (69),

o uso evidencia a mesma ideia de alto valor, expressando o grande investimento financeiro realizado na compra dos sapatos e ressaltando o prejuízo emocional e econômico decorrente do acidente.

Essa EI pode ser entendida a partir da metáfora conceitual ALTO CUSTO É PERDA CORPORAL (Johnson, 1987), em que o domínio-alvo corresponde ao valor ou preço de um objeto, enquanto o domínio-fonte se refere a algo de grande importância, cuja obtenção demanda esforço ou sacrifício. Essa projeção metafórica transforma a avaliação monetária ou simbólica em um recurso expressivo de intensificação: quanto mais desejável ou importante for o objeto, maior será o "sacrifício" necessário para adquiri-lo.

A Tabela 59 ilustra as frequências de uso da EI *os olhos da cara* no português:

Tabela 59 – Frequências de uso da EI *os olhos da cara* por variedade do português

Construção	*F. absoluta (PB)*	*F. relativa (PB)*	*F. absoluta (PE)*	*F. relativa (PE)*
Os olhos da cara	**187**	0,285	**121**	0,370
O olho da cara	**129**	0,196	6	0,018
Total	**316**	**0,481**	**127**	**0,388**

Fonte: elaboração própria (2025).

A forma plural da expressão *os olhos da cara* é a que se consolidou no PE, totalizando 121 ocorrências (0,370), ao passo que no PB tanto a forma plural (mais recorrente, somando 187 ocorrências; 0,285) quanto a forma singular (*o olho da cara*), somando 129 ocorrências (0,129) são usuais.

Além disso, verifica-se que a construção é relativamente fixa, formada por posições definidas: o artigo definido *os* na posição [DET], o substantivo *olhos* no *slot* [N], a preposição *da* em [PREP] e o substantivo *cara* no *slot* [N]. Essa rigidez estrutural garante a estabilidade da construção, restringindo alterações lexicais ou sintáticas que comprometeriam seu valor figurado, de forma que variações como **os ouvidos da cara* ou **os olhos do rosto* rompem com a motivação metafórica da expressão.

Quanto à composicionalidade, a construção é parcialmente composicional (mais ou menos opaca), uma vez que o significado global não se deduz completamente do sentido literal das palavras; ainda que *olhos* e *cara* remetam a partes do corpo, é somente a associação hiperbólica com custo elevado que permite a interpretação figurada. Além disso, a EI não admite a inserção produtiva de modificadores internos, tornando artificiais construções como **os grandes olhos da cara*. No que diz respeito à flexão de número, a construção pode ocorrer tanto no plural como no singular.

Tal diferença sugere que, no PB, há uma maior alternância entre o uso das microconstruções no singular e plural, sendo ambas lexicalmente estabilizadas, ao passo que no PE a forma plural constitui a configuração prototípica:

Quadro 22 – Comparação da forma lexical da EI no PB e no PE

PB	**PE**
Os olhos da cara O olho da cara	Os olhos da cara

Fonte: elaboração própria (2025).

- Conclusões parciais sobre o subesquema intensificador

De modo geral, o subesquema construcional [DET N PREP $N_{\text{parte do corpo}}$] apresenta baixa produtividade e alta fixidez, configurando-se como um subesquema com pouco poder de atração de novos membros. As microconstruções instanciadas por esse subesquema, tais como *uma pilha de nervos* e *os olhos da cara*, possuem sentido idiomático pouco previsível a partir de seus constituintes, o que revela baixa composicionalidade (opacidade semântica). O Quadro 23 apresenta uma síntese das principais características desse subesquema:

Quadro 23 – Sistematização do padrão construcional [DET N PREP $N_{\text{parte do corpo}}$]

Construção	Esquematicidade	Composicionalidade	Flexão tempo, modo e pessoa	Flexão número	Elemento modificador	Substituição de elemento
Uma pilha de nervos	Fechada	Parcial	Não	Sim	Não	Não
Os olhos da cara	Fechada	Parcial	Não	Sim	Não	Não

Fonte: elaboração própria (2025).

Com base nos dados da Tabela 60, observa-se que o subesquema construcional apresenta frequências bastante equilibradas entre o PB e o PE, ainda que com nuances distintas. Os dados mostram que a expressão *os olhos da cara* é, de longe, a microconstrução mais produtiva nas duas variedades, concentrando a maior parte das ocorrências tanto no PB quanto no PE, o que confirma seu alto grau de convencionalização. Já *uma pilha de nervos* apresenta frequência bem menor, embora mais equilibrada entre as variedades, sugerindo que se trata de uma expressão menos cristalizada e menos difundida no uso corrente.

Tabela 60 – Frequências de uso do padrão construcional [DET N PREP $N_{parte\ do\ corpo}$] por variedade do português

Construção	*F. absoluta (PB)*	*F. relativa (PB)*	*F. absoluta (PE)*	*F. relativa (PE)*
Uma pilha de nervos	35	0,053	42	0,128
Os olhos da cara	316	0,481	127	0,388
Total	**351**	**0,534**	**169**	**0,516**

Fonte: Elaboração própria (2025).

7.6.2 Subesquema [DET $N_{parte\ do\ corpo}$ (MOD) (V)]

- A barriga/o estômago a dar horas / A barriga/o estômago roncando

As expressões *a barriga/o estômago a dar horas* e *a barriga/o estômago roncando* remetem de forma metafórica e frequentemente bem-humorada à sensação de fome. A ideia subjacente é a de que o corpo, em especial o estômago, funciona como um "relógio interno" que sinaliza a necessidade de se alimentar por meio de ruídos típicos quando está vazio. O som fisiológico do estômago, interpretado como "ronco", transforma-se em índice audível e até cômico da fome. Nesse sentido, a metáfora associa o funcionamento corporal à marcação do tempo ou à emissão de sinais, reforçando a experiência cotidiana da fome por meio de uma imagem concreta, expressiva e amplamente compartilhada.

A metáfora conceptual subjacente a essas expressões pode ser descrita como SATISFAÇÃO É PLENITUDE FÍSICA (Lakoff e Johnson, 1980). No caso de *dar horas*, a fome é figurada como um aviso regular e inevitável, semelhante ao movimento de um relógio que marca o momento da refeição. Já em *roncar*, o som fisiológico do estômago é ressignificado como um sinal comunicativo do corpo, uma mensagem audível que expressa a carência alimentar. Em ambas as formulações, o mapeamento metafórico intensifica a experiência da fome, convertendo uma sensação interna em uma manifestação perceptível e socialmente interpretável. Assim, o fenômeno natural da fome é transformado em representação expressiva e humorística, na qual o corpo assume papel ativo na comunicação do desejo de comer.

70 Hummm, e por falar em comida... **O meu estômago roncou**, advertindo-me que depois do esforço e do relaxamento, estava na hora de comer qualquer coisa. (3 G PT ...somundosobrenatural.blogspot.com)

71 Previdente, havia retirado da ultima colheita, doze cumbucas grandes de sementes de arroz, feijão e milho para semear na atual safra. Mas a chuva não vinha e **a barriga roncava**. (1 G BR montesclaros.com)

72 O tempo ia passando e **o meu estomago começou a dar horas**, a fome era demais. (5 G PT aeppea.wordpress.com (1))

73 só quando a maré começou a empurrar-nos para trás e **as barriguitas a dar horas** é que fomos embora. (42 B PT otesourinho.blogspot.com)

Nos quatro exemplos, observa-se a produtividade dessas expressões como formas intensificadoras da fome, funcionando de maneira expressiva para além da simples enunciação do estado fisiológico. Em (70), *o meu estômago roncou* está associado a um contexto de relaxamento e esforço físico, sendo interpretado como um sinal de alerta do corpo, quase personificado, que adverte o sujeito da necessidade de comer. A metáfora se aproxima de uma função comunicativa, reforçando o caráter audível e inevitável da fome. Em (71), *a barriga roncava* aparece em paralelo à descrição da escassez de chuva e de alimentos, funcionando como um índice da precariedade. O ronco da barriga intensifica a sensação de necessidade extrema e vincula a fome a um cenário de carência mais amplo, ampliando a carga dramática do texto.

Em (72), *o meu estômago começou a dar horas* metaforiza a fome como o ritmo de um relógio interno, indicando que a necessidade alimentar é tão marcada e precisa quanto a passagem do tempo. A EI intensifica o estado de fome ao projetar o corpo como instrumento de medida. Já em (73), *as barriguitas a dar horas* introduz a variação diminutiva, que acrescenta um tom humorístico e afetivo. O uso do plural sugere ainda uma experiência coletiva, o que intensifica o efeito discursivo ao mostrar que a fome atinge todos simultaneamente.

A construção apresenta esquematicidade parcial, pois combina *slots* abertos e fechados que permitem certa variação estrutural. O núcleo da construção está fixado na ideia de um órgão interno (*barriga/estômago*) associado à fome, mas há espaço para substituições que não comprometem o reconhecimento do padrão, como em *estômago*, *barriga*, *barriguinhas* ou *barriguitas*. Além disso, observa-se a possibilidade de inserção de modificadores que enriquecem a expressão sem alterar sua base metafórica, como em *a barriga já estava a dar horas* ou *as barrigas (naturalmente) começaram a dar horas*.

Também é recorrente a flexão no singular (*a barriga deu horas*, *o estômago roncou*) e no plural (*as barrigas começaram a dar horas*), o que evidencia a adaptabilidade da construção a diferentes contextos discursivos. Além disso, no caso da variante *a barriga/o estômago roncando*, observa-se a possibilidade de flexão em tempo, modo e pessoa, como em *a barriga roncava*, *a barriga roncasse* ou *o estômago ronque*, ampliando ainda mais suas possibilidades de inserção em diferentes enunciados. Essas variações demonstram que, embora a construção possua uma forma relativamente estável, ela admite flexibilidade morfológica e

sintática, o que reforça seu caráter parcialmente esquemático e favorece sua produtividade no uso discursivo.

Em termos de composicionalidade, verifica-se que as expressões *a barriga/o estômago a dar horas* e *a barriga/o estômago roncando* apresentam graus distintos desses aspectos. A primeira exibe composicionalidade parcial, pois, embora os constituintes contribuam com seus sentidos literais – *barriga/estômago* como órgão da digestão e *dar horas* como expressão temporal, o significado global não é diretamente deduzido da soma dos significados desses elementos. A leitura idiomática emerge da metáfora que associa o corpo à passagem do tempo, configurando uma motivação figurativa mais abstrata e menos imediata. Já a segunda apresenta elevada composicionalidade, uma vez que o significado dos constituintes contribui bastante para a compreensão da expressão como um todo. O vínculo entre o som produzido pelo estômago vazio e a sensação de fome é facilmente reconhecido e interpretado pelos falantes, conferindo à construção alto grau de previsibilidade semântica e de motivação corpórea.

A Tabela 61 ilustra a frequência de uso da EI nas duas variedades do português:

Tabela 61 – Frequências de uso das EIs *a barriga/o estômago roncando* por variedade do português

Construção	*F. absoluta (PB)*	*F. relativa (PB)*	*F. absoluta (PE)*	*F. relativa (PE)*
A barriga roncando	**14**	0,021	2	0,006
A barriga roncou	5	0,007	1	0,003
A barriga roncar	4	0,006	1	0,003
A barriga ronca	5	0,007	0	0,000
A barriga roncava	1	0,001	2	0,006
A barriga ronque	1	0,001	0	0,000
A barriga roncasse	0	0,000	1	0,003
As barrigas roncavam	1	0,001	0	0,000
As barrigas a roncar	1	0,001	1	0,003
As barrigas roncar	0	0,000	1	0,003
O estômago roncando	8	0,012	0	0,000
O estômago roncar	4	0,006	1	0,003
O estômago roncou	6	0,009	3	0,009
O estômago ronca	6	0,009	0	0,000
O estômago roncava	4	0,006	3	0,009
O estômago ronque	1	0,001	0	0,000
Os estômagos roncam	1	0,001	1	0,003
Os estômagos roncando	2	0,003	0	0,000
Total	**64**	**0,092**	**17**	**0,051**

Fonte: Elaboração própria (2025).

A construção *a barriga roncando* apresenta maior produtividade no PB, somando 14 ocorrências (0,021). As demais variantes estão distribuídas por diferentes tempos, modos,

pessoas e números. Formas como *a barriga roncando*, *o estômago roncando*, *a barriga roncou* e *o estômago ronca* ilustram sua ampla flexibilidade lexical e morfossintática da expressão, que permite ajustes discursivos em narrativas, relatos e contextos humorísticos. Já no PE, o uso é mais limitado, com 17 ocorrências (0,051) e menor diversidade formal, concentrando-se sobretudo em variantes como *a barriga roncando*, *o estômago roncou* e *a barriga roncava*. Esse contraste indica que a construção é mais prototipicamente usada nas situações comunicativas do PB.

A análise das frequências de uso de *a barriga/o estômago a dar horas*, apresentada na Tabela 62, evidencia um padrão de uso claramente distinto entre o PB e o PE:

Tabela 62 – Frequências de uso das EIs *a barriga/o estômago a dar horas* por variedade do português

Construção	*F. absoluta (PB)*	*F. relativa (PB)*	*F. absoluta (PE)*	*F. relativa (PE)*
A(s) barriga(s) ([X]) a dar horas	0	0,000	**28**	0,085
A barriguinha ([X]) a dar horas	0	0,000	3	0,009
A barriguita a dar horas	0	0,000	1	0,003
O(s) estômago(s) ([X]) a dar horas	1	0,001	12	0,036
Total	**1**	**0,001**	**44**	**0,133**

Fonte: Elaboração própria (2025).

No PB, a expressão é quase inexistente, com apenas uma ocorrência registrada (*o estômago a dar horas*; 0,001), indicando que sua produtividade é mínima nessa variedade. Não há registros de variantes diminutivas ou de flexão plural, o que reforça seu caráter excepcional no contexto brasileiro. No PE, por outro lado, a expressão é significativamente mais frequente, totalizando 44 ocorrências (0,133). As formas mais comuns incluem *a barriga a dar horas* (28; 0,085) e *o estômago a dar horas* (12; 0,036), enquanto variantes diminutivas e afetivas, como *a barriguinha a dar horas* (3; 0,009) e *a barriguita a dar horas* (1; 0,003), aparecem de forma minoritária. A expressão admite flexão de número (*as barrigas*/*estômagos a dar horas*), permitindo variações no singular e no plural, o que amplia seu uso em contextos narrativos ou descritivos, especialmente em textos que exploram um tom humorístico ou expressivo.

Quadro 24 – Comparação da forma lexical da EI no PB e no PE

PB	**PE**
A barriga roncando O estômago roncando	A barriga a dar horas O estômago a dar horas

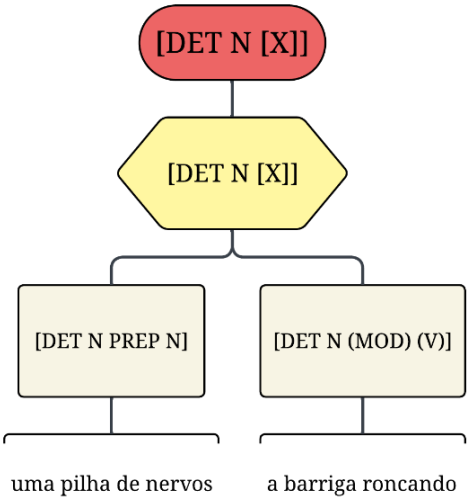
Fonte: Elaboração própria (2025).

Ambas as expressões compartilham o mesmo valor idiomático – a sensação de fome –, mas realizam essa função por meio de distintos mecanismos morfossintáticos, revelando como variações formais podem coexistir dentro de um mesmo esquema construcional.

7.6.3 Rede construcional do esquema iniciado por DETERMINANTE

A rede construcional representada na figura abaixo evidencia a organização hierárquica das EIs nominais introduzidas por determinante, estruturadas a partir do esquema mais abstrato [DET [X]], que ocupa o nível superordenado da rede. Esse esquema geral abrange construções iniciadas por um determinante seguido de um constituinte variável [X], o qual pode assumir diferentes realizações sintáticas – nominais, preposicionais ou verbais. Nessa configuração, o determinante funciona como elemento fixo da construção, enquanto o *slot* [X] representa a parte variável, responsável pela flexibilidade e expansão da família construcional.

Figura 6 – Rede construcional do esquema [DET N [X]]



Fonte: Elaboração própria (2025).

A partir do esquema mais geral [DET N [X]], percebe-se um primeiro desdobramento em dois subesquemas construcionais: (i) [DET N PREP $N_{\text{parte do corpo}}$], representando construções compostas por preposição; e (ii) [DET $N_{\text{parte do corpo}}$ (MOD) (V)], que abrange construções com modificadores ou verbos. Na base da hierarquia, encontram-se as microconstruções, como *uma pilha de nervos* e *a barriga roncando*.

Tabela 63 – Frequências de uso dos subesquemas intensificadores iniciados por DETERMINANTE por variedade do português

Esquema construcional	*F. absoluta (PB)*	*F. relativa (PB)*	*F. absoluta (PE)*	*F. relativa (PE)*
[DET N PREP N]	351	0,534	169	0,516
[DET N (MOD) (V)]	65	0,093	61	0,184
Total	**416**	**0,627**	**230**	**0,700**

Fonte: Elaboração própria (2025).

A macroconstrução [DET N [X]] apresenta padrões que variam em termos de composicionalidade, produtividade e esquematicidade, o que contribui para explicar o seu poder de atração na gramática do português em termos de frequências *token* e *type*. O subesquema [DET $N_{\text{parte do corpo}}$ (MOD) (V)], por exemplo, instancia construções como *a barriga/o estômago roncando*, que apresentam alta composicionalidade, facilitando a interpretação imediata do significado e favorecendo seu uso recorrente. Já expressões como *a barriga/o estômago a dar horas* apresentam um grau menor de composicionalidade, o que significa que esse tipo de construção demanda mais esforço cognitivo por parte do usuário da língua para compreender o significado da expressão. Por fim, no subesquema [DET N PREP $N_{\text{parte do corpo}}$], a situação é semelhante: a expressão *uma pilha de nervos* apresenta certo grau de opacidade semântica, o que leva o falante a recorrer à metáfora corporal para compreender o significado idiomático.

Como continuidade natural das análises desenvolvidas, o capítulo seguinte integrará os resultados, articulando aspectos formais, funcionais, discursivos e cognitivos das EIs intensificadoras de base corporal no PB e no PE. A comparação conjunta dos padrões permitirá evidenciar regularidades gramaticais, motivações metafóricas e processos de convencionalização que moldam essas construções em ambas as variedades, oferecendo uma visão mais ampla de seu funcionamento e de como refletem princípios simbólicos e experienciais compartilhados (e, em alguns casos, contrastivos) no português contemporâneo.

CAPÍTULO 8

DO DADO LINGUÍSTICO AO PADRÃO: O QUE REVELAM AS EIs NO PB E NO PE

Após a análise individual de cada EI[49], agrupada conforme o subesquema construcional identificado, definido pelo elemento introdutor (preposição, verbo, nome, conjunção, advérbio ou determinante), e pela observação de seus aspectos formais e funcionais, como frequência, variação, esquematicidade e composicionalidade, este capítulo tem por objetivo integrar os resultados, mostrando como as variedades do PB e do PE configuram padrões recorrentes de organização gramatical, discursiva e cognitiva. Busca-se interpretar de forma unificada o comportamento das EIs intensificadoras de base corporal, esclarecendo em que medida tais construções refletem princípios simbólicos e experienciais da gramática nas duas variedades do português. Mais especificamente, discute-se como os padrões construcionais observados evidenciam regularidades estruturais, motivações metafóricas e processos de convencionalização que sustentam a produtividade e a estabilidade dessas expressões.

Sob esse viés, a síntese dos resultados obtidos, elaborada em consonância com os objetivos de pesquisa delineados no *Capítulo 6*, permite traçar cinco eixos principais de interpretação. O primeiro diz respeito aos padrões construcionais dominantes e à sua distribuição nas duas variantes. Observa-se que certos esquemas – sobretudo os de base preposicionada, nominal e verbal – apresentam maior produtividade e estabilidade, configurando núcleos prototípicos da rede construcional das EIs intensificadoras. Esses padrões revelam uma organização hierárquica em que esquemas mais abstratos, compartilhados entre o PB e o PE, licenciam subesquemas específicos, adaptados a contextos socioculturais distintos. Tal constatação reforça a ideia, defendida por Traugott e Trousdale (2021 [2013]) e Bybee (2016

[49] O Apêndice II pode ser consultado caso se deseje retomar ou conferir alguma das propriedades específicas das expressões idiomáticas analisadas.

[2010]), de que a gramática é estruturada por padrões de uso recorrentes, que se consolidam pela frequência e pela generalização de construções cognitivamente salientes.

O segundo eixo articula composicionalidade (transparência semântica) e produtividade, mostrando que a recorrência de determinadas construções está associada não apenas ao seu valor expressivo, mas também ao grau de convencionalização alcançado. Embora EIs mais transparentes sejam cognitivamente mais acessíveis, construções mais opacas, como *uma pilha de nervos* e *os olhos da cara*, mantêm ampla difusão graças à rotinização no uso e à força simbólica que adquiriram. Conforme propõe Bybee (2016 [2010]), a alta frequência de uma expressão leva ao *entrenchment*, isto é, ao enraizamento das construções na memória do falante, o que compensa a baixa composicionalidade e assegura sua produtividade no sistema.

O terceiro eixo trata das relações de herança e dos processos de analogização que estruturam a rede construcional das EIs. As análises mostram que novas expressões emergem na língua por analogia a esquemas construcionais existentes, mantendo vínculos formais e semânticos com construções já cristalizadas. Isso evidencia o caráter dinâmico e adaptativo da gramática, em que a criação idiomática se orienta por padrões prévios e por processos de categorização baseados em protótipos e exemplares. Assim, tanto no PB quanto no PE observa-se uma expansão radial desses padrões, nos quais pequenas variações lexicais ou sintáticas geram novas instâncias intensificadoras sem romper a coerência interna da rede.

O quarto eixo aborda a relação entre corpo, cultura e intensificação, destacando o papel das partes do corpo como domínios conceptuais privilegiados para a expressão de valores afetivos e avaliativos. As diferenças encontradas entre o PB e o PE, embora pautadas por uma herança comum, refletem distintas motivações culturais e discursivas na forma de expressar intensidade, emoção e julgamento social. O corpo, nesse contexto, atua como um mediador simbólico entre experiência e linguagem, ancorando a metáfora conceptual da intensidade em sensações corporais universais, mas moldadas por práticas culturais específicas.

Por fim, o quinto eixo concentra-se na frequência das EIs nas duas variedades, classificando-as segundo diferentes graus de integração lexical: ausente, pontual, baixa, moderada, alta e muito alta. Essa gradação permite observar como determinadas expressões se consolidam de maneira desigual no PB e no PE, refletindo distintos estágios de convencionalização e de integração no léxico. A análise quantitativa, portanto, complementa a abordagem construcional e metafórica ao evidenciar o papel da frequência no fortalecimento das unidades idiomáticas e na configuração de perfis de uso característicos de cada variedade.

Essa integração interpretativa, portanto, permite compreender que as EIs intensificadoras de base corporal não são apenas produtos do léxico idiomático, mas instâncias

representativas de processos cognitivos e culturais mais amplos, revelando o modo como a gramática do português, em suas duas variedades, articula forma, sentido e experiência humana.

8.1 PADRÕES CONSTRUCIONAIS DOMINANTES E SUA DISTRIBUIÇÃO NAS DUAS VARIEDADES

Das 83 EIs catalogadas, mais suas variantes, percebe-se a distribuição em 28 padrões construcionais distintos: 10 iniciados por VERBO, oito por PREPOSIÇÃO, cinco por NOME dois por ADVÉRBIO, dois por DETERMINANTE e um por CONJUNÇÃO. Essa organização evidencia que o esquema verbal [VERBO [X]] constitui o esquema construcional mais produtivo tanto na instanciação de diferentes subesquemas construcionais de intensificação quanto na formação de EIs intensificadoras de base corporal. Isso reflete a tendência do português de mobilizar a ação ou o estado designados pelo verbo como núcleo de expressão de intensidade.

Essa predominância dos esquemas verbais corrobora a observação de Bybee (2016 [2010], p. 134), segundo a qual as classes mais esquemáticas da língua se organizam em torno de categorias gramaticais como o *nome* e o *verbo* – justamente aquelas que exibem maior potencial de expansão e generalização construcional. Nesse contexto, o subesquema [V PREP N] destaca-se como o mais representativo do padrão construcional verbal ao licenciar seis microconstruções.

Em continuidade a essa tendência, sobressaem-se os esquemas preposicionados e nominais que, embora sejam menos produtivos em termos de expansão construcional, demonstram produtividade suficiente para indicar regularidade e padronização no uso das construções idiomáticas, sobretudo pela variedade de elementos que podem preencher suas posições estruturais. No âmbito do esquema preposicional, [PREP [X]], os padrões mais produtivos são [PREP MOD N], com nove microconstruções, e [até (PREP) DET(s) N(s) (MOD)(s)], com cinco, ao passo que n o esquema nominal [NOME [X]], destacam-se os padrões [N PREP N], com 12 microconstruções instanciadas, [N MOD], com sete, e [N PREP LOC], com seis, indicando a diversidade estrutural e a recorrência desses subesquemas no uso idiomático.

Por sua vez, os esquemas iniciados por advérbio, determinante e conjunção demonstram baixa produtividade nas variedades do português, instanciando um ou no máximo dois subesquemas específicos, com apenas microconstruções isoladas, o que sugere que essas

formas exercem papel secundário na sistematização e expansão das EIs nesse domínio. Essa distribuição construcional permite não apenas inferir a hierarquia de produtividade entre os diferentes tipos de esquemas, mas também identificar quais possuem maior potencial de extensão e inovação dentro do repertório idiomático de cada variedade do português.

Inicialmente, vale lembrar que a produtividade de uma construção depende, ao menos em parte, de sua frequência *type*, isto é, do número de diferentes instâncias ou subesquemas que ela é capaz de licenciar. Conforme apontam estudos de orientação construcional e baseada no uso (Bybee, 2016 [2010]; Goldberg, 2006), quanto maior a frequência *type*, maior tende a ser a produtividade de uma construção e, consequentemente, sua capacidade de ser estendida a novos itens e contextos de uso. Nesse sentido, destaca-se que, nesta tese, como já explicitado anteriormente, o esquema construcional iniciado por verbo – [VERBO [X]] – revela-se o mais produtivo no português, pois dá origem a dez padrões construcionais específicos, o que demonstra seu elevado potencial de generalização e expansão no repertório idiomático.

Por outro lado, ao se considerar a frequência de ocorrência (*token*), ou seja, o número de vezes em que uma mesma unidade aparece no *corpus*, observa-se que o esquema [PREP [X]] é o mais recorrente nos dados coletados, apresentando os valores mais altos de frequência absoluta e relativa. Essa distinção entre produtividade e frequência mostra que nem sempre as construções mais usadas são as mais produtivas, já que a produtividade se relaciona à capacidade de gerar novas combinações, e não apenas à repetição das já existentes.

Como explica Bybee (2016 [2010], p. 154-155), uma frequência de ocorrência extremamente alta tende a reduzir a produtividade, pois conduz à automatização da forma e à perda de analisabilidade. É o que se observa em expressões como *com unhas e dentes*, *de saco cheio*, *num piscar de olhos*, que, embora altamente frequentes, são construções fechadas, com baixa esquematicidade e escassa possibilidade de variação ou expansão, configurando-se, portanto, como unidades cristalizadas do léxico idiomático do português.

A análise da Tabela 1 reforça essas observações, evidenciando diferenças claras na produtividade, frequência e distribuição dos esquemas construcionais entre o PB e o PE.

Tabela 1 – Frequências de uso dos esquemas por variedade do português

Esquema construcional	*F. absoluta (PB)*	*F. relativa (PB)*	*F. absoluta (PE)*	*F. relativa (PE)*
[VERBO [X]]	2.820	**4,264**	808	2,447
[PREP [X]]	7.841	11,926	4.665	**14,264**
[NOME [X]]	3.462	**5,242**	1.018	3,107
[ADV [X]]	169	**0,252**	50	0,164
[DET N [X]]	416	0,627	230	**0,700**
[CONJ [X]]	2	0,003	50	**0,152**
Total	**14.710**	**22,314**	**6.821**	**20,834**

Fonte: Elaboração própria (2025).

No PB, o esquema preposicionado apresenta a maior frequência absoluta (7.841) e relativa (11,926), seguido pelos esquemas nominais (3.462; 5,242) e verbais (2.820; 4,264). Como dito anteriormente, essa distribuição de frequência indica que, embora o esquema [VERBO [X]] seja altamente produtivo na formação de subesquemas construcionais intensificadores de base corporal, o padrão [PREP [X]] constitui o grupo mais volumoso quando se considera a soma total de todas as instâncias registradas, mostrando a diversidade e a relevância desses padrões construcionais na variedade brasileira.

No PE, a distribuição apresenta um comportamento diferente em relação ao padrão [PREP [X]] quando comparado ao PB. O esquema preposicionado mantém a dominância com os valores mais altos de frequência absoluta (4.665) e relativa (14,264). No entanto, o conjunto dos esquemas nominais (1.018; 3,107) e verbais (808; 2,447) apresenta índices significativamente inferiores aos observados no PB. Esses resultados sugerem que o PB mobiliza de forma mais intensa, além das preposições, os verbos e os nomes na formação de EIs, demonstrando maior integração entre léxico e gramática na construção de sentidos intensificadores. Já no PE, nota-se uma predominância marcante de esquemas preposicionados, o que pode refletir uma tendência a estruturas mais analíticas, menos dependentes de formas verbais e mais propensas à combinação de unidades fixas no discurso idiomático.

Os esquemas construcionais [ADV [X]], [DET N [X]] e [CONJ [X]] mostram baixa frequência absoluta e relativa em ambas as variedades, o que indica sua reduzida produtividade na formação de EIs intensificadoras de base corporal. No PB, registram-se 169 ocorrências adverbiais (0,252), 416 com determinantes (0,627) e apenas duas conjuntivas (0,003). No PE, os números são ainda menores para os advérbios (50; 0,164), embora as ocorrências com determinantes (230; 0,700) e com conjunções (50; 0,152) sejam ligeiramente mais elevadas. Esses dados podem apontar para uma diferença estilística ou estrutural entre as variedades, especialmente no que diz respeito às construções conjuntivas, como em *enquanto o diabo*

esfrega um olho, mais atestadas no PE, o que pode refletir uma maior integração de elementos discursivos complexos ou uma tendência a construções mais narrativas nessas variedades.

Em linhas gerais, os achados revelam os seguintes traços importantes: (i) predominância de preposições, verbos e nomes na formação de EIs em ambas as variedades, mas com maior diversidade e volume no PB; (ii) baixa produtividade de advérbios, conjunções e determinantes, indicando que EIs raramente se apoiam nesses esquemas como ponto de partida; (iii) frequência relativa do conjunto de esquemas nominais e verbais no PE revela-se inferior à do PB, evidenciando menor produtividade e amplitude construcional na variedade europeia; e, (iv) a diferença entre PB e PE está, evidentemente, relacionada a variações culturais e estilísticas, com o PB favorecendo maior experimentação lexical e sintática na formação de EIs, enquanto o PE tende a consolidar um núcleo mais restrito de construções recorrentes.

8.2 COMPOSICIONALIDADE, PRODUTIVIDADE E ESTABILIDADE

A partir da análise dos três principais tipos de esquemas construcionais – verbais, nominais e preposicionados – é possível identificar padrões construcionais consistentes na relação entre composicionalidade (transparência semântica), produtividade e estabilidade das EIs intensificadoras de base corporal. Nos esquemas verbais, por exemplo, a maior parte das construções apresenta composicionalidade parcial (isto é, são relativamente transparentes), como ocorre em [V PREP DET (próprio) N], exemplificado por *olhar para o (próprio) umbigo*. Nesses casos, o significado global da expressão, ainda que não seja totalmente previsível a partir do significado de seus constituintes, mantém um grau suficiente de motivação semântica para favorecer a compreensão e o uso dessa expressão. Essa relativa transparência contribui para que tais expressões se consolidem e se expandam no repertório idiomático.

Por outro lado, construções idiomáticas que são classificadas como menos composicionais (isto é, que são opacas semanticamente), como [V PREP DET N MOD LOC], representado por EI do tipo *nascer com o cu/rabo virado para a lua/o sol*, tendem a apresentar frequência reduzida em ambas as variedades, possivelmente porque o seu grau de opacidade semântica limita a difusão da construção, o processo de inferência e compreensão do seu significado idiomático e sua consequente fixação no uso cotidiano da língua.

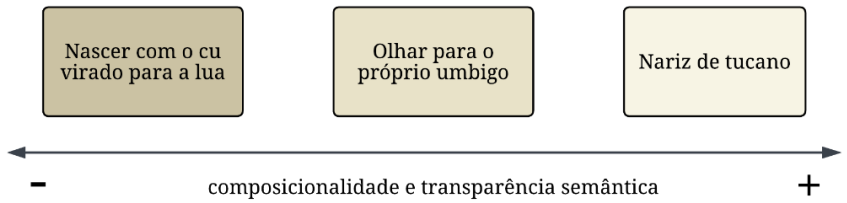
Nos esquemas nominais, observa-se um comportamento semelhante ao verificado em outros domínios construcionais: a produtividade tende a correlacionar-se mais fortemente com algum grau de transparência semântica, sendo mais ou menos composicionais. Conforme

argumentam Goldberg (1995; 2006) e Fillmore *et al.* (1988), construções transparentes favorecem a inferência interpretativa e, portanto, circulam com maior estabilidade nas instâncias de uso. É o caso de padrões como [N MOD], exemplificados por *sangue quente*, cujos núcleos nominais são altamente salientes e cujos modificadores são semanticamente acessíveis. Esse alinhamento entre forma e significado contribui para a identificação do significado figurado da expressão e para a elevada frequência e expressividade do padrão.

Em contrapartida, o subesquema [N PREP N], mesmo sendo formalmente produtivo e capaz de licenciar diversas EIs, como *nariz de tucano* e *estômago de avestruz*, não apresenta frequência correspondente nas variedades analisadas. Mesmo apresentando, na maioria das ocorrências, um grau maior de composicionalidade, seu uso tende a ser baixo, pontual ou mesmo ausente. Esse descompasso entre potencial produtivo e realização efetiva dialoga com a noção de *entrenchment* e frequência de uso discutida por Bybee (2016 [2010]), segundo a qual apenas padrões reiteradamente acionados se consolidam na gramática dos falantes.

Nos esquemas preposicionados, a transparência semântica volta a se sobressair como fator decisivo. Construções do tipo [PREP V (de/e) (V) (PREP) N], como *num piscar de olhos*, exibem estrutura formal clara e elementos lexicalmente perceptíveis, resultando em um grau maior de composicionalidade. Esses aspectos, combinados, favorecem sua produtividade e sua consolidação como unidades idiomáticas convencionais, em linha com a perspectiva construcional da mudança e da fixação defendida por Traugott e Trousdale (2021 [2013]).

Figura 1 – *Continuum* das EIs



Fonte: Elaboração própria (2025).

O Quadro 1 apresenta, de forma didática, o tipo de esquema a que se refere, sua frequência relativa no PB e no PE, bem como a medição do grau de composiconalidade dos subesquemas construcionais instanciados pelo esquema:

Quadro 1 – Esquemas no PB e no PE: frequência e propriedades semânticas predominantes

Esquema	Frequência relativa	Padrões mais produtivos	Composicionalidade	Transparência semântica
[VERBO [X]]	PB (4,264) PE (2,447)	[V PREP N]	Parcial	Parcial / alta
[NOME [X]]	PB (5,242) PE (3,107)	[N PREP N] [N PREP LOC] [N MOD]	Parcial	Alta
[PREP [X]]	PB (11,926) PE (14,264)	[até (PREP) DET(s) N(s) (MOD)(s)] [PREP MOD N]	Parcial / alta	Parcial / alta

Fonte: Elaboração própria (2025).

No geral, os resultados indicam que, independentemente do tipo de subesquema, o grau de transparência semântica, que é medido quando se analisa a composicionalidade da construção, exerce forte influência sobre a produtividade das EIs. A composicionalidade parcial não impede a expansão construcional, desde que o significado global seja cognitivamente acessível ao falante. Contudo, é importante destacar que EIs que são classificadas como menos composicionais (mais opacas semanticamente), como, por exemplo, *os olhos da cara* e *uma pilha de nervos*, também podem ser frequentes na língua, o que se explica, conforme Goldberg (1995; 2006) e Croft (2001), pelo fato de que a produtividade construcional não depende única e exclusivamente da previsibilidade semântica da construção, mas também da força de associação dos significados literal e metafórico e do grau de convencionalização da EI.

Uma vez que determinadas construções se estabilizam no uso, passam a ser processadas holisticamente pelos falantes, funcionando como unidades cognitivas armazenadas (Langacker, 1987), independentemente de sua transparência interna. Assim, as EIs mais transparentes, ainda que sejam apenas parcialmente previsíveis em sua forma, tendem a ser mais produtivas e facilmente estendidas a novos contextos, enquanto as menos transparentes, embora sejam semanticamente opacas, mantêm-se frequentes em virtude de sua alta fixação e saliência na memória coletiva. Dessa maneira, esse comportamento confirma o papel central da clareza semântica e da convencionalização cognitiva na perpetuação das EIs no uso real da língua.

Sob esse enfoque, torna-se fundamental reconhecer que tais propriedades não podem ser atribuídas a um fator isolado, mas devem ser compreendidas de modo integrado, considerando o conjunto das ocorrências e o uso efetivo. Um único aspecto, seja de natureza

formal, semântica ou pragmática, não é suficiente para explicar o comportamento construcional, visto que a língua em uso é dinâmica e não se prende a único aspecto. É justamente nesse ponto que o conceito de *continuum*, central à abordagem construcional, oferece uma ferramenta teórica adequada para compreender a variação interna das EIs.

Tal conceito aplica-se de forma particularmente produtiva ao estudo das EIs, uma vez que as construções não se distribuem de maneira dicotômica entre composicionais (transparentes) e não composicionais (opacas), mas se organizam ao longo de um eixo gradual. Essa gradação torna o processo de classificação especialmente desafiador, pois o grau de composicionalidade não é fixo nem universal, variando conforme o conhecimento linguístico, o repertório cultural e as experiências vivenciadas por cada indivíduo. Assim, o que para um falante pode parecer menos transparente, para outro pode ser mais facilmente interpretável[50]. No caso das EIs, esse *continuum* permite observar que nenhuma dessas construções pode ser considerada plenamente composicional; há sempre algum grau de opacidade envolvido.

Conforme já discutido nos capítulos anteriores da tese, isso se deve ao fato de que a metaforicidade constitui um traço importante estruturante e recorrente nas EIs, fazendo com que o significado global ultrapasse a soma dos significados de suas partes. Assim, o *continuum* reflete a natureza híbrida dessas construções, ao mesmo tempo parcialmente motivadas e fortemente convencionais, revelando o equilíbrio dinâmico entre motivação cognitiva e fixação idiomática que caracteriza o domínio da intensificação no português.

Assim, a classificação das EIs segundo os graus de (des)motivação e (de)componibilidade constitui um passo fundamental para compreender seu funcionamento semântico, pragmático e cognitivo. Esses parâmetros permitem distinguir entre expressões totalmente opacas, motivadas ou parcialmente previsíveis, bem como identificar casos inovadores em processo de reanálise, revelando diferentes estágios de convencionalização na rede idiomática. Como apontam Xatara (1998), Nunberg *et al*. (1994) e Corpas Pastor (1996), o modo como uma EI é motivada influencia diretamente seu valor expressivo, isto é, o efeito pragmático que produz na interação.

Tal articulação também dialoga com perspectivas cognitivas e metafóricas (Lakoff e Johnson, 1980; Kövecses, 2005), segundo as quais a motivação da EIs decorre de

[50] Por esse motivo, a classificação proposta neste trabalho reflete uma interpretação possível a partir dos critérios teórico-metodológicos adotados e do *corpus* analisado. É importante reconhecer, contudo, que outra análise, conduzida sob perspectivas cognitivas ou culturais distintas, pode levar a uma reclassificação parcial das expressões. Ainda assim, tais variações não devem ser substancialmente destoantes, uma vez que o enquadramento geral das construções em termos de transparência e composicionalidade se apoia em princípios compartilhados pela abordagem construcional e pela metáfora conceptual.

mapeamentos conceptuais enraizados na experiência corporal e cultural. Assim, ao classificar as EIs com base em sua transparência e estrutura interna, torna-se possível compreender não só como elas significam, mas porque circulam, se fixam e se diferenciam entre o PB e o PE, evidenciando que a idiomaticidade é um fenômeno dinâmico, socialmente situado e profundamente ligado à cognição e ao uso.

A partir dessa classificação, torna-se possível delinear quatro grupos distintos de funcionamento idiomático. As expressões *fortemente conotativas* representam o polo da opacidade total: cristalizadas, não decomponíveis e dependentes de memória lexical, elas bloqueiam qualquer relação transparente entre forma e significado. Já as *moderadamente conotativas*, embora sejam igualmente não decomponíveis, preservam alguma motivação metafórica ou metonímica, permitindo ao falante reconhecer um elo cognitivo entre o literal e o figurado, ainda que o sentido global não seja previsível.

No outro extremo, as expressões *fracamente conotativas* apresentam um grau maior de transparência e decomponibilidade: suas partes contribuem de modo perceptível para o significado idiomático, favorecendo produtividade, esquematicidade e expansão radial. Por fim, as expressões *ad hoc* ou *em reanálise* revelam a face mais dinâmica do sistema, surgindo de processos de analogização e ressignificação em tempo real, que ajustam o valor idiomático a novos contextos comunicativos. Esses quatro grupos evidenciam que a idiomaticidade não é um estado fixo, mas um *continuum* motivacional e cognitivo que articula tradição, variação e mudança.

Relacionando esses parâmetros, foi possível identificar os seguintes grupos de EIs:

Quadro 2 – Grau de (des)motivação das EIs intensificadoras de base corporal

Fortemente conotativas ou desmotivadas	**Moderadamente conotativas ou motivadas, mas não decomponíveis**	**Fracamente conotativas ou motivadas e decomponíveis**	**Ad hoc (inovadoras)**
Com cara de tacho Dar no pé Fogo no rabo Fogo no cu Fazer das tripas coração Nascer com o cu virado pra lua/ o sol Nascer com o rabo virado para a lua Os olhos da cara Por uma unha negra	Até a medula Até a raiz Até o pescoço Até os dentes Até os ossos Cair de boca Com os nervos à flor da pele Com um pé às costas Com uma perna nas costas Com unhas e dentes Coração de gelo Coração de manteiga Coração de pedra Coração mole Couro e cabelo Dar nos nervos De alma e coração De corpo e alma De cortar a alma De cortar o coração De mão cheia De partir o coração De quebrar o coração De saco cheio Enquanto o diabo esfrega um olho Mão de mestre Mentir com os dentes todos Mentir com quantos dentes tem Mentir com todos os dentes Mentir na cara dura Olhar para o próprio umbigo Olho clínico Pé na tábua Pegar no pé Sangue no olho Sangue nas veias Suar sangue Tirar a barriga da miséria Uma pilha de nervos	A barriga/o estômago roncando A barriga/o estômago a dar horas Bunda de tanajura Cabeça quente Cintura de pilão Cintura de vespa Colírio para os olhos Com a língua de fora Conhecer com a palma da mão Cabeça de melão Cabeça de vento Cabeça oca Cabeça dura Coração partido Com água na boca De olhos fechados Debaixo do nariz De cabelo em pé De boca aberta De queixo caído De cabeça quente Estômago de avestruz Entrar de cabeça Falar mais do que a boca Falar pelos cotovelos Haja perna Haja coração Ir de cabeça Língua solta Mão na roda Mergulhar de cabeça Num abrir e fechar de olhos Num piscar de olhos Nariz de tucano Nariz de elefante Não chega nem aos pés Pé ante pé Pele e osso Sangue quente Sangue na veia Sangue nos olhos Ter mais olhos que barriga Unha e carne	Cair de boca Dar no pé De cortar a alma De cortar o coração De olhos fechados Entrar / mergulhar / ir de cabeça Fazer das tripas coração Fogo no rabo/cu Mão na roda Olhar para o próprio umbigo Por uma unha negra Sangue nos olhos Tirar a barriga da miséria

Fonte: Elaboração própria (2025).

8.3 EVIDÊNCIAS DE HERANÇA E ANALOGIZAÇÃO

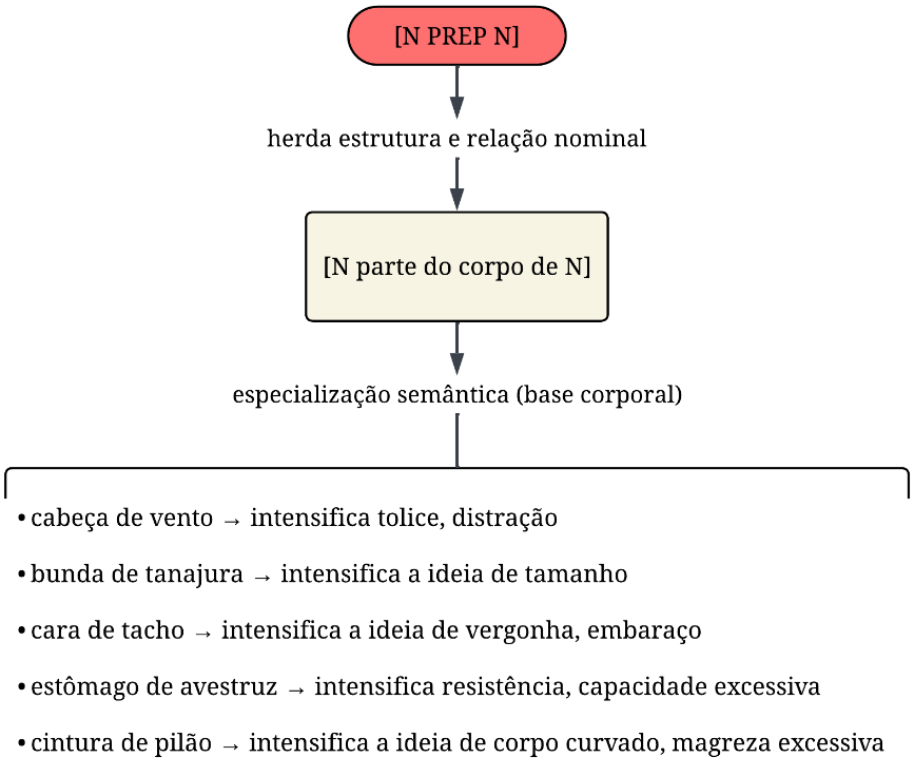
Em cada uma das seções *Rede construcional do esquema* apresentadas no *Capítulo 7*, foram analisadas as redes construcionais correspondentes aos seus respectivos esquemas construcionais. O objetivo, neste ponto, é sistematizar essas relações, evidenciando como a herança construcional e a analogia atuam na formação e na cristalização das EIs. Partindo dessa perspectiva, ao conceber a língua como uma rede de nós interconectados por elos de associação, na qual determinadas relações se organizam em hierarquias de herança (Traugott e Trousdale, 2021 [2013], p. 28), torna-se claro que a capacidade de construir significado a partir das conexões entre propriedades dessa rede corresponde, em essência, à habilidade de pensar analogicamente.

Nessa direção, o exame do subesquema [$N_{\text{parte do corpo}}$ PREP N], derivado do esquema nominal do português [NOME [X]], permite observar como esse padrão, por sua alta esquematicidade e flexibilidade semântica, favorece múltiplas combinações entre um nome e um sintagma preposicional. Essa produtividade estrutural possibilita sua expansão para diferentes domínios, inclusive os avaliativos e expressivos, como o da intensificação. Dentro desse esquema geral, configuram-se subesquemas com distintos graus de abstração, entre os quais se destaca o subesquema metafórico de base corporal, formalizado como [$N_{\text{parte do corpo}}$ de N (elemento comparativo/metafórico)], exemplificado em expressões como *cintura de pilão*, *cara de tacho*, *bunda de tanajura*, *estômago de avestruz*, *cabeça de vento*.

O subesquema [$N_{\text{parte do corpo}}$ de N] herda do esquema mais abstrato [N PREP N] a estrutura morfossintática nominal (nome + preposição + nome), a relação metafórica estabelecida entre os constituintes e a possibilidade de uso avaliativo. Contudo, esse subesquema adquire especialização semântica ao vincular o primeiro nome a uma parte do corpo, que passa a funcionar como base concreta para projeções metafóricas variadas.

Essa relação de herança pode ser representada da seguinte forma:

Figura 2 – Relação de herança do subesquema intensificador [$N_{\text{parte do corpo}}$ PREP N]



Fonte: Elaboração própria (2025).

As microconstruções que se originam do subesquema construcional em questão emergem, inicialmente, como comparações metafóricas utilizadas para descrever características humanas a partir de analogias com elementos concretos – objetos, animais ou elementos da natureza. Com o uso reiterado, essas comparações se estabilizam por meio do processo de *chunking*, isto é, da fixação de padrões recorrentes no uso linguístico. À medida que se cristalizam, perdem o sentido literal e passam a exercer função avaliativa e intensificadora, como em *ele é um cabeça de vento*, equivalente a *ele é muito distraído*.

Importa salientar que, embora resultem de processos de fixação, as construções não são completamente rígidas, como vimos especialmente no *Capítulo 7*. Elas apresentam posições esquemáticas que admitem variação e expansão, permitindo o preenchimento com diferentes itens lexicais pertencentes a categorias cognitivas afins. Essa flexibilidade estrutural é justamente o que possibilita a produtividade do padrão [$N_{\text{parte do corpo}}$ de N] e a formação de novas EIs intensificadoras, ancoradas na analogia e na herança construcional.

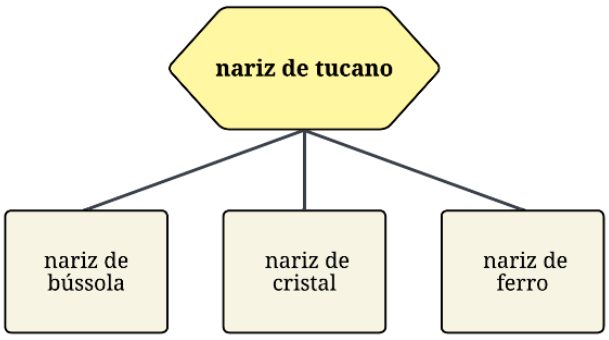
Nesse processo, a analogia desempenha papel central como principal mecanismo de expansão da rede construcional não só do domínio de intensificação, mas de outros domínios. A flexibilidade estrutural da construção constitui uma das fontes mais importantes de

criatividade e produtividade na língua, pois permite ao falante ampliar modelos já existentes e adaptá-los a novas situações comunicativas (Bybee, 2016 [2010], p. 98-99).

Assim, a analogia possibilita ao falante empregar novos elementos dentro de moldes construcionais previamente estabelecidos, o que faz dela a base da capacidade humana de criar enunciados inéditos sem romper com a coerência estrutural e semântica do sistema linguístico (Bybee, 2016 [2010], p. 126). A partir de padrões consolidados, o falante reconhece relações metafóricas entre uma parte do corpo e o elemento comparativo, projetando novas combinações que preservam a estrutura e o sentido avaliativo do modelo original.

Esse processo pode ser observado no subesquema [$N_{\text{parte do corpo}}$ de N], em que expressões como *nariz de tucano* servem de modelo para a formação de outras, criadas por similaridade estrutural e semântica:

Figura 3 – Processo analógico da EI *nariz de tucano*



Fonte: Elaboração própria (2025).

Nessas novas expressões, o esquema formal é preservado, a relação metafórica é reinterpretada – a parte do corpo passa a representar um atributo intensificado – e a função avaliativa se mantém, podendo assumir valor elogioso, como em *nariz de bússola*, para aqueles que conseguem "sentir" oportunidades, problemas ou perigos com facilidade; ou *nariz de cristal*, para quem capta nuances delicadas e sutis, mostrando grande sensibilidade; ou depreciativo, como em *nariz de ferro*, que indica teimosia ou inflexibilidade. Desse modo, a analogização permite que o padrão se propague pela rede construcional, gerando microconstruções inovadoras que reforçam a produtividade e a vitalidade do modelo herdado.

De modo semelhante ao observado no esquema [N PREP N], o padrão [V PREP N] também se mostra altamente produtivo no português, constituindo um modelo verbal recorrente que combina verbo, preposição e nome para expressar sentidos figurados e avaliativos. No caso das EIs intensificadoras de base corporal, esse padrão revela-se particularmente expressivo,

pois a interação entre o verbo e o complemento nominal gera significados metafóricos que reforçam a intensidade da ação, do sentimento ou do comportamento descrito.

Dentro desse esquema, identifica-se um subesquema construcional de intensificação de base experiencial ou afetiva, responsável por instanciar EIs como *cair de boca*, *dar no pé*, *dar nos nervos* e *falar pelos cotovelos*. Em cada uma delas, a intensificação se manifesta de modo específico: *cair de boca* reforça a ideia de envolver-se com vigor ou entusiasmo; *dar no pé* intensifica a noção de fuga repentina; *dar nos nervos* acentua a sensação de irritação; e *falar pelos cotovelos* amplia o sentido de falar em excesso.

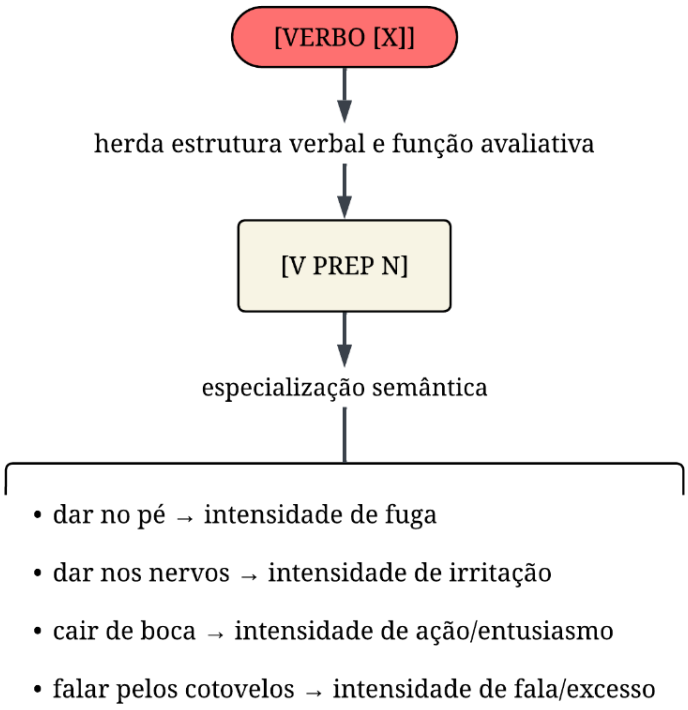
O subesquema [V PREP N] herda do esquema mais abstrato [VERBO [X]] a estrutura sintática, a capacidade de gerar sentido figurado e a flexibilidade semântica que permite sua adaptação a diferentes contextos. Nas EIs intensificadoras, essa herança mantém a posição do verbo e do nome, ao passo que o sentido literal do verbo se ajusta para expressar graus elevados de ação, emoção ou comportamento.

Cada uma dessas microconstruções surge, inicialmente, como uma descrição figurativa de uma ação concreta, que, com o uso reiterado, adquire valor intensificador. Por exemplo, *cair de boca*, que originalmente descrevia literalmente o ato de cair com a boca em direção ao chão e, posteriormente, de modo figurado, o ato de "mergulhar na comida", passou a intensificar qualquer ação realizada com energia. De maneira semelhante, *dar nos nervos*, inicialmente associado a uma ação física, passou a intensificar a sensação de irritação.

Como nenhuma construção é inteiramente nova – exceto nos casos de empréstimos e neologismos –, cada nova ocorrência mantém, ao menos, um elo mínimo com alguma propriedade já existente na rede (Traugott e Trousdale, 2021 [2013], p. 116). Assim, expressões como *dar nos nervos* podem ter servido de modelo para novas formações, como *bater na tecla*, *jogar nos olhos* ou *cuspir no prato*. Nesses casos, o esquema formal [V PREP N] é mantido, enquanto o verbo e o nome se ajustam para explorar novos sentidos figurativos, preservando a função intensificadora, seja de irritação, exasperação ou intensidade de ação. Isso evidencia que o conhecimento linguístico não é rígido nem estático, mas constitui a base a partir da qual emergem inovações, já que os falantes recorrem constantemente a padrões existentes para criar novas expressões e expandir a rede construcional (Traugott e Trousdale, 2021 [2013]; Boas, 2008).

Em termos esquemáticos, a relação de herança e especialização pode ser representada da seguinte forma:

Figura 4 – Relação de herança do subesquema intensificador [V PREP N]



Fonte: Elaboração própria (2025).

Dessa forma, o subesquema [V PREP N], assim como o [N PREP N], demonstra de modo claro os processos de herança e analogização: a herança assegura a manutenção da estrutura formal e da função intensificadora, enquanto a analogização possibilita a criação de novas microconstruções, expandindo o repertório idiomático sem comprometer a coerência da rede construcional. Nesse processo, observa-se que a herança construcional desses esquemas é sustentada por elos de herança, que garantem a continuidade estrutural e funcional das construções, e por elos relacionais, que conectam sentidos, formas e usos distintos dentro da rede.

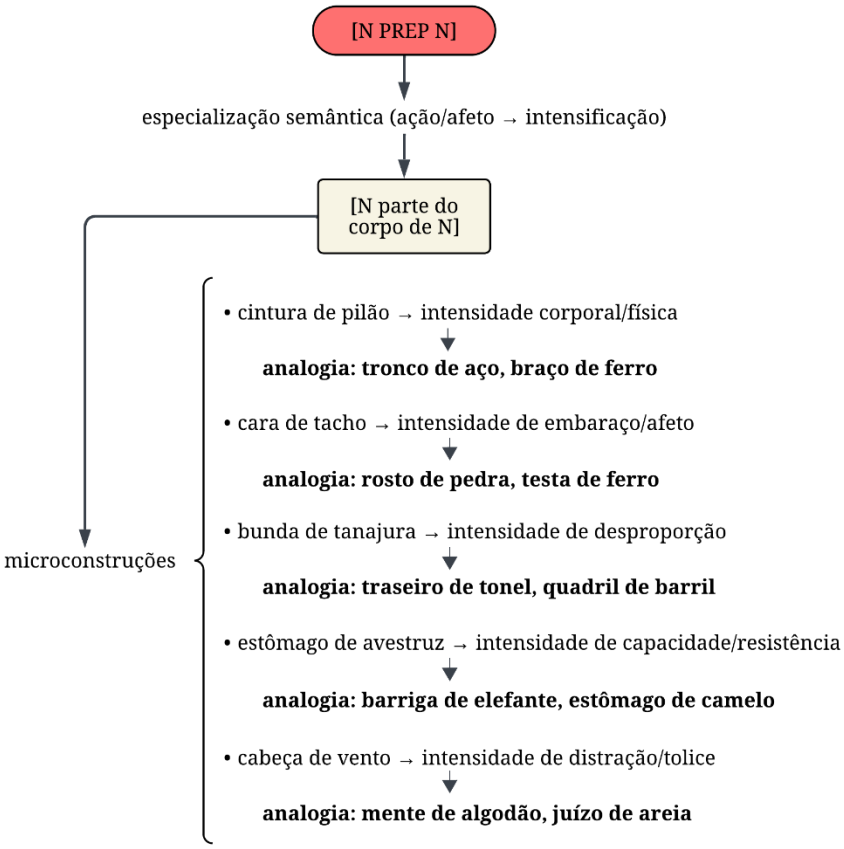
A análise conjunta dos subesquemas [N PREP N] e [V PREP N] evidencia que ambos desempenham papel central na estruturação e na expansão dessas redes. Ainda que pertençam a esquemas distintos – nominal e verbal –, compartilham propriedades cognitivas e funcionais que explicam sua alta produtividade e estabilidade no uso, como a capacidade de gerar sentido figurado, o potencial avaliativo e a predisposição à analogização.

No caso do subesquema [N PREP N], a flexibilidade na criação de metáforas avaliativas que associam partes do corpo a atributos humanos evidencia diferentes elos:

(i) a relação de subparte, que conecta microconstruções que compartilham parcialmente a forma ou função dentro do esquema nominal;

(ii) e elos de extensão metafórica, que projetam atributos humanos a partir de partes do corpo.

Figura 5 – Processamento analógico do subesquema [$N_{\text{parte do corpo}}$ de N]



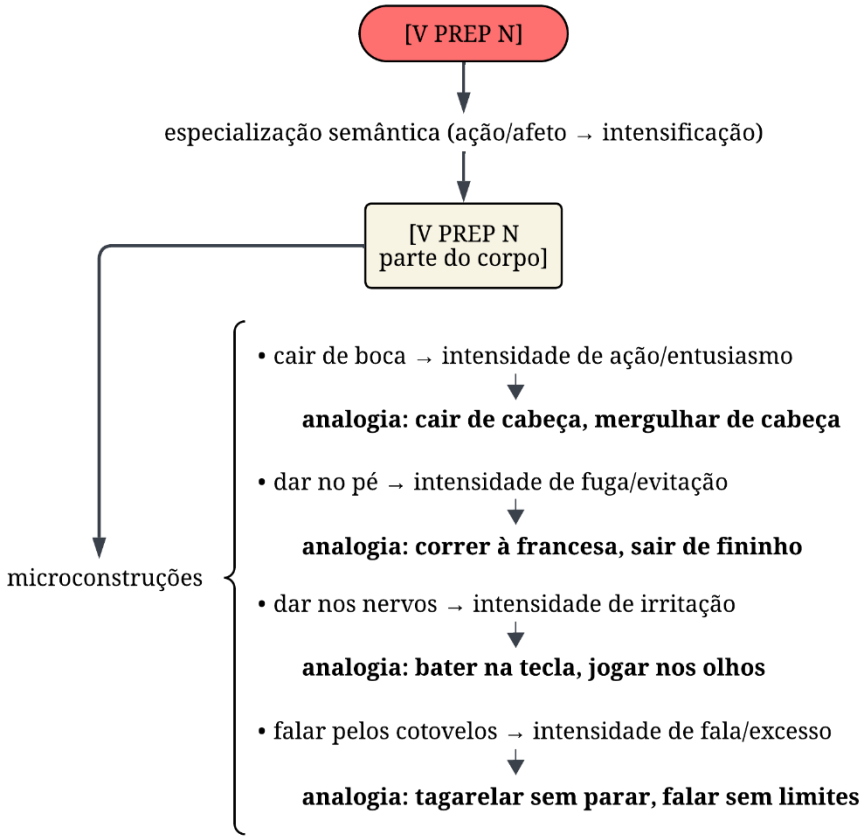
Fonte: Elaboração própria (2025).

Já no subesquema construcional [V PREP N], exemplos de construções como *dar nos nervos*, *falar pelos cotovelos* e *cair de boca* mostram:

(i) o uso de elos de instância, vinculando construções esquemáticas gerais a usos cristalizados e recorrentes;

(ii) e elos de polissemia, ao permitir que uma mesma estrutura verbal intensifique diferentes aspectos, como emoção, comportamento ou intensidade de ação.

Figura 6 – Processamento analógico do subesquema [V PREP $N_{parte\ do\ corpo}$]



Fonte: Elaboração própria (2025).

Em ambos os casos, o corpo funciona como domínio experiencial de base, projetando significados que se estendem para dimensões emocionais, comportamentais e avaliativas, com os elos relacionados conectando sentidos, formas e usos de maneira a sustentar a coerência da rede construcional. Os diagramas ilustram essa organização, mostrando como a especialização semântica e a analogização dão origem a microconstruções concretas que desempenham função intensificadora em diferentes domínios.

Dessa maneira, elos de herança e de instância e analogização interagem de modo complementar: os elos de herança e de instância garantem continuidade estrutural e preservação de padrões gramaticais e semânticos; enquanto a analogização, mediada por elos de polissemia, subparte e extensão metafórica, promove inovação lexical e expansão da rede, possibilitando o surgimento de novas microconstruções. Assim, a língua mantém um equilíbrio dinâmico entre conservação e mudança – entre o que é herdado e o que é recriado pelo uso.

Por fim, as diferenças observadas entre o PB e o PE refletem modos distintos de atualização dessas relações construcionais. Por meio das análises realizadas no *Capítulo 7*,

examinando cada uma das EIs, identificou-se que o PB tende a favorecer o surgimento e a rotinização de novas construções, mobilizando a produtividade e à extensão analógica, enquanto no PE essa preferência por formas mais criativas e inovadoras não é tão evidenciada, havendo maior estabilidade e cristalização de padrões já consolidados. Esses contrastes reforçam a ideia de que a rede construcional é um sistema aberto e adaptável, moldado pela frequência, pela experiência e pelas práticas discursivas de cada comunidade linguística.

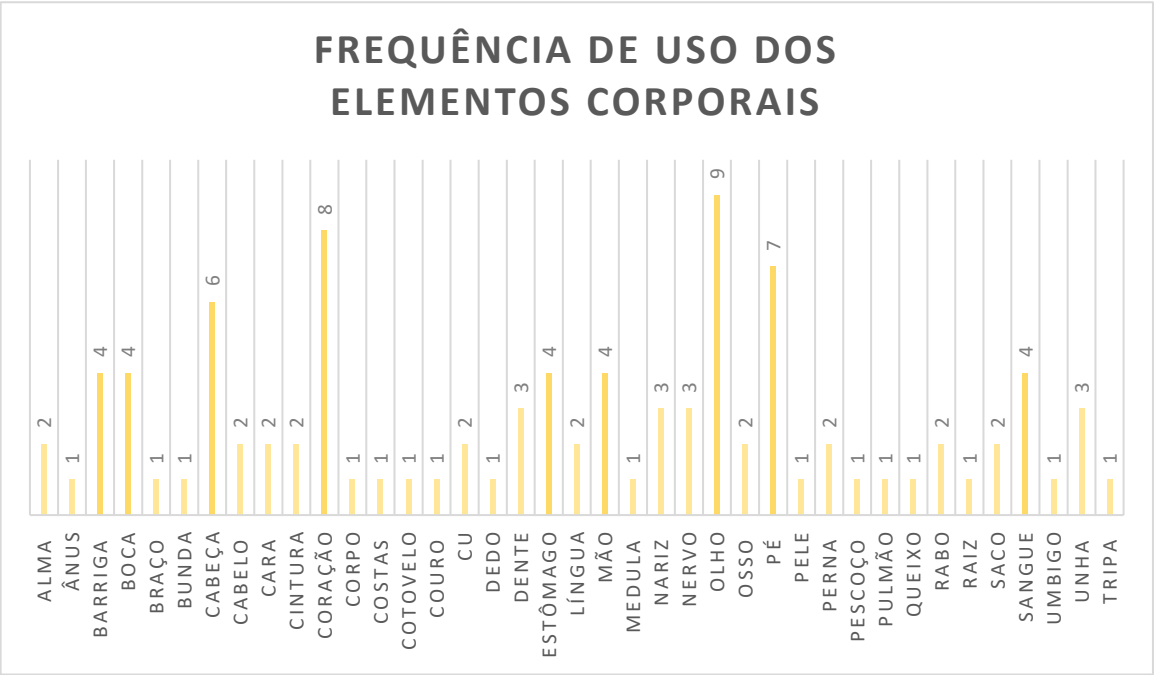
Em síntese, tanto o subesquema nominal [N PREP N] quanto o subesquema verbal [V PREP N] evidenciam que as EIs intensificadoras de base corporal não são produtos isolados, mas resultados de um funcionamento sistêmico da língua, no qual os elos e a analogização – explicitados nos exemplos – se articulam para garantir a vitalidade e a continuidade das construções idiomáticas no português contemporâneo. Importante ressaltar que, nesta etapa, optou-se por analisar apenas esses dois subesquemas construcionais (dado o grau de detalhamento), embora a mesma abordagem pudesse ser aplicada aos demais subesquemas; contudo, isso tornaria o estudo excessivamente extenso, desviando do foco principal, que é demonstrar como esses processos operam na expansão construcional das redes.

8.4 RELAÇÕES ENTRE CORPO, CULTURA E INTENSIFICAÇÃO

As partes do corpo, como vimos nos capítulos anteriores, não se restringem a elementos lexicais isolados; elas constituem domínios conceptuais centrais na codificação da experiência humana, funcionando como pontos de ancoragem para a interpretação de emoções, ações e avaliações sociais. A linguagem mobiliza o corpo como estrutura cognitiva e fonte metafórica, projetando experiências sensoriais, afetivas e comportamentais em construções linguísticas que expressam intensidade, julgamento avaliativo e nuances culturais (Lakoff e Johnson, 1980; Langacker, 2008). Nesse sentido, as EIs intensificadoras formadas a partir de elementos corporais não apenas descrevem aspectos físicos, mas organizam de maneira sistemática modos de perceber, sentir e interagir com o mundo, refletindo simultaneamente padrões culturais, valores sociais e processos cognitivos compartilhados (Vilela, 2003).

Com base no Gráfico 1 apresentado, que indica a frequência de uso de cada elemento corporal na composição das EIs, observa-se uma diversidade de partes do corpo empregadas nas duas variedades do português. No total, 39 elementos corporais distintos foram identificados, o que evidencia que o corpo humano constitui uma fonte altamente produtiva de metáforas e de expressões figuradas tanto no PB quanto no PE.

Gráfico 1 – Frequência de uso dos elementos corporais nas duas variedades do português

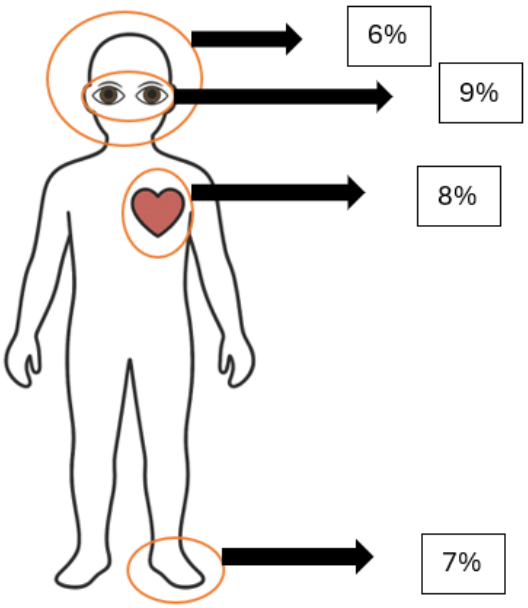


Fonte: Elaboração própria (2025).

De modo geral, todos os elementos corporais registrados no *corpus* de investigação ocorrem em ambas as variedades, variando apenas na frequência de uso. Essa presença constante pode ser retomada a partir de Berlin (1992), que destaca que a nomeação das partes do corpo tende a apresentar alta convergência interlinguística, formando um núcleo semântico resistente à variação. Como todos os grupos humanos compartilham uma mesma anatomia básica e há necessidade funcional de se referir ao corpo com precisão em diferentes contextos (cotidianos, educativos, de saúde ou rituais), os elementos corporais permanecem comuns entre as variantes do português, enquanto as diferenças se manifestam sobretudo nos graus de convencionalização e difusão das construções idiomáticas.

Entretanto, nota-se que alguns elementos corporais são significativamente mais recorrentes que outros. Entre os mais produtivos, destacam-se *olho* (9 ocorrências), *coração* (8), *pé* (7), *cabeça* (6), *barriga* (4), *estômago* (4), *boca* (4), *mão* (4) e *sangue* (4). Em tese, essas partes estão associadas a funções vitais, perceptivas ou emocionais: *olho* remete à percepção e à vigilância; *coração*, à emoção e à afetividade; *pé*, à estabilidade e ao movimento; *cabeça*, ao raciocínio e à identidade; *barriga* e *estômago*, à saciedade, ao desejo e à intensidade de sensações físicas ou emocionais; *boca*, à expressão, comunicação e intensidade da ação verbal; *mão*, à ação, manipulação e realização de tarefas; e *sangue*, à energia e à vitalidade.

Figura 7 – Porcentagem dos elementos corporais



Fonte: Elaboração própria (2025).

Constata-se, ainda, que as partes do corpo mais produtivas apresentam frequência alta ou muito alta em ambas as variedades do português, o que demonstra que o PB e o PE recorrem amplamente a elementos corporais semelhantes na expressão de significados intensificadores. Nos casos em que a frequência não se mantém elevada nas duas variedades, isso se deve ao uso restrito ou à ausência da EI correspondente em uma delas, revelando nuances de convencionalização e variação diatópica no emprego das EIs.

Por outro lado, elementos menos recorrentes, como *ânus*, *braço*, *costas*, *pulmão*, *queixo*, *raiz* e *tripa* – todas com apenas uma ocorrência –, indicam que, embora o léxico corporal seja vasto e diversificado, nem todas as partes do corpo se cristalizaram de forma equivalente em EIs. Essa distribuição evidencia que as EIs tendem a privilegiar partes do corpo mais visíveis, simbólicas ou culturalmente marcadas, refletindo uma motivação metafórica e cultural subjacente ao uso dessas construções em ambas as variedades do português.

A diversidade e a produtividade dos elementos corporais nas EIs demonstram que o léxico do corpo constitui uma base concreta para a construção de sentidos figurados e avaliativos. Essa mesma base serve de alicerce conceptual para a formação de metáforas, nas quais o corpo é projetado para domínios mais abstratos da experiência humana, como emoção, percepção e ação. No total, foram identificadas 35 metáforas conceituais, sendo as mais recorrentes: CORPO É OBJETO/ANIMAL, mobilizada na formação de oito EIs; SATISFAÇÃO É PLENITUDE FÍSICA, em cinco; CONHECER / PERCEBER É VER,

EMOÇÃO / SENSAÇÃO INTENSA É MOVIMENTO CORPORAL, e EMOÇÃO / AÇÃO É MOVIMENTO / TRAJETÓRIA, em quatro ocorrências cada.

A Tabela 2 apresenta as metáforas conceituais identificadas, indicando o número de expressões associadas a cada uma delas e o domínio experiencial principal a que se vinculam.

Tabela 2 – Listagem das metáforas conceptuais e domínio experiencial

Metáfora	Quant.	Domínio principal
Ação facilitada é mecanismo eficiente	1	Corpo
Alto custo é perda corporal	1	Corpo
Brevidade é movimento corporal	2	Movimento
Centro do corpo é centro da atenção	1	Corpo
Conhecer / perceber é ver	4	Percepção
Conhecimento é contato corporal íntimo	1	Corpo
Convicção é rigidez física	1	Corpo
Corpo é objeto / animal	8	Corpo
Corpo é recipiente de emoções	4	Corpo
Dano é violência física	1	Corpo
Domínio / técnica é habilidade de especialista	1	Corpo
Emoção é calor / energia interna	3	Corpo
Emoção é fome	2	Corpo
Emoção é força física / impacto	3	Movimento
Emoção é matéria	2	Substância
Emoção / ação é movimento / trajetória	4	Movimento
Emoção / sensação é dor física/impacto	2	Corpo
Emoção / sensação intensa é movimento corporal	4	Movimento
Facilidade é relaxamento / estabilidade	1	Corpo
Insistir / criticar é restrição de movimento	1	Movimento
Intensidade de comunicação é movimento corporal	3	Movimento
Intensidade emocional é substância física visível	2	Substância
Intensidade é expansão física	1	Espaço
Intensidade é extensão / preenchimento	2	Espaço
Intensidade é profundidade	3	Espaço
Intensidade é totalidade / excesso	2	Espaço
Mais / bom é para cima	3	Espaço
Mente / corpo é recipiente	3	Corpo
Mentir é expressão exagerada	2	Corpo
Pequeno espaço é pequena margem	1	Espaço
Percepção visual é avaliação	1	Percepção
Resistir é ter corpo suficiente	1	Corpo
Satisfação é plenitude física	5	Corpo
Sensibilidade / irritação é exposição física	1	Corpo
União / intimidade é proximidade física	1	Corpo

Fonte: Elaboração própria (2025).

Em tese, a análise dos dados revela que certos domínios metafóricos se encontram mais cristalizados no léxico figurado, refletindo-se em frequências elevadas e ampla difusão.

As metáforas corporais universais e experiencialmente motivadas, como INTENSIDADE É TOTALIDADE / EXCESSO, EMOÇÃO É MOVIMENTO CORPORAL e INTENSIDADE É PROFUNDIDADE, associam-se a EIs de alta ou muito alta frequência nas duas variedades, o que indica um alto grau de convencionalização e automatização cognitiva.

Expressões como *com unhas e dentes*, *de corpo e alma, de alma e coração* e *num piscar de olhos* ilustram esse padrão. Baseadas em experiências físicas compartilhadas e altamente salientes – o esforço total, a integração corpo-alma e o movimento ocular rápido –, essas EIs demonstram que, quanto mais encarnada na experiência sensório-corporal é a metáfora, maior tende a ser sua produtividade e estabilidade no sistema linguístico.

Por outro lado, expressões motivadas por metáforas menos transparentes ou culturalmente localizadas apresentam frequência mais baixa ou restrita a uma das variedades. É o caso de *por uma unha negra*, *a barriga a dar horas* e *tirar a barriga de misérias*, fortemente convencionais no PE, mas praticamente ausentes no PB. Essas expressões refletem metáforas de natureza mais cultural, como SATISFAÇÃO É PLENITUDE FÍSICA, associadas a práticas discursivas tradicionais e estáveis na variedade europeia.

No PB, destaca-se a vitalidade das metáforas relacionadas ao movimento, à ação e à emoção intensa, como *dar no pé*, *sangue nos olhos*, *pé no saco* e *de saco cheio*. Fortemente associadas a domínios como EMOÇÃO É CALOR, EMOÇÃO É SUBSTÂNCIA FÍSICA VISÍVEL e AÇÃO É MOVIMENTO, essas expressões revelam a tendência do PB de reforçar a corporeidade e a expressividade pragmática no uso idiomático.

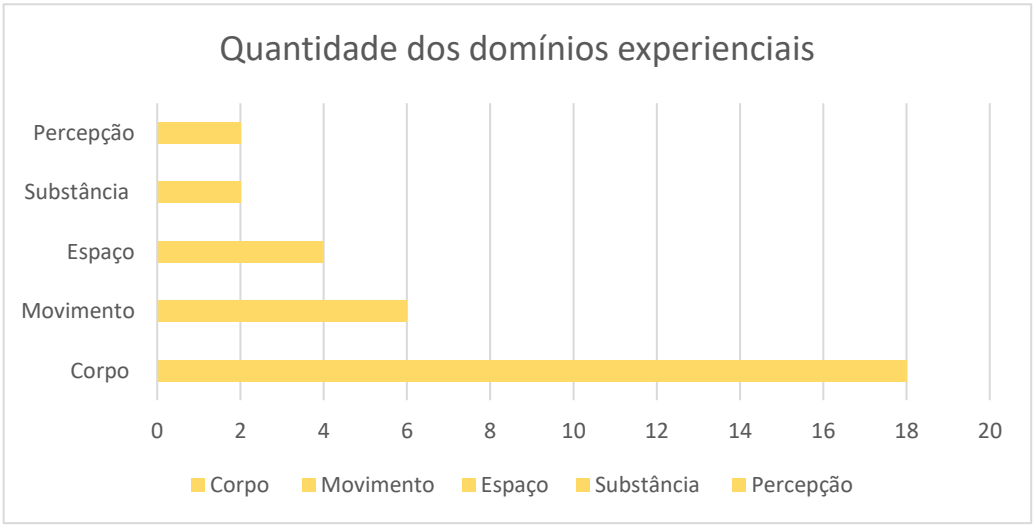
Também se observa que as EIs baseadas em metáforas avaliativas ou morais, como *mentir com todos os dentes*, *coração de gelo* e *coração de pedra*, apresentam frequência intermediária. Embora expressivas e fortemente avaliativas, essas construções não atingem o mesmo grau de difusão das metáforas de intensidade ou movimento, mantendo-se mais ativas em contextos específicos e variando entre registros formais e coloquiais.

Em resumo, quanto mais experiencial, concreta e perceptualmente motivada é a metáfora mobilizada na construção, maior tende a ser sua frequência e integração nas duas variedades do português. Por outro lado, as metáforas de base cultural, avaliativa ou menos transparente apresentam frequência menor ou distribuição assimétrica, confirmando o papel da cultura e do uso social na manutenção e renovação do repertório idiomático corporal. Retomando o estudo de Biderman (1996), apresentado no *Capítulo 2*, observa-se que as diferenças lexicais se concentram, especialmente em expressões relacionadas a fauna, flora, alimentação, práticas culturais e crenças populares, áreas sensíveis às particularidades ambientais, geográficas e socioculturais de cada comunidade lusófona.

Dessa forma, metáforas culturalmente marcadas, que envolvem alimentação e corpo (*tirar a barriga de misérias*), crenças e superstições (*nascer com o rabo virado para a lua/sol*), animais e fauna local (*nariz de tucano*; *bunda de tanajura*) ou expressões populares (*suar sangue*), são mais propensas a apresentar frequência distinta entre PB e PE, enquanto EIs mais universais ou metaforicamente neutras (*entrar/mergulhar/ir de cabeça*; *de olhos fechados*; *falar pelos cotovelos*) mostram uso mais homogêneo, reforçando a influência combinada da experiência, do contexto cultural e do uso social na construção e atualização da rede idiomática.

Para a classificação das metáforas em domínios principais, adotou-se como critério o núcleo conceitual que fundamenta cada expressão. Assim, o domínio *corpo* inclui metáforas em que elementos corporais, sensações ou ações físicas servem de base para a conceptualização de experiências abstratas; *movimento* engloba metáforas cujo foco recai sobre a ação, o deslocamento ou a trajetória; *substância* abrange aquelas em que conceitos abstratos são representados como materiais, tangíveis ou contidos; *espaço* refere-se a metáforas que exploram dimensões físicas, como altura, profundidade e direção; e *percepção* envolve experiências abstratas interpretadas a partir de processos sensoriais, especialmente os visuais. Cada metáfora foi associada ao domínio que melhor representa sua origem conceptual, garantindo uma classificação coerente e metodologicamente consistente.

Gráfico 2 – Quantidade dos domínios experienciais



Fonte: Elaboração própria (2025).

Verifica-se uma forte correlação entre o domínio *corpo* e a alta frequência de ocorrência das EIs nas duas variedades analisadas do português. As expressões baseadas nesse domínio, como *cabeça dura*, *de cabelo em pé*, *com água na boca* e *de coração partido*,

apresentam ampla difusão e elevado grau de integração ao léxico da língua, o que confirma que o corpo constitui uma das fontes conceptuais mais produtivas e convencionais na formação de metáforas idiomáticas. Isso se deve ao fato de representar uma experiência universal e concreta, profundamente enraizada na cognição e na percepção cotidiana.

O domínio *movimento* também apresenta frequência expressiva, ainda que com variações entre o PB e o PE. Expressões como *dar no pé*, *falar pelos cotovelos* e *de queixo caído* projetam ações físicas como representações de estados emocionais ou comunicativos, funcionando como extensões naturais do domínio corporal. Os domínios *espaço* e *substância* exibem frequência intermediária, com expressões amplamente conhecidas – *até o pescoço*, *de mão cheia*, *coração de pedra* –, embora menos produtivas que as corporais. As metáforas espaciais, por dependerem de construções mais abstratas (altura, profundidade, extensão), tendem a apresentar menor espontaneidade e difusão no uso cotidiano.

Por fim, o domínio de *percepção visual,* como visto em EIs do tipo *a olhos vistos* e *de olhos fechados*, revela-se o menos recorrente e produtivo na formação e concepção de EIs. Esse domínio privilegia aspectos cognitivos e interpretativos da experiência do indivíduo, mais distantes das sensações corporais imediatas, o que pode explicar sua menor frequência e vitalidade metafórica nas duas variedades do português.

Retomar a tipologia proposta por Xatara (1998a) para o tipo de configuração linguística das EIs, articulando-a às abordagens construcionais e cognitivas (Corpas Pastor, 1996; Nunberg *et al*., 1994; Keizer, 2016; Lakoff e Johnson, 1980; Kövecses, 2005), permite observar de que modo essas expressões refletem diferentes formas de conceptualização da experiência humana. A interseção entre esquemas imagéticos, metáforas conceituais, valores socioculturais e padrões discursivos torna-se especialmente evidente quando as EIs são analisadas a partir de seus distintos tipos de motivação – alusiva, análoga, apreciativa ou comparativa.

Cada categoria evidencia, assim, um modo próprio de construir sentido: seja por analogias corporais, por comparações explícitas, por avaliações socioculturais ou por referências culturais compartilhadas. Essa perspectiva integrada ilumina a complexidade dos mecanismos que orientam a interpretação idiomática e reforça a ideia de que o significado emerge de processos interacionais, corporificados e culturalmente situados.

A seguir, examinamos como as EIs analisadas neste estudo podem ser enquadradas nessa classificação.

1. EIs análogas: baseiam-se sobretudo em metáforas e esquemas imagéticos corporificados:

- **A olhos vistos** – metáfora perceptual de evidência / clareza;
- **A plenos pulmões** – metáfora corporal de intensidade vocal / expressiva;
- **Até a medula (dos ossos)** – metáfora de totalidade absoluta;
- **Até a raiz dos cabelos** – metáfora de profundidade / intensidade emocional;
- **Até o pescoço** – metáfora de envolvimento total / limite;
- **Até os dentes** – metáfora de intensidade máxima / preparo total;
- **Até os ossos** – metáfora de profundidade / intensidade extrema;
- **Cabeça quente** – metáfora de irritação / impulsividade;
- **Cair de boca** – metáfora corporal de entrega súbita / envolvimento;
- **Colírio para os olhos** – metáfora perceptual → beleza / prazer visual;
- **Com a língua de fora** – metáfora corporal de cansaço extremo;
- **Com o pé nas (às) costas** – metáfora de facilidade / destreza;
- **Com uma perna n(à)s costas** – metáfora de facilidade exagerada;
- **Conhecer com(o) a palma da mão** – metáfora de familiaridade total;
- **Coração de gelo** – metáfora ontológica de frieza emocional;
- **Coração de manteiga** – metáfora para emotividade / fragilidade emocional;
- **Coração de pedra** – metáfora para insensibilidade / dureza afetiva;
- **Coração mole** – metáfora para sensibilidade / compaixão;
- **Cozinhar os miolos** – metáfora de preocupação intensa / ruminação;
- **De alma e coração** – metáfora de envolvimento profundo;
- **De boca aberta** – metáfora facial → surpresa / admiração;
- **De cabeça quente** – metáfora térmica → irritação;
- **De corpo e alma** – metáfora de entrega total;
- **De mão cheia** – imagem hiperbolizada de domínio / habilidade;
- **De olhos fechados** – metáfora de automatização / domínio perfeito;
- **De queixo caído** – metáfora gestual → espanto;
- **De saco cheio** – metáfora de saturação corporal → cansaço / irritação;
- **Num abrir e fechar/piscar de olhos** – metáfora temporal → rapidez;
- **Entrar de cabeça** – metáfora corporal → dedicar-se totalmente;
- **Falar mais do que a boca** – metáfora de exagero → falar demais;
- **Falar pelos cotovelos** – metáfora corporal → falar incessantemente;
- **Fazer das tripas coração** – metáfora de esforço extremo;
- **Fogo no cu/rabo** – metáfora corporal → impaciência / aceleração extrema;
- **Haja coração** – metáfora fisiológica → forte emoção / tensão;
- **Haja perna** – metáfora corporal → esforço físico excessivo;
- **Ir de cabeça** – metáfora corporal → agir impulsivamente;
- **Língua solta** – metáfora corporal → tendência a falar demais;
- **Mão na roda** – metáfora mecânica → ajuda que facilita;
- **Mentir com os dentes todos** – variante da anterior → mentir muito;
- **Mentir com quantos dentes tem** – metáfora corporal → mentir descaradamente;
- **Mergulhar de cabeça** – metáfora corporal → envolver-se intensamente;
- **Num estalar de dedos** – metáfora temporal → rapidez;
- **Num piscar de olhos** – metáfora temporal → rapidez;
- **Olhar para o próprio umbigo** – metáfora corporal → egoísmo / autocentramento;
- **Olho clínico** – metáfora profissional → percepção aguçada;
- **Os olhos da cara** – metáfora de valor → algo muito caro;
- **Pé ante pé** – metáfora gestual → andar devagar / cautelosamente;
- **Pé na tábua** – metáfora automobilística → acelerar ao máximo;
- **Pegar no pé** – metáfora corporal → implicar / incomodar alguém;
- **Por uma unha negra** – metáfora corporal → por muito pouco;
- **Sair pelos olhos** – metáfora de excesso custoso → preço alto;
- **Sangue na veia** – metáfora fisiológica → energia / disposição;

- **Sangue no olho** – metáfora corporal → determinação agressiva;
- **Sangue quente** – metáfora fisiológica → temperamento impulsivo;
- **Suar sangue** – metáfora extrema de esforço máximo;
- **Tirar a barriga da miséria** – metáfora corporal → comer bem após privação;
- **Uma pilha de nervos** – metáfora de objeto → extrema tensão emocional.

2. EIs apreciativas: carregam julgamento social, geralmente pejorativo ou avaliativo:

- **Bunda de tanajura** – avaliação pejorativa com base em estereótipo físico;
- **Cabeça de melão** – avaliação pejorativa (burrice / teimosia);
- **Cabeça de vento** – avaliação de distração / falta de atenção;
- **Cabeça oca** – avaliação de falta de inteligência;
- **Nariz de elefante** – avaliação pejorativa (narigudo);
- **Nariz de tucano** – avaliação pejorativa (narigudo).

3. EIs comparativas: estruturas que expressam comparação explícita de natureza intensificadora:

- **Cintura de pilão** – comparação fixa com objeto estreito → magreza;
- **Cintura de vespa** – comparação com inseto → corpo "acinturado";
- **Estômago de avestruz** – comparação com animal → capacidade de ingerir qualquer coisa;
- **Não chega nem aos pés** – comparação hierárquica → inferioridade;
- **Nariz de elefante** – comparação com animal → nariz muito grande;
- **Nariz de tucano** – comparação com animal → nariz grande;
- **Pele e osso** – comparação de magreza extrema;
- **Ter mais olhos que barriga** – comparativa por escala → mais...que;
- **Unha e carne** – comparação de inseparabilidade → feito/como.

4. EIs alusivas: dependem de conhecimento cultural ou intertextual:

- **Nascer com o cu virado para o sol** – variação cultural → destino favorável;
- **Nascer com o cu virado pra lua** – crença popular → ter muita sorte;
- **Nascer com o rabo virado para a lua** – variação equivalente → sorte constante;
- **Enquanto o diabo esfrega um olho** – referência folclórico-religiosa → rapidez extrema.

Entre essas categorias, as EIs análogas se destacam por sua predominância, refletindo a tendência das comunidades em basear intensificação e expressividade a partir de metáforas corporificadas ou esquemas imagéticos facilmente reconhecíveis. Essa prevalência indica que a experiência corporal serve como referência central para a construção de sentido, conferindo às análogas maior produtividade e adaptabilidade em diferentes contextos discursivos. Em contraste, as EIs alusivas são menos frequentes, já que dependem de conhecimento cultural ou intertextual específico, tornando seu uso mais restrito e contextualizado.

As categorias apreciativas e comparativas situam-se entre esses extremos: as primeiras evidenciam julgamentos sociais e valores culturais compartilhados, enquanto as segundas permitem a construção de intensificação por comparação, mas de forma menos flexível do que as análogas. Assim, essa tipologia não apenas evidencia diferenças na frequência e circulação das EIs entre PB e PE, mas também destaca como mecanismos cognitivos, culturais e pragmáticos influenciam o grau de produtividade, generalização e reconhecimento das expressões nas duas variedades.

A análise das EIs segundo essa tipologia evidencia uma correlação direta com sua função intensificadora. As EIs análogas predominam justamente por sua capacidade de transmitir intensidade de forma imediata e corporalizada: expressões como *a plenos pulmões*, *até os dentes* ou *de corpo e alma* ampliam a carga emotiva ou a magnitude da ação, tornando a experiência comunicativa mais vívida. O uso de metáforas corporificadas facilita a percepção do aumento da intensificação, ao ligar conceitos abstratos a experiências físicas reconhecíveis pelo falante. As EIs apreciativas também podem intensificar, mas de maneira avaliativa ou crítica, reforçando juízos sociais ou pessoais, como em *cabeça de melão* ou *nariz de elefante*, em que a força do julgamento substitui a intensidade física ou emocional.

As EIs comparativas contribuem por escala ou referência externa, como em *não chega nem aos pés* ou *cintura de vespa*, em que a intensidade decorre da comparação com padrões extremos. Já as alusivas apresentam efeito intensificador mais restrito, pois dependem de conhecimento cultural compartilhado, limitando seu alcance comunicativo. Em suma, a predominância das análogas está ligada à sua capacidade de intensificar de forma direta e reconhecível, enquanto as categorias apreciativas, comparativas e alusivas oferecem intensificação mais específica ou condicionada.

Mapear os diferentes valores expressivos das EIs, para além do seu potencial intensificador, é fundamental, pois essas unidades desempenham funções pragmático-discursivas variadas no processo de interação (Corpas Pastor, 1996; Xatara, 1998). Essa multiplicidade de funções expressivas mostra que as EIs operam como estratégias de enquadramento discursivo, abrangendo, assim, dimensões físicas, psicológicas, sociais, históricas, políticas e culturais, contribuindo para a construção de atitudes, posicionamentos, alinhamentos interpessoais e efeitos argumentativos diversificados. Reconhecer essas nuances permite compreender como os falantes negociam sentidos de forma sofisticada e socialmente situada, indo muito além da mera intensificação do conteúdo proposicional.

Além disso, como apontam Nunberg *et al*. (1994) e Traugott e Dasher (2002), a expressividade das EIs é altamente sensível ao contexto e ao propósito comunicativo,

funcionando como vetor de mudança semântica e mecanismo de codificação de experiências corporificadas. Pesquisas em metáfora conceptual (Lakoff e Johnson, 1980; Kövecses, 2005) mostram que muitas dessas expressões derivam de domínios físicos e culturais compartilhados, explicando sua força evocativa e sua capacidade de produzir efeitos de humor, crítica, empatia ou polidez.

Observemos o Quadro 3, que apresenta uma possível classificação das EIs quanto aos seus valores expressivos. A análise das EIs a partir de seus valores expressivos revela nuances interessantes sobre a diversidade de funções pragmático-discursivas que essas expressões desempenham no PB e no PE.

É importante salientar que uma mesma EI pode apresentar mais de um valor expressivo devido à sua flexibilidade pragmática e à sensibilidade ao contexto comunicativo. Dessa forma, uma expressão pode simultaneamente enfatizar a magnitude de uma ação, transmitir ironia ou atenuar uma afirmação, dependendo da intenção do falante, do interlocutor e da situação discursiva. Essa multiplicidade de valores evidencia a complexidade funcional das EIs, mostrando que elas não se limitam à intensificação semântica, mas atuam como instrumentos sofisticados de negociação de sentido, regulação da interação e expressão de atitudes, emoções e julgamentos sociais.

Quadro 3 – Valores expressivos das EIs

Parte do corpo	EI	Classificação
Pescoço / dentes / ossos	Até o pescoço	Enfático; assertivo
	Até os dentes	Enfático; assertivo
	Até os ossos	Enfático
	Até a medula	Enfático
	Até a raiz	Enfático
	Mentir com quantos dentes tem	Assertivo; irônico
	Mentir com os dentes todos	Assertivo; irônico
	Mentir com todos os dentes	Assertivo; irônico
Olhos / vista / visão / nariz	A olhos vistos	Assertivo; enfático
	A plenos pulmões	Enfático
	Colírio para os olhos	Enfático; atenuativo
	Debaixo do nariz	Assertivo; irônico
	De olhos fechados	Assertivo; atenuativo
	Enquanto o diabo esfrega um olho	Assertivo; enfático
	Num abrir e fechar/piscar de olhos	Enfático; assertivo
	Num piscar de olhos	Enfático; assertivo
	Os olhos da cara	Enfático; assertivo
	Olho clínico	Assertivo; enfático
	Sair pelos olhos	Enfático
Boca / língua	Cair de boca	Enfático
	Com água na boca	Enfático; atenuativo
	De boca aberta	Enfático; atenuativo; irônico

	Falar mais do que a boca Língua solta	Enfático; irônico Enfático; irônico; assertivo
Cabeça / cabelo	Cabeça quente Cabeça de vento Cabeça oca Couro e cabelo Entrar/mergulhar/ir de cabeça	Enfático; irônico Irônico Irônico; enfático Enfático Enfático; assertivo
Coração	Coração de gelo/pedra Coração mole Coração de manteiga Coração partido De cortar/quebrar/partir o coração Haja coração/perna De alma e coração	Enfático; irônico Enfático; atenuativo Enfático; atenuativo Enfático; atenuativo Enfático; atenuativo Enfático Enfático; atenuativo
Barriga / estômago	A barriga/o estômago roncando A barriga/ o estômago a dar horas Estômago de avestruz Tirar a barriga da miséria Ter mais olhos que barriga	Atenuativo; enfático Atenuativo; enfático Enfático; irônico Enfático; irônico Enfático; irônico
Pés / pernas	Com um pé às costas Com uma perna nas costas Dar no pé Não chega nem aos pés Pé na tábua Pé ante pé	Atenuativo; assertivo Atenuativo; assertivo Assertivo; irônico Enfático; irônico Assertivo; enfático Assertivo
Mão / braço / cotovelo / unha	Falar pelos cotovelos Mão de mestre De mão cheia Unha e carne Com unhas e dentes	Enfático; irônico Atenuativo; assertivo Atenuativo; assertivo Enfático; atenuativo Enfático
Corpo inteiro / alma / nervos / pele	Com os nervos à flor da pele Dar nos nervos De corpo e alma De alma e coração Pele e osso Uma pilha de nervos	Enfático Enfático Enfático; atenuativo Enfático; atenuativo Enfático Enfático
Bunda / cu / rabo	Bunda de tanajura Fogo no rabo/cu Nascer com o cu virado pra lua/sol Nascer com o rabo virado para a lua	Irônico; enfático Irônico; enfático Enfático; irônico Enfático; irônico
Cintura / nariz	Cintura de pilão Cintura de vespa Nariz de tucano Nariz de elefante	Enfático; irônico Enfático; irônico Irônico Irônico

Fonte: Elaboração própria (2025).

Observa-se, primeiramente, que EIs ancoradas em partes do corpo associadas à intensidade física ou emocional – como *pescoço*, *dentes*, *ossos*, *coração* e *cabeça* – predominam em valores enfáticos e assertivos, refletindo seu papel direto na intensificação da ação, do estado ou da emoção. Em contraste, expressões relacionadas à percepção e à visão

combinam valores enfáticos, assertivos e atenuativos, mostrando maior flexibilidade pragmática e permitindo variar entre realce, confirmação ou suavização da informação.

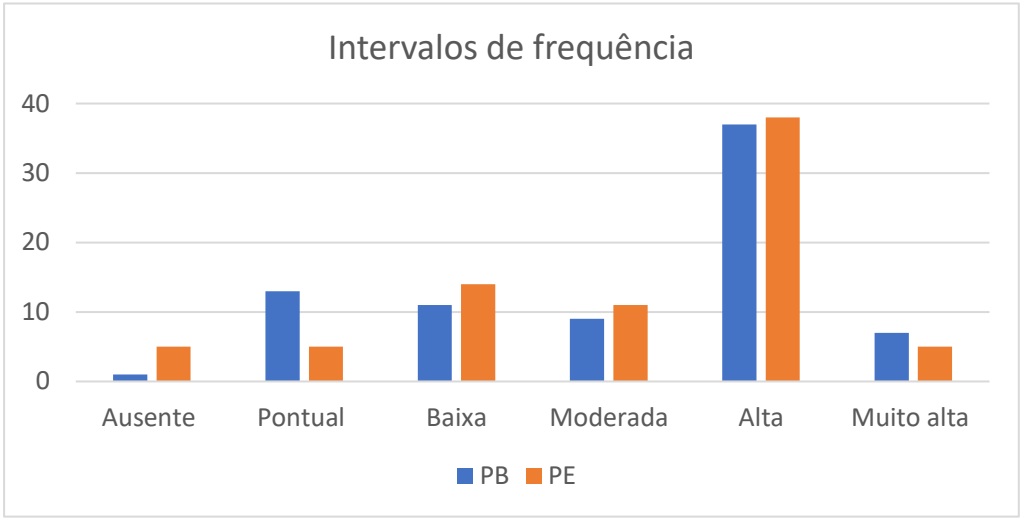
Por sua vez, expressões ligadas à fala ou à comunicação (boca, língua, dentes) demonstram forte presença de ironia, além de intensificação, indicando que a função expressiva pode integrar simultaneamente marcação de atitude, julgamento ou crítica social. Já as EIs de caráter mais avaliativo ou estereotípico (*bunda de tanajura*, *cabeça de melão*, *nariz de elefante*) concentram ironia e julgamento, evidenciando que a intensificação não se limita à magnitude física ou emocional, mas também se manifesta por meio da força avaliativa e socialmente orientada.

8.5 INTEGRAÇÃO LEXICAL DAS EIS EM SOCIEDADE

Para a análise de representatividade, foram definidos intervalos de frequência relativa que permitem distinguir diferentes graus de integração lexical das EIs, como observado na Tabela 3. Casos com frequência zero foram classificados como *ausentes*, indicando a não ocorrência da expressão na amostra do *corpus*. Essa ausência, contudo, não implica inexistência absoluta na variedade, podendo refletir tanto lacunas efetivas de uso quanto limitações do *corpus* de referência. As expressões com frequência igual ou inferior a 0,010 foram consideradas *pontuais*, possivelmente resultantes de usos ocasionais ou idiossincráticos.

Valores entre 0,011 e 0,050 indicam *baixa* frequência, revelando expressões de uso restrito, mas já atestadas e reconhecíveis na variedade. Entre 0,051 e 0,100, a frequência é *moderada*, o que sugere que a expressão se encontra em processo de convencionalização. Frequências entre 0,101 e 0,999 são classificadas como *altas*, denotando expressões amplamente difundidas e plenamente integradas ao léxico da variedade. Por fim, valores iguais ou superiores a 1,000 correspondem a frequência *muito alta*, característica de expressões altamente automatizadas e consolidadas no uso.

Tabela 3 – Intervalos de frequência nas duas variedades do português



Fonte: Elaboração própria (2025).

A análise das frequências relativas das EIs de base corporal nas variedades do PB e do PE revela um quadro de ampla convergência quanto ao repertório metafórico, mas também evidencia diferenças relevantes no grau de convencionalização e integração lexical de determinadas expressões. No geral, observa-se que a maioria das EIs ocorre nas duas variedades, confirmando a forte base compartilhada do sistema figurativo corporal do português. No entanto, a frequência de uso das EIs varia significativamente nas variedades do português, refletindo nuances de uso regional, estilístico e cultural.

Observa-se o predomínio da faixa de alta frequência no PB e no PE, o que indica ampla difusão e elevado grau de convencionalização das expressões em ambas as variedades. No PB, 37 EIs situam-se nessa faixa, enquanto no PE o número é praticamente equivalente, com 38 ocorrências. Essa convergência evidencia a existência de um núcleo comum de expressões altamente estabilizadas, vinculadas, em grande parte, a metáforas corporais universais e a experiências humanas partilhadas entre as duas comunidades linguísticas.

Casos como *de olhos fechados*, *cabeça dura*, *com os nervos à flor da pele*, *até os dentes* e *a plenos pulmões* ilustram expressões amplamente difundidas e consolidadas tanto no PB quanto no PE. De alta previsibilidade semântica e uso corrente, essas EIs constituem o núcleo mais estável das construções idiomáticas corporais nas duas variedades. As faixas de *muito alta* frequência, embora representem um número menor de EIs, mantêm valores próximos, sendo sete no PB e cinco no PE, o que reforça a existência de um conjunto reduzido, porém fortemente cristalizado, de expressões compartilhadas e cognitivamente automatizadas em ambas as variedades, como *de corpo e alma*, *com unhas e dentes* e *de coração partido*.

A partir desse núcleo comum, contudo, começam a emergir diferenças sutis de distribuição entre as variedades. Em vários casos, o PB apresenta frequência mais elevada, como em *pegar no pé*, *de saco cheio*, *dar no pé*, *sangue nos olhos* e *pé no saco*, expressões que remetem a atitudes pragmáticas, emocionais ou coloquiais características da variedade brasileira. Essas EIs demonstram uma expressividade e integração mais demarcada no léxico e no uso cotidiano do PB, possivelmente por estar associada a traços discursivos de maior informalidade, expressividade emocional/comportamental e criatividade lexical.

Em contrapartida, o PE exibe maior produtividade em expressões de uso figurado mais demarcado historicamente ou formalizado, como *mentir com todos os dentes*, *por uma unha negra*, *tirar a barriga de misérias*, *a barriga a dar horas* e *enquanto o diabo esfrega um olho*. Tais expressões, amplamente atestadas e muitas vezes com frequência alta ou muito alta no PE, têm ocorrência restrita ou ausente no PB, sugerindo processos de conservação lexical e maior estabilidade de usos idiomáticos tradicionais na variedade europeia.

As diferenças mais significativas concentram-se nas faixas extremas da escala. No PB, há apenas uma expressão ausente (*mentir com quantos dentes tem* / *mentir com todos os dentes* / *mentir com os dentes todos*), enquanto no PE esse número sobe para cinco (*bunda de tanajura*; *cintura de pilão*; *estômago de avestruz*; *nariz de tucano*; e *mentir na cara dura*). Esse contraste sugere que certas EIs rotinizadas no Brasil não são reconhecidas em Portugal, possivelmente em razão de variações culturais, regionais e pragmáticas no uso idiomático.

Além disso, o PB apresenta 13 ocorrências pontuais, sendo mais que o dobro das cinco registradas no PE, o que evidencia uma maior vitalidade e diversidade lexical na variedade brasileira, com expressões emergentes ou restritas a contextos socioculturais específicos. Por outro lado, o PE mostra um número levemente superior de expressões nas faixas *baixa* (14) e *moderada* (11) em comparação ao PB (11 e 9, respectivamente). Esse padrão pode refletir um repertório mais estável e conservador, no qual certas expressões permanecem reconhecíveis, e produtivas, embora apresentem menor dinamismo ou frequência de uso cotidiano.

Entre as expressões de frequência assimétrica, observa-se que muitas permanecem plenamente integradas em uma variedade e apenas atestadas ou classificadas como pontuais na outra, indicando diferentes estágios de convencionalização. É o caso de *até a medula* (alta no PB e baixa no PE), *pé na tábua* (baixa no PB e pontual no PE) e *por uma unha negra* (pontual no PB e alta no PE). Essa oscilação mostra que, embora grande parte das EIs seja compartilhada entre as variedades, cada uma seleciona, conserva ou renova certas construções idiomáticas conforme seus próprios padrões linguísticos, culturais e discursivos.

Em síntese, os dados mostram que PB e PE compartilham um amplo repertório idiomático corporal, mas diferem quanto à expressividade, produtividade, à frequência relativa e ao grau de integração de parte das expressões. O PB tende a apresentar maior amplitude de uso e diversidade idiomática, com forte inclinação à inovação e à expressividade em registros mais coloquiais. Já o PE preserva um repertório mais estável e equilibrado, no qual predominam expressões de frequência intermediária e formas tradicionalmente consolidadas.

Apesar dessas diferenças, ambas as variedades convergem para a alta convencionalização das metáforas corporais mais universais, que constituem o núcleo comum do léxico figurado do português e confirmam o corpo humano como domínio metafórico central na conceptualização e na configuração da noção expressiva de intensificação.

Este capítulo buscou articular os dados empíricos aos padrões linguísticos que emergem do uso das EIs intensificadoras de base corporal no PB e no PE, evidenciando regularidades formais, semânticas e pragmáticas, bem como diferenças e convergências entre as duas variedades. A análise permitiu compreender como essas expressões se organizam construcionalmente e se distribuem nos usos reais da língua, revelando aspectos centrais de sua produtividade e convencionalização. No capítulo seguinte, dedicado às *Considerações finais*, procede-se ao arremate da tese, retomando os principais resultados, suas implicações teóricas e as contribuições do estudo para a descrição e a compreensão das EIs no PB e no PE.

CAPÍTULO 9

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como já explicitado, embora a linguagem humana seja amplamente reconhecida por seu potencial criativo ilimitado, grande parte de nossas interações cotidianas se ancora em sequências previamente convencionalizadas, como as EIs (Erman e Warron, 2000; Bybee 2016 [2010]). Esses padrões cristalizados não apenas organizam e facilitam a produção discursiva, mas também ampliam significativamente nossa capacidade de expressar emoções, avaliações e graus de intensidade. Sem o recurso a tais unidades, a comunicação seria mais lenta, menos expressiva e, em muitos casos, insuficiente para transmitir nuances essenciais da experiência humana (Abdurakhimovna, 2024).

Desse modo, as EIs configuram-se como elementos fundamentais para o funcionamento da linguagem. Conforme defendem Langacker (1987), Goldberg (1995; 2006) e Bybee (2016 [2010]), nossos usos linguísticos se organizam em redes simbólicas compartilhadas, formadas por unidades convencionais que emergem do uso, circulam socialmente e estruturam a cognição. Tais padrões, sustentados por princípios metafóricos amplamente descritos por Lakoff e Johnson (1980), revelam que a linguagem é, ao mesmo tempo, moldada pela experiência e constitutiva das formas pelas quais percebemos e avaliamos o mundo.

Partindo dessas premissas, esta tese investigou o seguinte problema de pesquisa: *de que modo as EIs intensificadoras baseadas em partes do corpo humano se diferem, nas variedades brasileira e europeia do português, quanto à estrutura morfossintática, ao grau de composicionalidade, esquematicidade e produtividade e ao comportamento semântico-pragmático, e como essas diferenças se relacionam a processos construcionais e à noção de corporificação permeada por aspectos culturais?* Essa questão orientou o percurso analítico

empreendido ao longo do estudo, permitindo observar não apenas regularidades estruturais, mas também modos distintos de conceptualizar e expressar intensidade nas duas variedades.

As análises realizadas indicam que essas EIs apresentam padrões construcionais relativamente estáveis, compartilhados entre PB e PE, o que confirma a existência de esquemas comuns subjacentes ao repertório idiomático corporal. Todavia, tais construções diferem quanto à frequência de uso, à vitalidade e à integração em contextos discursivos cotidianos, revelando que cada variedade mobiliza esses recursos expressivos de modo particular. O esquema construcional verbal [VERBO [X]] destacou-se como o mais produtivo em ambas as variedades, refletindo a tendência do português de acionar ações, estados ou processos como núcleo para a expressão de intensidade. Já os esquemas preposicionados e nominais, embora menos expansivos, preservam regularidade suficiente para evidenciar continuidade construcional e recorrência no uso idiomático.

No que se refere à composicionalidade e à transparência semântica, muitas EIs parcialmente composicionais ou parcialmente opacas apresentam elevada frequência, indicando que a produtividade construcional depende exclusivamente da previsibilidade semântica, mas também da força de associação e da convencionalização do pareamento forma-significado, (Goldberg, 1995; 2006; Croft, 2001).

Sob a perspectiva semântico-pragmática, as EIs projetam experiências corporais sobre conceitos abstratos, emocionais e avaliativos. Os elementos corporais mais recorrentes, como *olho*, *coração*, *pé*, *cabeça* e *mão*, reforçam o papel do corpo como base conceptual compartilhada. No PB, observa-se maior amplitude de uso e diversidade idiomática, com predomínio de expressões coloquiais e inovadoras, enquanto no PE prevalecem construções tradicionalmente consolidadas e de frequência intermediária, refletindo processos de conservação lexical. Esses resultados, aliados às diferenças estruturais, semântico-pragmáticas e de frequência observadas entre PB e PE, indicam que tais construções são profundamente influenciadas pela interação entre princípios construcionais, processos de analogização e herança, bem como pela corporificação culturalmente mediada do léxico humano dessas duas línguas neste estudo.

Diante desse panorama empírico, o problema de pesquisa articulou-se à seguinte hipótese: *embora o PB e o PE compartilhem um repertório comum de EIs intensificadoras baseadas em elementos corporais, evidenciando a existência de esquemas construcionais de base semelhantes, essas construções manifestam diferenças quanto aos significados culturais, à frequência de uso, à produtividade e ao grau de esquematicidade em cada variedade.* Essa

hipótese orientou a investigação e permitiu compreender como padrões compartilhados podem se desdobrar em trajetórias distintas de uso e expansão em comunidades linguísticas diferentes.

Os resultados da pesquisa confirmam plenamente essa hipótese. De fato, tanto o PB quanto o PE compartilham um repertório considerável de EIs intensificadoras de base corporal, o que evidencia esquemas construcionais subjacentes comuns. Ao mesmo tempo, a análise revelou diferenças significativas na frequência de uso, na produtividade e no grau de composicionalidade e transparência semântica das construções, assim como nos significados culturais associados a cada expressão. No PB, observa-se maior diversidade idiomática, com predomínio de EIs coloquiais e inovadoras, frequentemente associadas a registros informais e expressivos. Já no PE, predomina um repertório mais estável e tradicional, com construções de frequência intermediária e maior conservação lexical.

Essas variações refletem as experiências culturais e sociais distintas das comunidades de fala, demonstrando que, embora os esquemas construcionais sejam compartilhados, os modos de uso, a vitalidade lexical e a integração discursiva das EIs diferem entre as variedades do português. Tal constatação confirma a interação entre padrões construcionais universais e mediações culturais específicas, demonstrando que essas diferenças não se restringem a aspectos formais, mas também envolvem concepções distintas de variação estilística e afetiva no uso da língua.

Autores como Faraco (2008) e Ilari e Basso (2006) destacam que a maior permeabilidade do PB a processos de variação e inovação idiomática decorre, em parte, de sua história de contato intenso com línguas indígenas, africanas e de imigração, favorecendo uma plasticidade lexical e pragmática mais ampla. Em contraste, o PE, mantendo-se mais próximo das normas tradicionalmente escolarizadas e da matriz clássica do português (Teyssier, 1982), revela relativa estabilidade idiomática, ainda que também mobilize recursos expressivos próprios em contextos coloquiais.

Dessa forma, o contraste observado entre PB e PE nas EIs intensificadoras de base corporal reforça a importância de considerar fatores socioculturais, históricos, pragmáticos e cognitivos na análise de sua configuração e variação (Lakoff e Johnson, 1980; Xatara e Seco, 2014). Mais do que simples diferenças formais, essas variações evidenciam modos particulares de construir e expressar intensidade, afeto e emoção no discurso cotidiano. Compreender o contexto histórico e sociocultural de cada país torna-se, portanto, essencial para interpretar como cada comunidade lusófona adapta e ressignifica a língua segundo suas realidades locais, reafirmando seu caráter dinâmico, heterogêneo e identitário (Wierzbicka, 1997; Orlandi, 2005).

A realização deste estudo a partir de uma abordagem comparativa entre as variedades brasileira e europeia revelou-se particularmente relevante, pois permitiu mostrar que construções formalmente semelhantes podem desempenhar funções, frequências e valores semântico-pragmáticos distintos conforme as vivências culturais de cada comunidade de fala. A comparação entre PB e PE tornou possível identificar tanto padrões construcionais compartilhados quanto diferenças significativas na frequência, composicionalidade, transparência semântica e integração discursiva das EIs, demonstrando que a língua se molda simultaneamente por princípios cognitivos gerais e por especificidades culturais locais.

Em síntese, esta pesquisa evidencia a pertinência das EIs intensificadoras de base corporal como objeto de investigação no âmbito da Gramática de Construções, permitindo compreender padrões estruturais, semântico-pragmáticos e culturais que aproximam e diferenciam o PB e o PE. Embora a Fraseologia ofereça uma descrição valiosa das unidades idiomáticas, a perspectiva construcional permitiu aprofundar a análise da relação forma-significado, dos mecanismos de corporificação e dos processos de inovação e conservação que estruturam essas construções.

Os resultados demonstram como linguagem, cognição e cultura interagem na construção do sentido, da expressividade e da avaliação no discurso, contribuindo para debates teóricos em Linguística Cognitiva e Gramática de Construções. Além disso, oferecem subsídios para o ensino de línguas, para a tradução e para a compreensão intercultural, ao esclarecer a dinâmica, a vitalidade e a estabilidade das EIs corporais nas duas variedades do português.

Além de ampliar a compreensão teórica sobre EIs intensificadoras de base corporal, esta pesquisa também apresenta desdobramentos práticos para o meio acadêmico e para a sociedade. Para estudiosos do português, seja brasileiro ou europeu, os resultados delineiam um panorama sólido das regularidades e diferenças entre as variedades, servindo como referência para análises lexicais, semântico-pragmáticas e construcionais. Em perspectiva mais ampla, o modelo comparativo e os parâmetros desenvolvidos podem ser estendidos a outros domínios idiomáticos e a outras línguas, incentivando investigações contrastivas sobre variação, inovação e corporificação em diferentes contextos culturais.

Apesar das contribuições apresentadas, é importante reconhecer algumas limitações metodológicas deste estudo. A vastidão, a dinamicidade e a contínua renovação do repertório idiomático do português tornam inviável abarcar a totalidade das EIs existentes, o que implica que algumas EIs possam não ter sido registradas ou figurem com baixa frequência nos dados analisados. Importa destacar que a ausência ou raridade dessas expressões no *corpus* não significa que estejam fora de uso, mas decorre, antes, do recorte metodológico adotado.

Soma-se a essa limitação a dificuldade de identificar e sustentar justificativas de natureza cultural para o uso preferencial de determinadas EIs no PB em detrimento do PE, e vice-versa. A explicação dessas assimetrias frequentemente exige incursões em processos históricos, socioculturais e discursivos de longa duração, situados no plano da diacronia. Considerando que esta pesquisa privilegia uma abordagem sincrônica e construcional, tais investigações extrapolam seus objetivos e limites. Assim, sempre que possível, foram propostas interpretações plausíveis, fundamentadas em dados linguísticos e em padrões de uso, sem a pretensão de esgotar os fatores históricos ou culturais subjacentes às diferenças observadas entre as variedades.

Tais limitações, contudo, não comprometem a consistência dos resultados alcançados; ao contrário, delimitam com precisão o escopo da análise e apontam caminhos promissores para investigações futuras, mais amplas e metodologicamente diversificadas.

No âmbito pedagógico e social, os resultados obtidos oferecem aplicações significativas. O mapeamento sistemático das EIs pode subsidiar práticas de ensino de português, especialmente em contextos bilíngues ou interculturais, ao contribuir para a elaboração de materiais didáticos mais contextualizados e sensíveis às particularidades culturais do PB e do PE. Ademais, o esclarecimento das diferenças e convergências idiomáticas entre as variedades pode favorecer a compreensão intercultural, aprimorar processos de tradução e interpretação e auxiliar na formação de falantes mais conscientes das nuances expressivas e pragmáticas da língua, fortalecendo o diálogo entre comunidades lusófonas.

As perspectivas que se abrem para pesquisas futuras são igualmente vastas. Estudos de natureza diacrônica poderiam aprofundar a compreensão sobre a evolução histórica das EIs intensificadoras de base corporal, revelando trajetórias de mudança construcional, lexical e cultural. A aplicação do modelo analítico aqui desenvolvido a outros domínios idiomáticos – não necessariamente corporais – permitiria examinar se os padrões de produtividade, esquematicidade e corporificação observados se mantêm ou se reconfiguram em campos semânticos distintos. Do mesmo modo, investigações comparativas envolvendo outras línguas, próximas ou tipologicamente distantes do português, podem ampliar o conhecimento sobre mecanismos universais e específicos de construção de intensidade, avaliação e expressividade na linguagem, contribuindo para o avanço da linguística contrastiva, cognitiva e aplicada.

Ao concluir este percurso, torna-se evidente que investigar as EIs intensificadoras é, em certo sentido, explorar os percursos sinuosos do próprio sentir humano. Cada construção analisada revela não apenas um modo de dizer, mas um modo de estar no mundo, marcado por histórias, afetos e percepções que atravessam culturas, tempos e experiências. Assim, esta tese

se encerra reafirmando que a linguagem, em sua materialidade simbólica e em sua potência criativa, espelha as múltiplas formas de viver e de significar a experiência. Como lembra Bybee, **“aquilo de que falamos e como falamos fornecem um panorama rico e variado, os significados que precisamos usar não podem ser repartidos em um ou dois espaços dimensionais. Mas devem ajustar-se às curvas e aos contornos da experiência humana”** (Bybee, 2016 [2010], p. 258).

REFERÊNCIAS

ABDURAKHIMOVNA, R. S**.** The Concept and Important Importance of Intensity in Linguistics. **Open Herald: Periodical of Methodical Research**, v. 2, n. 4, p. 16-21, abr. 2024. ISSN 2810-6385. Disponível em: https://academiaone.org/index.php/6/article/view/706. Acesso em: 28 fev. 2025.

AIKHENVALD, A. Y. **How Gender Shapes de World**. Oxford: Oxford University Press. 2016.

ALBELDA MARCO, M. **La intensificación como categoría pragmática: revisión y propuesta: una aplicación al español coloquial**. Frankfurt: Peter Lang, 2007.

ALBELDA MARCO, M.; ARGUEDAS, M. E. De nuevo sobre la intensificación pragmática: revisión y propuesta. **Estudios Románicos**, v. 30, p. 15-37, 2021.

BAGNO, M. **Preconceito lingüístico:** o que é, como se faz. 49ª. ed. São Paulo: Loyola, 2007.

BALLY, C. **Traité de stylistique française.** Heidelberg: Winter, 1909.

BARðDAL, J. **Productivity: Evidence from Case and Argument Structure in Icelandic.** Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 2008.

BATORÉO, H. J. **Expressão do espaço no português europeu**: contributo psicolinguístico para o estudo da linguagem e cognição. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2000.

BAZZANELLA, C.; FIVELA, B. Introduzione. In: BAZZANELLA, C.; FIVELA, B. (Org.). **Fenomeni di intensità nell'italiano Parlato**. Firenze: Cesati, p. 13-24, 2009.

BERLIN, B. **Ethnobiological classification: Principles of categorization of plants and animals in traditional societies**. Princeton University Press, 1992.

BERTUCCELLI PAPI, M. **Implicitness in text and discourse**. Pisa: Edizioni ETS, 2003.

BIDERMAN, M. T. C. Léxico e vocabulário fundamental. **Alfa: Revista de Linguística**, São Paulo, v. 40, p. 27-46, 1996.

BIDERMAN, M. T. C. O Português Brasileiro e o Português Europeu: Identidade e contrastes. **Revue belge de philologie et d'histoire**. vol. 79. Fasc. 3. Langues et littératures modernes, p. 963-975, 2001.

BOAS, H. C. Resolving form-meaning discrepancies. In: LEINO, J. (ed.). **Constructional Reorganization**. Amsterdã: Benjamins, p. 11-36, 2008,

BOLINGER, D. **Degree words**. The Hague/Paris: Mouton De Gruyter, 1972.

BOOIJ, G. **Construction morphology.** Oxford: Oxford University Press, 2010.

BYBEE, J. **Mechanisms of change in grammaticization:** the role of frequency. In: JOSEPH, B. D.; RICHARD, D. J. (Ed.). The handbook of historical linguistics. Malden: Blackwell Publishing, 2003. p.624-647.

BYBEE, J. **Língua, uso e cognição**. Trad. Maria Angélica Furtado da Cunha. São Paulo: Cortez, 2016 [2010].

CAMACHO, B. F. **Estudo comparativo de expressões idiomáticas do português do Brasil e de Portugal e do francês da França e do Canadá**. São José do Rio Preto: 2008. 167f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Instituto de Biociência, Letras e Ciências Exatas – Universidade Estadual Paulista. São José do Rio Preto.

Camões Instituto da Cooperação e da Língua. **Dia Mundial da Língua Portuguesa**. Disponível em: https://www.instituto-camoes.pt/images/pdf_noticias/Dados_sobre_a_l%C3%ADngua_portuguesa_de_2022.pdf. Acesso em: 20 fev. 2024.

CANTANTE. I. Reflexões sobre a intensificação de adjetivos modais epistémicos por 'muito' e 'bem' em Português Europeu. **Revista da Associação Portuguesa de Linguística**, Portugal, v. 8, p. 71-86, 2021. DOI: https://doi.org/10.26334/2183-9077/rapln8ano2021a6. Disponível em: https://ojs.apl.pt/index.php/rapl/article/view/118. Acesso em: 08 abr. 2025.

CARBAUGH, D. **Cultures in Conversation**. Mahwah, NJ: Lawrence Erlbaum, 2005.

CARNEIRO, A. S. **Descrição e classificação das expressões cristalizadas com *ser* e *estar* do português do Brasil**. São Carlos, 2016. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Federal de São Carlos. São Carlos, 2016.

CASARES, J. **Introducción a la lexicografía moderna.** Madrid: Consejo Superior de Investigaciones Científicas (Revista de Filología Española, Anejo 52), 1950.

CHEVALIER, J.; GHEERBRANT, A. **Dicionário de símbolos: mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números**. 21. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2007.

CLARIDGE, C. **Hyperbole in English:** a corpus-based study of exaggeration. United Kingdom: Cambridge University Press, 2011.

COFFEY, S. Lexical meaning and idiomaticity. In: COFFEY, S.; COWIE, A. P. (Org.). **English idioms and how to use them**. Oxford: Oxford University Press, 2009. p. 215–236.

CORPAS PASTOR, G. **Manual de fraseología española.** Madrid: Gredos, 1996.

CORRÊA, L. M. S. Conciliando processamento linguístico e teoria de língua no estudo da aquisição da linguagem. In: **Aquisição da linguagem e problemas do desenvolvimento linguístico**. Rio de Janeiro: Editora da PUC-RIO - Edições Loyola, 2006, p. 21-78. Disponível em: https://www.editora.puc-rio.br/media/aquisicao%20miolo1.pdf. Acesso em: 10 mar 2024.

COSERIU, E. **Teoría del lenguaje y lingüística general: cinco estudios**. Ed 2. Madrid: Editorial Gredos, 1967.

COSTA, I. O. **A construção superlativa de expressão corporal**: uma abordagem construcionista. Juiz de Fora, 2010. 143f. Dissertação (Mestrado em Linguística*)* – Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora.

CROFT, W. **Radical Construction Grammar***:* Syntactic Theory in Typological Perspective. Oxford: Oxford University Press, 2001.

CUNHA LACERDA, P. F. A. da; FURTADO DA CUNHA, M. A. Gramática de construções: princípios básicos e contribuições. In: OLIVEIRA, M. R.; CEZÁRIO, M. M. C. (Org.). **Funcionalismo linguístico:** diálogos e vertentes. 1. ed. Niterói: Eduff, 2017, p. 17-46. Disponível em: https://www2.ufjf.br/nupact/files/2019/09/Gram%C3%A1tica-de-constru%C3%A7%C3%B5es-princ%C3%ADpios-b%C3%A1sicos-e-contribui%C3%A7%C3%B5es.pdf. Acesso em: 15 jan. 2025.

DANCYGIER, B.; SWEETSER, E. **Mental spaces in grammar:** conditional constructions. New York: Cambridge University Press, 2005.

DOWNING, A.; LOCKE, P. **English Grammar:** a University Course. 2. ed. Londres; New York; Toronto: Routledge, 2006.

ECKERT, P. Variation and the indexical field. **Journal of Sociolinguistics**, 12(4), p. 453-476, 2008. DOI: https://doi.org/10.1111/j.1467-9841.2008.00374.x

ERMAN, B.; WARREN, B. The idiom principle and the open choice principle. In: **Linguistic – an interdisciplinary journal of the language sciences.** Berlin/New York: Mouton de Gruyter, no. 2, 2000, p. 29-62. Disponível em: https://lextutor.ca/multiwords/n_gram/erman_warren_2000.pdf . Acesso em: 22 jul. 2025.

ESTRELAS E OURIÇOS. **55 Expressões Bem Portuguesas na Ponta da Língua.** Atualizado em 2026. Disponível em: https://estrelaseouricos.sapo.pt/atividade/55-expressoes-bem-portuguesas-na-ponta-da-lingua/. Acesso em: 10 set. 2024.

EVANS, V.; GREEN, M. **Cognitive Linguistics:** An Introduction. Edinburgh University Press, Edimburgo. 2006.

FARACO, C. A. **Norma Culta Brasileira:** desatando alguns nós. São Paulo, SP: Parábola Editorial, 2008.

FERNANDES, P. D.; GOMES, N. S.; COSTA, N. S. A. Expressões idiomáticas: uma herança de Portugal para o Brasil. **Revista Philologus**, ano 20, n. 60, supl. 1: Anais da IX JNLFLP. Rio de Janeiro: CiFEFiL, p. 1160-1169, 2014.

FERRARI, L. V. A lingüística cognitiva e o realismo corporificado: implicações filosóficas e psicológicas. **Veredas**, Revista de Estudos Linguísticos, Juiz de Fora, v. 5, n. 2, p. 23-29, jul.-dez. 2003.

FILLMORE, C. J.; O' CONNOR, P. K.; O'CONNOR, M. Regularity and idiomaticity in grammatical constructions. **Language 64**: p. 501-38, 1988.

FOOLEN, A. The expressive function of language: Towards a cognitive semantic approach. In NIEMEIER, S.; DIRVEN, R. (Eds.) **The language of emotions**. Amsterdam: Benjamins, 1997, p. 15-31.

FULGÊNCIO, E. **Expressões fixas e idiomatismo do português brasileiro**. Tese (Doutorado em Linguística e Língua Portuguesa) Belo Horizonte: Universidade Católica de Minas Gerais, 2008.

FURTADO DA CUNHA, M. A.; SILVA, J. R.; BISPO, E. B. O pareamento forma-função nas construções: questões teóricas e operacionais. **Revista LinguíStica** / Revista do programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Volume Especial, p. 55-67, dez de 2016. ISSN 2238-975X 1.

FURTADO DA CUNHA, M. A.; BISPO, E. B. Pra quem é bacalhau basta: da opacidade e produtividade das construções idiomáticas. **Soletras**, Rio de Janeiro, n. 37, p. 103-116, 2019.

FURTADO DA CUNHA, M. A.; CEZARIO, M. M. Conhecimento, criatividade e produtividade sob a Perspectiva da Linguística Funcional Centrada no Uso. **Alfa**, São Paulo, v. 67, 2023.

GIBBS, R. W. **Embodiment and cognitive science**. Cambridge: Cambridge University Press. 2006.

GODDARD, C.; WIERZBICKA, A. Cultural Scripts: What are they or what are they good for. **Intercultural Pragmatics**, 1-2, p. 153-166, 2004.

GOLDBERG, A. E. **A construction grammar approach to argument structure.** Chicago/ London: University of Chicago Press, 1995.

GOLDBERG, A. E. **Constructions at work:** the nature of generalization in language. Oxford: Oxford University Press, 2006.

GOLDBERG, A. E. **Explain Me This:** Creativity, Competition, and the Partial Productivity of Constructions. Princeton, NJ: Princeton University Press, 2019.

GOMES, C. M. S. **Mecanismos de atenuação e intensificação no ensino do Português Língua Estrangeira**: um estudo de caso. Porto. 2013. 108 f. Dissertação (Mestrado em Português Língua Segunda/Estrangeira). Universidade do Porto, Porto, 2013.

GUIMARÃES, E. A língua portuguesa no Brasil. **Ciência e Cultura**, São Paulo, v. 57, n. 2, p. 24-28, 2005. Disponível em: http://cienciaecultura.bvs.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0009-67252005000200015. Acesso em: 27 fev. 2024.

HASPELMATH, M. Why is grammaticalization irreversible? **Linguistics 37**, p. 1043-1068, 1999. DOI: 10.1515/ling.37.6.1043.

HELENA, A. C. Erasmusu. **100 Expressões Idiomáticas Portuguesas! #Parte1.** 2019. Disponível em: https://erasmusu.com/pt/erasmus-portugal/blogue-erasmus/100-expressoes-idiomaticas-portuguesas-parte1-496003. Acesso em: 12 mar. 2024.

HILPERT, M. Corpus-based approaches to constructional change. In: HOFFMANN, T.; TROUSDALE, G. (Ed.). **The Oxford Handbook of Construction Grammar**. New York: Oxford University Press, p. 334-346, 2013.

HILPERT, M. **Construction grammar and its application to English**. 2. ed. Edimburgo: Edinburgh University Press, 2019.

HOFFMANN, T.; TROUSDALE, G. **The Oxford Handbook of Construction Grammar**. Oxford: Oxford University Press, 2013.

HOHENHAUS, P. How to do (even more) things with nonce words (other than naming). In: MUNAT, J. (Org.). **Lexical Creativity, Texts and Contexts**. Nottingham: John Benjamins, p. 15-38, 2007.

ILARI, R. **Linguística românica**. São Paulo: Contexto, 2018.

ILARI, R.; BASSO, R. **O português da gente:** a língua que estudamos, a língua que falamos. São Paulo: Contexto. 2006.

JACKENDOFF, R. **Architectural foundations in:** Foundations of language. New York: Oxford University Press, 2002, p. 218-230.

JOHNSON, M. **The body in the mind:** The bodily basis of meaning, imagination, and reason. Chicago: University of Chicago Press. 1987.

KECSKES, I. **Intercultural Pragmatics**. Oxford, UK: Oxford University Press, 2014.

KEIZER, E. Idiomatic expressions in Functional Discourse Grammar. **De Gruyter Mouton**. Linguistics, 54 (5), p. 981-1016, 2016. DOI: 10.1515/ling-2016-0022.

KLEIBER, G. À la recherche de l'intensité. **Langue Française**, n. 177, n. 177, p. 63-76, 2013. Disponível em: https://shs.cairn.info/revue-langue-francaise-2013-1-page-63?lang=fr. Acesso em: 07 abr. 2025.

KOIKE, D. A.; RODRÍGUEZ ALFANO, L. **Dialogue in Spanish:** studies in functions and contexts. Amsterdam-Philadelphia: Benjamins, 2010.

KÖNIG, E. The comparative basis of intensification. In: NAPOLI, M. RAVETTO, M. (Org.). **Exploring intensification: synchronic, diachronic and cross-linguistic perspectives.** Amsterdam: John Benjamins, 2017, p. 15-32.

KÖVECSES, Z. **Metaphor in Culture**: Universality and Variation. Cambridge: Cambridge University Press, 2005.

LAKOFF, G. Linguistic gestalts. In: BEACH, W. A.; FOX, S. E.; PHILOSOPH, S. (Eds.). **Papers from the Thirteenth Regional Meeting of the Chicago Linguistics Society**. Chicago: Chicago Linguistic Society, 1977, p. 236–287.

LAKOFF, G. **Women, fire, and dangerous things**: what categories reveal about the mind. Chicago: The University of Chicago Press, 1986.

LAKOFF, G.; JOHNSON, M. **Metaphors We Live By**. Chicago: The University of Chicago Press, 1980.

LAKOFF, G.; JOHNSON, M. **Philosophy in the flesh: The embodied mind and its challenge to western thought**. New York: Basic Books, 1999.

LANGACKER, R. **Foundations of cognitive grammar**. Stanford: Stanford University Press; 1987.

LANGACKER, R. W. **Cognitive Grammar:** A Basic Introduction. Oxford: Oxford University Press. 2008.

LANGLOTZ, A. **Idiomatic Creativity**: A Cognitive-Linguistic Model of Idiom-Representation and Idiom-Variation in English. Amsterdam; Philadelphia: John Benjamins, 2006.

LOPES, C. A. G. **A intensificação no português**: o intensificador e sua expressão. 1992. 155 f. Dissertação (Mestrado) – Universidade de São Paulo, São Paulo, (Departamento de Ciências Humanas, campus IV), Jacobina, 1992.

MACEDO, L.; MARTINS, M. L.; CABECINHAS, R. Blogando a Lusofonia: Experiências em três países de língua oficial portuguesa. **Anuário Internacional de Comunicação Lusófona**. LUSOCOM. p. 121-141, 2011.

MADEIRA, A. I. Sons, sentidos e silêncios da lusofonia: Uma reflexão sobre os espaços-tempos da língua portuguesa. **Cadernos Prestige** 18, Lisboa: Educa, 2003.

MARCUSCHI, L. A. Do código para a cognição: o processo referencial como atividade criativa. **Veredas**, Revista de Estudos Linguísticos, Juiz de Fora, v. 6, n. 1, p. 43-62, 2002.

MARTINS, V. P. S. **Estratégias de compreensão de expressões idiomáticas por não nativos do português brasileiro**. 2013. 412 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2013.

MATTOS E SILVA, R. V. **Ensaios para uma sócio-história do português brasileiro.** São Paulo: Parábola, 2004.

MCGAUGH, J. The Amygdala Modulates the Consolidation of Memories of Emotionally Arousing Experiences. **Annual Review of Neuroscience**, v. 27, p. 1-28, 2004.

MILADINOVIĆ, N. Formal characteristics of the constructional idiom such as a brute of a man in English. In: SZCZYRBAK, M. M.; MAZUR, Z. (Org.). **New Perspectives in English and American Studies**. v. 2: Language. Kraków: Jagiellonian University Press, 2022, p. 129-149.

MIRANDA, N. S. R. *et al***. Construções superlativas no português do Brasil – uma abordagem sociocognitiva**. UFJF. 2008.

MORAVCSIK, E. Some cross-linguistic generalizations about intensifier constructions. In: PERANTEAU, P; LEVI, J; PHARES, G. (Org.). **Papers from the 8th regional meeting of the Chicago Linguistic Society**. Chicago: Chicago Linguistic Society, p. 271-277, 1972.

MORATO, E. M.; KOCH, I. V. Linguagem e cognição: os (des)encontros entre a lingüística e as ciências cognitivas. **Caderno Estudos Linguísticos**, Campinas, v. 44, p. 85-92, jan.-jun. 2003.

MOTA, N. A.; VIEIRA, M. S. M. A construção de intensificação com lexemas de cor no português brasileiro. **Revista Linguística**, v. 16, p. 50-68, 2020.

NAPOLI, M.; RAVETTO, M. **Exploring Intensification**: Synchronic, Diachronic and Cross-linguistic Perspectives. Amsterdam; Philadelphia: John Benjamins, 2017.

NEVES, M. H. M. **A gramática funcional.** São Paulo: Martins Fontes, 1997.

NEVES, F. Norma Culta. **109 exemplos de expressões idiomáticas Brasileiras**. Disponível em: https://www.normaculta.com.br/expressoes-idiomaticas/. Acesso em: 12 mar. 2024.

NUNBERG, G.; IVAN, A. S.; THOMAS, W. Idioms. **Language**, n. 70, v. 3, p. 491–538, 1994.

OLIVEIRA, D. L; ALONSO, K. S. B. Mudança linguística em perspectiva construcionista: notas acerca da Gramática de Construções Diacrônica Baseada no Uso. **Revista Linguística** v. 18, n. 2, p. 5-13, 2022. Disponível em: https://doi.org/10.31513/linguistica.2022.v18n2a59857.

OBSERVATÓRIO DA LÍNGUA PORTUGUESA. **Lista de expressões idiomáticas**. 2016. Disponível em: https://observalinguaportuguesa.org/lista-de-expressoes-idiomaticas/. Acesso em 10 mar. 2024.

ORLANDI, E. P. **Análise de discurso: princípios e procedimentos**. 5. ed. Campinas: Pontes, 2005.

ORLANDI, E. P. A língua brasileira. **Ciência e Cultura**. Vol. 57. Nº 2. São Paulo. p. 29-30, abr./jun. 2005. Disponível em: http://cienciaecultura.bvs.br/pdf/cic/v57n2/a16v57n2.pdf. Acesso em: 27 fev. 2024.

ORTÍZ ALVAREZ, M. L. **Expressões idiomáticas do português do Brasil e do espanhol de Cuba**: estudo contrastivo e implicações para o ensino do português como língua estrangeira. 2000. 334 f. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2000.
PARADIS, M. On the neurolinguistic representation and processing of bilingualism. **Journal of Neurolinguistics**, v. 21, p. 199-230, 2008.

PASTORE, P. C. F. **A simbologia dos animais em expressões idiomáticas inglês-português**: uma proposta lexicográfica. 2009. 233f. Tese. (Doutorado em Estudos Linguísticos) – Universidade Estadual Paulista "Julio de Mesquita Filho", 2009.

PUGLIESE, R. Meccanismi di intensità in un dialogo tra operai italiani e bengalesi. In: **Fenomeni di intensità nell'italiano parlato**. Firenze*:* Franco Cesati Editore*.* 2009, p. 255-273.

QUINTILIANO**. Institutio Oratoria**. Trad. Harold Edgeworth Butler. Cambridge, MA: Harvard University Press; London: William Heinemann Ltd., 1922.

RIVA, H. C. **Proposta de dicionário onomasiológico de expressões idiomáticas**. São José do Rio Preto: 2004. 187f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos: Análise Linguística) – Instituto de Biociência, Letras e Ciências Exatas – Universidade Estadual Paulista. São José do Rio Preto.

RODRIGUES, E. C. A. **Variação e evolução**: o caso do português europeu e do português brasileiro. Porto, 2012. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade do Porto. Porto.

ROELS, L. **La intensificación en el lenguaje juvenil madrileño**: análisis multifactorial de algunos recursos morfológicos y léxicos. Gent, 2016. 106 f. Dissertação (Mestrado em Língua e Literatura) – Universidade de Gent. Gent, 2016. Disponível em: <https://libstore.ugent.be/fulltxt/RUG01/002/271/937/RUG01-002271937_2016_0001_AC.pdf> Acesso em: 30 mar. 2025.

ROELS, L.; ENGHELS, R. Age-based variation and patterns of recent language change: A case-study of morphological and lexical intensifiers in Spanish. **Journal of Pragmatics,** v. 170, p. 125-38, 2020. DOI: https://doi.org/10.1016/j.pragma.2020.08.017.

ROELS, L. **La intensificación en el español coloquial del siglo XXI**: variación sincrónica, cambio microdiacrónico e identidad sociolingüística. Gent, 2024. 374 f. Tese (Doutorado em Linguística) - Universidade de Gent. Gent, 2024.

ROMERO, C. Pour une définition générale de l'intensité dans le langage. **Travaux de Linguistic**. p. 57-68. 2007. Disponível em: https://shs.cairn.info/revue-travaux-de-linguistique-2007-1-page-57?lang=fr. Acesso em: 25 mar. 2025.

RONCOLATTO, E. **Estudo contrastivo das expressões idiomáticas do português e do espanhol**. Assis, 1996. Dissertação (Mestrado em Letras: Filologia e Linguística Portuguesa) – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista.

RONCOLATTO, E. A formação de imagens mentais e metáforas em uma análise das expressões idiomáticas do português e do espanhol. **Revista Hispanista.** 2001. Disponível em: http://www.hispanista.com.br/revista/eliane_%20imagens.pdf. Acesso em: 10 mai. 2025.

ROSA, F. S. L.; OLIVEIRA, M. R. Competição interna na hierarquia construcional: um estudo do princípio da não sinonímia. **Revista Linguística**, Rio de Janeiro, v. 16, n. 2, p. 22-49, 2020.

SAUSSURE, F. **Curso de linguística geral.** 27. ed. Tradução de Antônio Chelini, José Paulo Paes e Izidoro Blikstein. São Paulo: Cultrix, 2006.

SCALDELAI, A. L. **Os subesquemas intensificadores [morto de [X]], [podre de [X]] e [[X] pra caramba] no português sob a perspectiva construcional**. 2020. 124 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Universidade Estadual Paulista. Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas. São José do Rio Preto, 2020.

SCALDELAI SALLES, A. L.; SOUZA, E. R. F. Um estudo construcional da microconstrução intensificadora "[[X] pra caramba]" no português brasileiro. **Revista Filologia e Linguística Portuguesa**. São Paulo, v. 22, n.1, 2020.

SILONI, T. Adjectival constructs and inalienable constructions. In: OUHALLA, J.; SHLONSKY, U. (Eds.). **Themes in Arabic and Hebrew Syntax**. Kluwer, Dordrecht, 2002, p. 161-187.

SILVA, J. R. Aspectos semântico-cognitivos da intensificação. **Revista Gragoatá**, Niterói, n. 21, p. 201-218, 2º sem., 2006.

SILVA, J. R. **Motivações semântico-cognitivas e discursivo-pragmáticas nos processos de intensificação**. Natal, 2008. 308f. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal.

SILVA, J. R. Intensificação do verbo e mudança construcional. **Soletras Revista**, Rio de Janeiro, n. 37, p. 224-245, 1º sem 2019. DOI: https://doi.org/10.12957/soletras.2019.37914. Disponível em: https://www.e-publicacoes.uerj.br/soletras/article/view/37914. Acesso em 20 mar 2025.

SOUZA, E. R. F. de; BARBOSA, L. de A. A microconstrução intensificadora [com força] no Português Brasileiro: uma análise em perspectiva construcional. **Revista do GEL**, v. 19, n. 3, p. 28-57, 2022. DOI: https://doi.org/10.21165/gel.v19i3.3448. Disponível em: https://revistas.gel.org.br/rg/article/view/3448/2157. Acesso em 10 fev. 2025.

SPERBER, D.; WILSON, D. **Relevance:** Communication and Cognition. Oxford: Blackwell, 1986.

SWEETSER, E. **From Etymology to Pragmatics:** Metaphorical and Cultural Aspects of Semantic Structure. Cambridge University Press, Cambridge. 1990.

TANNEN, D. **Conversational Style: Analyzing Talk Among Friends.** Norwood, N.J.: Ablex Publishing Corporation, 1984.

TEYSSIER, P. **História da língua portuguesa**. São Paulo: Martins Fontes, 1982.

TRAUGOTT, E. C.; TROUSDALE, G. **Construcionalização e mudanças construcionais**. Trad. Taísa Peres de Oliveira e Maria Angélica Furtado da Cunha. Rio de Janeiro: Vozes, 2021 [2013].

TRAUGOTT, E. C.; DASHER, R. B. **Regularity in Semantic Change**. Cambridge Studies in Linguistics. Cambridge University Press; 2001.
TRISTÁ PÉREZ, M. A. **Fraseología y contexto.** La Habana: Editorial de Ciencias Sociales, 1988.

VALE, O. A. **Expressões cristalizadas do Português do Brasil**: uma proposta de tipologia. Tese. (Doutorado em Letras: Linguística e Língua Portuguesa). Araraquara: UNESP, 2001.

VALENTIN, H. T.; GONÇALVES, M. A intensificação em português europeu - algumas configurações linguísticas em comentários em linha. **Estudios Románicos,** Murcia, v. 30, p. 103-120, 2021. DOI: https://doi.org/10.6018/ER.471941. Disponível em: https://revistas.um.es/estudiosromanicos/article/view/471941/308461. Acesso em: 08 abr. 2025.

VERMEER, H. J. **A skopos theory of translation (some arguments for and against)**. Heidelberg: TEXTconTEXT, 1996.

VILELA, M. **Ter metáforas à flor da pele (ou outra forma de "ter nervos")**. Universidade do Porto, FLUP, 2003. Disponível em: http://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/7316.pdf. Acesso em: 30 jul. 2025

VUJIĆ, J.; MILADINOVIĆ, N. Genitive Constructions as Constructional Idioms in English. **Belgrade English Language and Literature Studies,** Belgrade, v. 8, p. 69-89, 2016.

WIERZBICKA, A. **Semantics, culture, and cognition:** universal human concepts in culturespecific configurations. New York: Oxford University Press, 1992.

WIERZBICKA, A. **Understanding cultures through their key words: English, Russian, Polish, German, and Japanese**. Oxford: Oxford University Press, 1997.

XATARA, C. M. **A tradução para o português de expressões idiomáticas em francês**. Araraquara: 1998a. 253f. Tese (Doutorado em Linguística e Língua Portuguesa) – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, Araraquara, 1998a.

XATARA, C. M. Tipologia das expressões idiomáticas. **Alfa**, São Paulo. v. 42, p. 169-176, 1998b.

XATARA, C. M.; SOUZA, V. C.; MORAES, A. D. A aquisição do vocabulário básico e a competência lexical. **Caderno Seminal Digital**, ano 14, nº 10, v. 10, p. 19-28, jul./dez. 2008. Disponível em: file:///C:/Users/anasc/Downloads/cadernoseminal,+4.pdf. Acesso em: 20 jun. 2024.

XATARA, C. M.; SECO, M. Culturemas em contraste: idiomatismos do português brasileiro e europeu. **Domínios de Lingu@gem**, Uberlândia, v. 8, n. 1, p. 502-519, 2014. DOI:

10.14393/DL15-v8n1a2014-29. Disponível em: https://seer.ufu.br/index.php/dominiosdelinguagem/article/view/24847. Acesso em: 10 jul. 2024.

ZULUAGA, A. O. **Introducción al estudio de las expresiones fijas.** Frankfurt: Peter D. Lang, 1980.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

BAZILE, C. A.; MORIN, C. Constructional Change. In: XU. W; SINHA, C. (Org.). **The Cambridge Encyclopedia of Cognitive Linguistics**. Cambridge: Cambridge University Press, 2025.

BRIZ GÓMES, A. Los intensificadores en la conversación coloquial. In: BRIZ GÓMES, A.; GÓMES MOLINA, J. R.; ALCALDE MARTÍNEZ, M. J.; Grupo VAL.ES.CO (Org.). **Pragmática y gramática del español hablado: Actas del II Simposio sobre Análisis del Discurso Oral**. Zaragoza: Pórtico, p. 13-36, 1996.

BRIZ GÓMES, A. Una propuesta funcional para el análisis de la estrategia pragmática intensificadora en la conversación coloquial. In: ALBELDA MARCO, M.; MIHATSCH, W. (Org.). **Atenuación e intensificación en géneros discursivos**. Madrid: Iberoamericana/Vervuert, p. 43-67, 2017.

CAMPOS, J. L.; CAZARIO, M. M; ALONSO, K. S. B. Formação da construção Xmente. **DELTA**: Documentação de Estudos em Linguística Teórica e Aplicada, São Paulo, v. 33, p. 133-158, 2017.

DURANTI, A. **Linguistic anthropology**. Cambridge University Press, 1997.

FARACO, C. A. Lusofonia: utopia ou quimera? Língua, história e política. In: LOBO, T. *et al*. **Rosae: linguística histórica, história das línguas e outras histórias**. Salvador: EDUFBA, 2012, p. 31-50.

GOLDBERG, A. **Constructions:** A new theoretical approach to language. Trends in Cognitive Sciences, 2003.

LOBO, T.; LUCCHESI, D. Aspectos da sintaxe do português brasileiro. In: FARIA, I. H *et al*. (Orgs.). **Introdução à linguística geral e portuguesa**. Lisboa: Caminho, 1996.

LUCCHESI, D. As duas grandes vertentes da história sociolinguística do Brasil. **DELTA**, São Paulo, v.17, n.1, p.97-130, 2001.

LUCCHESI, D. Século XVIII, o século da lusofonização do Brasil. In: THIELEMANN, Werner (ed.). **Século das luzes: Portugal e Espanha, o Brasil e a Região do Rio da Prata**. Frankfurt: TFM, 2006, p. 351-370.

LUCCHESI, D. História do Contato entre Línguas no Brasil. In: LUCCHESI; Dante; BAXTER, Alan; RIBEIRO, Ilza (Orgs.). **O Português Afro-Brasileiro**. Salvador: Edufba, 2009, p. 41-73.

MATA, I. **Lusofonia e história: aferições de pertença luso-afónicas**. Revista de Estudos Literários, 2015, p. 105-127.

PAGOTTO, E. G. Variedades do Português no Mundo e no Brasil. **Ciência e Cultura**: São Paulo, v. 57, n 2. p. 31-34, 2005. Disponível em: http://cienciaecultura.bvs.br/pdf/cic/v57n2/a17v57n2.pdf. Acesso em: 27 fev. 2024.

SILVA, R. V. M. **Ensaios para uma sócio-história do português brasileiro**. São Paulo: Parábola, 2004.

TARALLO, F. Sobre a alegada origem crioula do português brasileiro: mudanças sintáticas aleatórias & Diagnosticando uma gramática brasileira: o português d'aquém e d'além-mar no final do século XIX, in: KATO, M. A. e ROBERTS, I. **Português brasileiro: uma viagem diacrônica**. Campinas: Editora da UNICAMP, 1996.

APÊNDICE I

Este apêndice reúne as EIs analisadas que, para evitar a excessiva extensão do *Capítulo 7*, não foram apresentadas ao longo do texto principal. Sua leitura e verificação podem ser realizadas aqui, de forma complementar à discussão desenvolvida nesse capítulo.

1. SUBESQUEMAS INTENSIFICADORES INICIADOS POR PREPOSIÇÃO

1.1 Subesquema [até (PREP) DET(s) $N_{\text{parte do corpo}}$(s) (MOD(s))]

- Até a medula

O subesquema [até (PREP) DET(s) $N_{\text{parte do corpo}}$ (MOD)(s)] também instancia uma EI que veicula um alto grau de intensidade por meio da ativação de um ponto-limite no corpo humano: a medula óssea. Localizada no interior dos ossos, ela é responsável pela produção das células sanguíneas e é concebida, no imaginário corporal, como uma das partes mais importantes e inacessíveis do organismo. Ao se afirmar que alguém está "arrependido até a medula", como em (1), constrói-se uma metáfora conceptual do tipo INTENSIDADE É PROFUNDIDADE, em que emoções extremas são figuradas como penetrando até os lugares mais internos do corpo humano (Lakoff e Johnson, 1980; Johnson, 1987).

No exemplo (1), o falante recorre à expressão para enfatizar não apenas a intensidade do sentimento, mas sua abrangência existencial, isto é, o seu arrependimento perante uma dada situação não é superficial, mas estrutural, atingindo sua identidade e constituição:

1 E que olhar. Entre desejoso e apavorado, ficava eu na dúvida entre atacá-la e correr o risco das chamas do inferno, ou conter-me e sobreviver. Claro que sobrevivi. Arrependido **até a medula**, mas sobrevivi. (8 B PT santospassos.blogspot.com)

Em termos formais, a construção apresenta esquematicidade parcial, pois o *slot* [MOD] admite algumas variações, como *até a medula dos ossos*, *até a medula óssea*/*da alma*/*do nada*, ou ainda a sua ausência, *até a medula*, enquanto os demais elementos permanecem fixos, sem possibilidade de substituição ou de inserção de novos elementos em seu interior, dado que tais operações comprometem a integridade da construção e, por isso, não são gramaticalmente aceitas. O substantivo *medula* é invariável, ocorrendo sempre no singular, o que reforça a rigidez estrutural da expressão. Quanto à composicionalidade, ela é limitada, já que o significado da expressão não pode ser inteiramente deduzido a partir da soma literal dos seus componentes, conferindo-lhe uma opacidade semântica parcial. Dessa forma, a construção combina certa flexibilidade em um *slot* específico com fixidez nos demais elementos, mantendo seu valor idiomático e intensificador.

Os dados de frequência de uso da EI, Tabela 1, mostram uma predominância significativa das microconstruções instanciadas pelo subesquema construcional [até a medula (MOD)(s)] no PB, em comparação com o PE.

Tabela 1 – Frequências de uso da EI *até a medula* por variedade do português

Construção	*F. absoluta (PB)*	*F. relativa (PB)*	*F. absoluta (PE)*	*F. relativa (PE)*
Até a medula	**95**	0,144	**10**	0,030
Até a medula dos ossos	8	0,012	2	0,006
Até a medula óssea	2	0,003	0	0,000
Até a medula da alma	1	0,001	0	0,000
Até a medula do nada	1	0,001	0	0,000
Total	**107**	**0,161**	**12**	**0,036**

Fonte: Elaboração própria (2025).

No PB, foram registradas 107 ocorrências (0,161); em contrapartida, no PE, observam-se apenas 12 (0,036). A forma mais recorrente em ambas as variedades é *até a medula*, sem modificador explícito, correspondendo a 95 ocorrências no PB (0,144) e 10 no PE (0,030), o que confirma o caráter altamente cristalizado e convencionalizado da expressão. Outras variantes morfologicamente mais marcadas, como *até a medula dos ossos*, são bem menos frequentes e tendem a se concentrar na variedade brasileira, sugerindo uma maior produtividade expressiva e uma tendência à intensificação retórica no PB. Esses dados reforçam a hipótese de

que o PB apresenta maior flexibilidade na exploração de EIs com base corporal, especialmente aquelas que envolvem metáforas de profundidade extrema associadas à intensidade emocional.

1.2 Subesquema [PREP $N_{\text{parte do corpo}}$ MOD]

- De olhos fechados

De olhos fechados funciona como uma metáfora que associa a ausência da visão a um grau elevado de confiança ou de entrega. Transmite a ideia de que alguém executa uma ação com tamanha segurança que não precisa sequer olhar para realizá-la, evocando prática, destreza e confiança absoluta. Em outros contextos, porém, a mesma expressão pode assumir um valor negativo, indicando submissão ou aceitação cega, quando alguém segue ou acredita sem refletir ou questionar. Desse modo, a expressão revela uma amplitude semântica que vai da habilidade extrema à passividade, dependendo do contexto em que é empregada.

2 E eu, que provavelmente tenho uma vida mais digna que a sua, só por não acreditar no seu deus também vou para o inferno? Ora, se isso fosse verdade, eu até preferia estar no inferno do que junto a um deus que leva a cabo decisões e políticas tão estúpidas. E quem é que quer estar associado a um deus que só quer seguidores **de olhos fechados** e que não conseguem pensar por eles próprios? (587 B PT ricardojorge.net)

3 Teu texto é muito mais técnico, com bases científicas, muito mais humano e esclarecedor. Eu publicaria o teu texto no lugar dessa matéria **de olhos fechados**, sem sombra de dúvidas. (99 G BR cientistaqueviroumae.com.br)

Nos exemplos citados, percebe-se claramente essa polissemia. No primeiro caso (2), *seguidores de olhos fechados* refere-se a pessoas que aceitam algo de forma acrítica, sem questionar – aqui, a metáfora aponta para a passividade e a submissão diante da autoridade religiosa. Já no segundo caso (3), *publicaria o teu texto [...] de olhos fechados* assume valor positivo: indica confiança plena na qualidade do texto, a ponto de dispensar qualquer verificação prévia. Assim, a mesma construção revela dois usos contrastantes, sendo um marcado pela ausência de senso crítico e outro pela segurança extrema na execução de uma ação.

Essa variação de sentidos assenta-se numa metáfora conceptual que relaciona a visão ao controle, à vigilância e ao raciocínio consciente, enquanto a ausência dela (fechar os olhos) simboliza entrega, confiança ou falta de reflexão. De acordo com Lakoff e Johnson

(1980), temos o esquema: CONHECER / PERCEBER É VER, em que enxergar corresponde a compreender ou tomar consciência. Por oposição, NÃO CONHECER / PERCEBER, ou seja, agir "de olhos fechados" pode significar alienação ou submissão. Contudo, a expressão também pode adquirir uma variação positiva: se a visão normalmente é condição de segurança, conseguir realizar algo *de olhos fechados* sugere tamanha familiaridade ou competência que a vigilância se torna desnecessária. Nesse caso, ocorre o mapeamento metafórico de SEGURANÇA / DOMÍNIO É NÃO PRECISAR VER.

Portanto, a metáfora conceptual subjacente é ambivalente: por um lado, "fechar os olhos" remete à ausência de julgamento ou pensamento crítico; por outro, indica autoconfiança e domínio da ação. Essa dualidade decorre justamente da centralidade da visão na experiência humana: privar-se dela pode simbolizar tanto vulnerabilidade e alienação quanto maestria absoluta sobre determinada prática.

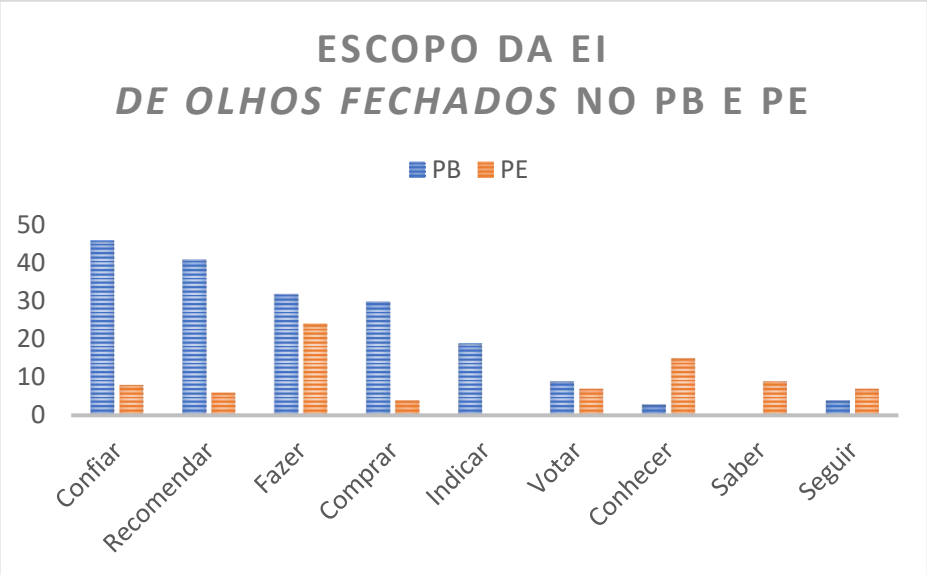
A esquematicidade da construção é parcial, pois, apesar de uma estrutura relativamente rígida, há possibilidade de variação restrita entre as preposições *de* e *com*. Embora exista a forma no singular (*de olho fechado*), ela não é rotineira nem tão cristalizada quanto a flexão no plural (*de olhos fechados*), que constitui o padrão consagrado. A construção não admite substituição de seus elementos constitutivos nem a inserção de modificadores em seu interior; contudo, é possível encontrar ocorrências precedidas de advérbios intensificadores, como em *quase de olhos fechados* ou *praticamente de olhos fechados*, sem que isso comprometa sua integridade formal.

Do ponto de vista da composicionalidade, a expressão apresenta composicionalidade parcial, pois, apesar de o significado global ultrapassar a soma literal dos constituintes, mantém relação com o sentido original de "fechar os olhos". Literalmente, o gesto remete ao ato de impedir a visão; metaforicamente, passa a evocar ideias de confiança, destreza ou mesmo de submissão, dependendo do contexto. Nesse sentido, a transparência semântica é alta, já que o falante consegue inferir com facilidade o vínculo metafórico entre "agir sem ver" e os valores de confiança ou entrega. Assim, o significado idiomático é acessível, sustentado por uma motivação imagética clara que conecta o domínio-físico da visão ao domínio-abstrato do controle, da segurança e da confiança.

O escopo da expressão revela diferenças interessantes entre o PB e o PE. No PB, a construção associa-se prioritariamente ao verbo *confiar* (46 ocorrências), evidenciando seu uso frequente em contextos que denotam segurança e credibilidade. Em seguida, aparecem os verbos *recomendar* (41), *fazer* (32), *comprar* (30), *indicar* (19) e *votar* (9) todos relacionados a práticas de escolha, decisão ou ação em que se pressupõe confiança plena. Já no PE,

observam-se maiores frequências com os verbos *fazer* (24), *conhecer* (15), *saber* (9), *confiar* (8) e *seguir* e *votar* (7). A presença de *votar* em ambas as variedades indica que a expressão também se aplica a decisões coletivas ou civicamente significativas, em que o sujeito deposita confiança ou atua com segurança em sua escolha. Nota-se, portanto, que no PE o uso tende a enfatizar a ideia de execução ou domínio de uma prática, enquanto no PB predomina a noção de confiança e credibilidade associada à ação, incluindo o ato de decidir em contextos de participação social.

Gráfico 1 – Escopo da EI *de olhos fechados* por variedade do português



Fonte: Elaboração própria (2025).

Essa diferença pode ser explicada pelo contexto sociocultural e pragmático em que a expressão é utilizada em cada variedade. Na variedade brasileira, a predominância do verbo *confiar* indica que *de olhos fechados* é frequentemente mobilizada para enfatizar segurança e credibilidade, reforçando relações interpessoais, afetivas ou de confiança em instituições e pessoas. Por sua vez, na variedade europeia, a maior frequência de verbos como *fazer* e *conhecer* sugere que a construção tende a estar associada à competência, familiaridade e domínio de uma ação, isto é, à execução segura de tarefas.

Em outras palavras, enquanto no PB o foco semântico recai sobre a confiança depositada no objeto da ação, no PE ele se concentra na habilidade do sujeito em realizar a ação sem supervisão ou esforço consciente. Essa distinção mostra que a mesma EI mantém sua base metafórica – agir "sem precisar ver" –, mas é interpretada e explorada de formas diferenciadas

em cada variedade, refletindo nuances culturais e pragmáticas próprias de cada contexto linguístico.

No que se refere à análise da frequência de uso da microconstrução, os dados da Tabela 2 revelam diferenças importantes entre o PB e o PE. No PB, a forma mais produtiva é a pluralizada *de/com olhos fechados*, com 270 ocorrências (0,411), consolidando-se como a realização cristalizada da expressão. Além dela, ocorre também a variante singular *de olho fechado*, ainda que de modo menos frequente (23 ocorrências; 0,035). Essa forma, embora atestada, não apresenta a mesma regularidade de uso nem o mesmo grau de cristalização, funcionando mais como uma variante marcada, estilística ou contextualmente restrita. Em contrapartida, no PE, a expressão aparece exclusivamente na forma plural *de/com olhos fechados*, com 151 registros (0,462), sem evidência do uso singular.

Essa diferença sugere que o PB apresenta maior flexibilidade morfológica na realização da construção, admitindo tanto a forma plural, já consolidada, quanto a singular, ainda que minoritária. No PE, por outro lado, a fixidez é mais rígida, restringindo-se à forma plural, o que indica um processo de cristalização mais homogêneo. Em termos de funcionamento, em ambas as variedades a expressão preserva seu caráter idiomático e sua base metafórica, mas a variedade brasileira demonstra maior abertura à variação, possivelmente associada a contextos discursivos mais informais e à tendência de simplificação estrutural em registros orais.

Tabela 2 – Frequências de uso da EI *de olhos fechados* por variedade do português

Construção	*F. absoluta (PB)*	*F. relativa (PB)*	*F. absoluta (PE)*	*F. relativa (PE)*
Com/de olhos fechados	**270**	0,411	**151**	0,462
De olho fechado	23	0,035	0	0,000
Total	**293**	**0,446**	**151**	**0,462**

Fonte: Elaboração própria (2025).

- A olhos vistos

A EI *a olhos vistos* é empregada para indicar algo que ocorre de maneira claramente perceptível, sem necessidade de mediação ou esforço interpretativo, como um fato ou transformação que se impõe à visão de todos. Seu sentido remete à ideia de que a evidência é tão notória que pode ser “vista a olho nu”, ou seja, constatada de forma direta e incontestável. Do ponto de vista da metáfora conceptual, a construção ancora-se no mapeamento CONHECER / PERCEBER É VER (Lakoff e Johson, 1980), em que a percepção visual é tomada como via

privilegiada para o conhecimento e a certeza. Nesse enquadramento, enxergar equivale a compreender, e aquilo que "se vê" é o que não admite dúvida, reforçando o valor de transparência e evidência que caracteriza a expressão.

4 É do conhecimento geral que o tráfego global está a aumentar **a olhos vistos**. De facto, segundo os relatórios e previsões da Cisco, este aumentou por um factor de 8 nos últimos 5 anos, e vai triplicar nos próximos 5. (94 G PT img.lx.it.pt)

No exemplo (4) apresentado, a expressão é utilizada para enfatizar que o aumento do tráfego global é tão evidente e acelerado que pode ser percebido de maneira direta, quase como se fosse visível aos próprios olhos, sem a necessidade de dados técnicos para comprovação. Embora o texto mencione relatórios e previsões da Cisco, o uso da construção reforça que o crescimento é notório e incontestável, de modo que qualquer observador atento consegue constatar essa expansão. Assim, a expressão intensifica a ideia de um fenômeno claramente observável e inegável, aproximando o domínio da informação (estatísticas de tráfego) da experiência sensorial da visão, em consonância com a metáfora conceptual.

A olhos vistos se configura como um *chunk* fechado, cujo formato não permite alterações nos seus componentes. Não se admite a substituição dos elementos constituintes – por exemplo, não se pode trocar *olhos* por outro substantivo ou *vistos* por outro vocábulo sem que a expressão perca seu sentido idiomático. Além disso, não aceita modificadores internos, como adjetivos ou advérbios que alterem *olhos* ou *vistos*, nem se flexiona no singular, permanecendo sempre na forma plural *a olhos vistos*, independentemente do contexto.

Em relação à composicionalidade e transparência semântica, a expressão possui um grau de opacidade relativo. Literalmente, sugere algo que ocorre "sob a observação dos olhos", o que ajuda a inferir que se trata de algo que é claramente visível. No entanto, seu sentido idiomático de indicar que algo acontece de forma rápida ou evidente não pode ser completamente derivado da soma dos significados literais das palavras, denotando certa parcialidade composicional típica das EIs. Assim, embora parte do sentido seja intuitivamente acessível, a expressão carrega um valor idiomático cuja interpretação adequada depende do conhecimento cultural e linguístico do falante, uma vez que seu significado é construído socioculturalmente (Furtado da Cunha e Bispo, 2019).

Quanto à análise da frequência da EI no PB, vide Tabela 3, há um registro de 305 vezes, correspondendo a uma frequência relativa de 0,465, enquanto no PE registra 480 ocorrências, com frequência relativa de 1,469. Esses números mostram que a expressão é consideravelmente mais frequente em território europeu, tanto em termos absolutos quanto

relativos. Essa diferença pode ser explicada por fatores culturais e textuais, como o maior uso de textos de registro informal ou narrativo em PE, ou ainda por diferenças na preferência lexical entre as variedades. A constância da expressão em PE sugere que ela está mais consolidada ou mais recorrente em contextos escritos europeus, enquanto no PB seu uso é relativamente menor, embora também significativo.

Tabela 3 – Frequências de uso da EI *a olhos vistos* por variedade do português

Construção	*F. absoluta (PB)*	*F. relativa (PB)*	*F. absoluta (PE)*	*F. relativa (PE)*
A olhos vistos	**305**	0,465	**480**	1,469
Total	**305**	**0,465**	**480**	**1,469**

Fonte: Elaboração própria (2025).

1.3 Subesquema [PREP DET $N_{\text{parte do corpo}}$ MOD]

- Com a língua de fora

A EI *com a língua de fora* é utilizada para indicar cansaço extremo ou exaustão, geralmente decorrente de esforço físico intenso. A imagem rememora a alguém ofegante, com a língua para fora, de forma análoga ao comportamento dos cães após correr, sugerindo a perda momentânea de controle sobre o corpo diante da fadiga. Trata-se de uma metáfora eminentemente visual, em que o detalhe corporal da "língua de fora" funciona como sinal expressivo do esgotamento, traduzindo concretamente uma sensação abstrata de desgaste físico.

Consequentemente, a metáfora conceptual subjacente pode ser descrita como EMOÇÃO / SENSAÇÃO INTENSA É MOVIMENTO CORPORAL (Lakoff e Johnson, 1980), em que o estado interno de cansaço é projetado em um indicador externo do corpo. Nesse caso, a língua para fora atua como sinal perceptível do esforço extremo, tornando o esgotamento imediatamente reconhecível para os interlocutores. A expressão intensifica a percepção do cansaço ao transformar um fenômeno fisiológico em representação visual expressiva, aproximando a experiência corporal da comunicação figurada, como exemplificado a seguir:

5 Como a igreja está localizada bem no alto, tive de subir muitas escadarias e confesso que cheguei a ficar **com a língua de fora**, não porque seja super cansativo, mas é porque ando, ou melhor, andava meio sedentária. E para quem está fora de forma física qualquer esforço além do normal já é um sacrifício e tanto. (15 B BR diariodeumateimosa.com)

No caso do exemplo (5), *cheguei a ficar com a língua de fora* descreve o efeito do esforço de subir diversas escadarias, indicando que a narradora atingiu um nível de cansaço intenso e perceptível. A EI personifica o corpo em sua reação fisiológica, transformando a fadiga interna em sinal externo facilmente interpretável pelo leitor. Além disso, a construção intensifica a sensação de cansaço, reforçando tanto a vivência subjetiva da narradora quanto o caráter dramático e levemente humorístico da situação, típico do uso cotidiano da expressão.

Vale destacar que a expressão *com a língua de fora*, embora seja mais comumente utilizada para indicar cansaço físico extremo ou exaustão, também pode ser empregada de maneira metafórica para sinalizar esforço financeiro ou gasto excessivo. Um exemplo disso ocorre no exemplo (6) abaixo, em que a carteira é personificada como se estivesse "exausta" devido ao consumo intenso. Nesse uso, a construção mantém seu caráter expressivo e intensificador, transferindo o conceito de esforço corporal para o esforço econômico, embora essa interpretação seja menos recorrente que a associação com fadiga física.

6 1º dia. Sendo o primeiro dia na cidade, com a diferença de horários e o cansaço da viagem, não vamos ser muito ambiciosos, por isso vamos aproveitar para passear por Times Square, explorar as lojas, deixar a carteira **com a língua de fora**, jantar no Hard Rock Café para celebrar 6 aninhos de casados e depois, se as energias o permitirem subir ao topo mais alto de New York para terminar a noite em grande. (160 B PT viciadaemviagens.blogspot.com)

Nesse sentido, a EI apresenta composicionalidade e opacidade semântica parciais, uma vez que o sentido idiomático de exaustão física, esforço excessivo ou, em usos menos frequentes, de gasto financeiro, não se depreende diretamente da soma literal de seus constituintes. A interpretação figurada decorre de um processo metafórico convencionalizado, em que a imagem corporal da língua projetada para fora é associada a estados de desgaste ou de excesso, exigindo conhecimento prévio da expressão para sua correta compreensão.

Do ponto de vista da esquematicidade, a construção pode ser classificada como parcialmente aberta, pois apresenta tanto *slots* abertos quanto fechados. O *slot* [PREP] é aberto, podendo ser preenchido por *com, de* ou até mesmo omisso, mantendo apenas o artigo definido (*a língua de fora*). Os demais elementos da expressão são fixos e não admitem substituição por itens de sentido semelhante (**língua exposta*, **boca de fora*, por exemplo, não são aceitáveis). Da mesma forma, não há possibilidade de inserção de modificadores no interior da construção (**língua muito de fora* ou **língua cansada* de fora soam agramaticais). Além disso, a expressão não aceita flexão no plural, o que reforça seu caráter cristalizado. Trata-se, portanto, de uma EI convencionalizada, cuja relativa flexibilidade se limita apenas à variação da preposição inicial.

A análise da frequência mostra que a EI apresenta 27 ocorrências no PB (0,041) e 34 no PE (0,104), vide Tabela 4.

Tabela 4 – Frequências de uso da EI *com a língua de fora* por variedade do português

Construção	*F. absoluta (PB)*	*F. relativa (PB)*	*F. absoluta (PE)*	*F. relativa (PE)*
Com a língua de fora	**27**	0,041	**34**	0,104
Total	**27**	**0,041**	**34**	**0,104**

Fonte: Elaboração própria (2025).

Embora esteja atestada em ambas as variedades, percebe-se que sua vitalidade é maior no PE, tanto em termos absolutos quanto relativos, o que aponta para uma circulação mais ampla dessa construção na variedade lusitana. No PB, apesar de presente, a frequência é menor e possivelmente concorre com outras expressões de uso mais corrente para denotar cansaço extremo, como *morto de cansado* (Scaldelai, 2020), *acabado*, *exausto* ou ainda *arrebentado*.

Essas alternativas, de caráter mais lexicalizado e menos metafórico, parecem ocupar o espaço semântico que, no PE, é preenchido com maior intensidade pela expressão *com a língua de fora*. Assim, a diferença de frequência pode ser explicada não apenas por fatores de preferência idiomática entre as variedades, mas também pelo fato de que o PB dispõe de outro repertório expressivo para transmitir a ideia de esgotamento físico (Biderman, 1996).

- Com os nervos à flor da pele

A EI *com os nervos à flor da pele* é empregada para designar um estado de extrema sensibilidade emocional, no qual o indivíduo se mostra irritadiço, tenso ou propenso a reações exacerbadas diante de situações do cotidiano. A imagem evoca a ideia de que os nervos, normalmente protegidos pela pele, estariam expostos, tornando-se vulneráveis a qualquer toque ou estímulo, por mais insignificante que fosse. Essa representação metafórica transmite a noção de fragilidade e de falta de controle, funcionando como recurso expressivo para caracterizar momentos de estresse, tensão psicológica ou predisposição a explosões emocionais.

7 Começou a rolar na internet um “print screen” de um atendimento feito por uma loja ao responder a reclamação de uma cliente por não entregarem sua compra. Veja que peça digna de nota: Se você se colocou no papel da cliente enquanto lia isso já deve estar **com os nervos a flor da pele** só de imaginar a possibilidade de receber uma resposta dessas. (10 B BR exame.abril.com.br)

No exemplo (7), a expressão intensifica a reação emocional que o leitor pode experimentar ao se imaginar no lugar da cliente diante da resposta desrespeitosa da loja. O uso sugere um estado de irritação imediata e intensa, em que a pessoa se sente ofendida e abalada, como se qualquer estímulo fosse suficiente para desencadear uma reação explosiva.

Nesse caso, a metáfora conceptual subjacente pode ser formulada como SENSIBILIDADE / IRRITAÇÃO É EXPOSIÇÃO FÍSICA (Lakoff e Johnson, 1980), na qual o estado emocional é representado pela imagem de nervos expostos, sem a proteção natural da pele. Tal associação aproxima a vulnerabilidade emocional de uma vulnerabilidade física extrema: assim como nervos descobertos provocariam dor ao menor contato, a pessoa com os "nervos à flor da pele" reage de modo desproporcional até a estímulos mínimos. Dessa forma, a expressão traduz em termos concretos e imagéticos a intensidade de uma experiência subjetiva de tensão, reforçando sua expressividade e ampla difusão no uso cotidiano.

Do ponto de vista da composicionalidade e da transparência semântica, a EI apresenta baixo grau de composicionalidade e alta opacidade. Isso porque o significado idiomático de estar em estado de extrema irritação ou sensibilidade não se depreende da soma literal de seus constituintes. A relação entre "nervos expostos" e "tensão emocional" decorre de um processo metafórico já cristalizado na língua, exigindo conhecimento prévio da convenção idiomática para ser interpretado corretamente. Assim, a construção distancia-se da transparência semântica, funcionando mais como unidade fixa de sentido do que como combinação composicional.

No que se refere à esquematicidade, trata-se de uma construção parcialmente esquemática, pois o *slot* [PREP] pode ser preenchido pela preposição *com* (*com os nervos à flor da pele*) ou, em alguns usos, pode ser omitido (*os nervos à flor da pele*). Além disso, existe a possibilidade de ausência dos *slots* [PREP] e [MOD], resultando na forma reduzida *nervos à flor da pele*. Os demais elementos, entretanto, são obrigatórios e não admitem substituições (*nervos* não pode ser trocado por outro termo de sentido próximo, como *veias* ou *músculos*), tampouco permitem a inserção de modificadores no interior da construção. Também não há registro de flexão diferente da já consagrada no plural (*os nervos*), o que reforça o caráter cristalizado da expressão. Assim, a EI combina certa flexibilidade inicial, restrita à preposição ou ao modificador, com uma estrutura rigidamente fixa em seu núcleo, garantindo estabilidade formal e reconhecimento imediato no uso discursivo.

A EI *com os nervos à flor da pele* apresenta uma distribuição significativa tanto no PB (135; 0,205) quanto no PE (102; 0,312), de acordo com a Tabela 5. Constata-se, porém, uma diferença importante: enquanto no PB o número absoluto de registros é maior, no PE a

frequência relativa é superior, o que indica que, proporcionalmente ao tamanho do *corpus*, a construção é mais recorrente no PE.

Tabela 5 – Frequências de uso da EI *com os nervos à flor da pele* por variedade do português

Construção	*F. absoluta (PB)*	*F. relativa (PB)*	*F. absoluta (PE)*	*F. relativa (PE)*
Com os nervos à flor da pele	**135**	0,205	**102**	0,312
Total	**135**	**0,205**	**102**	**0,312**

Fonte: Elaboração própria (2025).

Esse resultado sugere que, embora a expressão seja plenamente convencionalizada nas duas variedades, no PE ela ocupa um espaço mais destacado no léxico figurado cotidiano, funcionando como recurso expressivo frequente para descrever estados de irritação, sensibilidade ou tensão emocional. No PB, por outro lado, seu uso também é produtivo, mas dividido com outras expressões equivalentes, como *estar de pavio curto*, por exemplo, que podem competir no repertório idiomático. Assim, a análise mostra que a EI é uma unidade amplamente difundida e compartilhada nas duas variedades do português, mas com maior peso proporcional no PE, onde se consolida como uma metáfora recorrente para expressar vulnerabilidade e reatividade emocional.

2. SUBESQUEMAS INTENSIFICADORES INICIADOS POR VERBO

2.1 Subesquema [V $N_{\text{parte do corpo}}$]

As EIs *haja perna*, *haja coração*, *haja estômago*, *haja braço* e *suar sangue* integram o padrão construcional [V $N_{\text{parte do corpo}}$], caracterizado pela combinação entre um verbo e um nome que, juntos, adquirem sentido figurado não plenamente previsível a partir de seus constituintes (Nunberg *et al.*, 1994). Esse esquema mais geral abriga diferentes subesquemas, a depender da relação semântica estabelecida entre os elementos. Em *haja perna*, *haja coração*, *haja estômago* e *haja braço*, o verbo impessoal *haver*, no modo subjuntivo (haja), associa-se a nomes de partes do corpo (perna, coração, estômago, braço), construindo expressões que evocam diferentes formas de resistência ou esforço: físico (*haja perna*, *haja braço*), emocional (*haja coração*) ou até mesmo fisiológico (*haja estômago*), sendo esta última capaz de assumir

sentidos distintos conforme o contexto, como suportar algo repulsivo (*haja estômago para ver este vídeo*) ou enfrentar desafios alimentares (*haja estômago para comer tanto*).

No caso de *suar sangue*, o verbo pleno (suar) conecta-se ao nome concreto (sangue), gerando imagens corporais que se projetam metaforicamente no domínio experiencial, significando a vivência de esforços extremos. Dessa forma, o padrão [V N] configura-se como um esquema produtivo, realizado por meio de subesquemas específicos, nos quais a escolha lexical do nome e a natureza do verbo determinam o tipo de esforço – físico ou emocional – metaforicamente representado.

- Haja perna/coração/estômago/braço

As EIs *haja perna*, *haja coração*, *haja estômago* e *haja braço* constituem um subesquema do padrão [V $N_{\text{parte do corpo}}$], em que o verbo impessoal no subjuntivo *haja* se combina a nomes de partes do corpo para evocar diferentes formas de resistência diante de situações-limite. Em *haja perna*, ativa-se a ideia de esforço físico prolongado, exemplo (8); em *haja braço*, o foco recai na força e no vigor muscular, exemplo (9); em *haja coração*, trata-se de suportar emoções intensas, exemplo (10); e em *haja estômago*, há pelo menos duas leituras possíveis, relacionadas à necessidade de suportar algo repulsivo, exemplo (11) ou à capacidade fisiológica de ingerir grandes quantidades de comida, exemplo (12).

8 Bom, nesse post vou abordar a parte central da cidade. Pensei em um roteirinho que pode ser feito inclusive a pé (**haja perna**, mas que dá, dá!). Nada mais justo que começar por uma das atrações mais famosa da cidade: o Big Ben. (1 B PT profissaoviajante.com)

9 Demos Dramin conforme a doutora sugeriu. aquele nervoso se vai dar certo ou não pairou no ar até que o guri capotou. O Joaquim ao lado aproveitou umas gotas de empréstimo, mas demorou mais pra apagar, pois tomou mais tarde. E já viu, né? Ele ja caminhava... e quem segura o menino no colo acordado? **Haja braço** dos pais... seguraram... (1 B BR queridojoaquim.blogspot.com)

10 melhor jogo da Copa das Confederações! [...] No total, foram sete gols. O Japão mexeu no placar e depois ampliou para 2 a 0. De Rossi fez o seu antes de descer para o intervalo. A partida em si estava empolgada, porém ninguém achou que fosse ficar tão dramático assim. Uchida, com gol contra, e Balotelli, de pênalti, viravam a partida para a Azurra. Okazaki fez o terceiro gol para os japoneses, antes que Giovinco decidisse a partida aos 40 minutos do segundo tempo. Itália 4, Japão 3: **haja coração**. (3 G BR blogfutebolclube.com.br)

11 Como é que o Lula, em 1990, usava o português correto??? Essa eu não entendi!!! Ou seja, entendi sim. O operário, quase analfabeto, que não gosta de ler e que chegou à presidência da república. Tadinho dele né? **Haja estômago** para ver este vídeo! (1 B BR aluizioamorim.blogspot.com)

12 Man vs. Food Esse tal de Adam Richman é um fenômeno. Sério, ele deve ter alguma modificação no corpo e o estômago dele deve ser 3x o tamanho de uma pessoa normal. Na boa. A história do programa é exatamente essa briga entre ele e as comidas. Gigantes, apimentadas, exóticas. O desafio é ele conseguir comer esses pratos enormes que poucas pessoas no mundo já conseguiram. E **haja estômago**. Pra comer e pra assistir. (5 G BR ideiasdefimdesemana.com)

A metáfora conceptual subjacente a essas expressões pode ser formulada como RESISTIR É TER CORPO SUFICIENTE (Lakoff e Johnson, 1980), na medida em que os limites da experiência humana são metaforicamente representados pela necessidade de "ter" determinada parte do corpo em quantidade ou intensidade maior do que a habitual. A produtividade do padrão se evidencia na possibilidade de outras formações, como *haja cabelo*, *haja cabeça* ou *haja fígado*, o que demonstra tratar-se de um subesquema parcialmente aberto, com elementos fixos (haja + N de parte do corpo) e abertos (a escolha da parte do corpo), mas delimitados a itens lexicalizados e culturalmente significativos.

Sendo assim, tais expressões apresentam composicionalidade e opacidade semântica parciais, já que o sentido global não resulta da simples soma literal de *haver* e do substantivo, mas da projeção metafórica que associa a resistência física ou emocional à capacidade de suportar situações intensas. Apesar disso, são relativamente transparentes, pois a ligação cultural entre os órgãos do corpo e determinadas funções facilita que os falantes infiram seu valor figurado.

Do ponto de vista estrutural, as construções não admitem a inserção de modificadores em seu interior – formas como *haja forte coração* ou *haja grande estômago* não se cristalizam como idiomáticas –, o que reforça sua fixidez formal. Uma exceção é a ocorrência de *haja pernas pra que te quero*, registrada tanto no PB quanto no PE, em que a expressão é expandida com valor estilístico. Também é possível a flexão no plural, ainda que pouco frequente: o *corpus* registrou apenas a microconstrução *haja pernas* (duas ocorrências em cada variedade), o que confirma que a circulação cristalizada ocorre prioritariamente no singular. Assim, o valor idiomático dessas expressões está ancorado em sua forma fixa e convencionalizada, mantendo, contudo, algum espaço para variações marginais (Fillmore *et al*., 1988; Goldberg, 1995; Corpas Pastor, 1996; Xatara, 1998).

A análise de frequência confirma o caráter assimétrico entre PB e PE, como destaca a Tabela 6:

Tabela 6 – Frequências de uso do padrão construcional [haja [N]] por variedade do português

Construção	*F. absoluta (PB)*	*F. relativa (PB)*	*F. absoluta (PE)*	*F. relativa (PE)*
Haja perna(s)	7	0,010	3	0,009
Haja braço	8	0,012	1	0,003
Haja coração	**57**	0,086	**8**	0,024
Haja estômago	17	0,025	2	0,006
Haja fígado	1	0,001	0	0,000
Haja cabeça	2	0,003	0	0,000
Haja pé	1	0,001	0	0,000
Haja cabelo	1	0,001	0	0,000
Total	**94**	**0,139**	**14**	**0,042**

Fonte: Elaboração própria (2025).

No PB, foram registradas 94 ocorrências (0,139), contra apenas 14 no PE (0,042), o que evidencia maior vitalidade e produtividade da construção na variedade brasileira. Entre as microconstruções, *haja coração* é a mais recorrente em ambas as variedades, sobretudo no PB (57; 0,086), resultado direto, possivelmente, de sua cristalização no imaginário popular por meio das narrações esportivas de Galvão Bueno. O narrador, famoso por seu estilo enfático, popularizou a expressão em momentos de grande tensão, como pênaltis e finais de campeonato, difundindo-a além do campo esportivo e consolidando-a como metáfora nacional de intensidade emocional. No PE, embora também presente, a expressão ocorre com frequência bem menor (8; 0,024), o que indica uma cristalização menos forte.

Outras variantes, como *haja estômago* (17 no PB e duas no PE) e *haja perna* (sete no PB e três no PE) circulam em ambas as variedades, mas em números mais modestos, sugerindo uma difusão compartilhada. Já *haja braço* aparece de forma expressiva apenas no PB (oito ocorrências, contra uma no PE), reforçando o maior enraizamento dessa construção no Brasil. Formas de menor produtividade, como *haja fígado, haja cabeça, haja pé* e *haja cabelo*, surgem exclusivamente no PB, revelando maior criatividade e exploração metafórica. Esses dados permitem concluir que o PB não só apresenta maior frequência absoluta e relativa, como também maior diversidade de variantes, ao passo que em Portugal o uso é mais restrito e concentrado nas formas mais cristalizadas.

- Suar sangue

A EI *suar sangue* é usada no português para designar situações em que alguém se esforça ao máximo, chegando a agir ou trabalhar sob intenso sofrimento ou sacrifício. Trata-se de uma construção metafórica que intensifica a ideia de esforço extremo, indo além do sentido

literal de “suar muito” e incorporando a imagem hiperbólica do sangue, elemento associado à dor, ao desgaste físico e ao limite das capacidades humanas. Nesse sentido, a expressão não apenas enfatiza o trabalho árduo, mas também sugere um envolvimento quase desumano, no qual o sujeito se doa por completo, mesmo diante de grande sofrimento ou adversidade.

De forte conotação religiosa e cultural, a expressão remonta ao relato bíblico da Paixão de Cristo, mais especificamente ao episódio do Getsêmani, em que se narra que Jesus, em profunda angústia antes de sua prisão, “suou sangue” – fenômeno conhecido como hematidrose, quando o suor se mistura ao sangue em situações de extremo estresse. Essa cena de dor e entrega absoluta se cristalizou na linguagem e, ao longo do tempo, passou a ser evocada em diferentes contextos para expressar esforço desmedido, sofrimento intenso e dedicação além dos limites humanos.

Segundo Xatara e Seco (2014, p. 503), o conceito de culturema refere-se à condensação de elementos simbólicos que, ao longo do tempo, originam metáforas tradicionalmente aceitas por uma comunidade ou por diferentes povos. Essas metáforas, ao se consolidarem no uso, ultrapassam o nível simbólico e se materializam em fraseologismos. Nesse sentido, tanto Brasil quanto Portugal, na condição de países marcados pela religiosidade cristã e por uma herança cultural comum, compartilham o uso dessa EI, ainda que com frequência distinta em cada variedade.

Do ponto de vista da metáfora conceptual (Lakoff e Johnson, 1980), *suar sangue* pode ser interpretada como a realização do mapeamento EMOÇÃO É FORÇA FÍSICA / IMPACTO. O suor, que já indica esforço, é metaforicamente transformado em sangue, símbolo da vida e da resistência física levada ao limite. Assim, a expressão sugere que alcançar determinado objetivo exige não apenas empenho físico, mas também um sacrifício extremo, aproximando-se do desumano.

Ao ser empregada em situações seculares, a expressão preserva sua carga dramática e hiperbólica, funcionando como recurso de intensificação que reforça a ideia de empenho extremo diante de tarefas ou situações árduas, como se observa em (13):

13 “Há cinco ou 10 minutos do final do jogo, eles estavam ‘**suando sangue**’ e começaram a jogar bem. Eles tiveram três ou quatro cruzamentos do lado esquerdo e, em seguida, eles marcaram o gol. Então tivemos que ir para o tempo extra e eles ainda tinham o mesmo ritmo, fazendo um gol novamente. Portanto, não foi fácil”. (4 B BR fulhamfcbrasil.blogspot.com)

No exemplo (13), a EI é utilizada para acentuar o esforço físico e a dedicação dos jogadores nos minutos finais da partida. O uso metafórico não aponta para sofrimento literal,

mas para uma entrega total, em que os atletas superam o cansaço e atuam no limite de suas capacidades. O suor, sinal de esforço, é hiperbolizado pelo sangue, sugerindo um desgaste absoluto, embora ainda marcado por intensidade e determinação.

Esse uso é particularmente significativo no universo esportivo, em que o discurso tende a exaltar a resistência, a garra e a superação. A análise dos dados confirma essa tendência: a maioria das ocorrências de *suar sangue* aparece em contextos futebolísticos, sobretudo em falas de narradores, comentaristas e jogadores. Nesses casos, a expressão atua como um recurso de intensificação, dramatizando o esforço coletivo ou individual e reforçando a ideia de que o desempenho esportivo demanda sacrifício físico e emocional extremo, próximo ao "além do humano".

Do ponto de vista formal, a construção é totalmente preenchida, pois se constitui como unidade lexicalizada, sem *slots* abertos: tanto o verbo *suar* quanto o substantivo *sangue* são fixos e não admitem substituições sem perda do valor idiomático. Não há possibilidade de inserir itens em seu interior, e a flexão se limita ao verbo, como em *suou/suando/suam sangue*, sendo o substantivo invariável. Em termos de composicionalidade e transparência, trata-se de uma construção parcialmente composicional: *suar* mantém o sentido de esforço físico, enquanto *sangue* intensifica metaforicamente esse esforço, associando-o à dor, ao sacrifício e ao limite da resistência. Assim, o significado idiomático pode ser inferido a partir da metáfora conceptual que estrutura a expressão, embora vá além da soma literal das partes.

A análise dos dados evidencia que a expressão *suar sangue* apresenta maior produtividade no PB, com 58 ocorrências (0,086), em contraste com apenas seis ocorrências (0,021) no PE.

Tabela 7 – Frequências de uso da EI *suar sangue* por variedade do português

Construção	*F. absoluta (PB)*	*F. relativa (PB)*	*F. absoluta (PE)*	*F. relativa (PE)*
Suar sangue	**33**	0,050	3	0,009
Suou sangue	4	0,006	1	0,003
Suando sangue	9	0,013	0	0,000
Suam sangue	4	0,006	0	0,000
Suaram sangue	3	0,004	0	0,000
Suo sangue	2	0,003	1	0,003
Suarem sangue	2	0,003	0	0,000
Sue sangue	1	0,001	0	0,000
Suaria sangue	0	0,000	1	0,003
Total	**58**	**0,086**	**6**	**0,021**

Fonte: Elaboração própria (2025).

No PB, a forma mais frequente é o infinitivo *suar sangue* (33 ocorrências), seguida pelo gerúndio *suando sangue* (9) e pelo pretérito perfeito *suou sangue* (4). Já no PE, embora a frequência seja reduzida, observa-se maior dispersão entre as formas: infinitivo (3), pretérito perfeito (1) e registros pontuais como o presente do indicativo *suo sangue* (1) e o condicional *suaria sangue* (1). Essa distribuição sugere que, enquanto no PB a expressão está mais cristalizada e aparece em diferentes flexões verbais, no PE seu uso é restrito e esparso, possivelmente refletindo menor convencionalização da EI no repertório discursivo dessa variedade.

- Conclusões parciais sobre o subesquema intensificador

A seguir, contemplamos o Quadro 1 de sistematização do padrão construcional [V N], o qual permite observar que os subesquemas desse padrão construcional compartilham algumas características estruturais e semânticas, mas também apresentam diferenças relevantes quanto ao seu grau de cristalização.

Quadro 1 – Sistematização do padrão construcional [V $N_{\text{parte do corpo}}$]

Construção	Esquematicidade	Composicionalidade	Flexão tempo, modo e pessoa	Flexão número	Elemento modificador	Substituição de elemento
[haja [N]]	Parcial	Parcial	Não	Não	Não	Sim
Suar sangue	Fechada	Parcial	Sim	Não	Não	Não

Fonte: Elaboração própria (2025).

No caso de [haja [N]], o padrão apresenta esquematicidade parcial, permitindo substituição do elemento nominal, mas não admite flexão de tempo, modo, número ou pessoa, refletindo uma certa rigidez formal, embora seja parcialmente transparente em seu significado. Já a expressão *suar sangue* configura-se como uma microconstrução fechada, sem possibilidade de substituição do elemento nominal, mas com maior composicionalidade semântica, pois a combinação [verbo + nome] mantém sentido metafórico claro; contudo, também não admite flexões de tempo, modo, número ou pessoa.

Essa comparação indica que, enquanto o subesquema [haja [N]] se comporta como um subesquema construcional parcialmente produtivo e flexível em relação ao preenchimento do núcleo, a expressão *suar sangue* apresenta-se como uma forma lexicalizada e estruturalmente fixa, refletindo um grau mais elevado de convencionalização dentro do padrão [V $N_{\text{parte do corpo}}$]. Tal comportamento confirma, conforme Xatara (1998) e Corpas Pastor (1996), que as propriedades vinculadas à EI *suar sangue* são típicas de unidades fraseológicas com baixo potencial de produtividade e variação.

Com base nos dados apresentados da Tabela 8, podemos observar algumas tendências claras na frequência de ocorrência do padrão construcional [V $N_{\text{parte do corpo}}$]:

Tabela 8 – Frequências de uso do padrão construcional [V $N_{\text{parte do corpo}}$] por variedade do português

Construção	*F. absoluta (PB)*	*F. relativa (PB)*	*F. absoluta (PE)*	*F. relativa (PE)*
[haja [N]]	94	0,139	14	0,042
Suar sangue	58	0,086	6	0,021
Total	**152**	**0,225**	**20**	**0,063**

Fonte: Elaboração própria (2025).

No PB, o padrão construcional é significativamente mais produtivo, com um total de 152 ocorrências (0,225). Dentro desse total, o subesquema [haja [N]] apresenta 94 ocorrências (0,139), enquanto *suar sangue* contribui com 58 ocorrências (0,086). Esse resultado indica que, no PB, tanto as expressões do tipo *haja* quanto *suar sangue* estão cristalizadas, mas a forma [haja [N]] predomina, refletindo maior flexibilidade e difusão desse padrão em contextos variados.

No PE, o padrão construcional é consideravelmente menos frequente, totalizando apenas 20 ocorrências (0,063). Aqui, o subesquema [haja [N]] registra 14 ocorrências (0,042) e *suar sangue* apenas seis (0,021), indicando uma presença mais restrita e pontual das EIs desse padrão. Esses dados sugerem que o padrão [V N] é mais convencionalizado e produtivo no PB, enquanto no PE seu uso é limitado, refletindo diferenças culturais e discursivas na preferência por formas de intensificação idiomática.

2.2 Subesquema [V PREP $N_{\text{parte do corpo}}$]

- Dar no pé

Dar no pé é uma EI formada pelo verbo de ação *dar*, seguido da contração *no* e do nome *pé*, cujo sentido não é composicional, ou seja, não se deduz literalmente da combinação "dar algo no pé". O significado idiomático da construção é, portanto, "sair" ou "fugir", indicando um movimento de evasão. Nesse caso, a intensificação está associada ao evento descrito, e não propriamente à construção idiomática em si. É importante destacar que essa EI, assim como outras analisadas neste trabalho, não constitui um intensificador estrutural, mas pode ocorrer em contextos intensificados, sendo reforçada por elementos extraconstruccionais (prosódicos, contextuais ou avaliativos).

Nesses contextos, o ato de "dar no pé" não corresponde a uma simples saída, mas a uma ação repentina e moralmente negativa, que pressupõe abandono, traição ou descompromisso. Assim, a intensidade emerge não das palavras em si, mas da avaliação implícita e da força pragmática associadas à ação representada. Trata-se, então, de uma intensificação de natureza pragmática, em que o efeito de força e impacto decorre da forma como o evento é social e emocionalmente interpretado, e não de um traço de grau lexical ou semântico internalizado na construção (Albelda Marco e Arguedas, 2021).

No exemplo (14), a expressão é empregada em um contexto relacional e afetivo, em que *dar no pé* representa o ato de abandonar alguém após envolvimento emocional. O sentido de fuga adquire, aqui, um valor moral e emocional, associado à ideia de covardia, irresponsabilidade ou falta de compromisso. O evento descrito é carregado de julgamento negativo, o que intensifica pragmaticamente o ato de "ir embora": não se trata de uma simples partida física, mas de uma ruptura abrupta e dolorosa, que implica traição e desprezo. Dessa forma, a intensidade se manifesta no impacto emocional e social da ação.

14 O mais incrível é ler artigos de homens que se sentem mal com a "atitude" das periguetes quando estão a fim de sexo e deixam isso claro pra eles. No fundo acho que eles têm o desejo de iludir, fazer a mulher se apaixonar e depois **dar no pé**. (13 B BR papodehomem.com.br)

No próximo exemplo (15), a expressão assume o sentido de fuga intencional para escapar de uma responsabilidade, neste caso, a de restituir dinheiro. O tom exclamativo e o contexto de indignação reforçam o caráter negativo e impulsivo do ato, projetando a imagem de evasão criminosa ou desonesta. Nesse contexto, *dar no pé* adquire uma carga de intensidade

discursiva, marcada por julgamento moral e por uma expectativa de frustração coletiva (“e aí já era”). Assim como no exemplo anterior, a força expressiva decorre do contexto avaliativo e da interpretação social do evento como abrupto, injusto e condenável, e não de uma propriedade gramatical ou semântica da expressão.

15 Pensam que vão pagar vocês!!! aguardem..... vão **dar no pé** com a grana de todos e aí ja era!!! Os políticos roubam todos nós o tempo inteiro e nunca vão presos!!! (12 B BR naodiga.com)

O subesquema está ancorado em uma metáfora conceitual de deslocamento, segundo a qual AÇÃO É MOVIMENTO (Lakoff e Johnson, 1980). Nesse mapeamento, o ato físico de se afastar rapidamente é projetado cognitivamente sobre eventos de fuga simbólica, abandono ou evasão moral. Desse modo, o movimento corporal de *dar no pé* deixa de representar apenas uma saída literal e passa a figurar a quebra de vínculo, a recusa de responsabilidade ou o afastamento de uma situação indesejada.

O elemento *pé*, parte do corpo associada à locomoção e à ação imediata, reforça o caráter dinâmico e súbito da construção, enquanto o verbo *dar* contribui para a ideia de impulso e início de movimento. A metáfora subjacente, portanto, estrutura cognitivamente a experiência de fuga como um ato de deslocamento rápido e intencional, marcado por força, espontaneidade e ausência de controle.

Do ponto de vista formal, *dar no pé* constitui uma construção fechada, caracterizada por um arranjo interno fixo que não permite substituição de seus elementos nem inserção de componentes no interior do *chunk*. A flexão para o plural, como em *darem nos pés* ou *deu nos pés*, praticamente não ocorre em usos idiomáticos, sendo as raras ocorrências encontradas no *corpus* com caráter literal, referindo-se a uma ação física concreta. Em contrapartida, a flexão em tempo, modo e pessoa é plenamente produtiva, possibilitando variações como *dei/dá/demos no pé*, sem que haja perda do valor idiomático.

A composicionalidade da expressão, já discutida anteriormente, é parcial: o sentido global não é derivado das partes que a compõem. Essa relativa opacidade semântica reforça o estatuto de construção idiomática, cuja interpretação depende da convenção de uso e do contexto discursivo, e não da leitura denotativa de *dar*, *no* e *pé*.

Em termos de frequência global, observa-se um contraste significativo entre as variedades: no PB, a expressão apresenta 119 ocorrências (0,175), em oposição a apenas duas ocorrências (0,006) no PE, conforme mostra a Tabela 9. Esses dados confirmam que a

construção é muito mais produtiva e lexicalmente consolidada no Brasil, apresentando ampla variação morfossintática, ao passo que permanece quase ausente em Portugal.

Tabela 9 – Frequências de uso da EI *dar no pé* por variedade do português

Construção	*F. absoluta (PB)*	*F. relativa (PB)*	*F. absoluta (PE)*	*F. relativa (PE)*
Dar no pé	**46**	0,070	0	0,000
Deu no pé	27	0,041	0	0,000
Deram no pé	11	0,016	0	0,000
Dá no pé	9	0,013	1	0,003
Dão no pé	7	0,010	0	0,000
Dando no pé	4	0,006	0	0,000
Dei no pé	3	0,004	0	0,000
Dado no pé	3	0,004	0	0,000
Dava no pé	2	0,003	0	0,000
Darem no pé	2	0,003	0	0,000
Darei no pé	1	0,001	0	0,000
Darão no pé	1	0,001	0	0,000
Demos no pé	1	0,001	0	0,000
Deem no pé	1	0,001	0	0,000
Dê no pé	1	0,001	0	0,000
Dera no pé	0	0,000	1	0,003
Total	**119**	**0,175**	**2**	**0,006**

Fonte: Elaboração própria (2025).

No *corpus* brasileiro, a forma mais frequente é o infinitivo *dar no pé* (46 ocorrências; 0,070), seguido pelo pretérito perfeito *deu no pé* (27; 0,041) e pelo plural *deram no pé* (11; 0,016), evidenciando a flexibilidade da construção em tempo, modo e pessoa. Formas menos frequentes, como *dando no pé*, *dei no pé*, *dado no pé* e *dava no pé*, reforçam essa versatilidade morfológica, mostrando que a EI se adapta a diferentes contextos discursivos sem perder seu valor idiomático. No PE, por outro lado, a expressão praticamente não circula, com apenas duas ocorrências isoladas – *dá no pé* e *dera no pé* – o que indica um uso residual e pouco produtivo, possivelmente substituído por outras expressões equivalentes.

Vale a pena mencionar que a predominância da forma infinitiva *dar no pé* reflete um padrão comum em EIs: o infinitivo atua como forma canônica ou lexicalizada, escolhida para nomear a construção independentemente de tempo, modo ou pessoa. Essa forma, é especialmente frequente em contextos narrativos, explicativos ou metalinguísticos, em que a expressão se apresenta como unidade lexical autônoma, reforçando sua fixação e estabilidade na língua. Assim sendo, o infinitivo funciona como modelo a partir do qual as demais variantes morfológicas se realizam nos diferentes contextos discursivos.

- Entrar/mergulhar/ir de cabeça

O subesquema [[V] de cabeça] abrange as microconstruções *entrar de cabeça*, *mergulhar de cabeça* e *ir de cabeça*, que compartilham o sentido de envolver-se de forma profunda e decidida em algo. Trata-se de construções fortemente figuradas, que descrevem um comportamento proativo e emocionalmente comprometido, combinando ação decidida e envolvimento integral. A imagem evocada é a de um mergulho, em que a cabeça, entendida como a parte do corpo que conduz o movimento e simboliza direção e raciocínio, é o primeiro ponto de contato com o novo ambiente. Desse modo, a metáfora sugere imersão completa, indicando que o sujeito se lança de forma intensa e resoluta, refletindo o ímpeto e a confiança com que se entrega à experiência.

Estruturadas pelo domínio conceitual EMOÇÃO / AÇÃO É MOVIMENTO / TRAJETÓRIA (Lakoff e Johnson, 1980), os *types* derivam da experiência corporal concreta de mergulhar, geralmente na água. Nessa projeção, a cabeça representa o ponto inicial do mergulho, simbolizando decisão e comprometimento total. O domínio-fonte – o mergulho físico – é mapeado para o domínio-alvo – o envolvimento em uma atividade, relação ou projeto – de modo que o gesto físico traduz cognitivamente a ideia de imersão emocional, mental ou prática. A metáfora pressupõe ausência de hesitação e entrega completa à experiência, utilizando o corpo como veículo para representar intensidade, determinação e engajamento, enquanto a cabeça enfatiza a natureza consciente e direcionada da ação.

No exemplo (16), *entrar de cabeça nesse universo de The Walking Dead* ocorre em um contexto literário e experiencial. O enunciador comunica que o leitor se envolve profundamente na narrativa, absorvendo o clima de adrenalina e tensão do livro. A expressão enfatiza imersão emocional e cognitiva, projetando a metáfora do mergulho físico para a experiência da leitura, de modo que o leitor se lança inteiramente na narrativa.

16 Sabe aquela sensação que mistura aflição, horror e uma “quase” esperança? Pois é isso que sentirão ao ler este livro. Já no inicio temos grande contato com a adrenalina e o medo que vão marcar presença o livro inteiro. É impossível não **entrar de cabeça** nesse universo de The Walking Dead. Um excelente livro, com a narração impecável que quase pude ouvir o arrastar de pernas dos zumbis e sentir aquele velho arrepio nas situações mais desesperadoras. (3 B BR antenadonasnovelas.blogspot.com)

No exemplo (17) *mergulhando de cabeça, se atirando sem medo* aparece em contexto motivacional e prescritivo, reforçando a ideia de entrega total às oportunidades da vida e incentivando ação corajosa e comprometida. A repetição de variantes da expressão

(“mergulhando de cabeça”, “se atirando sem medo”) reforça intensidade e urgência, evidenciando que a EI não apenas descreve o comportamento, mas também atribui valor positivo à atitude.

17 “Na vida quantas oportunidades deixamos passar por medo de arriscar? É **mergulhando de cabeça**, se atirando sem medo, acreditando e não desanimando que se chega em seus objetivos... Nunca tenha medo de errar, mas sim medo de não arriscar e perder oportunidades reais de uma conquista!” (5 B BR mestredossites.com.br)

Formalmente, o subesquema [[V] de cabeça] apresenta esquematicidade parcial, uma vez que possui posições passíveis de substituição, como o *slot* verbal [V], que pode ser preenchido por *entrar*, *mergulhar* ou *ir*, sem que se perca o valor idiomático da construção. Entretanto, não aceita outro tipo de substituição nem a inserção de elementos em seu interior, mantendo seu núcleo semântico fixo. Em relação à flexão, a expressão permite variação verbal em diferentes tempos, modos e pessoas, como em *entrei de cabeça* ou *mergulhará de cabeça*, mas não admite flexão de número, ou seja, formas plurais como **entrar de cabeças* são inviáveis e não aceitas idiomaticamente.

Em termos de composicionalidade e transparência semântica, a expressão apresenta alta composicionalidade e alta transparência, já que seus constituintes mantêm forte vínculo com os significados literais e contribuem de modo motivado para o sentido global. O verbo remete a uma ação física concreta, enquanto o sintagma *de cabeça* evoca a imagem de alguém que se lança inteiramente, sem reservas. A metáfora que projeta o movimento corporal de “mergulhar de cabeça” para o domínio das atitudes traduz, de forma direta e intuitiva, a ideia de envolvimento total ou de entrega decidida a uma ação. Assim, o significado figurado é facilmente inferido a partir da leitura literal, conferindo à construção um alto grau de transparência e previsibilidade interpretativa.

As Tabelas de 10 a 12 apresentam a frequência das microconstruções do subesquema [[V] de cabeça] no PB e no PE. Primeiramente, de maneira geral, observa-se que *entrar de cabeça* é significativamente mais produtiva e consolidada no PB, assumindo forte valor expressivo e figurado, enquanto no PE sua ocorrência é limitada e menos diversificada, funcionando mais como um empréstimo discursivo compreendido, mas pouco integrado à variedade europeia.

Tabela 10 – Frequências de uso da EI *entrar de cabeça* por variedade do português

Construção	*F. absoluta (PB)*	*F. relativa (PB)*	*F. absoluta (PE)*	*F. relativa (PE)*
Entrar de cabeça	**159**	0,242	**13**	0,039
Entrou de cabeça	41	0,062	4	0,012
Entrei de cabeça	30	0,045	3	0,009
Entrando de cabeça	33	0,050	2	0,006
Entra de cabeça	25	0,038	0	0,000
Entre de cabeça	20	0,030	0	0,000
Entramos de cabeça	18	0,027	1	0,003
Entraram de cabeça	15	0,022	0	0,000
Entro de cabeça	6	0,009	2	0,006
Entrarmos de cabeça	6	0,009	0	0,000
Entram de cabeça	4	0,006	0	0,000
Entrarem de cabeça	3	0,004	0	0,000
Entraria de cabeça	2	0,003	0	0,000
Entrem de cabeça	2	0,003	0	0,000
Entraremos de cabeça	1	0,001	0	0,000
Entrasse de cabeça	1	0,001	0	0,000
Entrará de cabeça	1	0,001	0	0,000
Entrava de cabeça	1	0,001	0	0,000
Entraste de cabeça	0	0,000	1	0,001
Entrarias de cabeça	0	0,000	1	0,001
Total	**368**	**0,554**	**27**	**0,077**

Fonte: Elaboração própria (2025).

No PB, a construção totaliza 368 ocorrências (0,554), sendo as formas mais frequentes *entrar de cabeça* (159; 0,242), seguida de *entrou de cabeça* (41; 0,062) e *entrando de cabeça* (33; 0,050). No PE, o uso é restrito, com apenas 27 ocorrências (0,077), destacando-se *entrar de cabeça* (13; 0,039) e *entrou de cabeça* (4; 0,012), enquanto as demais variantes aparecem esparsamente.

Seguindo o mesmo padrão, *mergulhar de cabeça* mostra-se mais frequente, diversificada e produtiva no PB, embora no PE ocorra de forma limitada, mas compreensível e ocasionalmente utilizada. No Brasil, a expressão registra 359 ocorrências totais (0,539), com maior incidência em *mergulhar de cabeça* (135; 0,205), *mergulhei de cabeça* (37; 0,056) e *mergulhe de cabeça* (36; 0,054). Em Portugal, a expressão apresenta 88 ocorrências (0,265), destacando-se *mergulhar de cabeça* (31; 0,094), *mergulho de cabeça* (11; 0,033) e *mergulha de cabeça* (10; 0,030).

Tabela 11 – Frequências de uso da EI *mergulhar de cabeça* por variedade do português

Construção	*F. absoluta (PB)*	*F. relativa (PB)*	*F. absoluta (PE)*	*F. relativa (PE)*
Mergulhar de cabeça	**135**	0,205	**31**	0,094
Mergulhei de cabeça	37	0,056	5	0,015
Mergulhe de cabeça	36	0,054	4	0,012
Mergulha de cabeça	34	0,051	10	0,030
Mergulhou de cabeça	27	0,041	5	0,015
Mergulho de cabeça	21	0,032	11	0,033
Mergulhando de cabeça	16	0,024	1	0,003
Mergulharam de cabeça	10	0,015	1	0,003
Mergulhado de cabeça	7	0,010	2	0,006
Mergulham de cabeça	7	0,010	6	0,018
Mergulhamos de cabeça	5	0,007	4	0,012
Mergulhava de cabeça	5	0,007	0	0,000
Mergulharia de cabeça	4	0,006	1	0,003
Mergulhem de cabeça	4	0,006	3	0,009
Mergulhada de cabeça	4	0,006	0	0,000
Mergulharmos de cabeça	3	0,004	2	0,006
Mergulhemos de cabeça	2	0,003	0	0,000
Mergulhasse de cabeça	1	0,001	0	0,000
Mergulharem de cabeça	1	0,001	0	0,000
Mergulhávamos de cabeça	0	0,000	1	0,003
Mergulhas de cabeça	0	0,000	1	0,003
Total	**359**	**0,539**	**88**	**0,265**

Fonte: Elaboração própria (2025).

Por outro lado, *ir de cabeça* constitui a variante menos frequente e produtiva do subesquema, funcionando como alternativa periférica às formas *entrar de cabeça* e *mergulhar de cabeça*, predominantes em contextos cotidianos, motivacionais e narrativos. No PB, totaliza apenas 19 ocorrências (0,024), com destaque para *ir de cabeça* (7; 0,010) e *vai de cabeça* (5; 0,007), enquanto as demais formas são esporádicas. No PE, registra apenas cinco ocorrências (0,015), distribuídas entre *ir/ia/indo/vai/vamos de cabeça*, evidenciando circulação restrita e produtividade muito limitada.

Tabela 12 – Frequências de uso da EI *ir de cabeça* por variedade do português

Construção	*F. absoluta (PB)*	*F. relativa (PB)*	*F. absoluta (PE)*	*F. relativa (PE)*
Ir de cabeça	7	0,010	1	0,003
Vai de cabeça	5	0,007	1	0,003
Indo de cabeça	1	0,001	1	0,003
Foi de cabeça	1	0,001	0	0,000
Vou de cabeça	3	0,004	0	0,000
Vá de cabeça	1	0,001	0	0,000
Vamos de cabeça	0	0,000	1	0,003
Ia de cabeça	0	0,000	1	0,003
Total	**19**	**0,024**	**5**	**0,015**

Fonte: Elaboração própria (2025).

Em síntese, conforme dados da Tabela 13, o subesquema [[V] de cabeça] apresenta uso consolidado no PB, com 746 ocorrências (1,117), destacando-se *entrar de cabeça* (368; 0,554) e *mergulhar de cabeça* (359; 0,539), que demonstram ampla produtividade, flexão verbal e presença em diversos contextos narrativos, motivacionais e experienciais. A forma *ir de cabeça* permanece periférica (19; 0,024). No PE, o subesquema registra 120 ocorrências (0,357), com predominância de *mergulhar de cabeça* (88; 0,265), seguida por *entrar de cabeça* (27; 0,077), enquanto *ir de cabeça* permanece raríssima (5; 0,015), indicando uso menos produtivo e restrito a contextos específicos.

Tabela 13 – Frequências de uso do padrão construcional [[V] de cabeça] por variedade do português

Construção	*F. absoluta (PB)*	*F. relativa (PB)*	*F. absoluta (PE)*	*F. relativa (PE)*
Entrar de cabeça	368	0,554	27	0,077
Mergulhar de cabeça	359	0,539	88	0,265
Ir de cabeça	19	0,024	5	0,015
Total	**746**	**1.117**	**120**	**0,357**

Fonte: Elaboração própria (2025).

Quadro 2 - Comparação da forma lexical da EI no PB e no PE

PB	**PE**
Entrar de cabeça	Mergulhar de cabeça

Fonte: Elaboração própria (2025).

2.3 Subesquema [V PREP $N_{\text{parte do corpo}}$ $N_{\text{parte do corpo}}$]

- Fazer das tripas coração

Dentro do repertório de EIs intensificadoras aqui analisadas, o esquema construcional [V PREP N N] revela-se improdutivo, uma vez que dá origem a apenas uma microconstrução estável e cristalizada: *fazer das tripas coração*. Ainda que *fazer das tripas coração* não integre um subesquema produtivo, a construção é plenamente licenciada por esquemas mais altos, dentre eles o padrão altamente produtivo [fazer [X]], que abriga numerosas microconstruções idiomáticas e intensificadoras (*fazer bonito*, *fazer chover*, *fazer e acontecer*, entre outras). Assim, a EI herda tanto propriedades sintático-semânticas do verbo *fazer* quanto o valor intensificador convencional associado ao efeito resultante do evento.

A expressão recorre à metáfora que transforma uma parte visceral do corpo (as tripas) em um símbolo de força e coragem (o coração), sugerindo um esforço emocional extremo para suportar ou agir diante de adversidades, como evidenciam os exemplos (18) e (19) a seguir. Além disso, a metáfora conceptual subjacente – EMOÇÃO É FORÇA FÍSICA / IMPACTO – revela um processo de corporificação (Lakoff e Johnson, 1980; Kövecses, 2005), no qual o corpo é mobilizado para representar estados emocionais ou situações-limite, reforçando o valor intensificador da construção, apesar de sua baixa produtividade formal.

18 A questão de o dinheiro é um assunto sensível e reincidente quando nos fazem apelos. Os nossos recursos são escassos no que diz respeito a mão de obra, espaço físico e verbas, mas **fazemos das tripas coração** para levarmos este nosso projecto avante. (102 B PT bichanosdoporto.blogspot.com)

19 O advogado de o rapaz está **fazendo das tripas coração** para convencer que seu cliente é culpado. É o único caso em que o advogado de o próprio réu tem mais interesse em a sua condenação do que o representante de o Ministério Público. O advogado disse que as provas existentes não deixam dúvidas de que seu cliente é o autor de o delito. (3 G BR albertomurray.wordpress.com)

Na ocorrência (18), a expressão é utilizada para enfatizar o esforço coletivo de um grupo que, mesmo com recursos escassos (mão de obra, espaço físico e verbas), não mede esforços para manter seu projeto ativo, ou seja, eles enfrentam adversidades significativas, mas se dedicam com afinco, empenho e resistência para dar continuidade ao trabalho. Já em (19), há um uso irônico da expressão, pois o advogado, que normalmente defenderia seu cliente, está esforçando-se ao máximo para provar a culpa dele, o que é contrário ao esperado. O falante emprega a expressão para ressaltar o empenho incomum e aparentemente contraditório do

advogado. Ainda que o esforço seja real, há um subtexto crítico: é um esforço intenso, porém insólito e até suspeito.

Em ambos os exemplos, *fazer das tripas coração* denota um esforço intenso e fora do comum diante de obstáculos – seja em prol de um projeto coletivo, como na ocorrência (18), ou no contexto de uma argumentação jurídica, como em (19). Nesse sentido, trata-se, portanto, de uma construção idiomática cristalizada, cujo significado é estabelecido pelo uso histórico e cultural, sendo inacessível sem conhecimento prévio da EI. Os termos *fazer*, *tripas* e *coração*, tomados isoladamente, não conduzem naturalmente à interpretação de fazer um esforço extremo. O sentido emerge do todo, por meio de uma interpretação metafórica, o que confirma o caráter não composicional da expressão.

Consequentemente, por ter baixa composicionalidade, a expressão apresenta também um grau elevado de opacidade semântica. Seu significado figurado não é imediatamente evidente para falantes quem não tenham familiaridade com o idiomatismo. A metáfora de transformar algo visceral e bruto em algo nobre e vital não é intuitiva nem literal, exigindo um conhecimento prévio da unidade fraseológica para que seja plenamente compreendida. Embora a relação metafórica possa ser analisada retrospectivamente, seu entendimento depende essencialmente do reconhecimento da expressão enquanto uma unidade idiomática consolidada na língua.

A construção se apresenta como totalmente preenchida e de natureza substantiva, caracterizada por posições fixas que não admitem variações estruturais. Dessa forma, a primeira posição [V] é ocupada exclusivamente pelo verbo *fazer*, a posição seguinte [PREP] pela contração da preposição *de* com o artigo definido *as* (das); a terceira posição [N] pelo substantivo *tripas*, e, por fim, a última posição [N] pelo substantivo *coração*. Portanto, seu elevado grau de fixidez estrutural e opacidade semântica se confirma quando se observa que modificações internas comprometem sua idiomaticidade. Inserções como **fazer das tripas sujas coração* ou **fazer das poucas tripas coração* rompem a coesão da construção, dificultando seu reconhecimento como uma unidade semântica estável e anulando sua força expressiva e convencional.

A expressão também não permite substituições lexicais, logo, trocar o verbo *fazer* por *transformar*, ou os substantivos *tripas* e *coração* por termos como *intestinos* ou *alma*, inviabiliza o reconhecimento da expressão como uma unidade idiomática, já que o sentido metafórico não pode ser mantido apenas pela equivalência semântica dos termos isolados. A única possibilidade de variação observada reside na flexão verbal de *fazer*, que admite diferentes tempos e modos, sendo recorrentes formas como *faz/fizeram/tem feito/terei de fazer*

das tripas coração, demonstrando que, apesar da rigidez estrutural dos núcleos, a construção admite certa flexibilidade na conjugação verbal, desde que preservada sua forma canônica e seu valor metafórico fixo.

A frequência de uso da EI, conforme Tabela 14, apresenta diferenças notáveis entre o PB e o PE.

Tabela 14 – Frequências de uso da EI *fazer das tripas coração* por variedade do português

Construção	*F. absoluta (PB)*	*F. relativa (PB)*	*F. absoluta (PE)*	*F. relativa (PE)*
Fazer das tripas coração	**29**	0,044	**41**	0,125
Fazendo das tripas coração	21	0,032	9	0,027
Fazem das tripas coração	18	0,027	9	0,027
Faz das tripas coração	15	0,022	10	0,030
Fez das tripas coração	7	0,010	5	0,015
Faça das tripas coração	6	0,009	2	0,006
Faço das tripas coração	6	0,009	3	0,009
Feito das tripas coração	5	0,007	6	0,018
Fazia das tripas coração	4	0,006	3	0,009
Fiz das tripas coração	4	0,006	6	0,018
Fizeram das tripas coração	2	0,003	8	0,024
Fará das tripas coração	2	0,003	0	0,000
Fizemos das tripas coração	1	0,001	1	0,003
Façamos das tripas coração	1	0,001	0	0,003
Faziam das tripas coração	1	0,001	0	0,003
Fazemos das tripas coração	1	0,001	4	0,012
Farão das tripas coração	1	0,001	0	0,000
Façam das tripas coração	0	0,000	1	0,003
Fizestes das tripas coração	0	0,000	1	0,003
Fazerem das tripas coração	1	0,001	1	0,003
Fizesse das tripas coração	0	0,000	1	0,003
Fazes das tripas coração	0	0,000	1	0,003
Desfizeram das tripas coração	1	0,001	0	0,000
Das tripas coração	1	0,001	0	0,000
Total	**127**	**0,186**	**112**	**0,344**

Fonte: Elaboração própria (2025).

No PB, a forma totaliza 127 ocorrências (0,186), enquanto no PE são 112 ocorrências (0,344). Esses números indicam que, embora a expressão esteja presente nos dois países, ela é proporcionalmente mais recorrente no PE, o que evidencia sua maior consolidação e circulação no léxico europeu. Observa-se ainda que, no PB, as formas mais frequentes são a forma infinitiva simples (*fazer das tripas coração*, 29 ocorrências; 0,044) e as formas conjugadas no presente ou gerúndio (*fazendo das tripas coração*, 21; 0,032; *fazem das tripas coração*, 18; 0,027), enquanto no PE predomina a forma infinitiva (*fazer das tripas coração*,

41; 0,125) e há maior regularidade na frequência de algumas formas conjugadas, como *fazem das tripas coração* (9; 0,027) e *faz das tripas coração* (10; 0,030).

2.4 Subesquema [V ADV DET $N_{\text{parte do corpo}}$ MOD]

- Conhecer como a palma da mão

Conhecer como a palma da mão é uma expressão que transmite a ideia de familiaridade plena e detalhada com algo ou alguém, evocando a metáfora da própria mão como objeto de intimidade e reconhecimento imediato. Assim como cada pessoa é capaz de identificar minuciosamente as linhas, marcas e particularidades de sua palma, a expressão sugere um conhecimento profundo, seguro e completo, no qual nada escapa à percepção. Nesse sentido, trata-se de um recurso idiomático que reforça a noção de domínio e proximidade, indicando que determinado objeto, espaço, situação ou pessoa é tão conhecido quanto a parte do corpo que se tem diante dos olhos diariamente.

No exemplo (20) a seguir, a expressão é empregada de forma metafórica para acentuar a familiaridade do enunciador com as ruas descritas, sugerindo que as conhece em seus mínimos detalhes, de modo tão natural quanto as linhas da própria mão.

20 Precisava do cheiro do mar, preciso de percorrer aquelas ruas que conheço desde sempre, aquelas ruas que **conheço como a palma da minha mão**, aquelas ruas que sei exactamente quais são os desenhos pretos e brancos que elas apresentam. (1 B PT algunsanosdepois.blogspot.com)

A metáfora reforça uma experiência de intimidade que ultrapassa o simples reconhecimento visual, articulando-se a um vínculo afetivo e memorial que legitima a vivência narrada. Essa formulação está ancorada na metáfora conceptual CONHECIMENTO É CONTATO CORPORAL ÍNTIMO (Lakoff e Johnson, 1980), em que a palma da mão, constantemente visível e utilizada, simboliza o máximo grau de familiaridade. Cada linha ou curva é interpretada como algo intrínseco e de acesso imediato, projetando a ideia de que compreender plenamente um espaço, uma situação ou uma pessoa equivale a manipular algo próximo e sempre presente. O gesto corporal, nesse caso, intensifica a noção de proximidade e confiança, convertendo a experiência física em um modelo conceptual que expressa conhecimento total.

A expressão é instanciada pelo padrão construcional [V ADV DET N MOD] e configura-se como uma construção fechada, pois não admite substituições internas: todos os elementos são fixos e indispensáveis para a configuração idiomática. A composicionalidade e a transparência são altas, uma vez que os constituintes mantêm relação clara com o significado global da expressão. O sentido figurado de "ter domínio completo sobre algo" deriva de forma motivada da combinação entre os elementos literais, já que o gesto de segurar algo "na palma da mão" sugere controle, posse e familiaridade. Assim, a metáfora corporal que associa o ato físico de conter ou sustentar algo à ideia de conhecimento pleno é facilmente reconhecida pelos falantes. Essa relação direta entre os domínios corporal e cognitivo torna a expressão altamente transparente e de interpretação imediata.

Ainda que limitada, a construção apresenta certo grau de flexibilidade interna, permitindo a inserção de elementos que especificam o *slot* [MOD], como em *conheço como a palma da minha mão*, *conhecem como a palma da sua mão* ou *conhece como a palma das suas calejadas mãos*. Esses acréscimos introduzem nuances de individualização ou expressividade sem alterar o valor idiomático. Além disso, observa-se a possibilidade de flexão de número nesse mesmo *slot*, resultando em usos como *conhece como a palma das mãos*, que preservam a interpretação figurada.

No plano verbal, a construção admite livremente variação de pessoa, tempo e modo, e o verbo *conhecer* pode aparecer em formas como *conheço, conhece, conhecemos, conheçamos*. Essas variações mostram que, embora a expressão seja estável em sua essência, ela comporta ajustes morfológicos que ampliam sua produtividade discursiva e favorecem sua integração em diferentes contextos.

Nos dados analisados, foi constatada no PB uma ocorrência atípica da forma *conhecer com a palma da mão*, em vez da forma consagrada *conhecer como a palma da mão*. Essa variação pode ser explicada pela proximidade fonológica e gráfica entre *com* e *como*, que favorece deslizes ou reinterpretações na escrita ou na fala. Ademais, o uso de *com* pode sugerir uma tentativa de leitura mais literal, no sentido de "conhecer algo com a ajuda da palma da mão", ainda que essa interpretação se afaste do valor idiomático convencional. Trata-se, portanto, de um caso marginal, mais próximo de oscilação individual do que de mudança linguística, visto que a forma ainda não se consolidou no uso compartilhado pela comunidade, não configurando, portanto, uma mudança efetiva no padrão construcional (Traugott e Trousdale, 2021 [2013]; Croft, 2001).

No que se refere à frequência de uso da microconstrução, os dados apontam um padrão semelhante entre as variedades do português, ainda que mais produtivo no PE (0,075) do que no PB (0,030).

Tabela 15 – Frequências de uso da EI *conhecer como a palma da mão* por variedade do português

Construção	*F. absoluta (PB)*	*F. relativa (PB)*	*F. absoluta (PE)*	*F. relativa (PE)*
Conhecer como a palma da mão	1	0,001	2	0,006
Conheço como a palma da mão	5	0,007	5	0,015
Conhece como a palma da mão	**8**	0,012	**8**	0,024
Conhecia como a palma da mão	3	0,004	3	0,009
Conhecem como a palma da mão	2	0,003	2	0,006
Conhecido como a palma da mão	1	0,001	1	0,003
Conhecemos como a palma da mão	1	0,001	3	0,009
Conheçamos como a palma da mão	0	0,000	1	0,003
Conhece com a palma da mão	1	0,001	0	0,000
Total	**22**	**0,030**	**25**	**0,075**

Fonte: Elaboração própria (2025).

Em ambos os contextos linguísticos, a forma mais recorrente é *conhece como a palma da mão*, com oito ocorrências (0,012 no PB e 0,024 no PE), seguida de *conheço como a palma da mão*, também equilibrada, com cinco registros em cada variedade (0,007 no PB e 0,015 no PE). As demais variantes, como *conhecia*, *conhecem* e *conhecemos*, aparecem em menor número, mas confirmam a flexibilidade da construção quanto à flexão verbal. Destaca-se ainda a já mencionada ocorrência não convencional *conhece com a palma da mão*, restrita ao PB, que exemplifica variação formal pontual. Esses resultados mostram que, embora relativamente pouco frequente, a expressão encontra-se lexicalizada nas duas variedades e mantém vitalidade no uso, especialmente no PE, onde apresenta frequência relativa mais elevada.

2.5 Subesquema [V mais (do) que DET $N_{\text{parte do corpo}}$]

- Falar mais do que a boca

O esquema construcional [V mais (do) que DET N] instancia a microconstrução *falar mais do que a boca*, a qual funciona como um recurso idiomático que exagera a função da boca como canal do discurso, sugerindo que a pessoa transmite mais informações do que

seria esperado por meio da fala verbal. O hipérbato presente na construção, na forma de *mais do que a boca*, intensifica a ideia de excesso, enfatizando que o sujeito extrapola os limites normais da comunicação oral, seja por gestos, expressões faciais, atitudes ou outros meios de manifestação. Assim, a expressão não se restringe ao sentido literal de falar, mas projeta uma metáfora conceptual em que a comunicação se estende para além da fala, atribuindo valor informativo ou revelador a modos de expressão não verbais, revelando aspectos da personalidade, emoções ou intenções do indivíduo que a boca, sozinha, não conseguiria transmitir.

Embora a forma mais frequente da expressão seja *falar mais do que a boca*, a construção admite, de forma menos comum, a substituição do verbo *falar* por outros verbos que indicam modos de comunicação ou expressão. Entre as variantes observadas estão *conversar mais do que a boca*, *escrever mais do que a boca* e até *latir mais do que a boca*, exemplificadas de (21) a (24), mantendo a ideia central de excesso ou extrapolação da função comunicativa do canal mencionado.

21 Dr, Osmar, no programa jogo aberto o sr. perguntou ao dr. Marco A. Cunha porque o Cleber (palmeiras) disse que no São Paulo, não joga mais, a Renata Fan cortou a conversa, e nós os telespectadores, não ficamos sabendo da resposta do mac. essa mulher **fala mais do que a boca**. O PROGRAMA DEVIA SE CHAMAR, CALA A BOCA Renata. (2 B BR drosmar.com)

22 Normalmente eu ia ao salão junto com a minha mãe, e ela é dessas que faz mechas, corta, escova, **conversa mais do que a boca** e que me obriga a passar a tarde inteira no salão. Eu absolutamente odeio! (6 B BR semformolnaoalisa.blogspot.com)

23 Apaixonada por música e com um cabelo que tem vida própria, Dannie diz que "**escreve mais que a boca**" e sempre acha que esqueceu de algum detalhe, principalmente quando fala de si mesma na terceira pessoa. (1 B GR bestyle.com.br)

24 Estas coleiras ajudam muito, mas não espere milagres: poderão demorar alguns dias até o cão, se for de aqueles que **latem mais que a boca**, perceber os efeitos do sinal sonoro da coleira. (2 B GR blogs.jovempan.uol.com.br)

Nos exemplos analisados, o subesquema [V mais (do) que a boca] mantém seu valor idiomático central de exagero ou extrapolação da comunicação habitual, mas adapta-se ao contexto específico e ao agente envolvido. Em *fala mais do que a boca*, (21), o verbo *falar* indica que apresentadora fala além do necessário. Em *conversa mais do que a boca*, (22), o verbo *conversar* desloca o excesso comunicativo para o plano social e verbal cotidiano. Já em *escreve mais que a boca*, (23), o verbo *escrever* projeta a mesma ideia para o meio escrito, enfatizando detalhamento ou expressão intensa. Por fim, em *latem mais que a boca*, (24), o

verbo *latir* aplica a construção a um animal, mantendo o sentido de manifestação excessiva além do canal usual.

Esses exemplos evidenciam que o *slot* verbal da construção é parcialmente aberto, permitindo substituições que preservam o esquema e seu valor metafórico, enquanto a estrutura *mais do que a boca* garante a coerência idiomática de comunicação que extrapola os limites normais da fala. Nesse sentido, a construção apresenta esquematicidade parcial, pois o slot verbal permite substituições, como *falar*, *conversar*, *escrever* ou *latir*, enquanto o segmento *mais do que a boca* permanece fixo e essencial para a configuração idiomática.

A expressão apresenta alta composicionalidade e transparência semântica, uma vez que seus constituintes mantêm forte relação com os significados literais. O verbo *falar* remete diretamente ao ato de se expressar verbalmente, e o complemento *mais do que a boca* sugere a ultrapassagem de um limite físico natural. Dessa combinação emerge, de modo motivado, o sentido figurado de *falar demais* ou *dizer mais do que deveria*, facilmente inferido pela relação entre o corpo e o ato comunicativo. Embora a compreensão plena envolva o acesso à metáfora conceptual subjacente INTENSIDADE DE COMUNICAÇÃO É MOVIMENTO CORPORAL, derivada de MAIS É PARA CIMA (Lakoff e Johnson, 1980), o próprio enunciado oferece pistas imagéticas suficientes para que o falante reconheça, de imediato, o valor idiomático de exagero ou falta de controle na fala.

Nesse mapeamento, o *mais* indica intensificação da comunicação além do canal habitual (a boca), podendo ser avaliado positivamente ou negativamente dependendo do contexto e da subcultura em que a expressão circula (Lakoff e Johnson, 1980). Assim, *falar mais do que a boca* projeta a ideia de que informações, emoções ou intenções se manifestam além da fala literal, reforçando o valor figurativo e expressivo da expressão, mas permitindo flexibilidade pragmática conforme os valores e normas culturais do interlocutor.

Já rotinizada na língua, a construção admite a inserção de elementos em seu interior, geralmente na forma de advérbios, como em *falar sempre mais que a boca* ou *fala muito, às vezes mais do que a boca*. Essa possibilidade de modificação interna permite nuances de intensidade ou circunstância sem comprometer o valor idiomático central. Por outro lado, não há flexão de número do substantivo *boca*, que permanece invariavelmente no singular, reforçando o caráter lexicalizado e consolidado da unidade.

A flexão verbal, por sua vez, ocorre livremente, permitindo que o verbo varie em pessoa, tempo e modo conforme as exigências do contexto discursivo. Entre os exemplos constatados nos dados estão formas como *falam*, *falando* e *falei*, que adaptam a construção a diferentes enunciados sem comprometer seu valor idiomático de exagero ou intensificação da

comunicação. Essa combinação de rigidez estrutural no núcleo e flexibilidade no verbo demonstra que a expressão é cristalizada em seus elementos essenciais, mas funcionalmente versátil, podendo ser integrada a contextos variados.

A distribuição da construção por gênero textual evidencia clara predominância em contextos informais e próximos da oralidade. No PB, a maior concentração ocorre em blogues, com 18 ocorrências (0,053), enquanto o gênero geral apresenta 11 registros (0,034). No PE, por sua vez, todas as ocorrências se concentram em blogues (5; 0,026), sem registros no gênero geral, o que reforça o caráter marginal da expressão nessa variedade e seu uso restrito a contextos informais. Esses dados sugerem que a expressão é mobilizada sobretudo em gêneros que permitem maior liberdade de estilo e aproximação com a oralidade.

A análise da frequência das microconstruções do subesquema [[V] mais (do) que a boca] revela um padrão de uso significativamente mais produtivo no PB em comparação ao PE como se observa na Tabela abaixo:

Tabela 16 – Frequências de uso da EI *falar mais (do) que a boca* por variedade do português

Construção	*F. absoluta (PB)*	*F. relativa (PB)*	*F. absoluta (PE)*	*F. relativa (PE)*
Falar mais (do) que a boca	6	0,009	1	0,003
Fala mais (do) que a boca	9	0,013	1	0,003
Falo mais (do) que a boca	3	0,004	1	0,003
Falam mais do que a boca	0	0,000	2	0,006
Falou mais (do) que a boca	3	0,004	0	0,000
Falei mais (do) que a boca	2	0,003	0	0,000
Falavam mais (do) que a boca	1	0,000	0	0,000
Falando mais (do) que a boca	1	0,001	0	0,000
Conversa mais do que a boca	1	0,001	0	0,000
Escreve mais que a boca	1	0,001	0	0,000
Escrevo mais que a boca	1	0,001	0	0,000
Latem mais que a boca	1	0,001	0	0,000
Total	**29**	**0,038**	**5**	**0,015**

Fonte: Elaboração própria (2025).

No PB, o total de ocorrências é de 29 (0,038), com maior concentração nas formas *fala mais (do) que a boca* (9; 0,013), *falar mais (do) que a boca* (6; 0,009) e *falo mais (do) que a boca* (3; 0,004), evidenciando predominância das formas do verbo *falar* em diferentes pessoas e tempos. As demais microconstruções, como *falou*, *falei*, *falavam* e *falando*, bem como usos menos frequentes de outros verbos (*conversa*, *escreve*, *escrevo*, *latem*), aparecem de forma esparsa, indicando que embora o slot verbal seja parcialmente aberto, há clara preferência por *falar*.

No PE, nota-se menor produtividade, com apenas cinco ocorrências (0,015), sendo predominantes as formas *falam mais do que a boca* (2; 0,006) e as variantes *falar/fala* (uma cada; 0,003). Essa diferença indica que, enquanto no PB a construção circula com mais variedade e frequência, no PE seu uso é mais restrito e pontual, refletindo menor vitalidade e cristalização em registros escritos ou digitais. Em ambos os contextos, a construção mantém seu valor idiomático central de exagero ou intensificação da comunicação, mas o PB demonstra maior flexibilidade e adaptação às diferentes pessoas e tempos verbais, reforçando a presença cultural e discursiva da expressão na variedade brasileira.

2.6 Subesquema [V PREP $N_{\text{parte do corpo}}$]

- Falar pelos cotovelos

A EI *falar pelos cotovelos* é usada para descrever alguém tagarela, que fala de forma excessiva e/ou incontrolada. O uso metafórico do cotovelo, parte do corpo próxima à boca e frequentemente associada aos gestos que acompanham a fala, reforça a ideia de uma comunicação abundante e desmedida. A imagem criada pela expressão é hiperbólica: o ato de falar extrapola os limites naturais da boca, como se as palavras "saíssem até pelos cotovelos", sugerindo não só loquacidade, como também uma certa perda de contenção verbal. Desse modo, o corpo é figuradamente mobilizado para representar a intensidade e o exagero do ato de falar, o que torna a construção expressiva e vívida no discurso cotidiano (Lakoff e Johnson, 1980).

No exemplo (25), a expressão é empregada em seu sentido idiomático prototípico, indicando uma fala excessiva, contínua e difícil de interromper. A falante descreve uma situação de cansaço e sobrecarga emocional, e a expressão é usada para intensificar a sensação de exaustão provocada pelo comportamento da outra pessoa – provavelmente uma criança – que fala sem parar. A sequência *a ponto de me deixar meio atordoada* reforça esse valor intensificador: a quantidade de fala é tamanha que gera desconforto físico e mental. Assim, o enunciado evidencia o caráter avaliativo e afetivo da expressão, que não apenas descreve um ato de fala, mas também comunica a irritação e o desgaste de quem o enuncia.

25 Quando estou sozinha com ela, ela me chama de 5 em 5 minutos, não me deixa fazer nada me desgasta fisica e emocionalmente, chego no final do dia esgotada e ainda sou obrigada a ouvir as criticas e reclamções do meu marido. Quando ela brinca com alguma coisa, não fica nem 5 minutos e já não quer mais, **fala pelos cotovelos** a ponto de me deixar meio atorduada. (12 G PT forum.casa-indigo.com)

A expressão é estruturada por meio do conceito metafórico INTENSIDADE DE COMUNICAÇÃO É MOVIMENTO CORPORAL (Lakoff e Johnson, 1980), segundo o qual a fala é concebida como uma substância física que ultrapassa os limites do corpo, escapando por outras partes além da boca. Essa metáfora projeta a ideia de abundância verbal em termos concretos e corporais: o ato de falar é tão intenso que "vaza" pelos cotovelos, um ponto do corpo normalmente desvinculado da produção da fala. Sendo assim, o corpo é representado metaforicamente como um recipiente de palavras que, ao ser sobrecarregado, transborda, evidenciando a perda de controle sobre o fluxo verbal. O cotovelo, por sua vez, reforça a imagem de exagero e gesticulação, por estar associado ao movimento dos braços durante a fala. Essa leitura corporalizada confere à expressão uma dimensão vívida e hiperbólica, enfatizando a ideia de fala incessante, impulsiva e difícil de conter.

Do ponto de vista formal, a expressão apresenta esquematicidade fechada, pois seus componentes são fixos e não admitem substituição sem perda do valor idiomático. O verbo *falar*, a preposição *por* (fundida na forma *pelos*) e o substantivo *cotovelos* constituem um *chunk* lexicalizado, cuja estrutura não comporta variações internas. Alterações como **dizer pelos cotovelos* ou **falar pelas mãos* não preservam o sentido idiomático, evidenciando o grau de fixidez e cristalização da construção. A flexão verbal é possível, como visto em *falava/fala/falou pelos cotovelos*, todavia o núcleo da expressão permanece invariável, confirmando sua estabilidade estrutural.

Em termos de composicionalidade, a EI apresenta composicionalidade parcial, já que o significado global de falar demais, ser muito tagarela não resulta diretamente da soma dos sentidos literais de *falar* e *cotovelos*. O verbo mantém parte de seu sentido básico, de produzir fala, enquanto o sintagma preposicional *pelos cotovelos* adquire valor metafórico, funcionando como um intensificador que sugere excesso e perda de controle sobre o ato de falar. Dessa forma, a construção é parcialmente opaca, sendo plenamente compreendida apenas como uma unidade semântica convencionalizada.

Apresentando alta produtividade em ambas as variedades – com 198 ocorrências no PB (0,297) e 79 no PE (0,238) – a expressão revela-se um *chunk* amplamente consolidado no repertório idiomático da língua portuguesa. Constata-se, entretanto, maior vitalidade no PB, tanto em frequência relativa quanto na diversidade morfológica das formas registradas.

Tabela 17 – Frequências de uso da EI *falar pelos cotovelos* por variedade do português

Construção	*F. absoluta (PB)*	*F. relativa (PB)*	*F. absoluta (PE)*	*F. relativa (PE)*
Fala pelos cotovelos	**67**	0,102	**31**	0,094
Falando pelos cotovelos	33	0,050	2	0,006
Falar pelos cotovelos	30	0,045	16	0,048
Falo pelos cotovelos	28	0,042	11	0,033
Falava pelos cotovelos	14	0,021	9	0,027
Falam pelos cotovelos	12	0,018	7	0,021
Falei pelos cotovelos	5	0,007	0	0,000
Falamos pelos cotovelos	4	0,006	1	0,003
Falou pelos cotovelos	3	0,004	0	0,000
Falaram pelos cotovelos	1	0,001	1	0,003
Falarem pelos cotovelos	1	0,001	0	0,000
Falas pelos cotovelos	0	0,000	1	0,003
Total	**198**	**0,297**	**79**	**0,238**

Fonte: elaboração própria (2025).

No PB, a forma mais frequente é *fala pelos cotovelos* (67 casos; 0,102), seguida por *falando pelos cotovelos* (33; 0,050) e *falar pelos cotovelos* (30; 0,045). Essa variedade demonstra que a expressão é flexível quanto à flexão de tempo, modo e pessoa, aparecendo em contextos narrativos, descritivos e avaliativos. No PE, embora também produtiva, a construção apresenta menor frequência e variação morfológica, com predomínio de *fala pelos cotovelos* (31; 0,094) e *falar pelos cotovelos* (16; 0,048), enquanto as demais flexões são pouco recorrentes. Isso indica que, em Portugal, a EI mantém-se estável, mas seu uso se concentra nas formas canônicas.

2.7 Subesquema [V com DET $N_{\text{parte do corpo}}$ MOD LOC]

- Nascer com o cu/rabo virado para a lua/sol

O padrão construcional [V com DET N MOD LOC] instancia as EIs *nascer com o cu virado para a lua*, *nascer com o cu virado para o sol* e *nascer com o rabo virado para a lua*, as quais pertencem a um mesmo campo metafórico ligado à ideia de sorte inata e destino favorável desde o nascimento. A imagem de estar "virado para a lua" evoca um simbolismo místico e auspicioso, em que a posição do corpo em relação ao astro sugere uma predestinação benéfica. Já a variante com o *sol* reforça esse sentido ao remeter a energia positiva, prosperidade e felicidade, projetando a noção de uma vida marcada por boas condições desde o início. Nesses

usos, a lua e o sol funcionam como símbolos de proteção e fortuna, enquanto os vocábulos *cu* e *rabo* acrescentam um tom coloquial e popular, conferindo maior expressividade à metáfora de nascer privilegiado.

A metáfora conceptual inerente a essas expressões pode ser formulada como BOM É PARA CIMA. O ato de nascer com o *cu/rabo virado para a lua ou para o sol* – astros situados acima dos seres humanos – projeta, metaforicamente, a ideia de que a orientação física no nascimento determina um futuro favorável. Conforme Lakoff e Johnson (1980), a base física da experiência associa felicidade, saúde, vida e sensação de domínio ao movimento ascendente, consolidando o esquema "o que é bom está para cima".

Nesse mapeamento, a *lua* e o *sol* tornam-se símbolos culturais de fortuna, energia positiva e proteção, de modo que estar voltado para esses astros equivale a nascer sob boas influências. Assim, constrói-se a associação entre uma circunstância corporal concreta (a posição ao nascer) e um domínio abstrato (sorte, privilégio ou destino positivo), naturalizando a crença de que alguns indivíduos já chegam ao mundo marcados por uma condição especial de prosperidade.

No exemplo (26), a EI *nascer com o cu virado para a lua* é utilizada para criticar, de forma irônica, uma geração que, segundo o enunciador, já nasce em condições privilegiadas, com acesso facilitado a bens materiais e oportunidades, mas que não valoriza ou justifica tais meios. A metáfora funciona aqui como um recurso avaliativo negativo: a sorte inata ou o destino favorável não são vistos como mérito, mas como sinal de comodidade e desprezo pelo esforço, reforçando a ideia de que os jovens mencionados recebem tudo de forma fácil, sem necessidade de enfrentar dificuldades.

26 Desafio-te ainda a fazeres um estudo comparativo sobre o sucesso escolar de então e o de hoje, sabendo que muitos não prosseguiam os estudos por falta de condições económicas mas os da tua geração **nasceram com o cu virado para a lua**. Têm tudo mas não justificam os meios e os vossos pais é que vos estragam com mimos ou então nem vos ligam... (11 B PT sertaprincesadabeira.blogspot.com)

No exemplo (27), a variante *nascer com o rabo virado para a lua* é empregada para apontar situações de privilégio social e econômico, destacando aqueles que, por possuírem contatos ou redes de apoio, conseguem empregos ou oportunidades sem esforço. Nesse contexto, a EI também carrega um valor crítico, evidenciando a desigualdade entre quem precisa lutar constantemente por espaço no mercado de trabalho e quem, por "sorte" ou posição social, já encontra tudo facilitado.

27 tem mais piada oferecerem-nos misérias que nem nos permitem pensar em constituir família ou ser independentes dos pais, tem sempre mais piada escravizar os estagiários curriculares porque trabalham de graça! e como posso ser parte activa da solução para colocar em prática o que aprendi e continuo a aprender se não me dão a oportunidade? claro, há aqueles que **nascem com o rabo virado para a lua** por terem conhecimentos e nunca terem de batalhar por um trabalho, por mais humilde que seja! (1 G PT destak.pt)

Assim, em ambos os usos, a expressão não apenas reforça a metáfora da sorte inata, mas também atua como estratégia discursiva de denúncia social, servindo para criticar privilégios desiguais e expor a falta de mérito em certas conquistas.

As EIs *nascer com o cu/rabo virado para a lua/sol* apresentam esquematicidade parcial, combinando *slots* fixos e abertos. Os elementos fixos são o verbo *nascer*, a preposição *com* e a sequência *virado para*, enquanto as posições abertas permitem a variação entre *cu* e *rabo* como parte do corpo, bem como entre *lua* e *sol* como referentes astrais, sem comprometer a identidade idiomática da construção. Importa notar que tais variações são restritas: não é possível substituir *cu/rabo* por outras partes do corpo (como *cabeça*, *olho*, *pé* etc.) nem *lua/sol* por outros referentes (*estrela*, *céu*, *planeta*), sob pena de descaracterizar a expressão. Além disso, a estrutura não admite a inserção de elementos internos; formas como **nascer com o cu grande virado para a lua*, por exemplo, não se cristalizam como idiomáticas, reforçando o caráter parcialmente aberto da EI, mas rigidamente delimitado quanto às opções de preenchimento dos *slots* disponíveis.

Do ponto de vista da composicionalidade, o sentido global não decorre da soma literal dos constituintes, dado que não se trata de nascer fisicamente com o corpo voltado para astros, mas da projeção metafórica que associa a orientação corporal ao nascer a um destino privilegiado ou marcado pela sorte. Em termos de transparência semântica, a expressão apresenta alta opacidade, pois os falantes precisam inferir seu sentido figurado a partir do simbolismo culturalmente compartilhado dos astros (lua e sol) como fontes de fortuna e energia positiva, bem como do mapeamento metafórico que vincula a posição física "para cima" ao que é bom ou auspicioso. Contudo, essa interpretação depende do conhecimento cultural subjacente, mostrando que a transparência repousa mais em convenções socioculturais do que na literalidade dos constituintes.

Os dados de frequência, Tabela 18, revelam diferenças marcantes entre o PB e o PE, visto que, no PB, o uso é extremamente restrito, com apenas quatro ocorrências registradas (0,006), concentradas na variante *nascer com o cu virado para a lua*. Em contrapartida, no PE, a expressão apresenta maior vitalidade, com 20 ocorrências (0,060), distribuídas entre variantes como *nascer com o cu virado para a lua* (10 ocorrências), *nascer com o rabo virado para a lua*

(2 ocorrências) e formas flexionadas do verbo (*nasceu*, *nascem*, *nasceram*). Essa diversidade no PE indica não apenas maior frequência, mas também maior produtividade morfológica, refletindo a adaptação da EI a distintos contextos discursivos. Em contraste, no PB, a expressão parece pouco convencionalizada, restrita a uma única variante, sugerindo menor cristalização cultural e menor difusão nos usos cotidianos.

Tabela 18 – Frequências de uso das EIs *nascer com o cu/rabo virado para lua/sol* por variedade do português

Construção	*F. absoluta (PB)*	*F. relativa (PB)*	*F. absoluta (PE)*	*F. relativa (PE)*
Nascer com o cu virado para a lua	4	0,006	**10**	0,030
Nascer com o cu virado para o sol	0	0,000	1	0,003
Nascer com o rabo virado para a lua	0	0,000	2	0,006
Nascido com o rabo virado para a lua	0	0,000	1	0,003
Nasceu com o rabo virado para a lua	0	0,000	2	0,006
Nascem com o rabo virado para a lua	0	0,000	2	0,006
Nasceram com o rabo virado para a lua	0	0,000	2	0,006
Total	**4**	**0,006**	**20**	**0,060**

Fonte: Elaboração própria (2025).

3 SUBESQUEMAS INTENSIFICADORES INICIADOS POR NOME

3.1 Subesquema [N PREP DET $N_{\text{parte do corpo}}$]

- Colírio para os olhos

Com o intuito de expressar a ideia de algo ou alguém que proporciona intenso prazer visual, a formação metafórica da EI *colírio para os olhos* associa a imagem agradável à função literal do colírio, que traz alívio, frescor e bem-estar aos olhos. Assim, a construção sugere que determinada cena, pessoa ou objeto, por sua beleza ou harmonia, produz um efeito positivo semelhante ao do medicamento, funcionando como um verdadeiro bálsamo para a visão. Nesse sentido, a expressão atua como um recurso figurado de intensificação, ressaltando o impacto estético e a satisfação provocada pelo olhar.

A metáfora conceptual subjacente à expressão pode ser formulada como: PERCEPÇÃO VISUAL É AVALIAÇÃO (Lakoff e Johnson, 1980). Nessa perspectiva, experiências visuais positivas, como contemplar uma paisagem, uma pessoa atraente ou uma obra de arte, são interpretadas como um tratamento que cura, alivia ou revigora o olhar. O prazer

estético é, portanto, projetado no domínio da saúde: o colírio, substância que devolve frescor e bem-estar, funciona como metáfora para o efeito visualmente agradável. Assim, a expressão não apenas indica algo bonito, mas intensifica o valor positivo daquilo que é visto, associando-o à sensação de renovação e conforto do observador.

No exemplo (28), percebe-se que o falante valoriza não só a beleza visual do blogue, mas também o efeito revigorante e prazeroso que ele produz, reforçando o caráter intensificador da expressão. Dessa forma, *colírio para os olhos* combina, de maneira metafórica, dimensões sensoriais e afetivas, funcionando como um elogio intensificado que traduz a fusão entre o prazer estético e o bem-estar emocional.

28 O seu blog, bem como o do Luís Montalvão são um **colírio para os olhos**, e uma lufada de ar fresco para a alma. (2 B PT artelivrosevelharias.blogspot.com)

Em termos de esquematicidade, a construção é totalmente fechada, formada por posições fixas: o substantivo *colírio* na posição [N], a preposição *para* na posição [PREP], o artigo definido *os* no *slot* [MOD], e o substantivo *olhos* na posição [N], não permitindo variação lexical sem perda do sentido figurado. Quanto à composicionalidade, a expressão mantém um certo grau de composição: o significado global é derivado parcialmente dos componentes, pois o substantivo *colírio* remete à ideia de cuidado e alívio para os olhos; porém, a interpretação metafórica – associar a sensação de prazer visual à beleza ou qualidade estética de algo – não é totalmente previsível a partir do sentido literal das palavras. Sendo assim, sua transparência semântica é parcial: falantes familiarizados com o português e com contextos de elogio visual conseguem compreender a metáfora, enquanto quem desconhece a expressão pode não relacionar imediatamente colírio com prazer estético, sendo necessário o conhecimento cultural para captar plenamente o efeito figurado.

A inserção de modificadores internos é possível em formulações do tipo *colírio para os meus/nossos olhos*. Dependendo da substituição dos componentes, pode haver comprometimento do sentido idiomático da expressão, mas a opção *refresco para os olhos* é viável e mantém o valor figurado. Quanto à flexão de número, possivelmente em função da relação com a quantidade de olhos do ser humano, a construção permanece no plural, sendo a forma singular utilizada apenas de maneira literal, como ilustrado no exemplo (29) abaixo:

29 no meu caso me receitaram somente **colírio para o olho** direito, pois não fechava e poderia ressecar facilmente!! (1 B BR mdsaude.com)

A análise da frequência de uso, Tabela 19, revela diferenças expressivas entre o PB e o PE. No PB, a EI apresenta 33 ocorrências (0,050), ao passo que no PE são encontradas apenas oito (0,024), o que demonstra uma predominância clara na variedade brasileira

Tabela 19 – Frequências de uso da EI *colírio para os olhos* por variedade do português

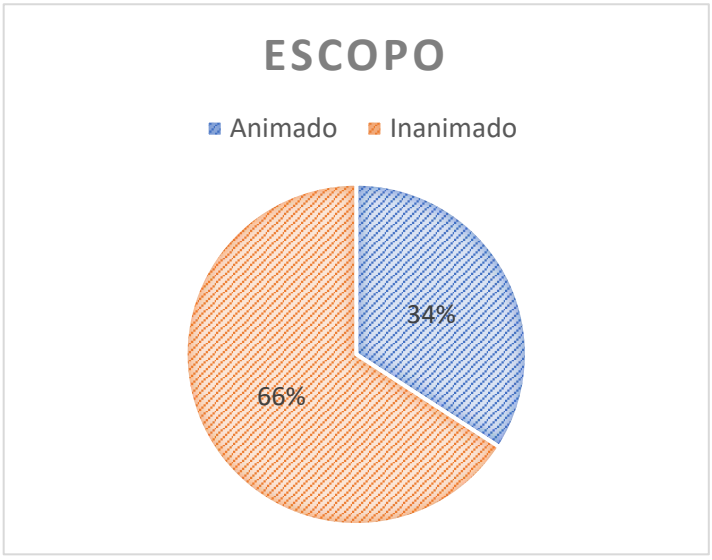
Construção	*F. absoluta (PB)*	*F. relativa (PB)*	*F. absoluta (PE)*	*F. relativa (PE)*
Colírio para os olhos	**33**	0,050	8	0,024
Total	**33**	**0,050**	**8**	**0,024**

Fonte: Elaboração própria (2025).

Essa maior produtividade no PB pode estar associada à presença mais marcante de construções metafóricas e expressões elogiosas em contextos informais e literários, bem como à valorização cultural de metáforas visuais no discurso cotidiano brasileiro. Em contrapartida, no PE, a expressão mostra-se menos convencionalizada e menos frequente em registros escritos, o que pode refletir diferenças estilísticas e pragmáticas entre as duas variedades.

A análise da extensão semântica de *colírio para os olhos* denota diferenças sutis, porém relevantes, entre o PB e o PE quanto ao tipo de referente. No PB, das 33 ocorrências registradas, 12 dizem respeito a seres animados, geralmente humanos, e 21 a elementos inanimados, como paisagens, objetos, obras artísticas ou alimentos. Já no PE, das oito ocorrências observadas, apenas duas fazem referência a seres animados, enquanto seis qualificam entidades inanimadas.

Gráfico 2 – Escopo da EI *colírio para os olhos*



Fonte: Elaboração própria (2025).

Esses dados mostram que, em ambas as variedades, a expressão tende a ser empregada majoritariamente para descrever elementos inanimados (66% das ocorrências totais), o que confirma seu valor metafórico associado à apreciação estética e sensorial. Entretanto, a variedade brasileira apresenta um uso mais amplo e flexível, estendendo-se com frequência a pessoas ou seres animados em contextos de elogio. Essa característica pode estar relacionada ao tom afetivo e avaliativo mais recorrente nos discursos informais brasileiros, em que metáforas de base sensorial são mobilizadas para intensificar sentimentos positivos e reforçar a expressividade comunicativa.

3.2 Subesquema [$N_{\text{parte do corpo}}$ PREP LOC]

- Fogo no rabo

Os *types fogo no cu*, *fogo no rabo* e *fogo no ânus* integram o subesquema [N PREP LOC] e expressam sentidos associados à agitação, inquietude e pressa. O elemento *fogo*, símbolo de energia intensa e ardente, quando metaforicamente projetado sobre o corpo humano, sugere uma força desestabilizadora e incômoda. Ao ser localizado em partes do corpo como *cu*, *rabo* ou *ânus* – áreas que, na construção, reforçam a ideia de desconforto e urgência –, o *fogo* passa a representar um impulso irresistível para agir rapidamente, como se o indivíduo não conseguisse permanecer parado. Assim, a expressão caracteriza comportamentos marcados por impaciência, agitação ou necessidade de ação imediata, evidenciando um forte componente intensificador e avaliativo.

A expressão fundamenta-se na metáfora conceptual EMOÇÃO É CALOR / ENERGIA INTERNA (Lakoff e Johnson, 1980), segundo a qual o fogo – elemento físico associado ao calor, à combustão e ao movimento – é projetado sobre a experiência humana como símbolo de força vital, excitação ou impulso. Nesse mapeamento, o corpo atua como recipiente dessa energia, enquanto o *cu/rabo/ânus*, por sua associação cultural a desconforto e o tabu, intensifica a carga expressiva da metáfora. Assim, o fogo localizado nessa região sugere uma sensação de urgência e incômodo extremo, que impele o indivíduo à ação imediata. O esquema metafórico, portanto, reforça os sentidos de inquietação e pressa, ao mesmo tempo que amplia o efeito expressivo e avaliativo da construção idiomática, vinculando uma experiência física intensa ao domínio do comportamento humano.

Nas ocorrências analisadas a seguir, a expressão revela sentidos distintos, porém articulados pela mesma metáfora. Observa-se que, no PB, o uso tende a realçar aspectos ligados à impulsividade e ao desejo imediato, frequentemente associados a comportamentos irrefletidos e consumistas. Já no PE, prevalece a leitura que acentua a ideia de aceleração física e urgência de movimento, em que o fogo metaforicamente impulsiona o corpo a agir de forma rápida e descontrolada.

30 Entendo isso de comprar livros com aquela vontade e tal e quando chegar você mal tipo, olhar para o livro. Comprei os 3 livros da série Feios e putz, só li o primeiro livro e deixei os outros pra lá, puro **fogo no cu**. (4 B BR amountofwords.com)

31 Vai o sr da patente militar pela rua acima, parece que leva **fogo no cu**, em passo acelerado de corrida, a adolescente atrás dele em passo lento, a roer as unhas, cheia de medo (1 B PT ac-nadadecoisanenhuma.blogspot.com)

32 Com o fim do crédito fácil, o povo que comprava carro com puro **fogo no rabo** sumiu das lojas. Agora só sobraram os mais conscientes, que precisam ter mais capital, não aceitam qualquer atendimento e pensam mil vezes antes de fechar negócio, até porque o usado pra ser dado em troca está desvalorizadíssimo. (29 G BR noticiasautomotivas.com.br)

33 A propósito, meu professor de Física é um paraibano recém-saído de uma universidade também paraibana. É um motivo perfeito para cair em prantos. Black power, faixas de cabelo aleatórias, bandeira do Brasil envolta ao corpo, um sotaque que me irrita, tênis de escalada e uma disposição regada a **fogo no ânus** que broxa qualquer curitibano em seu ápice de animação. (1 B BR ceticismo.net)

No primeiro exemplo, (30), a construção *puro fogo no cu* é empregada em tom autocrítico e humorístico para caracterizar a inquietude e impulsividade do falante ao comprar livros por desejo imediato, sem manter o interesse posteriormente. Aqui, o fogo simboliza uma excitação passageira, que rapidamente se dissipa, remetendo à ideia de agitação temporária. No exemplo seguinte, (31), *parece que leva fogo no cu*, o foco recai sobre a velocidade e a pressa exagerada de um militar que caminha quase em corrida, como se o desconforto causado pelo fogo o obrigasse a se mover rapidamente.

Já em (32), a expressão *fogo no rabo* é usada para caracterizar o comportamento impulsivo e consumista de pessoas que, movidas por entusiasmo imediato e impaciência, compravam carros de forma precipitada durante o período de crédito facilitado. O fogo, novamente, atua como metáfora para a urgência irrefletida e para o impulso de agir sem ponderação, neste caso associado ao desejo de consumo rápido e pouco consciente. Por fim, em (33), *fogo no ânus* é empregado para descrever a disposição exagerada e a energia incessante de um professor, cujo comportamento se apresenta como excessivamente animado e inquieto,

em contraste com a postura mais contida de seu entorno. Nesse contexto, a imagem do fogo reforça a ideia de vitalidade intensa e incômoda, marcada por uma agitação contínua que ultrapassa os limites do entusiasmo moderado.

O subesquema construcional [fogo PREP LOC] apresenta-se como parcialmente aberto, mantendo fixos seus elementos centrais – o substantivo *fogo*, seguido da preposição *no* – mas admitindo variação controlada no *slot* [LOC], ocupado por substantivos como *cu*, *rabo* ou *ânus*. Essa variação não é livre, pois substituições externas ao mesmo campo semântico, como **fogo no braço* ou **fogo nas pernas*, não preservam o valor conotativo da construção. Os termos que preenchem o *slot* compartilham a mesma esfera semântica, vinculada ao corpo e, especificamente, à região anal, o que garante a coerência da imagem metafórica.

Sendo assim, o padrão é rígido em sua estrutura central, assegurando a estabilidade da metáfora, mas permite a inserção de modificadores periféricos, como em *muito fogo no cu* ou *puro fogo no rabo*, sem comprometer o efeito expressivo. Além disso, não é permitido flexão de número, sendo formas como **fogos no cu* ou **fogo nos cus* inexistentes e altamente improváveis, reforçando seu caráter fixo e cristalizado na língua.

Trata-se de uma expressão de baixa composicionalidade e baixa transparência semântica, pois o significado idiomático não pode ser inferido a partir da soma literal de seus constituintes. Não há, de fato, fogo no corpo do indivíduo nem ação concreta envolvendo o *cu/rabo/ânus*; o sentido figurado de energia intensa, impaciência ou impulso para agir surge de uma associação metafórica culturalmente convencionada, que não é diretamente acessível pela leitura literal. Assim, a compreensão da expressão depende fortemente do conhecimento prévio de seu uso idiomático, o que a torna opaca.

As microconstruções que integram o subesquema [fogo PREP LOC] apresentam distribuição distinta entre PB e PE, revelando diferenças importantes no uso. A expressão *fogo no cu*, embora a mais emblemática, mostra baixa frequência, com cinco ocorrências no PB (0,007) e duas no PE (0,006), totalizando sete registros. Em contraste, *fogo no rabo* constitui a variante mais produtiva, registrando 21 ocorrências no PB (0,032) e 10 no PE (0,030), o que evidencia sua maior vitalidade e circulação entre os falantes. Por sua vez, *fogo no ânus* aparece de forma bastante marginal, com apenas um registro no PB (0,001) e ausência de ocorrências no PE, configurando-se como variante rara e pouco convencionalizada.

Tabela 20 – Frequências de uso do padrão construcional [fogo PREP LOC] por variedade do português

Construção	*F. absoluta (PB)*	*F. relativa (PB)*	*F. absoluta (PE)*	*F. relativa (PE)*
Fogo no cu	5	0,007	2	0,006
Fogo no rabo	**21**	0,032	**10**	0,030
Fogo no ânus	1	0,001	0	0,000
Total	**27**	**0,040**	**12**	**0,036**

Fonte: Elaboração própria (2025).

A maior produtividade da variante *fogo no rabo* em relação a *fogo no cu* pode ser explicada, em parte, por fatores pragmáticos e socioculturais. O substantivo *rabo*, embora também possua carga expressiva, apresenta-se como forma menos tabuizada e mais aceitável socialmente do que *cu*, que carrega maior estigma e restrição em usos públicos. Assim, *fogo no rabo* tende a circular com mais liberdade em gêneros escritos de maior alcance, mantendo a força metafórica sem o peso da vulgaridade explícita.

Além disso, a escolha de *rabo* possibilita um tom mais humorístico ou jocoso, favorecendo sua presença em narrativas digitais e informais, onde a expressividade é valorizada, mas a quebra de normas de decoro é evitada. Em contrapartida, *fogo no ânus*, por recorrer a um termo de registro técnico e médico, soa artificial e deslocado em contextos de uso espontâneo, o que explica sua raridade no *corpus* e sua baixa possibilidade de convencionalização. Desse modo, a vitalidade de *fogo no rabo* reflete um equilíbrio entre expressividade e aceitabilidade social, enquanto *fogo no cu* permanece mais restrito e marcado pelo tabu, e *fogo no ânus* aparece apenas como variação periférica e pouco naturalizada.

3.3 Subesquema [$N_{\text{parte do corpo}}$ MOD]

- Língua solta

A EI *língua solta* é utilizada no português para caracterizar indivíduos que falam demais, revelam segredos ou fazem comentários imprudentes, muitas vezes sobre a vida alheia. Associada à ideia de falta de autocontrole no uso da linguagem, essa construção traz uma conotação negativa, sugerindo indiscrição ou impulsividade verbal. Do ponto de vista semântico, *língua solta* configura-se como uma metáfora que atribui agência à parte do corpo responsável pela fala, reforçando a imagem de alguém que não consegue "segurar a língua".

Essa construção ativa a metáfora conceptual INTENSIDADE DE COMUNICAÇÃO É MOVIMENTO CORPORAL, segundo a qual o excesso verbal é figurado

por meio de imagens de movimento físico descontrolado. Assim, o ato de falar demais é interpretado como um "movimento corporal em excesso", em que a língua – órgão associado à fala – escapa ao controle do sujeito, simbolizando uma comunicação intensa, espontânea e sem restrições. Trata-se, portanto, de uma expressão que sintetiza, de forma cristalizada, um julgamento social sobre o comportamento comunicativo dos indivíduos, como explicita o exemplo (34).

34 Deixa ele, o dia que ele apanhar de alguém graças a sua **língua solta**, podemos falar "bem feito". Toma seu trouxa!!!! (4 B BR blogs.estadao.com.br)

A construção *língua solta* apresenta um certo grau de esquematicidade, já que a posição [N] é parcialmente fixa, assim como a posição [MOD]. Ainda que possam variar em outras formações, como *boca solta* e *língua grande*, nesta expressão o subesquema se mostra relativamente cristalizado, funcionando como uma microconstrução específica dentro de um padrão mais amplo. A composicionalidade é parcial, pois o significado global da expressão não resulta da simples soma dos sentidos de *língua* (órgão) e *solta* (desprendida, livre). O valor idiomático de "falar demais", "ser indiscreto" ou "não ter controle sobre o que diz" emerge de um processo metafórico e culturalmente convencionalizado.

Trata-se, portanto, de uma construção com alta transparência semântica, já que a metáfora subjacente – a ideia de uma língua que "escapa do controle" – é facilmente recuperável pelo falante. Essa imagem ativa um conhecimento pragmático amplamente compartilhado: quem tem a "língua solta" fala sem restrição ou filtro social. Assim, embora o sentido seja figurado, ele é facilmente inferível a partir da relação entre os elementos literais e o domínio metafórico, situando a expressão entre o composicional e o idiomático, com predominância da motivação imagética.

A expressão permite flexão de número, como em *línguas soltas*, e também admite a inserção de modificadores, por exemplo, *língua mais solta* ou *língua tão solta*, ainda que essas variações estejam sujeitas a restrições pragmáticas e estilísticas. Além disso, a construção apresenta um grau moderado de fixidez: embora aceite variações morfológicas e modificações periféricas, alterações mais profundas, como a substituição do núcleo nominal (*língua*) e/ou do adjetivo (*solta*), tendem a comprometer ou eliminar seu valor idiomático.

A Tabela 21 exibe a quantidade de ocorrências documentadas no *corpus*.

Tabela 21 – Frequências de uso da EI *língua solta* por variedade do português

Construção	*F. absoluta (PB)*	*F. relativa (PB)*	*F. absoluta (PE)*	*F. relativa (PE)*
Língua solta	**45**	0,068	9	0,027
Línguas soltas	2	0,003	1	0,003
Língua [X] solta	7	0,010	0	0,000
Total	**54**	**0,082**	**10**	**0,030**

Fonte: Elaboração própria (2025).

A frequência da EI *língua solta*, incluindo suas variações, é significativamente maior na variedade brasileira do que na europeia. No PB, foram registradas 54 ocorrências ao todo (0,082), enquanto no PE contabilizam-se apenas 10 ocorrências (0,030). A forma prototípica *língua solta* é a mais recorrente em ambas as variedades, ao passo que variações como o plural *línguas soltas* e estruturas modificadas, como *língua [X] solta*, são pouco frequentes e apresentam maior produtividade no PB.

- Olho clínico

A EI *olho clínico* remete à capacidade de observação aguçada e precisa, comparável à de um profissional da área médica com vasta experiência, capaz de diagnosticar ou identificar algo com rapidez e exatidão apenas ao olhar. No uso figurado, essa expressão ultrapassa o domínio da medicina e é frequentemente aplicada a indivíduos que demonstram percepção refinada, intuição apurada ou julgamento certeiro em diferentes contextos, como na arte, nos negócios ou nas relações interpessoais.

Além disso, *olho clínico* funciona como um intensificador semântico, enfatizando o alto grau de competência perceptiva de alguém, destacando sua habilidade em captar detalhes que escapariam à maioria das pessoas. Trata-se, portanto, de uma expressão que associa o olhar à inteligência e à expertise, consolidando-se como um recurso linguístico expressivo e valorizado no uso cotidiano.

Essa expressão está baseada na metáfora conceptual CONHECER / PERCEBER É VER, segundo a qual a percepção visual é sistematicamente mapeada sobre o domínio da cognição, de modo que ver com clareza equivale a compreender profundamente (Lakoff e Johnson, 1980). Nesse caso, o olho representa não apenas a capacidade sensorial de enxergar, mas um tipo de olhar especializado, criterioso e treinado – sugerido pelo adjetivo *clínico*, que remete ao conhecimento técnico do campo médico. Assim, dizer que alguém tem "olho clínico" é atribuir-lhe uma capacidade de observação precisa e interpretativa, capaz de diagnosticar ou

identificar rapidamente aspectos relevantes em determinado domínio, mesmo fora da medicina, como no exemplo (35).

Essa construção também se apoia em um esquema imagético de percepção focalizada (Johnson, 1987), no qual a atenção visual dirigida e acurada serve como base para construir o sentido metafórico de lucidez interpretativa. Como observa Kövecses (2005), metáforas fundamentadas em experiências corpóreas ligadas à visão são cognitivamente motivadas e culturalmente convencionais, o que explica a naturalidade com que expressões desse tipo circulam em usos idiomáticos.

35 Algumas vezes com uma lucidez incómoda, até para ela. Tinha um **<u>olho clínico</u>** para os livros, que é coisa rara. (40 B PT publico.pt)

No exemplo acima, *olho clínico para os livros* indica que a pessoa possuía uma capacidade rara e precisa de compreender ou avaliar obras literárias com grande clareza e discernimento – uma espécie de "lucidez" desconcertante. A comparação implícita com a habilidade diagnóstica de um médico experiente reforça o sentido de inteligência crítica e sensibilidade refinada, o que justifica a afirmação de que tal aptidão "é coisa rara". Nesse sentido, a composicionalidade da construção é parcial, pois, embora os significados literais de *olho* e *clínico* sejam claros e semanticamente compatíveis, o sentido idiomático emerge da projeção metafórica que associa a observação precisa do médico à capacidade de percepção apurada em outros contextos.

Desse modo, o*lho clínico* não se refere literalmente a um olho de médico, mas a uma habilidade de observação e análise minuciosa, característica de quem percebe detalhes ou sutilezas que escapam aos demais. A expressão apresenta alta transparência semântica, já que a metáfora subjacente – ver com atenção e precisão como um profissional da saúde – é facilmente recuperável pelo falante. Trata-se, portanto, de uma unidade motivada e relativamente transparente, cuja interpretação não depende de conhecimento especializado, mas de um raciocínio metafórico amplamente convencionalizado na língua.

Inserida no subesquema [olho MOD], a construção pode ser considerada relativamente fechada, dada sua fixidez e alto grau de convencionalização. As posições do substantivo *olho* e do modificador *clínico* encontram-se estabilizadas no uso. Ainda que exista outra combinação possível, como *visão clínica*, esta ocorre com menor frequência no *corpus* e apresenta, majoritariamente, um sentido denotativo e técnico. Como visto no exemplo (36),

visão clínica refere-se a uma abordagem biomédica, vinculada ao campo da saúde, e não compartilha do mesmo valor idiomático e metafórico de *olho clínico*.

> 36 Portanto, o termo aqui utilizado para falar de cultura surda é a palavra "diferença", não diversidade, nem deficiência. A visão antropológica de surdez se sobrepõe à **visão clínica**. As culturas diferem entre si, mas não deixam de ser cultura. (7 G PT porsinal.pt)

A expressão admite flexão no substantivo principal, formando *olhos clínicos*; contudo, a variante no plural é pouco atestada, ocorrendo geralmente em contextos menos fixos ou com leve perda do sentido idiomático. Dessa maneira, a forma singular permanece como a mais convencionalizada e cristalizada. Modificadores adjetivais ou intensificadores, em particular antes do adjetivo, podem ser inseridos sem comprometer o valor idiomático da construção, como em *olho mais clínico* ou *olho bastante clínico*.

A substituição de algum dos constituintes tende a afetar a figuratividade da expressão, uma vez que, como já explicitado, *olho* e *clínico* formam uma combinação relativamente fixa no uso idiomático. Trocas por sinônimos, como **olho médico*, por exemplo, alteram o registro ou o significado da construção.

Olho clínico apresenta maior recorrência proporcional no PE do que no PB, com 40 ocorrências (0,122) na variedade europeia, frente a 48 (0,073) na variedade brasileira.

Tabela 22 – Frequências de uso da EI *olho clínico* por variedade do português

Construção	*F. absoluta (PB)*	*F. relativa (PB)*	*F. absoluta (PE)*	*F. relativa (PE)*
Olho clínico	**45**	0,068	**40**	0,122
Olhos clínicos	2	0,003	0	0
Olho [X] clínico	1	0,001	0	0
Total	**48**	**0,073**	**40**	**0,122**

Fonte: Elaboração própria (2025).

Essa maior recorrência no PE pode estar relacionada a uma preferência discursiva por expressões que evocam precisão e análise minuciosa, ou até a uma maior cristalização dessa metáfora no uso europeu. No PB, embora a expressão também esteja presente e seja compreensível, seu uso parece ser um pouco menos convencionalizado em comparação com outras EIs mais frequentes.

- Sangue quente

Usada para caracterizar pessoas de temperamento impulsivo, explosivo ou de gênio forte, que reagem de forma imediata e intensa diante de situações emocionais, a EI *sangue quente* associa metaforicamente a temperatura do sangue ao estado emocional, refletindo a concepção de que o calor simboliza energia, ímpeto e intensidade. Assim, dizer que alguém tem "sangue quente" é evocar a ideia de uma natureza emocional ardente, movida por paixões e reações rápidas, em oposição à frieza ou ao controle racional. De uso comum na linguagem coloquial, pode assumir conotações positivas ou negativas, dependendo do contexto: pode tanto valorizar a vivacidade e o entusiasmo quanto criticar a impulsividade e a falta de autocontrole.

No exemplo (37) a seguir, observa-se o uso da expressão em um contexto de descontrole emocional momentâneo, no qual o sangue quente leva o indivíduo a agir por impulso e, posteriormente, ao arrependimento:

37 Se puder gritar pelos corredores de casa ou do trabalho, melhor ainda, é bom que saibam o quanto é sofisticada sua chave de acesso ao Facebook. Muitas vezes, em uma discussão, com o **sangue quente**, seus conhecidos podem fazer coisas que até se arrependerão depois, e entrar na conta do Facebook para "lhe pilhar" é uma das mais típicas. (13 G BR br.wwwhatsnew.com)

A expressão fundamenta-se em uma metáfora conceptual que associa o calor corporal à intensidade emocional e vital, a qual pode ser descrita como EMOÇÃO É CALOR / ENERGIA INTERNA (Lakoff e Johnson, 1980). Dentro dessa projeção metafórica, o *sangue* representa o elemento vital que circula pelo corpo – símbolo de energia, vigor e vida – enquanto *quente* remete a estados de excitação física ou emocional. A metáfora baseia-se em uma experiência física universal: o aumento da temperatura corporal em situações de emoção intensa, como raiva, paixão ou desejo. Esse fenômeno fisiológico sustenta a associação entre calor e intensidade, de modo que dizer que alguém "tem sangue quente" implica que essa pessoa reage com ímpeto, age movida por emoções fortes e demonstra vitalidade e impulsividade, em contraste com o indivíduo de "sangue frio", caracterizado pelo autocontrole e pela racionalidade.

É importante salientar que, ainda que não recorrente, a expressão pode adquirir outro sentido, distinto do de impulsividade emocional. No exemplo (38) abaixo, "ter o sangue quente" está relacionado ao desejo sexual, remetendo à excitação e ao aumento da libido. Nesse caso, a metáfora mantém a associação entre calor, energia e intensidade, mas aplicada à sexualidade, evocando vitalidade e desejo físico. Assim, "andar com o sangue quente" sugere

que a pessoa se encontra em um estado de excitação ou apetite sexual elevado, o que justifica a recomendação de “muito sexo durante a gravidez”:

38 Uma americana resumiu de forma brilhante (e com uma linguagem técnica quase tão rigorosa quanto a minha) a sexualidade das grávidas: “Dizem que andamos com o **sangue quente**, lá embaixo. Por isso recomendo-vos muito sexo durante a gravidez. Vai ser ainda melhor do que antes!” (136 B PT facasexoagora.blogspot.com)

Nos usos como o do exemplo (38), relacionados à sexualidade, a metáfora reforça a ligação entre calor, energia e excitação corporal (Lakoff e Johnson, 1980). A construção reflete, assim, uma visão cultural que valoriza o calor como signo de vida, paixão e intensidade, projetando um domínio físico (a temperatura do sangue) sobre um domínio abstrato (as emoções e os desejos humanos).

Com baixo grau de esquematicidade, a construção é considerada fechada e altamente cristalizada. Embora o elemento *quente* possa, em raros casos, ser substituído por *fervente*, essa variação não é produtiva nem amplamente convencionalizada na língua, como demonstram as apenas duas ocorrências registradas no PB com esse vocábulo alternativo. Assim, a forma *sangue quente* configura-se como o *type* prototípico e consagrado no uso. Além disso, a construção não admite inserções internas nem flexão no plural, mantendo uma estrutura fixa e coesa entre seus constituintes. Esses aspectos reforçam seu caráter lexicalizado e pouco produtivo, refletindo o alto grau de convencionalização idiomática que apresenta no português.

A expressão mostra composicionalidade parcial, pois, apesar dos significados literais de *sangue* e *quente* serem facilmente reconhecíveis, o sentido figurado resulta do entendimento global dos elementos. O valor idiomático emerge da metáfora corporal amplamente convencionalizada que associa o calor físico à intensidade emocional – raiva, impulsividade ou paixão –. Nesse sentido, a expressão possui alta transparência semântica, já que a relação entre o aumento de calor e o estado emocional é intuitiva e facilmente inferível pelo falante, tornando a interpretação metafórica imediata e acessível.

A análise da frequência total confirma a vitalidade da expressão, com 90 ocorrências no PB (0,137) e 46 no PE (0,140), valores muito próximos entre si, o que comprova que *sangue quente* é igualmente produtiva e consolidada em ambas as variedades. A ocorrência exclusiva da forma prototípica, sem variações estruturais relevantes, reforça seu alto grau de fixidez e cristalização enquanto unidade lexical. Assim sendo, tanto no PB quanto no PE, a construção mantém uso frequente e significado compartilhado, demonstrando que o conceito

metafórico que associa o calor à intensidade emocional e à impulsividade é culturalmente comum às duas variedades da língua.

Tabela 23 – Frequências de uso da EI *sangue quente* por variedade do português

Construção	*F. absoluta (PB)*	*F. relativa (PB)*	*F. absoluta (PE)*	*F. relativa (PE)*
Sangue quente	**90**	0,137	**46**	0,140
Total	**90**	**0,137**	**46**	**0,140**

Fonte: Elaboração própria (2025).

3.4 Subesquema [$N_{\text{parte do corpo}}$ e $N_{\text{parte do corpo}}$]

- Pele e osso

A EI *pele e osso* descreve alguém tão magro que parece restar apenas a pele cobrindo os ossos, evocando uma imagem de extrema magreza e fragilidade física. Essa construção reflete a metáfora conceptual CORPO É RECIPIENTE (Lakoff e Johnson, 1980), segundo a qual o corpo humano é concebido como um recipiente que contém carne e músculos – seu conteúdo essencial. Ao sugerir que esse recipiente está quase vazio, a expressão concretiza a ideia de escassez, transformando a falta abstrata em uma imagem física e visível. Assim, dizer que alguém está "pele e osso", é representar metaforicamente a perda do conteúdo corporal, ressaltando a debilidade e a fragilidade do corpo reduzido à sua estrutura mínima.

O exemplo a seguir ilustra o uso dessa expressão no relato de uma tutora sobre seu cão. Nesse contexto, *pele e osso* não funciona apenas como descrição física, mas também como recurso expressivo que intensifica a gravidade do estado de saúde do animal, reforçando o contraste entre sua vitalidade passada e a condição atual.

39 Encontrei seu texto num momento em que me vejo perdida sobre o que fazer com o meu amigo Dante, um cocker preto lindo que é minha família há 16 anos e dois meses. Ele estava ótimo até pouco mais de um mês atrás, apenas com a visão prejudicada, mas começou a emagrecer rapidamente. Agora, a bolinha ativa que cuidei por tantos anos se transformou completamente: está totalmente cego, **pele e osso**, extremamente anêmico, não se alimenta sozinho, respira com dificuldade às vezes e, na maior parte do tempo, vomita até a água que lhe dou com seringa. (6 G BR ...plicidadedascoisas.wordpress.com)

Quanto aos parâmetros de análise, a construção *pele e osso* apresenta baixa esquematicidade, por se tratar de uma unidade fixa cuja estrutura não admite variações formais

significativas. Sua composicionalidade é parcial e sua transparência semântica é alta: embora os constituintes *pele* e *osso* remetam a elementos concretos do corpo humano, o significado global da construção não se limita à soma literal dos termos, adquirindo sentido figurado que descreve magreza extrema e, por extensão, fragilidade física.

Morfossintaticamente, a construção não admite flexão de número – formas como **peles e ossos* perdem o valor idiomático e são utilizadas apenas em contextos denotativos, conforme o *corpus*. Também não é possível inserir modificadores dentro da expressão – construções como **pele fina e osso*, por exemplo, não preservam o sentido figurado, o que reforça seu caráter cristalizado. Além disso, a substituição de qualquer elemento compromete a interpretação idiomática: trocar *pele* por *couro* ou *osso* por *carne* gera outras expressões ou enunciados literais sem a mesma carga intensificadora. Esses aspectos confirmam que a EI em questão é uma construção altamente lexicalizada e rígida, cuja estabilidade formal garante a preservação de seu valor expressivo no português.

Em relação à frequência no PB e no PE, como mostra a Tabela 24, os resultados indicam que *pele e osso* apresenta frequência relativamente equilibrada nas duas variedades do português, com leve predominância no PE (69 ocorrências; 0,211) em relação ao PB (88; 0,134).

Tabela 24 – Frequências de uso da EI *pele e osso* por variedade do português

Construção	*F. absoluta (PB)*	*F. relativa (PB)*	*F. absoluta (PE)*	*F. relativa (PE)*
Pele e osso	**88**	0,134	**69**	0,211
Total	**88**	**0,134**	**69**	**0,211**

Fonte: Elaboração própria (2025).

Esses números indicam que a expressão é amplamente reconhecida e produtiva em ambas as variedades, mantendo vitalidade no uso contemporâneo. A leve superioridade no PE sugere que, cultural ou discursivamente, a metáfora do corpo como recipiente quase vazio – representando escassez física e magreza extrema – pode ser mais recorrente ou marcada no PE, ao passo que no PB seu uso é relativamente menos frequente, competindo, possivelmente, com outras formas metafóricas para expressar a ideia de magreza extrema, como, por exemplo, *ser um palito*.

- Unha e carne

A EI *unha e carne* simboliza uma união íntima e inseparável entre dois elementos, remetendo a uma parceria ou amizade profunda, quase simbiótica. Ao associar partes do corpo que estão literalmente coladas e funcionam em conjunto, a expressão transmite a ideia de uma conexão forte e indissolúvel entre pessoas, grupos ou entidades. Esse vínculo é tão estreito que qualquer separação parece quase impossível, reforçando, assim, a intensidade e a proximidade afetiva ou social entre os envolvidos. Dessa forma, *unha e carne* é utilizada para expressar laços profundos, confiança e solidariedade que ultrapassam uma simples relação superficial, como observado no exemplo (40), na amizade entre Adrian Sutil e Lewis Hamilton.

40 A ASM trabalhava pensando apenas em o futuro piloto de a McLaren e Sutil acabou sendo visivelmente deixado de lado, o que o abalou um pouco. Mas ele ainda gostava muito de Lewis. Os dois estrearam em a Fórmula 1 em 2007. Sempre foram **unha e carne**. (5 B BR bandeiraverde.com.br)

Essa EI pode se enquadrar na metáfora conceptual UNIÃO / INTIMIDADE É PROXIMIDADE FÍSICA (Lakoff e Johnson, 1980). Essa metáfora entende relações sociais ou afetivas profundas como uma conexão física próxima e inseparável, simbolizada pela relação literal entre a unha e a carne, que estão unidas e funcionam como uma única unidade. Assim, a expressão traduz laços íntimos e indissolúveis por meio de uma imagem corporal concreta que tem como foco final a intensificação dessa inseparabilidade.

Por ser uma unidade fixa que não admite variações estruturais, a análise dos parâmetros indica que a expressão apresenta baixa esquematicidade. Sua composicionalidade e transparência semântica são parciais: apesar de a inseparabilidade entre a unha e a carne dos dedos transmitir a ideia de união, a compreensão plena da expressão depende da interpretação global dos seus elementos. A construção não permite flexão de número ou pessoa; o sujeito pode ser composto, mas a expressão permanece no singular, como exemplificado no item (40).

A inserção de modificadores internos, como em **unha e muita carne* ou **muita unha e carne*, não é aceitável. De forma igual, a substituição de qualquer componente compromete o sentido idiomático – por exemplo, **unha e dedo* ou **unha e pele* não preservam o valor figurado e são inviáveis. Diante disso, tais aspectos confirmam que *unha e carne* é uma construção altamente lexicalizada e rígida, cuja estabilidade formal assegura a manutenção de seu valor expressivo no português.

Conforme Tabela 25, a EI apresenta frequência significativamente mais alta no PB (70 registros; 0,106) em comparação ao PE (14; 0,042), o que indica maior integração dessa construção ao uso cotidiano no Brasil. Esses resultados sugerem que, no PB, a expressão é mais produtiva e fortemente associada a contextos de intimidade e vínculo emocional, enquanto em Portugal seu uso é mais restrito, refletindo diferenças culturais e discursivas no modo de expressar relações interpessoais.

Tabela 25 – Frequências de uso da EI *unha e carne* por variedade do português

Construção	*F. absoluta (PB)*	*F. relativa (PB)*	*F. absoluta (PE)*	*F. relativa (PE)*
Unha e carne	**70**	0,106	14	0,042
Total	**70**	**0,106**	**14**	**0,042**

Fonte: Elaboração própria (2025).

3.5 Subesquema [$N_{\text{parte do corpo}}$ PREP N]

- Estômago de avestruz / Bunda de tanajura / Nariz de tucano / Nariz de elefante

As EIs *estômago de avestruz*, *bunda de tanajura*, *nariz de tucano* e *nariz de elefante* utilizam comparações com animais para construir imagens metafóricas de partes do corpo humano. Em *estômago de avestruz*, a referência à ave, capaz de ingerir objetos variados e até não comestíveis sem aparente mal-estar, projeta metaforicamente a ideia de alta tolerância digestiva e, em sentido mais amplo, de resistência ao repulsivo ou grotesco. *Bunda de tanajura*, por sua vez, explora a semelhança visual entre a parte volumosa da formiga e a anatomia humana, funcionando como metáfora para um glúteo proeminente.

As expressões *nariz de tucano* e *nariz de elefante* baseiam-se, respectivamente, na forma marcante do bico do tucano e na tromba do elefante, sendo usadas de maneira informal para caracterizar pessoas com narizes grandes. Nesse conjunto, a metáfora visual e a analogia com atributos físicos dos animais são centrais na construção figurativa dessas expressões. Além disso, os conceitos de esquema imagético e de estrutura esquemática, desenvolvidos por Johnson (1987) e Langacker (1987; 2008) permitem compreender como esse tipo de EI se ancora em padrões cognitivos recorrentes, nos quais a percepção de forma, proporção e textura se projeta metaforicamente sobre o corpo humano, reforçando a motivação imagética que sustenta o padrão construcional.

Observemos os próximos exemplos.

41 Sim, vamos lembrar que a nossa Seleção é o Brasil, mas como esquecer a fome de milhões de miseráveis que, infelizmente, não tem **estômago de Avestruz** e não podem se alimentar de couro de bola e nem de cadarço de chuteira? (5 G BR oprimeiroencontro.com.br)

42 Mas isso só se conquista com exercícios específicos, muita malhação, de forma a distribuir os músculos da região glútea em um ângulo de 65 % graus de latitude, medida no ponto máximo de tensão entre o bumbum e o ossinho do cóccix. E tome dieta, lipoaspiração e cirurgia plástica. Em tempos de poupança farta, coitada da mulher que tiver tendência de ficar com **bunda de tanajura**. (3 B BR kbrdigital.com.br)

43 Que bom você achar isso, porque eu te considero um chato, inconveniente, que dá em cima da minha mãe, vive me pedindo dinheiro emprestado e não paga, tem um **nariz de tucano** e, apesar do voto ser secreto e morarmos no Acre, tenho quase certeza de que votaria no Maluf se tivesse chance. (2 B BR contracorrenteza.com)

44 Quando repararam no meu nariz, apontaram para ele, admirados. Os habitantes da cidade onde nasci fingiam que era normal. Entre os Abokowo não é assim: Tenho um **nariz de elefante** e eles não deixam de reparar. (1 B PT sitio.atv.pt)

No exemplo (41), *estômago de avestruz* indica figurativamente a capacidade de suportar alimentos inusitados ou situações desagradáveis, projetando resistência digestiva e tolerância. Em (42), *bunda de tanajura* caracteriza o volume e a forma do glúteo com base na semelhança visual com a formiga, funcionando como metáfora para um bumbum volumoso. Em (43), *nariz de tucano* descreve um nariz grande e proeminente, enfatizando visualmente o traço facial de forma informal e expressiva. De modo semelhante, no exemplo (44), *nariz de elefante* destaca o tamanho do nariz, remetendo de forma exagerada à tromba do animal.

Todas essas expressões seguem o padrão construcional [parte do corpo de animal], em que o primeiro substantivo designa a parte do corpo e o segundo, introduzido pela preposição *de*, atua como qualificador conotativo, projetando propriedades físicas ou simbólicas do animal sobre o corpo humano. O uso é predominantemente visual e figurativo, permitindo a construção de imagens expressivas que remetem tanto a características corporais quanto a aspectos de força, resistência ou fragilidade simbólica. A metáfora conceptual subjacente é CORPO É OBJETO / ANIMAL (Lakoff e Johnson, 1980), em que traços físicos ou funcionais de animais concretos são projetados sobre partes do corpo humano. Dessa forma, o corpo humano funciona como recipiente ou suporte para a projeção dessas qualidades metafóricas claras e facilmente interpretáveis.

Essa associação entre corpo e animalidade não é fortuita, mas se ancora em uma tradição simbólica profundamente enraizada na cultura, conforme postula Pastore (2009, p, 56). Em diversos sistemas folclóricos, encontram-se referências a um tempo mítico em que humanos

e animais não se distinguiam plenamente, compartilhando formas, atributos e essências. A relação homem-animal, presente em praticamente todas as culturas (Chevalier e Gheerbrant, 2007), pode representar tanto harmonia quanto conflito, e aos animais é atribuído um vasto simbolismo moral, instintivo e emocional. Assim, o uso metafórico de nomes de animais em EIs reflete essa herança simbólica universal, em que o animal funciona como espelho das dimensões físicas e psíquicas do ser humano.

As EIs *estômago de avestruz* e *bunda de tanajura* configuram subesquemas fechados, não permitindo variação nos elementos constituintes, mesmo com palavras do mesmo campo semântico, como **estômago de ema* ou **bunda de formiga*. Em contraste, as microconstruções *nariz de tucano* e *nariz de elefante* apresentam esquematicidade parcial, mantendo fixos os elementos centrais (a parte do corpo e a preposição) e permitindo variação no qualificador: *tucano* ou *elefante*. Quanto à flexão de número e pessoa, ela não se realiza nas expressões, possivelmente porque a expressão se refere a uma parte única e individual do corpo humano. Assim, construções como **elas têm estômagos de avestruz* ou **bundas de tanajuras* são atípicas ou improváveis; o uso consagrado permanece no singular: *elas têm estômago de avestruz* ou *bunda de tanajura*.

No que diz respeito à composicionalidade, embora o sentido não decorra da soma literal dos constituintes, há uma forte motivação metafórica entre a forma ou a função do animal e a parte do corpo humano. Essa relação direta entre os elementos torna o significado global altamente composicional, já que a inferência figurativa é transparente e facilmente acessível aos falantes. Essas EIs são relativamente transparentes, desse modo os falantes conseguem inferir, com base no conhecimento do animal e na associação visual, o significado figurado que remete a atributos físicos ou simbólicos, como tolerância, volume, proeminência. Contudo, essa inferência depende do reconhecimento do animal; sem conhecer um tucano ou uma tanajura, o falante pode não compreender corretamente o sentido metafórico da expressão.

Tais EIs apresentam baixa frequência em ambas as variedades do português, indicando que se trata de construções relativamente raras. No PB, foram registradas sete ocorrências no total (0,010), distribuídas entre *estômago de avestruz* (2; 0,003), *nariz de tucano* (2; 0,003), *nariz de elefante* (1; 0,001) e *bunda de tanajura* (2; 0,003). Já no PE, apenas uma ocorrência foi identificada, correspondente a *nariz de elefante*, com frequência relativa de 0,003. Esses dados sugerem que, embora reconhecíveis, essas expressões têm uso restrito e são pouco consolidadas, manifestando-se de forma pontual, principalmente no PB, enquanto no PE aparecem de maneira quase marginal.

Tabela 26 – Frequências de uso do padrão construcional [$N_{\text{parte do corpo}}$ PREP N] por variedade do português

Construção	*F. absoluta (PB)*	*F. relativa (PB)*	*F. absoluta (PE)*	*F. relativa (PE)*
Estômago de avestruz	2	0,003	0	0,000
Bunda de tanajura	2	0,003	0	0,000
Nariz de tucano	2	0,003	0	0,000
Nariz de elefante	1	0,001	1	0,003
Total	**7**	**0,010**	**1**	**0,003**

Fonte: Elaboração própria (2025).

Essa limitação de uso, contudo, não reduz o valor simbólico dessas expressões. Como observa Pastore (2009, p. 55), a simbologia dos animais é rica e variada, transcendendo fronteiras culturais, pois "culturas diferentes acabam muitas vezes escolhendo o mesmo objeto para simbolizar a mesma coisa". Assim, mesmo que ocorram esparsamente, essas expressões refletem uma herança simbólica compartilhada, na qual a escolha dos animais não é aleatória, mas culturalmente motivada por associações recorrentes entre forma, comportamento e valor simbólico. Quando há diferenças, o contexto cultural desempenha papel determinante – o que ajuda a explicar a variação observada entre o PB e o PE.

A escassez das expressões na variedade europeia pode, portanto, estar relacionada à menor familiaridade cultural com os animais referidos. Avestruzes, tucanos e tanajuras não são espécies nativas ou comuns em Portugal, o que limita a capacidade dos falantes de estabelecer associações visuais e simbólicas imediatas entre essas criaturas e partes do corpo humano. Por outro lado, o elefante, animal amplamente conhecido por sua presença em zoológicos e em narrativas culturais, é mais facilmente reconhecido, o que justifica a ocorrência de *nariz de elefante* também no PE.

De modo geral, percebe-se que no PE há menos recorrência de metáforas animalescas aplicadas ao corpo humano, predominando expressões descritivas, avaliativas ou idiomáticas de sentido figurado mais genérico, sem recorrer à fauna exótica ou tropical, como ocorre no PB. Sendo assim, a distribuição dessas expressões reflete não apenas diferenças linguísticas, mas também fatores culturais e ecológicos que influenciam a percepção e o uso de metáforas animalescas nas duas variedades do português.

APÊNDICE II

Expressão idiomática	Variedade linguística	F. relativa PB	Classificação PB	F. relativa PE	Classificação PE	Significado	Metáfora conceptual	Domínio conceptual	Padrão construcional	Composicionalidade
A barriga/o estômago a dar horas	Uso restrito no PB e plenamente integrada no PE	0,001	Pontual	0,133	Alta	Estar com muita fome.	Satisfação é plenitude física	Corpo	[DET N (MOD) (V)]	Parcial
A barriga/o estômago roncando	Convencionalizada no PB e no PE	0,092	Moderada	0,051	Moderada	Estar com muita fome.	Satisfação é plenitude física	Corpo	[DET N (MOD) (V)]	Alta
A olhos vistos	Plenamente integrada no PB e uso automatizado no PE	0,465	Alta	1,469	Muito alta	De forma clara, evidente; que pode ser percebida com facilidade.	Conhecer/ perceber é ver	Percepção	[PREP N MOD]	Parcial
A plenos pulmões	Plenamente integrada no PB e no PE	0,411	Alta	0,652	Alta	Com força total; com intensidade máxima na voz ou na respiração.	Intensidade é expansão física	Espaço	[PREP MOD N]	Parcial
Até a medula [X]	Plenamente integrada no PB e uso atestado no PE	0,161	Alta	0,036	Baixa	Totalmente; profundamente; de forma intensa e absoluta.	Intensidade é profundidade	Espaço	[até (PREP) DET(s) N(s) (MOD)(s)]	Parcial

Até a raiz	Uso atestado no PB e uso restrito no PE	0,031	Baixa	0,006	Pontual	Estar completamente envolvido ou afetado por algo; estar até o limite.	Intensidade é profundidade	Espaço	[até (PREP) DET(s) N(s) (MOD)(s)]	Parcial
Até o osso	Plenamente integrada no PB e no PE	0,201	Alta	0,455	Alta	Totalmente; profundamente; de forma intensa e absoluta.	Intensidade é profundidade	Espaço	[até (PREP) DET(s) N(s) (MOD)(s)]	Parcial
Até o pescoço	Plenamente integrada no PB e no PE	0,389	Alta	0,397	Alta	Estar totalmente envolvido em algo; até o limite; profundamente imerso.	Intensidade é extensão/ preenchimento	Espaço	[até (PREP) DET(s) N(s) (MOD)(s)]	Parcial
Até os dentes	Plenamente integrada no PB e no PE	0,316	Alta	0,284	Alta	Estar completamente armado ou preparado, com todos os recursos ou defesas possíveis.	Intensidade é extensão/ preenchimento	Espaço	[até (PREP) DET(s) N(s) (MOD)(s)]	Parcial
Bunda de tanajura	Uso restrito no PB e sem ocorrência no corpus no PE	0,003	Pontual	0,000	Ausente	Nádegas muito grandes e/ou empinadas.	Corpo é objeto/animal	Corpo	[N PREP N]	Alta
Cabeça de melão	Uso restrito no PB e uso atestado no PE	0,005	Pontual	0,027	Baixa	Pessoa distraída, esquecida ou com limitação cognitiva.	Corpo é objeto/animal	Corpo	[N PREP N]	Parcial
Cabeça de vento	Plenamente integrada no PB e convencionalizada no PE	0,124	Alta	0,079	Moderada	Ausência de pensamento estruturado, apontando para superficialidade e dispersão mental.	Corpo é objeto/animal	Corpo	[N PREP N]	Parcial
Cabeça dura	Plenamente integrada no PB e no PE	0,587	Alta	0,266	Alta	Pessoa teimosa, que não aceita conselhos nem muda de opinião facilmente.	Convicção é rigidez física	Corpo	[N MOD]	Alta
Cabeça oca	Plenamente integrada no PB e no PE	0,171	Alta	0,205	Alta	Pessoa tida como ignorante, superficial ou sem conteúdo.	Mente/Corpo é recipiente	Corpo	[N MOD]	Alta
Cair de boca	Plenamente integrada no PB e convencionalizada no PE	0,191	Alta	0,051	Moderada	Atacar com voracidade, começar algo com muito apetite ou desejo.	Satisfação é plenitude física	Corpo	[V PREP N]	Parcial

Cara de tacho	Plenamente integrada no PB e convencionalizada no PE	0,160	Alta	0,058	Moderada	Estar com uma expressão constrangida, boba ou envergonhada; estar sem reação.	Corpo é recipiente de emoções	Corpo	[N PREP N]	Parcial
Cintura de pilão	Uso restrito no PB e sem ocorrência no corpus no PE	0,004	Pontual	0,000	Ausente	Cintura fina, delicada, bem marcada, elegante.	Corpo é objeto/animal	Corpo	[N PREP N]	Parcial
Cintura de vespa	Uso restrito no PB e uso atestado no PE	0,009	Pontual	0,015	Baixa	Cintura fina, delicada, bem marcada, elegante.	Corpo é objeto/animal	Corpo	[N PREP N]	Parcial
Colírio para os olhos	Uso atestado no PB e no PE	0,050	Baixa	0,024	Baixa	Algo muito bonito ou agradável de se ver.	Percepção visual é avaliação	Percepção	[N PREP DET N]	Parcial
Com água na boca	Plenamente integrada no PB e no PE	0,266	Alta	0,287	Alta	Estar com desejo (por comida ou algo muito esperado).	Emoção é fome	Corpo	[PREP N MOD]	Parcial
Com a língua de fora	Uso atestado no PB e plenamente integrada no PE	0,041	Baixa	0,104	Alta	Estar muito cansado, exausto, geralmente após esforço físico intenso. / Esforço econômico.	Emoção/sensação intensa é movimento corporal	Movimento	[(PREP) (DET) N MOD]	Parcial
Comer com os olhos	Plenamente integrada no PB e no PE	0,171	Alta	0,132	Alta	Olhar com desejo intenso, geralmente por comida ou por atração física.	Emoção é fome	Corpo	[V PREP DET (próprio) N]	Parcial
Com os nervos à flor da pele	Plenamente integrada no PB e no PE	0,205	Alta	0,312	Alta	Estar muito sensível, irritado.	Sensibilidade/ irritação é exposição física	Corpo	[(PREP) (DET) N MOD]	Baixa
Com uma perna/um pé às costas	Convencionalizada no PB e plenamente integrada no PE	0,100	Moderada	0,241	Alta	Fazer algo com muita facilidade, sem esforço aparente.	Facilidade é relaxamento/ estabilidade	Corpo	[PREP DET N LOC]	Baixa
Com unhas e dentes	Uso automatizado no PB e no PE	1,384	Muito alta	1,607	Muito alta	Defender ou lutar com todas as forças; com intensidade e determinação.	Intensidade é totalidade / excesso	Espaço	[PREP (N) N e N]	Parcial
Conhecer como a palma da mão	Uso atestado no PB e convencionalizada no PE	0,030	Baixa	0,075	Moderada	Conhecer profundamente; ter familiaridade completa com algo ou alguém.	Conhecimento é contato corporal íntimo	Corpo	[V ADV DET N MOD]	Alta
Coração de gelo/pedra	Plenamente integrada no PB e no PE	0,309	Alta	0,228	Alta	Pessoa fria, insensível, que não demonstra	Emoção é matéria	Substância	[N PREP N]	Alta

						emoções; pessoa dura, insensível, impiedosa.				
Coração de manteiga	Uso atestado no PB e convencionalizada no PE	0,039	Baixa	0,085	Moderada	Pessoa extremamente sensível, fácil de emocionar.	Emoção é matéria	Substância	[N PREP N]	Alta
Coração mole	Plenamente integrada no PB e no PE	0,161	Alta	0,204	Alta	Pessoa sensível, que se comove com facilidade.	Corpo é recipiente de emoções	Corpo	[N MOD]	Alta
Coração partido	Uso integrado no PB e Plenamente integrada no PE	1,350	Muito alta	0,701	Alta	Estar muito triste, geralmente por desilusão amorosa.	Emoção é força física/impacto	Movimento	[N MOD]	Alta
Couro e cabelo	Uso restrito no PB e uso atestado no PE	0,004	Pontual	0,048	Baixa	Impacto extremo; sacrifício exagerado e injusto.	Dano é violência física	Corpo	[N e N]	Baixa
Dar no pé	Plenamente integrada no PB e uso restrito no PE	0,175	Alta	0,006	Pontual	Fugir, sair rapidamente de um lugar ou de uma situação.	Emoção/ação é movimento/ trajetória	Movimento	[V PREP N]	Parcial
Dar nos nervos	Plenamente integrada no PB e convencionalizada no PE	0,274	Alta	0,075	Moderada	Provocar irritação ou impaciência; incomodar profundamente.	Corpo é recipiente de emoções	Corpo	[V PREP N]	Parcial
Debaixo do nariz	Convencionalizada no PB e plenamente integrada no PE	0,097	Moderada	0,149	Alta	Algo que está evidente, mas não é percebido; ocorrer sem ser notado.	Conhecer/ perceber é ver	Percepção	[ADV PREP N]	Alta
De boca aberta	Plenamente integrada no PB e uso integrado no PE	0,822	Alta	2,032	Muito alta	Estar surpreso, chocado, admirado.	Emoção/ sensação intensa é movimento corporal	Movimento	[PREP N MOD]	Parcial
De cabeça quente	Plenamente integrada no PB e no PE	0,215	Alta	0,238	Alta	Estar irritado, agir impulsivamente ou sob forte emoção.	Emoção é calor/ energia interna	Corpo	[PREP N MOD]	Alta
De cabelo em pé	Plenamente integrada no PB e no PE	0,477	Alta	0,191	Alta	Estar apavorado, muito assustado ou espantado.	Emoção/sensação intensa é movimento corporal	Movimento	[PREP N MOD]	Parcial
De corpo e alma **De alma e coração**	Uso automatizado no PB e no PE	1,477	Muito alta	2,720	Muito alta	Com total entrega, dedicação completa, tanto física quanto emocional/ espiritual.	Intensidade é totalidade/excesso	Espaço	[PREP (N) N e N]	Parcial

De cortar/partir/quebrar o coração **De cortar/partir a alma**	Plenamente integrada no PB e no PE	0,446	Alta	0,265	Alta	Algo profundamente comovente, tocante ou doloroso, a ponto de provocar empatia intensa.	Emoção/sensação é dor física/impacto	Corpo	[(de) V DET N]	Alta
De mão cheia	Plenamente integrada no PB e no PE	0,380	Alta	0,355	Alta	Ser muito bom em algo; ter grande talento.	Mais/bom é para cima	Espaço	[PREP N MOD]	Parcial
De olhos fechados	Plenamente integrada no PB e no PE	0,446	Alta	0,462	Alta	Com total confiança; sem hesitação ou dúvida.	Conhecer/ perceber é ver	Percepção	[PREP N MOD]	Parcial
De queixo caído	Plenamente integrada no PB e no PE	0,523	Alta	0,348	Alta	Estar muito surpreso, impressionado ou admirado.	Emoção/sensação intensa é movimento corporal	Movimento	[PREP N MOD]	Parcial
De saco cheio	Uso automatizado no PB e plenamente integrada no PE	1,605	Muito alta	0,131	Alta	Estar cansado, irritado ou impaciente com algo ou alguém.	Mente/corpo é um recipiente	Corpo	[PREP N MOD]	Parcial
Enquanto o diabo esfrega um/o olho	Uso restrito no PB e plenamente integrada no PE	0,003	Pontual	0,152	Alta	Muito rapidamente; num instante.	Brevidade é movimento corporal	Movimento	[CONJ DET N V DET N]	Baixa
Entrar/ mergulhar/ ir de cabeça	Uso automatizado no PB e plenamente integrada no PE	1,117	Muito alta	0,357	Alta	Envolver-se profundamente e decididamente em algo.	Emoção/ação é movimento/ trajetória	Movimento	[V PREP N]	Alta
Estômago de avestruz	Uso restrito no PB e sem ocorrência no corpus no PE	0,003	Pontual	0,000	Ausente	Capacidade de comer qualquer coisa sem enjoar; resistência a alimentos pesados, estranhos ou nojentos.	Corpo é objeto/animal	Corpo	[N PREP N]	Alta
Falar mais do que a boca	Uso atestado no PB e no PE	0,034	Baixa	0,015	Baixa	Falar demais, além do necessário ou do permitido.	Intensidade de comunicação é movimento corporal	Movimento	[V mais (do) que DET N]	Alta
Falar pelos cotovelos	Plenamente integrada no PB e no PE	0,297	Alta	0,238	Alta	Falar demais, falar muito, ser muito tagarela, às vezes sem controle.	Intensidade de comunicação é movimento corporal	Movimento	[V PREP N]	Parcial
Fazer das tripas coração	Plenamente integrada no PB e no PE	0,186	Alta	0,344	Alta	Fazer um esforço enorme, muitas vezes emocional, para conseguir algo	Emoção é força física/impacto	Movimento	[V PREP N N]	Baixa

						ou resistir a uma situação difícil.				
Fogo no rabo/cu/ânus	Uso atestado no PB e no PE	0,040	Baixa	0,036	Baixa	Estar muito agitado, inquieto, com pressa ou ansiedade para fazer algo.	Emoção é calor/energia interna	Corpo	[N PREP LOC]	Baixa
Haja perna/ coração/ estômago/ braço	Plenamente integrada no PB e uso atestado no PE	0,133	Alta	0,042	Baixa	Exige muito esforço físico; demanda preparo ou resistência	Resistir é ter corpo suficiente	Corpo	[V N]	Parcial
Língua solta	Convencionalizada no PB e uso atestado no PE	0,082	Moderada	0,030	Baixa	Falar demais; ser fofoqueiro(a); não guardar segredos.	Intensidade de comunicação é movimento corporal	Movimento	[N MOD]	Parcial
Mão de mestre	Uso atestado no PB e convencionalizada no PE	0,016	Baixa	0,057	Moderada	Realizar algo com excelência e competência técnica.	Domínio/técnica é habilidade de especialista	Corpo	[N PREP N]	Alta
Mão na roda	Plenamente integrada no PB e uso atestado no PE	0,786	Alta	0,039	Baixa	Algo que facilita muito; ajuda providencial.	Ação facilitada é mecanismo eficiente	Corpo	[N PREP LOC]	Parcial
Mentir com quantos dentes tem **Mentir com todos os dentes** **Mentir com os dentes todos**	Sem ocorrência no corpus no PB e plenamente integrada no PE	0,000	Ausente	0,243	Alta	Mentir demais/ descaradamente.	Mentir é expressão exagerada	Corpo	[V PREP DET N (V) (MOD)]	Parcial
Mentir na cara dura	Uso atestado no PB e sem ocorrência no corpus no PE	0,030	Baixa	0,000	Ausente	Mentir descaradamente.	Mentir é expressão exagerada	Corpo	[V PREP DET N (V) (MOD)]	Parcial
Não chega nem aos pés	Plenamente integrada no PB e uso atestado no PE	0,155	Alta	0,015	Baixa	Não se compara, não é tão bom quanto algo ou alguém.	Mais/bom é para cima	Espaço	[ADV V ADV PREP N]	Parcial
Nariz de elefante	Uso restrito no PB e no PE	0,001	Pontual	0,003	Pontual	Nariz muito grande ou exageradamente comprido.	Corpo é objeto/animal	Corpo	[N PREP N]	Alta
Nariz de tucano	Uso restrito no PB e sem ocorrência no corpus no PE	0,003	Pontual	0,000	Ausente	Nariz muito grande ou exageradamente comprido.	Corpo é objeto/animal	Corpo	[N PREP N]	Alta
Nascer com o cu/rabo virado para a lua/sol	Uso restrito no PB e convencionalizada no PE	0,006	Pontual	0,060	Moderada	Sorte inata e destino favorável desde o nascimento.	Mais/Bom é para cima	Espaço	[V PREP DET N MOD LOC]	Baixa
Num abrir e fechar de olhos	Uso automatizado no PB e no PE	1,449	Muito alta	1,608	Muito alta	Em um segundo; quase instantaneamente.	Brevidade é movimento corporal	Movimento	[PREP V (de/e) (V) (PREP) N]	Alta

Num abrir e piscar de olhos **Num piscar de olhos**										
Olhar para o (próprio) umbigo	Plenamente integrada no PB e no PE	0,303	Alta	0,263	Alta	Ser egoísta; preocupar-se apenas consigo mesmo; agir de forma autocentrada.	Centro do corpo é centro da atenção	Corpo	[V PREP DET (próprio) N]	Parcial
Olho clínico	Convencionalizada no PB e plenamente integrada no PE	0,073	Moderada	0,122	Alta	Capacidade de observar e avaliar com precisão.	Conhecer/perceber é ver	Percepção	[N MOD]	Parcial
Os olhos da cara	Plenamente integrada no PB e no PE	0,481	Alta	0,388	Alta	Algo muito caro, de preço elevado.	Alto custo é perda corporal	Corpo	[DET N PREP N]	Parcial
Pé ante pé	Convencionalizada no PB e plenamente integrada no PE	0,074	Moderada	0,391	Alta	Andar devagar, silenciosamente, com cautela.	Emoção/ação é movimento/ trajetória	Movimento	[N LOC ADV]	Parcial
Pegar no pé	Uso automatizado no PB e convencionalizada no PE	1,188	Muito alta	0,075	Moderada	Implicar com alguém, criticar constantemente.	Insistir/criticar é restrição de movimento	Movimento	[V PREP N]	Parcial
Pele e osso	Plenamente integrada no PB e no PE	0,134	Alta	0,211	Alta	Muito magro; extremamente debilitado.	Mente/Corpo é recipiente	Corpo	[N e N]	Parcial
Pé na tábua	Uso atestado no PB e uso restrito no PE	0,047	Baixa	0,006	Pontual	Dinamismo, urgência ou velocidade.	Emoção/ação é movimento/ trajetória	Movimento	[N PREP LOC]	Parcial
Pé no saco	Plenamente integrada no PB e uso atestado no PE	0,327	Alta	0,027	Baixa	Algo ou alguém muito irritante, incômodo.	Emoção/sensação é dor física/impacto	Corpo	[N PREP LOC]	Parcial
Por uma unha negra	Uso restrito no PB e plenamente integrada no PE	0,001	Pontual	0,235	Alta	Por muito pouco; por um triz; quase não conseguindo.	Pequeno espaço é pequena margem	Espaço	[(PREP) (DET) N MOD]	Baixa
Sangue nas veias	Convencionalizada no PB e uso atestado no PE	0,093	Moderada	0,048	Baixa	Ter vigor, coragem, entusiasmo ou atitude.	Intensidade emocional é substância física visível	Substância	[N PREP LOC]	Parcial
Sangue nos olhos	Plenamente integrada no PB e uso restrito no PE	0,362	Alta	0,009	Pontual	Estar focado, determinado; agir com garra e, às vezes, agressividade.	Intensidade emocional é substância física visível	Substância	[N PREP LOC]	Parcial
Sangue quente	Plenamente integrada no PB e no PE	0,137	Alta	0,140	Alta	Ser impulsivo, explosivo ou de gênio forte.	Emoção é calor / energia interna	Corpo	[N MOD]	Parcial
Suar sangue	Convencionalizada no PB e uso atestado no PE	0,086	Moderada	0,021	Baixa	Esforçar-se ao máximo; trabalhar	Emoção é força física/impacto	Movimento	[V N]	Parcial

						com sofrimento ou sacrifício intenso.				
Ter mais olhos (do) que barriga	Uso restrito no PB e plenamente integrada no PE	0,006	Pontual	0,253	Alta	Querer mais do que necessita, ou consegue consumir.	Satisfação é plenitude física	Corpo	[(V) mais N (do) que N]	Parcial
Tirar a barriga de misérias	Uso atestado' no PB e plenamente integrada no PE	0,027	Baixa	0,197	Alta	Comer bem após passar fome ou restrição alimentar; comer com fartura.	Satisfação é plenitude física	Corpo	[V DET N MOD]	Alta
Uma pilha de nervos	Convencionalizada no PB e plenamente integrada no PE	0,053	Moderada	0,128	Alta	Estar extremamente nervoso, ansioso ou estressado.	Corpo é recipiente de emoções	Corpo	[DET N PREP N]	Parcial
Unha e carne	Plenamente integrada no PB e convencionalizada no PE	0,106	Alta	0,042	Moderada	Relação extremamente próxima; pessoas inseparáveis.	União/intimidade é proximidade física	Corpo	[N e N]	Parcial

DADOS CURRICULARES

Identificação	
Nome completo	Ana Ligia Scaldelai Salles
Data de nascimento	31/05/1993
Nacionalidade	Brasileira
Nome em citações bibliográficas	Scaldelai, A. L. Scaldelai Salles, A. L.
Currículo Lattes	7716786685136557
Orcid	0000-0001-6922-7180